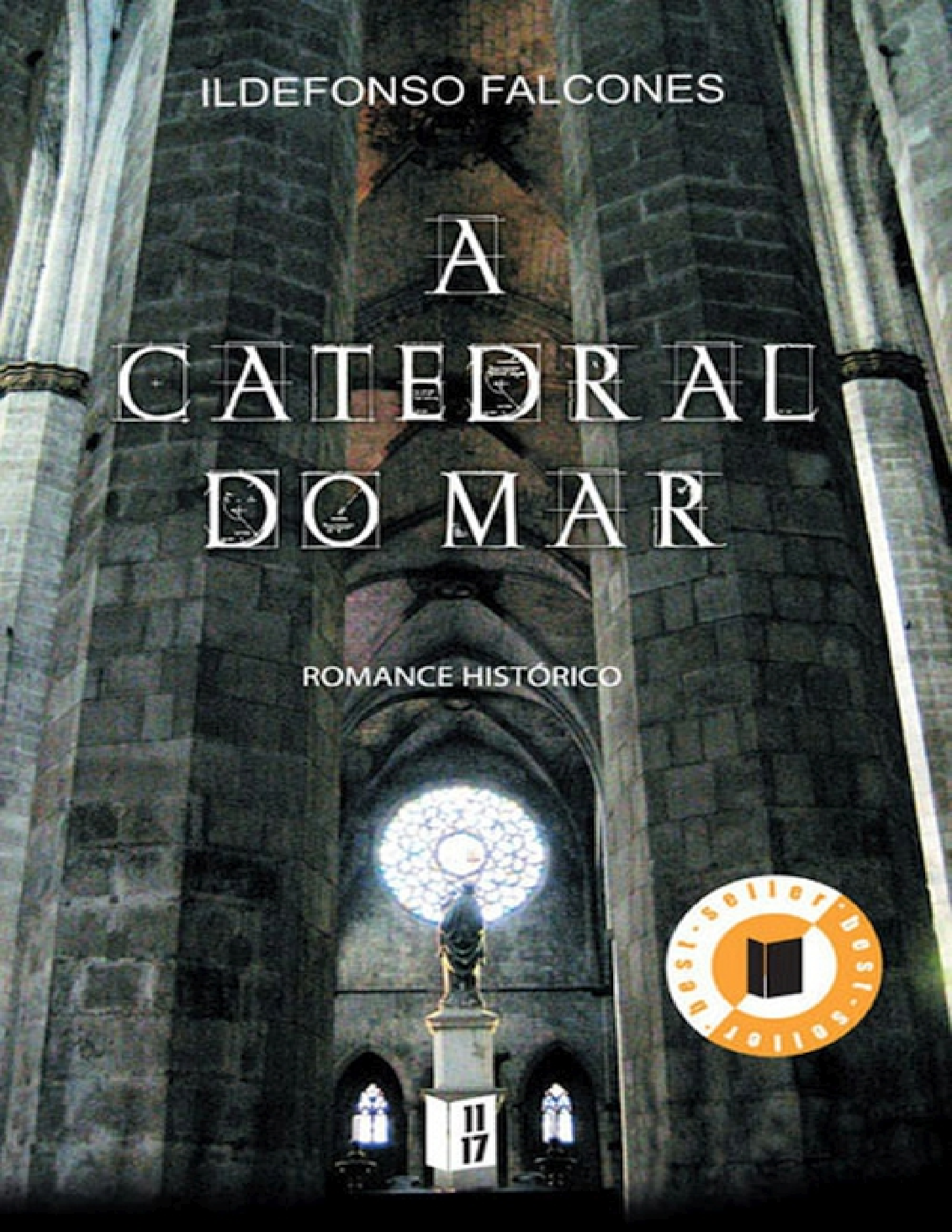
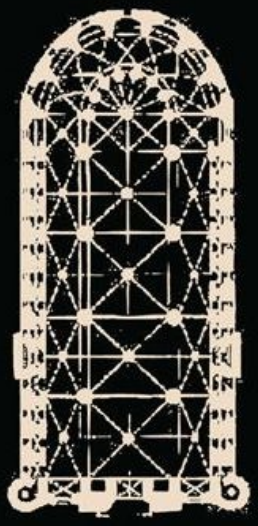
ILDEFONSO FALCONES

A CATEDRAL DO MAR

ROMANCE HISTÓRICO



Ildefonso Falcones



A Catedral do Mar

2006

A Catedral do Mar
Ildefonso Falcones
Título original: La Catedral do Mar
Depósito Legal nº 304 400/10
ISBN: 978-972-25-2029-4

Sinopse

Uma catedral construída pelo povo e para o povo na Barcelona medieval é o cenário de uma apaixonante história de intriga, violência e paixão.

Século XIV. A cidade de Barcelona encontra-se no auge da prosperidade; cresceu até ao humilde bairro dos pescadores, cujos habitantes decidem construir, com o dinheiro de uns e o esforço de outros, o maior templo mariano conhecido: Santa Maria do Mar. Uma construção paralela à desditosa história de Arnau, um servo da terra que foge dos abusos do seu senhor feudal e que se refugia em Barcelona. Daqui se torna cidadão e, assim, num homem livre. O jovem Arnau trabalha como estivador, palafreneiro, soldado e cambista. Uma vida extenuante, sempre à sombra da Catedral do Mar, que o tirará da condição miserável de fugitivo para lhe dar nobreza e riqueza. Mas com esta posição privilegiada chega também a inveja dos seus pares, que tramam uma sórdida conspiração que põe a sua vida nas mãos da Inquisição... Lealdade e vingança, traição e amor, guerra e peste, num mundo marcado pela intolerância religiosa, a ambição material e a segregação social. Um romance absorvente, mas também uma fascinante e ambiciosa recriação das luzes e sombras do mundo feudal.

Ildefonso Falcones, autor natural de Barcelona, formado em advocacia, seguiu uma antiga paixão: a da História. Das primeiras memórias de infância, em que encontrou refúgio na Catedral da cidade, à decisão de escrever um romance que revelasse a verdadeira origem daquele lugar de culto, o autor dedicou-se a uma intensa investigação sobre a sociedade catalã do século XIV.

Da prosperidade da cidade às gentes que ali viviam e cruzavam, dos escravos aos artesãos, dos judeus à condição da mulher, o autor traça um fabuloso e vivo quadro da Barcelona medieval.

Para Carmen

PRIMEIRA PARTE

SERVOS DA TERRA

CAPÍTULO 1

Ano de 1320
Quinta de Bernat Estanyol Navarcles,
Principado da Catalunha

Num momento em que ninguém parecia prestar-lhe atenção, Bernat ergueu o olhar para o límpido céu azul. O sol ténue de finais de Setembro acariciava os rostos dos seus convidados. Investira tantas horas e esforços na preparação daquela festa, que apenas um tempo inclemente poderia deslustrá-la. Bernat sorriu para o céu outonal e, quando baixou o olhar, o sorriso acentuou-se, ao escutar o alvoroço que reinava no terreiro empedrado que se abria em frente à porta dos currais, no piso térreo da casa rural.

A trintena de convidados estava exultante: a vindima desse ano fora esplêndida. Todos, homens, mulheres e crianças, tinham trabalhado de sol a sol, primeiro apanhando as uvas e depois pisando-as, sem se permitirem um dia de descanso. Só quando o vinho estava já pronto para fermentar nas barricas e o mosto da uva já estava armazenado para destilar o bagaço durante os entediantes dias de Inverno, os camponeses celebraram as festas de Setembro. E Bernat Estanyol decidira contrair matrimónio durante esses dias.

Bernat observou os seus convidados. Tiveram de se levantar de madrugada para percorrerem a pé a distância, em alguns casos muito grande, que separava as suas quintas da dos Estanyol. Conversavam animadamente, talvez acerca da boda, talvez acerca da colheita, talvez acerca de ambas as coisas; alguns, como o grupo em que se incluíam os seus primos Estanyol e a família Puig, parentes do cunhado, soltavam gargalhadas e olhavam-no com

picardia. Bernat notou que estava a corar e eludiu a insinuação; não queria sequer imaginar a causa daqueles risos. Espalhados pelo terreiro da casa rural, distinguiu os Fontaníes, os Vila, os Joaniquet e, evidentemente, os familiares da noiva: os Esteve.

Bernat olhou discretamente para o sogro, Pere Esteve, que não fazia outra coisa senão passear a sua imensa barriga, sorrindo para uns e dirigindo-se de imediato para outros. Pere voltou o seu rosto alegre para ele, e Bernat viu-se obrigado a saudá-lo pela enésima vez. Depois, procurou com o olhar os cunhados e encontrou-os misturados com os outros convidados. Desde o primeiro momento que o tinham tratado com algum receio, apesar do muito que se tinha esforçado por conquistá-los.

Bernat voltou a erguer o olhar para o céu. A colheita e o tempo tinham decidido acompanhá-lo na sua festa. Olhou para a casa e depois de novo para as pessoas, e cerrou ligeiramente os lábios. De repente, apesar da agitação reinante, sentiu-se só. Apenas passara um ano desde que o pai falecera; quanto a Guiamona, sua irmã, que se instalara em Barcelona depois de casar, não tinha dado resposta aos recados que lhe tinha enviado, apesar do muito que teria gostado de revê-la. Era a única pessoa de família directa que lhe restava, desde a morte do pai...

Uma morte que tinha transformado a casa dos Estanyol no centro de interesse de toda a região: casamenteiras e pais com filhas nubentes tinham desfilado por aquela casa incessantemente. Antes, ninguém os vinha visitar; mas a morte do pai, a quem os acessos de rebeldia tinham feito merecer o cognome de “o louco Estanyol”, tinha devolvido as esperanças àqueles que desejavam casar uma filha com o lavrador mais rico da região.

— Já és suficientemente adulto para casar — diziam-lhe. — Quantos anos tens?

— Vinte e sete, creio eu — respondia.

— Com essa idade, já quase devias ter netos — recriminavam-no. — Que vais fazer sozinho nesta casa? Precisas de uma mulher.

Bernat recebia estes conselhos com paciência, sabendo que seriam inexoravelmente seguidos pela menção de uma candidata cujas virtudes superavam a força do touro e a beleza do mais incrível pôr do Sol.

O assunto não lhe era desconhecido. Já o louco Estanyol, viúvo desde que nascera Guiamona, tinha tentado casá-lo, mas todos os pais de filhas casadoiras tinham saído da casa lançando imprecações: ninguém conseguia fazer frente às exigências do louco Estanyol quanto ao dote que a nora deveria trazer. Assim, o interesse por Bernat foi decaindo. Com a idade, o ancião piorou, e os seus desvarios de rebeldia foram-se tornando delirantes. Bernat dedicou-se ao cuidado das terras e do pai e, de repente, aos vinte e sete anos, viu-se só e assediado.

No entanto, a primeira visita que Bernat recebeu, quando ainda nem tinha sido enterrado o defunto, foi a do aguazil do senhor de Navarcles, seu senhor feudal. Quanta razão tu tinhas, pai!—, pensou Bernat ao ver chegar o aguazil e vários soldados a cavalo.

— Quando eu morrer — repetira-lhe o velho até à exaustão nos momentos em que recuperava a mansidão —, eles hão-de vir; nessa altura, terás de lhes mostrar o testamento. — E apontava com um gesto para a pedra sob a qual, envolto em couro, se encontrava o documento que recolhia as últimas vontades do louco Estanyol.

— Porquê, pai? — perguntara Bernat da primeira vez que o pai lhe fizera a esta advertência.

— Como muito bem sabes — respondera-lhe o velho —, possuímos estas terras em enfiteuse, mas eu sou viúvo, e se não tivesse feito testamento, por minha morte o senhor feudal teria direito a ficar com metade de todos os nossos móveis e animais. Chama-se a esse direito intestia; há muitos outros a favor dos senhores, e deves conhecê-los a todos. Eles virão, Bernat; virão para levarem o que é nosso, e só se lhes mostrares o testamento poderás livrar-te deles.

— E se mo tiram? — perguntara Bernat. — Bem sabes como eles são...

— Mesmo que o fizessem, está registado em livros.

A ira do aguazil e do seu senhor correu pela região, e tornou ainda mais atractiva a situação do órfão, herdeiro de todos os bens do louco.

Bernat lembrava-se bem da visita que lhe fizera o agora seu sogro, antes do começo da vindima. Cinco soldos, um colchão e

uma camisa branca de linho; esse era o dote que oferecia pela sua filha Francesca.

— Para que quero eu uma camisa branca de linho? — perguntou Bernat sem parar de revolver a palha no piso térreo da casa.

— Olha para ali — respondeu Pere Esteve.

Apoiando-se sobre a forquilha, Bernat olhou para onde Pere Esteve apontava: para a entrada do estábulo. A forquilha caiu sobre a palha. Em contraluz, surgira Francesca, vestida com a camisa branca de linho... Todo o corpo da rapariga se lhe oferecia através dela!

Um calafrio percorreu a espinha de Bernat. Pere Esteve sorriu.

Bernat aceitou a oferta. Fê-lo ali mesmo, no palheiro, sem sequer se aproximar da rapariga, mas sem tirar os olhos dela.

Foi uma decisão precipitada, e Bernat estava ciente disso, mas não podia dizer que se tivesse arrependido; ali estava Francesca, bela, jovem, forte. Acelerou-se-lhe a respiração. Hoje mesmo... Que estaria a pensar a rapariga? O mesmo que ele? Francesca não participava na alegre conversa das mulheres; permanecia em silêncio junto da mãe, sem se rir, acompanhando os gracejos e os risos das demais com sorrisos forçados. Os olhares de ambos cruzaram-se por um instante. Ela corou e baixou os olhos, mas Bernat viu como o movimento do peito dela traía o seu nervosismo. A camisa branca de linho tornou a aliar-se ao desejo e às fantasias de Bernat.

— Felicito-te! — ouviu dizer atrás de si, enquanto lhe aplicavam uma palmada forte nas costas. O sogro tinha-se aproximado dele. — Cuida-me bem dela — acrescentou, seguindo o olhar de Bernat e apontando para a rapariga, que já não sabia onde havia de se esconder. — Se bem que se a vida que lhe vais proporcionar for como esta festa... É o melhor banquete que alguma vez vi. Decerto que nem o senhor de Navarcles pode gozar destes manjares!

Bernat quisera tratar bem dos seus convidados e preparara quarenta e sete pães dourados de farinha de trigo; evitara a cevada, o centeio ou a espelta, habituais na alimentação dos camponeses. Farinha de trigo candial, branca como a camisa da sua mulher! Carregado com os pães amassados, dirigira-se ao castelo de Navarcles para os cozer no forno do seu senhor, pensando que,

como sempre, dois pães seriam o suficiente para que lhe permitissem cozê-los ali. Os olhos do fogueiro arregalaram-se, abrindo-se como pratos diante do pão de trigo, para logo se fecharem numas inescrutáveis vigias. Dessa vez, o pagamento ascendeu a sete pães, e Bernat abandonou o castelo praguejando contra a lei que os impedia de ter um forno para cozer o pão nos seus lares... e uma forja, e guarnições...

— Decerto que sim — respondeu ao sogro, afastando da ideia aquela má recordação.

Ambos observaram o terreiro da casa. Talvez lhe tivessem roubado uma parte do pão, pensou Bernat, mas não do vinho que agora bebiam os seus convidados — do melhor, daquele que o seu pai tinha reservado e que tinham deixado envelhecer durante anos —, nem da carne de porco salgada, nem da panela de verduras cozidas com um par de galinhas, nem, claro, dos quatro borregos que, abertos em canal e atados em paus, assavam lentamente sobre as brasas, espirrando gordura e exalando um aroma irresistível.

De repente, as mulheres puseram-se em movimento. A panela de verduras já estava pronta e as escudelas que os convidados tinham trazido consigo começaram a encher-se. Pere e Bernat tomaram lugar à única mesa que havia no terreiro, e as mulheres acorreram a servi-los; ninguém se sentou nas quatro cadeiras restantes.

As pessoas, de pé, sentadas em troncos ou no chão, começaram a dar conta do ágape, de olhos postos nos borregos constantemente vigiados por algumas mulheres, enquanto bebiam vinho, conversavam, gritavam e riam.

— Uma grande festa, sim, senhor — sentenciou Pere Esteve, entre uma colherada e outra.

Alguém brindou aos noivos. Imediatamente todos se lhe uniram.

— Francesca! — gritou o pai, com o copo erguido em direcção à noiva, que estava entre as mulheres, perto dos borregos.

Bernat olhou para a rapariga, que de novo escondeu o rosto.

— Está nervosa — desculpou-a o pai, piscando-lhe o olho. — Francesca, filha! — voltou a gritar. — Brinda connosco! Aproveita agora, porque daqui a pouco vamos embora... quase todos.

As gargalhadas embaraçaram ainda mais Francesca. A rapariga ergueu a meia altura um copo que lhe tinham posto na mão e, sem beber dele e virando costas aos risos, tornou a concentrar a atenção nos borregos.

Pere Esteve bateu com o copo contra o copo de Bernat, fazendo derramar o vinho. Os convidados imitaram-nos.

— Tu te encarregarás daqui a pouco de que lhe passe a timidez — disselhe, em voz bem alta, para que todos os presentes ouvissem.

As gargalhadas estalaram de novo, desta vez acompanhadas de comentários brejeiros, a que Bernat preferiu não prestar atenção.

Entre risos e gracejos, todos deram boa conta do vinho, do porco salgado e da panela de verduras e galinha. Quando as mulheres começavam a tirar os borregos das brasas, um grupo de convidados calou-se e voltou os olhos para a orla do bosque das terras de Bernat, situado para lá de uns extensos campos de cultivo, no final de um suave declive do terreno que os Estanyol tinham aproveitado para plantar parte das cepas que lhes proporcionavam aquele tão excelente vinho. Em poucos segundos, fez-se silêncio entre os presentes. Três ginetes tinham aparecido entre as árvores. Os seus passos eram seguidos por vários homens a pé, fardados.

— Que fará ele aqui? — interrogou-se num sussurro Pere Esteve.

Bernat seguiu com o olhar os homens que se aproximavam, contornando os campos. Os convidados murmuravam entre si.

— Não percebo — disse por fim Bernat, também num sussurro —, nunca por aqui tinha passado. Não fica a caminho do castelo.

— Não me agrada nada esta visita — acrescentou Pere Esteve.

A comitiva movia-se lentamente. A medida que as figuras se aproximavam, os risos e os comentários dos cavaleiros substituíam o alvoroço que até então tinha reinado no terreiro; todos conseguiam ouvi-los. Bernat observou os seus convidados; alguns deles já não olhavam, e mantinham-se de cabeça baixa. Procurou Francesca, que estava entre as mulheres. O vozeirão do senhor de Navarcles chegou até eles. Bernat sentiu que a raiva o invadia.

— Bernat! Bernat! — exclamou Pere Esteve, sacudindo-lhe o braço. — Que estás a fazer aqui? Corre a recebê-lo.

Bernat ergueu-se de um salto e correu a receber o seu senhor.

— Sede bem-vindo a esta vossa casa — saudou, inclinando-se, assim que ficou diante dele.

Llorenç de Bellera, senhor de Navarcles, puxou as rédeas do cavalo e deteve-se diante de Bernat.

— És Estanyol, o filho do louco? — inquiriu secamente.

— Sim, senhor.

— Estivemos a caçar e, quando regressávamos ao castelo, fomos surpreendidos por esta festa. A que se deve?

Por entre os cavalos, Bernat conseguia vislumbrar os soldados, carregados com diversas peças de caça: coelhos, lebres e galinhas-do-mato. “A sua visita é que precisa de explicação”, teria Bernat gostado de lhe responder. “Ou talvez o forneiro vos tenha informado do pão de trigo candial?”

Até os cavalos, quietos, com os seus grandes olhos redondos assestados nele, pareciam aguardar a resposta de Bernat.

— Ao meu casamento, senhor.

— Com quem casaste?

— Com a filha de Pere Esteve, senhor.

Llorenç de Bellera permaneceu em silêncio, olhando Bernat por cima da cabeça do seu cavalo. Os animais resfolegaram ruidosamente.

— E? — ladrou Llorenç de Bellera.

— A minha mulher e eu próprio — disse Bernat, tratando de dissimular o seu asco — sentir-nos-íamos muito honrados se sua senhoria e seus acompanhantes tivessem por bem juntar-se a nós.

— Temos sede, Estanyol — afirmou o senhor de Bellera, como única resposta.

Os cavalos puseram-se em movimento sem necessidade de que os cavaleiros os esporeassem. Bernat, cabisbaixo, dirigiu-se para a casa, ao lado do seu senhor. No final do caminho tinham-se juntado todos os convidados, para o receber;

as mulheres de olhos no chão, os homens descobertos. Um rumor ininteligível ergueu-se quando Llorenç de Bellera se deteve diante deles.

— Vamos, vamos — ordenou-lhes, enquanto desmontava. — Que siga a festa!

As pessoas obedeceram e deram meia-volta, em silêncio. Vários soldados aproximaram-se dos cavalos e encarregaram-se dos animais. Bernat acompanhou os seus novos convidados até à mesa a que tinham estado sentados Pere e ele. Tanto as suas escudelas como os seus copos tinham desaparecido.

O senhor de Bellera e os seus dois acompanhantes sentaram-se. Bernat afastou-se alguns passos quando estes começaram a conversar. As mulheres acudiram, rápidas, com jarros de vinho, pães, escudelas de galinha, pratos de porco salgado e com o borrego acabado de assar. Bernat procurou Francesca com o olhar, mas não a encontrou. Não estava entre as mulheres. O olhar de Bernat cruzou-se com o do sogro, que já estava junto dos restantes convidados, e este fez sinal com o queixo em direcção às mulheres. Com um gesto quase imperceptível, Pere Esteve abanou a cabeça e deu meia-volta.

— Continuem com a vossa festa! — gritou Llorenç de Bellera com uma perna de borrego na mão. — Vamos, venham, avancem!

Em silêncio, os convidados começaram a dirigir-se para as brasas, onde os borregos tinham sido assados. Só um grupo permaneceu quieto, a salvo dos olhares do senhor e dos seus amigos: Pere Esteve, os filhos e mais alguns convidados. Bernat avistou o branco da camisa de linho entre eles, e aproximou-se.

— Vai-te embora daqui, estúpido! — rosnou o sogro. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, a mãe de Francesca aproximou-se, colocou-lhe um prato de borrego nas mãos e sussurrou-lhe:

— Trata de atender ao senhor e não te aproximes da minha filha.

Os camponeses começaram a dar conta do borrego, em silêncio, olhando de soslaio para a mesa. No terreiro só se ouviam as gargalhadas e os gritos do senhor de Navarcles e dos seus amigos. Os soldados descansavam, afastados da festa.

— Antes, ouvia-vos rir — gritou o senhor de Bellera. — De tal forma que me espantaram a caça. Riam, malditos sejam!

Ninguém o fez.

— Bestas rústicas — disse para um dos seus acompanhantes, que receberam o comentário com gargalhadas.

Os três saciaram o apetite com o borrego e o pão branco. O porco salgado e as escudelas de galinha ficaram abandonados na mesa. Bernat comeu de pé, um pouco afastado, e olhando de soslaio para o grupo de mulheres, entre as quais se escondia Francesca.

— Mais vinho! — exigiu o senhor de Bellera, levantando o copo. — Estanyol — gritou de repente, procurando-o por entre os convidados —, da próxima vez que me pagues o censo das minhas terras, terás de me trazer vinho como este, e não a zurrapa com que o teu pai me andou a enganar até agora. — Bernat escutou-o, atrás dele. A mãe de Francesca aproximava-se com mais um jarro. — Estanyol, onde estás tu?

O cavaleiro bateu na mesa quando a mulher aproximava o jarro para lhe encher de novo o copo. Algumas gotas de vinho salpicaram a roupa de Llorenç de Bellera.

Bernat já se aproximara dele. Os amigos do senhor riam-se da situação e Pere Esteve levou as mãos ao rosto.

— Velha estúpida! Como te atreves a entornar o vinho — A mulher baixou a cabeça em sinal de submissão e, quando o senhor fez menção de lhe dar uma bofetada, fugiu e caiu por terra. Llorenç de Bellera voltou-se para os amigos e desatou a rir, vendo como a anciã se afastava, gatinhando, Depois, recuperou a seriedade e dirigiu-se a Bernat: — Ai estás aqui, Estanyol. Vê só o que fazem as velhas inúteis. Por acaso pretendes ofender o teu senhor? Serás tão ignorante que não sabes que os convidados devem ser atendidos; pela senhora da casa? Onde está a noiva? — perguntou, passeando o olhar pelo terreiro. — Onde está a noiva? — gritou, perante o silêncio de Bernat.

Pere Esteve tomou Francesca pelo braço e aproximou-da mesa, para a entregar a Bernat. A rapariga tremia.

— Senhor — disse Bernat —, apresento-vos a minha mulher, Francesca.

— Assim está melhor — comentou Llorenç, examinando-a de alto a baixo, sem nenhum recato —, muito melhor. Vais tu servir-nos o vinho, a partir de agora.

O senhor de Navarcles voltou a sentar-se e dirigiu-se à rapariga, erguendo o copo. Francesca pegou num jarro e acorreu a servi-lo. A mão tremia-lhe, ao tentar verter o vinho. Llorenç de Bellera agarrou-lhe o pulso e manteve-lho firme enquanto o vinho caía no copo. Depois, puxou-lhe o braço e obrigou-a a servir os seus acompanhantes. Os seios da rapariga roçaram pelo rosto de Llorenç de Bellera.

— Assim é que se serve o vinho! — gritou o senhor de Navarcles enquanto Bernat, ao lado dele, cerrava os punhos e os dentes.

Llorenç de Bellera e os seus amigos continuaram a beber e a exigir, aos gritos, a presença de Francesca, para repetir, uma e outra vez, a mesma cena.

Os soldados juntavam-se aos risos do seu senhor e dos amigos de cada vez que a rapariga se via obrigada a inclinar-se sobre a mesa para servir o vinho. Francesca tentava conter as lágrimas e Bernat notava como o sangue começava a correr-lhe nas mãos, feridas pelas suas próprias unhas. Os convidados, em silêncio, desviavam o olhar de cada vez que a rapariga tinha de servir o vinho.

— Estanyol! — gritou Llorenç de Bellera, pondo-se de pé com Francesca agarrada pelo pulso. — Usando do direito que como teu senhor me assiste, decidi deitar-me com a tua mulher na sua primeira noite.

Os acompanhantes do senhor de Bellera aplaudiram ruidosamente as palavras do amigo. Bernat saltou para a mesa, mas antes que a pudesse alcançar, os dois sequazes, que pareciam embriagados, puseram-se de pé e levaram as mãos às espadas. Bernat estacou. Llorenç de Bellera olhou-o, sorriu, e depois riu com força. A rapariga cravou os olhos em Bernat, suplicando a ajuda dele.

Bernat deu um passo adiante, mas encontrou a espada de um dos amigos do nobre encostada ao estômago. Impotente, deteve-se de novo. Francesca não parou de olhar para ele enquanto era arrastada até à escada exterior da casa. Quando o senhor daquelas terras a agarrou pela cintura e a colocou a um ombro, a rapariga começou a gritar.

Os amigos do senhor de Navarcles voltaram a sentar-se e continuaram a beber e a rir, enquanto os soldados se colocavam junto à escada, para impedir o acesso a Bernat.

Ao pé das escadas, em frente aos soldados, Bernat não ouviu as gargalhadas dos amigos do senhor de Bellera; nem os soluços das mulheres. Não se juntou ao silêncio dos seus convidados, e nem sequer deu atenção às provocações dos soldados, que faziam gestos, de olhos postos na casa: só ouvia os gritos de dor que vinham da janela do primeiro andar.

O azul do céu continuava a resplandecer.

Depois de momentos que pareceram intermináveis a Bernat, Llorenç de Bellera apareceu, transpirado, na escada, apertando a cota de caça.

— Estanyol — gritou com a sua voz tonitruante enquanto passava ao lado de Bernat e se dirigia para a mesa — agora toca-te a ti. Dona Catarina — acrescentou para os seus acompanhantes, referindo-se à sua jovem e recente mulher — já está cansada de que apareçam filhos meus bastardos... e já não aguento as choraminguices dela. Cumpre como um bom marido cristão! — instou-o, voltando-se para ele.

Bernat baixou a cabeça e, sob o olhar atento de todos os presentes, subiu lentamente a escada lateral. Entrou no primeiro andar, numa ampla sala que servia de cozinha e sala de jantar, com uma grande lareira numa das paredes, sobre a qual repousava uma impressionante estrutura de ferro forjado, em jeito de chaminé. Bernat escutou o som dos seus próprios passos sobre o chão de madeira enquanto se dirigia à escada de mão que levava ao segundo andar, destinada a celeiro e quarto de dormir. Assomou a cabeça pelo orifício das tábuas do chão do andar superior e escrutinou o interior sem se atrever a subir totalmente. Não se ouvia um único ruído.

Com o queixo rente ao chão, e o corpo ainda na escada viu a roupa de Francesca espalhada pela divisão; a camisa branca de linho, orgulho da família, estava rasgada e feita num farrapo. Por fim, subiu.

Encontrou Francesca encolhida em posição fetal, com o olhar perdido, totalmente nua sobre a enxerga nova, agora manchada de sangue. O corpo da rapariga, suado, arranhado aqui e golpeado ali, permanecia absolutamente imóvel.

— Estanyol — ouviu Llorenç de Bellera a gritar lá de baixo —, o teu senhor está à espera.

Sacudido por convulsões, Bernat vomitou sobre os cereais armazenados até as tripas quase lhe saírem pela garganta. Francesca continuava sem se mexer. Bernat saiu a correr daquele lugar. Quando chegou lá abaixo, pálido, a sua cabeça era um turbilhão de sensações, cada uma mais repugnante que a anterior. Cego, caiu de bruços contra o imenso Llorenç, que estava de pé ao fim das escadas.

— Não me parece que o novo marido tenha consumado o matrimónio — disse Llorenç de Bellera para os companheiros.

Bernat teve de levantar a cabeça, para enfrentar o senhor de Navarcles.

— Não... Não fui capaz, senhor — balbuciou. Llorenç de Bellera guardou silêncio durante uns instantes.

— Pois então, se tu não foste capaz, estou certo de que algum dos meus amigos... ou dos meus soldados... o será. Já te disse que não quero mais bastardos.

— Não tem o direito!

Os camponeses que observavam a cena sentiram calafrios ao imaginar as consequências de tal insolência. O senhor de Navarcles agarrou Bernat pelo pescoço, com uma só mão, e apertou com força enquanto Bernat abria a boca, tentando respirar.

— Como te atreves? Por acaso pretendes aproveitar-te do legítimo direito do teu senhor de se deitar com a noiva para depois vires reclamar com um bastardo debaixo do braço? — Llorenç sacudiu Bernat antes de o deixar cair para o chão. — É isso que pretendes? Os direitos de vassalagem sou eu que os determino; eu e só eu, entendes? Esqueces que te posso castigar quando e como queira?

Llorenç de Bellera esbofeteou Bernat com força, atirando-o ao chão.

— O meu chicote! — gritou, encolerizado.

O chicote! Bernat ainda era apenas um rapazinho quando, como tantos outros, fora obrigado a presenciar, com os pais, o castigo público infligido pelo senhor de Bellera a um pobre desgraçado cuja falta nunca ninguém chegou a saber com certeza qual fora. A recordação do estalar do couro sobre as costas desse homem soou-lhe nos ouvidos, como nesse dia, e como noite após noite durante uma boa parte de sua infância. Nenhum dos presentes ousara mexer um dedo, nessa ocasião, e também assim era agora. Bernat começou a arrastar-se e ergueu o olhar em direcção ao seu senhor; este estava de pé, como uma ingente massa de pedra, com a mão estendida, esperando que um servo lhe colocasse lá o chicote. Recordou-se das costas em carne viva daquele desgraçado: uma grande massa sanguinolenta de onde nem mesmo todo o ódio do senhor conseguiria arrancar um pedaço mais. Bernat arrastou-se, de gatas, para a escada, com os olhos revirados e tremendo, tal como lhe acontecia desde pequeno, quando era assaltado por pesadelos. Ninguém se mexia. Ninguém falava. E o Sol continuava a rebrilhar.

— Lamento, Francesca — balbuciou quando chegou perto dela, depois de subir penosamente a escada, seguido por um soldado.

Desapertou as calças e ajoelhou-se ao lado da esposa. A rapariga não se tinha ainda mexido. Bernat observou o seu pénis flácido e perguntou-se como poderia cumprir as ordens do seu senhor. Com apenas um dedo, acariciou suavemente as costas nuas de Francesca. Francesca não respondeu.

— Tenho... Temos de fazer isto — instou Bernat, agarrando-lhe um pulso, para a voltar para si.

— Não me toques! — gritou-lhe Francesca, abandonando o seu alheamento.

— Vai custar-me! — Bernat virou com violência a sua mulher, descobrindo o corpo nu dela.

— Deixa-me!

Lutaram, até que Bernat conseguiu agarrá-la por ambos os pulsos e prendê-la. Mesmo assim, Francesca resistia.

— Virá outro! — sussurrou-lhe. — Se não for eu, será outro a... forçar-te! — Os olhos da rapariga ganharam vida e abriram-se de

novo, acusadores. — Lamento muito, lamento muito... — desculpou-se.

Francesca não parou de se debater, mas Bernat deitou-se sobre ela com violência. As lágrimas da rapariga não foram suficientes para arrefecer o desejo que nascera nele, ao contacto com o corpo da jovem, e penetrou-a enquanto Francesca gritava contra o Universo inteiro.

Esses gritos satisfizeram o soldado que seguira Bernat e que, sem qualquer pudor, contemplava a cena, com metade do corpo surgindo por entre as tábuas do chão, na abertura da escada.

Ainda Bernat não tinha terminado de forçá-la, quando Francesca parou de se opor. Pouco a pouco, os gritos dela tornaram-se soluços. Foi o choro da sua mulher que fez companhia a Bernat quando alcançou o clímax.

Llorenç de Bellera ouvira os gritos desesperados que procediam da janela do segundo andar e, quando o seu espião lhe confirmou que o casamento estava consumado pediu os cavalos e abandonou o local com a sua sinistra comitiva. A maioria dos convidados, abatidos, imitou-o.

A quietude abateu-se sobre a casa. Bernat, em cima da sua mulher, não sabia o que fazer. Só então se deu conta de que a mantinha fortemente agarrada pelos ombros; largou-a, para apoiar as mãos no colchão, junto à cabeça dela, mas depois o corpo caiu sobre o dela, inerte. Instintivamente, recuperou, esticando os braços para neles se apoiar, e deu com os olhos de Francesca, que o olhavam sem o ver. Nessa posição, qualquer movimento fazia que roçasse de novo pelo corpo da sua mulher. Bernat desejava evitar essas sensações, mas não sabia como fazer isso sem continuar a magoar a rapariga. Desejou poder levitar para se poder separar de Francesca sem lhe tocar.

Por fim, depois de uns instantes infindáveis de indecisão, afastou-se da rapariga e ajoelhou-se junto dela; também agora não sabia o que havia de fazer: levantar-se, deitar-se ao lado dela, sair dali ou tentar justificar-se... Desviou o olhar do corpo de Francesca, caída de barriga para cima, exposta de forma soez. Procurou o rosto dela, que estava a menos de dois palmos do dele, mas não foi

capaz de o encontrar. Baixou o olhar, e a visão do seu membro nu, de repente, envergonhou-o.

— Lamento...

Um inesperado movimento de Francesca surpreendeu-o. A rapariga virara o rosto para ele. Bernat tentou descortinar compreensão no olhar dela, mas encontrou-o totalmente vazio.

— Lamento — insistiu. Francesca continuou a olhar para ele sem mostrar o menor indício de reacção. — Lamento, lamento. Tenho muita pena — balbuciou.

Bernat recordou-se do senhor de Navarcles, de pé, com a mão estendida à espera do chicote. Procurou mais uma vez o olhar de Francesca: vazio. Tentou encontrar resposta nos olhos da rapariga e sentiu medo: gritavam em silêncio, gritavam tanto como ela gritara.

Inconscientemente, como se quisesse dar-lhe a entender que a compreendia, como se fosse uma criança, Bernat aproximou uma mão do rosto de Francesca.

— Eu... — tentou dizer-lhe.

Não chegou a tocar-lhe. Quando a sua mão se aproximou dela, todos os músculos de Francesca se retesaram. Bernat desviou a mão para o seu próprio rosto e chorou.

Francesca continuou imóvel, com o olhar perdido.

Finalmente, Bernat parou de chorar, levantou-se, vestiu as calças e desapareceu pelo buraco que dava para o andar de baixo. Quando deixou de ouvir os passos dele, Francesca levantou-se e aproximou-se do baú, que constituía todo o mobiliário do quarto, para apanhar as suas roupas. Uma vez vestida, recolheu delicadamente os seus destroçados haveres, entre os quais estava a sua tão apreciada camisa de linho branca; dobrou-a com cuidado, procurando que os rasgões se ajustassem, e guardou-a no baú.

CAPÍTULO 2

Francesca vagueava pela casa como uma alma penada. Cumpria as suas obrigações domésticas, mas fazia-o no mais absoluto silêncio, destilando uma tristeza que não tardou a apoderar-se do mais recôndito dos cantos do lar dos Estanyol.

Em numerosas ocasiões, Bernat tinha tentado desculpar-se pelo sucedido. Distante já o horror do dia do casamento, Bernat fora capaz de articular as suas mais extensas explicações: o medo da crueldade do seu senhor, as consequências que a sua recusa em obedecer teriam trazido, tanto para si próprio como para ela. E "desculpa", milhares de "desculpas" que Bernat exclamou diante de Francesca, que o olhava e, muda, escutava as palavras dele, como se esperasse pelo momento em que o discurso de Bernat, inevitavelmente, chegaria ao ponto crucial de sempre: "Teria vindo outro. Se não tivesse sido eu a fazê-lo..." Porque quando Bernat chegava a este ponto, calava-se; qualquer desculpa claudicava e a violação voltava a interpor-se entre eles como uma barreira intransponível. Os pedidos de desculpa, as justificações e os silêncios em resposta foram fechando a ferida que Bernat pretendia curar na sua mulher, e o remorso foi-se desvanecendo nos afazeres diários, até que Bernat se resignou perante a indiferença de Francesca.

Todas as manhãs, ao primeiro alvor, quando se levantava para iniciar as duras tarefas da terra, Bernat assomava à janela do quarto. Assim fizera sempre com o pai, mesmo nos últimos dias dele, e ambos se apoiavam no grosso rebordo de pedra. Observavam o céu para vaticinar o dia que os aguardava. Observavam as suas terras, férteis, nitidamente delimitadas pelos cultivos que em cada uma delas se praticava e que se estendiam pelo imenso vale que se abria aos pés da casa. Observavam os pássaros e escutavam atentamente os sons dos animais no curral no piso térreo. Eram instantes de comunhão entre pai e filho e entre ambos e as suas terras, nos escassos minutos em que o pai parecia recuperar a candura. Bernat sonhara compartilhar esses momentos com a mulher, em vez de os viver a sós, enquanto a ouvia remexer no andar de baixo, e poder contar-lhe tudo aquilo que ele próprio tinha escutado da boca do seu pai, e este da boca do pai dele, e assim sucessivamente durante gerações.

Sonhara poder contar-lhe que aquelas boas terras tinham sido em tempos livres de encargos, pertencentes aos Estanyol, e que os seus antepassados as tinham trabalhado com alegria e carinho, fazendo seus os frutos dela, sem necessidade de pagarem censos

ou impostos e de prestarem homenagem a senhores soberbos e injustos. Sonhara poder partilhar com ela, sua mulher, futura mãe dos herdeiros daqueles campos, a mesma tristeza que o seu pai tinha partilhado com ele quando lhe contara as razões por que agora, trezentos anos depois, os filhos que ela parisse se tornariam servos de outra pessoa. Teria gostado de lhe contar com orgulho, como o seu pai lhe tinha contado a ele, que trezentos anos antes, os Estanyol, e muitos outros como eles, mantinham armas nas suas casas, como homens livres que eram, para acudirem,sob as ordens do conde Ramon Borrell e do seu irmão, Ermengol d'Urgell, em defesa da Catalunha velha contra as razias dos Sarracenos; teria gostado de lhe contar como, sob ordens do conde Ramon, vários Estanyol tinham feito parte do vitorioso exército que derrotara os sarracenos do califado de Córdova em Albesa, para lá de Balaguer, na planície de Urgel. O pai contava-lhe isto emocionado quando tinham tempo para isso, mas a emoção transformava-se em melancolia quando narrava a morte do conde Ramon Borrell, no ano de 1017. Segundo ele, essa morte transformara-os em servos: o filho do conde Ramon Borrell, de quinze anos de idade, sucedera ao pai; a mãe, Ermessenda de Carcassone, tornou-se regente, e os barões da Catalunha — aqueles mesmos que tinham lutado ombro a ombro com os camponeses —, seguras já as fronteiras do principado, aproveitaram o vazio de poder para extorquir os camponeses, matar os que não cediam e obter a propriedade das terras, em troca de permitir aos seus antigos donos que as cultivassem, pagando ao senhor parte dos seus frutos. Os Estanyol tinham cedido, como tantos outros, mas muitas famílias do campo tinham sido selvática e cruelmente assassinadas.

— Como homens livres que éramos — dizia-lhe o pai —, nós, camponeses, lutámos lado a lado com os cavaleiros, a pé, evidentemente, contra os mouros, mas nunca pudemos lutar contra os cavaleiros, e quando os sucessivos condes de Barcelona quiseram voltar a tomar as rédeas do principado catalão, tropeçaram numa nobreza rica e poderosa, com quem tiveram de compactuar, sempre à nossa custa. Primeiro, foram as nossas terras, as da Catalunha velha, e depois a nossa liberdade, a nossa própria vida... a nossa honra. Foram os teus avós — contava-lhe

com voz trémula, sem deixar de olhar para as terras — quem perdeu a liberdade. Foi-lhes proibido abandonar os campos, foram transformados em servos, em homens amarrados aos seus senhores, a quem também permaneceriam amarrados os seus filhos, como eu, e os seus netos, como tu. A nossa vida... a tua vida está nas mãos do senhor, que faz justiça e tem direito a maltratar-nos e a ofender a nossa honra. Nem sequer nos podemos defender! Se alguém te maltratar, deverás pedir socorro ao teu senhor, para que ele exija reparação e, se a conseguir, ficará com metade dessa reparação.

Depois, invariavelmente, recitava-lhe os múltiplos direitos do senhor, direitos que tinham acabado por ficar gravados na memória de Bernat, pois nunca se atrevera a interromper o monólogo exaltado do pai. O senhor podia exigir juramento a um servo a qualquer momento. Tinha direito a cobrar uma parte dos bens do servo se este morresse sem testamento, ou quando um filho herdava; se fosse estéril; se a sua mulher cometesse adultério; se a casa se incendiasse; se a hipotecasse; se casasse com um vassalo de outro senhor e, evidentemente, se quisesse abandoná-la. O senhor podia deitar-se com a noiva na sua primeira noite; podia reclamar as mulheres para amamentarem os seus filhos, ou as filhas destas para servirem como criadas no seu castelo. Os servos estavam obrigados a trabalhar gratuitamente as terras do senhor; a contribuir para a defesa do castelo; a pagar parte dos frutos das suas culturas; a dar guarida ao senhor ou aos seus convidados nas suas casas e alimentá-los durante essa estada; a pagar por utilizar os bosques ou as terras de pasto; a utilizar, pagando antecipadamente, a forja, o forno ou o moinho do senhor, e a enviar-lhe prendas pelo Natal e outras festividades. E que dizer da Igreja? Quando o pai de Bernat fazia essa pergunta, a voz enfurecia-se-lhe ainda mais.

— Monges, frades, sacerdotes, diáconos, arcediagos, cónegos, abades, bispos — recitava —, qualquer deles é igual aos senhores feudais que nos oprimem! Proibiram até que nós, camponeses, tomássemos hábitos, para que não pudéssemos fugir das terras e, assim, perpetuássemos a nossa servidão!

“Bernat, advertia-o solenemente nas vezes em que a Igreja se tornava o alvo da sua ira, nunca confies nos que dizem servir a Deus. Falar-te-ão com serenidade e boas palavras, tão cultas que nem conseguirás entendê-las. Tentarão convencer-te com argumentos que só eles sabem urdir, até se apoderarem da tua razão e da tua consciência. Apresentar-se-ão como homens bondosos, que dirão querer salvar-nos do mal e da tentação, mas na realidade a sua opinião sobre nós está escrita e todos eles, como soldados de Cristo que se proclamam, seguem com fidelidade aquilo que está nos livros. As palavras deles são meras justificações e as suas razões são idênticas às que poderias apresentar a um idiota.

— Pai — recordou-se Bernat de lhe ter perguntado numa dessas ocasiões —, que dizem os livros deles acerca de nós, camponeses?

O pai olhou os campos, até onde se confundiam com o céu, e aí parou, porque não queria olhar para o lugar em cujo nome falavam hábitos e sotainas.

— Dizem que somos animais, brutos, e que não somos capazes de entender o que é a cortesia. Dizem que somos horríveis, vis e abomináveis, desavergonhados e ignorantes. Dizem que somos cruéis e toscos, que não merecemos nenhuma honra porque não sabemos apreciá-la, e que só somos capazes de entender as coisas à força. Dizem que...

— Pai... E somos isso tudo?

— Filho, pelo menos é em tudo isso que querem tornar-nos.

— Mas o pai reza todos os dias, e quando a mãe morreu...

— À Virgem, filho, à Virgem. Nossa Senhora nada tem que ver com frades e sacerdotes. Podemos continuar a acreditar nela.

Bernat Estanyol teria gostado de poder voltar a debruçar-se, de manhã, no parapeito da janela, e de falar com a sua jovem mulher; contar-lhe o que o pai lhe tinha contado a ele e olhar com ela para os campos.

No que restava de Setembro e durante todo o mês de Outubro, Bernat aparelhou os bois e arou os campos, rompendo e revolvendo a dura crosta que os cobria para que o sol, o ar e o estrume renovassem a terra. Depois, com a ajuda de Francesca, semeou o cereal; ela, com um cesto, lançava as sementes, e ele, com a junta

de bois, primeiro arava e depois aplanava a terra, já semeada, com uma pesada prancha de ferro. Trabalhavam em silêncio, um silêncio que só era interrompido pelos gritos que Bernat lançava aos bois e que ressoavam por todo o vale. Bernat acreditava que trabalharem juntos os aproximaria um pouco. Mas não. Francesca continuava indiferente: pegava no cesto e lançava as sementes sem sequer olhar para ele.

Chegou Novembro e Bernat dedicou-se às tarefas próprias dessa época: pastorear os porcos para a matança, acumular a lenha para a casa e para adubar a terra, preparar a horta e os campos que seriam semeados na Primavera e podar e enxertar as vinhas. Quando regressava a casa, Francesca já se tinha ocupado das tarefas domésticas, da horta e das galinhas e coelhos. Noite após noite, servia-lhe o jantar em silêncio e retirava-se para dormir; de manhã, levantava-se antes dele, e quando Bernat descia, encontrava na mesa o pequeno-almoço e a trouxa com o almoço. Enquanto comia, ouvia-a cuidar dos animais no estábulo.

O Natal passou como um suspiro e em Janeiro terminou a apanha da azeitona. Bernat não tinha muitas oliveiras, mas apenas as necessárias para cobrir as necessidades da casa e para pagar as rendas ao senhor.

Depois, Bernat tratou da matança do porco. Em vida do seu pai, os vizinhos, que raramente iam a casa dos Estanyol, nunca faltavam no dia da matança. Bernat recordava-se desses dias como de verdadeiras festas; matavam-se os porcos e depois comia-se e bebia-se, enquanto as mulheres preparavam a carne.

Os Esteve, pai, mãe e dois dos irmãos, apareceram certa manhã. Bernat saudou-os no terreiro diante da casa; Francesca esperava atrás dele.

— Como estás, filha? — perguntou-lhe a mãe.

Francesca não respondeu, mas deixou-se abraçar. Bernat observou a cena: a mãe, ansiosa, estreitava a filha nos braços, esperando que esta a rodeasse com os seus. Mas ela não o fez. Permaneceu imóvel. Bernat dirigiu o olhar para o sogro.

— Francesca — limitou-se a dizer Pere Esteve, com o olhar perdido mais para além da rapariga.

Os irmãos saudaram-na levantando uma mão. Francesca dirigiu-se à pocilga, para ir buscar o porco; os outros ficaram no terreiro. Ninguém falou; apenas um soluço sufocado da mãe rompeu o silêncio. Bernat sentiu-se tentado a consolá-la, mas absteve-se, ao ver que nem o marido nem os filhos o faziam.

Francesca apareceu com o cevado, que resistia a segui-la como se soubesse que destino ia ter, e entregou-o ao marido com o mesmo mutismo habitual. Bernat e os dois irmãos de Francesca obrigaram o porco a deitar-se e sentaram-se em cima dele. Os guinchos agudos do animal ressoavam por todo o vale dos Estanyol. Pere Esteve degolou-o com um golpe certeiro e todos esperaram em silêncio enquanto o sangue do animal caía nos alguidares que as mulheres iam mudando à medida que se enchiam. Ninguém olhava para ninguém.

Nem sequer tomaram um copo de vinho enquanto mãe e filha trabalhavam o porco, já esquartejado.

Ao anoitecer, terminada a tarefa, a mãe tentou de novo abraçar a filha. Bernat observou a cena, esperando uma reacção por parte da sua mulher. Não houve nenhuma. O pai e os irmãos despediram-se dela com os olhos postos no chão. A mãe aproximou-se de Bernat.

— Quando te parecer que a criança está para chegar — disselhe, afastando-o dos restantes —, manda-me chamar. Não acredito que ela o faça.

Os Esteve tomaram o caminho de regresso a casa. Nessa noite, quando Francesca subia a escada para o quarto, Bernat não pôde deixar de observar-lhe a barriga.

Em finais de Maio, no primeiro dia das colheitas, Bernat contemplou os seus campos com a foice ao ombro. Como iria ele recolher sozinho todo aquele cereal? Desde há quinze dias que proibira Francesca de fazer qualquer esforço, porque já sofrera dois desmaios. Ela escutara as ordens em silêncio e obedecera. Porque lho tinha ele proibido? Bernat voltou a olhar para os imensos campos que o esperavam. No fim de contas, perguntava-se, e se o filho não fosse seu? As mulheres pariam no campo, enquanto trabalhavam, mas depois de a ver cair, uma e outra vez, não conseguira deixar de se preocupar.

Bernat agarrou a foice e começou a segar com força. As espigas saltavam no ar. O sol alcançou o meio-dia. Bernat nem sequer parou para comer. O campo era imenso. Sempre tinha segado acompanhado pelo pai, mesmo quando este já estava mal. O cereal parecia fazê-lo reviver. “Dá-lhe, filho!”, animava-o. “Não podemos esperar que uma tempestade ou o granizo o destruam.” E segavam. Quando um estava cansado, procurava apoio no outro. Comiam à sombra e bebiam bom vinho, do do seu pai, do envelhecido, e conversavam e riam e... agora só ouvia o silvar da foice a cortar o vento e a golpear a espiga; nada mais; a foice, a foice, a foice, que parecia lançar ao ar interrogações acerca da paternidade daquele futuro filho.

Durante os dias seguintes, Bernat continuou a segar até ao pôr do Sol; em alguns dias, trabalhou mesmo à luz do luar. Quando regressava a casa, encontrava o jantar na mesa. Lavava-se na manjedoura e comia com vontade. Até que uma noite, o berço que construíra durante o Inverno, quando a gravidez de Francesca já era evidente, se mexeu. Bernat deu-se conta disso pelo canto do olho, mas continuou a comer a sopa. Francesca dormia no andar de cima. Bernat voltou a olhar para o berço. Mais uma colherada de sopa, duas, três. O berço voltou a mexer-se. Bernat ficou a olhar para o berço, com a quarta colherada de sopa suspensa no ar

Esquadrinhou o resto da sala, procurando algum sinal da presença da sogra... Mas não. Ela dera à luz sozinha... E fora-se deitar.

Pousou a colher e levantou-se, mas antes de chegar perto do berço, parou, deu meia-volta e tornou a sentar-se. As dúvidas acerca daquele filho caíram sobre ele com mais força do que nunca. “Todos os Estanyol têm um sinal junto ao olho direito”, dissera-lhe o pai. Ele tinha-o, e o pai também. “O teu avô também o tinha”, assegurara-lhe, “e também o pai do teu avô.”

Bernat estava esgotado: trabalhara de sol a sol. Durante muitos dias o fizera. Voltou a olhar para o berço.

Levantou-se de novo e aproximou-se da criatura. Dormia placidamente, com as mãozinhas abertas, coberta por um lençol feito com os trapos de uma camisa branca de linho. Bernat deu a volta ao bebé para lhe ver o rosto.

CAPÍTULO 3

Francesca nem sequer olhava para o menino. Aproximava o bebé — a quem deram o nome de Arnau — a um dos seios, e depois a outro. Mas não olhava para ele. Bernat vira as camponesas darem de mamar aos seus filhos e, desde a mais remediada à mais humilde, todas esboçavam um sorriso, ou deixavam fechar-se-lhes os olhos, ou acariciavam os filhos enquanto os amamentavam. Francesca, não. Limpava-o e amamentava-o, mas, nos dois meses de vida que já tinha, o filho de Bernat nunca ouvira a mãe falar-lhe com ternura, nunca a vira brincar com ele, levantar-lhe as mãozitas, mordiscar, beijar ou, simplesmente, fazer-lhe uma festa. Que culpa tem ele, Francesca?, pensava Bernat quando pegava em Arnau nos seus braços. Então, levava-o para longe da mãe, para onde podia acariciá-lo e falar-lhe, a salvo da frieza de Francesca.

Porque o filho era dele. “Todos nós, Estanyol, o temos”! dizia Bernat para consigo quando beijava o sinal que Arnau exibia junto à sobrancelha direita. “Todos nós o temos, pai”, repetia depois, levantando o menino para o céu.

Esse sinal depressa se tornou algo mais que um motivo de tranquilidade para Bernat. Quando Francesca ia ao castelo para cozer o pão no forno, as mulheres levantavam a manta que cobria Arnau para o verem. Francesca deixava-as fazê-lo e depois sorriam entre si diante do forno e dos soldados. E quando Bernat ia trabalhar as terras do senhor, os camponeses davam-lhe palmadas nas costas e felicitavam-no, mesmo diante do aguazil que vigiava os trabalhos.

Muitos eram os filhos bastardos de Llorenç de Bellera, mas nunca uma reclamação dera frutos; a palavra dele impunha-se perante a de qualquer ignorante camponesa, embora depois, entre os seus, não deixasse de fazer alarde da sua virilidade. Era evidente que Arnau Estanyol não era seu filho, e o senhor de Navarcles começou a notar sorrisos mordazes nas camponesas que vinham ao castelo; dos seus aposentos, via que cochichavam entre elas, e mesmo com os soldados, sempre que encontravam a mulher de Estanyol. O rumor estendeu-se para além do círculo dos

camponeses, e Llorenç de Bellera tornou-se alvo dos gracejos dos seus iguais.

— Come, Bellera — disselhe sorridente um barão de visita ao castelo. — Chegou-me aos ouvidos que precisas de ganhar forças.

Todos os presentes à mesa do senhor de Navarcles fizeram coro nos risos dessa ocorrência.

— Nas minhas terras — comentou outro — não permito que nenhum camponês ponha em dúvida a minha virilidade.

— Porventura proíbes os sinais? — replicou o primeiro, já sob os efeitos do vinho, e dando azo a sonoras gargalhadas, a que Llorenç de Bellera respondeu com um sorriso forçado.

Aconteceu no início de Agosto. Arnau estava no seu berço, à sombra de uma figueira, no pátio de entrada da casa; a mãe trabalhava entre a horta e os currais, e o pai sempre de olhos postos no berço de madeira, obrigava os bois a pisarem uma e outra vez os cereais que espalhara pela eira, para que as espigas soltassem o precioso grão que os alimentaria durante todo o ano.

Não os ouviram chegar. Três cavaleiros irromperam a galope pela quinta: o aguazil de Llorenç de Bellera e outros dois homens, armados e montados em imponentes animais criados especialmente para guerrear. Bernat percebeu que os cavalos não estavam armados como nas cavalgadas ordenadas pelo seu senhor. Provavelmente, não tinham considerado necessário armá-los para intimidar um simples camponês. O aguazil manteve-se um pouco afastado, mas os outros dois, já a passo, esporearam as suas montadas para o local onde se encontrava Bernat. Os cavalos, treinados para a guerra, não hesitaram, e lançaram-se sobre ele. Bernat retrocedeu, aos tropeções, até que caiu por terra, muito perto dos cascos dos inquietos animais. Só então os cavaleiros deram ordens para que parassem.

— O teu senhor — gritou o aguazil —, Llorenç de Bellera, reclama os serviços da tua mulher para amamentar Don Jaume, filho da tua senhora, Dona Catarina. — Bernat tentou levantar-se, mas um dos cavaleiros voltou a esporear o cavalo. O aguazil dirigiu-se para onde se encontrava Francesca. — Pega no teu filho e acompanha-nos! — ordenou.

Francesca tirou Arnau do berço e começou a caminhar cabisbaixa, atrás do cavalo do aguazil. Bernat gritou e tentou pôr-se de pé, mas antes que o conseguisse, um dos cavaleiros lançou o cavalo contra ele e derrubou-o. Tentou de novo, por várias vezes, e sempre com o mesmo resultado: os dois cavaleiros brincavam com ele, perseguindo-o e derrubando-o, enquanto riam. Por fim, cambaleando e ferido, ficou estendido no chão, junto às patas dos animais, que não paravam de morder os freios. Quando o aguazil se perdeu na distância, os dois soldados deram meia-volta e esporearam as suas montadas.

Quando o silêncio tornou a cair sobre a casa, Bernat olhou para o rasto de poeira que os cavaleiros deixavam atrás de si, e depois dirigiu o olhar para os bois, que pastavam nas espigas que tinham pisado repetidamente.

Desde esse dia, Bernat passou a tratar mecanicamente dos animais e dos campos, com os pensamentos fixos no filho. De noite, vagueava pela casa, recordando aquele sussurro infantil que lhe falava de vida e de futuro, o ranger da madeira do berço quando Arnau se mexia, o choro agudo com que reclamava a comida. Tentava cheirar, nas paredes da casa, em todos os recantos, o aroma de inocência do seu filho. Onde dormiria agora? Ali estava o berço, aquele berço que fizera com as suas próprias mãos. Quando conseguia conciliar o sono, era o silêncio que o fazia acordar. Então, Bernat encolhia-se sobre o colchão e deixava passar as horas, tendo por única companhia os sons dos animais no piso térreo.

Bernat acorria regularmente ao castelo de Llorenç de Bellera, para cozer o pão que agora Francesca não lhe trazia, encerrada e à disposição de Dona Catarina e do caprichoso apetite do filho desta. O castelo — como lhe contara o pai quando ambos tinham tido de lá ir — não fora, inicialmente, mais do que uma torre de vigia no cimo de um pequeno promontório. Os antecessores de Llorenç de Bellera tinham aproveitado o vazio de poder que se seguira à morte do conde Ramon Borrel para fortificarem, a expensas do trabalho dos camponeses e das suas cada vez mais extensas terras. Em redor da torre de menagem, ergueram-se, sem ordem nem harmonia, o forno, a forja, umas cavalariças novas e maiores, celeiros, cozinhas e aposentos.

Castelo de Llorenç de Bellera distava mais de uma légua da casa dos Estanyol. Das primeiras vezes, Bernat não conseguiu obter notícias do filho. Perguntasse a quem perguntasse, a resposta era sempre a mesma: a sua mulher e o seu filho estavam nos aposentos privados de Dona Catarina. A única diferença residia em que, ao responder-lhe, uns riam cinicamente, e outros baixavam os olhos como se não quisessem enfrentar o pai da criatura. Bernat suportou as desculpas durante um longo mês, até que, um dia em que saía do forno com dois pães de farinha de fava, deu com um dos esquálidos aprendizes da forja, a quem já algumas vezes interrogara sobre o seu filho.

— Que sabes do meu Arnau? — perguntou-lhe.

Não havia ninguém à vista. O rapaz tentou esquivar-se, como se não tivesse ouvido, mas Bernat agarrou-o pelo braço.

— Perguntei-te o que sabes do meu Arnau.

— A tua mulher e o teu filho… — começou o rapaz a recitar, com os olhos no chão.

— Já sei onde estão — interrompeu-o Bernat. — O que te pergunto é se o meu Arnau está bem.

O rapaz, ainda de olhos baixos, remexeu os pés sobre a areia do chão. Bernat sacudiu-o.

— Ele está bem?

O aprendiz não levantava os olhos, e a atitude de Bernat tornou-se violenta.

— Não! — gritou o rapaz.

Bernat cedeu, para o encarar.

— Não — repetiu.

Os olhos de Bernat interrogavam-no.

— Que se passa com o menino?

— Não posso…Temos ordens para não te dizer...— a voz do rapaz esmorecia.

— Que se passa com o meu filho? Que se passa? Responde-me!

— Não posso. Não podemos…

— Isto far-te-ia mudar de opinião? — perguntou, aproximando um pão do rapaz.

Os olhos do aprendiz arregalaram-se. Sem responder, arrancou o pão das mãos de Bernat e trincou-o como se não comesse havia vários dias. Bernat arrastou-o para onde ficassem ao abrigo de olhares.

— Que se passa com o meu Arnau? — inquiriu com ansiedade.

O rapaz olhou-o, de boca cheia, e fez-lhe sinal para que o seguisse. Avançaram às escondidas, colados às paredes, até à forja. Fecharam as portas e dirigiram-se para a parte traseira. O rapaz abriu a portinhola de um cubículo anexo à forja, onde se guardavam ferramentas e materiais, e entrou, seguido por Bernat. Assim que entrou, o rapaz sentou-se no chão e atacou o pão. Bernat perscrutou o interior do aposento. Fazia um calor sufocante. Não viu nada que pudesse fazê-lo entender por que razão o rapaz o levara ali. No chão só havia ferramentas e ferros velhos.

Bernat interrogou o rapaz com o olhar. Este, que mastigava com gosto, respondeu apontando-lhe uma das esquinas do aposento, e, com os gestos, instou-o a dirigir-se lá.

Sobre uns troncos de madeira, abandonado e desnutrido, numa grande cesta de esparto rasgada, encontrava-se o menino, à espera da morte. A branca camisa de linho estava suja e esfarrapada. Bernat não conseguiu sufocar o grito que se gerou dentro de si. Foi um grito surdo, um soluço quase inumano. Agarrou Arnau e apertou-o contra si. A criança respondeu debilmente, muito debilmente, mas fê-lo.

— O senhor ordenou que o teu filho permanecesse aqui — ouviu o aprendiz a dizer-lhe. — No princípio, a tua mulher vinha aqui várias vezes por dia e acalmava-o, dando-lhe de mamar — Bernat, com lágrimas nos olhos, apertava o pequeno corpinho contra o peito, tentando insuflar-lhe vida. — Primeiro, foi o aguazil — prosseguiu o rapaz. — A tua mulher resistiu e gritou... Eu vi, porque estava na forja — apontou para uma abertura nas tábuas de madeira da parede. — Mas o aguazil é muito forte... Quando acabou, entrou o senhor, acompanhado por alguns soldados. A tua mulher estava caída no chão, e o senhor começou a rir-se dela. Depois, riram-se todos. A partir de então, cada vez que a tua mulher vinha amamentar o teu filho, os soldados esperavam-na junto à porta. Ela não se podia opor. Desde há alguns dias que já mal cá

vem. Os soldados... qualquer um deles, apanham-na assim que sai dos aposentos de Dona Catarina. E já não tem tempo para vir aqui. Às vezes, o senhor vê-os, mas a única coisa que faz é rir-se.

Sem pensar duas vezes, Bernat levantou a camisa e meteu debaixo dela o corpito do filho; depois, sobre a camisa, disfarçou o vulto com o pão que lhe restava. O pequenito nem se mexeu. O aprendiz levantou-se bruscamente, enquanto Bernat se aproximava da porta.

— O senhor proibiu. Não podes!

— Larga-me, rapaz!

O jovem tentou antecipar-se. Bernat não hesitou. Segurando com uma mão o pão e o pequeno Arnau, agarrou com a outra uma barra de ferro que estava pendurada na parede e voltou-se com um movimento desesperado. A barra atingiu o rapaz na cabeça precisamente no momento em que este ia a sair do cubículo. O rapaz caiu no chão sem ter tempo de pronunciar uma palavra. Bernat nem sequer olhou para ele. Limitou-se a sair e fechar a porta atrás de si.

Não teve qualquer problema em sair do castelo de Llorenç de Bellera. Ninguém poderia imaginar que, debaixo do pão, Bernat levava o corpo magro do seu filho. Só depois de ter passado pela porta do castelo pensou em Francesca e nos soldados. Indignado, recriminou-a mentalmente por ela não ter sequer tentado comunicar com ele, avisá-lo do perigo que o filho corria, que não tivesse lutado por Arnau... Bernat apertou o corpo do filho e pensou na mãe, que era violada pelos soldados enquanto Arnau esperava a morte deitado sobre uns troncos de madeira ascorosos.

Quanto tempo demorariam a dar com o rapaz que ele tinha derrubado? Estaria morto? Tinha fechado a porta do cubículo? As perguntas assaltavam Bernat enquanto percorria o caminho de regresso. Sim, fechara-a. Recordava-se vagamente de o ter feito.

Assim que dobrou a primeira esquina do caminho serpenteante que levava ao castelo e este desapareceu momentaneamente da sua vista, Bernat destapou o filho; os olhos de Arnau, apagados, pareciam perdidos. Pesava menos que o pão! Os seus bracinhos e pernas... Revolveu-se-lhe o estômago e fez-se-lhe um nó na garganta. As lágrimas começaram a correr-lhe. Disse a si próprio

que não era o momento para chorar. Sabia que os perseguiriam, que lhes lançariam os cães, mas... de que lhe servia fugir, se o menino não sobreviveria? Bernat afastou-se do caminho e escondeu-se atrás de ums matagais. Ajoelhou-se, deixou o pão no chão e agarrou Arnau com ambas as mãos, para o erguer até ao rosto. A criança permaneceu inerte diante dos seus olhos, com a cabecita caída, pendurada. “Arnau!”, sussurrou Bernat. Sacudiu-o com suavidade, uma e outra vez. Os olhitos da criança moveram-se, para olhar para ele. Com o rosto cheio de lágrimas, Bernat deu-se conta de que o menino nem sequer tinha forças para chorar. Deitou-o sobre um dos braços, esmigalhou um pedacinho de pão, molhou-o com saliva e aproximou-o da boca da criança. Arnau não reagiu, mas Bernat insistiu até que conseguiu meter-lho na pequena boca. Esperou. “Engole, meu filho”, suplicou-lhe. Os lábios de Bernat tremeram perante uma quase imperceptível contracção da garganta de Arnau. Esmagou mais pão e repetiu com ansiedade a operação. Arnau tornou a engolir, e fê-lo mais sete vezes.

— Vamos sair desta — disselhe. — Prometo-te.

Bernat regressou ao caminho. Continuava tudo calmo. Decerto ainda não tinham descoberto o rapaz; caso contrário, teria ouvido algazarra. Por um momento, pensou em Llorenç de Bellera: cruel, ruim, implacável. Que satisfação lhe daria dar caça a um Estanyol!

— Havemos de sair desta, Arnau — repetiu, desatando a correr em direcção a casa.

Percorreu o caminho sem olhar para trás. Nem sequer quando chegou se permitiu um momento de descanso; deixou Arnau no berço, agarrou num saco e encheu-o de trigo moído e de legumes secos, uma bexiga cheia de água e outra cheia de leite, carne salgada, uma escudela, uma colher e roupa, algum dinheiro que tinha escondido, uma faca de caça e a sua balestra... Que orgulho tinha o pai nesta balestra, pensou, enquanto a sopesava. Lutou ao lado do conde Ramon Borrell quando os Estanyol eram livres, repetia-lhe sempre que o ensinava a usá-la. Livres! Bernat atou o menino ao peito e carregou tudo o resto. Seria sempre um servo, a não ser que...

— Por agora, seremos fugitivos — disse ao filho, antes de se lançar para o monte. — Ninguém conhece estes montes melhor que

os Estanyol — assegurou-lhe, já no meio das árvores. — Sempre caçámos nestas terras, sabes? — Bernat avançou por entre a folhagem até chegar a um riacho, meteu-se nele com a água até aos joelhos e começou a subir o seu curso. Arnau fechara os olhos e dormia, mas Bernat continuava a falar com ele. — Os cães do senhor não são muito rápidos, maltrataram-nos demasiado. Chegaremos até lá acima, onde o bosque se adensa e se torna difícil andar a cavalo. Os senhores só caçam a cavalo, nunca chegam a esta zona. Rasgariam as suas vestes. E os soldados... Para que haviam de vir caçar para aqui? Com a comida que nos roubam, têm que lhes chegue. Vamos esconder-nos, Arnau. Ninguém conseguirá encontrar-nos, juro-te — Bernat acariciou a cabeça do filho enquanto continuava a subir contra a corrente.

A meio da tarde, fez uma paragem. O bosque tornara-se tão frondoso que as árvores invadiam as margens do riacho e cobriam por completo o céu. Sentou-se sobre uma rocha e olhou para as pernas, brancas e enrugadas pela água. Só então notou a dor, mas não se importou. Desfez-se da carga e desatou Arnau. O menino abrira os olhos. Diluiu leite em agua e adicionou-lhe trigo moído, remexeu a mistura e aproximou a escudela dos lábios do pequenito. Arnau rejeitou-a, com um esgar. Bernat limpou um dedo no riacho, molhou-o na comida e tentou de novo. Depois de várias tentativas, Arnau correspondeu e permitiu que o pai o alimentasse com o dedo; depois, fechou os olhos e adormeceu. Bernat comeu apenas um pouco de carne salgada. Teria gostado de descansar um pouco, mas ainda lhe faltava uma boa distância.

A gruta dos Estanyol, como lhe chamava o seu pai. Chegaram lá quando já tinha anoitecido, depois de terem feito outra paragem para que Arnau comesse. Entrava-se na gruta por uma estreita fenda aberta nas rochas, que Bernat, o seu pai e também o seu avô fechavam por dentro com troncos, para dormirem ao abrigo do mau tempo e dos animais, quando saíam para caçar.

Acendeu um fogo à entrada da gruta e entrou nela com uma acha, para se assegurar de que não estivesse a ser ocupada por algum animal; depois, acomodou Arnau sobre um colchão improvisado com o saco e com ramos secos, e voltou a dar-lhe de comer. O pequenito aceitou o alimento e caiu num sono profundo,

tal como Bernat, que nem sequer foi capaz de comer a carne salgada. Ali estariam a salvo do senhor, pensou, antes de fechar os olhos e compassar a sua respiração com a do filho.

Llorenç de Bellera saiu a galope desenfreado com os seus homens, assim que o mestre da forja encontrou o aprendiz, morto no meio de um charco de sangue. O desaparecimento de Arnau e o facto de o pai ter sido visto no castelo apontaram imediatamente para a culpa de Bernat. O senhor de Navarcles, que esperava montado a cavalo em frente à porta da casa dos Estanyol, sorriu quando os seus homens lhe disseram que o interior estava remexido e que, ao que parecia, Bernat tinha fugido com o filho.

— Depois da morte do teu pai, ainda te livraste — vociferou — mas agora será tudo meu. Procurem-no! — gritou aos homens. Depois, virou-se para o aguazil: — Faz uma relação de todos os bens, haveres e animais desta propriedade e trata de que não falte nem uma libra de cereal. Depois, procura Bernat.

Ao fim de vários dias, o aguazil compareceu diante do seu senhor, na torre de menagem do castelo:

— Procurámos em todas as outras quintas, nos bosques e nos campos. Não há nem rasto de Estanyol. Deve ter fugido para alguma cidade, talvez para Manresa, ou...

Llorenç de Bellera mandou-o calar com um gesto da mão.

— Acabará por cair. Manda aviso a todos os outros senhores e aos nossos agentes nas cidades. Diz-lhes que fugiu um servo das minhas terras e que deve ser detido. — Nesse momento, apareceram Francesca e Dona Catarina, com Jaume, o filho desta, nos braços da primeira. Llorenç de Bellera observou-a e fez um gesto sacudido; já não precisava dela. — Senhora — disse para a mulher —, não compreendo como permitis que uma meretriz amamente o meu filho. — Dona Catarina estremeceu. — Acaso não sabeis que a vossa ama é a mulher de toda a soldadesca?

Dona Catarina arrancou o filho dos braços de Francesca.

Quando Francesca soube que Bernat tinha fugido com Arnau, interrogou-se sobre o que seria feito do filho. As terras e propriedades dos Estanyol pertenciam agora ao senhor de Bellera. Não tinha a quem pedir ajuda e, entretanto, os soldados continuavam a aproveitar-se dela. Um pedaço de pão duro, uma

verdura podre, por vezes algum osso para roer: tal era o preço do seu corpo.

Nenhum dos numerosos camponeses que iam ao castelo se dignou sequer a olhar para ela. Francesca tentou aproximar-se de alguns, mas afastaram-na. Não se atreveu a regressar a casa dos pais, porque a mãe a repudiara publicamente, diante do forno do pão, e assim se viu obrigada a permanecer na proximidade do castelo, como mais um dos muitos mendigos que se aproximavam das muralhas para procurar por entre o lixo. O seu único destino parecia ser o de ir passando de mão em mão, a troco das sobras do rancho do soldado que a tivesse escolhido nesse dia.

Chegou Setembro. Bernat já vira o filho sorrir e gatinhar pela gruta e pelos arredores. No entanto, as provisões começavam a escassear, e o Inverno estava a chegar. Chegara o momento de partir.

CAPITULO 4

A cidade estendia-se aos seus pés.

— Olha, Arnau — disse Bernat ao menino, que dormia placidamente encostado ao seu peito —, Barcelona. Ali seremos livres.

Desde a sua fuga com Arnau, Bernat não parara de pensar naquela cidade, grande esperança de todos os servos. Bernat ouvira falar dela sempre que iam trabalhar nas terras do senhor, ou reparar as muralhas do castelo, ou fazer qualquer outro trabalho de que o senhor necessitasse. Sempre cuidadosos para que os soldados e o aguazil não os ouvissem, esses sussurros nunca tinham despertado em Bernat mais do que simples curiosidade. Era feliz nas suas terras e nunca abandonaria o pai. E também não poderia fugir com ele. No entanto, depois de ter perdido as suas terras, quando, durante a noite via dormir o filho, no interior da gruta dos Estanyol, aqueles comentários tinham começado a ganhar vida, até ecoarem no interior da gruta.

“Se se consegue viver lá durante um ano e um dia sem se ser detido pelo senhor”, lembrava-se de ter ouvido, “ganha-se a carta de vizinhança e alcança-se a liberdade.” Nessa ocasião, todos os

servos tinham guardado silêncio. Bernat olhara-os: alguns tinham os olhos fechados e os lábios cerrados, outros faziam que não com a cabeça, e os restantes sorriam, olhando para o céu.

— E apenas é preciso viver na cidade? — rompera o silêncio um rapaz, um dos que tinha olhado para o céu, sonhando certamente com poder quebrar as cadeias que o amarravam à terra. — Porque se pode ganhar a liberdade em Barcelona?

O mais idoso respondera-lhe, pausadamente:

— Sim, não é preciso nada mais. Basta viver lá durante esse tempo. — O rapaz, com os olhos brilhantes, instara-o a continuar. — Barcelona é muito rica. Durante muitos anos, desde Jaime, o Conquistador, até Pedro, o Grande, os reis pediram dinheiro à cidade para as suas guerras ou para as suas cortes. Durante todos esses anos, os cidadãos de Barcelona concederam esses dinheiros, mas em troca de privilégios especiais, até que o próprio Pedro, o Grande, em guerra com a Sicília, os resumiu num código... — O velho titubeara: — Kecognoverunt próceres, creio que assim se chama. É aí que diz que podemos alcançar a liberdade. Barcelona precisa de trabalhadores, de trabalhadores livres.

No dia seguinte, aquele rapaz não aparecera à hora marcada pelo senhor. E também não o fez no dia seguinte. O pai, em contrapartida, continuava a trabalhar, em silêncio. Ao fim de três meses, tinham-no trazido, agrilhoado, caminhando diante de um chicote; no entanto, todos supuseram ver no seu olhar uma centelha de orgulho.

Do alto da serra de Collserola, na antiga via romana que unia Ampurias a Tarragona, Bernat contemplou a liberdade... e o mar! Jamais vira, nem imaginara, aquela imensidão que parecia não ter fim. Sabia que para além daquele mar existiam terras catalãs, porque assim diziam os mercadores, mas... era a primeira vez que encontrava algo de que não podia ver o fim. “Por detrás daquela montanha... Depois de atravessar aquele rio...” Sempre pudera apontar um local, indicar um ponto a um estrangeiro que perguntasse... Mirou o horizonte que se unia com as águas. Permaneceu uns instantes com o olhar fixo na distância, enquanto acariciava a cabeça de Arnau, aqueles cabelos rebeldes que lhe tinham crescido enquanto tinham estado no monte.

Depois, dirigiu o olhar para onde o mar se fundia com a terra. Cinco navios destacavam-se na orla, junto ao ilhote de Maians. Até esse dia, Bernat apenas vira desenhos de barcos. A sua direita elevava-se a montanha de Montjuic, também aflorando o mar; aos seus pés, campos e planícies e, depois, Barcelona. Do centro da cidade, onde se elevava o monte Taber, um pequeno promontório, centenas de construções derramavam-se em redor; algumas baixas, engolidas pelas suas vizinhas, e outras majestosas: palácios, igrejas, mosteiros... Bernat perguntava-se quantas pessoas viveriam ali. Porque de repente Barcelona acabava. Era como uma colmeia rodeada de muralhas, a não ser pelo lado do mar, e para lá das muralhas eram apenas campos. Quarenta mil pessoas, ouvira dizer.

— Como nos vão encontrar, entre quarenta mil pessoas? — murmurou olhando para Arnau. — Serás livre, filho.

Ali poderiam esconder-se. Procuraria a irmã. Mas Bernat sabia que antes disso teria de cruzar as portas. E se o senhor de Bellera tivesse dado a sua descrição? Aquele sinal... Pensara nisso ao longo de três noites de caminho desde o monte. Sentou-se no chão e agarrou numa lebre que caçara com a balestra. Degolou-a e deixou que o sangue caísse na palma da mão, onde tinha um pequeno monte de areia. Remexeu o sangue e a areia, e quando a mistura começou a secar, espalhou-a sobre o olho direito. Depois, guardou a lebre no saco.

Quando notou que a pasta estava seca e não podia abrir o olho, começou a descida em direcção ao portão de Santa Anna, na parte mais setentrional da muralha ocidental. Ali pessoas faziam fila no caminho de acesso à cidade. Bernat juntou-se à fila, arrastando os pés, com discrição, sem deixar de acariciar o menino, que já estava acordado. Um camponês descalço e encolhido sob um enorme saco de nabos voltou a cabeça para ele. Bernat sorriu-lhe.

— Lepra! — gritou o camponês, deixando cair o saco e afastando-se de um salto do caminho.

Bernat viu como toda a fila, até à porta, desaparecia para as bermas do caminho, uns para um lado, outros para o outro; afastaram-se dele e deixaram o acesso à cidade pejado de objectos, comida, diversas carroças e algumas mulas. E, no' meio de tudo

isto, os cegos que costumavam pedir junto ao portal de Santa Anna agitavam-se, por entre gritos.

Arnau começou a chorar, e Bernat viu que os soldados desembainhavam as espadas e fechavam as portas.

— Vai para a leprosaria! — gritou-lhe alguém de longe.

— Não é lepra! — protestou Bernat. — Espetei um galho no olho! Olhem! — Ergueu as mãos e mostrou-as. Depois, pousou Arnau no chão e começou a despir-se — Olhem! — repetiu, mostrando todo o seu corpo, forte, inteiro e sem mácula, sem uma única chaga ou sinal. — Olhem! Sou apenas um camponês, mas necessito de um médico que me trate deste olho; senão não poderei continuar a trabalhar.

Um dos soldados aproximou-se dele. O oficial teve de o empurrar com a espada. Parou a uns passos de Bernat e observou-o.

— Vira-te — indicou-lhe, fazendo um sinal com os dedos.

Bernat obedeceu. O soldado virou-se para o oficial e fez que não com a cabeça. Da porta, com uma espada, fizeram um sinal indicando o vulto que estava aos seus pés.

— E a criança?

Bernat agachou-se para apanhar Arnau. Destapou-o, com a parte direita da cara do menino encostada ao peito, e mostrou-o na horizontal, como se o oferecesse, segurando-o pela cabeça; com os dedos, tapou o sinal.

O soldado voltou a fazer sinal que não, olhando para a porta.

— Tapa essa ferida, camponês — disselhe. — Caso contrário, não conseguirás dar um passo na cidade.

As pessoas regressaram ao caminho. As portas de Santa Anna abriram-se de novo e o camponês dos nabos recolheu o seu saco sem olhar para Bernat.

Este cruzou o portal com o olho direito tapado por uma camisa de Arnau. Os soldados seguiram-no com o olhar, mas agora, como poderia não chamar a atenção, com uma camisa a tapar-lhe metade do rosto? Deixou a colegiada de Santa Anna à esquerda e continuou a andar atrás das pessoas que entravam pela cidade. Virando à direita, chegou à Praça de Santa Anna. Caminhava cabisbaixo... Os camponeses começaram a dispersar pela cidade;

os pés descalços, as alcofas e as cestas foram desaparecendo e Bernat deu consigo a olhar para umas pernas cobertas com meias de seda de cor vermelha como o fogo e que terminavam nuns sapatos verdes de tecido fino, sem sola, ajustados aos pés e terminados em ponta, com um bico tão longo que dele saía uma correiazinha de ouro que se abraçava ao tornozelo.

Sem pensar, levantou o olhar e deparou com um homem usando um chapéu largo. Exibia uma veste negra debruada com fios de prata e ouro, um cinturão também bordado a ouro e colares de pérolas e pedras preciosas. Bernat ficou a olhar para ele de boca aberta. O homem virou-se para o jovem, mas dirigiu o olhar para mais além, como se ele não existisse.

Bernat titubeou, tornou a baixar os olhos e suspirou aliviado, ao ver que o outro não lhe prestara a menor atenção. Percorreu a rua até à catedral, que estava em construção, e pouco a pouco começou a levantar a cabeça. Ninguém olhava para ele. Durante um longo momento ficou a observar como trabalhavam os peões da sé: picavam pedra, deslocavam-se pelos altos andaimes que a rodeavam, levantavam enormes blocos de pedra com polés... Arnau reclamou a sua atenção com um ataque de choro.

— Bom homem — disse a um operário que passava perto dele —, como posso encontrar o bairro dos oleiros? — A sua irmã, Guiamona, casara com um deles.

— Segue por esta mesma rua — respondeu-lhe o homem, apressadamente —, até que chegues à próxima praça, de Sant Jaume. Aí verás uma fonte; vira à direita e continua até chegares à muralha nova, ao portão da Boquería. Não saias para o Raval. Prossegue junto à muralha em direcção ao mar até ao portão seguinte, o de Trentaclaus. Aí fica o bairro dos oleiros.

Bernat tentou em vão assimilar todos aqueles nomes, mas quando ia voltar a perguntar, o homem já tinha desaparecido.

— Segue por esta mesma rua até à Praça de Sant Jaume — repetiu para Arnau. — Disso lembro-me. E uma vez chegados à praça, voltamos a virar à direita, disso também nos lembramos, não é verdade, meu filho?

Arnau parava de chorar sempre que ouvia a voz do pai.

— E agora? — disse em voz alta. Encontrava-se numa nova praça, a de Sant Miquel. — Aquele homem só falou de uma praça, mas não nos podemos ter enganado. — Bernat tentou perguntar a um par de pessoas, mas nenhuma se deteve. — Todos têm pressa — comentou para Arnau, precisamente quando viu um homem parado em frente à entrada de... um castelo? — Aquele ali não parece ter pressa; talvez... Bom homem... — chamou, por detrás do homem, tocando-lhe na capa negra.

Até Arnau, fortemente agarrado ao seu peito, se sobressaltou quando o homem se virou, tal foi o susto de Bernat. O ancião judeu abanou cansadamente a cabeça. Era aquilo que as acesas prédicas dos sacerdotes cristãos conseguiam.

— Diz-me — respondeu-lhe.

Bernat não conseguia afastar o olhar da rodela vermelha e amarela que cobria o peito do ancião. Depois, olhou para o interior daquilo que lhe parecera um castelo amuralhado. Todos os que entravam e saíam eram judeus! Todos traziam aquele sinal. Seria permitido falar com eles?

— Querias alguma coisa? — insistiu o ancião.

— Co... como se chega ao bairro dos oleiros?

— Segue sempre a direito por esta rua — indicou-lhe o ancião com um gesto da mão — e chegarás ao portal da Boquería. Continua pela muralha até ao mar, e na porta seguinte fica o bairro que procuras.

Afinal de contas, os curas só tinham avisado que não se podia ter relações carnais com eles; por isso a Igreja os obrigava a usar aquelas rodelas, para que ninguém pudesse alegar ignorância sobre a condição de qualquer judeu. Os curas falavam sempre deles com grande exaltação e, no entanto, aquele velho...

— Obrigado, bom homem — respondeu Bernat esboçando um sorriso.

— Eu é que te agradeço — respondeu-lhe o velho. — Mas daqui para a frente procura que não te vejam a falar com um de nós... e muito menos a sorrir-nos. — O velho cerrou os lábios num esgar de tristeza.

No portão da Boquería, Bernat deu com um grande grupo de mulheres que compravam carne: tripas e cabra. Durante uns

instantes, observou como elas avaliavam a mercadoria e discutiam com os vendedores. “Esta é a carne que tantos problemas ocasiona ao nosso senhor”, disse para o filho. Depois, riu-se ao pensar em Llorenç de Bellera. Quantas vezes o vira a tentar amedrontar os pastores e ganadeiros que abasteciam de carne a cidade condal! Mas só se atrevia a isso, a amedrontá-los com os seus cavalos e com os seus soldados; quem levasse gado para Barcelona, onde só podiam entrar animais vivos, tinha direito de pasto em todo o principado.

Bernat contornou o mercado e desceu para Trentaclaus. As ruas eram mais largas e, à medida que se aproximava do portão, observou que, diante das casas, dezenas de objectos de cerâmica secavam ao sol: pratos, malgas, panelas, jarros ou ladrilhos.

— Procuro a casa de Grau Puig — disse a um dos soldados que vigiavam o portão.

Os Puig tinham sido vizinhos dos Estanyol. Bernat recordava-se de Grau, o quarto de oito famélicos irmãos que não conseguiam encontrar nas suas escassas terras comida suficiente para todos. A mãe de Bernat gostava muito deles, porque a mãe dos Puig a ajudara a parir o próprio Bernat e a irmã. Grau era o mais desenvolto e mais trabalhador dos oito; por isso, quando Josep Puig conseguiu que um parente admitisse um dos seus filhos como aprendiz de oleiro em Barcelona, ele, com dez anos, fora o escolhido.

Mas se Josep Puig não podia alimentar a família, dificilmente ia poder pagar as duas quartas de trigo branco e os dez soldos que o parente lhe pedia para tomar a seu cargo Grau durante os cinco anos de aprendizagem. A isso seria preciso somar os dois soldos que Llorenç de Bellera exigira por libertar um dos seus servos, e a roupa que Grau teria de levar para os dois primeiros anos de aprendizagem — porque o mestre só se comprometia a vesti-lo durante os três últimos anos.

Por isso, o pai Puig acorreu à casa dos Estanyol, acompanhado do seu filho Grau, pouco mais velho que Bernat e a irmã. O louco Estanyol escutou a proposta de Josep Puig com atenção: se dotasse a sua filha com aquelas quantidades e as adiantasse a Grau, o seu filho casaria com Guiamona aos dezoito anos, quando

já fosse oficial oleiro. O louco Estanyol olhou para Grau; em algumas ocasiões, quando a família do rapaz já não dispunha de outro recurso, tinha ido ajudá-los nos campos. Nunca pedira nada, mas regressara sempre a casa com alguma verdura ou algum cereal. Tinha confiança nele. O louco Estanyol aceitou.

Depois de cinco anos de duro trabalho como aprendiz, Grau conseguiu a categoria de oficial. Seguiu as ordens do mestre que, satisfeito com as suas qualidades, começou a pagar-lhe um soldo. Aos dezoito anos cumpriu a sua promessa e casou com Guiamona.

— Filho — disse Estanyol a Bernat —, decidi dotar de novo Guiamona. Nós somos apenas três e temos as melhores terras da região, as mais extensas e as mais férteis. Eles podem precisar desse dinheiro.

— Pai — interrompeu-o Bernat —, porque me estás a dar explicações?

— Porque a tua irmã já teve o seu dote, e tu és o meu herdeiro. Esse dinheiro pertence-te.

— Faça o que lhe parecer adequado.

Quatro anos depois, aos vinte e dois, Grau apresentou-se ao exame público que se realizava na presença de quatro cônsules da confraria. Realizou as suas primeiras obras: um jarro, dois pratos e uma escudela, sob o olhar atento daqueles homens, que lhe outorgaram a categoria de mestre, o que lhe permitia abrir a sua própria oficina em Barcelona e, claro, usar o selo distintivo dos mestres, que devia ser estampado, prevenindo possíveis reclamações, em todas as peças de cerâmica que saíssem da sua oficina. Grau, em honra do seu apelido, escolheu o desenho de uma montanha.

Grau e Guiamona, que estava grávida, instalaram-se numa pequena casa de um só piso no bairro dos oleiros, que por disposição real estava localizado no extremo ocidental de Barcelona, nas terras situadas entre a muralha construída pelo rei Jaime I e o antigo bastião fortificado da cidade. Para adquirirem a casa, recorreram ao dote de Guiamona, que tinham conservado, sonhando enquanto esperavam um dia como esse.

Ali, onde a oficina e a casa partilhavam o espaço, com o forno de cozedura e os quartos numa mesma divisão, Grau iniciou o seu

labor como mestre num momento em que a expansão comercial catalã estava a revolucionar a actividade dos oleiros e lhes exigia uma especialização que muitos deles, afincados na tradição, recusavam.

— Vamos dedicar-nos aos jarros e às talhas — decidiu Grau. — Apenas jarros e talhas. — Guiamona dirigiu o olhar para as quatro obras-primas que o marido tinha feito. — Vi muitos comerciantes — prosseguiu ele — que mendigavam talhas para comerciar o azeite, o mel e o vinho, e vi mestres ceramistas que os mandavam embora sem contemplações porque tinham os seus fornos ocupados a fabricar as complicadas louças de uma casa nova, os pratos policromos da louça de um nobre ou os potes de um boticário.

Guiamona passou os dedos pelas obras-primas. Que suaves eram ao tacto! Quando Grau, exultante, lhas oferecera depois do exame, ela imaginara que o seu lar estaria sempre rodeado de peças como aquelas. Até os cônsules da confraria o tinham felicitado. Naquelas quatro obras, Grau tinha demonstrado a todos os mestres o seu conhecimento do ofício: a jarra, os dois pratos e a escudela, decorados com linhas em ziguezague, folhas de palma, rosetas e flores-de-lis, combinavam, sobre uma camada branca de estanho aplicada previamente, todas as cores: o verde-cobre próprio de Barcelona, irrecusável em qualquer obra de qualquer mestre da cidade condal, o púrpura do manganês, o preto de ferro, o azul-cobalto ou o amarelo-antimónio. Cada linha e cada desenho eram de uma cor diferente. Guiamona mal pudera esperar enquanto as peças coziam, por temor de que se partissem. Para terminar, Grau aplicara-lhes uma camada transparente de verniz de chumbo vitrificado que as impermeabilizava completamente. Guiamona voltou a sentir a suavidade das peças nas pontas dos seus dedos. E agora... ia dedicar-se apenas às talhas.

Grau aproximou-se da mulher.

— Não te preocupes — tranquilizou-a —, para ti, continuarei a fabricar peças como estas.

Grau acertou. Encheu a estufa da sua oficina humilde com jarras e talhas, e logo os comerciantes souberam que na oficina de Grau Puig poderiam encontrar, a partir desse momento, tudo o que

precisavam. Já ninguém precisaria mais de mendigar a mestres soberbos.

Por isso, a casa diante da qual pararam Bernat e o pequeno Arnau, que estava acordado e reclamava a sua comida, distava muito dessa primeira casa-oficina. O que Bernat pôde ver com o olho esquerdo era um grande edifício de três andares. No piso térreo, aberto para a rua, encontrava-se a oficina, e nos dois andares de cima viviam o mestre e a sua família. A um dos lados da casa havia uma horta e um jardim, e do outro construções auxiliares que davam para os fornos de cozedura e para um grande terreiro onde armazenavam ao sol uma infinidade de jarras e talhas de diversos tipos, tamanhos e cores. Por detrás da casa, conforme exigiam as ordenações municipais, abria-se um espaço destinado à descarga e armazenamento da argila e de outros materiais de trabalho. Também se guardavam ali as cinzas e outros resíduos das cozeduras que os oleiros estavam proibidos de deitar para as ruas da cidade.

Na oficina, visível da rua, havia dez pessoas a trabalhar freneticamente. Pelo aspecto, nenhuma delas era Grau. Bernat viu que, junto à porta de entrada, ao lado de um carro de bois carregado de talhas novas, dois homens se despediam. Um subiu para o carro e partiu. O outro estava bem vestido e, antes que entrasse para a oficina, Bernat chamou a atenção dele.

— Espera! — O homem olhou enquanto Bernat se aproximava dele. — Procuro Grau Puig — disselhe. O homem examinou-o de alto a baixo.

— Se procuras trabalho, não precisamos de ninguém. O mestre não pode perder tempo — disselhe, com maus modos —, e eu também não — acrescentou, começando a voltar-lhe as costas.

— Sou parente do mestre.

O homem estacou, antes de se voltar violentamente.

— Por acaso o mestre não te pagou o suficiente? Porque continuas a insistir? — resmungou entredentes e empurrando Bernat. Arnau começou a chorar. — Digo-te já que, se tornas a aparecer por aqui, te denunciamos. Grau Puig é um homem importante, sabes?

Bernat tinha retrocedido à medida que o homem o empurrava, sem saber ao que ele se referia.

— Ouve-me — defendeu-se —, eu...

Arnau berrava.

— Não me ouviste? — gritou por cima do choro de Arnau. No entanto, uns gritos ainda mais fortes saíram de uma das janelas do andar de cima.

— Bernat! Bernat!

Bernat e o homem voltaram-se para uma mulher que, com metade do corpo fora da janela, agitava os braços.

— Guiamona! — gritou Bernat, devolvendo a saudação. A mulher desapareceu e Bernat virou-se para o homem dos olhos semicerrados.

— A senhora Guiamona conhece-te? — perguntou-lhe.

— É a minha irmã — respondeu Bernat secamente. — E, para que saibas, a mim nunca ninguém me pagou nada.

— Lamento — desculpou-se o homem, agora atrapalhado. — Referia-me aos irmãos do mestre: primeiro um, depois outro, e depois outro, e outro.

Quando viu que a irmã saía de casa, Bernat deixou-o com as palavras na boca e correu a abraçá-la.

— E Grau? — perguntou Bernat à irmã, depois de terem entrado, de ter limpo o sangue do olho, de entregar Arnau à escrava moura que cuidava dos filhos pequenos de Guiamona e de Grau, e de ver como ele devorava uma malga de leite com cereais. — Gostaria de lhe dar um abraço.

Guiamona mudou de expressão.

— Grau mudou muito. Agora é rico e importante — Guiamona apontou para os numerosos baús que havia junto às paredes, para um armário, móvel que Bernat nunca vira, com alguns livros e peças de cerâmica, para os tapetes que embelezavam o chão e para os reposteiros e cortinas que pendiam das janelas e dos tectos. — Agora quase já nem se preocupa com a oficina, ou com o selo; quem gere tudo é Jaume, o seu primeiro oficial, aquele com quem tropeçaste na rua. Grau dedica-se ao comércio: barcos, vinho, azeite... Agora é cônsul da confraria; portanto, segundo os Usatges, é um prócere, e um cavalheiro, e está pendente de que o nomeiem

membro do Conselho dos Cem da cidade — Guiamona deixou que o seu olhar vagueasse pela casa. — Já não é o mesmo, Bernat.

— Tu também mudaste muito — interrompeu-a Bernat. Guiamona olhou para o seu corpo de matrona e assentiu, sorrindo. — Esse Jaume — continuou Bernat — disseme qualquer coisa sobre os parentes de Grau. A que se referia ele?

Guiamona abanou a cabeça, antes de responder.

— Pois... referia-se a que, assim que se inteiraram de que o irmão era rico, todos eles, irmãos, primos e sobrinhos, começaram a aparecer na oficina. Todos fugiam das suas terras para vir em busca da ajuda de Grau. — Guiamona não pôde deixar de perceber a expressão do irmão. — Também tu? — Bernat assentiu. — Mas... Se tinhas umas terras esplêndidas!

Guiamona não conseguiu conter as lágrimas ao escutar a história de Bernat. Quando este lhe contou acerca do rapaz da forja, levantou-se e ajoelhou-se junto à cadeira em que estava o irmão.

— Não contes isso a ninguém — aconselhou-o. Depois, continuou a ouvi-lo, com a cabeça apoiada na perna dele. — Não te preocupes — soluçou quando Bernat, por fim, terminou o seu relato —, vamos ajudar-te.

— Irmã — disselhe Bernat, acariciando-lhe a cabeça —, como vais tu ajudar-me, se Grau não ajudou sequer os seus próprios irmãos?

— Porque o meu irmão é diferente! — gritou Guiamona, fazendo Grau retroceder um passo.

Já tinha anoitecido quando o marido chegara a casa. O pequeno e magro Grau, todo ele nervo, subiu a escada resmungando impropérios. Guiamona esperava-o e ouviu-o chegar. Jaume já informara Grau da nova situação: “O vosso cunhado dorme no palheiro junto com os aprendizes, e o menino... com os vossos filhos.”

Grau dirigiu-se rapidamente à mulher, assim que se encontrou com ela.

— Como te atreveste? — gritou-lhe ao ouvir as primeiras explicações dela. — É um servo fugitivo! Sabes o que isso significaria, se o encontrassem em nossa casa? A minha ruína! Seria a minha ruína!

Guiamona ouviu-o sem interromper, enquanto ele andava às voltas e gesticulava em redor dela, mais alta do que ele uma cabeça.

— Estás louca! Mandei os meus próprios irmãos em navios para o estrangeiro! Dotei as mulheres da minha família para que casassem com gente de fora, e tudo para que ninguém pudesse acusar de nada esta família, e agora tu... Porque havia eu de agir de maneira diferente com o teu irmão?

— Porque o meu irmão é diferente — gritou-lhe Guiamona, para sua surpresa.

Grau hesitou.

— O quê? Que queres tu dizer?

— Sabes muito bem. Não me parece que precise de te lembrar.

Grau desviou o olhar.

— Precisamente hoje — murmurou —, estive reunido com um dos cinco conselheiros da cidade para que, como cônsul da confraria, que sou, me elejam membro do Conselho dos Cem. Parece que já consegui colocar a meu favor três dos cinco conselheiros, e ainda me faltam o bailio e o corregedor. Dás-te conta do que diriam os meus inimigos se se inteirassem de que proporcionei amparo a um servo fugitivo?

Guiamona dirigiu-se ao marido com doçura:

— Devemos-lhe tudo a ele.

— Sou apenas um artesão, Guiamona. Rico, mas artesão. Os nobres desprezam-me e os mercadores odeiam-me por mais que se associem comigo. Se soubessem que demos refúgio a um foragido... Sabes o que diriam os nobres que têm terras?

— Devemos-lhe tudo a ele — repetiu Guiamona.

— Muito bem, pois então damos-lhe dinheiro, e que se vá.

— Precisa da liberdade. Um ano e um dia.

Grau voltou a passear com nervosismo pela sala. Depois, levou as mãos ao rosto.

— Não podemos — disse por entre as mãos. — Não podemos, Guiamona — repetiu, olhando para ela. — Imaginas...?

— Imaginas! Imaginas! — interrompeu-o ela, voltando a levantar a voz. — E tu imaginas o que aconteceria se o expulsássemos daqui? Se fosse detido pelos agentes de Llorenç de Bellera, ou

pelos teus próprios inimigos, e toda a gente ficasse a saber que lhe deves tudo a ele, a um servo fugitivo que consentiu num dote a que não estava obrigado?

— Estás a ameaçar-me?

— Não, Grau, não. Mas está escrito. Tudo está escrito. Se não queres fazê-lo por gratidão, fá-lo por ti próprio. É melhor que o mantenhas vigiado. Bernat não abandonará Barcelona; quer a liberdade. Se não o acolheres, terás um fugitivo e uma criança, ambos com um sinal no olho direito, como eu, vagueando por Barcelona, à disposição desses teus inimigos que tanto temes.

Grau Puig olhou fixamente para a mulher. Ia para responder, mas apenas fez um gesto com a mão. Saiu da sala e Guiamona ouviu-o a subir a escada em direcção ao quarto.

CAPÍTULO 5

— O teu filho ficará na casa grande; Dona Guiamona cuidará dele. Quando tiver idade suficiente, entrará para a oficina como aprendiz.

Bernat deixou de prestar atenção ao que Jaume lhe dizia. O oficial apresentou-se ao amanhecer no dormitório. Escravos e aprendizes saltaram das suas enxergas como se tivesse ali entrado o demónio, e saíram tropeçando uns nos outros. Bernat ouviu as palavras dele e disse para si próprio que Arnau estaria bem tratado e acabaria por tornar-se aprendiz, um homem livre com um ofício.

— Entendeste? — perguntou-lhe o oficial.

Perante o silêncio de Bernat, Jaume lançou uma maldição:

— Malditos camponeses!

Bernat esteve a ponto de reagir com violência, mas o sorriso que apareceu no rosto de Jaume deteve-o.

— Tenta — instou-o. — Faz isso, e a tua irmã não terá a que se agarrar. Vou repetir-te o mais importante, camponês: trabalharás de sol a sol, como todos os outros, a troco de cama, comida e roupa... e de que Dona Guiamona se ocupe do teu filho. Estás proibido de entrar na casa; sob nenhum pretexto o poderás fazer. Também estás proibido de sair da oficina antes que decorram o ano e um dia de que precisas para que te concedam a liberdade, e de cada vez que entrar um estranho na oficina deverás esconder-te. Não deves contar a ninguém a tua situação, nem mesmo aos daqui de dentro, se bem que com esse sinal... — Jaume abanou a cabeça. — É esse o acordo a que o mestre chegou com Dona Guiamona. Parece-te bem?

— Quando poderei ver o meu filho? — perguntou Bernat.

— Isso não me diz respeito.

Bernat fechou os olhos. Quando tinham visto Barcelona pela primeira vez, Bernat prometera a Arnau a liberdade. O seu filho não haveria de ter nenhum senhor.

— Que tenho de fazer? — disse por fim.

Carregar lenha. Carregar troncos e mais troncos, centenas deles, milhares deles, os necessários para que os fornos

trabalhassem. E tratar de que estivessem sempre acesos. Transportar argila e limpar; limpar o barro, o pó da argila e a cinza dos fornos. Uma e outra vez, suando e levando a cinza e o pó para as traseiras da casa. Quando regressava, coberto de pó e de cinzas, a oficina estava de novo suja e tinha de recomeçar tudo. Levar as peças para secarem ao sol, ajudado pelos outros escravos e sob o olhar atento de Jaume, que controlava constantemente a oficina, passeando-se por entre eles, gritando, pregando bofetões nos jovens aprendizes e maltratando os escravos, contra os quais não hesitava em usar o chicote, quando alguma coisa não estava a seu gosto.

Numa ocasião em que uma grande vasilha se lhes escapara das mãos quando a levavam para o sol, rolando pelo chão, Jaume começara a chicotear os culpados. A vasilha nem sequer se partira, mas o oficial, gritando como um possesso, açoitava sem piedade os três escravos que, juntamente com Bernat, a tinham transportado; a certa altura, levantou o chicote contra Bernat.

— Faz isso, e mato-te — ameaçou-o Bernat, parado à frente dele.

Jaume vacilou; de queixo erguido, enrubesceu e fez estalar o chicote em direcção aos outros, que já tinham tido o cuidado de se colocar a boa distância. Jaume saiu a correr atrás deles. Ao ver que ele se afastava, Bernat respirou fundo. Contudo, Bernat continuou a trabalhar arduamente, sem necessidade de que alguém o açoitasse. Comia o que lhe punham à frente. Teria gostado de dizer à gorda mulher que os servia que os seus próprios cães tinham sido mais bem alimentados, mas ao ver que os aprendizes e os escravos se lançavam com avidez sobre as escudelas, decidiu calar-se. Dormia no dormitório comum, numa enxerga de palha, debaixo da qual guardava os seus escassos pertences e o dinheiro que tinha conseguido trazer. No entanto, o seu confronto com Jaume parecia ter-lhe granjeado o respeito dos escravos e dos aprendizes, bem como dos outros oficiais, pelo que podia dormir tranquilo, apesar das pulgas, do cheiro a suor e dos roncos.

E tudo isso suportava, apenas pelas duas vezes por semana em que a escrava moura lhe trazia Arnau, geralmente adormecido, quando Guiamona já não precisava dela. Bernat tomava-o nos

braços e aspirava a fragrância de Arnau, o odor a roupa lavada, a cremes para crianças. Depois, com cuidado, para não o acordar, afastava-lhe a roupa, para lhe ver as pernas e os braços, e a barriguita satisfeita. Crescia e engordava. Bernat embalava o filho e voltava-se para Habi-ba, a jovem moura, suplicando-lhe com os olhos um pouco mais de tempo. Por vezes, tentava fazer-lhe uma carícia, mas as suas mãos rugosas magoavam a pele do menino e Habibar etirava-lho sem contemplações. Com o passar dos dias, chegou a um acordo tácito com a moura — ela nunca lhe falava, e acariciava então as rosadas bochechas do pequenito com as costas dos dedos; o contacto com aquela pele fazia-o estremecer. Quando, finalmente, a rapariga lhe indicava por gestos que lhe devolvesse o menino, Bernat beijava-o na testa antes de o entregar.

Com o passar dos meses, Jaume deu-se conta de que Bernat podia realizar um trabalho mais frutífero para a oficina. Ambos tinham aprendido a respeitar-se.

— Os escravos não têm emenda — comentou o oficial a Grau Puig, certa vez. — Só trabalham por medo ao chicote, não têm cuidado nenhum. No entanto, o vosso cunhado...

— Não digas que é meu cunhado! — interrompeu-o Grau mais uma vez; mas essa era uma liberdade a que Jaume gostava de se permitir com o seu mestre.

— O camponês... — corrigiu-se o oficial, simulando embaraço —, o camponês é diferente: põe interesse até mesmo nas tarefas mais insignificantes. Limpa os fornos com um cuidado que nunca antes...

— E que propões tu? — tornou a interrompê-lo Grau, sem levantar os olhos dos papéis que estava a examinar.

— Bem, poderia dedicá-lo a outros trabalhos de mais responsabilidade. E como nos fica tão barato...

Ao ouvir estas palavras, Grau ergueu os olhos para o oficial.

— Não te deixes enganar — disselhe. — Não nos terá custado dinheiro como um escravo, e também não terá um contrato de aprendiz, nem será preciso pagar-lhe como aos oficiais, mas é o trabalhador mais caro que tenho.

— Eu estava a referir-me...

— Eu sei ao que te referias — Grau regressou aos seus papéis. — Faz o que considerares melhor, mas aviso-te: que o camponês nunca esqueça qual é o seu lugar nesta oficina. Se assim não for, expulso-te daqui e jamais serás mestre. Entendido?

Jaume assentiu, mas desde esse dia Bernat passou a ajudar directamente os oficiais; passou, inclusivamente, por cima dos jovens aprendizes, incapazes de manejar os grandes e pesados moldes de argila refractária que suportavam a temperatura necessária para cozer a louça ou a cerâmica. Com estes moldes faziam grandes talhas bojudas, de boca estreita e gargalo muito curto, de base plana e estreita, com capacidade até duzentos e oitenta litros, e destinadas ao transporte de cereais ou de vinho. Até aí, Jaume tinha tido de dedicar a estas tarefas pelo menos dois dos seus oficiais; com a ajuda de Bernat, bastava um para levar a cabo todo o processo; fazer o molde, cozê-lo, aplicar à talha uma camada de óxido de estanho e de óxido de chumbo como fundente, e metê-la num segundo forno, a temperatura mais baixa, a fim de que o estanho e o chumbo se fundissem e misturassem, proporcionando à peça um revestimento impermeável vidrado, de cor branca.

Jaume andou preocupado com o resultado da sua decisão, até que por fim se deu por satisfeito: aumentara consideravelmente a produção da oficina e Bernat continuava a pôr o mesmo cuidado nos seus labores. “Mais até do que alguns dos oficiais!”, viu-se Jaume obrigado a reconhecer, numa das ocasiões em que se aproximara de Bernat e do oficial de turno para estampar o selo do mestre na base do gargalo de uma nova talha.

Jaume tentava ler os pensamentos que se escondiam por detrás do olhar do camponês. Não havia ódio nos seus olhos, nem sequer parecia haver rancor. Interrogava-se sobre o que lhe teria acontecido para vir acabar ali. Não era como os outros parentes do mestre que se tinham apresentado na oficina: todos esses tinham cedido por dinheiro. No entanto, Bernat... Como ele acarinhava o filho quando a moura lho levava! Queria a liberdade e trabalhava por ela, duramente, mais que ninguém.

O entendimento entre os dois homens deu outros frutos para além do aumento da produção. Noutra das ocasiões em que Jaume

se aproximou dele para aplicar o selo do mestre, Bernat semicerrou os olhos e dirigiu o olhar para a base da talha.

“Jamais serás mestre!”, ameaçara-o Grau. Essas palavras regressavam à cabeça de Jaume de cada vez que pensava em ter um trato mais amistoso com Bernat.

Jaume simulou um repentino acesso de tosse. Afastou-se da talha sem a marcar ainda, e olhou para o local que o camponês lhe tinha assinalado: havia uma pequena racha que significaria a quebra da peça no forno. Encolerizou-se contra o oficial... e contra Bernat.

Decorreram o ano e o dia necessários para que Bernat e o filho pudessem ser livres. Pela sua parte, Grau Puig conseguiu o seu ambicionado lugar no Conselho dos Cem da cidade. No entanto, Jaume não notou nenhuma reacção no camponês. Outro teria exigido a sua carta de cidadania e ter-se-ia lançado pelas ruas de Barcelona em busca de diversão e de mulheres, mas Bernat não o fizera. Que se passaria com o camponês?

Bernat vivia com a recordação permanente do rapaz da forja. Não se sentia culpado; aquele desgraçado tinha-se interposto no caminho do seu filho. Mas se tivesse morrido... Poderia obter a liberdade do seu senhor, mas mesmo tendo decorrido um ano e um dia, não se poderia livrar da condenação por assassínio. Guiamona recomendara-lhe que não contasse a ninguém, e assim fizera. Não podia arriscar-se; talvez Llorenç de Bellera não tivesse apenas dado ordem para a sua captura por fugitivo, mas também por assassino. Que seria feito de Arnau se o prendessem? O assassínio era punido com a morte.

O filho de Bernat continuava a crescer são e forte. Ainda não falava, mas já gatinhava e fazia uns gorjeios que arrepiavam os cabelos de Bernat. Mesmo quando Jaume continuava a não lhe dirigir a palavra, a sua nova situação na oficina — que Grau, atarefado nos seus negócios e cargos, ignorava — tinha levado os restantes a respeitá-lo mais ainda, e a moura trazia-lhe agora o filho com mais frequência, acordado, na maior parte das vezes, com a aquiescência tácita de Guiamona, que também andava mais ocupada devido à nova posição do seu marido.

Bernat não devia deixar-se ver por Barcelona, já que isso podia prejudicar o futuro do seu filho.

SEGUNDA PARTE

SERVOS DA NOBREZA

CAPÍTULO 6

Natal de 1329
Barcelona

Arnau fizera oito anos e tornara-se um menino tranquilo e inteligente. O cabelo, castanho, longo e encaracolado, caía-lhe sobre os ombros, emoldurando um rosto atraente em que se destacavam os olhos, grandes, límpidos e cor de mel.

A casa de Grau Puig estava engalanada para celebrar o Natal. Aquele rapaz, que aos dez anos tinha podido abandonar as terras do pai graças a um vizinho generoso, triunfara em Barcelona, e agora esperava junto da mulher a chegada dos seus convidados.

— Vêm prestar-me homenagem — disse a Guiamona. — Onde já se viu nobres e mercadores virem a casa de um artesão?

Ela limitava-se a escutá-lo.

— Até o próprio rei me apoia. Percebes? O próprio rei!

O rei Afonso.

Nesse dia não se trabalhava na oficina, e Bernat e Arnau, sentados no chão e aguentando o frio, observavam do terreiro das talhas os escravos, oficiais e aprendizes a entrar e a sair incessantemente da casa. Naqueles oito anos, Bernat não tinha voltado a pôr os pés no lar dos Puig, mas não lhe importava, pensava, enquanto revolvia os cabelos de Arnau: ali tinha o seu filho, abraçado a ele; que mais poderia pedir? O rapazinho comia e vivia com Guiamona, e estudava até com o preceptor dos filhos de Grau: aprendera a ler, a escrever e a contar ao mesmo tempo que os seus primos. No entanto, sabia que Bernat era seu pai, já que Guiamona não tinha deixado que se esquecesse disso. Quanto a Grau, tratava o sobrinho com absoluta indiferença.

Arnau portava-se bem dentro de casa; Bernat pedia-lho uma e outra vez. Quando entrava, rindo, na oficina, o rosto de Bernat iluminava-se. Os escravos e os oficiais, incluindo Jaume, não conseguiam deixar de olhar para o miúdo com um sorriso nos lábios quando ele corria para o terreiro e se sentava à espera de que Bernat terminasse de fazer alguma das suas tarefas, para correr para ele e abraçá-lo com força. Depois, voltava a sentar-se, afastado da azáfama, olhava para o pai e sorria a quem quer que se lhe dirigisse. Algumas noites, depois de fechada a oficina, Habiba deixava que Arnau se escapulisse, e então pai e filho conversavam e riam.

As coisas tinham mudado, ainda que Jaume continuasse a interpretar o papel que lhe era exigido pela ameaça omnipresente do seu patrão. Grau não se preocupava com os rendimentos que obtinha da oficina, e menos ainda com qualquer outra coisa que com ela se relacionasse. Apesar de tudo, não podia prescindir dela, pois era graças à oficina que mantinha os cargos de cônsul da Confraria, prócer de Barcelona e membro do Conselho dos Cem. No entanto, uma vez superado aquilo que não era mais do que um requisito formal, Grau Puig entrou em pleno na política e nas finanças de alto nível, algo bastante fácil para um prócer da cidade condal.

Desde o início do seu reinado, no ano de 1291, Jaime II tinha tentado impor-se à oligarquia feudal catalã, para o que tinha procurado obter a ajuda das cidades livres e dos seus cidadãos, começando por Barcelona. A Sicília já pertencia à coroa desde os tempos de Pedro, o Grande; por isso, quando o Papa concedeu a Jaime II os direitos de conquista da Sardenha, Barcelona e os seus cidadãos financiaram essa empresa.

A anexação das duas ilhas mediterrânicas à coroa favorecia os interesses de todas as partes: garantia o fornecimento de cereais à Catalunha, bem como o domínio catalão no Mediterrâneo Ocidental e, com isso, o controlo das rotas marítimas comerciais; por seu lado, a coroa reservava-se a exploração das minas de prata e das salinas da ilha.

Grau Puig não vivera esses acontecimentos. A sua oportunidade chegou com a morte de Jaime II e a coroação de Afonso III. Nesse

ano de 1329, os Corsos iniciaram uma revolta na cidade de Sassari. Ao mesmo tempo, os Genoveses, temendo o poder comercial da Catalunha, declararam-lhe guerra e atacaram os navios com bandeira do principado. Nem o rei, nem os comerciantes hesitaram por um momento: a campanha para sufocar a revolta na Sardenha e a guerra contra Génova deviam ser financiadas pela burguesia de Barcelona. E assim se fez, principalmente sob o impulso de um dos próceres da cidade: Grau Puig, que contribuiu com generosidade para os gastos da guerra e convenceu a colaborar, com inflamados discursos, os mais receosos. O próprio rei agradeceu-lhe publicamente a ajuda.

Enquanto Grau se aproximava uma e outra vez das janelas, para ver se os seus convidados chegavam, Bernat despedia-se do filho com um beijo na cara.

— Está muito frio, Arnau. Será melhor ires para dentro. — O rapazinho esboçou uma expressão de protesto. — Hoje tereis um bom jantar, não?

— Galinha, torrão e barquilhos — respondeu-lhe o filho imediatamente. Bernat deu-lhe uma carinhosa palmada no traseiro.

— Corre para casa. Depois falaremos.

Arnau chegou mesmo a tempo de se sentar para jantar; ele e os dois filhos mais pequenos de Grau, Guiamon, da mesma idade que ele, e Margarida, ano e meio mais velha, comeriam na cozinha; os dois maiores, Josep e Genís, comeriam em cima, com os pais.

A chegada dos convidados aumentou o nervosismo de Grau.

— Eu próprio tratarei de tudo — disse Grau a Guiamona quando preparava a festa. — Tu, limita-te a atender as mulheres.

— Mas... Como vais tu tratar de tudo? — tentou protestar Guiamona; no entanto, Grau já estava a dar instruções a Estranya, a cozinheira, uma corpulenta escrava mulata descarada, que obedecia às palavras do seu amo enquanto olhava de soslaio para a sua senhora.

Como queres tu que eu reaja?, pensava Guiamona. Não estás a falar com o teu secretário, nem na confraria, nem no Conselho dos Cem. Não me consideras capaz de receber os teus convidados, não é verdade? Não estou à altura deles, não é?

Por detrás do marido, Guiamona tentou pôr ordem entre os criados e preparar tudo para que a celebração do Natal fosse um êxito, mas no dia da festa, com Grau a ocupar-se de tudo, incluindo as luxuosas capas dos seus convidados, teve de se retirar para o segundo plano que o marido lhe tinha indicado e limitar-se a sorrir para as mulheres, que a olhavam por cima do ombro. Entretanto, Grau parecia um general de um exército em plena batalha; conversava com uns e outros, mas ao mesmo tempo indicava aos escravos o que tinham de fazer e quem tinham de atender; porém, quanto mais gestos fazia, mais e mais nervosos eles ficavam. Por fim, todos os escravos — excepto Estranya, que estava na cozinha a preparar o jantar — optaram por seguir Grau pela casa, atentos às ordens peremptórias dele.

Livres de toda a vigilância — pois Estranya e os seus ajudantes, de costas para eles, afadigavam-se com as panelas e os fogos —, Margarida, Guiamon e Arnau misturaram a galinha com o torrão e os barquilhos e trocaram bocados sem parar de rir e gracejar. Em determinado momento, Margarida pegou num jarro de vinho sem ser aguado, e bebeu um bom trago. De imediato o seu rosto se congestionou e as bochechas se lhe insuflaram, mas a rapariga conseguiu superar a prova sem cuspir o vinho. Depois, instou o irmão e o primo a que a imitassem. Arnau e Guiamon beberam, tentando manter a compostura como Margarida, mas acabaram a tossir e a bater na mesa, em busca de água, com os olhos cheios de lágrimas. Depois, os três começaram a rir: pelo simples facto de olharem uns para os outros, por causa do jarro de vinho, por causa do rabo de Estranya.

— Fora daqui! — gritou a escrava, depois de aguentar por algum tempo a troça dos miúdos.

Os três saíram da cozinha a correr, a gritar e a rir.

— Chiu! — repreendeu-os um dos escravos, perto da escada.

— O amo não quer aqui meninos.

— Mas... — começou a dizer Margarida.

— Não há “mas” que vos valha — insistiu o escravo. Nesse momento, Habiba desceu, para vir buscar mais vinho. O seu amo olhara-a com os olhos chispando ira porque um dos seus

convidados tentara servir-se e apenas conseguira umas miseráveis gotas.

— Vigia as crianças — disse Habiba ao escravo que estava na escada, ao passar por ele. — Vinho! — gritou para Estranya antes de entrar na cozinha.

Grau, temendo que a moura trouxesse vinho ordinário em vez do vinho que devia servir, saiu a correr atrás dela.

Os miúdos já não riam. Aos pés da escada, observavam o rebuliço, a que de repente se somara Grau.

— Que fazem aqui? — disse Grau ao vê-los junto do escravo. — E tu? Que fazes aqui parado? Vai e diz a Habiba que o vinho é para ser daquele das talhas velhas. Lembra-te disso, porque se te enganares arranco-te a pele vivo. Meninos, para a cama.

O escravo saiu disparado para a cozinha. Os miúdos entreolharam-se sorrindo, com os olhos brilhantes do vinho. Quando Grau subiu, correndo escada acima, estalaram as gargalhadas. Para a cama? Margarida olhou para a porta, aberta de par em par, cerrou os lábios e arqueou as sobrancelhas.

— E os meninos? — perguntou Habiba quando viu aparecer o escravo.

— Vinho das talhas velhas... — começou a recitar o escravo.

— E os meninos?

— Velhas. Das velhas.

— E os meninos? — tornou a insistir Habiba.

— Para a tua cama. O amo disse que fossem para a cama. Estão com ele. Das talhas velhas, sim? Senão tira-nos a pele...

Era Natal e Barcelona permanecia vazia até que as pessoas fossem à missa da meia-noite oferecer um galo sacrificado. A Lua reflectia-se sobre o mar como se a rua em que se encontravam continuasse até ao horizonte. Os três olharam para a faixa prateada derramada sobre a água.

— Hoje não há-de haver ninguém na praia — murmurou Margarida.

— Ninguém sai para o mar no Natal — acrescentou Guiamon.

Ambos se voltaram para Arnau, que fez que não com a cabeça.

— Ninguém se dará conta — insistiu Margarida. — Vamos e voltamos muito depressa. São apenas uns passos.

— Cobarde — espicaçou-o Guiamon.

Correram até Framenors, o convento franciscano que se erguia no extremo oriental da muralha da cidade, junto ao mar. Uma vez aí, olharam para a praia, que se estendia até ao convento de Santa Clara, limite ocidental de Barcelona.

— Olhem! — exclamou Guiamon. — A frota da cidade!

— Nunca tinha visto a praia assim — acrescentou Margarida.

Arnau, com os olhos arregalados, fazia que sim com a cabeça.

De Framenors até Santa Clara, a praia estava pejada de barcos de todos os tamanhos. Nenhuma edificação turvava o desfrute daquela magnífica vista. Havia quase cem anos que o rei Jaime, o Conquistador, tinha proibido que se construísse na praia de Barcelona, comentara Grau aos seus filhos em alguma ocasião em que, junto com o preceptor, o tinham acompanhado ao porto para ver carregar ou descarregar algum barco em cuja propriedade participasse. Havia que deixar a praia livre para que os marinheiros pudessem varar os seus barcos. Mas nenhum dos miúdos dera a menor importância à explicação de Grau. Por acaso não era natural que os barcos estivessem na praia? Sempre ali tinham estado. Grau trocara um olhar com o preceptor.

— Nos portos dos nossos inimigos ou dos nossos concorrentes comerciais — explicou o preceptor -,os barcos não estão varados na praia.

Os quatro filhos de Grau tinham-se voltado de repente para o seu mestre. Inimigos! Isso, sim, interessava-lhes.

— Certo — interviera Grau, conseguindo que os miúdos lhe prestassem finalmente atenção. O preceptor sorria. — Génova, nossa inimiga, tem um magnífico porto natural protegido do mar, graças ao qual os barcos não precisam de varar na praia. Veneza, nossa aliada, conta com uma grande lagoa a que se acede através de estreitos canais; os temporais não a afectam e os barcos podem ficar tranquilos. O porto de Pisa comunica com o mar através do rio Arno, e até Marselha possui um porto natural ao abrigo das inclemências do mar.

— Os Gregos antigos já utilizavam o porto de Marselha — acrescentou o preceptor.

— Os nossos inimigos têm melhores portos? — perguntou Josep, o mais velho. — Mas nós vencemo-los, somos os donos do Mediterrâneo! — exclamou, repetindo as palavras que tantas vezes tinha ouvido da boca do pai. Os restantes concordaram. — Como é isso possível?

Grau procurou a explicação do preceptor.

— Porque Barcelona sempre teve os melhores marinheiros. Mas agora não temos porto e, no entanto...

— Como assim? Não temos porto? — interrompeu Genís. — E isto? — acrescentou, apontando para a praia.

— Isto não é um porto. Um porto tem de ser um local abrigado, resguardado do mar, e isso que tu estás a dizer... — O preceptor gesticulou com a mão, apontando para o mar aberto que banhava a praia. — Escutem — disselhes —, Barcelona sempre foi uma cidade de marinheiros. Antigamente, há muitos anos, tínhamos um porto, como todas essas cidades que o vosso pai mencionou. Na época dos Romanos, os barcos refugiavam-se ao abrigo do mons Taber, mais ou menos por ali — prosseguiu, apontando para o interior da cidade —, mas a terra foi ganhando terreno ao mar, e esse porto desapareceu. Depois, tivemos o porto Comtal, que também desapareceu, e por fim o porto de Jaime I, ao abrigo de outro pequeno refúgio natural, o puig de les Falsies. Sabeis onde está agora o puig de les Falsies?

Os quatro miúdos entreolharam-se e depois voltaram-se para Grau que, com um gesto discreto, como se não quisesse que o preceptor se desse conta, apontou com o dedo para o chão.

— Aqui? — perguntaram as crianças em uníssono.

— Sim — respondeu o preceptor. — Estamos em cima dele. Também desapareceu... E Barcelona ficou sem porto, mas por essa altura já éramos marinheiros, os melhores marinheiros, e continuamos a ser os melhores... sem porto.

— Então — interveio Margarida —, que importância tem o porto?

— Isso poderá o teu pai explicar-te melhor — respondeu o preceptor, enquanto Grau concordava.

— Muita, muitíssima importância, Margarida. Vês aquele navio? — perguntou-lhe, apontando para uma galera rodeada de pequenas barcas. — Se tivéssemos porto, poderia descarregar nos molhes,

sem necessidade de todos aqueles barqueiros que recolhem a mercadoria. Além disso, se agora se levantasse um temporal, o navio ver-se-ia em grande perigo, porque não está a navegar e está muito perto da praia, e teria de se afastar de Barcelona.

— Porquê? — insistiu a rapariga.

— Porque assim não poderia fugir ao temporal e poderia naufragar. Tanto assim que a própria lei, as Ordenações do Mar da Costa de Barcelona, exige que, em caso de temporal, o navio acuda a refugiar-se no porto de Salou ou no de Tarragona.

— Não temos porto — lamentou-se Guiamon como se lhe tivessem roubado qualquer coisa de suma importância.

— Não — confirmou Grau, rindo e abraçando-o —, mas continuamos a ser os melhores marinheiros, Guiamon. Somos os donos do Mediterrâneo! E temos a praia. É aqui que varamos os nossos barcos quando termina a época de navegação, aqui é onde os arranjamos e construímos. Vês os estaleiros? Ali, na praia, em frente àquelas arcadas?

— Podemos subir aos barcos? — perguntou Guiamon.

— Não — respondeu-lhe o pai, com seriedade. — Os barcos são sagrados, filho.

Arnau nunca saía com Grau e com os filhos deste, e muito menos com Guiamona. Ficava em casa com Habiba, mas depois os primos contavam-lhe tudo o que tinham visto e ouvido. Também lhe tinham explicado tudo aquilo sobre os barcos.

E ali estavam todos, naquela noite de Natal. Todos! Estavam os mais pequenos, os botes, os esquifes e as gôndolas;os médios: barcas, barcas castelhanas, taforeias, caravelas, sedas, galeotas e barquetas, e até algumas das grandes embarcações: naus, navetas, cocas e galeras, que apesar do seu tamanho tinham de deixar de navegar, por proibição real, entre os meses de Outubro e Abril.

— Olhem! — voltou a exclamar Guiamon.

Nos arsenais, em frente a Regomir, ardiam algumas fogueiras, em redor das quais estavam colocados alguns vigilantes. De Regomir até Framenors, os barcos erguiam-se, silenciosos, iluminados pela Lua, encalhados na praia.

— Sigam-me, marinheiros! — ordenou Margarida, levantando o braço direito.

E por entre temporais e corsários, abordagens e batalhas, a capitã Margarida levou os seus homens de um barco para outro, vencendo os Genoveses e os Mouros e reconquistando a Sardenha, aos gritos, para o rei Afonso.

— Quem vem lá?

Os três ficaram paralisados em cima de uma barca.

— Quem vem lá?

Margarida assomou meia cabeça pela borda. Três tochas erguiam-se por entre as embarcações.

— Vamos embora — sussurrou Guiamon, caído no barco, puxando o vestido da irmã.

— Não podemos — respondeu Margarida —, estão a tapar-nos a passagem...

— E se formos para os estaleiros? — perguntou Arnau.

Margarida olhou na direcção de Regomir. Outras duas tochas se tinham posto em movimento.

— Também não — murmurou.

Os barcos são sagrados! As palavras de Grau ecoaram nas mentes dos miúdos. Guiamon começou a soluçar. Margarida fê-lo calar-se. Uma nuvem ocultou a Lua.

— Ao mar — disse a capitã.

Saltaram pela borda e meteram-se na água. Margarida e Arnau ficaram encolhidos, e Guiamon de pé, com água até ao pescoço; os três estavam a fitar as tochas que se moviam entre os barcos. Quando as tochas se aproximaram das embarcações da orla, retrocederam. Margarida olhou para a Lua, rezando em silêncio para se manter oculta.

A inspecção prolongou-se por uma eternidade, mas ninguém olhou para o mar, ou se alguém o fez... era Natal, e no fim de contas eram apenas três crianças assustadas... E suficientemente molhadas. Estava muito frio.

De regresso a casa, Guiamon quase nem conseguia andar. Batia os dentes, os joelhos tremiam-lhe e tinha convulsões. Margarida e Arnau agarraram-no por debaixo dos braços e percorreram assim o curto trajecto.

Quando chegaram, os convidados já tinham deixado a casa, e Grau e os escravos, depois de terem descoberto a escapadela das

crianças, estavam a preparar-se para sair à sua procura.

— Foi Arnau — acusou Margarida, enquanto Guiamona e a escrava moura mergulhavam o pequeno Guiamon em água quente. — Foi ele que nos convenceu a irmos para a praia. Eu não queria... — A miúda acompanhava as suas mentiras com aquelas lágrimas que tão bons resultados tinham sempre junto do pai.

Nem o banho quente, nem as mantas, nem o caldo a ferver conseguiram fazer Guiamon recuperar. A febre subiu. Grau mandou chamar o médico, mas também os cuidados deste não conseguiram obter resultados; a febre subia, Guiamon começou a tossir e a sua respiração tornou-se um sibilar arrastado.

— Nada mais posso fazer — reconheceu, resignado, Sebastià Font, o doutor, na terceira noite em que foi visitá-lo.

Guiamona levou as mãos ao rosto, pálido e escorrido, e começou a chorar.

— Não pode ser! — gritou Grau. — Tem de haver algum remédio.

— Poderá ser, mas... — o médico conhecia bem Grau, e as suas aversões... No entanto, a ocasião pedia medidas desesperadas. — Deverias chamar Jafudà Bonsenyor.

Grau ficou calado.

— Chama-o — instou-o Guiamona entre soluços.

Um judeu!, pensou Grau. Quem chama um judeu, chama o Diabo, tinham-lhe ensinado na sua juventude. Sendo ainda criança, Grau, tal como outros aprendizes, correra atrás das mulheres judias para lhes partir os cântaros quando elas iam buscar água às fontes públicas. E continuou a fazê-lo até que o rei, a instâncias da judiaria de Barcelona, proibiu essas vexações. Odiava todos os judeus. Toda a sua vida tinha perseguido e cuspido aqueles que usavam a rodela. Eram uns hereges; tinham morto Jesus Cristo... Como iria agora entrar um deles no seu lar?

— Chama-o! — gritou Guiamona.

O grito ecoou por todo o bairro. Bernat e os outros ouviram-no e encolheram-se nas suas enxergas. Em três dias, não conseguira ver Arnau nem Habiba, mas Jaume mantinha-o ao corrente do que se estava a passar.

— O teu filho está bem — disselhe, num momento em que ninguém estava a olhar.

Jafudà Bonsenyor veio assim que reclamaram a sua presença. Vestia uma simples gelaba preta com capuz e usava rodela. Grau observava-o à distância, na sala, com a sua longa barba branca, encolhido e escutando as explicações de Sebastià na presença de Guiamona. “Cura-o, judeu!” disselhe em silêncio quando os seus olhares se cruzaram. Jafudà Bonsenyor inclinou a cabeça para ele. Era um erudito que tinha dedicado a sua vida ao estudo da filosofia e dos textos sagrados. Por encargo do rei Jaime II, tinha escrito o Llibre deparaules de savis y filòsofs mas também era médico, o médico mais importante da comunidade judaica. No entanto quando viu Guiamon, Jafudà Bonsenyor limitou-se a fazer que não com a cabeça.

Grau ouviu os gritos da mulher. Correu para a escada. Guiamona desceu dos quartos de dormir acompanhada por Sebastià. Atrás deles vinha Jafudà.

— Judeu! — exclamou Grau, cuspindo à passagem dele.

Guiamon morreu ao fim de dois dias.

Assim que entraram na casa, todos de luto, acabado de enterrar o cadáver do menino, Grau fez sinal a Jaume para que se aproximasse dele e de Guiamona.

— Quero que, agora mesmo, leves Arnau e trates de que não volte a pôr os pés nesta casa. — Guiamona escutou-o em silêncio.

Grau contou-lhe o que Margarida lhe tinha dito: Arnau tinha-os incitado. O seu próprio filho ou uma simples menina nunca poderiam ter planeado aquela escapadela.

Guiamona ouviu aquelas palavras e as acusações que a culpavam por ter acolhido o irmão e o sobrinho. E, se bem que no fundo do seu coração soubesse que tudo aquilo não passara de uma travessura de consequências fatais, a morte do seu filho mais novo tinha-lhe roubado o ânimo para enfrentar o marido, e as palavras de Margarida, culpando Arnau, tornavam-lhe quase impossível lidar com o rapaz. Era o filho do seu irmão, não lhe desejava mal nenhum, mas preferia não ter de o ver.

— Amarra a moura a uma das vigas da oficina — ordenou Grau a Jaume, antes de este desaparecer em busca de Arnau — e reúne

todo o pessoal em volta dela, incluindo o rapaz.

Grau estivera a pensar nisso durante todo o serviço fúnebre: a escrava é que tinha a culpa; devia tê-los vigiado. Depois, enquanto Guiamona chorava e o sacerdote prosseguia recitando as suas orações, semicerrou os olhos e perguntou-se qual seria o castigo que lhe devia impor. A lei só lhe proibia matá-la ou mutilá-la, mas ninguém poderia acusá-lo de nada se morresse em consequência da pena infligida. Grau nunca se deparara com um delito tão grave. Pensou nas torturas de que tinha ouvido falar: untar-lhe o corpo com gordura animal a ferver — teria Estranya gordura suficiente na cozinha?; amarrá-la ou encerrá-la numa masmorra — demasiado brando; bater-lhe, aplicar-lhe grilhetas nos pés... ou flagelá-la.

"Tem cuidado quando o usares", dissera-lhe o comandante de um dos seus barcos, depois de lhe oferecer aquela prenda, "com um só golpe podes arrancar a pele a uma pessoa." Desde então, mantivera-o guardado: um belo chicote oriental de couro entrançado, grosso mas leve, fácil de manejar e que terminava numa série de pontas, todas com incrustações de metais cortantes.

Num momento em que o sacerdote se calou, vários rapazes agitaram os incensários em volta do ataúde. Guiamona tossiu, Grau respirou fundo.

A moura esperava, atada pelas mãos a uma viga, tocando no chão em bicos de pés.

— Não quero que o meu rapaz veja isto — disse Bernat a Jaume.

— Não é altura, Bernat — aconselhou-lhe Jaume. — Não arranjes problemas...

Bernat voltou a fazer que não com a cabeça.

— Trabalhaste muito duramente, Bernat, não arranjes agora problemas ao teu filho.

Grau, de luto, introduziu-se no interior do círculo formado pelos escravos, pelos aprendizes e pelos oficiais, em redor de Habiba.

— Despe-a — ordenou a Jaume.

A moura tentou levantar as pernas, ao perceber que este lhe arrancava a camisa. O corpo dela, nu, escuro, brilhante por causa do suor, ficou exposto aos espectadores forçados... e ao chicote que

Grau já estendera no chão. Bernat agarrou com força os ombros de Arnau, que começara a chorar.

Grau esticou o braço para trás e soltou o chicote contra o torso nu; o couro estalou nas costas da moura e as pontas metálicas, depois de rodearem o corpo, cravaram-se-lhe nos seios. Uma fina linha de sangue apareceu na pele escura da moura enquanto os seus seios ficavam em carne viva. A dor penetrava no corpo dela. Habiba levantou o rosto em direcção ao céu e uivou. Arnau começou a tremer desenfreadamente e gritou, pedindo a Grau que parasse.

Grau voltou a esticar o braço.

— Devias ter vigiado os meus filhos!

O estalar do couro obrigou Bernat a virar o filho para ele e a apertar-lhe a cabeça contra o seu estômago. A rapariga voltou a uivar. Arnau calou os seus gritos contra o corpo do pai. Grau continuou a flagelar a moura até que as costas dela e os ombros, os seios, as nádegas e as pernas se tornaram uma massa sanguinolenta.

— Diz ao teu mestre que me vou embora.

Jaume cerrou os lábios. Por um momento esteve tentado a abraçar Bernat, mas alguns aprendizes observavam-nos.

Bernat observou o oficial a encaminhar-se para a casa. Tentara falar com Guiamona, mas a irmã não dera resposta a nenhum dos seus pedidos. Havia vários dias que Arnau não saía da enxerga onde o pai dormia; ficava todo o dia sentado sobre o colchão de palha de Bernat, que agora tinham de partilhar, e quando o pai entrava para o ver, encontrava-o sempre com o olhar fixo no lugar onde tinham tentado curar a moura.

Desamarraram-na assim que Grau abandonou a oficina, mas nem sequer sabiam por onde pegar naquele corpo. Estranya correu à oficina, levando óleo e unguentos, mas quando deparou com aquela massa sanguinolenta limitou-se a abanar a cabeça. Arnau presenciava tudo, de certa distância, quieto, com lágrimas nos olhos; Bernat tentou que saísse dali, mas o menino opôs-se. Nessa mesma noite, Habiba morreu. O único sinal que anunciou a sua morte foi que a moura deixou de emitir aquele queixume constante,

parecido com o choro de um recém-nascido, que os tinha perseguido durante todo o dia.

Grau ouviu o recado do cunhado pela boca de Jaume. Era a última coisa de que precisava: os dois Estanyol, com os seus sinais nos olhos, percorrendo Barcelona, à procura de trabalho, falando dele com quem quisesse ouvi-los... e haveria muitas pessoas dispostas a fazê-lo, agora que estava lá alcandorado no topo. Revolveu-se-lhe o estômago e secou-se-lhe a boca: Grau Puig, prócer de Barcelona, cônsul da confraria dos ceramistas, membro do Conselho dos Cem, dedicando-se a proteger campónios fugitivos. Os nobres estavam contra ele. Quanto mais Barcelona ajudava o rei Afonso, menos este dependia dos senhores feudais, e menores eram os benefícios que os nobres conseguiam obter do monarca. E quem fora o principal valido da ajuda ao rei? Ele. E a quem prejudicava a fuga dos servos do campo? Aos nobres com terras. Grau abanou a cabeça e suspirou. Maldita fosse a hora em que permitira que aquele campónio se alojasse em sua casa!

— Manda-o vir aqui — ordenou Grau a Jaume.

— Disseme Jaume — disse Grau ao cunhado assim que o teve diante de si — que pretendes deixar-nos.

Bernat assentiu com a cabeça.

— E que pensas fazer?

— Procurarei trabalho para sustentar o meu filho.

— Não tens nenhum ofício. Barcelona está cheia de gente como tu: camponeses que não puderam viver nas suas terras, que não encontram trabalho e acabam por morrer de fome. Além disso — acrescentou —, nem sequer tens em teu poder a carta de cidadania, por mais que já tenhas o tempo suficiente na cidade.

— O que é isso da carta de cidadania? — perguntou Bernat.

-— É o documento que atesta que já resides há um ano e um dia em Barcelona, e que por isso és um cidadão livre, não submetido a senhorio.

— E onde se consegue esse documento?

— Quem o concede são os próceres da cidade.

— Pedi-lo-ei.

Grau olhou para Bernat. Estava sujo, vestido com uma simples camisa rasgada e com calções. Imaginou-o diante dos próceres da

cidade, depois de ter contado a sua história a dezenas de escrivães: o cunhado e o sobrinho de Grau Puig, prócer da cidade, escondidos na sua oficina durante anos. A notícia correria de boca em boca. Ele mesmo teria usado situações como essa para atacar os seus inimigos.

— Senta-te — convidou. — Quando o Jaume me contou as tuas intenções, falei com a tua irmã Guiamona — mentiu, para justificar a mudança de atitude — e ela pediu-me que me apiedasse de ti.

— Não preciso de piedade — interrompeu-o Bernat, pensando em Arnau, sentado sobre a enxerga, com o olhar perdido. — Há anos que trabalho aqui duramente a troco de...

— Foi esse o acordo — cortou Grau —, e tu aceitaste-o. Nessa altura, interessava-te.

— É possível — reconheceu Bernat —, mas não me vendi como escravo, e agora já não me interessa.

— Esqueçamos a piedade. Não creio que encontres trabalho em toda a cidade, e menos ainda se não puderes atestar que és cidadão livre. Sem esse documento, só conseguirás que se aproveitem de ti. Sabes quantos servos da terra andam a vaguear por aí, sem filhos às costas, aceitando trabalhar de graça, única e exclusivamente para poderem residir um ano e um dia em Barcelona? Não podes fazer-lhes concorrência. Antes que te dêem carta de cidadania já terás morrido de fome, tu... ou o teu filho, e apesar do que se passou não podemos permitir que o pequeno Arnau tenha a mesma sorte que o nosso Guiamon. Já basta um. A tua irmã não aguentaria. — Bernat manteve-se em silêncio, à espera de que o cunhado continuasse. — Se isso te interessar — disse Grau, enfatizando a palavra —, podes continuar a trabalhar aqui, nas mesmas condições... e com o pagamento que corresponderia a um operário não qualificado, do qual te seriam descontados cama e comida, tuas e do teu filho.

— E Arnau?

— Que tem o pequeno?

— Prometeste recebê-lo como aprendiz.

— E assim farei... quando chegar à idade.

— Quero isso por escrito.

— E tê-lo-ás — comprometeu-se Grau.

— E a carta de cidadania?

Grau assentiu com a cabeça. A ele não seria difícil consegui-la... com discrição.

CAPÍTULO 7

"Declaramos cidadãos livres de Barcelona Bernat Estanyol e seu filho, Arnau..." Finalmente! Bernat sentiu um calafrio ao escutar as hesitantes palavras do homem que lhe lia os documentos. Dera com ele nos arsenais, depois de perguntar onde poderia encontrar alguém que soubesse ler, e oferecera-lhe uma pequena escudela em troca desse favor. Com o rumor dos arsenais em fundo, o odor a maresia e a brisa marítima acariciando-lhe o rosto, Bernat ouviu a leitura do segundo documento: Grau tomaria Arnau como aprendiz assim que este fizesse dez anos e comprometia-se a ensinar-lhe o ofício de oleiro. O seu filho era livre, e um dia poderia ganhar a vida e defender-se naquela cidade.

Bernat entregou sorridente a prometida escudela e dirigiu-se de regresso à oficina. Se lhes tinham concedido a carta de cidadania, isso significava que Llorenç de Bellera não os tinha denunciado às autoridades, que não tinha sido aberto nenhum processo criminal contra ele. Teria o rapaz da forja sobrevivido?, interrogou-se. Mesmo assim... "Fica-te com as nossas terras, senhor de Bellera; nós ficamos com a nossa liberdade", murmurou Bernat, desafiador. Os escravos de Grau e o próprio Jaume interromperam os seus trabalhos ao verem chegar Bernat, radiante de felicidade. Ainda havia restos do sangue de Habiba no chão. Grau dera ordens para que não os limpassem. Bernat tentou não os pisar e mudou de expressão.

— Arnau — sussurrou ao filho nessa noite, deitados ambos sobre a enxerga que partilhavam.

— Diz-me, pai.

— Já somos cidadãos livres de Barcelona.

Arnau não respondeu. Bernat procurou a cabeça do rapazinho e acariciou-a; sabia o pouco que isso significava para um rapazinho a quem tinham roubado a alegria. Bernat escutou a respiração dos escravos e continuou a afagar a cabeça do filho, mas assaltava-o uma dúvida: o rapaz concordaria algum dia em trabalhar para Grau? Nessa noite, Bernat teve dificuldade em conciliar o sono.

Todas as manhãs, quando amanhecia e os homens iniciavam os seus trabalhos, Arnau saía da oficina de Grau. Todas as manhãs, Bernat tentava falar com ele e animá-lo. Tens de procurar fazer amigos, quis dizer-lhe certa vez, mas antes que o tivesse podido fazer, Arnau virara-lhe as costas e dirigira-se lentamente para a rua. Desfruta a tua liberdade, filho, quis dizer-lhe outra vez, quando o rapaz ficou a olhar para ele, depois de fazer menção de lhe querer falar. No entanto, quando ia para falar, uma lágrima correu pela cara do rapazinho. Bernat ajoelhou-se e só conseguiu abraçá-lo. Depois, viu como ele atravessava o pátio, arrastando os pés. Quando, mais uma vez, Arnau se deteve diante das manchas de sangue de Habiba, o chicote de Grau voltou a estalar na cabeça de Bernat. Prometeu a si próprio que nunca mais voltaria a ceder perante um chicote: uma vez bastara.

Bernat correu atrás do filho, que se voltou ao ouvir-lhe os passos. Quando se encontrava já perto de Arnau, começou a raspar com o pé a terra endurecida onde permaneciam expostas as manchas de sangue da moura. O rosto de Arnau iluminou-se e Bernat raspou com mais força.

— Que fazes? — gritou Jaume do outro lado do pátio. Bernat ficou quieto, gelado. O chicote voltou a estalar na sua memória.

— Pai.

Com a ponta da sandália, Arnau arrastou lentamente a terra enegrecida que Bemat acabara de raspar.

— Que estás a fazer, Bernat? — repetiu Jaume.

Bernat não respondeu. Passaram alguns segundos, e Jaume voltou-se e viu os escravos todos parados... de olhos postos nele.

— Traz-me água, filho — instou-o Bernat, aproveitando a hesitação de Jaume. Arnau saiu disparado e, pela primeira vez em vários meses, Bernat viu-o correr. Jaume aquiesceu.

Pai e filho, ajoelhados, em silêncio, rasparam a terra até limparem as manchas da injustiça.

— Vai brincar, filho — disselhe Bernat nessa manhã, quando deram por terminado o trabalho.

Arnau baixou os olhos. Gostaria de lhe ter perguntado com quem haveria de fazer isso. Bernat passou-lhe uma mão pelo cabelo, antes de o empurrar para a porta. Quando Arnau se viu na rua,

limitou-se, como todos os dias, a rodear a casa de Grau e a empoleirar-se numa árvore frondosa que se elevava por cima da vedação que dava para o jardim. Aí, escondido, esperava que os primos saíssem, acompanhados por Guiamona.

— Porque deixaste de gostar de mim? — murmurava. — Eu não tive culpa.

Os primos pareciam contentes. A morte de Guiamon ia-se diluindo no tempo, e só o rosto da mãe reflectia o pesar da recordação. Josep e Genís fingiam lutar, enquanto Margarida os observava, sentada junto da mãe, que quase nunca se afastava dela. Arnau, escondido na sua árvore, sentia o aguilhão da saudade ao recordar aqueles abraços.

Uma manhã após outra, Arnau trepava àquela árvore.

— Já não gostam de ti? — ouviu perguntarem-lhe, certo dia. O sobressalto fê-lo perder momentaneamente o equilíbrio, e esteve quase a cair do alto da árvore.

Arnau olhou à sua volta, procurando quem lhe falava, mas não conseguiu ver ninguém.

— Aqui — ouviu então.

Olhou para o interior da árvore, de onde a voz partira, mas também não conseguiu vislumbrar nada. Finalmente, viu remexerem-se alguns ramos, por entre os quais conseguiu distinguir a figura de um rapazinho que o saudava com a mão, muito sério e encavalitado num nó de troncos da árvore.

— Que fazes aqui... sentado na minha árvore? — perguntou-lhe secamente Arnau. O miúdo, sujo e magro, não se deixou ficar.

— O mesmo que tu — respondeu. — Estou a olhar.

— Tu não podes olhar — afirmou Arnau.

— Porquê? Há muito mais tempo que o faço. Antes, também te via a ti — O rapazinho encardido manteve-se silencioso por alguns instantes. — Já não gostam de ti? Porque choras tu tanto?

Arnau sentiu que uma lágrima lhe começava a correr pela face e sentiu raiva: o miúdo andara a espiá-lo.

— Desce daí — ordenou-lhe, já no chão.

O rapazinho desceu com agilidade e pôs-se diante dele. Arnau era bastante mais alto que ele, mas o rapazito não parecia assustado.

— Andaste a espiar-me! — acusou Arnau.

— Tu também estavas a espiar — defendeu-se o mais pequeno.

— Sim, mas são meus primos e eu posso fazer isso.

— Então, porque já não brincas com eles, como fazias antes?

Arnau não conseguiu resistir mais e soltou um soluço. A voz tremia-lhe quando tentou responder à pergunta.

— Não te preocupes — disselhe o mais pequeno, tentando tranquilizá-lo —, eu também choro muitas vezes.

— E porque choras tu? — perguntou Arnau, balbuciando.

— Não sei... Às vezes choro quando penso na minha mãe.

— Tu tens mãe?

— Sim, mas...

— E que fazes tu aqui, se tens mãe? Porque não estás a brincar com ela?

— Não posso estar com ela.

— Porquê? Não está em tua casa?

— Não... — respondeu o miúdo, hesitando. — Sim, está em casa.

— Então, porque não estás com ela?

O rapazito sujo e magro não respondeu.

— Está doente? — insistiu Arnau. O outro fez que não com a cabeça.

— Está bem — afirmou.

— Então? — tornou a insistir Arnau.

O rapazinho olhou para ele com uma expressão desconsolada. Mordeu várias vezes o lábio inferior e por fim decidiu-se:

— Anda — disselhe, puxando a manga da camisa de Arnau. — Segue-me.

O pequeno desconhecido começou a correr, com uma velocidade surpreendente para a sua curta estatura. Arnau seguiu-o, tentando não o perder de vista, o que foi fácil enquanto percorriam o amplo e desimpedido bairro dos ceramistas, mas foi-se complicando à medida que penetravam no interior de Barcelona; as velhas vielas da cidade, cheias de gente e de bancas de artesãos, tornavam-se verdadeiros labirintos por onde era quase impossível passar.

Arnau não sabia onde estava, mas avançava sem preocupação; o seu único objectivo era não perder de vista a figura rápida e ágil

do seu companheiro, que corria por entre as pessoas e as mesas dos artesãos, causando a indignação de todos. Arnau, mais desajeitado quando era preciso esquivar-se dos transeuntes, pagava as consequências do rasto de desagrado que o rapaz ia deixando atrás de si, e recebia gritos e impropérios. Alguém conseguiu acertar-lhe um pontapé, e outro tentou fazê-lo parar, agarrando-o pela camisa, mas Arnau libertou-se de ambos, embora, com tantos tropeções, acabasse por perder o rasto do seu guia; de repente, viu-se sozinho à entrada de uma grande praça cheia de gente.

Conhecia aquela praça. Estivera ali uma vez com o pai. “Esta é a Praça do Blat”, dissera-lhe. “É o centro de Barcelona. Vês aquela pedra no centro da praça?” Arnau olhara para onde o pai apontava. “Pois essa pedra significa que a partir dali a cidade se divide em quartos: o de La Mar, o de Framenors, o do Pi e o da Salada, ou de Sant Pere.” Chegou à praça pela rua dos artesãos da seda e, parado sob o portão do castelo do corregedor, Arnau tentou distinguir a silhueta do rapazinho sujo, mas a multidão que se aglomerava na praça impedia-lho. Junto dele, de um dos lados do portão, estava o matadouro principal da cidade e, do outro lado, uma banca onde se vendia pão cozido. Arnau esforçou-se por encontrar o mais pequeno por entre os bancos de pedra de ambos os lados da praça, à frente dos quais passavam os cidadãos. “Este é o mercado do trigo”, explicara-lhe Bernat. “De um lado, naquelas bancas, os revendedores e os comerciantes da cidade vendem o trigo, e do outro lado, naquelas outras bancas, são os camponeses a vender as suas colheitas.” Arnau não dava com o rapazinho sujo que o tinha levado até ali, nem de um lado nem do outro, nem entre as pessoas que regateavam os preços ou compravam o trigo.

Enquanto tentava encontrá-lo, de pé sob o portão maior, Arnau foi empurrado pelas pessoas que tentavam chegar à praça. Tentou esquivar-se das pessoas aproximando-se das mesas dos padeiros, mas assim que as suas costas tocaram numa mesa, recebeu um doloroso estalo no pescoço.

— Fora daqui, ranhoso! — gritou-lhe o padeiro. Arnau voltou a ver-se rodeado de gente, do bulício e da gritaria do mercado, sem saber aonde se dirigir e sendo empurrado de um lado para o outro

por pessoas mais altas que ele e que, carregadas com sacas de sal, nem reparavam nele.

Arnau começava a ficar enjoado quando, do meio do nada, lhe apareceu à frente aquela cara traquina e suja que andara a seguir por meia Barcelona.

— Que fazes aí parado? — perguntou-lhe o rapazito, levantando a voz para se fazer ouvir.

Arnau não lhe respondeu. Desta vez, decidiu agarrar com firmeza a camisa do miúdo e deixou-se arrastar ao longo de toda a praça, até à Rua Bòria. Depois de a percorrerem, chegaram ao bairro dos ferreiros, em cujas pequenas vielas ecoavam os golpes dos martelos sobre o cobre e o ferro. Por essa zona não correram; Arnau, exausto e ainda agarrado à manga do rapazito, obrigou o seu descuidado e impaciente guia a abrandar o passo.

— Esta é a minha casa — disselhe finalmente o miúdo, apontando para uma pequena construção de um só piso. Diante da porta havia uma mesa cheia de alguidares de cobre, atrás da qual trabalhava um homem corpulento que nem sequer olhou para eles. — Aquele era o meu pai — acrescentou, depois de passarem distanciados da fachada da casa.

— Porque não?... — começou Arnau a perguntar, voltando o olhar para a casa.

— Espera — interrompeu-o o rapazito sujo. Seguiram pela calçada acima, e circundaram as pequenas casas, até darem com a parte traseira, em que se abriam as hortas anexas às casas. Quando chegaram àquela que correspondia à casa do rapazito, Arnau observou como este se empoleirava na vedação que fechava a horta e o incitava a imitá-lo.

— Porquê?...

— Sobe! — ordenou o rapazito, sentado sobre a vedação. Ambos saltaram para o interior da pequena horta, mas então o rapazinho ficou parado, com o olhar fixo numa construção anexa à casa, uma pequena divisão que, na parede que dava para a horta, a uma altura elevada, tinha uma pequena abertura em forma de janela. Arnau deixou passar alguns segundos, mas o rapaz não se mexeu.

— E agora? — perguntou, por fim. O rapaz virou-se para Arnau.

— O quê?

Mas o miúdo não fez caso dele. Arnau ficou parado enquanto o seu acompanhante agarrava numa caixa de madeira e a colocava debaixo da janela; depois, empoleirou-se na caixa, com os olhos postos na janelinha.

— Mãe — sussurrou o pequeno.

O braço pálido de uma mulher assomou com esforço, roçando os bordos da abertura; o cotovelo ficou dobrado pelo parapeito e a mão, sem precisar de procurar, começou a acariciar os cabelos do miúdo.

— Joanet — ouviu Arnau dizer uma voz doce —, hoje vieste mais cedo; o Sol ainda não chegou ao meio-dia.

Joanet limitou-se a assentir com a cabeça.

— Passa-se alguma coisa? — insistiu a voz.

Joanet deixou passar alguns segundos antes de responder. Inspirou pelo nariz e disse:

— Vim com um amigo.

— Alegra-me que tenhas amigos. Como se chama ele?

— Arnau.

Como sabe ele o meu?... Claro, espiava-me..., pensou Arnau.

— E está aí?

— Está, mãe.

— Olá, Arnau.

Arnau olhou para a janela. Joanet voltou-se para ele.

— Olá..., minha senhora — murmurou, inseguro sobre o que havia de dizer a uma voz que saía de uma janela.

— Que idade tens? — interrogou a mulher.

— Oito anos..., minha senhora.

— És dois anos mais velho que o meu Joanet, mas espero que se dêem bem e que conservem sempre a vossa amizade. Não há nada melhor neste mundo do que um bom amigo; tenham sempre isso em conta.

A voz não disse mais nada. A mão da mãe de Joanet continuou a acariciar-lhe os cabelos, enquanto Arnau observava como o pequenito, sentado no caixote de madeira encostado à parede, com as pernas penduradas, se deixava ficar imóvel sob aquelas carícias.

— Vão brincar — disse de repente a mulher, enquanto a mão se retirava. — Adeus, Arnau. Trata bem do meu menino, já que és mais velho que ele. — Arnau esboçou um adeus que não chegou a sair-lhe da garganta. — Até logo, filho — acrescentou a voz. — Vens ver-me depois?

— Claro que sim, mãe.

— Vão-se embora, vá.

Os dois rapazes regressaram ao bulício das ruas de Barcelona e deambularam sem rumo. Arnau esperou que Joanet se explicasse, mas como ele não o fazia, atreveu-se por fim a perguntar:

— Porque não sai a tua mãe para a horta?

— Está fechada — respondeu Joanet.

— Porquê?

— Não sei. Só sei que está.

— E porque não entras então tu pela janela?

— Ponç proibiu-me de fazer isso.

— Quem é esse Ponç?

— Ponç é o meu pai.

— E porque te proíbe ele?

— Não sei porquê.

— Porque lhe chamas Ponç, em vez de pai?

— Porque também mo proibiu.

Arnau estacou e puxou Joanet até ficarem cara a cara.

— E também não sei porquê — adiantou-se o rapazinho. Continuaram a passear; Arnau tentava perceber aquela confusão, e Joanet esperava a pergunta seguinte do seu companheiro.

— Como é a tua mãe? — decidiu-se Arnau, por fim.

— Sempre esteve ali fechada — respondeu Joanet, fazendo um esforço por esboçar um sorriso. — Uma vez, quando Ponç estava fora da cidade, tentei entrar pela janela, mas ela não mo permitiu. Disse que não queria que eu a visse.

— Porque estás a sorrir?

Joanet continuou a caminhar por alguns metros antes de responder:

— Ela diz-me sempre que devo sorrir.

Durante o resto da manhã, Arnau percorreu cabisbaixo as ruas de Barcelona, atrás daquele menino sujo que nunca vira o rosto da

mãe.

— A mãe dele faz-lhe festas na cabeça através de uma janelinha que há no anexo — sussurrou Arnau ao pai nessa mesma noite, deitados ambos sobre a enxerga. — Nunca a viu. O pai não o deixa, e ela também não.

Bernat afagava a cabeça do filho, como Arnau lhe tinha contado que a mãe do seu novo amigo lhe fazia. Os roncos dos escravos e aprendizes que partilhavam o espaço com eles rompeu o silêncio que se fez entre ambos. Bernat perguntou-se que delito teria cometido aquela mulher para merecer tal castigo.

Ponç, o ferreiro, não teria hesitado em responder-lhe: “Adultério!” Contara-o dezenas de vezes a todos os que quisessem escutá-lo.

— Apanhei-a a fornicar com o amante, um jovenzito como ela; aproveitavam as minhas horas de trabalho na forja. Dirigi-me ao corregedor, evidentemente, para reclamar a justa reparação ditada pelas nossas leis. — O forte ferreiro, de queixo erguido, deleitava-se a falar da lei que permitira que se fizesse justiça. — Os nossos príncipes são homens sábios, conhecedores da maldade da mulher. Apenas as mulheres nobres podem livrar-se da acusação de adultério por meio de um juramento; as outras, como a minha Joana, têm de fazê-lo por meio de uma luta, e submetidas ao juízo de Deus.

Aqueles que tinham presenciado a luta recordavam-se de como Ponç fizera em pedaços o jovem amante de Joana; pouco poderia Deus mediar entre o ferreiro, curtido pelo trabalho na forja, e o delicado jovem dedicado ao amor.

A sentença real foi ditada conforme os Usatges: “Se ganhar a mulher, o marido ficará com ela com honra e reparará todos os gastos que ela e seus amigos tiverem feito por este pleito e nesta batalha, e o prejuízo do lidador. Mas se for ela a vencida, passará para as mãos do seu marido com todas as coisas que tiver.” Ponç não sabia ler, mas cantava de memória o conteúdo da sentença, ao mesmo tempo que mostrava o documento a quem o quisesse ver:

Dispomos que o dito Ponç, se quer que se lhe entregue a Joana, deve dar boa caução idónea e assegurar mantê-la em sua própria casa, num lugar de doze palmos de comprido, seis de largo, e duas canas de altura. Que lhe deve dar um saco de palha bastante para

dormir e uma manta com a qual possa cobrir-se, devendo fazer nesse local um buraco para que possa satisfazer as suas necessidades corporais e deixar uma janela pela qual se dêem as vitualhas à mesma Joana; que lhe deve dar o dito Ponç, em cada dia, dezoito onças de pão completamente cozido, e tanta água quanta queira, e que não lhe dará nem fará dar coisa alguma para a precipitar na morte nem fará qualquer coisa para que morra a dita Joana. Sobre todas as quais coisas deu Ponç boa e idónea caução e segurança, antes de lhe ser entregue a referida Joana.

Ponç apresentou a caução que o corregedor lhe solicita-ra, e este entregou-lhe Joana. Construiu na sua horta um cubículo de dois metros e meio por um metro e vinte, fez um buraco para que a mulher pudesse fazer as suas necessidades, abriu aquela janelinha para que Joanet, nascido nove meses após a sentença e nunca reconhecido por Ponç, se deixasse acariciar na cabeça, e emparedou para toda a vida a sua jovem esposa.

— Pai — sussurrou Arnau para Bernat —, como era a minha mãe? Porque nunca me falas dela?

Que queres que te diga? Que perdeu a virgindade sobre o impulso de um nobre bêbedo? Que se converteu na mulher pública do castelo do senhor de Bellera?, pensou Bernat.

— A tua mãe... — respondeu-lhe — não teve sorte. Foi uma pessoa desgraçada.

Bernat ouviu Arnau inspirar pelo nariz antes de voltar a falar:

— Gostava de mim? — insistiu o rapaz com a voz embargada.

— Não teve oportunidade. Faleceu ao dar à luz.

— Habiba gostava de mim.

— Eu também gosto de ti.

— Mas não és minha mãe. Até mesmo Joanet tem uma mãe que lhe faz festas na cabeça.

— Nem todas as crianças têm... — começou a corrigi-lo. A mãe de todos os cristãos... As palavras dos clérigos começaram a ecoar na sua memória.

— Que dizias, pai?

— Que sim, que tens mãe. Claro que tens — Bernat notou que o filho ficara muito quieto. — A todas as crianças que ficam sem mãe, como tu, Deus dá-lhes outra: a Virgem Maria.

— E onde está essa Maria?

— A Virgem Maria — corrigiu-o — está no céu. Arnau ficou uns momentos em silêncio, antes de perguntar de novo:

— E para que serve uma mãe que está no céu? Não me fará festas, não brincará comigo, nem me dará beijos, nem...

— Claro que o fará — Bernat recordou com clareza as explicações que o seu próprio pai lhe tinha dado quando ele próprio fizera aquelas mesmas perguntas: — Ela envia os pássaros para te acariciarem. Quando vires um pássaro, manda uma mensagem por ele à tua mãe, e verás que ele voa para o céu, para a entregar à Virgem Maria; depois, eles contarão uns aos outros e alguns deles virão chilrear e rodopiar à tua volta alegremente.

— Mas eu não entendo os pássaros.

— Aprenderás a entendê-los.

— Claro que sim, que poderás vê-la. Podes vê-la em algumas igrejas, e podes falar-lhe através dos pássaros ou nessas igrejas. Ela responder-te-á através dos pássaros, ou à noite, quando estiveres a dormir, e amar-te-á e dar-te-á mais mimos que qualquer outra mãe que vejas.

— Mais do que Habiba?

— Muito mais.

— E esta noite? — perguntou o rapazinho. — Hoje não falei com ela.

— Não te preocupes, eu fi-lo por ti. Dorme, que vais ver.

CAPÍTULO 8

Os dois novos amigos encontravam-se todos os dias, e juntos corriam até à praia, para verem os barcos, ou vagueavam e brincavam pelas ruas de Barcelona. Cada vez que espiavam pela vedação da horta, ou cada vez que as vozes de Josep, Genís ou Margarida ecoavam no jardim dos Puig, Joanet via como o amigo levantava os olhos para o céu, como se procurasse alguma coisa que flutuasse sobre as nuvens.

— Que estás a ver? — perguntou-lhe um dia.

— Nada — respondeu Arnau.

As risadas aumentaram e Arnau voltou a olhar para o céu.

— Subimos à árvore? — perguntou Joanet, pensando que eram os ramos da árvore que atraíam a atenção do amigo.

— Não — respondeu Arnau, enquanto localizava com o olhar um pássaro a quem poderia dar uma mensagem para a mãe.

— Porque não queres subir à árvore? Assim, poderíamos ver...

Que poderia ele dizer à Virgem Maria? Que havia de dizer à sua mãe? Joanet não dizia nada à dele; apenas ouvia e fazia que sim... ou que não, mas, claro,podia ouvir a voz e sentir as carícias dela, pensou Arnau.

— Subimos?

— Não — gritou Arnau, conseguindo apagar o sorriso dos lábios de Joanet. — Tu já tens uma mãe que gosta de ti, não precisas de espiar as dos outros.

— Mas tu não tens — respondeu-lhe Joanet. — Se subirmos...

Que gostava dela! Era isso que os filhos de Guiamona lhe diziam. “Diz-lhe isso, passarinho.” Arnau viu o pássaro voar em direcção ao céu. “Diz-lhe que gosto dela.”

— Então? Subimos? — insistiu Joanet, já com uma mão nos ramos mais baixos.

— Não. Eu também não preciso disso... — Joanet soltou-se da árvore e interrogou o amigo com o olhar. — Eu também tenho uma mãe.

— Uma nova?

Arnau hesitou.

— Não sei. Chama-se Virgem Maria.

— Virgem Maria? E quem é essa?

— Está em algumas igrejas. Eu sei que eles — prosseguiu, apontando para a vedação — iam às igrejas, mas a mim não me levavam.

— Eu sei onde ficam — Arnau arregalou os olhos. — Se quiseres, levo-te lá. A maior igreja de Barcelona!

Como sempre, Joanet desatou a correr sem esperar pela resposta do amigo, mas Arnau já estava habituado, e alcançou-o daí a pouco.

Correram até à Rua de Boquería e contornaram a judiaria, pela Rua de Bisbe, até darem com a catedral.

— Tu achas que a Virgem Maria está aí dentro? — perguntou Arnau ao amigo, apontando para o emaranhado de andaimes que se erguia contra as paredes inacabadas. Seguiu com o olhar uma

grande pedra que estava a ser içada graças aos esforços de vários homens que puxavam uma grua.

— Claro que sim! — respondeu, convicto, Joanet. — Isto é uma igreja.

— Isto não é uma igreja! — ouviram ambos alguém dizer nas suas costas. Viraram-se e deram com um homem rude, que trazia um martelo e um escopro na mão. — Isto é a catedral — afirmou, orgulhoso do seu trabalho como ajudante do mestre escultor. — Nunca a confundam com uma igreja.

Arnau olhou zangado para Joanet.

— E onde há uma igreja? — perguntou Joanet ao homem, quando este já se afastava.

— Ali mesmo — respondeu-lhes, para surpresa deles, apontando com o escopro para a mesma rua por onde tinham vindo —, na Praça de Sant Jaume.

Correndo desenfreadamente, voltaram a percorrer a Rua de Bisbe até à Praça de Sant Jaume, onde viram uma pequena construção diferente das outras, com uma infinidade de imagens em relevo esculpidas no tímpano da porta, a que se acedia por uma pequena escadaria. Nenhum dos dois pensou duas vezes. Entraram apressadamente. O interior era escuro e fresco, e antes que os seus olhos se acostumassem à penumbra, umas mãos fortes agarraram-nos pelos ombros e, tal como tinham entrado, foram atirados pela escadaria abaixo.

— Estou farto de vos dizer que não quero correrias na igreja de Sant Jaume.

Arnau e Joanet olharam-se, sem darem conta do sacerdote. A igreja de Sant Jaume! Então aquela também não era a igreja da Virgem Maria, disseram um ao outro, em silêncio.

Quando o cura desapareceu, levantaram-se; estavam rodeados por um grupo de seis rapazes, descalços, esfarrapados e sujos como Joanet.

— Tem muito mau feitio — disse um deles, fazendo um gesto com a cabeça na direcção das portas da igreja.

— Se quiserem, podemos dizer-vos por onde entrar sem que ele se aperceba — disse outro —, mas depois terão de se arranjar sozinhos. Se ele vos apanha...

— Não, não nos interessa — respondeu Arnau. — Sabem onde há outra igreja?

— Não vos deixarão entrar em nenhuma — afirmou um terceiro.

— Isso é cá connosco — respondeu Joanet.

— Olha para o pequenote! — riu-se o maior de todos, avançando para Joanet. Tinha mais do dobro da altura dele, e Arnau receou pelo seu amigo. — Tudo o que acontece nesta praça é cá connosco, percebes? — disselhe, empurrando-o.

Quando Joanet reagiu e ia atirar-se ao rapaz mais crescido, algo chamou a atenção de todos, no outro lado da praça.

— Um judeu! — gritou outro dos rapazes.

Todo o grupo desatou a correr em direcção a um rapazinho em cujo peito se destacava o redondel encarnado e amarelo, e que desatou a fugir assim que se deu conta do que lhe ia cair em cima. O pequeno judeu conseguiu alcançar a porta da judiaria antes que o grupo o apanhasse. Os rapazes estacaram diante da porta. Junto de Arnau e Joanet continuava, no entanto, um rapazinho mais pequeno ainda que Joanet, ainda de olhos arregalados perante a tentativa deste de se rebelar contra o mais velho.

— Têm outra igreja ali, atrás de Sant Jaume — indicou-lhes. — Aproveitem para fugir, porque Pau — acrescentou,apontando com a cabeça na direcção do grupo, que já se dirigia de novo para eles — vai voltar muito zangado e vocês é que vão pagar. Fica sempre zangado quando um judeu lhe foge.

Arnau puxou por Joanet, que, desafiador, esperava por esse tal Pau. Por fim, quando viu que os rapazes começavam a correr para eles, Joanet cedeu aos puxões do amigo.

Correram rua abaixo, em direcção ao mar, mas quando se deram conta de que Pau e os seus — provavelmente mais preocupados com os judeus que atravessassem a sua praça — não os seguiam, recuperaram o ritmo normal. Mal tinham percorrido uma rua desde a Praça de Sant Jaume quando deram com outra igreja. Pararam junto às escadas e entreolharam-se. Joanet fez um gesto com os olhos e a cabeça em direcção às portas.

— Esperaremos — disse Arnau.

Nesse momento, saiu da igreja uma idosa, que desceu lentamente a escadaria. Arnau nem pensou duas vezes.

— Boa mulher — disselhe quando a anciã chegou à calçada —, que igreja é esta?

— A de Sant Miquel — respondeu a mulher, sem se deter.

Arnau suspirou. Agora era de Sant Miquel.

— E onde há outra igreja? — interveio Joanet, ao ver a expressão do amigo.

— Mesmo ao fim desta rua.

— E que igreja é essa? — insistiu, logrando captar finalmente a atenção da mulher, pela primeira vez.

— Essa é a igreja de Sant Just o Pastor. Porque têm tanto interesse?

Os miúdos não responderam e afastaram-se da anciã, que os observou enquanto se afastavam, cabisbaixos.

— As igrejas são todas de homens! — desabafou Arnau. -— Temos de encontrar uma igreja de mulheres; certamente aí há-de estar a Virgem Maria.

Joanet continuou a caminhar, pensativo.

— Conheço um sítio... — disse, por fim. — São todas mulheres. Fica no extremo da muralha, junto ao mar. Chamam-lhe... — Joanet tentou recordar-se — Chamam-lhe Santa Clara.

— Também não é a Virgem.

— Mas é uma mulher. De certeza que a tua mãe está com esta. Por acaso havia de estar com algum homem sem ser o teu pai?

Desceram pela Rua de La Ciutat até à Porta de la Mar, que se abria na antiga muralha romana, junto ao castelo de Regomir, e de onde partia o caminho para o convento de Santa Clara, que terminava as novas muralhas no seu extremo oriental, frente ao mar. Depois de deixarem para trás o castelo de Regomir, viraram à esquerda e continuaram até darem com a Rua de la Mar, que ia da Praça do Blat até à igreja de Santa Maria de la Mar, onde desembocava em pequenas ruelas, que iam dar à praia. Daí, cruzando a Praça do Born e o Pia d'en Llull, chegava-se, pela Rua de Santa Clara, ao convento do mesmo nome.

Apesar da ansiedade por encontrarem a igreja que procuravam, nenhum dos dois miúdos pôde vencer o impulso de parar diante das bancas dos ceramistas situadas de ambos os lados da Rua de la Mar. Barcelona era uma cidade rica e próspera, e uma boa prova

disso eram os numerosos objectos valiosos expostos naquelas bancas: vasilhas de prata, jarras e vasos de metais preciosos com incrustações de pedras, colares, pulseiras e anéis, cinturões, um sem-número de obras de arte que refulgiam sob o sol do Verão, e que Joanet e Arnau tentavam observar antes que o artesão os obrigasse a prosseguir caminho, por vezes aos gritos ou aos pontapés. Dessa forma, correndo diante do aprendiz de um dos ourives, chegaram à Praça de Santa Maria; à sua direita, um pequeno cemitério, o fossar Mayor, e à sua esquerda, a igreja.

— Santa Clara é por... — começou a dizer Joanet, mas calou-se de repente. Aquilo... Aquilo era impressionante!

— Como terão feito isto? — interrogou-se Arnau, para depois ficar de boca aberta.

Diante deles erguia-se uma igreja, forte e resistente, séria, austera, plana, sem janelas e com umas paredes de uma grossura excepcional. Em redor do templo tinham limpo e aplanado o terreno. Uma infinidade de estacas cravadas no chão e unidas por cordas, formando figuras geométricas, rodeavam-na.

Circundando a abside da igreja pequena, erguiam-se dez esbeltas colunas de dezasseis metros de altura, cuja pedra branca sobressaía através dos andaimes que as envolviam.

Os andaimes, de madeira, apoiados na parte posterior da igreja, subiam e subiam, como escadarias imensas. Mesmo à distância a que se encontrava, Arnau teve de erguer os olhos para conseguir divisar o fim dos andaimes, muito acima das colunas.

— Vamos — incitou-o Joanet quando se cansou de olhar para o perigoso afã dos operários nos andaimes. — De certeza que é mais uma catedral.

— Isto não é uma catedral — ouviram dizer atrás de si.

Arnau e Joanet entreolharam-se e sorriram. Voltaram-se e interrogaram com o olhar um homem forte e transpirado, carregado com uma enorme pedra às costas. Então o que é?, parecia perguntar-lhe Joanet, sorrindo.

— A catedral é paga pelos nobres e pela cidade; mas esta igreja, que há-de ser mais importante e bela que a catedral, é paga e construída pelo povo.

O homem nem sequer tinha parado. O peso da pedra parecia empurrá-lo para diante; contudo, sorrira-lhes.

Os dois miúdos seguiram-no, até às traseiras da igreja, situadas junto a outro cemitério, o fossar Menor.

— Quer que o ajudemos? — perguntou Arnau.

O homem bufou antes de se virar e sorrir de novo.

— Obrigado, rapaz, mas é melhor não.

Por fim, baixou-se e deixou cair a pedra no chão. Os rapazes olharam para ela e Joanet aproximou-se para tentar movê-la, mas não conseguiu. O homem soltou uma gargalhada e joanet respondeu-lhe com um sorriso.

— Se não é uma catedral — interveio Arnau, apontando para as altas colunas oitavadas —, o que é?

— Esta é a nova igreja que está a ser erguida pelo bairro da Ribera em agradecimento e devoção a Nossa Senhora, a Virgem...

Arnau estremeceu.

— A Virgem Maria? — interrompeu, de olhos muito abertos.

— Claro, rapaz — respondeu o homem, afagando-lhe o cabelo.

— A Virgem Maria, Nossa Senhora do Mar.

— E... e onde está a Virgem Maria? — perguntou de novo Arnau, com os olhos postos na igreja.

— Ali dentro, nessa pequena igreja; mas quando terminarmos esta, terá o melhor templo que jamais alguma virgem pôde ter.

Ali dentro! Arnau nem sequer ouviu o resto. Ali dentro estava a sua Virgem. De repente, um rumor obrigou todos a erguer os olhos: um bando de pássaros empreendera o voo do mais alto dos andaimes.

CAPÍTULO 9

O bairro de la Ribera de Mar de Barcelona, onde se estava a construir a igreja em honra da Virgem Maria, crescera como um subúrbio da Barcelona carolíngia, cercada e fortificada pelas antigas muralhas romanas. Nos seus inícios fora um simples bairro de pescadores, estivadores e todo o tipo de gente humilde. Já então ali existia uma pequena igreja, chamada Santa Maria de las Arenas, situada no local onde supostamente fora martirizada Santa Eulália, no ano 303. A pequena igreja de Santa Maria de las Arenas recebeu esse nome por estar edificada precisamente sobre as areias da praia de Barcelona, mas a mesma sedimentação que tinha tornado impraticáveis os portos de que a cidade tinha gozado afastara a igreja dos areais que formavam a linha costeira, até a fazerem perder a sua denominação original. Passou então a chamar-se Santa Maria de la Mar, porque embora a costa se tenha afastado dela, o mesmo não aconteceu com a devoção de todos os homens que viviam do mar.

O passar do tempo, que já conseguira despejar dos areais a pequena igreja, obrigou também a cidade a procurar novos terrenos extramuros onde dar acolhimento à incipiente burguesia de Barcelona, que já não se podia estabelecer no recinto romano. E dos três limites de Barcelona, a burguesia optou pelo oriental, aquele por onde passava o tráfego do porto para a cidade. Aí, na própria Rua de la Mar, se instalaram os ourives; as restantes ruas recebiam os nomes dos cambistas, algodoeiros, açougueiros e padeiros, vinhateiros e quei-jeiros, chapeleiros, espadeiros, e muitos outros artesanatos.

Também se construiu aí uma estalagem onde se alojavam os mercadores estrangeiros de visita à cidade, e construiu-se a Praça do Born, por detrás de Santa Maria, onde se celebravam justas e torneios. Mas não eram só os ricos artesãos que se sentiam atraídos pelo novo bairro da Ribera; também muitos nobres se mudaram para ali, pela mão do senescal Guillem Ramon de Monteada, a quem o conde de Barcelona, Ramon Berenguer IV, cedeu os terrenos que deram lugar à rua que tinha o seu nome, que

desembocava na Praça do Born, junto a Santa Maria de la Mar, e onde se ergueram grandes e luxuosos palácios.

Depois de o bairro de Ribera de la Mar de Barcelona se tornar um lugar próspero e rico, a antiga igreja românica onde os pescadores e outras gentes do mar vinham venerar a sua padroeira tornou-se pequena e pobre para os seus prósperos e ricos paroquianos. No entanto, os esforços económicos da igreja barcelonesa e da realeza dirigiam-se exclusivamente para a reconstrução da catedral da cidade.

Os paroquianos de Santa Maria de la Mar, ricos e pobres, unidos na devoção à Virgem, não desfaleceram perante a falta de apoios e, pela mão do recém-nomeado arcediago de la Mar, Bernat Llull, solicitaram às autoridades eclesiásticas a permissão para erguerem aquele que queriam que fosse o maior monumento à Virgem Maria. E obtiveram-na.

Santa Maria de la Mar começou a construir-se, pois, pelo e para o povo, do que deu fé a primeira pedra do edifício, que foi colocada no exacto local onde iria ficar o altar-mor e em que, ao contrário do que acontecia com as construções que contavam com o apoio das autoridades, apenas se esculpiu o escudo da paróquia, em sinal de que a construção, com todos os seus direitos, pertencia única e exclusivamente aos paroquianos que a tinham construído: os ricos, com os seus dinheiros; os humildes, com o seu trabalho. Desde que se colocou a primeira pedra, um grupo de fregueses e próceres da cidade chamados “a Vigésima Quinta” deveria reunir-se todos os anos com o reitor da paróquia, para, na presença de um notário, lhe entregarem as chaves da igreja para esse ano. Arnau observou o homem da pedra. Ainda a transpirar, alquebrado, sorria enquanto olhava para a construção.

— Poderíamos vê-la? — perguntou Arnau.

— A Virgem? — perguntou por sua vez o homem, dirigindo o seu sorriso para o pequeno.

E se as crianças não podiam entrar sozinhas nas igrejas?, interrogou-se Arnau. E se tivessem de o fazer sempre acompanhadas dos pais? Que lhes tinha dito o sacerdote de Sant Jaume?

— Claro que sim. A Virgem há-de ficar encantada por uns meninos como vós a visitarem.

Arnau riu-se, nervoso. Depois, olhou para Joanet.

— Vamos? — incitou.

— Eeeh! Um momento — disselhes o homem —, eu tenho de regressar ao trabalho. — Olhou para os operários que trabalhavam a pedra. — Angel — gritou para um rapaz de uns doze anos que se aproximou deles a correr —, acompanha estes dois miúdos à igreja. Diz ao cura que querem ver a Virgem.

O homem voltou a remexer os cabelos de Arnau e desapareceu em direcção ao mar. Arnau e Joanet ficaram com o tal Angel, mas quando o rapaz olhou para eles, baixaram os olhos.

— Querem ver a Virgem?

A voz dele parecia sincera. Arnau confirmou e perguntou-lhe:

— Tu... conhece-la?

— Claro — riu-se Angel. — É a Virgem de la Mar, a minha Virgem. O meu pai é barqueiro! — acrescentou, com orgulho. — Venham.

Os dois seguiram-no até à entrada da igreja, Joanet com os olhos muito abertos, Arnau cabisbaixo.

— Tens mãe? — perguntou, de repente.

— Sim, claro — respondeu Angel sem deixar de caminhar à frente deles.

Por trás dele, Arnau sorriu para Joanet. Passaram as portas de Santa Maria, e Arnau e Joanet detiveram-se até os seus olhos se acostumarem à obscuridade. Cheirava a cera e a incenso. Arnau comparou as altas e esbeltas colunas que se erguiam por fora com as do interior da igreja: baixas, quadradas e grossas. A única luz que penetrava ali vinha de umas janelas muito estreitas, abertas e escavadas nos largos muros da construção, que deixavam cair, aqui e ali, rectângulos amarelos no chão. Pendurados do tecto, nas paredes, por toda a parte, havia barcos: alguns laboriosamente trabalhados, outros mais toscos.

— Vamos — sussurrou-lhes Angel.

Enquanto se dirigiam para o altar, Joanet apontou para várias pessoas postas de joelhos no chão e que lhes tinham passado

despercebidas, inicialmente. Ao passarem junto delas, os miúdos estranharam os murmúrios das orações.

— Que fazem estas pessoas? — perguntou Joanet, aproximando-se do ouvido de Arnau.

— Rezam — respondeu ele.

A sua tia Guiamona, quando regressava da igreja com os filhos, obrigava-o a rezar, ajoelhado no quarto, diante de uma cruz. Quando ficaram diante do altar, um sacerdote magro aproximou-se deles. Joanet pôs-se atrás de Arnau.

— Que te traz por aqui, Angel? — perguntou o homem em voz baixa, mas olhando, não obstante, para as duas crianças.

O sacerdote estendeu a mão para Angel, e o jovem inclinou-se diante dela.

— Estes dois rapazes, padre. Querem ver a Virgem.

Os olhos do sacerdote brilharam no escuro ao dirigir-se a Arnau.

— Ali a têm — disse, apontando para o altar.

Arnau seguiu a direcção que o sacerdote lhe apontava, até dar com uma pequena e simples figura esculpida em pedra, com um menino sobre o ombro direito e um barco de madeira aos pés. Arregalou os olhos; as feições da mulher eram serenas. A sua mãe!

— Como se chamam? — perguntou o sacerdote.

— Arnau Estanyol — respondeu um.

— Joan, mas chamam-me Joanet — respondeu o outro.

— E de apelido?

O sorriso desapareceu do rosto de Joanet. Ignorava qual era o seu apelido. A mãe dissera-lhe que não devia utilizar o de Ponç, o ferreiro, porque se este desse por isso, se zangaria muito, mas que também não usasse o dela. Nunca precisara de dizer a ninguém o seu apelido. Para que quereria sabê-lo agora aquele sacerdote? Mas o padre insistia com o olhar.

— O mesmo que ele — disse, por fim. — Estanyol.

Arnau virou-se para ele e leu uma súplica nos olhos do amigo.

— Então, sois irmãos.

— Huum... sim — conseguiu balbuciar Joanet, ante a silenciosa cumplicidade de Arnau.

— Sabem rezar?

— Sim — respondeu Arnau.

— Eu, não... ainda não — acrescentou Joanet.

— Pois o teu irmão que te ensine — disselhe o sacerdote. — Podem rezar à Virgem. Anda comigo, Àngel, queria dar-te um recado para o teu mestre. Há ali umas pedras...

A voz do padre foi-se perdendo, à medida que se afastavam; os dois rapazinhos ficaram em frente ao altar.

— Será preciso rezar de joelhos? — sussurrou Joanet para Arnau.

Arnau virou o olhar para as sombras que Joanet lhe apontava, e quando este já se dirigia para os genuflexórios de seda encarnada que havia diante do altar, agarrou-o pelo braço.

— As pessoas ajoelham-se no chão — disselhe também num sussurro, indicando os paroquianos —, mas também estão a rezar.

— E tu, que vais fazer?

— Eu não rezo. Estou a falar com a minha mãe. Tu não te pões de joelhos quando falas com a tua mãe, pois não?

Joanet olhou para ele. Não, realmente não o fazia...

— Mas o padre não disse que podíamos falar com ela; só disse que podíamos rezar.

— Nem te passe pela cabeça dizer mais alguma coisa ao padre. Se o fizeres, digo-lhe que mentiste e que não és meu irmão.

Joanet ficou junto de Arnau e entreteve-se a olhar para os numerosos barcos que adornavam a igreja. Gostaria de ter um daqueles barcos. Perguntou-se se flutuariam. Decerto que sim; se não, para que os teriam esculpido? Poderia pôr um daqueles barcos junto à rebentação do mar e...

Arnau tinha o olhar fixo na figura de pedra. Que poderia dizer-lhe? Teriam os pássaros entregue as mensagens? Dissera-lhes que gostava dela; dissera-lhes isso muitas vezes.

“O meu pai disseme que, embora fosse moura, está contigo, mas que não posso dizer isso a ninguém, porque as pessoas dizem que os mouros não vão para o céu — continuou a murmurar. — Era muito boa. Ela não teve culpa de nada. Foi a Margarida.”

Arnau olhava fixamente para a Virgem. Dezenas de velas acesas rodeavam-na. O ar ondulava em volta da figura de pedra.

“Habiba está contigo? Se a vires, diz-lhe que também gosto muito dela. Não te zangas por eu gostar dela, pois não? Apesar de

ser moura.”

Arnau, através da obscuridade, do ar e do tremeluzir das dezenas de velas, observou como os lábios da pequena figura se curvavam num sorriso.

— Joanet! — disse ao amigo.

— Que é?

Arnau apontou para a Virgem, mas agora os lábios dela... Talvez a Virgem não quisesse que mais ninguém a visse a sorrir? Talvez fosse um segredo.

— Que foi? — insistiu Joanet.

— Nada, nada.

— Já rezaram?

A presença de Àngel e do padre surpreendeu-os.

— Sim — respondeu Arnau.

— Eu não — começou a desculpar-se Joanet.

— Já sei, já sei — interrompeu-o o padre, afagando-lhe carinhosamente o cabelo. — E tu, que rezaste?

— A ave maria — respondeu Arnau.

— Bonita oração. Vamos, então — acrescentou o padre enquanto os acompanhava à porta.

— Padre — disse Arnau, quando já estavam lá fora — poderemos voltar?

O sacerdote sorriu-lhes:

— Claro que sim, mas espero que quando o fizeres, já tenhas ensinado o teu irmão a rezar. — Joanet aceitou com seriedade as duas palmadinhas que o padre lhe deu nas bochechas. — Voltem sempre que queiram — acrescentou. — Serão sempre bem-vindos.

Àngel começou a andar em direcção ao lugar onde se amontoavam as pedras. Arnau e Joanet seguiram-no.

— E agora, aonde vão? — perguntou-lhes, virando-se para eles. Os miúdos entreolharam-se e encolheram os ombros. — Não podem estar nas obras. Se o mestre...

— O homem da pedra? — interrompeu-o Arnau.

— Não — respondeu Àngel, rindo. — Esse é Ramon, um bastaix. — Joanet somou-se à expressão inquisitiva do amigo. — Os bastaixos são os arrieiros do mar; transportam as mercadorias da praia até aos armazéns dos mercadores, ou o contrário.

Carregam e descarregam as mercadorias depois de os barqueiros as terem trazido para a praia.

— Então, não trabalham em Santa Maria? — perguntou Arnau.

— Sim. A maior parte deles. — Àngel sorriu perante a expressão dos miúdos. — São gente humilde, sem recursos, mas muito devota da Virgem de la Mar, mais devotos do que ninguém. Como não podem dar dinheiro para a construção, a confraria dos bastaixos comprometeu-se a transportar gratuitamente a pedra da pedreira real, em Montjuic, até à obra. Trazem-nas às costas — Àngel fez esse comentário de olhar perdido —, e percorrem milhas carregados com pedras que depois só duas pessoas conseguem mover.

Arnau recordou a enorme pedra que o bastaix tinha deixado no chão.

— Claro que trabalham para a sua Virgem! — insistiu Àngel. — Mais do que ninguém. Vão brincar — acrescentou, antes de seguir caminho.

CAPÍTULO 10

— Porque continuam a erguer os andaimes?

Arnau apontou para a parte traseira da igreja de Santa Maria. Àngel ergueu os olhos e, com a boca cheia de pão e queijo, tartamudeou uma explicação ininteligível. Joanet começou a rir, Arnau juntou-se-lhe, e por fim, até o próprio Àngel não pôde evitar uma gargalhada, até que se engasgou, e o riso transformou-se num ataque de tosse.

Todos os dias, Arnau e Joanet iam a Santa Maria, entravam na igreja e ajoelhavam-se. Incentivado pela mãe, Joanet tinha decidido aprender a rezar, e repetia uma e outra vez as orações que Arnau lhe ensinava. Depois, quando os dois amigos se separavam, o pequeno corria até à janela e explicava o quanto tinha rezado nesse dia. Arnau falava com a mãe, excepto quando o padre Albert, que assim se chamava o sacerdote, se aproximava deles; então juntava-se ao murmúrio de Joanet.

Quando saíam de Santa Maria, e sempre a uma certa distância, Arnau e Joanet olhavam para as obras, para os carpinteiros, para os pedreiros, para os serventes; depois, sentavam-se no chão da praça à espera de que Àngel fizesse um intervalo no seu trabalho e se sentasse junto deles para comer o pão e queijo. O padre Albert olhava-os com carinho, os trabalhadores de Santa Maria saudavam-nos com um sorriso, e até mesmo os bastaixos, quando apareciam carregados com pedras às costas, desviavam o olhar para aqueles dois miúdos sentados em frente a Santa Maria.

— Porque continuam a erguer os andaimes? — voltou a perguntar Arnau.

Os três olharam para a parte posterior da igreja, onde se erguiam as dez colunas; oito em semicírculo e duas mais afastadas. Depois delas, já se tinham começado a construir também os contrafortes e as paredes que formariam a absi-de. Mas se as colunas subiam apenas acima da pequena igreja românica, os andaimes subiam e subiam, sem razão aparente, sem colunas no seu interior, como se os operários tivessem enlouquecido e quisessem construir uma escada até ao céu.

— Não sei — respondeu Àngel.

— Todos esses andaimes não aguentam nada — interveio Joanet.

— Mas hão-de aguentar — afirmou então com segurança a voz de um homem.

Os três rapazes viraram-se. Entre os risos e as tosses, não se tinham dado conta de que atrás deles se tinham colocado vários homens, alguns luxuosamente vestidos, outros com hábitos de sacerdotes, mas engalanados com cruzes de ouro e pedras preciosas sobre o peito, com grandes anéis e cinturões bordados com fios de ouro e de prata.

O padre Albert viu-os da porta da igreja e apressou-se a ir recebê-los. Àngel levantou-se de um salto e voltou a engasgar-se. Não era a primeira vez que via o homem que acabara de lhes responder, mas poucas vezes o vira rodeado de tanto aparato. Era Berenguer de Montagut, o mestre-de-obras de Santa Maria de la Mar.

Arnau e Joanet também se levantaram. O padre Albert juntou-se ao grupo e beijou os anéis dos bispos, saudando-os.

— O que aguentarão os andaimes?

A pergunta de Joanet fez deter o padre Albert a meio caminho de outro beijo; da sua incómoda posição, olhou para o miúdo; não fales se não te perguntarem nada, disselhe com os olhos. Um dos prebostes fez menção de prosseguir para a igreja, mas Berenguer de Montagut agarrou Joanet por um ombro e inclinou-se para ele.

— As crianças são por vezes capazes de ver aquilo que nós não vemos — disse em voz alta para os seus acompanhantes. — Por isso, não me admiraria se estes rapazes tivessem observado alguma coisa que a nós nos poderá ter passado despercebido. Queres saber por que razão continuamos a fazer subir os andaimes? — Joanet assentiu, mas não sem antes olhar para o padre Albert. — Vês o final das colunas? Pois lá de cima, do topo de cada uma delas sairão seis arcos, e o mais importante de todos será aquele sobre o qual descansará a abside da nova igreja.

— O que é uma abside? — interrogou Arnau. Berenguer sorriu e olhou para trás. Alguns dos presentes estavam tão atentos às explicações como as crianças.

— Uma abside é algo parecido com isto — o mestre juntou as pontas dos dedos das duas mãos, abrindo-as para baixo. As crianças mantiveram-se atentas àquelas mãos mágicas; alguns dos que estavam mais atrás aproximaram-se, incluindo o padre Albert. — Pois bem, em cima de tudo, no ponto mais alto — prosseguiu, separando as mãos e mostrando a ponta do seu indicador —, será colocada uma grande pedra que se chama pedra de chave. Primeiro, teremos de içar essa pedra até ao mais alto dos andaimes, ali em cima, vêem? — Todos olharam para o céu. — Uma vez que tenhamos colocado a pedra, iremos fazendo subir os nervos desses arcos, até que se juntem à pedra de chave. Por isso necessitamos de andaimes tão altos.

— E para quê tanto esforço? — tornou a perguntar Arnau.O sacerdote estremeceu quando ouviu o rapazinho, se bem que já começasse a acostumar-se às perguntas e observações. — Nada disso se poderá ver de dentro da igreja. Ficará por cima do tecto.

Berenguer riu-se, e alguns dos seus acompanhantes também o fizeram. O padre Albert suspirou.

— Poderá ver-se, sim, rapaz, porque o tecto da igreja que agora ali está irá desaparecendo à medida que se for construindo a nova estrutura. Será como se essa pequena igreja fosse criando a nova, maior, mais...

A expressão de desilusão de Joanet surpreendeu-o. O rapazito habituara-se à intimidade da pequena igreja, ao seu odor, à sua escuridão, à intimidade que encontrava ali quando rezava.

— Gostas da Virgem de la Mar? — perguntou-lhe Berenguer. Joanet olhou para Arnau.

Ambos assentiram.

— Pois quando terminarmos a sua nova igreja, essa Virgem que tanto amas terá mais luz que qualquer outra virgem do mundo. Já não estará na escuridão, como agora, e terá o templo mais belo que alguém já pôde imaginar; já não ficará encerrada entre paredes grossas e baixas, mas sim entre altas e finas, esbeltas, com colunas e absides que chegarão até ao céu, que é onde a Virgem deve estar.

Todos olharam para o céu.

— Sim — continuou Berenguer de Montagut —, até aí chegará a nova igreja da Virgem de la Mar. — Depois começou a andar para Santa Maria, acompanhado pela sua comitiva; deixaram os rapazes e o padre Albert a verem-nos afastar-se.

— Padre — perguntou Arnau, quando já não o podiam ouvir —, que será da Virgem quando derrubarem a igreja pequena, mas antes de terem acabado a grande?

— Vês aqueles contrafortes? — respondeu-lhe o sacerdote, apontando para dois dos que estavam a ser construídos para fechar o deambulatório, por detrás do altar-mor. — Pois ali, entre eles, será construída a primeira capela, a do Santíssimo; e será aí, provisoriamente, junto do corpo de Cristo e do sepulcro que contém os restos de Santa Eulália, que ficará guardada a Virgem, para que não sofra nenhum dano.

— E quem tomará conta dela?

— Não te preocupes — respondeu-lhe o clérigo, desta vez sorrindo —, a Virgem ficará bem vigiada. A capela do Santíssimo pertence à confraria dos bastaixos; eles ficarão com as chaves das suas portas e se ocuparão de guardar a tua Virgem.

Arnau e Joanet já conheciam os bastaixos, Àngel já lhes dissera os nomes deles, quando apareciam em fila, carregados com as enormes pedras: Ramon, o primeiro que tinham conhecido; Guillem, duro como as pedras que carregava às costas, crestado pelo sol e com o rosto horrivelmente desfigurado por um acidente, mas meigo e carinhoso no trato; outro Ramon, chamado “el Chico”, mais baixo que o primeiro e atarracado; Miquel, um homem fibroso que parecia incapaz de suportar o peso da sua carga, mas que o conseguia à força de retesar todos os nervos e tendões do corpo, ao ponto de parecer que a qualquer momento poderiam estalar e romper-se; Sebastià, o menos simpático e mais taciturno, e o seu filho Bastianet; Pere, Jaume e um sem-número de nomes, correspondentes àqueles trabalhadores de la Ribera que tinham assumido como tarefa sua transportar da pedreira real da La Roca até Santa Maria de la Mar os milhares de pedras necessárias para a construção da igreja.

Arnau pensou nos bastaixos: em como olhavam para a igreja quando, recurvados, chegavam a Santa Maria; em como sorriam

depois de descarregarem as pedras; na força que demonstravam nas suas costas. Podia ter a certeza de que cuidariam bem da sua Virgem.

Aquilo que Berenguer de Montagut lhes tinha adiantado não demorou nem sete dias a cumprir-se.

— Amanhã, venham ao amanhecer — aconselhou-lhes Angel.

— Vamos içar a pedra de chave.

E ali estavam as crianças, correndo por trás de todos os operários, reunidos perto da base dos andaimes. Havia mais de cem pessoas, entre trabalhadores, bastaixos e mesmo sacerdotes; o padre Albert despojara-se dos seus hábitos e aparecera vestido como qualquer outro, com uma grossa peça de tecido vermelho enrolada à cintura, à laia de faixa.

Arnau e Joanet meteram-se por entre eles, saudando uns e sorrindo para outros.

— Meninos — ouviram dizer-lhes um dos mestres pedreiros —, quando começarmos a içar a chave, não vos quero ver aqui no meio.

Cada grupo contava com um mestre pedreiro que os organizou em filas. O cordame já estava preparado e os homens agarraram-no. Berenguer de Montagut não lhes deu tempo para pensarem.

— Todos! Começai a puxar à ordem de “Já”, primeiro com suavidade, até que sintais a tensão das cordas. Já!

Arnau e Joanet viram as filas mover-se até o cordame começar a esticar-se.

— Todos! Força!

Os rapazes contiveram a respiração. Os homens cravaram os tacões na terra, começaram a puxar, e os seus braços, costas e rostos mostravam a tensão. Arnau e Joanet fixaram o olhar na grande pedra. Não se mexia.

— Todos! Mais força!

A ordem ecoou pelo terreiro. Os rostos dos homens começaram a congestionar-se. A madeira dos andaimes estalou e a chave ergueu-se a um palmo do chão. Seis mil quilos!

— Mais — gritou Berenguer sem desviar a atenção da chave.

Mais um palmo. Os rapazes tinham-se esquecido até de respirar.

— Santa Maria! Mais força! Mais!

Arnau e Joanet dirigiram o olhar para a fila de Santa Maria. Ali estava o padre Albert, que fechou os olhos e puxou a corda.

— Assim, Santa Maria! Assim. Todos! Mais força!

A madeira continuava a ranger. Arnau e Joanet olharam para os andaimes e depois para Berenguer de Montagut, que só prestava atenção à pedra, que já subia lentamente, muito lentamente.

— Mais! Mais! Mais! Todos juntos! Com força!

Quando a chave alcançou a altura do primeiro andaime, Berenguer ordenou que as filas deixassem de puxar e aguentassem a pedra no ar.

— Santa Maria e Santa Eulália, aguentai! — ordenou depois.

— Santa Clara, puxai! — A chave deslocou-se lateralmente até ao andaime de onde Berenguer dava as ordens. — Todos agora! Soltai pouco a pouco.

Todos, incluindo os que puxavam o cordame, contiveram a respiração quando a chave pousou sobre o andaime, aos pés de Berenguer.

— Devagar! — gritou o mestre-de-obras.

A plataforma retorceu-se devido ao peso da chave.

— E se cede? — sussurrou Arnau a Joanet. Se cedesse, Berenguer...

Mas aguentou. No entanto, aquele andaime não estava preparado para suportar durante muito tempo o peso da chave. Era preciso chegar mais acima, onde, segundo os cálculos de Berenguer, os andaimes aguentariam. Os pedreiros mudaram o cordame até ao guincho seguinte, e os homens voltaram a puxar as cordas. O andaime seguinte, e depois o outro; os seis mil quilos de pedra içavam-se até ao lugar onde iriam confluir as nervuras dos arcos, por cima das pessoas, no céu.

Os homens suavam e tinham os músculos tensos. De vez em quando, algum caía, e o mestre da fila corria para o retirar de debaixo dos pés dos que o precediam. Alguns cidadãos fortes tinham-se aproximado e, quando alguém já não podia mais, o mestre escolhia um deles para ocupar o lugar.

De cima, Berenguer dava as ordens, que eram transmitidas aos homens por outro mestre colocado num andaime mais abaixo. Quando a chave chegou ao último andaime, alguns sorrisos

apareceram entre os lábios fortemente cerrados, mas aquele era o momento mais difícil. Berenguer de Montagut tinha calculado o lugar exacto em que devia colocar-se a chave para que as nervuras dos arcos se lhe acoplassem perfeitamente. Durante dias, triangulara com cordas e estacas por entre as dez colunas, deitara prumos do cimo do andaime e esticara cordas e mais cordas desde as estacas do chão até ao cimo do andaime. Durante dias garatujara nos pergaminhos, raspara-os e voltara a escrever neles. Se a chave não ficasse no seu lugar exacto, não aguentaria os esforços dos arcos e a abside poderia ruir.

Por fim, após milhares de cálculos e de uma infinidade de traços, desenhou o local exacto sobre a plataforma do último andaime. Aí deveria colocar-se a chave; nem um palmo mais para lá, nem um palmo mais para cá. Os homens desesperaram quando, ao contrário do que tinha acontecido nas outras plataformas, Berenguer de Montagut não lhes permitiu deixarem a chave sobre o andaime e continuou a dar ordens:

— Um pouco mais, Santa Maria. Não. Santa Clara, puxai; agora aguentai. Santa Eulália! Santa Clara! Santa Maria!... Para baixo... Para cima! Agora! — gritou de repente. — Aguentai todos! Para baixo! Pouco a pouco. Devagar!

De repente, o cordame deixou de pesar. Em silêncio, todos os homens olharam para o céu, onde Berenguer de Montagut se tinha acocorado para comprovar a posição da chave. Rodeou a pedra, de dois metros de diâmetro, ergueu-se e saudou os que estavam em baixo, levantando os braços.

Arnau e Joanet julgaram sentir nas suas costas, coladas às paredes da velha igreja, o rugido que saiu das gargantas dos homens que, durante horas, tinham estado a puxar as cordas. Muitos deixaram-se cair por terra. Outros, a minoria, abraçaram-se e saltaram de alegria. As centenas de espectadores que tinham estado a seguir a operação gritavam e aplaudiam, e Arnau sentiu formar-se-lhe um nó na garganta, e eriçaram-se-lhe todos os pêlos do corpo.

— Gostava de ser mais velho — sussurrou nessa noite Arnau para o pai, deitados os dois sobre o colchão de palha, rodeados pelas tosses e roncos de escravos e aprendizes.

Bernat tentou adivinhar de onde viria aquele desejo. Nesse dia, Arnau tinha chegado exultante e contara mil e uma vezes como tinha sido içada a chave da abside de Santa Maria. Até Jaume o escutara com atenção.

— Porquê, filho?

— Todos fazem alguma coisa. Em Santa Maria há muitas crianças que ajudam os pais ou os mestres, mas Joanet e eu...

Bernat passou um braço pelos ombros do filho e puxou-o para si. A verdade era que, a não ser quando lhe davam alguma tarefa esporádica, Arnau passava o dia por aí. Que poderia fazer que tivesse proveito?

— Gostas dos bastaixos, não é?

Bernat sentira o entusiasmo com que ele contava como aqueles homens transportavam as pedras até à igreja. Os miúdos seguiam-nos até às portas da cidade, aí ficavam à espera deles, e depois acompanhavam-nos de regresso, ao longo da praia, de Framenors até Santa Maria.

— Sim — respondeu Arnau, enquanto o pai remexia o outro braço por debaixo do colchão.

— Toma — disselhe, entregando-lhe a velha bexiga de água que os tinha acompanhado durante a sua fuga. Arnau agarrou-a, na escuridão. — Oferece-lhes água fresca; verás como não ta recusam e como te agradecerão.

No dia seguinte, ao amanhecer, como sempre, Joanet já o esperava às portas da oficina de Grau. Arnau mostrou-lhe a bexiga, pendurou-a ao peito e correram para a praia, para a fonte do Angel, junto a los Encantes, a única fonte que havia no caminho dos bastaixos. A fonte seguinte ficava já em Santa Maria.

Quando os rapazes viram que a fila de bastaixos se aproximava, avançando lentamente, com os homens curvados sob o peso das pedras, subiram a uma das barcas varadas na praia. O primeiro bastaix chegou até perto deles e Arnau mostrou-lhe a bexiga. O homem sorriu e deteve-se junto da barca, para que Arnau deixasse cair a água directamente na sua boca. Os outros esperaram que o primeiro parasse de beber; depois, o seguinte bebeu também. De regresso à pedreira real, já livres da carga, os bastaixos paravam junto da barca para agradecer a água fresca.

A partir desse dia, Arnau e Joanet tornaram-se os aguadeiros dos bastaixos. Esperavam-nos junto à fonte do Àngele quando havia algum navio para descarregar e os bastaixos não trabalhavam em Santa Maria, seguiam-nos pela cidade, para continuarem a dar-lhes água sem que tivessem de arrear os pesados fardos que transportavam às costas.

Não deixaram de se aproximar de Santa Maria, para observá-la, falar com o padre Albert ou sentarem-se no chão e ver Angel a dar conta do seu almoço. Quem quer que os observasse podia ver nos seus olhos um brilho diferente quando olhavam para a igreja. Eles também estavam a ajudar a construí-la! Assim o tinham dito os bastaixos, e até mesmo o padre Albert.

Com a chave içada até ao céu, os rapazes puderam comprovar como, de facto, de cada uma das dez colunas que a rodeavam começavam a nascer as nervuras dos arcos; os pedreiros tinham construído umas calhas sobre as quais encaixavam uma pedra atrás de outra, e que se erguiam em curva, em direcção à chave. Por detrás das colunas, rodeando as oito primeiras, já se tinham erigido as paredes do deambulatório, com os contrafortes para dentro, metidos no interior da igreja. Entre esses dois contrafortes, disselhes o padre Albert apontando para um deles, ficaria a capela do Santíssimo, a dos bastaixos, onde descansaria a Virgem.

Porque ao mesmo tempo que nasciam as paredes do deambulatório, ao mesmo tempo que começavam a construir-se as novas abóbadas apoiadas nas nervuras que partiam das colunas, começara a desmantelar-se a igreja velha.

— Por cima da abside — contou-lhes também o sacerdote, enquanto Angel anuía —, será construída a cobertura. Sabeis com que será feita? — Os miúdos fizeram que não com a cabeça. — Com todas as vasilhas de cerâmica defeituosas da cidade. Primeiro serão colocadas traves, e sobre elas todas as vasilhas, umas ao lado das outras, em filas. E sobre elas, a cobertura da igreja.

Arnau vira todas essas vasilhas amontoadas junto às pedras de Santa Maria. Perguntou ao pai porque estavam ali, mas Bernat não tinha sabido responder-lhe.

— Só sei — disselhe — que todas as vasilhas defeituosas são amontoadas à espera de que as venham buscar. Não sabia que se

destinavam à tua igreja.

Foi assim que a nova igreja foi tomando forma, por cima da abside da velha, que já tinham começado a derrubar com cuidado, para poderem utilizar as suas pedras. O bairro da Ribera de Barcelona não queria ficar sem igreja, nem mesmo enquanto se construía aquele novo e magnífico templo mariano, e os ofícios religiosos não foram interrompidos em momento algum. No entanto, a sensação era estranha. Arnau, como toda a gente, entrava na igreja pelo portão ogival da pequena construção românica e, uma vez no seu interior, a escuridão em que antes se refugiava para falar com a sua Virgem desaparecera, para dar lugar à luz que entrava agora pelos janelões da nova abside. A antiga igreja assemelhava-se a uma pequena caixa rodeada pela magnificência de outra maior, uma caixa destinada a desaparecer à medida que a segunda crescia; uma caixa mais pequena em cujo final se abria a altíssima abside já coberta.

CAPITULO 11

Contudo, a vida de Arnau não se reduzia a Santa Maria e a dar de beber aos bastaixos. As suas obrigações, a troco de cama e comida, passavam, entre outras coisas, por ajudar a cozinheira quando esta tinha de ir às compras pela cidade.

A cada dois ou três dias, Arnau saía da oficina de Grau ao amanhecer para acompanhar Estranya, a escrava mulata que andava com as pernas abertas, insegura, bamboleando perigosamente as suas abundantes carnes. Assim que Arnau aparecia à porta da cozinha, a escrava, sem dizer uma palavra, dava-lhe os primeiros volumes: dois cestos com pães que teriam de levar ao forno da Rua Ollers Blancs para serem cozidos. Num cesto estavam os pães para Grau e sua família, amassados com farinha de trigo candial, e que se tornariam requintados pães brancos; no outro, os pães para os restantes, de farinha de cevada, de milho, ou mesmo de fava ou grão; um pão que saía escuro, denso e duro.

Entregue a massa do pão, Estranya e Arnau saíam do bairro dos oleiros e cruzavam as muralhas em direcção ao centro de Barcelona. No início do percurso, Arnau seguia sem dificuldade a escrava, ao mesmo tempo que se ria do bambolear que agitava as escuras carnes da mulher, enquanto caminhava.

— De que te ris? — perguntara-lhe, por mais de uma vez, a mulata.

Então, o rapaz olhava o rosto redondo e plano da mulher e escondia o sorriso.

— Queres rir-te? Ri-te agora — dizia-lhe, na Praça do Blat, quando o carregava com um saco de trigo. — Onde está o teu sorriso agora? — perguntava-lhe ao final da Llet, ao entregar-lhe o leite que os seus primos beberiam; e repetia a pergunta na Praceta de Cols, onde compravam couves, legumes e verduras, ou na Praça de 1'Oli, quando compravam azeite, caça ou aves.

A partir daí, cabisbaixo, Arnau seguia a escrava por toda a Barcelona. Nos dias de abstinência, cento e sessenta, quase metade do ano, as carnes da mulata bamboleavam até chegar à praia, perto de Santa Maria, e aí, em qualquer das duas peixarias da cidade, a nova ou a velha, Estranya esforçava-se por conseguir os melhores carapaus, atuns, esturjões, palom-betas, neros e corvinas.

— Agora vamos buscar o teu peixe — dizia-lhe sorrindo quando já tinha obtido o que precisava.

Então, dirigiam-se às traseiras e a mulata comprava os restos. Também havia sempre muita gente na parte de trás de qualquer das duas peixarias, mas aí Estranya não regateava com ninguém.

Apesar disso, Arnau preferia os dias de abstinência àqueles em que Estranya tinha de ir comprar carne, porque enquanto para comprar os restos do peixe bastava dar dois passos para ir às traseiras da venda, para os restos da carne Arnau tinha de correr meia Barcelona e sair da cidade, carregado com os fardos da mulata.

Nos açougues anexos ao matadouro da cidade, compravam a carne para Grau e sua família. Era carne de primeira qualidade, como toda a que se vendia dentro de muros; Barcelona não permitia a entrada de animais mortos. Toda a carne que se vendia na cidade condal entrava viva e era morta no seu interior.

Por isso, para comprar os despojos para alimentar os servos e os escravos, era preciso sair da cidade por Portaferrisa, até chegar ao mercado onde se amontoavam animais mortos e todo o tipo de carne de origem desconhecida. Estranya sorria a Arnau enquanto comprava aquela carne, o carregava com ela e, depois de passar

pelo forno para recolher os pães, voltavam para casa de Grau; Estranya no seu bambolear, Arnau arrastando os pés.

Certa manhã em que Estranya e Arnau estavam a fazer compras no matadouro maior, junto à Praça do Blat, começaram a soar os sinos da igreja de Sant Jaume. Não era domingo, nem dia de festa. Estranya ficou parada, grande como era, com as pernas abertas. Alguém gritou na praça. Arnau não conseguiu compreender o que dizia, mas a este grito juntaram-se muitos outros, e as pessoas começaram a correr em todas as direcções. O rapaz virou-se para Estranya, com uma pergunta nos lábios que não chegou a formular. Largou os sacos. Os mercadores de cereais levantavam as suas bancas apressados. As pessoas continuavam a correr e a gritar, e os sinos de Sant Jaume não paravam de repicar. Arnau fez menção de se dirigir para a Praça de Sant Jaume, mas... não tocavam também os sinos de Santa Clara? Aguçou o ouvido em direcção ao convento das monjas, e nesse momento começaram a repicar os sinos de Sant Pere, os de Framenors, os de Sant Just. Todos os sinos da cidade tocavam a rebate! Arnau ficou onde estava, com a boca aberta, ensurdecido, enquanto via as pessoas a correr.

De repente, deu com o rosto de Joanet diante do seu. O amigo, nervoso, não conseguia ficar quieto.

— Via fora! Via fora! — gritava.

— O quê? — perguntou Arnau.

— Via fora!— gritou-lhe Joanet ao ouvido.

— Que significa isso?

Joanet mandou-o calar e apontou para a antiga Porta Maior, sob o palácio do corregedor.

Arnau dirigiu o olhar para a porta, precisamente no momento em que por esta passava um aguazil do corregedor vestido para a batalha, com uma couraça prateada e uma grande espada à cinta. Na mão direita, pendendo de uma haste dourada, trazia o pendão de Sant Jordi: a cruz vermelha sobre fundo branco. Depois dele, outro aguazil, também equipado para a batalha, trazia o pendão da cidade. Os dois homens percorreram a praça até ao centro, onde se encontrava a pedra que dividia a cidade em bairros. Uma vez aí, mostrando os pendões de Sant Jordi e de Barcelona, os aguazis gritaram em uníssono:

— Via fora! Via fora!

Os sinos continuavam a repicar e o Via fora! corria por todas as ruas da cidade, na boca dos cidadãos. Joanet, que tinha observado o espectáculo num silêncio reverente, começou a gritar desalmadamente.

Por fim, Estranya pareceu responder e incentivou Arnau a sair dali. O rapaz, fascinado com os aguazis, de pé no centro da praça, com as suas couraças refulgentes e as suas espadas, hieráticos sob os coloridos pendões, soltou-se da mão da mulata.

— Vamos, Arnau — ordenou Estranya.

— Não — opôs-se, acicatado por Joanet. Estranya agarrou-o pelo ombro e sacudiu-o.

— Vamos, isto não é connosco.

— Que dizes tu, escrava? — As palavras partiram de uma mulher que, junto com outras, fascinadas como eles, observava os acontecimentos e presenciara a discussão entre Arnau e a mulata.
— O rapaz é escravo? — Estranya negou com um gesto da cabeça.
— É cidadão? — O rapaz anuiu. — Como te atreves, então, a dizer que o via fora não é com ele?

Estranya tremeu e os seus pés mexeram-se como os de um pato que não quisesse andar.

— Quem és tu, escrava — perguntou outra das mulheres —, para negares ao rapaz a honra de defender os direitos de Barcelona?

Estranya baixou a cabeça. Que diria o seu amo se a coisa se soubesse? Ele, que tanto queria as honras da cidade. Os sinos continuavam a repicar. Joanet aproximara-se do grupo de mulheres e chamava Arnau para se lhes juntar.

— As mulheres não vão com a host da cidade — recordou a primeira mulher a Estranya.

— Muito menos os escravos — acrescentou outra.

— Quem te parece que deverá cuidar dos nossos maridos, se não forem os rapazes como estes?

Estranya não se atreveu a levantar os olhos.

— Quem julgas que lhes faz a comida ou os recados, lhes tira as botas ou limpa as balestras?

— Vai aonde tens de ir — ordenaram-lhe. — Este não é sítio para escravos.

Estranya pegou nos sacos que até então tinha sido Arnau a carregar, e começou a andar, movendo as suas carnes. Joanet, sorrindo prazenteiro, olhou com admiração para o grupo de mulheres. Arnau continuava no mesmo sítio.

— Vão, rapazes — instaram-nos as mulheres —, e cuidem dos nossos homens.

— Diz ao meu pai! — gritou Arnau para Estranya, que ainda só fora capaz de percorrer três ou quatro metros.

Joanet percebeu que Arnau não despegava os olhos do lento caminhar da escrava, e adivinhou-lhe as hesitações.

— Não ouviste as mulheres? — disselhe. — Somos nós que devemos cuidar dos soldados de Barcelona. O teu pai compreenderá.

Arnau anuiu, primeiro lentamente, depois com energia. Claro que compreenderia! Por acaso não tinha lutado para que fossem cidadãos de Barcelona?

Quando se voltaram para a praça, viram que junto aos dois pendões dos aguazis se encontrava agora um terceiro: o dos mercadores. O porta-bandeira não vestia roupas de guerra, mas levava uma balestra e uma espada à cintura. Daí a pouco, chegou outro pendão, o dos ourives, e assim, lentamente, a praça encheu-se de coloridas bandeiras com todo o tipo de símbolos e de figuras: o pendão dos curtidores, o dos cirurgiões ou barbeiros, o dos carpinteiros, o dos caldeireiros, o dos oleiros...

Sob os pendões iam-se agrupando, consoante o seu ofício, os cidadãos de Barcelona; todos, como a lei exigia, armados com uma balestra, uma aljava com cem flechas e uma espada ou uma lança. Ao fim de menos de duas horas, o sagramental de Barcelona estava disposto para partir em defesa dos privilégios da cidade.

Durante essas duas horas, Arnau conseguiu perceber a que se devia tudo aquilo. Por fim, Joanet explicou-lhe:

— Barcelona não se defende apenas em caso de necessidade, mas também ataca quem se atreva contra nós. — O pequeno falava com veemência, apontando para os soldados e para os pendões, e mostrando o seu orgulho pela resposta de todos eles. — É

fantástico! Já vais ver. Com sorte, estaremos alguns dias fora. Quando alguém maltrata algum cidadão ou ataca os direitos da cidade, faz-se uma denúncia a… bem, não sei a quem se faz a denúncia, se ao corregedor, se ao Conselho dos Cem, mas se as autoridades considerarem provado o que foi denunciado, então convoca-se a host sob o pendão de Sant Jordi; ali está ele, vês? No centro da praça, por cima de todos os outros. Os sinos tocam a rebate e as pessoas correm à rua gritando Via fora!, para que toda a Barcelona se dê conta. Os próceres das confrarias pegam nos seus pendões e os confrades reúnem-se em sua volta para acorrer à batalha.

Arnau, com os olhos arregalados, observava tudo o que se passava à sua volta, enquanto seguia Joanet através dos grupos reunidos na Praça do Blat.

— E o que há a fazer? É perigoso? — perguntou Arnau perante o alarde de armas que se viam dispostas na praça.

— Geralmente não é perigoso — respondeu Joanet, sorrindo.

— Repara que se o corregedor deu aval à chamada, fá-lo em nome da cidade, mas também do rei, porque nunca se pode lutar contra as tropas reais. Depende sempre de quem seja o agressor, mas assim que um senhor feudal vê aproximar-se a host de Barcelona, costuma vergar-se às suas exigências.

— Então, não há batalha?

— Depende do que as autoridades decidam e da posição do senhor. Da última vez, arrasou-se uma fortaleza; então, sim, houve batalha, e mortos, e ataques e... Olha! Ali está o teu tio — disse Joanet, apontando para o pendão dos oleiros. — Vamos!

Sob o pendão, e junto dos outros três próceres da confraria, estava Grau Puig, vestido para a batalha, com botas,uma cota de couro que lhe cobria do peito até meio da perna, e uma espada à cinta. Em volta dos quatro homens, circulavam os oleiros da cidade.

Assim que Grau deu pela presença dos rapazes, fez um sinal a Jaume, e este interpôs-se no caminho.

— Aonde vais? — perguntou-lhes. Arnau pediu, com o olhar, a ajuda de Joanet.

— Vamos oferecer a nossa ajuda ao mestre — respondeu Joanet. — Poderemos levar-lhe a trouxa com a comida... ou o que

ele desejar.

— Lamento — limitou-se a dizer Jaume.

— E agora? — perguntou Arnau quando Jaume virou costas.

— Que se dane! — respondeu-lhe Joanet. — Não te preocupes, isto está cheio de gente que ficará encantada por a ajudarmos. Além disso, nem darão conta de que vamos com eles.

Os dois rapazes começaram a andar por entre as pessoas; observavam as espadas, as balestras e as lanças, admiravam aqueles que usavam armadura, ou tentavam apanhar as animadas conversas.

— Então e essa água? — ouviram gritar atrás deles. Arnau e Joanet viraram-se.

Os rostos dos dois rapazes iluminaram-se ao verem Ramon, que lhes sorria. Junto dele estavam mais vinte macíps, todos eles imponentes e armados, que olhavam para eles.

Arnau tacteou as costas, em busca da bexiga, e tal deve ter sido o seu desconsolo ao não a encontrar que vários dos bastaixos, rindo, se chegaram a ele e lhe ofereceram a sua.

— Há que estar sempre preparado, para quando a cidade te chama — gracejaram.

O sagramental saiu de Barcelona atrás da cruz vermelha do pendão de Sant Jordi, em direcção à vila de Creixell, perto de Tarragona. Os habitantes dessa povoação tinham retido um rebanho que era propriedade dos açougueiros de Barcelona.

— É assim tão mau, isso? — perguntou Arnau a Ramon, que tinham decidido acompanhar.

— Claro que sim. O gado propriedade dos açougueiros de Barcelona tem privilégio de passagem e de pasto em toda a Catalunha. Ninguém, nem sequer o rei, pode reter um rebanho destinado a Barcelona. Os nossos filhos têm de comer a melhor carne do principado — acrescentou, passando a mão pelos cabelos dos miúdos. — O senhor de Creixell reteve um rebanho e exige do pastor o pagamento dos direitos de pasto e de passagem pelas suas terras. Imaginam o que seria se de Tarragona até Barcelona todos os nobres e barões exigissem pagamento por pasto e passagem? Não poderíamos comer!

Mal sabes tu a carne que Estranya nos dá..., pensou Arnau. Joanet adivinhou os pensamentos do amigo e fez uma careta de desagrado. Arnau só contara isso a Joanet. Estivera tentado a revelar ao pai a origem da carne que lhes davam a comer nos dias em que não tinham de observar a abstinência, mas quando o via comer com gosto, quando via todos os escravos e operários de Grau lançarem-se sobre a panela, fazia das tripas coração, calava-se e comia também.

— Há mais alguma razão para fazer sair o sagramental? — perguntou Arnau, com um sabor amargo na boca.

— Claro que sim. Qualquer ataque aos privilégios de Barcelona ou contra um cidadão pode implicar a saída do sagramental. Por exemplo, se alguém raptar um cidadão de Barcelona, o sagramental sai para o libertar.

Conversando, mas sem deixarem de avançar, Arnan e Joanet percorreram a costa — Sant Boi, Castelldefels e Garraf —, sob o olhar atento das pessoas com quem se cruzavam, que se afastavam do caminho e guardavam silêncio à passagem do sagramental. Até o mar parecia respeitar a host de Barcelona, e o seu rumor apagava-se com a passagem daquelas centenas de homens armados, marchando atrás do pendão de Sant Jordi. O sol acompanhou-os durante todo o dia, e quando o mar começou a cobrir-se de prata, detiveram-se para passar a noite na vila de Sitges. O senhor de Fonollar recebeu no seu castelo os próceres da cidade, e o resto do sagramental acampou às portas da vila.

— Haverá guerra? — perguntou Arnau.

Todos os bastaixos olharam para ele. O crepitar do fogo rasgou o silêncio. Joanet, deitado, dormia com a cabeça apoiada nas coxas de Ramon. Alguns bastaixos trocaram olhares à pergunta de Arnau. Haveria guerra?

— Não — respondeu Ramon. — O senhor de Creixell não poderá enfrentar-nos.

Arnau parecia decepcionado.

— Talvez sim — contentou-o outro dos próceres da confraria, do outro lado da fogueira. — Há muitos anos, quando eu era um jovem, mais ou menos como tu — Arnau quase se queimou para poder ouvi-lo —, foi convocado o sagramental para ir a Castellbisbal, cujo

senhor tinha retido um rebanho de gado, tal como agora fez o senhor de Creixell. O senhor de Castellbisbal não se rendeu e enfrentou o sagramental; talvez acreditasse que os cidadãos de Barcelona, mercadores, artesãos ou bastaixos como nós, não seriam capazes de lutar. Barcelona tomou o castelo, prendeu o senhor e os seus soldados, e destruiu-o por completo.

Arnau imaginava-se empunhando uma espada, subindo uma escada ou gritando vitorioso sobre as ameias do castelo de Creixell: "Quem ousa opor-se ao sagramental de Barcelona?" Todos os bastaixos repararam na expressão dele: o rapaz, com o olhar perdido nas chamas, tenso, com as mãos crispadas num pau com que pouco antes brincara, atiçava o fogo, zurzindo: "Eu, Arnau Estanyol..." Os risos trouxeram-no de volta a Sitges.

— Vai dormir — aconselhou Ramon, que já se levantava com Joanet ao colo. Arnau fez uma careta. — Assim poderás sonhar com a guerra — consolou-o o bastaix.

A noite estava fresca e alguém cedeu uma manta para os dois rapazinhos.

No dia seguinte, ao amanhecer, prosseguiram a marcha para Creixell. Passaram por Geltrú, Vilanova, Cubelles, Segur e Barà, todas povoações com castelos, e, de Barà, desviaram-se para o interior, em direcção a Creixell. Era uma povoação que ficava a menos de uma milha do mar, situada num alto em cujo cume se erguia o castelo do senhor de Creixell, uma fortificação construída sobre um talude de pedras de onze lados, com várias torres defensivas, e em redor da qual se espalhavam as casas da vila.

Faltavam algumas horas para anoitecer. Os próceres das confrarias foram chamados pelos conselheiros e pelo corregedor. O exército de Barcelona alinhou em formação de combate frente a Creixell, com os pendões à frente. Arnau e Joanet caminhavam atrás das linhas, oferecendo água aos bastaixos, mas quase todos a recusavam; tinham os olhos postos no castelo. Ninguém falava, e os miúdos não se atreveram a romper o silêncio. Os próceres regressaram e juntaram-se às respectivas confrarias. Todo o exército pôde ver três embaixadores de Barcelona encaminharem-se para Creixell; outros tantos abandonaram o castelo e juntaram-se-lhes a meio do caminho.

Arnau e Joanet, como todos os cidadãos de Barcelona observaram em silêncio os negociadores.

Não houve batalha. O senhor de Creixell tinha conseguido fugir através de um passadiço secreto que unia o castelo à praia, por detrás do exército. O alcaide da vila, diante dos cidadãos de Barcelona em formação de batalha, deu ordens de rendição às forças da cidade condal. Os seus conterrâneos devolveram o gado, puseram em liberdade o pastor, aceitaram pagar uma forte compensação económica, comprometeram-se a obedecer e a respeitar, no futuro, os privilégios da cidade, e entregaram dois dos seus cidadãos, aqueles que consideravam culpados da afronta, que foram imediatamente presos.

— Creixell rendeu-se — anunciaram os conselheiros ao exército.

Um murmúrio elevou-se por entre as filas de barceloneses. Os soldados acidentais embainharam as espadas, largaram as balestras e as lanças e despiram as roupas de combate. Os risos, os gritos e os gracejos começaram a ouvir-se ao longo das fileiras do exército.

— O vinho, rapazes! — instou Ramon. — Que se passa convosco? — perguntou, ao vê-los parados. — Gostariam de ter visto uma guerra, não é verdade?

A expressão dos rapazes foi resposta suficiente.

— Qualquer um de nós poderia ter ficado ferido ou, até, ser morto. Teriam gostado disso? — Arnau e Joanet apressaram-se a fazer que não com a cabeça. — Devem ver isto de outra maneira: pertencem à maior e mais poderosa cidade do principado, e toda a gente tem medo de nos enfrentar. — Arnau e Joanet escutaram Ramon com os olhos muito abertos. — Vão buscar o vinho, rapazes. Também vocês brindarão por esta vitória.

O pendão de Sant Jordi regressou com honra a Barcelona, e junto com ele, os dois rapazinhos, orgulhosos da sua cidade, dos seus concidadãos e de serem barceloneses. Os presos de Creixell entraram na cidade acorrentados e foram exibidos pelas ruas de Barcelona. As mulheres e toda a gente que se apinhava nas ruas aplaudiam o exército e cuspiam para os detidos. Arnau e Joanet acompanharam a comitiva durante todo o percurso, sérios e altivos, com a mesma pose com que, depois de os presos serem

definitivamente encerrados no palácio do corregedor, se apresentaram a Bernat, que, aliviado por ver o filho são e salvo, esqueceu a reprimenda que tinha pensado dar-lhe e ouviu sorridente o relato das suas novas experiências.

CAPITULO 12

Tinham passado uns meses desde a aventura que os levara a Creixell, mas a vida de Arnau pouco mudara durante esse tempo. A espera de fazer os dez anos, idade com que entraria como aprendiz na oficina do tio, continuava a percorrer com Joanet a atraente e sempre surpreendente Barcelona; dava de beber aos bastaixos e, sobretudo, desfrutava de Santa Maria de la Mar, via-a crescer e rezava à Virgem, a quem contava as suas aventuras, animando-se com aquele sorriso que julgava perceber nos lábios da figura de pedra. Tal como lhe dissera o padre Albert quando o altar-mor da igreja românica desaparecera, transportaram a Virgem para a pequena capela do Santíssimo, situada no deambulatório, por detrás do novo altar-mor de Santa Maria, entre dois dos contrafortes da construção e encerrada por altas e fortes barras de ferro. A capela do Santíssimo não gozava de nenhum benefício que não fosse dos bastaixos, encarregados de tratar dela, de a proteger, de a limpar e de manter sempre acesos os círios que a iluminavam. Aquela era a capela deles, a mais importante do templo, destinada a guardar o corpo de Cristo e, no entanto, a paróquia tinha-a cedido aos humildes carregadores portuários. Muitos nobres e ricos mercadores pagariam para construir e constituir benefícios sobre as trinta e três restantes capelas que se construiriam em Santa Maria de la Mar, disselhes o padre Albert, todas elas entre os contrafortes do deambulatório e as naves laterais; mas aquela, a do Santíssimo, pertencia aos bastaixos e o jovem aguadeiro nunca teve problemas em se aproximar da sua Virgem.

Numa manhã em que Bernat estava a arrumar os seus haveres debaixo do colchão, onde escondia a bolsa em que guardava o dinheiro que trouxera da sua precipitada fuga de casa, havia já quase nove anos, bem como o pouco dinheiro que o cunhado lhe dava — dinheiros que serviriam para que Arnau se pudesse estabelecer quando tivesse aprendido o ofício —, Jaume entrou nos

aposentos dos escravos. Bernat, intrigado, olhou para o oficial. Não era costume Jaume andar por ali.

— Que se passa?

— A tua irmã morreu — respondeu Jaume.

Bernat sentiu as pernas irem-se abaixo e caiu sentado sobre a enxerga, com a bolsa de moedas na mão.

— Como... Como foi isso? Que se passou? — balbuciou.

— O mestre não sabe. De manhã, ela estava fria.

Bernat deixou cair a bolsa e levou as mãos ao rosto. Quando as separou e ergueu os olhos, Jaume já tinha desaparecido. Com um nó na garganta, Bernat recordou a rapariguinha que trabalhava nos campos com o pai e com ele, a rapariga que cantava incessantemente enquanto tratava dos animais. Muitas vezes Bernat vira o pai a fazer uma pausa nas suas tarefas e a fechar os olhos, deixando-se levar por uns instantes por aquela voz alegre e despreocupada. E agora...

O rosto de Arnau permaneceu impassível quando, à hora de comer, recebeu a notícia da boca do pai.

— Ouviste-me, filho? — Insistiu Bernat.

Arnau fez que sim com a cabeça. Havia um ano que não via Guiamona, a não ser na árvore para ver os primos a brincar; ali estava ele, espiando, chorando em silêncio, e eles riam e corriam, e ninguém... Sentiu o impulso de dizer ao pai que não se importava, que Guiamona não gostava dele, mas a expressão de tristeza que viu nos olhos de Bernat impediu-o.

— Pai… — disse Arnau, aproximando-se dele.

Bernat abraçou o filho.

— Não chores — sussurrou Arnau com a cabeça encostada ao peito do pai.

Bernat apertou-o e Arnaud correspondeu rodeando-o com os braços.

Estavam a comer em silêncio, junto dos escravos e dos aprendizes, quando se ouviu o primeiro uivo. Um grito arrepiante que pareceu rasgar o ar. Todos olharam para a casa.

— Carpideiras — disse um dos aprendizes. — A minha mãe é uma delas. Talvez seja ela. É quem melhor chora em toda a cidade — acrescentou com orgulho.

Arnau olhou para o pai; ouviu-se outro uivo e Bernat viu o filho encolher-se.

— Vamos ouvir muito disto — avisou-o. — Disseram-me que Grau contratou muitas carpideiras.

E assim foi. Durante toda a tarde e toda a noite, enquanto as pessoas ocorriam a casa dos Puig para darem os seus pêsames, várias mulheres choraram a morte de Guiamona.

Nem Bernat nem o filho conseguiram conciliar o sono devido àquele constante uivar das carpideiras.

— Já toda Barcelona sabe — comentou Joanet a Arnau, quando este o conseguiu encontrar, de manhã, por entre a multidão que se apinhava à porta da casa de Grau. Arnau encolheu os ombros. — Vieram todos para o funeral — acrescentou Joanet perante o gesto do amigo.

— Porquê?

— Porque Grau é rico e a toda a gente que vier acompanhar o funeral ele dará roupa — Joanet mostrou a Arnau uma longa camisa preta. — Assim como esta — acrescentou, sorrindo.

A meio da manhã, quando já toda a gente estava vestida de preto, o cortejo fúnebre partiu em direcção à igreja de Nazaret, onde ficava a capela de Santo Hipólito, sob cuja protecção se encontrava a confraria dos ceramistas. As carpideiras iam perto do féretro, chorando, uivando e arrancando cabelos.

A igreja estava repleta de personalidades: próceres das diversas confrarias, conselheiros da cidade, e a maior parte dos membros do Conselho dos Cem. Agora que Guiamona tinha morrido, ninguém se preocupava com os Estanyol, mas Bernat , puxando pelo filho, conseguiu aproximar-se do local onde o cadáver repousava, e onde as vestimentas simples oferecidas por Grau se misturavam com sedas e bissós, os caros véus de linho preto. Nem sequer o deixaram despedir-se da irmã.

Dali, enquanto os sacerdotes oficiavam o funeral, Arnau conseguia vislumbrar os rostos congestionados dos primos. Josep e Genís mantinham a compostura, Margarida permanecia de pé, mas sem conseguir conter o constante tremor do seu lábio inferior. Tinham perdido a mãe, tal como ele.

Saberiam aquilo da Virgem?, interrogou-se Arnau; depois, desviou o olhar para o tio, hierático. Tinha a certeza de que Grau não contaria isso aos seus filhos. Os ricos são diferentes sempre lho tinham dito; talvez eles tivessem outra maneira de encontrar uma nova mãe.

E decerto que tinham. Um viúvo rico em Barcelona, um viúvo com aspirações... Não passara ainda o período de luto quando Grau começou a receber propostas de casamento. E não teve pejo de as negociar. Finalmente, a escolhida para se tornar nova mãe dos filhos de Guiamona foi Isabel, uma rapariga jovem e pouco graciosa, mas nobre. Grau sopesara as virtudes de todas as aspirantes, mas decidira-se pela única que era nobre. O dote dela era um título isento de benefícios, terras ou riquezas, mas que permitiria a Grau aceder a uma classe que lhe tinha estado vedada. Que lhe importavam a ele os dotes vultuosos que alguns mercadores lhe ofereciam, desejosos de se unirem à sua riqueza? As grandes famílias nobres da cidade não se preocupavam com o estado de viuvez de um simples ceramista, por muito rico que fosse; só o pai de Isabel, sem recursos económicos, percebeu no carácter de Grau a possibilidade de uma conveniente aliança para ambas as partes, e não se enganou.

— Compreenderás — exigiu-lhe o futuro sogro — que a minha filha não pode viver numa oficina de cerâmica. — Grau anuiu. — E que também não pode casar-se com um simples ceramista. — Desta vez, Grau tentou responder, mas o sogro fez um gesto desdenhoso com a mão. — Grau — acrescentou —, nós, nobres, não podemos dedicar-nos ao artesanato, percebes? Talvez não sejamos ricos, mas nunca seremos artesãos.

Nós, os nobres, não podemos...

Grau ocultou a sua satisfação ao ver-se incluído. E tinha razão: que nobre da cidade possuía uma oficina de artesão? Senhor Barão; a partir de agora, chamar-lhe-iam senhor Barão, nas suas negociações mercantis, no Conselho dos Cem... Senhor Barão! Como poderia um barão da Catalunha ter uma oficina de ceramista?

Pela mão de Grau, ainda prócer da confraria, Jaume não teve problemas em ascender à categoria de mestre. Trataram do assunto sob a pressão da pressa de Grau em desposar Isabel, temeroso de

que os nobres, sempre tão caprichosos, se arrependessem. O futuro barão não teria tempo para ir ao mercado. Jaume tornar-se-ia mestre e Grau vender-lhe-ia a oficina e a casa, a prestações. Só havia um problema:

— Tenho quatro filhos — disselhe Jaume. — Vai ser-me difícil pagar-vos o preço da venda... — Grau instou-o a continuar. — Não posso assumir todos os compromissos que tendes no negócio: escravos, oficiais, aprendizes... Nem sequer poderia alimentá-los! Se quero seguir em frente, terei de me arranjar com os meus quatro filhos.

A data da boda estava marcada. Grau, pela mão do pai de Isabel, adquiriu um caro palacete na Rua de Monteada, onde viviam as famílias nobres de Barcelona.

— Lembra-te — avisou-o o sogro ao sair da recém-adquirida propriedade —, não entres na igreja com uma oficina às costas.

Inspeccionaram até ao último recanto da sua nova casa; o barão anuía condescendente e Grau calculava mentalmente o que lhe ia custar preencher todo aquele espaço. Por detrás dos portões que davam para a Rua de Monteada abria-se um pátio empedrado; em frente, as cavalariças, que ocupavam a maior parte do rés-do-chão, junto das cozinhas e dos dormitórios dos escravos.

A direita, uma grande escadaria de pedra, ao ar livre, subia para primeiro piso nobre, onde ficavam os salões e outras salas; em cima, no segundo piso, os quartos. Todo o palacete era de pedra; os dois pisos nobres com janelas corridas ogivais, que davam para o pátio.

— De acordo — disse Grau àquele que durante anos fora o seu primeiro-oficial —, ficas livre de compromissos.

Assinaram o contrato nesse mesmo dia e Grau, ufano, compareceu diante do sogro com o documento.

— Já vendi a oficina — anunciou.

— Senhor Barão — respondeu o sogro, estendendo-lhe a mão.

E agora?, pensou Grau, depois de ficar só. Os escravos não são problema; ficarei com os que me servirem e os que não me servirem... vão para o mercado. Quanto aos oficiais e aprendizes...

Grau falou com os membros da confraria e recolocou todo o seu pessoal, a troco de modestas somas. Só restavam o cunhado e o

seu rapaz. Bernat não tinha qualquer título na oficina; não era sequer oficial. Ninguém o admitiria numa oficina, para além de que era proibido. O rapaz nem sequer começara a aprendizagem, mas existia um contrato e, de qualquer forma, como iria ele pedir a alguém que admitisse uns Estanyol? Todos saberiam que aqueles dois fugitivos eram seus parentes. Chamavam-se Estanyol, como Guiamona. Todos ficariam a saber que dera refúgio a dois fugitivos da terra, e agora que ia ser nobre... Acaso não eram os nobres os mais acérrimos inimigos dos servos fugitivos? Acaso não eram esses mesmos nobres quem estava a pressionar o rei para que derrogasse as disposições que permitiam a fuga de servos das terras? Como iria tornar-se nobre com os Estanyol na boca de toda a gente? Que diria o sogro?

— Virão comigo — disse a Bernat, que já havia uns dias que andava preocupado com os novos acontecimentos.

Jaume, como novo dono da oficina, livre das ordens de Grau, sentou-se e falou com ele com confiança: “Não se atreverá a fazer nada convosco. Sei-o, porque mo confessou; não quer que se torne pública a vossa situação. Consegui um bom acordo, Bernat. Ele tem pressa, precisa urgentemente de arrumar todos os seus assuntos antes de casar com Isabel. Tu tens um contrato assinado para o teu filho. Aproveita-o, Bernat. Ameaça-o com o tribunal. És um bom homem. Gostava que percebesses que tudo o que sucedeu durante todos estes anos...”

Bernat compreendia-o. E, levado pelas palavras do antigo oficial, atreveu-se a enfrentar o cunhado.

— Que dizes? — gritou Grau quando Bernat lhe respondeu com um seco “para onde e para quê?” — Para onde eu queira e para o que eu queira — continuou, gritando, nervoso, e gesticulando.

— Não somos teus escravos, Grau.

— Poucas opções tens.

Bernat teve de pigarrear antes de seguir o conselho de Jaume:

— Posso ir a tribunal.

Crispado, tremendo, pequeno e magro, Grau levantou-se da cadeira. Mas Bernat nem pestanejou, por mais que desejasse sair dali a correr; a ameaça do tribunal ecoou nos ouvidos do viúvo.

Tratariam dos cavalos que Grau se vira obrigado a adquirir juntamente com o palacete. “Não vais ter cavalariças vazias...”, dissera-lhe o sogro, de passagem, como se falasse com uma criança ignorante. Grau somava e somava, mentalmente. “E a minha filha Isabel sempre montou a cavalo”, acrescentara o sogro.

Mas o mais importante para Bernat foi o bom salário que obteve para si e para Arnau, que também começaria a trabalhar com os cavalos. Poderiam viver fora do palacete, numa casa própria, sem escravos, sem aprendizes; ele e o filho teriam dinheiro suficiente para seguirem em frente.

Foi o próprio Grau quem instou Bernat a anular o contrato de aprendizagem de Arnau e a assinar outro novo.

Desde que lhe tinham concedido a cidadania, Bernat raramente saíra da oficina, e sempre sozinho, ou acompanhado apenas por Arnau. Não parecia haver nenhuma denúncia contra ele; o seu nome constava nos registos de cidadania. Nesse caso, já teriam ido buscá-lo, pensava ele, cada vez que punha pé na rua. Costumava caminhar até à praia e, aí, misturava-se por entre as dezenas de trabalhadores do mar, com o olhar sempre posto no horizonte, deixando-se acariciar pela brisa, saboreando o ambiente acre que envolvia a praia, os barcos, a maresia...

Já tinham passado quase dez anos desde que atingira o rapaz da forja. Esperava que ele não tivesse morrido. Arnau e Joanet saltitavam à roda dele. Adiantavam-se-lhe, correndo, depois voltavam para trás com a mesma rapidez e olhavam para ele com os olhos brilhantes e um sorriso na boca.

— A nossa própria casa! — gritava Arnau. — Vamos viver para o bairro de La Ribera, por favor.

— Receio que seja apenas um quarto — tratou de lhe explicar o pai, mas o rapazinho continuou a sorrir como se se tratasse do melhor palácio de Barcelona.

— Não é mau sítio — disselhe Jaume quando Bernat comentou a sugestão do filho. — Aí encontrarás quartos.

E ali iam os três, os dois miúdos a correr e Bernat carregado com os seus poucos haveres. Tinham passado quase dez anos desde que chegara à cidade.

Durante todo o trajecto até Santa Maria, Arnau e Joanet não pararam de saudar as pessoas com quem se cruzavam.

— É o meu pai! — gritou Arnau para um bastaix carregado com um saco de cereais, apontando para Bernat, de quem se tinham adiantado mais de vinte metros.

O bastaix sorriu sem parar de andar, dobrado pelo peso. Arnau voltou-se para Bernat e começou a correr de novo para ele, mas ao fim de alguns passos, parou. Joanet não o seguia.

— Vamos — incitou-o, movendo as mãos. Mas Joanet abanou a cabeça.

— Que se passa, Joanet? — perguntou-lhe, virando-se para ele. O pequeno baixou os olhos.

— É o teu pai — murmurou. — O que vai ser de mim, agora?

Tinha razão. Toda a gente os tomava por irmãos. Arnau não tinha pensado nisso.

— Corre. Anda comigo — disselhe, puxando-o.

Bernat viu-os aproximarem-se; Arnau puxava por Joanet, que parecia receoso. “Parabéns pelos seus filhos”, disselhe o bastaix ao passar por ele. Sorriu. Mais de um ano a correrem juntos. E a mãe do pequeno Joanet? Bernat imaginou-o sentado num caixote, deixando-se acariciar na cabeça por um braço sem rosto. Fez-se-lhe um nó na garganta.

— Pai... — começou a dizer Arnau quando chegaram perto dele. Joanet escondeu-se por trás do amigo.

— Meninos — interrompeu-o Bernat —, acho que...

— Pai, seria difícil seres o pai de Joanet? — largou de imediato Arnau. Bernat viu a cabecita do pequeno espreitando por trás de Arnau.

— Vem cá, Joanet — disselhe Bernat. — Tu queres ser meu filho? — continuou quando o pequeno abandonou o seu refúgio.

O rosto de Joanet iluminou-se.

— Isso quer dizer que sim? — perguntou Bernat. O rapazinho abraçou-se à perna dele.

Arnau sorriu para o pai.

— Vão brincar — ordenou Bernat com a voz embargada.

Os rapazes levaram Bernat ao padre Albert.

— De certeza que ele nos poderá ajudar — disse Arnau, enquanto Joanet anuía.

— O nosso pai! — disse o mais pequeno, adiantando-se a Arnau e repetindo a apresentação que fora fazendo ao longo de todo o trajecto, mesmo a quem só conhecia de vista.

O padre Albert pediu aos rapazes que os deixassem a sós e convidou Bernat para um copo de vinho doce enquanto escutava as suas explicações.

— Sei onde poderão alojar-se — disselhe. — É boa gente. Diz-me, Bernat... conseguiste um bom trabalho para Arnau; receberá um bom salário e aprenderá um ofício, e os palafreneiros são sempre necessários. Mas que será do teu outro filho? Que pensas fazer com Joanet?

Bernat remexeu-se na cadeira e foi sincero com o sacerdote.

O padre Albert acompanhou-os a casa de Pere e da sua mulher, dois idosos sem família que viviam num pequeno edifício de dois andares, junto à praia, com a cozinha no piso de baixo e três quartos no piso de cima, e de quem sabia estarem interessados em arrendar um dos quartos.

Durante todo o trajecto, e também enquanto apresentava os Estanyol a Pere e à mulher, e observava como Bernat lhes mostrava o dinheiro, o padre Albert não parou de agarrar no ombro de Joanet. Como podia ter sido tão cego? Como pudera não se dar conta do calvário em que vivia aquele pequenito? Quantas vezes o vira ficar ensimesmado, com o olhar perdido no infinito!

O padre Albert apertou contra si o pequeno. Joanet virou-se para ele e sorriu-lhe.

O quarto era pequeno e simples, mas limpo, com dois colchões no chão por única mobília e com o rumor constante das ondas por única companhia. Arnau aguçou o ouvido para escutar o afã dos operários de Santa Maria, mesmo atrás deles. Jantaram o tradicional cozido, preparado pela mulher de Pere. Arnau olhou para o prato, levantou os olhos e sorriu para o pai. Que longe estavam já as mistelas de Estranya! Os três comeram com gosto, observados pela idosa, sempre pronta a encher-lhes de novo as escudelas.

— Vamos dormir — anunciou Bernat, já satisfeito. — Amanhã temos trabalho.

Joanet hesitou. Olhou para Bernat, e quando todos já se tinham levantado da mesa, virou-se para a porta da casa.

— Não são horas de sair, filho — disselhe Bernat, diante dos dois anciãos.

CAPÍTULO 13

— São o irmão da minha mãe e o filho — explicou Margarida à madrasta quando esta estranhou que Grau tivesse contratado mais duas pessoas para apenas sete cavalos. Grau dissera-lhe que não queria saber para nada dos cavalos e, de facto, nem sequer desceu para inspeccionar os magníficos estábulos do piso de baixo do palácio. Ela tratara de tudo: escolhera os animais e trouxera consigo o seu estribeiro-mor, Jesus, que por sua vez lhe aconselhou que contratasse os serviços de um palafreneiro com experiência: Tomás.

Mas quatro pessoas para sete cavalos era excessivo, mesmo para os costumes da baronesa, e assim o disse na sua primeira visita às cavalariças, depois da contratação dos Estanyol. Isabel instou Margarida a continuar.

— Eram camponeses, servos da terra.

Isabel não disse nada, mas a suspeita germinou no seu interior.

A rapariga prosseguiu:

— O filho, Arnau, foi o culpado da morte do meu irmão mais pequeno, Guiamon. Odeio-os! Não sei porque os foi contratar o meu pai.

— Já saberemos — murmurou a baronesa, com os olhos cravados nas costas de Bernat, ocupado nesse momento a escovar o pêlo de um dos cavalos.

Nessa noite, no entanto, Grau não fez caso das palavras da mulher.

— Pareceu-me o mais adequado — limitou-se a responder, depois de confirmar as suspeitas dela de que se tratava de fugitivos.

— Se o meu pai descobrisse isso...

— Mas não descobrirá, pois não, Isabel? — Grau observou a esposa, que já estava vestida para jantar, num dos novos costumes que tinha introduzido na vida de Grau e da sua família. Tinha apenas vinte anos e era extremamente magra, como Grau. Pouco bonita e desprovida daquelas graciosas curvas com que em tempos Guiamona o recebera, era, no entanto, nobre, e o seu carácter

também o devia ser, pensava Grau. — Decerto não gostarias que o teu pai se inteirasse de que vives com dois fugitivos.

A baronesa olhou-o com os olhos a brilhar e saiu da sala.

Apesar da aversão da baronesa e dos seus enteados, Bernat demonstrou a sua valia com os animais. Sabia tratá-los, alimentá-los, limpar-lhes os cascos e curá-los se fosse preciso, e mover-se entre eles; se havia alguma coisa em que se podia dizer que carecia de experiência, era apenas nos cuidados destinados ao embelezamento.

— Querem-nos brilhantes — comentou um dia Arnau de regresso a casa. — Sem uma ponta de pó. É preciso escovar e escovar para lhes tirar a areia que se introduz por entre os pêlos, e depois escovar também para que brilhem.

— E as crinas e as caudas?

— Cortá-las, entrançá-las, adorná-las.

— Para que quererão os cavalos com tantos lacinhos?

Arnau estava proibido de se aproximar dos animais. Admirava-os nas cavalariças; via como respondiam aos cuidados do pai, e desfrutava quando, sozinho com ele, o pai lhe permitia fazer-lhes festas. Excepcionalmente, por um par de vezes e a salvo de olhares indiscretos, Bernat empoleirara-o num dos cavalos, em pêlo, dentro da cavalariça. As funções que lhe tinham atribuído não lhe permitiam abandonar a selaria. Ali limpava, uma e outra vez, os arneses; engraxava o couro e esfregava-o com um trapo até que absorvesse a gordura e a superfície da sela e das rédeas resplandecesse. Limpava os freios e os estribos e escovava as mantas e demais adornos, até que por fim desaparecia o último pêlo de cavalo, tarefa que tinha de ser acabada usando os dedos e as unhas para extrair, como pinças, aquelas finas agulhas que se cravavam no tecido e se confundiam com ele. Depois, quando lhe sobrava tempo, dedicava-se a esfregar e esfregar a carruagem que Grau tinha comprado.

Com o decurso dos meses, até Jesus teve de reconhecer o valor do camponês. Quando Bernat entrava em qualquer uma das cavalariças, os cavalos nem sequer se mexiam e, na maioria, até o procuravam. Tocava-lhes, acariciava-os e sussurrava-lhes, para os tranquilizar. Quando quem entrava era Tomás, os animais baixavam

as orelhas e refugiavam-se junto da parede mais distante do palafreneiro, enquanto este lhes gritava. Que se passava com aquele homem? Até então, sempre fora um palafreneiro exemplar, pensava Jesus, cada vez que ouvia mais um grito.

Todas as manhãs, quando pai e filho partiam para o trabalho, Joanet dedicava-se a ajudar Mariona, a esposa de Pere. Limpava, arrumava e depois ajudava-a a ir às compras. Mais tarde, quando ela se embrenhava na tarefa de cozinhar,Joanet saía a correr para a praia, em busca de Pere. Este dedicara a sua vida à pesca e, para além das esporádicas ajudas que recebia da confraria, recebia algumas moedas por ajudar a reparar os aparelhos; Joanet acompanhava-o, atento às explicações, e corria de um lado para o outro quando o velho pescador precisava de alguma coisa.

E, assim que podia, escapava-se para ir ver a mãe.

— Esta manhã — explicou-lhe um dia —, quando Bernat foi pagar a Pere, ele devolveu-lhe uma parte do dinheiro. Disselhe que o pequeno... O pequeno sou eu, sabes, mãe? Chamam-me pequeno. Bem, então ele disselhe que como o pequeno ajudava em casa e na praia, não tinha de pagar a minha parte.

A prisioneira escutava, com a mão sobre a cabeça do rapazinho. Como tudo mudara! Desde que vivia com os Estanyol, o seu pequenito já não ficava sentado, soluçando, à espera das suas silenciosas carícias e de alguma palavra de carinho, de um carinho cego. Agora falava e contava-lhe coisas. Até se ria!

— Bernat deu-me um abraço — continuou Joanet — e Arnau deu-me os parabéns.

A mão fechou-se sobre os cabelos do rapazinho.

E Joanet continuou a falar. Atabalhoadamente, falou de Arnau e de Bernat, de Mariona e de Pere, da praia e dos pescadores, dos aparelhos que reparavam... Mas a mulher já não o ouvia, satisfeita por o filho saber finalmente o que era um abraço, por o pequenito ser finalmente feliz.

— Corre, filho — interrompeu-o a mãe, tentando ocultar a tremura da voz. — Devem estar à tua espera.

Do interior da sua prisão, Joana ouviu o pequeno saltar do caixote e sair a correr, e imaginou-o a saltar por aquela vedação destinada a desaparecer das suas recordações.

Que sentido fazia ainda? Aguentara anos a pão e água entre aquelas quatro paredes, cujos mais ínfimos pormenores tinham sido percorridos centenas de vezes pelos seus dedos. Lutara contra a solidão e a loucura, olhando para o céu pela diminuta janela que lhe fora concedida pelo rei, magnânimo monarca! Vencera as febres e as doenças, e tudo fizera pelo seu pequenino, para poder acariciar-lhe a cabecita, para o animar, para lhe fazer sentir que, apesar de tudo, não estava sozinho no mundo.

Agora já não estava sozinho. Bernat dava-lhe abraços! Era como se ela o conhecesse. Sonhara com ele enquanto as horas se eternizavam. “Cuida dele, Bernat”, dizia para o ar. Agora, Joanet era feliz, e ria e corria, e...

Joana deixou-se cair no chão e ficou sentada. Nesse dia não tocou no pão nem na água; o seu corpo não os desejava.

Joanet voltou noutro dia, e depois noutro, e ela ouvia-o rir e falar do mundo, cheio de entusiasmo. Da janela só saíam sons apagados: sim, não, vai, corre, vai viver.

— Corre a desfrutar essa vida que por minha culpa não tiveste — acrescentava Joana, num sussurro, depois de o rapazinho ter saltado a vedação.

O pão foi-se amontoando no interior da prisão de Joana.

— Sabes o que aconteceu, mãe? — Joanet encostou o caixote à parede e sentou-se; os pés ainda não lhe chegavam ao chão. — Não, claro. Como havias de saber? — Já sentado, empoleirado no caixote, encostou-se à parede, no sítio onde sabia que a mão da mãe procuraria a sua cabeça. — Vou contar-te. É muito divertido. Aconteceu que ontem um dos cavalos de Grau...

Mas da janela não saíra braço algum.

— Mãe? Ouve. Já te disse que é divertido. Foi com um dos cavalos de...

Joanet voltou os olhos para a janela.

— Mãe?

Esperou.

— Mãe?

Apurou o ouvido, por cima do ruído dos martelos dos caldeireiros, que ecoavam por todo o bairro; nada.

— Mãe! — gritou.

Ajoelhou-se em cima do caixote. Que havia de fazer? A mãe sempre lhe proibira que se aproximasse da janela.

— Mãe! — voltou a gritar, esticando-se para a janela.

A mãe sempre lhe dissera que não espreitasse, que nunca tentasse vê-la. Mas não respondia! Joanet espreitou pela janela. O interior estava demasiado escuro.

Empoleirou-se na janela e passou uma perna. Não conseguia passar. Só poderia entrar de lado.

— Mãe? — repetiu.

Agarrado à parte de cima da janela, colocou os dois pés sobre o parapeito e, de lado, saltou para dentro.

— Mãe? — sussurrou, enquanto os olhos se habituavam à escuridão.

Esperou até conseguir vislumbrar um buraco de onde saía um cheiro insuportável; do outro lado, à sua esquerda, junto à parede, enrolado sobre um colchão de palha, viu um corpo.

Joanet esperou. Não se mexia. O repicar dos martelos a baterem no cobre ficara lá fora.

— Queria contar-te uma coisa divertida — disse, aproximando-se. As lágrimas começaram a correr-lhe pela cara. — Havias de te rir — balbuciou ao lado do corpo.

Joanet sentou-se junto do cadáver da mãe. Joana escondera o rosto entre os braços, como se tivesse adivinhado que o filho entraria na cela, como se tivesse querido evitar que ele a visse naquelas condições, mesmo depois de morta.

— Posso tocar-te?

O pequenito acariciou o cabelo da mãe, sujo, desgrenhado, seco e áspero.

— Foi preciso morreres para podermos estar juntos.

Joanet começou a chorar.

Bernat não hesitou por um momento quando, de regresso a casa, interrompendo-se um ao outro, logo à porta de casa, Pere e a mulher lhe comunicaram que Joanet não tinha regressado. Nunca lhe tinham perguntado onde ia quando desaparecia; supunham que fosse a Santa Maria, mas ninguém o vira por lá nessa tarde. Mariona levou uma mão à boca.

— E se lhe aconteceu alguma coisa? — soluçou a idosa.

— Havemos de o encontrar — tentou tranquilizá-la Bernat.

Joanet ficou junto da mãe; primeiro deslizou a mão sobre o cabelo dela, depois entrelaçou-o nos dedos, desembaraçando-o. Não tentou ver as feições dela. Depois, levantou-se e olhou para a janela.

Anoiteceu.

— Joanet?

Joanet voltou a olhar para a janela.

— Joanet? — ouviu de novo do outro lado da parede.

— Arnau?

— Que se passa?

Respondeu-lhe de dentro:

— Morreu...

— E porque não...

— Não consigo. Cá dentro não tenho o caixote. É demasiado alto. Cheira muito mal, — concluiu Arnau.

Bernat voltou a bater à porta da casa de Ponç, o caldeireiro. Que teria feito o rapazinho ali dentro durante todo o dia? Bateu mais uma vez, com força. Porque não abriam? Nesse momento abriu-se a porta e um gigante ocupou quase na totalidade a ombreira. Arnau retrocedeu.

— Que querem? — bramou o caldeireiro, descalço e com uma camisa puída que lhe chegava à altura dos joelhos como única peça de vestuário.

— Chamo-me Bernat Estanyol e este é o meu filho — disse, agarrando Arnau por um ombro e empurrando-o para a frente —, amigo do seu filho Joanet...

— Eu não tenho nenhum filho — interrompeu-o Ponç, fazendo menção de fechar a porta.

— Mas tem mulher — respondeu Bernat segurando a porta com o braço. Ponç cedeu. — Ou melhor... — esclareceu perante o olhar do caldeireiro. — Tinha. Morreu.

Ponç não se deixou demover.

— E? — perguntou, com um imperceptível encolher de ombros.

— Joanet está lá dentro com ela. — Bernat tentou imprimir ao seu olhar toda a dureza de que fosse capaz. — Não consegue sair de lá.

— Era lá que esse bastardo devia ter estado toda a vida.

Bernat aguentou o olhar do caldeireiro, apertando o ombro do filho. Arnau estava quase a encolher-se, mas quando o caldeireiro olhou para ele, aguentou-se erguido.

— Que pensa fazer? — insistiu Bernat.

— Nada — respondeu o caldeireiro. — Amanhã, quando deitar abaixo a construção, o miúdo poderá sair.

— Não pode deixar uma criança toda a noite...

— Na minha casa, posso fazer o que bem entenda.

— Avisarei o corregedor — ameaçou Bernat, apesar de saber como era inútil a ameaça.

Ponç semicerrou os olhos e, sem dizer palavra, desapareceu no interior da casa, deixando a porta aberta. Bernat e Arnau esperaram até que ele regressou com uma corda, que entregou directamente a Arnau.

— Tira-o de lá — ordenou. — E diz-lhe que, agora que a mãe morreu, não quero voltar a vê-lo por aqui.

— Como? — começou a perguntar Bernat.

— Pelo mesmo sítio onde se encostou durante todos estes anos — adiantou-se-lhe Ponç. — Saltando a vedação. Pela minha casa é que não passarão.

— E a mãe? — perguntou Bernat antes que a porta se voltasse a fechar.

— A mãe foi-me entregue pelo rei com ordens de que não a matasse, e ao rei a devolverei agora, que está morta — respondeu Ponç com rapidez. — Entreguei bom dinheiro como caução, e juro por Deus que não pretendo perdê-lo por uma rameira.

Só o padre Albert, que já conhecia a história de Joanet, e o velho Pere e a mulher, a quem Bernat não teve outro remédio senão contar tudo, souberam da desgraça do pequeno. Os três dedicaram-se ao miúdo. Mas, apesar de tudo, o mutismo de Joanet persistia, e os seus movimentos, antes nervosos e inquietos, eram agora mais lentos, como se carregasse aos ombros um peso insuportável.

— O tempo cura tudo — disse Bernat a Arnau uma manhã. — Temos de esperar e oferecer-lhe o nosso carinho e a nossa ajuda.

Mas Joanet permaneceu em silêncio, à excepção de algumas crises de choro que o assolavam todas as noites. Pai e filho ficavam

quietos, ouvindo-o, encolhidos nos seus colchões, até que parecia que as forças abandonavam o pequeno e o sono, nunca tranquilo, o vencia.

— Joanet — ouviu Bernat o filho a chamar, certa noite. — Joanet.

Não houve resposta.

— Se quiseres, posso pedir à Virgem que seja também tua mãe.

Muito bem, filho!, pensou Bernat. Não quisera dizer-lhe isso, porque era a Virgem dele, o seu segredo. Já partilhava o pai; agora teria de ser ele a tomar aquela decisão.

E assim fizera, mas Joanet não respondia. O quarto permaneceu no mais absoluto silêncio.

— Joanet? — insistiu Arnau.

— Isso era como me chamava a minha mãe — Era a primeira coisa que dizia em muitos dias, e Bernat ficou muito quieto no seu colchão. — E ela já cá não está. Agora sou o Joan.

— Como queiras... Ouviste o que te disse da Virgem, Joanet... Joan? — corrigiu-se Arnau.

— Mas a tua mãe não fala contigo, e a minha falava.

— Conta-lhe aquilo dos pássaros! — sussurrou Bernat.

— Mas eu posso ver a Virgem, e tu não podias ver a tua mãe.

O miúdo voltou a ficar em silêncio.

— Como sabes que ela te ouve? — perguntou, por fim. — Não passa de uma figura de pedra, e as figuras de pedra não ouvem.

Bernat conteve a respiração.

— Se é verdade que não ouvem — respondeu —, então porque fala toda a gente com elas? Até o padre Albert o faz. Já o viste. Por acaso achas que o padre Albert está enganado?

— Mas não é a mãe do padre Albert — insistiu o pequeno.

— Ele disseme que tem mãe. Como poderei saber se a Virgem quer ser minha mãe, se não fala comigo?

— Há-de dizer-to à noite, enquanto dormes, e pelos pássaros.

— Pelos pássaros?

— Bem... — hesitou Arnau. A verdade era que nunca entendera bem aquilo dos pássaros, mas também não se tinha atrevido a dizer isso ao pai. — Isso é mais complicado. Isso depois explica-te o meu... o nosso pai.

Bernat sentiu formar-se-lhe um nó na garganta. O silêncio caiu de novo sobre o quarto, até que Joan voltou a falar:

— Arnau, poderíamos ir agora mesmo perguntar isso à Virgem?

— Agora?

Sim. Agora, filho, agora. Ele precisa, pensou Bernat.

— Por favor.

— Sabes que é proibido entrar à noite na igreja. O padre Albert...

— Não faremos barulho. Ninguém dará por isso. Por favor.

Arnau cedeu e os dois rapazes saíram silenciosamente da casa de Pere, para percorrerem os poucos passos dali até à igreja de Santa Maria de la Mar.

Bernat remexeu-se no colchão. Que lhes poderia acontecer? Todos na igreja gostavam deles.

A lua brincava com as estruturas dos andaimes, com as paredes a meio da construção, os contrafortes, os arcos, as absides... Santa Maria estava em silêncio e só uma ou outra fogueira denotava a presença de vigilantes. Arnau e Joanet rodearam a igreja até à Rua do Born; a entrada principal estava fechada e a zona do cemitério de las Moreres, onde se guardava a maior parte dos materiais, era a mais vigiada. Uma fogueira solitária iluminava a fachada das obras. Não era difícil aceder ao interior; as paredes e contrafortes desciam da abside até à porta do Born, onde uma plataforma de madeira assinalava a localização da escada de entrada. Os rapazes pisaram os desenhos do mestre Montagut, que indicavam o local exacto da porta e das escadarias, penetraram em Santa Maria, e encaminharam-se em silêncio para a capela do Santíssimo, no deambulatório, onde por detrás de umas fortes grades de ferro forjado, elegantemente trabalhadas, os esperava a Virgem, sempre iluminada pelos círios que os bastaixos repunham constantemente.

Ambos se benzeram. “Devem fazê-lo sempre que entrem na igreja”, dissera-lhes o padre Albert, e agarraram-se às grades da capela.

— Ele quer que sejas mãe dele — disse em silêncio Arnau para a Virgem. — A mãe dele morreu e eu não me importo de te partilhar.

Joan, com as mãos agarradas às grades, olhava para a Virgem, e depois para Arnau, repetidamente.

— Então? — interrompeu-o.

— Silêncio!

— O pai diz que deve ter sofrido muito. A mãe dele estava fechada, sabes? Só podia pôr um braço de fora através de uma janela muito pequena, e ele não podia vê-la, até que morreu, mas disseme que também nessa altura não olhou para ela. Porque ela lho proibira.

O fumo das velas de cera pura de abelha, que subia da palmatória, logo abaixo da imagem, voltou a turvar a visão de Arnau, e os lábios de pedra sorriram-lhe.

— Ela será tua mãe — sentenciou, virando-se para Joan.

— Como sabes isso, se me disseste que te responde através dos...

— Sei, e isso basta — interrompeu-o Arnau, bruscamente.

— E se eu lhe perguntasse?

— Não — voltou a interrompê-lo Arnau.

Joan olhou para aquela imagem de pedra; desejava poder falar com ela como Arnau fazia. Porque não o ouvia a ele, e ao seu irmão sim? Como podia Arnau saber... Enquanto Joan prometia a si próprio que um dia também ele seria digno de que ela falasse consigo, ouviu-se um ruído.

— Chiu! — sussurrou Arnau, olhando para a abertura da porta da las Moreres.

— Quem vive? — O reflexo de uma candeia erguida ao alto apareceu na abertura.

Arnau começou a dirigir-se para a Rua do Born, por onde tinham entrado, mas Joan permaneceu imóvel, com o olhar fixo na candeia que já se aproximava do deambulatório.

— Vamos! — sussurrou Arnau, puxando-o.

Quando chegaram à Rua do Born, viram que várias candeias se dirigiam para eles. Arnau olhou para trás: no interior da igreja, Arnau viu que outras candeias se tinham somado à primeira.

Não tinham escapatória. Os vigilantes falavam e gritavam uns para os outros. Que poderiam fazer? A plataforma de madeira! Empurrou Joan para o chão; o pequeno estava paralisado. As madeiras não tapavam os lados. Voltou a empurrar Joan e ambos rastejaram para dentro, até chegarem às fundações da igreja. Joan colou-se a elas. As luzes subiram pela plataforma. Os passos dos

vigilantes sobre as tábuas ressoaram nos ouvidos de Arnau e as vozes silenciaram os batimentos do seu coração.

Esperaram que os homens inspeccionassem a igreja. Uma vida inteira! Arnau olhava para cima, tentando ver o que se passava, e de cada vez que a luz passava por entre as tábuas encolhia-se para se esconder ainda melhor.

Por fim, os vigilantes desistiram. Dois deles pararam em cima da plataforma, e daí iluminaram a zona por uns instantes. Como podia ser que não ouvissem os batimentos do seu coração? E os de Joan? Os homens desceram da plataforma. E Joan? Arnau voltou a cabeça para o sítio onde o pequeno se tinha encolhido. Um dos vigilantes pendurou uma candeia perto da plataforma, e o outro começou a perder-se na distância. Joan não estava lá! Onde se teria metido? Arnau aproximou-se do local onde as fundações da igreja se juntavam à plataforma. Tacteou com a mão. Havia um buraco, uma pequena racha que se abrira entre as pedras.

Joan, empurrado por Arnau, tinha rastejado para o interior do buraco; nada se interpusera no seu caminho, e o pequeno continuara a rastejar através da pequena gruta que descia suavemente em direcção ao altar-mor. Arnau empurrara-o a rastejar. “Silêncio!”, exigira-lhe por diversas vezes. O roçagar do seu próprio corpo contra o chão impedira-o de ouvir o que quer que fosse, mas Arnau deveria estar logo atrás dele. Ouvira-o meter-se debaixo da plataforma. Só quando o estreito túnel alargou, permitindo-lhe voltar-se e até pôr-se de joelhos, Joan se deu conta de que estava só. Onde estaria? A escuridão era total.

— Arnau? — chamou. A voz ecoou no interior. Era... era como uma gruta. Debaixo da igreja!

Voltou a chamar, uma e outra vez. Em voz baixa, primeiro, aos gritos, depois; mas os seus próprios gritos assustaram-no. Podia tentar regressar, mas... onde estava o túnel? Joan abriu os braços, mas as suas mãos não tocaram em nada; tinha rastejado demasiado.

— Arnau! — gritou de novo.

Nada. Começou a chorar. Que haveria naquele sítio? Monstros? E se fosse o Inferno? Estava debaixo de uma igreja; não diziam que o Inferno ficava em baixo? E se aparecesse o Demónio?

Arnau rastejou pela cova. Joan só podia ter ido por ali. Não voltara a sair pela plataforma. Depois de percorrer uma parte, chamou pelo amigo; era impossível que o ouvissem fora do túnel. Nada. Rastejou mais um pouco.

— Joanet! — gritou. — Joan — corrigiu.

— Aqui! — ouviu o pequeno responder-lhe.

— Aqui, onde?

— Aqui, no fim do túnel.

— Estás bem?

Joan deixou de tremer.

— Sim.

— Então volta para aqui.

— Não posso — Arnau suspirou. — Isto é como uma gruta, e agora não sei onde está a saída.

— Vai tacteando as paredes até que... Não! — rectificou Arnau imediatamente. — Não faças isso, ouves, Joan? Pode haver outros túneis. Se eu conseguisse chegar aí... Consegues ver alguma coisa, Joan?

— Não — respondeu o rapazito.

Poderia continuar até o encontrar, mas... e se se perdesse também? Porque havia uma gruta ali debaixo? Ah, agora já sabia como lá chegar. Precisava de uma luz. Com uma candeia poderiam voltar.

— Espera aí! Ouves-me, Joan? Fica quieto e espera-me aí, sem te mexeres. Ouves-me?

— Sim, ouço-te. Que vais fazer?

— Vou buscar uma candeia e já volto. Espera-me aí sem te mexeres, está bem?

— Sim... — titubeou Joan.

— Pensa que estás por debaixo da Virgem, da tua mãe. — Arnau não ouviu nenhuma resposta. — Joan, ouviste-me?

Como não haveria de o ouvir?, interrogou-se o pequeno. Ele dissera “a tua mãe”. Ele não conseguia ouvi-la, mas Arnau, sim. Mas também não o tinha deixado falar com ela. E se Arnau não tivesse querido partilhar a mãe com ele e o tivesse fechado ali naquele Inferno?

— Joan? — insistiu Arnau.

— Que é?

— Espera por mim sem te mexeres.

Com dificuldade, Arnau arrastou-se para trás até ficar de novo debaixo da plataforma da Rua do Born. Sem pensar duas vezes, pegou na candeia que o vigilante tinha deixado pendurada e voltou a meter-se no túnel.

Joan viu chegar a luz. Arnau aumentou a chama quando as paredes da galeria se alargaram. O pequeno encontrava-se ajoelhado, a dois passos da saída do túnel. Joan olhou para ele, em pânico.

— Não tenhas medo — tentou tranquilizá-lo Arnau.

Levantou mais a candeia e aumentou ainda mais a chama. Que era aquilo? Um cemitério! Estavam num cemitério?

Uma pequena gruta que por qualquer razão tinha ficado debaixo de Santa Maria como uma bolha de ar. O tecto era tão baixo que nem se podiam pôr de pé. Arnau dirigiu a luz para umas grandes ânforas, parecidas com as vasilhas que vira na oficina de Grau, mas maiores. Algumas estavam partidas e deixavam ver os cadáveres que continham, mas outras não: eram grandes ânforas cortadas pela parte mais bojuda, unidas entre si e seladas ao centro.

Joan tremia; tinha os olhos fixos num cadáver.

— Fica tranquilo — insistiu Arnau, aproximando-se. Mas Joan aproximou-se dele bruscamente.

— Que é... — começou a perguntar Arnau.

— Vamos embora — pediu-lhe Joan, interrompendo-o.

Sem esperar pela resposta, meteu-se no túnel. Arnau seguiu-o e, quando chegaram à plataforma, apagou a candeia. Não se via ninguém. Devolveu a candeia ao seu lugar e regressaram a casa de Pere.

— Nem uma palavra de tudo isto a ninguém — disse a Joan, de caminho. — De acordo?

Joan não respondeu.

CAPÍTULO 14

Desde que Arnau lhe assegurara que a Virgem também era sua mãe, Joan corria para a igreja assim que tinha algum momento livre e, agarrado com as mãos às grades da capela do Santíssimo, metia

o rosto entre as grades e ficava a contemplar a figura de pedra com o menino sobre o ombro e o barco aos pés.

— Qualquer dia não consegues tirar daí a cabeça — disselhe certa vez o padre Albert.

Joan tirou a cabeça e sorriu-lhe. O sacerdote remexeu-lhe os cabelos e baixou-se.

— Gostas dela? — perguntou-lhe, apontando para o interior da capela.

Joan hesitou.

— Agora é a minha mãe — respondeu, mais levado pelo desejo que pela certeza.

O padre Albert sentiu um nó na garganta. Quantas coisas lhe poderia contar sobre Nossa Senhora! Tentou falar, mas não conseguiu. Abraçou o pequeno, enquanto esperava que a voz lhe regressasse.

— Rezas-lhe? — perguntou, depois de se recompor.

— Não. Apenas lhe falo — O padre Albert interrogou-o com o olhar. — Sim, conto-lhe as minhas coisas.

O sacerdote olhou para a Virgem.

— Continua, filho, continua — acrescentou, deixando-o sozinho.

Não lhe foi difícil consegui-lo. O padre Albert pensou em três ou quatro candidatos e, por fim, decidiu-se por um rico ourives. Na última confissão anual, o artesão mostrara-se bastante contrito por algumas relações adúlteras que tinha tido.

— Se és a mãe dele — murmurou o padre Albert, levantando o olhar para o céu —, não te importarás que eu use este pequeno ardil pelo teu filho, pois não, Senhora? — O ourives não se atreveu a negar-se. — Trata-se apenas de um pequeno donativo para a escola da catedral — disselhe o cura. — Com isso, ajudarás uma criança e Deus... Deus agradecer-to-á.

Só lhe faltava falar com Bernat, e por isso foi à procura dele.

— Consegui que admitam Joanet na escola da catedral — anunciou-lhe enquanto passeavam pela praia, perto da casa de Pere.

Bernat virou-se para o sacerdote.

— Não tenho dinheiro suficiente para isso, padre — desculpou-se.

— Não te vai custar dinheiro nenhum.

— Mas eu pensava que as escolas...

— Sim, mas isso é nas da cidade. Na escola da catedral basta... — Para quê explicar? — Bem, o que interessa é que consegui. — Os dois homens continuaram a passear. — Aprenderá a ler e a escrever, primeiro com livros de letras e depois com outros, de salmos e de orações — Porque não dizia Bernat nada? — Quando fizer treze anos, poderá começar a escola secundária, o estudo do Latim e das sete artes liberais: Gramática, Dialéctica, Retórica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.

— Padre — disse Bernat —, Joanet ajuda em casa, e graças a isso Pere não me cobra mais uma boca. Se o rapaz vai estudar...

— Dar-lhe-ão de comer na escola. — Bernat olhou-o e abanou a cabeça, como se estivesse a pensar no assunto. — Além disso — acrescentou o sacerdote —, já falei com Pere, e ele está de acordo em continuar a cobrar-te o mesmo.

— Preocupou-se muito com o menino.

— Sim. Importas-te? — Bernat negou, sorrindo. — Imagina que depois de tudo isto, Joanet poderá ir para uma universidade, para o Estúdio General de Lérida, ou mesmo para alguma universidade do estrangeiro, para Bolonha, ou Paris...

Bernat começou a rir.

— Se eu dissesse que não, o padre teria uma grande desilusão, não é verdade? — O padre Albert assentiu. — Ele não é meu filho, padre — continuou Bernat. — Se assim fosse, não poderia permitir que um trabalhasse para o outro, mas se não me custa dinheiro, porque não? O rapaz merece. Quem sabe se um dia não vai a todos esses lugares que disse.

— Eu preferia tratar dos cavalos, como tu — disse Joanet a Arnau enquanto passeavam pela praia, no mesmo local onde Bernat e o padre Albert tinham decidido o seu futuro.

— É muito duro, Joanet... Joan. Não faço mais nada senão limpar e limpar outra vez, e quando já está tudo a brilhar, sai um cavalo e começa tudo outra vez. Isso quando não vem o Tomás aos gritos e me entrega alguma rédea ou alguma sela, para que eu as limpe de novo. Da primeira vez, deu-me um estalo no pescoço, mas depois o pai apareceu e... Se o tivesses visto! Estava danado e

encostou-o à parede agarrando-o pelo peito, e o outro começou a gaguejar e a pedir perdão.

— Por isso é que gostava de estar convosco.

— Ah, não! — respondeu Arnau. — Desde essa vez não me voltou a tocar, é verdade, mas há sempre alguma coisa que está mal feita. É ele próprio que as suja, percebes? Já o vi.

— Porque não dizes isso ao Jesus?

— O pai diz que não, que ele não acreditaria em mim, que Tomás é amigo de Jesus e que este há-de sempre defendê-lo, e que a baronesa aproveitaria qualquer problema para nos atacar; odeia-nos. Bem vês, tu estás a aprender muitas coisas na escola, e eu, a limpar aquilo que o outro suja e a ouvir gritos. — Ambos guardaram silêncio durante um momento, raspando os pés na areia e olhando para o mar. — Aproveita, Joan, aproveita — disselhe Arnau de repente, repetindo as palavras que escutara da boca de Bernat.

Joan não tardou a aproveitar as aulas. Dedicou-se a isso desde o dia em que o sacerdote que fazia de mestre o felicitara publicamente. Joan sentiu uma agradável vaidade e deixou-se contemplar pelos seus companheiros de classe. Se a mãe fosse viva! Correria nesse mesmo momento a sentar-se sobre o caixote e a contar-lhe como o tinham felicitado: o melhor, dissera o mestre. E todos, todos, tinham olhado para ele. Nunca tinha sido o melhor em nada.

Nessa noite, Joan fez o caminho de regresso a casa envolto numa nuvem de satisfação. Pere e Mariona escutaram-no, sorridentes e embevecidos, e pediram-lhe que repetisse as frases que ele julgava ter pronunciado, mas que tinham apenas saído sob a forma de gritos e gestos. Quando Arnau e Bernat chegaram, os três olharam para a porta. Joan fez menção de correr para eles, mas o rosto do irmão impediu-o; notava-se que tinha chorado, e Bernat com uma mão sobre o ombro dele, não deixava de o puxar contra si.

— Que foi? — perguntou Mariona, aproximando-se de Arnau, para o abraçar.

Mas Bernat interrompeu-a, com um gesto da mão.

— Há que aguentar — acrescentou, sem se dirigir a ninguém em concreto.

Joan procurou o olhar do irmão, mas Arnau olhava para Mariona.

E aguentaram. Tomás, o palafreneiro, não se atrevia a meter-se com Bernat, mas fazia-o com Arnau.

— Está à procura de um confronto, filho — tentava consolá-lo Bernat, quando Arnau rebentava de raiva outra vez. — Não podemos cair na esparrela.

— Mas não podemos continuar assim toda a vida, pai — queixou-se um dia Arnau.

— E não o faremos. Ouvi Jesus avisá-lo por várias vezes. Ele não trabalha bem e Jesus sabe disso. Os cavalos em que ele toca ficam intratáveis: escoiceiam e mordem. Não tardará a cair, filho, não tardará.

E as consequências, como Bernat previra, não se fizeram esperar. A baronesa estava empenhada em que os seus filhos aprendessem a montar a cavalo. Que Grau não o soubesse fazer, era admissível, mas os dois filhos varões teriam de aprender. Por isso, várias vezes por semana, quando os rapazes terminavam os estudos, Isabel e Margarida — no coche conduzido por Jesus —, e os rapazes, o preceptor e Tomas, o palafreneiro — a pé e levando um cavalo pelo freio — saíam da cidade e iam até um pequeno descampado situado extramuros, onde, um após outro, recebiam de Jesus as aulas correspondentes.

Jesus segurava na mão direita uma corda comprida que tinha atado ao freio do cavalo, de forma que o animal se via obrigado a andar às voltas em redor dele; com a mão esquerda empunhava um chicote para o espicaçar, e um após outro os aprendizes de cavaleiros montavam e giravam e voltavam a girar em volta do estribeiro-mor, atendendo às suas ordens e conselhos.

Nesse dia, da carruagem de onde vigiava a aula, Tomás não tirava os olhos do freio do cavalo; bastaria um puxão mais forte que o normal; apenas um. Havia sempre um momento em que o cavalo se assustava.

Genís Puig encontrava-se empoleirado no animal.

O palafreneiro desviou o olhar para o rosto do rapaz. Pânico. Aquele rapaz tinha um medo terrível dos cavalos e agarrava-se com força. Havia sempre um momento em que o cavalo se assustava.

Jesus fez estalar o chicote e espicaçou o cavalo para que este galopasse. O cavalo puxou com a cabeça com força e esticou a

corda.

Tomás não pôde evitar um sorriso que apagou imediatamente dos seus lábios, quando o mosquetão se desprendeu da corda e o cavalo ficou à solta. Não lhe fora difícil entrar às escondidas na selaria e cortar a corda por dentro do mosquetão, para a deixar precariamente presa.

Isabel e Margarida desataram aos gritos. Jesus deixou cair a corda e tentou deter o animal, mas em vão.

Genís, ao ver que a corda se tinha soltado, começou a guinchar e agarrou-se ao pescoço do cavalo. Os pés e as pernas agarraram-se aos flancos do animal, e este, espicaçado, disparou num galope desenfreado, em direcção às portas da cidade, com Genís sacudindo-se em cima dele. Quando o cavalo saltou um pequeno montículo, o rapaz soltou-se e saiu disparado pelos ares; depois de dar várias voltas no chão, aterrou de bruços contra um silvado.

Do interior das cavalariças, Bernat ouviu primeiro os cascos dos cavalos sobre o empedrado do pátio de acesso ao palácio, e, logo a seguir, os gritos da baronesa. Em vez de entrarem a passo, com tranquilidade, como sempre faziam, os cavalos batiam nas pedras com força. Quando Bernat se encaminhava para a saída das cavalariças, Tomás entrou com o cavalo. O animal estava frenético, coberto de suor e resfolegando fortemente.

— Que se... — começou a perguntar Bernat.

— A baronesa quer ver o teu filho — gritou-lhe Tomás enquanto batia no animal.

Os gritos da mulher continuavam a ecoar no exterior das cavalariças. Bernat olhou de novo para o pobre animal, que pateava batendo no chão.

— A senhora quer ver-te — voltou a gritar Tomás quando Arnau saiu da selaria.

Arnau olhou para o pai e este encolheu os ombros.

Saíram para o pátio. A baronesa, encolerizada, brandindo o pingalim que sempre levava quando saía para montar, gritava com Jesus, com o preceptor e com todos os escravos que se tinham aproximado. Margarida e Josep mantinham-se atrás dela. Ao seu lado, estava Genís, magoado, sangrando, e com as roupas rasgadas. Assim que Bernat e Arnau apareceram, a baronesa deu

alguns passos em direcção ao rapaz e bateu-lhe na cara com o látego. Arnau levou as mãos à boca e à cara. Bernat tentou reagir, mas Jesus interpôs-se.

— Olha para isto — gritou encolerizado o estribeiro-mor, entregando-lhe a corda rebentada e o mosquetão. -— Este é o trabalho do teu filho!

Bernat pegou na corda e no mosquetão e examinou-os — Arnau, com as mãos na cara, olhou também. Verificara-os no dia anterior. Ergueu os olhos para o pai, precisamente quando este olhava para as portas das cavalariças, de onde Tomás observava a cena.

— Estavam bem! — gritou Arnau, pegando na corda e no mosquetão e agitando-os diante de Jesus. Voltou a olhar para as portas das cavalariças. — Estavam bem — repetiu enquanto as primeiras lágrimas lhe chegavam aos olhos.

— Olha como ele chora — ouviu-se de repente. Margarida apontava para Arnau. — Ele é o culpado do teu acidente e ele é que está a chorar — acrescentou dirigindo-se ao seu irmão, Genís. — Tu não choraste quando caíste do cavalo por culpa dele — mentiu.

Josep e Genís demoraram a reagir, mas, quando o fizeram, troçaram de Arnau.

— Chora, bebezinho — disse um.

— Sim, chora, bebé — repetiu o outro.

Arnau viu que apontavam para ele e se riam. Não conseguia parar de chorar! As lágrimas caíam-lhe pela cara e o peito sacudia-se-lhe ao ritmo dos soluços. De onde estava, estendendo as mãos, voltou a mostrar a corda e o mosquetão a todos, incluindo aos escravos.

— Em vez de chorares, devias pedir perdão pelo teu descuido — instou-o a baronesa, depois de dirigir um sorriso descarado aos enteados.

Perdão? Arnau olhou para o pai com um porquê desenhado nos olhos. Bernat tinha os olhos fixos na baronesa.

Margarida continuava a apontar para ele e cochichava com os irmãos.

— Não — opôs-se Arnau. — Estavam bem — acrescentou, atirando a corda e o mosquetão para o chão.

A baronesa começou a gesticular, mas deteve-se quando Bernat deu um passo na sua direcção. Jesus agarrou Bernat por um braço.

— Ela é nobre — sussurrou-lhe ao ouvido. Arnau olhou para todos e saiu do palácio.

— Não! — gritou Isabel quando Grau, inteirado dos acontecimentos, decidiu despedir o pai e o filho. — Quero que o pai continue aqui, a trabalhar para os teus filhos. Quero que a todos os momentos se lembre de que estamos à espera das desculpas do filho. Quero que esse rapaz se desculpe publicamente diante dos teus filhos! E não conseguirei isso se os mandares embora. Manda-lhe recado de que o filho não poderá voltar a trabalhar enquanto não tiver pedido perdão... — Isabel gritava e gesticulava incessantemente. — Diz-lhe que, até esse momento, só receberá metade do salário e que, caso procure outro trabalho, daremos conhecimento a toda a Barcelona do que se passou aqui, para que não possa encontrar sustento. Quero um pedido de desculpas! — exigiu, histérica.

"Daremos conhecimento a toda a Barcelona..." Grau notou como os pêlos se lhe arrepiavam. Tantos anos a tentar esconder o cunhado, e agora... Agora a sua mulher pretendia que toda a Barcelona soubesse da existência dele!

— Peço-te que sejas discreta — foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

Isabel olhou-o com os olhos injectados de sangue.

— Quero que se humilhem!

Grau ia para dizer qualquer coisa, mas calou-se de repente e cerrou os lábios.

— Discrição, Isabel, discrição — acabou por lhe dizer.

Grau cedeu às exigências da mulher. No fim de contas Guiamona já não existia; não havia mais sinais na família e todos eram conhecidos por Puig, e não por Estanyol. Quando Grau saiu das cavalariças, Bernat, com os olhos húmidos, escutou do estribeiro-mor as novas condições do seu trabalho.

— Pai, aqueles aparelhos estavam bem — justificou-se Arnau à noite, quando se encontravam os três no pequeno quarto que partilhavam. — Juro-vos! — insistiu perante o silêncio de Bernat.

— Mas não podes provar isso — interveio Joan, que já estava a par do que acontecera.

Não é preciso que me jures, pensou Bernat, mas como te poderei explicar? Bernat notou como os pêlos se lhe eriçavam quando recordou as palavras do filho nas cavalariças de Grau: “Não tenho a culpa, e não devo pedir desculpas.”

— Pai — repetiu Arnau —, juro-te...

— Mas...

Bernat mandou calar Joan.

— Acredito em ti, filho. Mas agora, vamos dormir.

— Mas... — tentou dessa vez Arnau.

— Vamos dormir!

Arnau e Joan apagaram a candeia, mas Bernat teve de esperar até já bem avançada a noite para ouvir a respiração ritmada que lhe indicava que tinham conciliado o sono. Como lhe poderia dizer que lhe exigiam um pedido de desculpas?

— Arnau... — a voz tremeu-lhe ao ver como o filho parou de se vestir e olhou para ele. — Grau... Grau quer que peças desculpa; caso contrário...

Arnau interrompeu-o com o olhar.

— Caso contrário, não permitirá que voltes a trabalhar...

Ainda não terminara a frase quando viu como os olhos do pequeno adquiriam uma seriedade que nunca até então vira. Bernat desviou o olhar para Joan e viu-o também parado, meio vestido, de boca aberta. Tentou voltar a falar, mas a garganta recusou-se.

— Então? — perguntou Joan, rompendo o silêncio.

— Crês que devo pedir perdão?

— Arnau, eu abandonei tudo o que tinha para que tu pudesses ser livre. Abandonei as nossas terras, que tinham sido propriedade dos Estanyol durante séculos, para que ninguém pudesse fazer-te a ti o que me fizeram a mim, ao meu pai, ao pai do meu pai... E agora voltamos a estar na mesma, ao sabor dos caprichos daqueles que se dizem nobres; mas com uma diferença: podemos recusar-nos. Filho, aprende a usar a liberdade que tanto esforço nos custou a alcançar. Só a ti te compete decidir.

— Mas... que me aconselhas, pai?

Bernat ficou em silêncio por um instante.

— Eu, no teu lugar, não me submeteria.

Joan tentou entrar na conversa.

— São apenas barões catalães! O perdão... O perdão... o perdão só o Senhor o concede.

— E como vamos viver?

— Não te preocupes com isso, filho. Tenho algum dinheiro de parte que nos permitirá seguir em frente. Procuraremos outro sítio para trabalhar. Grau Puig não é o único que tem cavalos.

Bernat não deixou passar um só dia. Nessa mesma tarde, assim que terminou a sua jornada, começou a procurar trabalho para si e para Arnau. Encontrou uma casa nobre com cavalariças e foi bem recebido pelo encarregado. Muitos eram os que, em Barcelona, invejavam os cuidados que eram dados aos cavalos de Grau Puig, e quando Bernat se apresentou como responsável por eles, o encarregado mostrou interesse em contratá-los. Mas no dia seguinte, quando Bernat se dirigiu de novo às cavalariças para confirmar uma notícia que já tinha até celebrado com os seus filhos, nem sequer foi recebido. “Não pagavam o suficiente”, mentiu nessa noite à hora do jantar. Bernat tentou de novo noutras casas nobres que dispunham de cavalariças, mas quando parecia haver alguma tentação de os contratar, esta desaparecia de um dia para o outro.

— Não conseguirás encontrar trabalho — confidenciou-lhe por fim um moço de cavalariça, tocado pelo desespero que se reflectia no rosto de Bernat, que afundara os olhos no chão da décima cavalariça que o recusava. — A baronesa não permitirá que o consigas — explicou-lhe o moço. — Depois de nos teres visitado, o meu senhor recebeu uma mensagem da baronesa a pedir-lhe que não te desse trabalho. Lamento.

— Bastardo! — disselhe ao ouvido, em voz baixa, mas firme, arrastando as vogais.

Tomás, o palafreneiro, assustou-se e tentou fugir, mas Bernat, atrás dele, agarrou-o pelo pescoço e apertou até que o palafreneiro começou a dobrar-se sobre si próprio. Só então afrouxou a pressão. Se os nobres recebem mensagens, pensou Bernat, é porque alguém deve andar a seguir-me. “Deixa-me sair pela outra porta”, pedira ao moço. Tomás, colocado numa esquina em frente à porta das cavalariças, não o vira sair; Bernat aproximou-se dele por trás.

— Foste tu que cortaste a corda, não foste? E agora, que mais queres? — Voltou a apertar-lhe o pescoço.

— O quê? O que queres tu?

— Que queres tu dizer? — Bernat apertou com mais força. O palafreneiro mexia os braços sem se conseguir soltar. Ao fim de uns segundos, Bernat notou que o corpo de Tomás começava a afrouxar. Largou-lhe o pescoço e voltou-o para si. — Que queres tu dizer? — perguntou de novo.

Tomás engoliu em seco várias vezes antes de responder. Assim que o seu rosto retomou a cor, apareceu um sorriso irónico na sua cara.

— Mata-me, se quiseres — disselhe, ofegante —, mas sabes muito bem que se não tivesse sido por aquilo, teria sido por qualquer outra coisa. A baronesa odeia-te e há-de odiar-te sempre. Não passas de um servo fugitivo, e o teu filho não passa do filho de um fugitivo. Não conseguirás trabalho em Barcelona. A baronesa assim mandou, e se não for eu, será outro qualquer a espiar-te.

Bernat cuspiu-lhe na cara. Tomás não só não se mexeu, como o sorriso se lhe tornou ainda mais amplo.

— Não tens saída, Bernat Estanyol. O teu filho terá de pedir perdão.

— Pedirei perdão — claudicou Arnau nessa noite, com os punhos cerrados e reprimindo as lágrimas, depois de ouvir as explicações do pai. — Não podemos lutar contra os nobres e temos de trabalhar. Porcos! Porcos! Porcos!

Bernat olhou para o filho. “Ali seremos livres!”, lembrou-se de lhe ter prometido, poucos meses depois de ter nascido, à vista de Barcelona. E fora para isto tanto esforço e tanto sofrimento?

— Não, filho, espera. Procuraremos outro...

— Eles é que mandam, pai. Os nobres mandam. Mandam nos campos, mandavam nas tuas terras e mandam na cidade.

Joanet observava-os em silêncio. “Há que submeter-se e obedecer aos príncipes”, tinham-lhe ensinado os seus professores. “O homem encontrará a liberdade no reino de Deus, não neste.”

— Não podem mandar em toda a Barcelona. Só os nobres têm cavalos, mas podemos aprender outro ofício qualquer. Alguma coisa havemos de encontrar, filho.

Bernat apercebeu-se de um raio de esperança nos olhos do filho, que se abriram como se quisessem absorver o alento daquelas últimas palavras. “Prometi-te a liberdade, Arnau. Devo dar-ta e hei-de dar-ta. Não renuncies a ela assim tão cedo, rapazinho.”

Nos dias seguintes, Bernat lançou-se às ruas, em busca da liberdade. Inicialmente, quando terminava o seu trabalho nas cavalariças de Grau, Tomás seguia-o, agora descaradamente, mas deixou de o fazer quando a baronesa compreendeu que não conseguia influenciar os pequenos artesãos, pequenos mercadores ou construtores.

— Dificilmente conseguirá alguma coisa — tentou tranquilizá-la Grau, quando a mulher se lhe dirigiu por causa da atitude do camponês.

— Que queres tu dizer? — perguntou ela.

— Que não encontrará trabalho. Barcelona está a sofrer as consequências da falta de previsão. — A baronesa instou-o a continuar; Grau nunca se enganava nas suas apreciações. — As colheitas dos últimos anos foram desastrosas — continuou a explicar-lhe o marido. — Os campos estão demasiado povoados e o pouco que colhem não chega às cidades. Comem-no eles.

— Mas a Catalunha é muito grande — interveio a baronesa.

— Não te iludas, querida. A Catalunha é muito grande, é certo, mas desde há muitos anos que os camponeses já não se dedicam a cultivar cereais, que é o que se come. Agora cultivam linho, uvas, azeitonas ou frutos secos, mas não cereais. A mudança enriqueceu os senhores dos camponeses e deu-nos muito jeito a nós, mercadores, mas a situação começa a ser insustentável. Até agora comíamos os cereais da Sicília e da Sardenha, mas a guerra com Génova impede que nos possamos abastecer desses produtos. Bernat não encontrará trabalho, mas todos, incluindo nós, terão problemas, e tudo isso por culpa de quatro nobres incompetentes...

— Como podes falar assim? — interrompeu a baronesa, sentindo-se tocada.

— Vais ver, minha querida — respondeu Grau com seriedade. — Nós dedicamo-nos ao comércio e ganhamos muito dinheiro. Parte do que ganhamos, dedicamo-lo a investir no nosso próprio negócio. Hoje não navegamos com os mesmos barcos de há dez anos; por

isso continuamos a ganhar dinheiro. Mas os nobres terratenentes não investiram um único tostão nas suas terras ou nos seus métodos de produção; na verdade, continuam a utilizar as mesmas alfaias agrícolas e as mesmas técnicas que eram usadas pelos Romanos. Os Romanos! As terras têm de ficar em pousio cada dois ou três anos, quando, bem cultivadas, poderiam aguentar o dobro, ou até o triplo. A esses nobres proprietários, que tanto defendes, pouco lhes importa o futuro: a única coisa que querem é o dinheiro fácil, e acabarão por levar o principado à ruína.

— Não será caso para tanto — insistiu a baronesa.

— Sabes a quanto está o quartel de trigo? — A mulher não respondeu, e Grau abanou a cabeça antes de prosseguir. — Ronda os cem soldos. Sabes qual é o preço normal? — Desta vez não esperou resposta. — Dez soldos sem moer e dezasseis já moído. O quartel de trigo multiplicou por dez o seu valor!

— Mas nós poderemos comer? — perguntou a baronesa, sem esconder a preocupação que a assaltara.

— Não queres mesmo perceber, mulher... Poderemos pagar o trigo... se o houver; porque pode chegar um momento em que deixe de haver... se é que não chegou já. O problema é que, embora o trigo tenha aumentado dez vezes o valor, o povo continua a receber o mesmo...

— Então não nos faltará o trigo — interrompeu a mulher.

— Não, mas...

— E Bernat não encontrará trabalho.

— Não creio, mas...

— Pois isso é a única coisa que me importa — disselhe ela, antes de lhe virar costas, cansada de tanta explicação.

— ... mas algo terrível se avizinha — terminou Grau quando a baronesa já não podia ouvir o que ele dizia.

Um mau ano. Bernat estava cansado de ouvir aquela desculpa uma e outra vez. O mau ano aparecia onde quer que fosse pedir trabalho. “Despedi metade dos meus aprendizes, como queres que te dê trabalho?”, disselhe um. “Estamos num mau ano, não tenho nem para dar de comer aos meus filhos”, disselhe outro. “Não te apercebeste?”, perguntou um terceiro. “Estamos num mau ano. Gastei mais de metade das minhas poupanças só para alimentar os

meus filhos, quando antes me teria aguentado com uma vigésima parte disso.” “Como não hei-de aperceber-me?”, interrogou-se Bernat. Mas continuou a procurar até que o Inverno e o frio fizeram a sua aparição. Então, houve casas onde nem se atreveu a perguntar. As crianças tinham fome, os pais jejuavam para poderem alimentar os filhos, e a varíola, o tifo e a difteria começaram a fazer o seu mortífero aparecimento.

Arnau revistava a bolsa do pai quando este estava fora de casa. Ao princípio, fazia-o uma vez por semana; mas agora fazia-o todos os dias. Por vezes revistava a bolsa várias vezes, consciente de que a segurança de todos perigava a passos largos.

— Qual é o preço da liberdade? — perguntou um dia a Joan, quando ambos estavam a rezar à Virgem.

— São Gregório diz que no princípio todos os homens nasceram iguais, e portanto todos eram livres — Joan falou em voz lenta, tranquila, como se repetisse uma lição. — Foram os homens nascidos livres quem, para seu próprio bem, se submeteram a um senhor, para que cuidasse deles. Perderam uma parte da sua liberdade, mas ganharam um senhor que cuidasse deles.

Arnau escutou as palavras do irmão olhando para a Virgem. “Porque não me sorris? São Gregório... Por acaso São Gregório tinha uma bolsa vazia como a do meu pai?”

— Joan...

— Diz.

— Que achas tu que devo fazer?

— Tens de ser tu a tomar a decisão.

— Mas tu... que te parece?

— Já te disse. Foram os homens livres que tomaram a decisão de que um senhor cuidasse deles.

Nesse mesmo dia, sem que o pai soubesse, Arnau apresentou-se em casa de Grau Puig. Entrou pela cozinha, para não ser visto nas cavalariças. Aí encontrou Estranya, gorda como sempre, como se a fome não a afectasse, plantada como um pato diante de um caldeirão sobre o fogo.

— Diz aos teus amos que vim vê-los — disselhe, quando a cozinheira deu pela sua presença.

Um sorriso estúpido desenhou-se nos lábios da escrava. Estranya avisou o mordomo de Grau, e este, por sua vez, avisou o senhor. Fizeram-no esperar de pé durante horas. Entretanto, todo o pessoal de casa desfilou pela cozinha para observar Arnau; alguns sorriam, outros, em menor número, deixavam perceber uma certa tristeza pela capitulação. Arnau enfrentou os olhares de todos e respondeu com altivez aos que lhe sorriam, mas não conseguiu apagar a expressão de gozo dos seus rostos.

Só faltou Bernat, embora Tomás, o palafreneiro, não tivesse hesitado em avisá-lo de que o filho tinha vindo para pedir desculpas. “Lamento, Arnau, lamento”, murmurou Bernat uma e outra vez enquanto escovava um dos cavalos.

Depois da espera, com as pernas doridas devido à imobilidade forçada — tentara sentar-se, mas Estranya proibira-lho —, Arnau foi conduzido ao salão principal da casa de Grau. Não prestou atenção ao luxo com que a casa estava decorada. Assim que entrou, os seus olhos pousaram nos cinco membros da família, que o esperavam ao fundo: os barões sentados, e os seus três primos de pé, ao lado, os homens vestidos com vistosas calças de seda de diferentes cores e gibões acima dos joelhos cingidos por cinturões dourados; elas, com vestidos adornados de pérolas e pedras preciosas.

O mordomo conduziu Arnau até ao centro da sala, a alguns passos da família. Depois, regressou para a porta, e aí, por ordem de Grau, ficou à espera.

— Diz o que tens a dizer — rosnou Grau, hierático como sempre.

— Venho pedir-vos perdão.

— Pois então, fá-lo — ordenou Grau.

Arnau ia para falar, mas a baronesa interrompeu.

— É assim que pretendes pedir perdão? De pé?

Arnau hesitou por uns segundos, mas por fim pôs um joelho em terra. O risinho tolo de Margarida ecoou no salão.

— Peço-vos perdão a todos — recitou Arnau, olhando directamente para a baronesa.

A mulher trespassou-o com os olhos.

“Só faço isto pelo meu pai”, responderam-lhe os olhos de Arnau. “Cabra.”

— Os pés! — guinchou a baronesa. — Beija-nos os pés! — Arnau fez menção de se levantar, mas a baronesa voltou a impedi-lo. — De joelhos! — ouviu-se em todo o salão.

Arnau obedeceu e arrastou-se de joelhos até eles. “Só pelo meu pai. Só pelo meu pai. Só pelo meu pai...” A baronesa mostrou-lhe os seus sapatos de seda e Arnau beijou-os, primeiro o esquerdo, depois o direito. Sem levantar os olhos, deslocou-se para Grau, que vacilou quando teve o rapaz diante de si, ajoelhado, com o olhar fixo nos seus pés; mas a mulher olhou-o, fora de si, e Grau levantou então os pés até à altura da boca do rapaz, um após o outro. Os primos de Arnau imitaram o pai. Arnau tentou beijar as sapatilhas de seda que Margarida lhe mostrava, mas precisamente quando os seus lábios iam roçar, a rapariga afastou o pé e voltou a fazer soar o seu risinho. Arnau tentou de novo, e mais uma vez a prima se riu dele. Por fim, esperou que a rapariga chegasse o sapato à sua boca um... e depois o outro.

CAPÍTULO 15

Barcelona
15 de Abril de 1334

Bernat contou o dinheiro que Grau lhe tinha pago, e meteu-o na bolsa, murmurando. Deveria ser suficiente, mas... malditos Genoveses! Quando terminaria o cerco a que estavam a submeter o principado? Barcelona tinha fome.

Bernat atou a bolsa ao cinto e foi em busca de Arnau. O rapaz andava desnutrido. Bernat olhou-o com preocupação. Duro Inverno. Mas pelo menos tinham passado o Inverno. Quantos poderiam dizer o mesmo? Bernat cerrou os lábios e revolveu o cabelo do filho antes de apoiar a mão sobre o ombro dele. Quantos não teriam morrido devido ao frio, à fome, ou às doenças? Quantos pais poderiam agora apoiar uma mão sobre o ombro de um filho? Pelo menos, está vivo, pensou.

Nesse dia, chegou um navio com cereais ao porto de Barcelona, um dos poucos que tinham conseguido furar o bloqueio genovês. Os cereais foram comprados pela própria cidade, a preços astronómicos, para serem revendidos entre os seus cidadãos, a preços acessíveis. Nessa quarta-feira, havia trigo na Praça do Blat, e as pessoas, desde as primeiras horas da manhã, foram-se reunindo na praça, envolvendo-se em brigas para demonstrarem como os medidores oficiais enganavam no cereal.

Havia já alguns meses, e apesar dos esforços dos conselheiros da cidade para o calarem, um frade carmelita pregava contra os poderosos, atribuía-lhes todos os males da grande fome e acusava-os de terem milho escondido. As invectivas do frade tinham encontrado eco na populaça e os rumores estendiam-se por toda a cidade; por isso, nessa quarta-feira, as pessoas, em cada vez maior número, movimentavam-se pela Praça do Blat agitadas, discutiam e aproximavam-se aos empurrões até às mesas onde os funcionários municipais lidavam com o cereal.

As autoridades calcularam a quantidade de trigo que corresponderia a cada barcelonês e ordenaram ao comerciante de

tecidos Pere Juyol, vedor oficial da Praça do Blat, o controlo da venda.

— Mestre não tem família! — ouviu-se gritar poucos minutos depois de ter começado a venda; era um homem esfarrapado que vinha acompanhado por uma criança ainda mais esfarrapada. — Morreram todos durante o Inverno — acrescentou.

Os medidores retiraram o cereal de Mestre, mas as acusações multiplicaram-se: aquele tem um filho na outra mesa; já comprou; não tem família; não é filho dele, só o traz para pedir mais...

A praça tornou-se um remoinho de boatos. As pessoas saíram das filas, começaram as discussões e as razões degeneraram em insultos. Alguém exigiu aos gritos que as autoridades pusessem à venda o trigo que tinham escondido, e o povo, furioso, juntou-se a essa exigência. Os medidores oficiais viram-se superados pela massa humana, que se amontoou, desordenadamente, frente às mesas de venda; os aguazis do rei começaram a enfrentar as pessoas famélicas, e só uma decisão rápida de Pere Juyol conseguiu salvar a situação. Deu ordens para que levassem o trigo para o palácio do corregedor, no extremo oriental da praça, e suspendeu a venda durante a manhã.

Bernat e Arnau regressaram a casa de Grau para continuarem com o seu trabalho, decepcionados por não terem conseguido o tão desejado alimento, e no próprio pátio de entrada, em frente às cavalariças, contaram ao estribeiro-mor e a quem os quis escutar o que se tinha passado na Praça do Blat; nenhum dos dois se conteve, na hora de lançar invectivas contra as autoridades e de se queixar da fome que estavam a passar.

De uma das janelas que davam para o pátio, atraída pelos gritos, a baronesa regozijou-se com a penúria do servo fugitivo e do seu filho descarado. Enquanto os observava, um sorriso acendeu-se nos seus lábios, ao recordar as ordens que Grau tinha dado antes de partir em viagem. Não queria que os seus devedores comessem?

A baronesa pegou na bolsa com o dinheiro destinado à alimentação dos presos, encarcerados por dívidas ao seu marido, chamou o mordomo e ordenou-lhe que encarregasse dessa tarefa Bernat Estanyol, que devia ir acompanhado pelo filho, para o caso de surgir algum problema.

— Lembra-lhes — disselhe perante o sorriso de cumplicidade do criado — que este dinheiro é para comprar trigo para os presos do meu marido.

O mordomo cumpriu as instruções da patroa e divertiu-se com a expressão de incredulidade de pai e filho, que aumentou quando aquele pegou na bolsa e sopesou as moedas que continha.

— Para os presos? — perguntou Arnau ao pai, já fora do palácio dos Puig.

— Sim.

— Porquê para os presos, pai?

— Estão presos por deverem dinheiro a Grau, e este tem a obrigação de pagar a alimentação deles.

— E se não o fizer?

Continuavam a caminhar em direcção à praia.

— Libertam-nos, e Grau não quer que façam isso. Paga as taxas reais, paga ao alcaide e paga a alimentação dos presos. É da lei.

— Mas...

— Deixa, filho, deixa...

Ambos continuaram em silêncio a caminho de casa. Nessa tarde, Arnau e Bernat encaminharam-se para a prisão, para cumprirem a sua estranha tarefa. Pela boca de Joan, que no seu trajecto desde a escola da catedral até casa de Pere tinha de cruzar a praça, sabiam agora que os ânimos não se tinham acalmado e, já na Rua de la Mar, que desembocava na praça, vindo de Santa Maria, começaram a ouvir os gritos da multidão. A populaça tinha-se reunido em redor do palácio do corregedor, onde se encontrava armazenado o trigo que tinha sido retirado de manhã e onde, também, estavam encarcerados os devedores de Grau.

As pessoas queriam o trigo, e as autoridades de Barcelona não dispunham dos efectivos necessários para uma distribuição ordeira. Os cinco conselheiros, reunidos com o corregedor, tentavam descobrir uma solução.

— Que jurem — disse um. — Sem juramento, não há trigo. Cada comprador deverá jurar que a quantidade que solicita é a necessária para o sustento da sua família, e que não pedirá mais do que a parte que, de acordo com a divisão, lhe possa corresponder.

— Será isso suficiente? — duvidou outro.

— O juramento é sagrado! — respondeu o primeiro. — Por acaso não se juram os contratos, a inocência, as obrigações? Não vão as pessoas ao altar de S. Félix para jurar os testamentos sacramentais?

Assim se anunciou de uma varanda do palácio do corregedor. As pessoas fizeram correr a notícia até aos que não tinham conseguido ouvir a solução proposta, e os devotos cristãos que se apinhavam, reclamando o cereal, dispuseram-se a jurar... mais uma vez, pelas suas vidas.

O trigo regressou à praça, de onde a fome não desaparecera. Uns juraram. Outros suspeitaram, e repetiram-se as acusações, os gritos e as ofensas. O povo voltou a enlouquecer e a reclamar o trigo que, segundo o frade carmelita, as autoridades tinham escondido.

Arnau e Bernat encontravam-se na desembocadura da Rua de la Mar, no extremo oposto ao palácio do corregedor, onde se iniciara a venda do trigo. As pessoas gritavam à sua volta desalmadamente.

— Pai — perguntou Arnau —, será que vai sobrar trigo para nós?

— Confio que sim, filho — Bernat tentou não olhar directamente para o filho. Como poderia sobrar trigo para eles? Não havia trigo nem para uma quarta parte dos cidadãos.

— Pai — disselhe Arnau —, porque têm os presos trigo assegurado e nós não?

Escudando-se na gritaria, Bernat fez de conta que não tinha ouvido a pergunta; contudo, não pôde deixar de olhar para o filho: estava famélico, os braços e as pernas tinham-se tornado delgadas extremidades, e no seu rosto seco destacavam-se uns olhos enormes que, noutros tempos, tinham sorrido despreocupadamente.

— Pai, ouviste-me?

Sim, pensou Bernat, mas que posso eu responder-te? Que nós, pobres, estamos unidos na fome? Que só os ricos podem comer? Que só os ricos podem permitir-se manter os seus devedores? Que nós, pobres, nada valemos para eles? Que os filhos dos pobres valem menos do que um dos encarcerados no palácio do corregedor? Bernat não lhe respondeu.

— Há trigo no palácio! — gritou Bernat unindo-se à vozearia do povo. — Há trigo no palácio! — repetiu ainda mais alto quando os que lhes estavam mais próximos se calaram e se viraram para olhar

para ele. Depressa foram muitos os que fixaram a atenção naquele homem que garantia que havia trigo no palácio. — Se não houvesse, como poderiam comer os presos? — voltou a gritar, erguendo a bolsa de dinheiro de Grau. — Os nobres e os ricos pagam a comida dos presos! Onde vão os alcaides buscar o trigo para os presos? Por acaso vêm à rua comprá-lo como nós?

A multidão foi abrindo alas, para deixar passar Bernat, que estava fora de si. Arnau seguia-o, tentando chamar-lhe a atenção.

— Que fazes, pai?

— Acaso os alcaides são obrigados a jurar como nós?

— Que se passa contigo, pai?

— Aonde vão os alcaides buscar o trigo para os presos? Porque não podemos dar de comer aos nossos filhos, mas podemos dar aos presos?

A multidão enlouqueceu ainda mais com as palavras de Bernat. Desta vez, os medidores oficiais não puderam retirar a tempo o trigo, e as pessoas assaltaram-nos. Pere Juyol e o corregedor estiveram quase a ser linchados. Salvaram a vida graças a alguns aguazis, que os defenderam e os escoltaram até ao palácio.

Poucos viram as suas necessidades satisfeitas, porque o trigo se derramou pela praça e foi pisado pela multidão, enquanto alguns, em vão, tentavam recolhê-lo, para acabarem por ser, eles próprios, pisados pelos seus concidadãos.

Alguém gritou que a culpa era dos conselheiros e a multidão espalhou-se em busca dos próceres da cidade, escondidos em suas casas.

Bernat não permaneceu alheio à loucura colectiva e gritou como todos os outros, deixando-se levar pelas ondas de gente enlouquecida.

— Pai, pai.

Bernat olhou para o filho.

— Que fazes aqui? — perguntou-lhe, sem parar de andar e por entre gritos.

— Eu... que se passa contigo, pai?

— Vai-te daqui. Isto não é lugar para crianças.

— Aonde vou eu...

— Toma — Bernat entregou-lhe duas bolsas de dinheiro: a sua própria e a destinada aos presos e aos alcaides.

— Que tenho de fazer com...? — perguntou Arnau.

— Vai-te embora, filho. Vai.

Arnau viu como o pai desaparecia por entre a multidão. A última coisa que viu foi o ódio que os seus olhos disparavam.

— Aonde vais, pai? — gritou Arnau quando já o perdera de vista.

— Em busca da liberdade — respondeu-lhe uma mulher que também observava como a multidão se espalhava pelas ruas da cidade.

— Já somos livres — atreveu-se a afirmar Arnau.

— Não há liberdade com fome, filho — sentenciou a mulher.

Chorando, Arnau correu contra a corrente, tropeçando com as pessoas.

Os desacatos duraram dois dias inteiros. As casas dos conselheiros e muitas outras residências nobres foram saqueadas e o povo, louco e encolerizado, andou de um lado para outro, primeiro em busca de comida... depois, em busca de vingança.

Durante dois dias inteiros, a cidade de Barcelona viu-se submersa no caos perante a impotência das autoridades, até que um enviado do rei Afonso, com tropas suficientes, pôs fim ao alvoroço. Cem homens foram detidos e muitos outros multados. Desses cem, dez foram executados na forca após um juízo sumaríssimo. Dos chamados a testemunhar no juízo, poucos foram os que não reconheceram em Bernat Estanyol, com o seu característico sinal sobre o olho direito, um dos principais instigadores da revolta dos cidadãos da Praça do Blat.

CAPÍTULO 16

Arnau correu por toda a Rua de la Mar até casa de Pere, sem sequer dedicar uma olhadela a Santa Maria. Os olhos do pai estavam gravados nas suas retinas, os gritos ecoavam-lhe nos ouvidos. Nunca o vira assim. Que se passa contigo, pai? É verdade que não somos livres, como disse aquela mulher? Entrou em casa de Pere sem reparar em nada nem em ninguém, e fechou-se no quarto. Joan encontrou-o a chorar.

— A cidade ficou louca... — disselhe assim que abriu a porta do quarto. — Que tens tu?

Arnau não respondeu. O irmão deu uma rápida olhadela em redor.

— E o pai? — Arnau sacudiu uma mão em direcção à cidade.

— Está com eles?

— Sim — conseguiu balbuciar Arnau.

Joan reviveu a confusão com que se deparara do palácio do bispo até casa. Os soldados tinham encerrado as portas da judiaria e tinham-se colocado diante delas, para evitar que a multidão a assaltasse; porque agora se dedicavam a saquear as casas dos cristãos. Como podia Bernat estar com eles? As imagens de grupos de exaltados arrombando as portas das casas das pessoas de bem e a saírem delas carregados com os seus haveres voltaram à memória de Joan. Não podia ser.

— Não pode ser — repetiu em voz alta. Arnau olhou para ele, do colchão onde estava sentado. — Ele não é como eles... Como é possível?

— Não sei... Havia muita gente. Todos gritavam...

— Mas... Bernat? Bernat não seria capaz... Talvez apenas esteja... Não sei, a tentar encontrar alguém!

Arnau olhou para Joan. “Como queres que te diga que era ele quem mais gritava, que foi ele quem incitou as pessoas? Como queres que to diga, se eu próprio não consigo acreditar?”

— Não sei, Joan. Havia muita gente.

— Estão a roubar, Arnau! Estão a atacar os próceres da cidade.

Um olhar foi o bastante.

Os dois rapazes esperaram em vão pelo pai, nessa noite. No dia seguinte, Joan preparou-se para ir às aulas.

— Não devias ir — aconselhou Arnau. Desta vez, foi Joan quem apenas respondeu com um olhar.

— Os soldados do rei Afonso sufocaram a revolta — limitou-se a comentar Joan ao regressar a casa de Pere.

Também nessa noite Bernat não veio dormir. De manhã, Joan voltou a despedir-se de Arnau.

— Devias sair — disselhe.

— E se ele volta? Só pode voltar para aqui — respondeu Arnau com a voz entrecortada.

Os dois irmãos abraçaram-se. Onde estás, pai? Quem saiu em busca de notícias foi Pere, e não precisou de se afastar muito de

casa para as encontrar.

— Sinto muito, rapaz — disse Pere a Arnau. — O teu pai foi detido.

— Onde está ele?

— No palácio do corregedor, mas...

Arnau já corria em direcção ao palácio. Pere olhou para a mulher e abanou a cabeça; a idosa levou as mãos ao rosto.

— Foram julgamentos sumários — explicou-lhe Pere. — Um montão de testemunhas reconhecera Bernat, com o seu sinal, como principal instigador da revolta. Porque o terá ele feito? Parecia...

— Porque tem dois filhos para alimentar — interrompeu-o a mulher, com as lágrimas nos olhos.

— Tinha... — corrigiu Pere com voz cansada. — Enforcaram-no na Praça do Blat, junto com outros nove instigadores.

Mariona tornou a levar as mãos ao rosto, mas de repente baixou-as.

— Arnau... — exclamou, dirigindo-se para a porta; mas ficou a meio caminho ao ouvir as palavras do marido:

— Deixa-o, mulher. A partir de hoje, não voltará a ser uma criança.

Mariona fez que sim com a cabeça. Pere foi abraçá-la.

As execuções foram imediatas, por ordem expressa do rei. Nem sequer deu tempo para construir um cadafalso, e os presos foram executados sobre simples carroças.

Arnau interrompeu bruscamente a sua corrida ao entrar na Praça do Blat. Cambaleava. A praça estava cheia de gente, em silêncio, todos de costas para ele, quietos, com os olhos em... Por cima das pessoas, junto ao palácio, pendia uma dezena de corpos inertes.

— Não!... Pai!

O uivo ecoou por toda a praça e as pessoas viraram-se para olhar para ele. Arnau atravessou rapidamente a praça enquanto as pessoas abriam alas. Procurava entre os dez...

— Deixa-me, pelo menos, ir avisar o padre — pediu a mulher de Pere.

— Já fiz isso. Ele lá estará.

Arnau vomitou ao ver o cadáver do pai. As pessoas afastaram-se de um salto. O rapaz voltou a olhar para aquele rosto desfigurado,

batido até ficar negro, caído de lado, com os traços contraídos, os olhos abertos numa luta que já seria eterna por saírem das órbitas, e com a longa língua pendurada inerte entre as comissuras dos lábios. Da segunda e da terceira vez que olhou, só conseguiu vomitar bílis.

Arnau sentiu um braço sobre os seus ombros.

— Vamos, filho — disse o padre Albert.

O sacerdote puxou por ele para Santa Maria, mas Arnau não se mexeu. Tornou a olhar para o pai e fechou os olhos. Já não voltaria a ter fome. O rapaz encolheu-se numa tremenda convulsão. O padre Albert tentou puxá-lo de novo para que abandonasse aquele cenário macabro.

— Deixe-me, padre, por favor.

Debaixo do olhar do padre e de todos os presentes, Arnau percorreu cambaleando os poucos passos que o separavam do cadafalso improvisado. Agarrava-se ao estômago com as mãos e tremia. Quando ficou por debaixo do pai, olhou para um dos soldados que estavam de guarda junto dos enforcados.

— Posso fazê-lo descer? — perguntou.

O soldado hesitou perante o olhar do rapaz, parado debaixo do cadáver do pai, apontando para ele. Que teriam feito os seus filhos no caso de ser ele o enforcado?

— Não — viu-se obrigado a responder. Preferiria não estar ali. Preferiria estar a lutar contra uma legião de mouros, estar perto dos seus filhos... Que tipo de morte era aquela? Aquele homem apenas tinha lutado pelos seus filhos, por aquela criança que agora o interrogava com o olhar, como todos os presentes na praça. Porque não estaria ali o corregedor? — O corregedor deu ordens para que permaneçam três dias expostos na praça.

— Esperarei.

— Depois, serão trasladados para as portas da cidade, como qualquer justiçado em Barcelona, para que todo aquele que por lá passe conheça a lei do corregedor.

O soldado virou costas a Arnau e começou uma ronda que começava e acabava sempre num enforcado.

— Fome — ouviu atrás de si. — Só tinha fome. Quando aquela ronda sem sentido o levou de novo até Bernat, o rapaz estava

sentado no chão, debaixo do pai, com a cabeça entre as mãos, chorando. O soldado nem se atreveu a olhar para ele.

— Vamos, Arnau — insistiu o padre, de novo junto a ele.

Arnau abanou a cabeça. O padre Albert ia para falar, mas um grito impediu-o. Começavam a chegar os familiares dos outros enforcados. Mães, esposas, filhos e irmãos caíram junto aos cadáveres, num doloroso silêncio interrompido apenas por alguns gritos de dor. O soldado concentrou-se na sua ronda, procurando na sua memória o grito de guerra dos infiéis. Joan, que passava pela praça, de regresso a casa, aproximou-se e desmaiou ao ver o horrível espectáculo. Nem sequer teve tempo de ver Arnau, que continuava sentado no mesmo lugar, agora abanando-se para trás e para diante.

Os próprios companheiros de Joan levantaram-no e levaram-no para o palácio do Bispo. Arnau também não viu o irmão.

Passaram as horas e Arnau continuava alheio aos cidadãos que chegavam à Praça do Blat, movidos pela compaixão, pela curiosidade ou pela morbidez. Só as botas do soldado que fazia a ronda à sua frente interrompia os pensamentos de Arnau.

“Arnau, abandonei tudo o que tinha para que tu pudesses ser livre”, dissera-lhe o pai não muito tempo antes. “Abandonei as nossas terras, que foram propriedade dos Estanyol durante séculos, para que ninguém pudesse fazer-te a ti o que me fizeram a mim, ao meu pai, ao pai do meu pai... e agora voltamos a estar na mesma, ao sabor dos caprichos daqueles que se dizem nobres; mas com uma diferença: podemos recusar-nos. Filho, aprende a usar a liberdade que tanto esforço nos custou a alcançar. Só a ti te compete decidir.” “A sério que podemos recusar-nos, pai?” As botas do soldado voltaram a passar diante dos seus olhos. “Não há liberdade com fome. Tu já não tens fome, pai. E a tua liberdade?”

— Olhem bem para eles, meninos. Aquela voz...

— São delinquentes. Olhem bem para eles. — Pela primeira vez, Arnau permitiu-se observar as pessoas que se amontoavam diante dos cadáveres. A baronesa e os seus três enteados contemplavam o rosto desfigurado de Bernat Estanyol. Os olhos de Arnau cravaram-se nos pés de Margarida; depois, olhou-a na cara. Os primos tinham empalidecido, mas a baronesa sorria e olhava para

ele, directamente para ele. Arnau levantou-se, a tremer. — Não mereciam ser cidadãos de Barcelona — ouviu Isabel dizer. As unhas cravaram-se-lhe nas palmas das mãos; o rosto congestionou-se-lhe e tremia-lhe o lábio inferior. A baronesa continuava a sorrir. — Que se podia esperar de um servo fugitivo?

Arnau ia para se lançar à baronesa, mas o soldado interpôs-se entre eles. Arnau chocou com ele.

— Estás com alguma ideia, rapaz? — O soldado seguiu o olhar de Arnau. — Se fosse a ti não o fazia — aconselhou-o. Arnau tentou esquivar-se do soldado, mas este agarrou-o por um braço. Isabel já não sorria; permanecia muito direita, altaneira, desafiadora. — Se fosse a ti não fazia isso; dás cabo da vida — ouviu o homem dizer-lhe. Arnau ergueu os olhos. — Ele já está morto — insistiu o soldado. — Tu, não. Senta-te, rapaz. — O soldado notou que Arnau afrouxava um pouco. — Senta-te — insistiu. Arnau desistiu e o soldado ficou de guarda a seu lado.

— Olhem bem para eles, meninos. — A baronesa sorria de novo. — Amanhã voltaremos. Os enforcados estarão expostos até apodrecerem, como devem apodrecer os delinquentes fugitivos.

Arnau não pôde controlar o tremor do seu lábio inferior. Continuou a olhar para os Puig até que a baronesa decidiu virar-lhe as costas.

Um dia... Um dia hei-de ver-te morta. Hei-de ver-vos todos mortos!, prometeu a si próprio. O ódio de Arnau perseguiu a baronesa e os enteados por toda a Praça do Blat. Ela dissera que voltaria no dia seguinte. Arnau ergueu os olhos para o pai.

“Juro por Deus que não conseguirão regalar-se mais uma vez com o cadáver do meu pai, mas... como?” As botas do soldado voltaram a passar à sua frente. “Pai, não permitirei que apodreças aí pendurado dessa corda.”

Arnau dedicou as horas seguintes a pensar como poderia conseguir fazer desaparecer o cadáver do pai, mas qualquer ideia que lhe ocorresse desfazia-se contra as botas que passavam ali perto dele. Nem sequer poderia soltá-lo sem que o vissem, e de noite teriam tochas acesas... tochas acesas... tochas acesas... Nesse preciso momento apareceu Joan na praça, com o rosto pálido, quase branco, os olhos inchados e raiados de sangue, um

andar cansado. Arnau levantou-se e Joan caiu-lhe nos braços assim que ficou de pé.

— Arnau... Eu... — balbuciou.

— Escuta-me bem — interrompeu Arnau, abraçando-se a ele. — Não pares de chorar.

Nem conseguiria, Arnau, pensou Joan, surpreendido pelo tom do irmão.

— Quero que esta noite, às dez, me esperes, escondido na esquina da Rua de la Mar com a praça; que ninguém te veja. Traz... traz uma manta, a maior que encontres em casa de Pere. E agora, vai-te.

— Mas...

— Vai, Joan. Não quero que os soldados reparem em ti.

Arnau teve de empurrar o irmão para se soltar do seu abraço. Os olhos de Joan deram com os de Arnau; depois, olharam mais uma vez para Bernat. O rapaz tremeu.

— Vai, Joan! — sussurrou-lhe Arnau.

Nessa noite, quando já ninguém passeava pela praça, e só os familiares dos enforcados permaneciam aos pés deles, mudou a guarda e os novos soldados deixaram de rondar em frente aos cadáveres para se sentarem à roda de uma fogueira que acenderam junto de um dos extremos da fila de carroças. Tudo estava tranquilo e a noite tinha refrescado o ambiente. Arnau levantou-se e passou junto dos soldados, procurando esconder o rosto.

— Vou buscar uma manta — disse. Um dos soldados olhou-o de soslaio.

Atravessou a Praça do Blat até à esquina da Rua de la Mar e ficou aí durante alguns instantes, perguntando-se onde estaria Joan. Já era a hora combinada, deveria ter chegado. Arnau assobiou. O silêncio continuou a acompanhá-lo.

— Joan? — atreveu-se a chamar. De uma porta entreaberta surgiu uma sombra.

— Arnau? — ouviu-se na noite.

— Claro que sou eu — o suspiro de Joan ouviu-se a vários metros. — Quem pensavas tu que era? Porque não respondeste?

— Está muito escuro — limitou-se a responder Joan.

— Trouxeste a manta? — A sombra ergueu um embrulho. — Muito bem. Eu disselhes que vinha buscar uma. Quero que te tapes com ela e que ocupes o meu lugar. Põe-te em bicos de pés, para pareceres mais alto.

— Que pretendes fazer?

— Vou queimá-lo — respondeu, quando Joan já se encontrava a seu lado. — Quero que ocupes o meu lugar. Quero que os soldados julguem que sou eu. Limita-te a sentar-te debaixo de... limita-te a sentar-te onde eu estava e não faças nada; simplesmente tapa a cara. Não te mexas. Não faças nada, vejas o que vires e ouças o que ouvires, entendido? — Arnau não esperou que Joan lhe respondesse. — Quando tudo terminar, tu serás eu, tu serás Arnau Estanyol e o teu pai não tinha mais nenhum filho. Entendeste? Se os soldados te perguntarem...

— Arnau...

— Que foi?

— Não me atrevo.

— Como?

— Não me atrevo. Descobriam-me. Quando vir o pai...

— Preferes vê-lo apodrecer? Preferes vê-lo pendurado às portas da cidade enquanto os corvos e as larvas devoram o seu cadáver?

Arnau esperou por um momento que o irmão imaginasse tal cena.

— Por acaso queres que a baronesa continue a rir-se do nosso pai... mesmo depois de morto?

— Não será pecado? — perguntou de repente Joan.

Arnau tentou ver o irmão no meio da noite, mas só conseguia ver uma sombra.

— Só tinha fome! Não sei se será pecado, mas não estou disposto a que o nosso pai apodreça pendurado de uma corda. Vou fazer isto. Se queres ajudar-me, põe essa manta por cima e limita-te a não fazer nada. Se não queres fazer isto...

Sem mais, Arnau partiu pela Rua de la Mar abaixo enquanto Joan se dirigia para a Praça do Blat coberto com a manta e com os olhos fixados em Bernat; um fantasma entre os dez que pendiam das carroças, tenuemente iluminados pelo rebrilhar da fogueira dos soldados. Joan não queria ver o rosto de Bernat, não queria

enfrentar a língua dele pendurada, mas os olhos traíam a sua vontade e caminhava com o olhar fixo em Bernat. Os soldados viram-no aproximar-se. Entretanto, Arnau corria para casa de Pere; pegou na sua bexiga e esvaziou-a de água; depois encheu-a com azeite das candeias. Pere e a mulher, sentados à lareira, viram-no fazer aquilo.

— Eu não existo — disselhes Arnau num fio de voz, ajoelhando-se em frente a eles e pegando na mão da idosa, que o olhou com carinho.

— Joan será eu. O meu pai só tem um filho... Tomem conta dele.

— Mas Arnau... — começou Pere a dizer.

— Chiu — sussurrou Arnau.

— Que vais fazer, filho? — insistiu o idoso.

— Tenho de o fazer — respondeu Arnau, levantando-se.

Eu não existo. Sou Arnau Estanyol. Os soldados continuavam a observá-lo. Queimar um cadáver deve ser pecado, pensava Joan. Bernat olhava para ele! Joan ficou parado a uns metros do enforcado. Olhava para ele! E tudo ideia de Arnau.

— Passa-se alguma coisa, rapaz? — Um dos soldados fez menção de se levantar.

— Nada — respondeu Joan antes de recomeçar a andar para os olhos mortos que o interrogavam.

Arnau pegou numa candeia e partiu a correr. Procurou barro e manchou a cara. Quantas vezes lhe tinha o pai falado da chegada àquela cidade que agora o tinha assassinado... Contornou a Praça do Blat pelas do Llet e de Corretgeria, até chegar à Rua Tapineria, mesmo ao lado da fila das carroças de enforcados. Joan estava sentado debaixo do pai, tentando controlar a tremura que o traía.

Arnau deixou a candeia escondida na rua, pôs a bexiga às costas e, rastejando, começou a avançar para a parte de trás das carroças, encostadas às paredes do palácio do corregedor. Bernat estava na quarta carroça e os soldados continuavam a conversar à volta da fogueira, no extremo oposto.

Arrastou-se por detrás das primeiras carroças. Quando chegou à segunda, uma mulher viu-o; tinha os olhos inchados pelo choro. Arnau deteve-se, mas a mulher desviou o olhar e continuou na sua

dor. O rapaz empoleirou-se na carroça de onde pendia o pai. Joan ouviu-o e virou-se.

— Não olhes! — O irmão deixou de perscrutar a escuridão.

— E tenta não tremer tanto — sussurrou-lhe Arnau.

Ergueu-se para alcançar o corpo de Bernat, mas um ruído obrigou-o a baixar-se de novo. Esperou uns segundos e repetiu a operação; outro ruído sobressaltou-o, mas Arnau aguentou-se de pé. Os soldados continuavam a sua tertúlia. Arnau levantou a bexiga e começou a verter o azeite sobre o cadáver do pai. A cabeça estava muito acima, e por isso es-ticou-se o mais que pôde e apertou a bexiga com força, para que o óleo saísse disparado sob pressão. Um jorro viscoso começou a empapar o cabelo de Bernat. Quando se acabou o azeite, fez de volta o caminho até à Rua Tapineria.

Só teria uma oportunidade. Arnau mantinha a candeia atrás de si para esconder a chama débil. “Tenho de acertar à primeira.” Olhou para os soldados. Agora era ele quem tremia. Respirou fundo e, sem pensar, entrou na praça. Bernat e Joan estavam a uns dez passos. Avivou a chama, com o que se pôs a descoberto. O brilho da candeia na Praça do Blat anunciou-lhe um amanhecer despejado. Os soldados olharam para ele. Arnau ia para começar a correr quando se deu conta de que nenhum deles fazia tenção de se mexer. “Porque haviam de o fazer? Acaso sabem que vou queimar o meu pai? Queimar o meu pai!” A candeia tremeu-lhe na mão. Seguido pelo olhar dos soldados, chegou até onde Joan estava. Ninguém fez nada. Arnau deteve-se debaixo do cadáver do pai e olhou-o pela última vez. O rebrilhar do óleo sobre o rosto dele escondia o terror e a dor que antes lá estava.

Arnau atirou a candeia contra o cadáver e Bernat começou a arder. Os soldados levantaram-se de um salto, viraram-se para as chamas e correram atrás de Arnau. Os restos da candeia caíram sobre a carroça, onde se acumulara o óleo que escorria do corpo de Bernat, e também começou a arder.

— Eh! — ouviu os soldados a gritar.

Arnau ia a sair, correndo, quando reparou que Joan continuava sentado perto da carroça, com a manta a tapá-lo por inteiro,

paralisado. Os restantes enlutados observavam em silêncio as chamas, absortos na sua própria dor.

— Alto! Alto! Em nome do rei!

— Mexe-te, Joan! — Arnau virou-se para os soldados, que já corriam na sua direcção. — Mexe-te, se não queimas-te.

Não podia deixar Joan ali. O óleo espalhado pelo chão aproximava-se da figura tremente do irmão. Arnau ia a puxá-lo dali quando a mulher que antes o tinha visto se pôs no meio.

— Corre — apressou-o.

Arnau teve de se escapar da mão do primeiro soldado e desatou a correr. Correu pela Rua Bòria até à Porta Nou, com os soldados aos gritos atrás dele. Quanto mais o perseguissem, mais tempo demorariam a voltar para perto do seu pai e a apagar o fogo, pensou Arnau enquanto corria. Os soldados, veteranos e carregados com o seu equipamento, nunca poderiam alcançar um rapaz cujas pernas pareciam acirradas pelo fogo.

— Em nome do rei! — ouviu atrás de si.

Um silvo raspou pelo seu ouvido direito. Arnau conseguiu ouvir como a lança caía no chão, à sua frente. Atravessou como um sopro a Praça de la Liana enquanto várias lanças falhavam o seu objectivo, correu frente à capela de Bernat Marcus e chegou à Rua Carders. Os gritos dos soldados começavam a perder-se na distância. Não podia continuar a correr até à Porta de Nou, onde com certeza haveria mais soldados colocados. Para baixo, em direcção ao mar, podia chegar até Santa Maria; para cima, em direcção à montanha, podia chegar até Sant Pere de les Puelles, mas depois voltaria a deparar com as muralhas.

Decidiu-se pelo mar e dirigiu-se para lá. Contornou o convento de San Agustín e perdeu-se no labirinto de ruas que se abriam para além do bairro do Mercadal; saltava vedações, pisava hortas e procurava sempre as sombras. Quando teve a certeza de que apenas o eco dos seus passos o seguia, abrandou o ritmo. Seguindo o percurso do Rec Comtal, chegou ao Pia d'en Llull, junto ao convento de Santa Clara, e daí, à Praça do Born e à Rua do Born, à sua igreja, ao seu refúgio. No entanto, quando ia a meter-se debaixo da escada de madeira da porta, observou algo que lhe chamou a atenção: uma candeia atirada ao chão e cuja chama,

exígua, lutava por se manter acesa. Perscrutou os arredores da ténue luzinha e não tardou a vislumbrar a figura do aguazil, também caído no chão, imóvel, com um fio de sangue que lhe corria pela comissura dos lábios.

O coração de Arnau acelerou. Porquê? A tarefa daquele aguazil era vigiar Santa Maria. Que interesse podia haver em... A Virgem! A capela do Santíssimo! A caixa dos bastaixos!

Arnau não pensou duas vezes. Tinham executado o seu pai; não podia permitir que agora, para além disso, desonrassem a sua mãe. Entrou discretamente pela porta de Santa Maria e dirigiu-se ao deambulatório. A sua esquerda, separada pelo espaço que restava entre dois contrafortes, ficava a capela do Santíssimo. Atravessou a igreja e escondeu-se atrás de uma das colunas do altar-mor. Daí, ouviu ruídos vindo da capela do Santíssimo, mas ainda não a tinha à vista. Deslizou até à coluna seguinte e, então sim, através das colunas conseguiu ver a capela, iluminada como sempre por numerosos círios acesos.

Na capela, um homem empoleirava-se no gradeamento. Arnau olhou para a sua Virgem. Tudo parecia estar em ordem. Então? Passeou rapidamente o olhar pelo interior da capela do Altíssimo; a caixa dos bastaixos tinha sido forçada. Enquanto o ladrão continuava a subir, Arnau julgou ouvir o tilintar das moedas que os bastaixos colocavam naquela caixa para os seus órfãos e para as suas viúvas.

— Ladrão! — gritou, lançando-se contra a grade da capela.

De um salto, empoleirou-se na grade e bateu no peito do homem. O ladrão, surpreendido, caiu estrepitosamente. Não teve tempo para pensar. O homem levantou-se com rapidez e desferiu um tremendo soco na cara do rapaz. Arnau caiu de costas sobre o chão de Santa Maria.

CAPÍTULO 17

— Deve ter caído ao tentar escapar depois de roubar a caixa dos bastaixos — sentenciou um dos oficiais reais, de pé, ao lado de Arnau, que ainda estava inconsciente. O padre Albert negou com a cabeça. Como poderia Arnau ter cometido semelhante atrocidade? A caixa dos bastaixos, na capela do Santíssimo, junto à sua Virgem!

Os soldados tinham-no avisado um par de horas antes de amanhecer.

— Não pode ser — murmurou para si próprio.

— Sim, padre — insistiu o oficial. — O rapaz trazia esta bolsa — acrescentou, mostrando-lhe a bolsa do dinheiro de Grau para os presos e para o alcaide. — Que andaria um rapaz a fazer com tanto dinheiro?

— E a cara dele? — interveio outro soldado. — Para que havia alguém de sujar a cara com barro, a não ser para roubar?

O padre Albert voltou a negar com a cabeça, com os olhos postos na bolsa que o oficial tinha na mão. Que fazia Arnau ali, àquelas horas da noite? De onde tinha tirado aquela bolsa?

— Que fazem? — perguntou aos oficiais ao ver que levantavam Arnau do chão.

— Levamo-lo para a prisão.

— De maneira nenhuma — ouviu-se a si próprio dizer.

Talvez... Talvez tudo aquilo tivesse uma explicação. Arnau não podia ter tentado roubar a caixa dos bastaixos. Arnau, não.

— É um ladrão, padre.

— Isso terá de ser um tribunal a decidir.

— E assim será — confirmou o oficial, enquanto os seus soldados seguravam Arnau pelas axilas. — Mas vai esperar peia sentença num cárcere.

— Se tem de ir para algum cárcere, será o do bispo — disse o padre. — O crime foi cometido num lugar santo, e por isso a jurisdição é da Igreja, não do corregedor.

O oficial olhou para os soldados e para Arnau e, com um gesto de impotência, ordenou-lhes que deixassem o rapaz no chão, coisa que eles cumpriram deixando-o cair. Um sorriso cínico assomou aos seus lábios ao ver como o rosto do rapaz batia violentamente no chão.

O padre Albert olhou-os com raiva.

— Acordem-no — exigiu o padre Albert enquanto puxava das chaves da capela, abria a grade e entrava. — Quero ouvir o que o rapaz tem a dizer.

Aproximou-se da caixa dos bastaixos, cujas três fechaduras tinham sido forçadas, e comprovou que estava vazia; no interior da

capela não faltava mais nada, nem tinha havido nenhum estrago. “Que se passou aqui, Senhora?”, perguntou o padre em silêncio à Virgem. “Como pudeste permitir que Arnau cometesse este delito?” Ouviu os soldados a despejar água sobre a cara de Arnau, e saiu da capela no momento em que vários bastaixos, avisados do roubo da sua caixa, entravam em Santa Maria.

Arnau despertou ao sentir a água gelada e viu que estava rodeado de soldados. O som da lança na Rua de Bòria tornou a silvar-lhe ao ouvido. Corria à frente deles. Como tinham conseguido alcançá-lo? Teria tropeçado? Os rostos dos soldados inclinaram-se sobre ele. O pai! Ardia! Tinha de escapar! Arnau levantou-se e tentou empurrar um dos soldados, mas estes imobilizaram-no rapidamente e sem dificuldade. O padre Albert, abatido, viu a luta do rapaz por se soltar das mãos dos soldados.

— Quer ouvir mais uma coisa, padre? — atirou-lhe ironicamente o oficial. — Isto parece-lhe suficiente confissão? — insistiu apontando para Arnau, enlouquecido.

O padre Albert levou as mãos à cara e suspirou. Depois, dirigiu-se, cansado, para onde os soldados tinham retido Arnau.

— Porque fizeste isto? — perguntou assim que ficou frente ao rapaz. — Sabes que essa caixa é dos teus amigos bastaixos. Que com ela satisfazem as necessidades de viúvas e de órfãos dos seus confrades, enterram os seus mortos, fazem obras de caridade, engalanam a Virgem, tua mãe, e mantêm sempre acesas as velas que a iluminam. Porque fizeste isto, Arnau?

Arnau acalmou-se diante da presença do padre, mas... que fazia ele ali? A caixa dos bastaixos, o ladrão! Tinha-lhe batido, mas... que mais teria acontecido? Com os olhos arregalados, olhou à sua volta. Atrás dos soldados, um sem-número de caras conhecidas observavam-no, esperando uma resposta. Reconheceu Ramon e Ramon el Chico, Pere, Jaume, Joan, que tentava ver a cena pondo-se em bicos de pés, Sebastià e o filho, Bastianet e muitos outros a quem tinha dado de beber e com quem tinha partilhado momentos inesquecíveis na saída da host de Creixell. Acusavam-no a ele! Era isso!

— Eu não... — balbuciou.

O oficial colocou à frente dos seus olhos a bolsa de dinheiro de Grau, e Arnau levou a mão ao sítio onde ela devia de estar. Não quisera deixá-la debaixo do colchão, para o caso de a baronesa os denunciar e culparem Joan, e agora... Maldito Grau! Maldita bolsa!

— Procuras isto? — disparou o oficial.

Levantou-se um rumor entre os bastaixos.

— Não fui eu, padre — defendeu-se Arnau.

O oficial soltou uma gargalhada, a que, de imediato, se somaram as dos soldados.

— Ramon, não fui eu. Juro-vos — repetiu Arnau olhando directamente para o bastaix.

— Então, que fazias tu aqui à noite? Onde apanhaste essa bolsa? Porque tentaste fugir? Porque tens a cara suja de barro?

Arnau levou uma mão à cara. O barro estava ressequido.

A bolsa! O oficial não parava de a balançar à frente dos seus olhos.

Entretanto, iam chegando mais e mais bastaixos, e uns e outros, em voz baixa, contavam entre si o que se tinha passado. Arnau observou a bolsa, balançando-se à sua frente. Maldita bolsa! Depois, dirigiu-se directamente ao padre:

— Havia um homem — disselhe. — Tentei detê-lo, mas não consegui. Era muito forte.

A gargalhada incrédula do oficial voltou a ecoar no deambulatório.

— Arnau — incitou-o o padre Albert —, responde às perguntas do oficial.

— Não... não posso — reconheceu, provocando um encolher de ombros nos soldados e alvoroço entre os bastaixos.

O padre Albert guardou silêncio, com o olhar fixo em Arnau. Quantas vezes tinha ouvido aquelas palavras? Quantos da sua freguesia se negavam a contar-lhe os seus pecados? “Não posso”, diziam-lhe, com o medo estampado no rosto. “Se alguém soubesse...” Certamente, pensava então o sacerdote, se soubessem do roubo, do adultério ou da blasfémia, poderiam detê-los, e então ele tinha de insistir, jurando-lhes segredo eterno, até que as suas consciências se abriam a Deus e ao perdão.

— Contar-me-ias a mim, a sós? — perguntou-lhe.

Arnau concordou e o clérigo apontou para a capela do Santíssimo.

— Esperem aqui — disse para os outros.

— Trata-se da caixa dos bastaixos — ouviu-se então atrás dos soldados. — Deveria estar um bastaix presente.

O padre concordou, olhando para Arnau.

— Ramon? — propôs.

O rapaz tornou a concordar e os três introduziram-se na capela. Aí, Arnau deixou sair tudo o que trazia dentro do peito. Falou de Tomás, o palafreneiro, do pai, da bolsa de Grau, da tarefa ordenada pela baronesa, da revolta, da execução, do fogo... da perseguição, do ladrão da caixa e da sua luta infrutífera com ele. Falou do seu medo de que descobrissem que aquela bolsa era de Grau ou que o detivessem por pegar fogo ao cadáver do pai.

As explicações prolongaram-se. Arnau não soube descrever o homem que lhe tinha batido; estava escuro, disse respondendo às perguntas dos dois homens, mas era grande e forte, isso sim. Por fim, o padre e o bastaix olharam um para o outro; acreditavam no rapaz, mas... como iam demonstrar a toda a gente que já murmurava fora da capela que não tinha sido ele? O sacerdote olhou para a Virgem, olhou para a caixa arrombada e saiu da capela.

— Creio que o rapaz diz a verdade — anunciou à pequena multidão que esperava no deambulatório. — Acredito que não foi ele quem roubou a caixa; mais ainda: tentou evitar que a roubassem.

Ramon saíra por detrás do padre e assentia.

— Então — perguntou o oficial —, por que razão não pode responder às minhas perguntas?

— Eu conheço os motivos dele — Ramon continuou a assentir. — E são suficientemente convincentes. Se há alguém que duvide de mim, que o diga. — Ninguém falou. — E agora, onde estão os três próceres da confraria? — Os três bastaixos chegaram à frente até onde se encontrava o padre Albert. — Cada um de vós tem uma das três chaves que abrem a caixa, não é assim? — Os próceres confirmaram. — Juram que esta caixa só foi aberta por vocês os três em simultâneo, e na presença de dez confrades, como estabelecem as ordenações? — Os próceres juraram em voz alta,

no mesmo tom em que o padre os interrogava. — Juram, então, que a última anotação feita no livro corresponde à quantidade que deveria lá estar depositada? — Os três próceres juraram de novo. — E vós, oficial, jurais que essa bolsa é a que o rapaz trazia? — O oficial fez que sim. — Jurais que o seu conteúdo é o mesmo de quando a encontrastes?

— Estais a ofender um oficial do rei Afonso! — Jurais ou não jurais? — gritou o padre.

Alguns bastaixos aproximaram-se do oficial, exigindo-lhe uma resposta com o olhar. — Juro.

— Muito bem — prosseguiu o padre Albert —, agora vou buscar o livro de caixa. Se este rapaz é o ladrão, o conteúdo da bolsa deverá ser igual ou superior à última anotação efectuada; se for inferior deveremos dar-lhe crédito.

Um murmúrio de aprovação correu entre os bastaixos. A maioria deles olhava para Arnau; todos eles tinham bebido água fresca dada pelo rapaz.

Depois de entregar as chaves da capela a Ramon, com ordens para que a fechasse, o padre Albert dirigiu-se aos seus aposentos para ir buscar o livro de caixa, que segundo as ordenações dos bastaixos devia permanecer na posse de uma terceira pessoa. Pelo que se recordava, era impossível que o conteúdo da caixa batesse certo com o dinheiro que Grau dava ao aguazil da prisão para que este alimentasse os seus presos; aquele devia de ser muito superior. Seria uma prova irrefutável, pensou sorrindo.

Enquanto o padre Albert procurava o livro e regressava a Santa Maria, Ramon encarregou-se de fechar à chave as grades da capela. Observou então um reluzir no seu interior, aproximou-se e, sem lhe tocar, examinou o objecto que o provocava. Não disse nada a ninguém. Fechou as grades e dirigiu-se ao grupo de bastaixos que esperavam o padre, em volta de Arnau e dos soldados.

Ramon sussurrou algo a três deles, e juntos abandonaram a igreja sem que ninguém desse por isso.

— Segundo o livro de caixa — recitou o padre Albert, mostrando-o aos três próceres, para que comprovassem —, na caixa havia setenta e quatro dinheiros e cinco soldos. Contai quanto há na bolsa — acrescentou, dirigindo-se ao oficial.

Antes de começar sequer a abrir a bolsa, o oficial abanou a cabeça. Não podia haver ali dentro setenta e quatro dinheiros.

— Treze dinheiros! — proclamou. — Mas — gritou —, o rapaz podia ter um cúmplice que tenha levado a parte que falta.

— E porque havia esse cúmplice de deixar os treze dinheiros na posse de Arnau? — disse um bastaix.

Um rumor de aprovação acompanhou esta observação.

O oficial olhou para os bastaixos. “Por descuido”, esteve quase a responder, “por pressa, por nervosismo”, mas... para quê esforçar-se? Alguns deles já se tinham aproximado de Arnau e davam-lhe palmadas nas costas ou revolviam-lhe o cabelo.

— E se não foi o rapaz, quem foi? — perguntou.

— Creio que sei quem foi — ouviram responder Ramon, de lá do altar-mor.

Atrás dele, dois dos bastaixos com quem ele tinha falado arrastavam com dificuldade um homem corpulento.

— Tinha de ser esse — disse então alguém do grupo dos bastaixos.

— Era esse homem! — exclamou Arnau ao mesmo tempo.

O maiorquino sempre fora um bastaix conflituoso, até que os próceres se tinham apercebido de que tinha uma concubina, e o tinham expulsado da confraria. Nenhum bastaix podia manter relações fora do matrimónio. E também as suas mulheres não o podiam fazer, porque nesse caso, o bastaix era também afastado.

— Que diz esse miúdo? — gritou o maiorquino ao chegar ao deambulatório.

— Acusa-te de teres roubado a caixa dos bastaixos — respondeu o padre Albert.

— Mente!

O sacerdote procurou o olhar de Ramon, que aprovou com um leve movimento da cabeça.

— Eu também te acuso! — gritou, apontando para ele.

— Também mente!

— Terás oportunidade de demonstrar isso no caldeirão, no mosteiro de Sant Creus.

Fora cometido um delito numa igreja, e as constituições de Paz e Trégua estabeleciam que a inocência deveria ser demonstrada

mediante a prova da água quente.

O maiorquino empalideceu. Os dois oficiais e os soldados olharam, espantados, para o padre, mas este fez-lhes sinal para que ficassem calados. A prova da água quente já não se usava, mas, muitas vezes, os clérigos recorriam à ameaça de submergir os membros do suspeito num caldeirão de água a ferver.

O padre Albert semicerrou os olhos e fitou o maiorquino.

— Se o rapaz e eu estamos a mentir, decerto aguentarás a água a ferver nos teus braços e nas tuas pernas sem confessares o teu delito.

— Estou inocente — gaguejou o maiorquino.

— Já te disse que terás oportunidade de o demonstrar — reiterou o sacerdote.

— Se estás inocente — interveio Ramon —, explica-nos o que faz o teu punhal no interior da capela.

O maiorquino virou-se para Ramon.

— É uma armadilha! — respondeu com rapidez. — Alguém o colocou aí para me incriminar. O rapaz! De certeza que foi ele!

O padre Albert voltou a abrir as grades da capela do Santíssimo e apareceu com um punhal.

— É este o teu punhal? — perguntou-lhe, aproximando-lho da cara.

— Não... não.

Os próceres da confraria e vários bastaixos aproximaram-se do padre e pediram-lhe o punhal, para o examinar.

— É o dele, sim — disse um dos próceres, empunhando-o.

Seis anos antes, e devido às muitas altercações que se davam no porto, o rei proibira os bastaixos e pessoas não cativas que trabalhassem no porto de usarem machetes ou armas semelhantes. A única arma permitida era um punhal rombo. O maiorquino recusara-se a cumprir a ordem real, alardeando o seu magnífico punhal aguçado, que mostrara mais de uma vez, para justificar a sua desobediência. Só perante a ameaça de expulsão da confraria acedera a levá-lo a casa do ferreiro, para que o limassem.

— Mentiroso! — acusou um dos bastaixos.

— Ladrão! — gritou outro.

— Alguém o deve ter roubado, para me incriminar! — protestou enquanto se debatia com os dois homens que o agarravam.

Então apareceu o terceiro dos bastaixos que tinham saído com Ramon em busca do maiorquino e que tinha ido revistar a casa dele, para procurar o dinheiro roubado.

— Aqui está — gritou, levantando uma bolsa e entregando-a ao cura, que por sua vez a deu ao oficial.

— Setenta e quatro dinheiros e cinco soldos — recitou o oficial depois de contar o conteúdo da bolsa.

A medida que o oficial contava, os bastaixos iam cerrando o círculo em volta do maiorquino. Nenhum deles podia ter tanto dinheiro! Quando terminou a contagem, atiraram-se ao ladrão. Houve insultos, patadas, murros, cuspidelas. Os soldados mantiveram-se à margem e o oficial encolheu os ombros, olhando para o padre Albert.

— Estamos na casa de Deus! — gritou então o sacerdote, tentando afastar os bastaixos. — Estamos na casa de Deus! — continuou a gritar até conseguir chegar perto do maiorquíno, feito um trapo enrolado no chão. — Este homem é um ladrão, certamente, e além disso um cobarde, mas merece um julgamento. Não podem agir como delinquentes. Levem-no ao bispo — ordenou ao oficial.

Quando o padre se dirigiu ao oficial, alguém voltou a pontapear o maiorquino. Muitos lhe cuspiam em cima enquanto os soldados o levantavam e o levavam.

Quando os soldados abandonaram Santa Maria, levando o maiorquino, os bastaixos aproximaram-se de Arnau, sorrindo-lhe e pedindo-lhe desculpa. Depois, começaram a retirar-se para as suas casas. Por fim, em frente à capela do Santíssimo, de novo aberta, só restavam o padre Albert, Arnau, os três próceres da confraria e as dez testemunhas que as ordenações exigiam quando se tratava da caixa dos bastaixos.

O padre introduziu o dinheiro na caixa e anotou no livro o acontecimento que ocorrera durante a noite. Já amanhecera e já tinham ido avisar um serralheiro para que reparasse as três fechaduras; todos tinham de esperar até se voltar a fechar a caixa.

O padre Albert apoiou um braço no ombro de Arnau. Só então se recordou dele sentado debaixo do cadáver de Bernat, pendendo de uma corda. Afastou da sua mente o fogo. Era apenas uma criança! Olhou para a Virgem. “Teria apodrecido às portas da cidade”, disselhe em silêncio. “Por isso, que mal teve? É apenas um rapazito que agora não tem nada; nem pai, nem trabalho com que se alimentar...”

— Creio — disse de repente — que deveriam admitir Arnau Estanyol na vossa confraria.

Ramon sorriu. Também ele, uma vez regressada a tranquilidade, estivera a pensar na confissão de Arnau. Os outros, incluindo Arnau, olharam para o padre com surpresa.

— É apenas um rapaz — disse um dos próceres.

— É fraquito. Como é que poderá carregar fardos ou pedras às costas? — perguntou outro.

— É muito novo — afirmou um terceiro. Arnau olhava para todos com os olhos muito abertos.

— Tudo o que dizem é certo — respondeu o padre —, mas nem o tamanho dele, nem a sua força, nem a sua juventude o impediram de defender o vosso dinheiro. Se não fosse ele, a caixa estaria vazia.

Os bastaixos ficaram por um momento a examinar Arnau.

— Eu creio que poderíamos experimentar — disse por fim Ramon. — E se não servir...

Alguém do grupo aprovou.

— De acordo — disse por fim um dos próceres da confraria olhando para os seus dois companheiros, nenhum dos quais se opôs —, admiti-lo-emos à experiência. Se durante os próximos três meses demonstrar a sua valia, será confirmado como bastaix. Receberá em proporção do seu trabalho. Toma — acrescentou entregando-lhe o punhal do maiorquino, que ainda tinha em seu poder —, este é o teu punhal de bastaix. Padre, anote isto no livro, para que o pequeno não tenha problemas de nenhum tipo.

Arnau sentiu o apertão da mão do padre no seu ombro. Sem saber o que dizer, sorrindo, mostrou o seu agradecimento aos bastaixos. Ele, um bastaix! Se o pai soubesse!

CAPÍTULO 18

— Quem era? Conhece-lo, rapaz?

Ainda ecoavam na praça as correrias e os gritos dos soldados que perseguiam Arnau, mas Joan não os escutava: o crepitar do cadáver de Bernat ressoava nos seus ouvidos.

O oficial da noite que ficara junto ao cadafalso sacudiu Joan e repetiu a pergunta:

— Conhece-lo?

Mas Joan não tirou os olhos da tocha em que se tornara aquele que se prontificara a ser o seu pai.

O oficial voltou a sacudi-lo até que conseguiu que o rapazinho se virasse para ele, com o olhar perdido e os dentes a bater.

— Quem era? Porque queimou o teu pai?

Joan nem sequer ouviu a pergunta. Começou a tremer.

— Ele não pode falar — interveio a mulher que instara Arnau a fugir, a mesma que afastara Joan, paralisado, das chamas, a mesma que reconhecera em Arnau o rapaz que tinha velado o enforcado durante toda a tarde. Se eu me atrevesse a fazer o mesmo, pensou, o corpo do meu marido não iria apodrecer nas muralhas, devorado pelos pássaros. Sim, aquele rapaz tinha feito algo que qualquer um dos que ali estavam teria gostado de fazer, e o oficial... Era o oficial da noite, e por isso não podia reconhecer Arnau; para ele, o filho era o outro, o que estava debaixo do pai. A mulher abraçou Joan e acarinhou-o.

— Tenho de saber quem pegou o fogo — acrescentou o oficial.

Os dois juntaram-se às pessoas que olhavam para o cadáver de Bernat.

— Que quer que faça? — murmurou a mulher notando as convulsões de Joan. — Esta criança está a morrer de fome e de medo.

O soldado fechou os olhos; depois, fez que sim com a cabeça, lentamente. Fome! Ele próprio perdera um filho de tenra idade: a criança começara a perder peso, até que umas simples febres a tinham levado. A sua mulher abraçava-o da mesma forma que aquela mulher fazia com o rapazito. E ele via-os, ela a chorar, e o pequeno procurando conforto no peito dela, tal como...

— Leva-o para casa — disse o oficial à mulher. “Fome”, murmurou, virando-se para o cadáver em chamas de Bernat.

“Malditos Genoveses!”

Amanhecera em Barcelona.

— Joan! — gritou Arnau assim que entrou em casa. Pere e Mariona, no rés-do-chão, sentados junto do fogo, fizeram-lhe sinal para que ficasse em silêncio.

— Está a dormir — disse Mariona.

A mulher levara-o a casa e contara-lhes o sucedido. Os dois idosos trataram dele até que o rapaz conseguiu conciliar o sono. Depois, sentaram-se junto do fogo.

— Que vai ser deles? — perguntara Mariona ao marido. — Sem Bernat, o rapaz não se aguentará nas cavalariças.

E nós não podemos mantê-los, pensou Pere. Não se podiam permitir dar-lhes casa sem cobrar nada, nem dar-lhes de comer. Pere estranhou o brilho que havia nos olhos de Arnau. Tinham acabado de executar-lhe o pai! Tinha acabado de lhe pegar fogo; a mulher contara-lhes isso. A que se deveria então aquele brilho nos olhos?

— Sou um bastaix! — anunciou Arnau dirigindo-se aos escassos restos do jantar da noite anterior, frios na panela.

Os dois idosos entreolharam-se e depois olharam para o rapaz, que comia directamente do tacho, de costas para eles. Estava famélico. A falta de cereais tinha-o afectado, como a toda a Barcelona. Como iria aquela criança magra carregar alguma coisa?

Mariona negou com a cabeça, olhando para o marido.

— Deus dirá — respondeu Pere.

— Que dizem? — perguntou Arnau, virando-se, com a boca cheia.

— Nada, filho, nada.

— Tenho de ir — disse Arnau, pegando num pedaço de pão seco e dando-lhe uma dentada. O desejo de perguntar a Joan o que se tinha passado na praça chocava com um novo entusiasmo: juntar-se aos novos companheiros. Decidiu-se: — Contem ao Joan quando ele acordar.

Em Abril começava a época de navegação, interrompida desde Outubro. Os dias tornavam-se mais longos, os grandes navios começavam a chegar ao porto ou a sair dele, e ninguém, nem

patrões, nem armadores, nem pilotos desejavam ficar mais tempo do que o estritamente necessário no perigoso porto de Barcelona.

Da praia, antes de se juntar ao grupo de bastaixos que lá esperava, Arnau contemplou o mar. Sempre o tivera ali, mas quando saía com o pai virava-lhe as costas ao fim de poucos passos. No porto, para além de uma infinidade de pequenas embarcações, estavam ancoradas duas grandes naus que acabavam de chegar e uma esquadra formada por seis imensas galeras de guerra, com duzentos e sessenta botes e vinte e seis filas de remadores cada uma.

Arnau ouvira falar daquela esquadra; armara-a a própria cidade para ajudar o rei na guerra contra Génova, e estava sob o comando do quarto conselheiro de Barcelona, Galcerà Marquet. Apenas a vitória sobre os Genoveses poderia voltar a abrir as vias de comércio e de sustento da capital do principado; por isso, Barcelona fora generosa com o rei Afonso.

— Não te vais deixar ficar para trás, não é, rapaz? — disse alguém atrás dele. Arnau voltou-se e encontrou um dos próceres da confraria. — Vamos — instou-o este, sem parar de andar para o local de reunião dos outros confrades.

Arnau seguiu-o. Quando chegou ao grupo, os bastaixos receberam-no com sorrisos.

— Isto não é como dar água, Arnau — disselhe um dos homens, provocando os risos dos restantes.

— Toma — ofereceu-lhe Ramon. — É a mais pequena que encontrámos na confraria.

Arnau pegou com cuidado na capçana.

— Não se estraga! — riu-se um dos bastaixos ao ver o cuidado com que Arnau a segurava.

Claro que não!, pensou Arnau, sorrindo para o bastaix. Como havia de se estragar? Pôs a protecção na nuca e na testa a correia de couro que a prendia, e tornou a sorrir.

Ramon comprovou que a protecção estava no sítio devido.

— Muito bem — disse, dando-lhe uma palmada. — Só te falta o calo.

— Que calo? — começou a perguntar Arnau, mas a chegada dos próceres desviou as atenções de todos os confrades.

— Não se põem de acordo — explicou um deles. Todos os bastaixos, incluindo Arnau, olharam um pouco mais para além da praia, onde várias pessoas vestidas luxuosamente discutiam. — Galcerà Marquet quer que se carreguem primeiro as galeras; os comerciantes, em contrapartida, querem que se descarreguem os barcos que acabam de arribar. Há que esperar — anunciou.

Os homens murmuraram e a maioria deles sentou-se na areia. Arnau sentou-se junto de Ramon, com a capçana ainda colada à testa.

— Isso não se estraga, Arnau — disselhe Ramon, apontando para a capçana. — Mas não deixes que a areia se meta aí: magoar-te-ia quando começasses a trazer carga.

O rapaz tirou a capçana e guardou-a cuidadosamente, sem que tocasse na areia.

— Qual é o problema? — perguntou a Ramon. — Pode-se carregar ou descarregar primeiro uns e depois os outros.

— Ninguém quer estar no porto de Barcelona mais tempo do que o necessário. Se se levantasse um temporal, os navios ficariam em perigo, sem qualquer defesa.

Arnau percorreu o porto com o olhar, de Puig de les Falsies até Santa Clara; depois, fixou o olhar no grupo que continuava a discutir.

— Quem manda é o conselheiro da cidade, não?

Ramon riu-se e fez-lhe uma festa na cabeça.

— Em Barcelona, quem manda são os comerciantes. Foram eles que pagaram as galeras reais.

Por fim, a disputa terminou com um pacto: os bastaixos iriam recolher os apetrechos das galeras à cidade e, entretanto, os barqueiros começariam a descarregar os navios mercantes. Os bastaixos teriam de estar de volta antes de os barqueiros terem chegado à praia com as mercadorias, que ficariam resguardadas num local apropriado, em vez de repartidas pelos armazéns dos seus donos. Os barqueiros levariam os apetrechos às galeras enquanto os bastaixos iriam buscar mais, e destas dirigir-se-iam depois aos navios mercantes para recolher mais mercadorias. E assim uma e outra vez, até que galeras e navios mercantes estivessem carregadas, umas, e descarregados, outros. Depois

então distribuiriam as mercadorias pelos armazéns correspondentes e, se o tempo o permitisse, voltariam a carregar os navios mercantes.

Quando os próceres se puseram de acordo, todos os operários do porto se puseram em movimento. Os bastaixos, em grupos, entraram por Barcelona dentro, em direcção aos armazéns municipais, onde se encontravam os apetrechos dos tripulantes das galeras, incluindo os dos numerosos remadores de cada uma, e os barqueiros dirigiram-se aos navios mercantes que acabavam de chegar ao porto para descarregarem as mercadorias, as quais, por falta de cais, não se podiam descarregar senão por meio daquelas confrarias dedicadas à organização portuária.

A tripulação de cada barcaça, bote, canoa ou barca era composta por três ou quatro homens: o barqueiro e, dependendo da confraria, escravos ou homens livres assalariados. Os barqueiros agrupados na confraria de Sant Pere, a mais antiga e a mais rica da cidade, utilizavam escravos, não mais de dois por cada barca, conforme estabeleciam as ordenações; os da confraria jovem de Santa Maria, sem tantos recursos económicos, utilizavam homens livres, a soldo. Em qualquer caso, a carga e a descarga das mercadorias, assim que as barcas acostavam aos navios mercantes, eram operações lentas e delicadas, mesmo com mar tranquilo, já que os barqueiros eram responsáveis perante o proprietário por qualquer dano ou avaria que as mercadorias sofressem, e podiam até ser condenados a pena de prisão, caso não pudessem fazer frente às indemnizações devidas aos mercadores.

Quando o temporal assolava o porto de Barcelona, o assunto complicava-se, mas não apenas para os barqueiros, também para todos os que intervinham no tráfego marítimo. Em primeiro lugar, porque os barqueiros podiam negar-se a descarregar a mercadoria — coisa que não lhes era permitida quando havia bonança —, a não ser que acordassem voluntariamente com o proprietário num preço especial. Mas os efeitos mais importantes do temporal recaíam sobre os donos, pilotos e mesmo marinheiros dos barcos. Sob a ameaça de penas severas, ninguém podia abandonar o navio até a mercadoria ter sido totalmente descarregada, e se o dono ou o seu

escrivão, os únicos que podiam desembarcar, se encontrassem fora da embarcação, tinham obrigação de a ela regressar.

Assim, pois, enquanto os barqueiros começavam a descarregar o primeiro navio, os bastaixos, divididos em grupos pelos próceres, começaram a trazer para a praia, vindos dos diversos armazéns da cidade, os apetrechos das galeras. Arnau foi incluído no grupo de Ramon, a quem o prócer lançou um olhar significativo quando lhe entregou o rapaz.

De onde se encontravam, sem abandonar a linha da praia, dirigiram-se ao pórtico do Forment, o armazém municipal de cereais, fortemente protegido pelos soldados do rei desde a revolta popular. Arnau tentou esconder-se atrás de Ramon ao chegar à porta, mas os soldados deram conta da presença de um rapazinho por entre aqueles homens fortes.

— Que vai este carregar? — perguntou um deles, rindo-se e apontando para Arnau.

Ao ver que todos os soldados olhavam para ele, Arnau sentiu o estômago revolver-se e tentou esconder-se ainda mais, mas Ramon agarrou-o por um ombro, pôs-lhe a capçana na testa e respondeu ao soldado no mesmo tom que este tinha usado:

— Já tem idade para trabalhar! — exclamou. — Tem catorze anos e tem de ajudar a família.

Vários soldados concordaram e abriram-lhes caminho. Arnau avançou com eles, com a cabeça inclinada e a tira de couro colada à testa. Quando entrou no pórtico do Forment, o odor do cereal armazenado atingiu-o. Os raios de luz que passavam pelas janelas iluminavam os grãos de poeira em suspensão, uma poeira que não tardou a fazer tossir o rapaz e os outros bastaixos.

— Antes da guerra com Génova — comentou Ramon, estendendo um braço como se quisesse abarcar todo o perímetro do armazém —, estava cheio de cereais, mas agora...

Ali estavam as grandes talhas de Grau, observou Arnau, colocadas lado a lado.

— Vamos! — gritou um dos próceres.

Com um pergaminho na mão, o encarregado do armazém começou a apontar para as grandes talhas. Como vamos nós transportar essas talhas cheias?, interrogou-se Arnau. Era

impossível que um homem transportasse tal peso. Os bastaixos agruparam-se dois a dois e, depois de se porem ao lado das talhas e de as atarem com cordas, cruzavam sobre os ombros um pau grosso, que antes tinham passado pelas cordas e, dessa forma, juntos, começavam a desfilar em direcção à praia. O pó em suspensão revolveu-se e multiplicou-se. Arnau voltou a tossir e, quando chegou a sua vez, ouviu a voz de Ramon:

— Dá ao rapaz uma das pequenas, das de sal. O encarregado olhou para Arnau e fez que não com a cabeça.

— O sal é caro, bastaix — alegou, dirigindo-se a Ramon. — Se deixa cair a talha...

— Dá-lhe uma de sal!

As talhas de cereais mediam cerca de um metro de altura. A de Arnau, no entanto, não devia passar de meio metro, mas quando, com a ajuda de Ramon, a carregou às costas, o rapaz notou que os joelhos lhe tremiam.

Por trás dele, Ramon agarrou-o pelos ombros.

— Agora é que vais ter de mostrar o que vales — sussurrou-lhe ao ouvido.

Arnau começou a andar, encurvado, com as mãos fortemente agarradas às asas da talha, empurrando com a cabeça para a frente e sentindo a tira de couro a enterrar-se-lhe na testa.

Ramon viu-o partir, cambaleando, mexendo um pé depois do outro com cuidado, lentamente. O encarregado tornou a fazer que não com a cabeça e os soldados mantiveram-se em silêncio quando passou por entre eles.

— Por ti, pai! — murmurou entredentes quando sentiu o calor do sol no seu rosto. O peso parecia partido em dois. — Já não sou uma criança, pai. Vês?

Ramon e outro dos bastaixos, com uma talha de cereal pendurada no pau, seguiam-no, ambos com os olhos fixos nos pés do rapaz; podiam vê-los a tropeçar. Arnau cambaleou. Ramon fechou os olhos. Estarás ainda aí pendurado?, pensou nesse mesmo instante Arnau, com a imagem do cadáver de Bernat bailando-lhe nos olhos. Ninguém fará troça de ti. Nem sequer a bruxa e os seus enteados. Ergueu-se sob o peso e começou a andar de novo.

Chegou à praia; Ramon sorria, atrás dele. Todos se calaram. Os barqueiros acorreram a agarrar a talha do sal antes que o rapaz chegasse à rebentação. Arnau demorou alguns segundos a conseguir pôr-se direito. “Viste-me, pai?”, murmurou, olhando para o céu.

Ramon deu-lhe uma palmada nas costas assim que se viu livre do cereal.

— Outra? — perguntou o rapaz, com seriedade.

Mais duas. Quando Arnau descarregou a terceira talha na praia, um dos próceres, Josep, aproximou-se dele.

— Já chega por hoje, rapaz — disselhe.

— Posso continuar — assegurou-lhe Arnau, tentando esconder a dor que sentia nas costas.

— Não. Não aguentas, e eu não posso permitir que andes a correr por Barcelona a sangrar como se fosses um animal ferido — disselhe paternalmente, apontando para uns fios de sangue que lhe corriam pelas costas. Arnau levou uma mão às costas e depois olhou. — Não somos escravos; somos homens livres, trabalhadores livres, e as pessoas devem ver-nos como tal. Não te preocupes — insistiu ao ver a expressão decepcionada de Arnau —, a todos nós nos aconteceu o mesmo, um dia, e todos tivemos alguém que nos impediu de continuar. A chaga que se te formou na testa e nas costas tem de fazer calo. Será uma questão de uns dias e podes ter a certeza de que a partir daí não te deixarei descansar mais do que a qualquer outro dos teus companheiros — Josep entregou-lhe um pequeno frasco. — Limpa bem a ferida, e que te apliquem este unguento para a fazer secar.

A tensão desapareceu perante as palavras do prócer. Nesse dia não teria de carregar mais. No entanto, apareceram a dor, o cansaço, os efeitos de uma noite sem dormir; Arnau sentiu-se desfalecer. Murmurou umas palavras de despedida e arrastou-se para casa. Joan esperava-o à porta. Há quanto tempo estaria ali?

— Sabes que agora sou um bastaix? — perguntou-lhe Arnau assim que chegou perto dele.

Joan assentiu. Sabia. Tinha-o observado durante as duas últimas viagens, cerrando os dentes e as mãos a cada trémulo passo que o irmão dava para o seu destino, rezando para que não

caísse, chorando ao ver o rosto congestionado dele. Joan limpou as lágrimas e abriu os braços para receber o irmão. Arnau deixou-se cair neles.

— Tens de me aplicar este unguento nas costas — conseguiu dizer enquanto Joan o acompanhava pela escada acima.

Não foi capaz de dizer mais nada. Daí a uns segundos, estendido e com os braços abertos, caiu num sono reparador. Procurando não o acordar, Joan limpou-lhe a chaga e as costas com água quente que Mariona lhe trouxera; a idosa conhecia bem o ofício. Depois, aplicou-lhe o unguento, de odor forte e acre, e este deve ter começado imediatamente a fazer efeito, porque Arnau remexeu-se, inquieto, mas não chegou a acordar.

Nessa noite, foi Joan quem não conseguiu dormir. Sentado no chão junto do irmão, escutava-lhe a respiração; deixava que as pálpebras se fechassem levemente quando esta era tranquila, mas reabria-as sobressaltado assim que Arnau se mexia. E agora, que será de nós?, permitia-se pensar de vez em quando. Falara com Pere e com a mulher; o dinheiro que Arnau poderia ganhar como bastaix não seria suficiente para os dois. Que seria dele?

— Para a escola! — ordenou-lhe Arnau na manhã seguinte, quando o encontrou a ajudar Mariona.

Tinha pensado tudo na véspera: devia continuar tudo na mesma, como o seu pai teria desejado.

Inclinada sobre o fogo, a idosa virou-se para o marido. Joan quis responder a Arnau, mas Pere adiantouse-lhe:

— Obedece ao teu irmão mais velho — mandou.

O olhar de Mariona transformou-se num sorriso. O ancião, no entanto, devolveu-lhe um olhar sério. Como iam viver os quatro?

Mas Mariona continuou a sorrir, até que Pere abanou a cabeça como se quisesse despejá-la de todas aquelas incógnitas sobre as quais tinham falado tanto na noite anterior.

Joan saiu a correr de casa e, assim que o pequeno desapareceu, Arnau tentou estender-se mais uma vez. Não conseguia mexer nenhum músculo; sentia-os completamente duros e umas picadas terríveis percorriam-no da ponta dos pés até ao pescoço. Pouco a pouco, no entanto, o seu corpo jovem começou a responder e, depois de um escasso desjejum, saiu para o sol,

sorrindo para a praia e para o mar, e para as seis galeras que ainda permaneciam ancoradas no porto. Ramon e Josep obrigaram-no a mostrar-lhes as costas.

— Uma viagem — comentou o prócer para Ramon antes de se afastar do grupo —, depois, para a capela.

Arnau virou o rosto para Ramon, enquanto descia a camisa.

— Já ouviste — disselhe Ramon.

— Toma atenção, Arnau, Josep sabe o que faz.

E sabia, de facto. Assim que carregou a primeira talha, Arnau começou a sangrar.

— Se já sangrou logo à primeira vez — alegou Arnau quando Ramon, atrás dele, descarregou a sua mercadoria na praia —, que mal faz mais algumas viagens?

— O calo, Arnau, o calo. Não se trata de dares cabo das costas, mas sim de que se forme um calo. Agora, vai limpar-te, põe o unguento e vai à capela do Santíssimo... — Arnau tentou protestar. — É a nossa capela, a tua capela, Arnau; é preciso tratar dela.

— Filho — acrescentou o bastaix que carregava junto com Ramon —, essa capela significa muito para todos nós. Não somos mais do que simples carregadores do porto, mas la Ribera concedeu-nos aquilo que nenhum nobre tem, aquilo que nenhuma das confrarias mais ricas têm: a capela do Santíssimo e as chaves da igreja da Senhora de la Mar. Percebes? — Arnau concordou, pensativo. — Só nós, bastaixos, podemos cuidar desta capela. Não há maior honra para nenhum de nós que isso. Terás muito tempo para carregar e descarregar; não te preocupes com isso.

Mariona tratou-o e Arnau dirigiu-se à capela de Santa Maria. Aí, procurou o padre Albert, para que este lhe entregasse as chaves da capela, mas o sacerdote obrigou-o a acompanhá-lo até ao cemitério situado em frente ao portão de las Moreres.

— Esta manhã enterrei o teu pai — disselhe, apontando para o cemitério. Arnau interrogou-o com o olhar. — Não te quis avisar, não fosse aparecer algum soldado. O corregedor decidiu que não queria que as pessoas vissem o cadáver queimado do teu pai, nem na Praça do Blat nem nas portas da cidade; teve medo de que o exemplo pegasse. Não me foi difícil conseguir que me permitissem enterrá-lo.

Ambos permaneceram em silêncio em frente ao cemitério durante uns momentos.

— Queres que te deixe sozinho? — perguntou por fim o sacerdote.

— Tenho de limpar a capela dos bastaixos — respondeu Arnau, enxugando as lágrimas.

Durante alguns dias, Arnau fez apenas uma viagem, e depois regressava à capela. As galeras já tinham partido e a mercadoria era a habitual do tráfego comercial: tecidos, coral, especiarias, cobre, cera... Um dia, as costas de Arnau não sangraram. Josep voltou a inspeccionar-lhas e Arnau continuou a carregar grandes fardos de tecidos, sorrindo para todos os bastaixos com quem se cruzava.

Entretanto, recebeu o seu primeiro dinheiro como bastaix. Pouco mais do que recebia quando trabalhava para Grau! Entregou tudo a Pere, juntamente com algumas das moedas que restavam na bolsa de Bernat. Não chega, pensou o rapaz, ao contar as moedas. Bernat pagava-lhe bastante mais. Tornou a abrir a bolsa. Não duraria muito, considerou, ao ver o conteúdo da magra bolsa de Bernat. Com a mão lá metida dentro, olhou para Pere. O velho cerrou os lábios.

— Quando puder carregar mais — disselhe Arnau —, ganharei mais dinheiro.

— Isso vai demorar, Arnau, bem sabes, e por essa altura já a bolsa do teu pai estará vazia. Sabes que esta casa não é minha... Não, não é — esclareceu perante a expressão de surpresa do rapaz. — A maioria das casas da cidade pertence à Igreja: são do bispo ou de alguma ordem religiosa; nós só as temos em enfiteuse, e por isso temos de pagar um cânone anual. Bem sabes que pouco posso trabalhar, e por isso apenas conto com o aluguer do quarto para fazer face ao pagamento. Se tu não conseguires chegar a esse valor... Percebes?

— De que serve então ser livre se os cidadãos estão amarrados às suas casas como os camponeses às suas terras? — perguntou Arnau, abanando a cabeça.

— Não estamos amarrados a elas — respondeu Pere.

— Mas ouvi dizer que todas as casas passam de pais para filhos; até as vendem! Como é possível isso, se não são deles e também não são servos delas?

— É fácil de perceber, Arnau. A Igreja é muito rica em terras e propriedades, mas as suas leis proíbem a venda de bens eclesiásticos — Arnau tentou interromper, mas Pere pediu-lhe silêncio com a mão. — O problema é que os bispos, os abades e os outros cargos importantes da Igreja são nomeados pelo rei entre os seus amigos. O Papa nunca se recusa — acrescentou —, e todos esses amigos do rei esperam obter boas rendas dos bens que lhes correspondem, mas como não podem vendê-los, inventaram a enfiteuse, e desta forma contornam a proibição de vender.

— Como se fossem inquilinos — disse Arnau.

— Não. Porque inquilinos podem-se expulsar a qualquer momento; mas o enfiteuta nunca se pode mandar embora... desde que pague o seu cânone.

— E tu poderias vender a tua casa?

— Sim. Nesse caso, chama-se subenfiteuse. O bispo cobraria uma parte da venda, o laudémio, e o novo subenfiteuta poderia fazer o mesmo que eu. Só há uma proibição. — Arnau interrogou-o com o olhar. — Não se pode ceder a alguém de condição social superior. Nunca a poderia ceder a um nobre... Se bem que também não acredite que encontrasse um nobre que quisesse esta casa, não é verdade? — acrescentou, sorrindo. Arnau não o acompanhou no gracejo e Pere apagou o sorriso do rosto. Os dois ficaram por um momento em silêncio. — O que se passa — interveio de novo o ancião — é que tenho de pagar o cânone, e com o que eu ganho e com o que tu pagas...

Que vamos fazer agora?, pensou Arnau. Com o mísero dinheiro que ganhava, não poderiam fazer face a nada, nem sequer à comida para duas pessoas; mas também Pere não merecia carregar com eles. Sempre fora bom para eles.

— Não te preocupes — disselhe, titubeante —, partiremos, para que tu possas...

— Mariona e eu pensámos — interrompeu Pere — que, se estiverem dispostos a isso, Joan e tu poderiam dormir aqui, perto da lareira — os olhos de Arnau arregalaram-se. — Assim... assim

poderíamos arrendar o quarto a alguma família e pagar o cânone. Só teriam de arranjar dois colchões. Que te parece?

O rosto de Arnau iluminou-se. Os lábios tremeram-lhe.

— Isso quer dizer que sim? — ajudou-o Pere.

Arnau cerrou os lábios e fez que sim energicamente com a cabeça.

— Vamos! Pela Virgem! — gritou um dos próceres da confraria.

Os pêlos das pernas e dos braços de Arnau eriçaram-se. Nesse dia não havia barcos para carregar ou descarregar, e no porto estavam apenas as pequenas embarcações de pesca. Tinham-se reunido na praia, como sempre, enquanto assomava um sol que prometia um dia de Primavera.

Desde que se juntara aos bastaixos, no início da época de navegação, não tinham tido oportunidade de dedicar um único dia a trabalhar para Santa Maria.

— Vamos! Pela Virgem! — voltou a ouvir-se por entre o grupo de bastaixos.

Arnau olhou para os seus companheiros: os rostos doridos transformavam-se em sorriso. Alguns espreguiçavam-se, movendo os braços para trás e para diante, preparando as costas. Arnau recordou-se de quando lhes dava água, de quando os via passar à sua frente, encurvados, cerrando os dentes, carregados com aquelas pedras enormes. Seria ele capaz? O temor retesou-lhe os músculos; quis imitar os bastaixos e começou a descontrair os músculos, movendo os braços para trás e para a frente.

— É a tua primeira vez — felicitou-o Ramon. Arnau não disse nada e deixou cair os braços. O jovem bastaix baixou os olhos. — Não te preocupes, rapaz — acrescentou, pondo um braço sobre os ombros dele e instando-o a seguir o grupo, que já se pusera em marcha. — Pensa que quando carregas pedras para a Virgem, parte do peso é ela que o leva.

Arnau levantou os olhos para Ramon.

— É verdade — insistiu o bastaix, sorrindo —, e hoje vais ver que é.

Saíram de Santa Clara, no extremo oriental, para percorrerem toda a cidade, atravessando as muralhas, e subiram até à pedreira real de La Roca, em Montjuic. Arnau caminhava em silêncio; de vez

em quando, sentia-se observado por alguns deles. Deixaram para trás o bairro de la Ribera, a loja e o pórtico do Forment. Quando passaram diante da fonte do Angel, Arnau olhou para as mulheres que esperavam vez para encherem os seus cântaros; muitas delas tinham deixado que ele e Joan passassem à frente, quando apareciam com a sua bexiga para encher. As pessoas saudavam-nos. Algumas crianças juntaram-se ao grupo, correndo e saltando, cochichando e apontando para Arnau com respeito. Deixaram para trás os pórticos do estaleiro e chegaram ao convento de Framenors, no limite ocidental da cidade, onde acabavam as muralhas de Barcelona; depois deles, os novos estaleiros da cidade condal, cujas paredes começavam a erguer-se, e depois as hortas — Sant Nicolau, Sant Bertran e Sant Pau dei Camp —, onde começava o caminho de subida para a pedreira.

Mas antes de aí chegarem, os bastaixos tinham de atravessar o Cagalell. O cheiro dos despejos da cidade chegava-lhes muito antes de o verem.

— Estão a desaguá-lo — afirmou alguém, perante aquele fedor.

A maioria dos homens concordou.

— Não cheiraria tanto se não estivessem a desaguá-lo — acrescentou outro.

O Cagalell era uma zona estanque que se formava na desembocadura da rambla, junto às muralhas, e onde se acumulavam os despejos e as águas pútridas da cidade. Devido aos acidentes do terreno, nunca desaguava completamente na praia, e as águas ficavam ali estancadas até que um funcionário municipal escavasse uma saída e empurrasse os despejos para o mar. Era nessa altura que o Cagalell cheirava pior.

Contornaram a fossa, para passarem pelo local onde podiam atravessar de um salto e continuaram a atravessar os campos até ao sopé de Montjuíc.

— Como é que se atravessa depois, no regresso? — perguntou Arnau, apontando para a corrente.

Ramon abanou a cabeça.

— Ainda não conheci ninguém capaz de saltar com uma pedra às costas — respondeu-lhe.

Enquanto subia para a pedreira real, Arnau voltou o olhar para a cidade. Ficava longe, muito longe. Como iria aguentar toda aquela caminhada com uma pedra às costas? Sentiu as pernas a fraquejarem e correu para alcançar o grupo, que continuava a conversar e a rir.

A pedreira real de La Roca abriu-se à frente deles depois de passarem uma curva. Arnau deixou escapar uma exclamação de assombro. Era como a Praça do Blat, ou qualquer outro mercado, mas sem as mulheres! Num grande terreiro, os funcionários do rei negociavam com as pessoas que ali iam em busca de pedra. Carroças e carros de mulas acumulavam-se de um dos lados do terreiro, onde as paredes da montanha ainda não tinham começado a ser exploradas; o resto aparecia cortado a pique, com a pedra refulgente. Uma infinidade de canteiros soltava perigosamente grandes blocos de pedra; depois, reduzia o seu tamanho no terreiro.

Os bastaixos foram acolhidos com carinho por todos os que esperavam por pedras e, enquanto os próceres se dirigiam aos funcionários, os restantes misturaram-se com as pessoas; houve abraços, apertos de mãos, gracejos e risos, e bilhas de água ou de vinho que se erguiam acima das cabeças.

Arnau não podia deixar de observar o trabalho dos canteiros ou dos peões, que carregavam carroças e mulas, sempre seguidos por algum funcionário, que tomava nota. Como em todos os mercados, as pessoas discutiam ou aguardavam impacientes pela sua vez.

— Não esperavas ver isto, não é?

Arnau virou-se a tempo de ver Ramon devolver uma bilha, e fez que não com a cabeça.

— Para que é tanta pedra?

— Ui! — começou Ramon a recitar. — Para a catedral, para Santa Maria dei Pi, para Santa Anna, para o mosteiro de Pedralbes, para os estaleiros reais, para Santa Clara, para as muralhas; está tudo a ser construído e modificado, já para não falar das casas novas dos nobres e dos ricos. Já ninguém quer madeira ou chão de adobe. Pedra e só pedra.

— E toda a pedra é o rei que a cede?

Ramon soltou uma gargalhada.

— Só a de Santa Maria de la Mar; essa, sim, cede-a gratuitamente... E suponho que a do mosteiro de Pedralbes, que está a ser construído por ordem da rainha. Para os restantes, cobra um bom dinheiro.

— E a dos estaleiros reais? Se são reais...

Ramon voltou a sorrir.

— São reais, mas não é o rei que a paga.

— É a cidade?

— Também não.

— Os mercadores?

— Também não.

— Então?

— Os estaleiros reais estão a ser pagos pelos...

— Pelos pecadores — tirou-lhe a palavra o homem que lhe tinha dado a bilha, que era um arrieiro da catedral. Ra-mon e ele riram perante a cara de espanto de Arnau.

— Os pecadores?

— Sim — continuou Ramon —, os novos estaleiros pagam-se com todo o dinheiro dos mercadores pecadores. Escuta, é muito simples: desde que, depois das Cruzadas... Sabes o que foram as Cruzadas? — Arnau fez que sim; não havia de saber o que tinham sido as Cruzadas? — Pois bem, depois de se ter perdido definitivamente a Cidade Santa, a Igreja proibiu o comércio com o sultão do Egipto, mas é aí que os nossos comerciantes obtêm as melhores mercadorias, e nenhum deles está disposto a deixar de comerciar com o sultão. Por isso, antes de o fazerem, vão aos consulados do mar e pagam uma multa pelo pecado que vão cometer. Então, são absolvidos por adiantado e já não pecam. O rei Afonso ordenou que todo esse dinheiro servisse para construir os novos estaleiros de Barcelona.

Arnau ia para intervir, mas Ramon interrompeu-o com a mão. Os próceres chamavam-nos e fez sinal para que o seguisse.

— Passamos à frente deles? — perguntou Arnau, apontando para os arrieiros que iam ficando para trás.

— Claro — respondeu Ramon sem parar de andar —, nós não precisamos de tantos controlos como eles; a pedra é gratuita e contá-la é muito fácil: um bastaix, uma pedra.

“Um bastaix, uma pedra”, repetiu para consigo Arnau, no momento em que o primeiro bastaix e a primeira pedra passaram ao seu lado. Tinham chegado ao local onde os canteiros reduziam os grandes blocos. Olhou para o rosto do homem, contraído, tenso. Arnau sorriu, mas o seu companheiro de confraria não lhe correspondeu. Tinham acabado as brincadeiras, e já ninguém ria ou conversava. Todos olhavam para o montão de pedras no chão, com a capçana agarrada à testa. A capçana! Arnau colocou a sua. Os bastaixos passavam ao seu lado, um após outro, em fila, silenciosos, sem esperarem pelo seguinte; à medida que passavam, o grupo que rodeava as pedras reduzia-se.

Arnau olhou para as pedras; a boca secou-lhe e o estômago encolheu-se. Um bastaix ofereceu as costas e dois peões levantaram a pedra, para o carregarem com ela. Viu-o ceder. Os joelhos tremiam-lhe! Aguentou uns segundos, ergueu-se e passou junto a Arnau, a caminho de Santa Maria. Santo Deus! Era três vezes mais corpulento que ele. E as pernas tremiam-lhe! Como ia ele poder...

— Arnau — chamaram-no os próceres, que eram os últimos a sair.

Ainda restavam alguns bastaixos. Ramon empurrou-o para a frente.

— Ânimo! — encorajou-o.

Os três próceres falavam com um dos canteiros, que apenas abanava a cabeça. Os quatro perscrutavam o montão de pedras, apontavam para aqui ou para ali, e depois abanavam de novo a cabeça, todos juntos. Perto das pedras, Arnau tentou engolir saliva, mas tinha a garganta seca. Tremia. Não podia tremer! Mexeu as mãos, e depois os braços, para trás e para a frente. Não podia deixar que vissem como tremia! Josep, um dos próceres, apontou para uma pedra. O canteiro respondeu-lhe com um gesto de indiferença, olhou para Arnau, voltou a abanar a cabeça e indicou aos peões que lhe pegassem. “São todas parecidas”, repetira até à saciedade.

Quando viu os dois peões carregados com a pedra, Arnau aproximou-se deles. Encurvou-se e retesou todos os músculos do seu corpo. Todos os presentes ficaram em silêncio. Os peões

soltaram a pedra com suavidade e ajudaram-no a colocar as mãos nela. Ao sentir o peso, encurvou-se um pouco mais e as pernas dobraram-se-lhe. Arnau cerrou os dentes e fechou os olhos. “Para cima!”, pareceu-lhe ouvir. Ninguém tinha dito nada, mas todos o tinham gritado em silêncio, ao verem as pernas do rapaz. Para cima! Para cima! Arnau ergueu-se sob o peso. Muitos suspiraram de alívio. Conseguiria andar? Arnau esperou, ainda de olhos fechados. Conseguiria andar?

Avançou um pé. O próprio peso da pedra obrigou-o a mover o outro, e depois de novo o primeiro... e de novo o segundo. Se parasse... Se parasse, a pedra fá-lo-ia cair de bruços.

Ramon inspirou pelo nariz e levou as mãos aos olhos.

— Ânimo, rapaz! — ouviu-se gritar um dos arrieiros que esperavam.

— Vamos, valente!

— Tu consegues!

— Por Santa Maria!

A gritaria ecoou nas faces nuas da pedreira e acompanhou Arnau, quando se viu só no caminho de regresso à cidade.

No entanto, não ia só. Todos os bastaixos que tinham saído depois dele o alcançaram com facilidade e todos, do primeiro ao último, abrandaram o passo durante alguns minutos para seguirem ao seu lado, animando-o e incitando-o; quando outro chegava perto, o primeiro recuperava o seu ritmo.

Mas Arnau nem os ouvia. Nem sequer pensava. A sua atenção estava concentrada naquele pé que devia aparecer agora vindo de trás, e quando o via avançar debaixo de si e colocar-se no caminho, voltava a esperar pelo seguinte; um pé depois do outro, sobrepondo-se à dor.

Perto das hortas de Sant Bertran, os pés já demoravam uma eternidade a aparecer. Todos os bastaixos o tinham já ultrapassado. Lembrou-se de como ele próprio e Joan lhes tinham dado água, com a pesada pedra apoiada na borda de uma embarcação. Procurou algum local semelhante, e daí a pouco encontrou uma oliveira, e conseguiu apoiar a pedra num ramo mais baixo; se a colocasse no chão, não conseguiria voltar a colocá-la às costas. Tinha as pernas tensas.

— Se parares — aconselhara-lhe Ramon —, não deixes que as pernas fiquem totalmente tensas, senão não consegues continuar.

Arnau, livre de uma parte do peso, continuou a mexer as pernas. Respirou fundo várias vezes. Parte do peso leva-o a Virgem, tinha-lhe dito, também. Santo Deus, se isso era verdade, quanto pesaria aquela pedra? Não se atreveu a mexer as costas. Doía-lhe; doía-lhe terrivelmente. Descansou por um bom bocado. Conseguiria voltar a pôr-se em movimento? Olhou à sua volta. Estava sozinho. Nem mesmo os outros arrieiros seguiam por aquele caminho, porque tomavam o da Porta de Trentaclaus.

Conseguiria? Olhou para o céu. Escutou o silêncio e sacudiu a pedra de novo, de um esticão. Os pés puseram-se em movimento. Um, outro, um, outro...

No Cagalell, repetiu o descanso, apoiando a pedra na saliência de uma grande rocha. Aí apareceram os primeiros bastaixos, já de regresso à pedreira. Ninguém falou. Apenas olhavam para ele. Arnau voltou a cerrar os dentes e ergueu de novo a pedra. Alguns dos bastaixos aprovaram com a cabeça, mas nenhum deles parou. “É o desafio dele”, comentou um deles depois, quando Arnau já não podia ouvi-los, voltando-se para olhar o lento avançar da pedra. “Deve enfrentar isto sozinho”, afirmou outro.

Quando atravessou a muralha ocidental e deixou para trás Framenors, Arnau encontrou-se com os cidadãos de Barcelona. Prosseguia com a atenção fixa nos seus pés. Já estava na cidade! Marinheiros, pescadores, mulheres e crianças, operários dos estaleiros, carpinteiros... todos observavam em silêncio o rapaz encolhido sob o peso da pedra, suado, congestionado. Todos olhavam fixamente para os pés do jovem bastaix, que Arnau olhava também, sem dar atenção a mais nada, e todos, em silêncio, lhos empurravam: um, outro, um, outro...

Alguns juntaram-se ao percurso de Arnau, atrás dele, em silêncio, marcando o seu passo com o avanço da pedra, e assim, ao fim de mais de duas horas de esforço, o rapaz chegou a Santa Maria acompanhado por uma pequena e silenciosa multidão. As obras pararam. Os pedreiros assomaram aos andaimes e os carpinteiros e canteiros deixaram os seus labores. O padre Albert,

Pere e Mariona esperavam-no. Àngel, o filho do barqueiro, que já se tornara oficial, aproximou-se dele.

— Vamos! — gritou-lhe. — Já cá estás! Já chegaste! Anda, vamos!

Começaram a ouvir-se gritos de encorajamento vindos do alto dos andaimes. Os que tinham seguido Arnau rebentaram em vivas. Toda a Santa Maria se juntou à gritaria; até o padre Albert se uniu à vozearia geral. No entanto, Arnau continuou a olhar para os pés, um, outro, um, outro... até chegar ao local onde se depositavam as pedras; aí, os aprendizes e os oficiais lançaram-se para a pedra que o rapaz tinha trazido.

Só então Arnau ergueu os olhos, ainda dobrado, tremendo, e sorriu. As pessoas juntaram-se à sua roda e felicitavam-no. Arnau não conseguia sequer saber quem eram aqueles que o rodeavam; só reconheceu o padre Albert, cujo olhar se dirigia para o cemitério de las Moreres. Arnau seguiu-o.

— Por ti, pai — sussurrou.

Quando toda a gente dispersou e Arnau já se dispunha a regressar à pedreira, seguindo os passos dos seus companheiros, alguns dos quais já levavam três viagens, o padre chamou-o; recebera instruções de Josep, prócer da confraria.

— Tenho um trabalho para ti — disselhe. Arnau parou e olhou-o, intrigado. — É preciso limpar a capela do Santíssimo, acender os círios e pôr tudo em ordem.

— Mas... — protestou Arnau, apontando para as pedras.

— Não há “mas” que te valha.

CAPÍTULO 19

Tinha sido um dia muito duro. Recém-passado o solstício de Verão, tardava em anoitecer, e os bastaixos trabalhavam de sol a sol, carregando e descarregando os navios que arribavam ao porto, sempre espicaçados pelos mercadores e pelos pilotos, que queriam ficar no porto de Barcelona o menor tempo possível. Arnau entrou em casa de Pere arrastando os pés, com a capçana na mão. Oito rostos viraram-se para ele. Pere e Mariona estavam sentados à mesa acompanhados de um homem e uma mulher. Joan, um rapaz e duas raparigas olhavam-no do chão, sentados e encostados à parede. Todos comiam das suas escudelas.

— Arnau — disselhe Pere —, apresento-te os nossos novos inquilinos. Gasto Segura, oficial curtidor — O homem limitou-se a inclinar a cabeça, sem parar de comer. — A sua mulher, Eulália — A mulher sorriu. — E os três filhos: Simó, Aledis e Alesta.

Arnau, que estava arrasado, fez um leve movimento com a mão na direcção de Joan e dos filhos do curtidor, e prestou-se a agarrar na malga que Mariona lhe estendia. No entanto, algo o fez virar-se de novo para os três recém-chegados. Que... Aqueles olhos! Os olhos das raparigas estavam fixos nele. Eram... Eram enormes, castanhos, vivos. As duas raparigas sorriram ao mesmo tempo.

— Come, rapaz!

O sorriso desapareceu. Alesta e Aledis baixaram os olhos para as suas escudelas e Arnau voltou-se para o curtidor, que deixara de comer e, com a cabeça, lhe apontava para Mariona, que estava junto do fogo, com a malga estendida para ele.

Mariona deu-lhe o seu lugar à mesa e Arnau começou a dar conta da comida; Gasto Segura, à frente dele, sorvia e mastigava com a boca aberta. Cada vez que Arnau levantava os olhos da malga, dava com o olhar do curtidor fixado nele.

Daí a pouco, Simó levantou-se para entregar a Mariona a sua escudela e as das suas irmãs, já vazias.

— Vão dormir — ordenou Gasto, rompendo o silêncio.

Então, o curtidor semicerrou os olhos olhando para Arnau, fazendo o rapaz sentir-se incomodado, e obrigou-o a concentrar-se na sua escudela; só conseguiu ouvir o ruído que as raparigas faziam a levantar-se e uma tímida despedida. Quando os passos delas deixaram de se ouvir, Arnau levantou os olhos. A atenção de Gasto parecia ter diminuído.

— Como são? — perguntou nessa noite a Joan, na primeira noite em que dormiam perto da lareira, um de cada lado, com os colchões de palha no chão.

— Quem? — perguntou por sua vez Joan.

— As filhas do curtidor.

— Como assim? São normais — disse Joan, enquanto fazia um gesto de ignorância que o irmão não pôde ver na escuridão —, são raparigas normais. Suponho eu... — hesitou. — Na verdade, não sei. Não me deixaram falar com elas; o irmão nem sequer me

deixou que lhes apertasse a mão. Quando a ofereci, foi ele quem ma apertou e me separou delas.

Mas Arnau já não o ouvia. Como podiam ser normais aqueles olhos? E tinham sorrido para ele, as duas.

Ao amanhecer, Pere e Mariona desceram. Arnau e Joan já tinham retirado os seus colchões. Pouco depois, apareceram o curtidor e o filho. As mulheres não os acompanhavam, porque Gasto lhes tinha proibido que descessem enquanto os rapazes não tivessem saído. Arnau saiu da casa de Pere com aqueles imensos olhos castanhos na retina.

— Hoje toca-te tratar da capela — disselhe um dos próceres quando chegou à praia. No dia anterior vira-o descarregar, cambaleante, o último fardo.

Arnau assentiu. Já não lhe importava que o mandassem para a capela. Ninguém duvidava da sua condição de bastaix; os próceres tinham-no confirmado e se bem que ainda não pudesse carregar tanto como Ramon ou a maioria deles, dedicava-se mais do que ninguém a um trabalho que o satisfazia. Todos gostavam dele. Além disso, aqueles olhos castanhos... talvez não lhe permitissem concentrar-se no trabalho; por outro lado, estava cansado, não tinha dormido bem ao pé da lareira. Entrou em Santa Maria pela porta principal da velha igreja, que ainda resistia. Gasto Segura não o tinha deixado olhar para elas. Porque não poderia olhar para umas simples raparigas? E nessa manhã, de certeza que ele as tinha proibido... Tropeçou numa corda e quase caiu. Andou aos tropeções durante alguns metros, enredando-se em mais cordas, até que umas mãos o agarraram. Torceu um tornozelo e soltou um grito de dor.

— Eh! — ouviu dizer-lhe o homem que o tinha ajudado. .— É preciso ter cuidado. Olha o que fizeste!

Doía-lhe o tornozelo, mas olhou para o chão. Tinha arrancado as cordas e estacas com que Berenguer de Montagut marcava... Mas... Não podia ser ele! Virou-se lentamente para o homem que o tinha ajudado. Não podia ser o mestre! Corou ao ver-se cara a cara com Berenguer de Montagut. Depois, fixou o olhar nos oficiais que tinham parado o seu trabalho e que olhavam para ambos.

— Eu... — hesitou. — Se quiserdes... — acrescentou apontando para o emaranhado de cordas aos seus pés — poderei ajudar-vos a... Desculpai-me, mestre.

Imediatamente o rosto de Berenguer de Montagut se descontraiu. Ainda o tinha seguro pelo braço.

— Tu és o bastaix — afirmou, mostrando um sorriso. Arnau anuiu. — Já te vi por aí várias vezes.

O sorriso de Berenguer abriu-se. Os oficiais respiraram fundo, tranquilos. Arnau tornou a olhar para as cordas que se tinham enredado aos seus pés.

— Desculpai — repetiu.

—— Que havemos de fazer? — O mestre gesticulou, dirigindo-se aos oficiais. — Arranjai isto — ordenou-lhes. — Vem, vamos sentar-nos. Dói-te?

— Não queria incomodar-vos — disse Arnau, com um esgar de dor, depois de se tentar agachar para se libertar das cordas.

— Espera. — Berenguer de Montagut obrigou-o a erguer-se e ajoelhou-se para o desenredar das cordas. Arnau não se atreveu a olhar para ele, e dirigiu o olhar para os oficiais, que observavam atónitos a cena. O mestre ajoelhado em frente a um simples bastaix!

— Devemos cuidar destes homens — gritou a todos os presentes quando conseguiu libertar os pés de Arnau. — Sem eles não teríamos pedras. Vem, acompanha-me. Vamos sentar-nos. Dói-te? — Arnau negou com a cabeça, mas coxeou, tentando não se apoiar no mestre. Berenguer de Montagut agarrou-o pelo braço com força e levou-o até umas colunas que repousavam no chão, prontas para serem içadas, sobre as quais os dois se sentaram. — Vou contar-te um segredo — disselhe Berenguer assim que se sentou. Arnau virou-se para ele. Ia contar-lhe um segredo! O mestre... Que mais lhe poderia acontecer nessa manhã? — No outro dia tentei levantar uma pedra que tinhas descarregado e só consegui com grande esforço. — Berenguer abanou a cabeça. — Não fui capaz de dar mais do que uns passos com ela às costas. Este templo é vosso — afirmou, passeando o olhar pelas obras. Arnau sentiu um calafrio. — Um dia, durante a vida dos nossos netos, ou dos filhos deles, ou dos filhos dos seus filhos, quando as pessoas olharem para esta obra, não falarão de Berenguer de Montagut; falarão de ti, rapaz.

Arnau sentiu que lhe crescia um nó na garganta. O mestre! Que lhe estava ele a dizer? Como iria ele ser um bastaix mais importante que o grande Berenguer de Montagut, mestre-de-obras de Santa Maria e da catedral de Manresa? Ele, sim, era importante.

— Dói-te? — insistiu o mestre.

— Não... um bocadinho. Foi só um mau jeito.

— Espero que sim — Berenguer de Montagut deu-lhe uma palmada nas costas. — Precisamos das tuas pedras. Ainda há muito por fazer.

Arnau seguiu o olhar do mestre para as obras.

— Gostas? — perguntou-lhe de repente Berenguer de Montagut.

Se gostava? Nunca se tinha interrogado sobre isso. Via crescer a igreja, as paredes, as absides, as magníficas e esbeltas colunas, os contrafortes, mas... se gostava?

— Dizem que será o melhor templo para a Virgem de todos os que já se construíram no mundo — optou por responder.

Berenguer virou-se para Arnau e sorriu. Como podia contar a um rapaz, a um bastaix, como ia ser aquele templo quando nem sequer os bispos ou os nobres eram capazes de vislumbrar o seu projecto?

— Como te chamas?

— Arnau.

— Pois bem, Arnau, não sei se será o melhor templo do mundo. — Arnau esqueceu-se do seu pé e virou a cara para o mestre. — O que te posso assegurar é que será único, e o que é único não é melhor nem pior, é simplesmente isso: único.

Berenguer de Montagut continuava com o olhar perdido na obra, e dessa forma continuou a falar:

— Já ouviste falar de França, ou da Lombardia, ou de Génova, Pisa, Florença? — Arnau fez que sim; como poderia nunca ter ouvido falar dos inimigos do seu país? — Pois bem, em todos esses lugares também se constroem igrejas; são magníficas catedrais, grandiosas e carregadas de elementos decorativos. Os príncipes desses lugares querem que as suas igrejas sejam as maiores e mais bonitas do mundo.

— E nós, por acaso não queremos o mesmo?

— Sim e não — Arnau abanou a cabeça. Berenguer de Montagut virou-se para ele e sorriu-lhe. — Vamos ver se és capaz de me

entender: nós queremos que seja o maior templo da História, mas pretendemos consegui-lo empregando meios diferentes dos que os outros utilizam; nós queremos que a casa da padroeira do mar seja a casa de todos os catalães, tal como aquelas em que vivem os seus fiéis, idealizada e construída com o mesmo espírito que nos leva a ser como somos, aproveitando o que é nosso: o mar, a luz. Percebes?

Arnau reflectiu por uns segundos, mas acabou por fazer que não com a cabeça.

— Ao menos tu és sincero — riu-se o mestre. — Os príncipes fazem as coisas para a sua própria glória pessoal; nós, fazemo-las para nós próprios. Já vi que, por vezes, em vez de trazerem a carga às costas, vocês a trazem atada a paus, entre dois homens.

— Sim, quando é demasiado volumosa para ser trazida às costas.

— O que aconteceria se duplicássemos o comprimento do pau?

— Partir-se-ia.

— Pois isso é o mesmo que se passa com as igrejas dos príncipes... Não, não quero dizer que se partam — acrescentou perante a expressão do rapaz. — Quero dizer que como as querem tão grandes, tão altas e tão longas, têm de as fazer muito estreitas. Altas, compridas e estreitas, percebes? — Desta vez, Arnau anuiu. — A nossa será toda ao contrário; não será tão longa, nem tão alta, mas será muito larga, para que caibam todos os catalães, juntos diante da Virgem. Um dia, quando estiver acabada, poderás comprovar isso: o espaço será comum para todos os fiéis, não haverá distinções, e como única decoração... a luz, a luz do Mediterrâneo. Nós não precisamos de outra decoração: só do espaço e da luz que entrará por ali — Berenguer de Montagut apontou para a abside e foi descendo a mão até ao solo. Arnau seguiu-a. — Esta igreja será para o povo, não para maior glória de algum príncipe.

— Mestre... — aproximara-se um oficial, depois de arranjadas as estacas e as cordas.

— Percebes agora? Seria para o povo!

— Sim, mestre.

— As tuas pedras são o ouro desta igreja, lembra-te disso — acrescentou Montagut, levantando-se. — Dói-te?

Arnau já não se lembrava do tornozelo e negou com a cabeça.

Nessa manhã, dispensado de trabalhar com os bastaixos, Arnau regressou mais cedo para casa. Limpou rapidamente a capela, acendeu as velas, substituiu as já consumidas e, depois de uma breve oração, despediu-se da Virgem. O padre Albert viu-o sair a correr de Santa Maria, tal como Mariona o viu entrar em casa.

— Que se passa? — perguntou-lhe a idosa. — Que fazes aqui tão cedo?

Arnau percorreu a habitação com o olhar; ali estavam,, mãe e filhas, cosendo à mesa: as três olhando para ele.

— Arnau! — insistiu Mariona. — Passa-se alguma coisa?

Percebeu que estava a corar.

— Não... — Não tinha pensado em nenhuma desculpa! Como podia ter sido tão estúpido? E olhavam para ele. Todas olhavam para ele, parado junto à porta, hesitante. — Não... — repetiu —, é que hoje... acabei mais cedo.

Mariona sorriu e olhou para as raparigas. Eulália, a mãe também não conseguiu evitar um sorriso.

— Pois já que acabaste mais cedo — disse Mariona, interrompendo os seus pensamentos —, vai buscar-me água.

Tinha olhado de novo para ele, pensou o rapaz enquanto ia com o balde a caminho da fonte do Àngel. Quereria dizer-lhe alguma coisa? Arnau sacudiu o balde; de certeza que sim.

No entanto, não teve oportunidade de comprová-lo. Quando não era Eulália, Arnau dava com os negros dentes de Gasto, com os poucos que lhe restavam, e, quando nenhum dos dois estava presente, Simó vigiava as duas raparigas. Durante dias, Arnau teve de se conformar a olhar para elas de soslaio. Por algumas vezes, conseguia deter-se alguns segundos nos seus rostos, finamente delineados e com um queixo marcado, maçãs salientes, nariz itálico, recto e sóbrio, dentes brancos e bem formados, e aqueles impressionantes olhos castanhos. Outras vezes, quando o sol entrava na casa de Pere, Arnau quase conseguia tocar no reflexo azulado dos seus longos cabelos, sedosos, negros como azeviche. E outras vezes, mais raras, quando julgava sentir-se seguro,

deixava que o seu olhar descesse para lá do pescoço de Aledis, onde os seios da irmã mais velha podiam vislumbrar-se, mesmo através da camisa tosca que vestia. Então, um estranho calafrio percorria-lhe o corpo todo e, se ninguém estivesse a vigiar, continuava a descer o olhar para se deleitar com as curvas da rapariga.

Gasto Segura perdera durante a grande fome tudo o que tinha, e o seu carácter, já de si agreste, endurecera ainda mais. O filho Simó trabalhava com ele, como aprendiz de curtidor, e a sua grande preocupação era aquelas duas raparigas, a quem não podia dar dote para encontrarem um bom marido. No entanto, a beleza das jovens prometia, e Gasto confiava em que encontrariam bons maridos. Assim, poderia deixar de alimentar duas bocas.

Para isso, pensava o homem, as raparigas tinham de se conservar imaculadas, e ninguém em Barcelona devia poder alimentar a menor suspeita sobre a sua decência. Só dessa forma, repetia ele uma e outra vez a Eulália ou a Simó, Ales-ta e Aledis poderiam encontrar um bom marido. Os três, pai, mãe e irmão mais velho, tinham assumido esse objectivo como seu, mas se Gasto e Eulália confiavam em que não haveria problema algum em conseguirem-no, o mesmo não aconteceu com Simó, quando a convivência com Arnau e Joan se prolongou.

Joan tornara-se o melhor aluno da escola da catedral. Em pouco tempo dominou o latim, e os seus professores dedicavam-se àquele rapaz pausado, sensato, pensativo e, acima de tudo, crente; tais eram as suas virtudes que poucos duvidavam de que teria um grande futuro dentro da Igreja. Joan acabou por conquistar o respeito de Gasto e de Eulália, que partilhavam frequentemente com Pere e Mariona, atentos e maravilhados, as explicações que o pequeno dava sobre as escrituras. Só os sacerdotes conseguiam ler aqueles livros, escritos em latim, e ali, numa humilde casa junto ao mar, os quatro podiam desfrutar das palavras sagradas, das histórias antigas e das mensagens do Senhor, que antes só lhes chegavam dos púlpitos.

Mas se Joan tinha ganho o respeito dos que o rodeavam, Arnau não se ficava atrás: até Simó o olhava com inveja: um bastaix! Poucos eram os do bairro de la Ribera que ignoravam os esforços

de Arnau, transportando pedras para a Virgem. “Dizem que o grande Berenguer de Montagut se ajoelhou diante dele para o ajudar”, comentara-lhe, de mãos abertas e gritando, outro dos aprendizes da oficina de curtidores. Simó imaginou o grande mestre, respeitado por nobres e bispos, aos pés de Arnau. Quando falava o mestre, todos, até mesmo o seu pai, guardavam silêncio, e quando ele gritava... quando gritava, tremiam. Simó observava Arnau quando este entrava em casa, à noite. Era sempre o último a chegar. Regressava cansado e suado, com a capçana na mão e, no entanto... sorria! Quando tinha ele próprio sorrido ao regressar do trabalho? Algumas vezes cruzara-se com Arnau, quando este carregava pedras para Santa Maria; as pernas, os braços, o peito, todo ele parecia de ferro. Simó olhava para a pedra, e depois para aquele rosto congestionado; tê-lo-ia visto sorrir?

Por isso, quando Simó tinha de cuidar das irmãs e aparecia Arnau ou Joan, o aprendiz de curador, apesar de ser mais velho que eles, retraía-se, e as duas raparigas desfrutavam da liberdade de que se viam privadas quando os pais estavam presentes.

— Vamos passear pela praia! — propôs um dia Alesta. Simó quis recusar-se. Passear pela praia... Se o pai os visse...

— De acordo — disse Arnau.

— Vai fazer-nos bem — afirmou Joan.

Simó calou-se. Os cinco, com Simó por último, saíram para o sol, com Aledis junto a Arnau, Alesta junto a Joan; ambas deixavam que a brisa fizesse ondular os seus cabelos e que colasse caprichosamente as suas folgadas camisas aos seus corpos, fazendo destacarem-se os seios, o ventre ou as coxas.

Passearam em silêncio, olhando para o mar ou batendo na areia com os pés, até que se encontraram com um grupo de bastaixos ociosos. Arnau saudou-os com a mão.

— Queres que tos apresente? — perguntou a Aledis.

A rapariga olhou para os homens. Todos tinham os olhos postos nela. Que estavam a olhar? O vento empurrava a camisa contra os seus seios e mamilos. Santo Deus!, pareciam querer atravessar o tecido. Enrubesceu e fez que não com a cabeça quando Arnau se dirigia já para eles. Aledis deu meia-volta e Arnau ficou parado a meio do caminho.

— Corre atrás dela, Arnau — ouviu gritar-lhe um dos seus companheiros.

— Não a deixes escapar — aconselhou um segundo.

— É muito bonita! — concluiu um outro.

Arnau acelerou o passo até voltar a ficar junto de Aledis.

— Que se passa?

A rapariga não lhe respondeu. Seguia com os braços cruzados sobre a camisa, mas também não tomou o caminho de regresso a casa. Assim continuaram a passear, com o rumor das ondas por única companhia.

CAPÍTULO 20

Nessa mesma noite, enquanto jantavam junto do fogo, a rapariga premiou Arnau com um segundo mais do que o necessário, um segundo durante o qual manteve os seus enormes olhos castanhos fixados nele.

Um segundo em que Arnau voltou a escutar o mar enquanto este se fundia com a areia da praia. Desviou o olhar para os outros, para ver se alguém se tinha dado conta do descaramento: Gasto continuava a conversar com Pere, e ninguém parecia prestar-lhe a menor atenção. Ninguém parecia ouvir as ondas.

Quando Arnau se atreveu a voltar a olhar para Aledis, ela estava cabisbaixa e brincava com a comida da sua escudela.

— Come, rapariga! — ordenou-lhe Gasto, o curtidor, ao ver que ela mexia a colher sem a levar à boca. — A comida não é para brincar.

As palavras de Gasto trouxeram Arnau de volta à realidade e, durante o resto do jantar, Aledis não só não voltou a olhar para Arnau, como evitou o olhar dele de forma ostensiva.

Aledis demorou alguns dias até voltar a dirigir-se a Arnau daquela maneira silenciosa que tinha usado naquela noite após o passeio pela praia. Nas escassas ocasiões em que se encontravam, Arnau desejava voltar a sentir fixados nele aqueles olhos castanhos de Aledis, mas a rapariga fugia e escondia os olhos.

— Adeus, Aledis — disselhe uma manhã, distraidamente, ao abrir a porta para se dirigir para a praia.

Calhara que estivessem os dois sós nesse momento. Arnau ia para fechar a porta atrás de si, mas algo de indefinível impeliu-o a virar-se para trás e olhar de novo para a rapariga; e ali estava ela, perto do fogo, de pé, bonita, convidando-o com os seus olhos castanhos.

Finalmente! Finalmente. Arnau corou e baixou os olhos. Atrapalhado, tentou fechar a porta, mas a meio do gesto, algo voltou a chamar-lhe a atenção: Aledis continuava lá, chamando-o com os seus grandes olhos castanhos, e sorrindo. Aledis sorria-lhe.

A mão escorregou-lhe da maçaneta da porta, cambaleou e esteve quase a cair redondo no chão. Não se atreveu a olhar de

novo para ela e fugiu a passo ligeiro para a praia, deixando a porta aberta.

— Tem vergonha — sussurrou Aledis para a irmã, nessa mesma noite, antes de os pais e o irmão se retirarem, deitadas as duas no colchão que partilhavam.

— Porque havia de ter vergonha? — perguntou a irmã. — Ele é um bastaix. Trabalha na praia e leva pedras para a Virgem. Tu és apenas uma criança. Ele é um homem — acrescentou com uma ponta de admiração.

— Tu é que és uma criança — retorquiu Aledis.

— Olha, fala a mulher! — respondeu Alesta virando-lhe as costas e usando a mesma expressão que a mãe usava quando alguma delas reclamava alguma coisa que não correspondesse à idade que tinham.

— Está bem, está bem — replicou Aledis.

"Falou a mulher... E por acaso não sou já?" Aledis pensou na mãe, nas amigas da mãe, no pai. Talvez... Talvez a irmã tivesse razão. Porque havia alguém como Arnau, um bastaix que demonstrara a Barcelona inteira a sua devoção pela Virgem de la Mar, envergonhar-se por ela, uma criança ainda, olhar para ele?

— Tem vergonha. Digo-te que se envergonha — insistiu Aledis na noite seguinte.

— Conversa! Porque havia de se envergonhar Arnau?

— Não sei — respondeu Aledis —, mas é o que acontece. Envergonha-se quando olha para mim. Envergonha-se quando olho para ele. Fica atrapalhado, fica corado, foge de mim...

— Estás louca!

— Talvez esteja, mas... — Aledis sabia o que dizia. Se na noite anterior a irmã tinha conseguido semear a dúvida, desta vez não ia conseguir. Tinha tirado a prova. Observou Arnau, procurou o momento oportuno, quando ninguém os podia surpreender, e aproximou-se dele, o suficiente para poder sentir o cheiro do corpo de Arnau. "Olá, Arnau." Foi um simples olá, uma saudação acompanhada de um olhar meigo, próximo, o mais próximo que pôde, quase roçando por ele, e Arnau voltou a sorrir, a fugir do olhar dela e a esconder-se da presença dela. Ao ver que ele se afastava,

Aledis sorriu, orgulhosa de um poder que até então desconhecia. — Amanhã vais ver — disse à irmã.

A indiscreta presença de Alesta animou-a a levar mais longe a sua breve sedução; não poderia falhar. De manhã, quando Arnau se dispunha a sair de casa, Aledis travou-lhe o passo, colocando-se diante da porta e encostando-se a ela. Planeara aquilo mil e uma vezes, enquanto a irmã dormia.

— Porque não queres falar comigo? — dísse-lhe com voz melosa, olhando-o mais uma vez nos olhos.

Ela própria se surpreendeu com o seu atrevimento. Repetira aquela frase simples tantas vezes como as que tinha perguntado a si própria se seria capaz de a dizer sem se engasgar. Se Arnau lhe respondesse, ver-se-ia indefesa, mas para sua satisfação não foi assim. Consciente da presença de Alesta, Arnau virou-se instintivamente para Aledis com o habitual rubor adornando-lhe as faces. Não podia sair, mas também não se atrevia a olhar para Alesta.

— Eu, não... Eu...

— Tu, tu, tu — interrompeu-o Aledis, elevando a voz. — Tu foges de mim. Antes, falávamos e ríamo-nos, e agora, cada vez que tento dirigir-me a ti...

Aledis ergueu-se o mais que podia, e os seus seios jovens mostraram-se firmes através da camisa. Apesar do pano grosso, os mamilos da rapariga apontavam como dardos. Arnau viu-os e nem todas as pedras da pedreira real teriam conseguido desviar o olhar dele daquilo que Aledis oferecia. Um calafrio percorreu-lhe as costas.

— Meninas!

A voz de Eulália, que descia pelas escadas, trouxe-os de volta à realidade. Aledis abriu a porta e saiu para a rua antes que a mãe chegasse ao rés-do-chão. Arnau virou-se para Alesta, que continuava a observar a cena boquiaberta, e saiu, por sua vez, de casa. Aledis já desaparecera.

Nessa noite, as irmãs cochicharam, sem encontrarem respostas para as perguntas que aquela nova experiência lhes suscitava, e que nunca poderiam partilhar com ninguém. Do que Aledis tinha a certeza, embora não soubesse como explicá-lo à irmã, era do poder

que o seu corpo exercia sobre Arnau. Aquela sensação satisfazia-a, preenchia-a por completo. Interrogou-se se todos os homens reagiriam da mesma forma, mas não se imaginou diante de outro que não fosse Ar-nau; jamais lhe ocorrera agir de forma semelhante com Joan ou com algum dos aprendizes de curtidor amigos de Simó; só de imaginar isso... No entanto, com Arnau, algo dentro dela se libertava...

— Que se passa com o rapaz? — perguntou Josep, prócer da confraria, a Ramon.

— Pois não sei — respondeu este com sinceridade.

Os dois homens olharam para os barqueiros, onde se encontrava Arnau, exigindo com rudeza que lhe dessem um dos fardos mais pesados. Quando conseguiu convencê-los, Josep, Ramon e os restantes companheiros viram-no partir com passos vacilantes, os lábios cerrados e o rosto congestionado.

— Não vai aguentar muito tempo, com este ritmo — sentenciou Josep.

— É jovem — tentou defendê-lo Ramon.

— Mas não aguentará.

Todos já tinham notado. Arnau exigia os fardos e as pedras mais pesadas e transportava-os como se disso dependesse a sua vida. Regressava ao local de carga quase a correr, e reclamava de novo mais peso do que lhe competia. Ao terminar a jornada, arrastava-se derreado para casa de Pere.

— Que se passa, rapaz? — interessou-se Ramon no dia seguinte, enquanto ambos carregavam fardos para os depósitos municipais.

Arnau não respondeu. Ramon ficou na dúvida de saber se aquele silêncio se deveria a ele não querer falar ou, por qualquer motivo, não o poder fazer. Voltava a ter o rosto congestionado pelo peso que carregava às costas.

— Se tens algum problema, talvez eu possa...

— Não, não — conseguiu Arnau articular.

Como poderia contar-lhe que o seu corpo ardia de desejo por Aledis? Como lhe contaria que só encontrava calma carregando mais e mais peso sobre as costas, até que a sua mente, obcecada por chegar, conseguia esquecer os olhos dela, o sorriso dela, os

seios dela, todo o corpo dela? Como poderia contar que, cada vez que Aledis brincava com ele, perdia o controlo dos seus pensamentos e a via nua, ao seu lado, acariciando-o? Então recordava-se das palavras do padre sobre as relações proibidas: “Pecado! Pecado!”, avisava com voz firme aos seus paroquianos. Como poderia contar-lhe que só desejava chegar a casa morto de cansaço, para poder cair no colchão e poder conciliar o sono apesar da proximidade daquela rapariga?

— Não, não — repetiu. — Obrigado, Ramon...

— Vai rebentar — insistiu Josep no fim desse dia.

Dessa vez, Ramon não se atreveu a dizer o contrário.

— Não te parece que te estás a exceder? — perguntou Alesta certa noite à irmã.

— Porquê?

— Se o pai soubesse...

— E que teria ele para saber?

— Que amas Arnau.

— Eu não amo Arnau! Simplesmente... simplesmente... sinto-me bem, Alesta. Agrada-me. Quando olha para mim...

— Ama-lo — insistiu a mais pequena.

— Não. Como te hei-de explicar? Quando vejo que ele olha para mim, quando cora, é como se uma cobra percorresse todo o meu corpo.

— Ama-lo.

— Não. Dorme. Que sabes tu disso? Dorme.

— Ama-lo, ama-lo, ama-lo.

Aledis decidiu não responder, mas... Amava-o? Apenas lhe agradava saber-se olhada e desejada. Agradava-lhe que os olhos de Arnau não se conseguissem afastar do seu corpo; satisfazia-a o evidente desconforto dele quando ela deixava de o tentar; seria isso amar? Aledis tentou encontrar a resposta, mas não passou muito tempo até que a sua mente voltou a vaguear por aquela satisfação, antes de cair no sono.

Uma manhã, Ramon abandonou a praia assim que viu Joan sair da casa de Pere.

— Que se passa com o teu irmão? — perguntou-lhe, antes mesmo de o saudar.

Joan pensou por uns segundos.

— Creio que se apaixonou por Aledis, a filha de Gasto, o curtidor.

Ramon soltou uma gargalhada.

— Pois então, esse amor está a deixá-lo louco — avisou-o. — Se continua assim, rebentará. Não se pode trabalhar a este ritmo. Não está preparado para esse esforço. Não seria o primeiro bastaix a ir-se abaixo... E o teu irmão é muito novo para acabar inválido. Faz qualquer coisa, Joan.

Nessa mesma noite, Joan tentou falar com o irmão.

— Que se passa contigo, Arnau? — perguntou-lhe, do seu colchão.

Arnau ficou calado.

— Tens de me contar. Sou teu irmão e quero... Gostava de te ajudar. Sempre fizeste o mesmo comigo. Permite-me que partilhe os teus problemas.

Joan deixou que o irmão pensasse nas suas palavras.

— É... É por causa de Aledis — reconheceu. Joan não quis interrompê-lo. — Não sei que tenho com essa rapariga, Joan. Desde aquele passeio pela praia... qualquer coisa mudou entre nós. Olha-me como se quisesse... Não sei. Também...

— Também quê? — perguntou-lhe Joan ao ver que o irmão se calava.

“Não pretendo contar-lhe mais dos olhares”, decidiu nesse momento Arnau, com os seios de Aledis na memória.

— Nada.

— Então, qual é o problema?

— É que tenho maus pensamentos, vejo-a nua. Bem, gostaria de a ver nua. Gostaria...

Joan pedira aos seus mestres que lhe aprofundassem o assunto, e eles, sem saberem que o interesse dele correspondia à preocupação que o irmão lhe estava a causar, e ao temor de que o rapaz pudesse cair na tentação e sair do caminho que tão decididamente tinha iniciado, alargaram-se em explicações acerca das teorias sobre o carácter e a perniciosa natureza da mulher.

— Não é culpa tua — sentenciou Joan.

— Não?

— Não. A malícia — explicou-lhe, sussurrando para o outro lado da chaminé a cujos lados dormiam — é uma das quatro enfermidades naturais do homem, que nascem connosco por culpa do pecado original, e a malícia da mulher é maior que qualquer outra das malícias que existem no mundo — Joan repetia de memória as explicações dos seus mestres.

— Quais são as outras três enfermidades?

— A avareza, a ignorância e a apatia, ou incapacidade de fazer o bem.

— E que tem a malícia a ver com Aledis?

— As mulheres são maliciosas por natureza e satisfazem-se a tentar o homem para os caminhos do mal — recitou Joan.

— Porquê?

— Ora, porque as mulheres são como ar em movimento, vaporosas. Não param de ir de um lado para o outro como se fossem correntes de ar. — Joan lembrou-se do sacerdote que fizera aquela comparação: os braços dele, com as mãos abertas e os dedos vibrando sem cessar, revolteavam em redor da sua cabeça. — Em segundo lugar, porque as mulheres, por natureza, por criação, têm pouco senso comum e, em consequência disso, não existe freio para a sua malícia natural.

Joan lera isto e muito mais, mas não era capaz de expressar tudo por palavras. Os sábios afirmavam que a mulher era, também por natureza, fria e fleumática, e é bem sabido que quando uma coisa fria acaba por se acender, arde com muita força. Segundo os entendidos, a mulher era, definitivamente, a antítese do homem, e portanto incoerente e absurda.

Bastava reparar em que até mesmo o seu corpo era oposto ao do homem: largo em baixo e delgado em cima, enquanto o corpo de um homem bem-feito devia ser o contrário; delgado do peito para baixo, largo no peito e nas costas, com o pescoço curto e grosso e a cabeça grande. Quando uma mulher nasce, a primeira letra que diz é “e”, que é uma letra para atormentar, enquanto a primeira letra que um homem diz é “a”, primeira do abecedário e oposta à “e”.

— Não é possível. Aledis não é assim — contrapôs Arnau por fim.

— Não te deixes enganar. A excepção da Virgem, que concebeu Jesus sem pecado, todas as mulheres são iguais. Até as ordenações da tua confraria assim o entendem! Por acaso não proíbem as relações adúlteras? Por acaso não ordenam a expulsão de quem tenha uma amiga ou conviva com uma mulher desonesta?

Arnau não conseguia contrapor nada àquele argumento. Desconhecia as razões de sábios e filósofos e, por mais que Joan se empenhasse, podia passar por cima delas, mas dos ensinamentos da confraria, não. Essas regras, sim, conhecia-as. Os próceres da confraria tinham-no posto ao corrente delas e tinham-no avisado de que se não as cumprisse seria expulso. E a confraria não podia estar errada!

Arnau sentiu-se tremendamente confuso.

— Então, que devo fazer? Se todas as mulheres são más...

— Primeiro é preciso casar com uma delas — interrompeu Joan — e, uma vez contraído o matrimónio, agir conforme manda a Igreja.

Casar... Casar... Essa possibilidade jamais lhe tinha passado pela cabeça, mas... Se era essa a única solução...

— E que se tem de fazer depois de casados? — inquiriu com voz trémula perante a hipótese de se ver unido a Aledis para toda a vida.

Joan recuperou o fio da explicação que os seus professores da catedral lhe tinham dado:

— Um bom marido deve procurar controlar a malícia natural da esposa, de acordo com alguns princípios; o primeiro destes é que a mulher se encontra sob o domínio do homem, submetida a ele: Sub potestate viri eris, diz o Génesis. O segundo, do Eclesiastes: Mulier siprimatum habuerit, contraria est viro suo, o que significa que se a mulher tiver a primazia em casa, será contrária ao seu marido. Outro princípio é o que aparece nos Provérbios: Qui delicate nutrit servum suum, in-veniet contumacem, que quer dizer que quem trata com delicadeza aqueles que devem servi-lo, entre os quais se encontra a mulher, encontrará rebelião onde deveria encontrar humildade, submissão e obediência. E se, apesar de tudo, a malícia continuar a dar mostras de presença na sua mulher, o marido deve castigá-la

com a vergonha e com o medo; corrigi-la desde logo, quando é jovem, sem esperar que envelheça.

Arnau ouviu em silêncio as palavras do irmão.

— Joan — disselhe quando ele terminou —, parece-te que eu poderia casar com Aledis?

— Claro que sim! Mas deverias esperar um pouco até prosperares na confraria e poderes sustentá-la. De qualquer forma, seria conveniente que falasses com o pai dela, antes que ele negoceie o casamento da filha com outra pessoa, porque nesse caso não poderias fazer nada.

A imagem de Gasto Segura, com os seus escassos dentes, todos eles negros, apareceu diante de Arnau como uma barreira intransponível. Joan imaginou os temores do irmão.

— Tens de o fazer — insistiu.

— Ajudar-me-ias?

— Claro!

Por alguns instantes, o silêncio voltou a reinar entre os dois colchões de palha que ladeavam a chaminé da casa de Pere.

— }oan — chamou Arnau, quebrando o silêncio.

— Diz.

— Obrigado.

— Não tens de quê — respondeu.

Os dois irmãos tentaram dormir, mas não conseguiam. Arnau, entusiasmado com a ideia de casar com a sua desejada Aledis; Joan perdido nas suas recordações, lembrando-se da mãe. Teria tido razão Ponç, o caldeireiro? A malícia é natural nas mulheres. A mulher deve estar submetida ao homem. O homem deve castigar a mulher. Teria razão o caldeireiro? Como podia ele respeitar a recordação da mãe e dar tais conselhos? Joan recordou a mão da mãe saindo pela pequena janela da sua prisão e a acariciar-lhe a cabeça. Recordou o ódio que sentira, e sentia ainda, para com Ponç... Mas tivera razão o caldeireiro?

Durante os dias seguintes, nenhum dos dois se atreveu a dirigir-se ao mal-humorado Gasto, um homem a quem a estada como inquilino na casa de Pere não fazia mais do que recordar-lhe o seu infortúnio, que o levara a perder a casa. O carácter azedo do curtidor piorava quando se encontrava em casa, que era

precisamente quando os dois irmãos tinham oportunidade para lhe apresentar a sua proposta; mas os grunhidos, os protestos e as grosserias de Gasto faziam-nos desistir.

Entretanto, Arnau continuava enfeitiçado pela teia que Aledis deixava atrás de si. Via-a, perseguia-a com os olhos e com a imaginação, e não havia momento do dia em que os seus pensamentos não estivessem postos nela, a não ser quando Gasto aparecia; então, o seu espírito encolhia-se.

Porque, por mais que os sacerdotes e os confrades o proibissem, o rapaz não conseguia tirar os olhos de Aledis quando ela, sabendo-se sozinha com o seu joguete, aproveitava qualquer tarefa para ajustar a sua camisa descolorida. Arnau ficava pasmado perante a visão: aqueles mamilos, aqueles seios, todo o corpo de Aledis o chamava. Serás minha mulher; um dia serás minha mulher, pensava, acalorado. Tentava então imaginá-la nua, e a sua mente viajava por lugares proibidos e desconhecidos, porque, com a excepção do corpo torturado de Habiba, jamais vira uma mulher despida.

Noutras ocasiões, Aledis inclinava-se diante de Arnau, dobrando-se pela cintura, em vez de se agachar, para lhe mostrar as nádegas e as curvas das suas ancas; aproveitava igualmente qualquer situação propícia para subir a camisa por cima dos joelhos e deixar as pernas a descoberto; levava as mãos às costas, até aos rins, para, simulando alguma dor inexistente, se curvar tanto quanto a coluna vertebral lhe permitia, e mostrar assim como era duro e plano o seu ventre. Depois, Aledis sorria ou, fingindo descobrir subitamente a presença de Arnau, mostrava-se embaraçada. Quando desaparecia, Arnau tinha de se debater para afastar aquelas imagens da sua memória.

Nos dias em que vivia estas experiências, Arnau tentava a todo o custo encontrar o momento oportuno para falar com Gasto.

— Que diacho fazem aí parados? — atirou certa vez, quando os dois rapazes se tinham postado diante dele com a ingénua intenção de lhe pedirem a filha em casamento para Arnau.

O sorriso com que Joan tentou abordar Gasto desapareceu assim que o curtidor passou entre eles os dois, empurrando-os sem contemplações.

— Gasto... — disse Joan.

— Esfolo-o vivo! Arranco-lhe os testículos! — disparou o curtidor, cuspindo saliva através dos buracos que se abriam por entre os seus dentes podres. — Simó! — Joan dirigiu para Arnau, escondido a um canto da sala, um gesto de impotência. Entretanto, Simó tinha aparecido, respondendo ao grito do pai. — Como pudeste fazer esta costura? — gritou-lhe Gasto, encostando-lhe a peça de couro ao nariz.

Joan levantou-se da cadeira e retirou-se da discussão familiar. Mas não desistiram.

— Gasto — tornou a insistir Joan noutra ocasião em que, depois do jantar e, aparentemente de bom humor, o curtidor saiu para dar um passeio pela praia, e ambos se lançaram no seu encalço.

— Que queres — perguntou, sem parar de andar. Pelo menos, deixa-nos falar, pensaram os dois.

— Queria... Falar-te de Aledis...

Ao ouvir o nome da filha, Gasto estacou imediatamente e aproximou-se de Joan, tanto que o seu hálito fétido abalou o rapaz como uma chama.

— Que fez ela? — Gasto respeitava Joan; tinha-o por um jovem sério.

A alusão a Aledis e a sua desconfiança inata levavam-no a acreditar que ele queria acusá-la de alguma coisa, e o curtidor não podia permitir-se a menor mancha na sua jóia.

— Nada — disselhe Joan.

— Como assim, nada? — continuou Gasto apressadamente, sem se afastar um milímetro de Joan. — Então, para que queres falar-me de Aledis? Diz-me a verdade, que fez ela?

— Nada. Não fez nada, a sério.

— Nada? E tu — disse, virando-se para Arnau, para alívio do irmão. — Que tens a dizer? Que sabes tu de Aledis?

— Eu... Nada... — O vacilar de Arnau aguçou as obsessivas suspeitas de Gasto.

— Conta-me!

— Não se passa nada... Não...

— Eulália! — Gasto não esperou mais e, gritando como um energúmeno o nome da mulher, regressou a casa de Pere.

Nessa noite, os dois rapazes, com a culpa na garganta, ouviram os gritos de Eulália enquanto Gasto, a estalos, tentava obter dela uma confissão impossível.

Tentaram por duas vezes mais, mas nem sequer conseguiram começar a explicar-se. Ao fim de algumas semanas, desalentados, contaram o seu problema ao padre Albert, que, sorrindo, se comprometeu a falar com Gasto.

— Lamento, Arnau — anunciou-lhe, passada uma semana, o padre Albert. Marcara encontro com Arnau e Joan na praia. — Gasto Segura não aprova o teu casamento com a filha.

— Porquê? — perguntou Joan. — Arnau é boa pessoa.

— Pretende que case a minha filha com um escravo da Ribera? — respondera o curtidor ao padre. — Um escravo que não ganha o suficiente para alugar um quarto.

O padre tentou convencê-lo:

— Na Ribera não trabalha nenhum escravo; isso era dantes. Bem sabes que é proibido que os escravos trabalhem em...

— É um trabalho de escravos.

— Isso era dantes — insistiu o padre. — Além disso — acrescentou —, consegui um bom dote para a tua filha. — Gasto Segura, que já dera por terminada a conversa, virou-se de repente para o sacerdote. — Com esse dote poderiam comprar uma casa..

Gasto interrompeu-o de novo:

— A minha filha não precisa da caridade dos ricos! Guarde os seus bons ofícios para outros.

Depois de ouvir as palavras do padre Albert, Arnau olhou para o mar; o reflexo da Lua escorria do horizonte até à orla e perdia-se na espuma das ondas que se desfaziam na praia.

O padre Albert deixou que o rumor das ondas os envolvesse. E se Arnau lhe perguntasse sobre as razões? Que lhe diria então?

— Porquê? — balbuciou Arnau sem deixar de olhar para o horizonte.

— Gasto Segura é... é um homem estranho. — Não podia entristecer ainda mais o rapaz! — Quer um nobre para casar com a filha. Como pode um oficial curtidor pretender tal coisa?

Um nobre. Teria o rapaz acreditado naquilo? Ninguém podia sentir-se menosprezado perante a nobreza. Até o rumor das ondas,

constante, paciente, parecia esperar pela resposta de Arnau.

Um soluço ecoou na praia.

O sacerdote passou um braço por cima do ombro de Arnau e sentiu as convulsões do rapaz. Depois, fez o mesmo com Joan, e ficaram ali os três, em frente ao mar.

— Encontrarás uma boa mulher — disse o padre, ao fim de algum tempo.

Mas não como ela, pensou Arnau.

TERCEIRA PARTE

SERVOS DA PAIXÃO

CAPÍTULO 21

Segundo domingo de Julho de 1339

Igreja de Santa Mana de la MarBarcelona

Tinham passado quatro anos desde que Gasto Segura se negara a conceder a mão da sua filha a Arnau, o bastaix. Ao fim de poucos meses, Aledis tinha sido dada em matrimónio a um velho mestre curtidor viúvo, que aceitou com lascívia a falta de dote da rapariga. Até a entregarem ao seu esposo, a rapariga esteve sempre acompanhada pela mãe.

Por seu lado, Arnau tornara-se um homem de dezoito anos, alto, forte e recto. Durante esses quatro anos viveu para a confraria, para a igreja de Santa Maria de la Mar e para o seu irmão Joan — carregava mercadorias e pedras como ninguém, cumpria com a caixa dos bastaixos e participava com devoção nos actos religiosos —, mas não estava casado, e os próceres viam com preocupação o estado de solteiro de um jovem como ele: se caísse na tentação da carne, teriam de expulsá-lo, e era tão fácil que um rapaz de dezoito anos cometesse esse pecado.

No entanto, Arnau não queria ouvir falar de mulheres. Quando o padre lhe dissera que Gasto não queria saber dele, Arnau recordara, olhando para o mar, as mulheres que tinham passado pela sua vida: nem sequer chegara a conhecer a mãe; Guiamona acolhera-o com carinho, mas depois renegara-o; Habiba desaparecera entre sangue e dor — muitas noites ainda sonhava com o chicote de Grau estalando no corpo nu dela; Estranya tratava-o como a um escravo; Margarida troçara dele no momento mais humilhante da sua vida... E Aledis... Que dizer de Aledis? Perto dela, descobrira o homem que trazia dentro de si, mas depois ela abandonara-o.

— Tenho de cuidar do meu irmão — respondia aos próceres cada vez que o problema vinha à baila. — Bem sabem que ele está entregue à Igreja, dedicado a servir a Deus — acrescentava

enquanto eles pensavam nas suas palavras —, que melhor propósito há que este?

Então, os próceres calavam-se.

Assim viveu Arnau durante esses quatro anos: tranquilo, dedicado ao trabalho, à igreja de Santa Maria, e sobretudo a Joan.

Esse segundo domingo de Julho do ano de 1339 era um dia transcendente para Barcelona. Em Janeiro de 1336 falecera na cidade condal o rei Afonso, o Benigno, e depois da Páscoa desse mesmo ano, foi coroado em Saragoça o seu filho Pedro, que reinava sob o título de Pedro III da Catalunha, IV de Aragão e II de Valência.

Durante quase quatro anos, de 1336 a 1339, o novo monarca não visitara Barcelona, a cidade condal, a capital da Catalunha, e tanto a nobreza como os comerciantes viam com preocupação aquela falta de vontade de prestar homenagem à mais importante das cidades do reino. A aversão do novo monarca para com a nobreza catalã era bem conhecida de todos: Pedro III era filho da primeira mulher do falecido Afonso, Teresa de Entenza, condessa de Urgel e viscondessa de Ager. Teresa falecera antes de o marido ser coroado rei, e Afonso contraíra segundas núpcias com Leonor de Castela, mulher ambiciosa e cruel, de quem tinha tido dois filhos.

O rei Afonso, conquistador da Sardenha, era, não obstante, débil de carácter e influenciável, e a rainha Leonor depressa conseguiu para os seus filhos importantes concessões de terras e títulos. O seu desígnio seguinte foi a perseguição implacável dos enteados, filhos de Teresa de Entenza, herdeiros do trono do pai. Durante os oito anos de reinado de Afonso, o Benigno, e com conhecimento e anuência deste e da sua corte catalã, Leonor dedicou-se a atacar o infante Pedro, então uma criança, e o seu irmão Jaime, conde de Urgel. Apenas dois nobres catalães, Ot de Moncada, padrinho de Pedro, e Vidal de Vilanova, comendador de Montalban, apoiaram a causa dos filhos de Teresa de Entenza e aconselharam o rei Afonso e os próprios infantes a fugirem, a fim de não serem envenenados. Os infantes Pedro e Jaime assim fizeram e esconderam-se nas montanhas de Jaca, em Aragão; depois, conseguiram o apoio da nobreza aragonesa e refúgio na cidade de Saragoça, sob a protecção do arcebispo Pedro de Luna.

Por isso, a coroação de Pedro rompeu uma tradição que se mantinha desde que se tinham unido o reino de Aragão e o principado da Catalunha. Se o ceptro de Aragão era entregue em Saragoça, o principado da Catalunha, que correspondia ao rei na sua qualidade de conde de Barcelona, devia ser entregue na Catalunha. Até à coroação de Pedro III, os monarcas juravam primeiro em Barcelona, para depois serem coroados em Saragoça. Porque se o rei recebia a coroa pelo simples facto de ser monarca de Aragão, como conde de Barcelona só recebia o principado se jurasse lealdade aos foros e tradições da Catalunha, e até então o juramento dos foros considerava-se um trâmite prévio a qualquer coroação, O conde de Barcelona, príncipe da Catalunha, era apenas umprimus inter pares para a nobreza catalã, e assim o demonstrava o juramento de homenagem que recebia: “Nós, que somos tão bons como vós, juramos a vossa mercê, que não é melhor que nós, aceitar-vos como rei e senhor soberano, desde que respeiteis todas as nossas liberdades e leis; se não, não.” Daí que, quando Pedro III ia ser coroado rei, a nobreza catalã se dirigisse a Saragoça, para lhe exigir que primeiro jurasse em Barcelona, como tinham feito os seus antepassados. O rei negou-se, e os Catalães abandonaram a coroação. No entanto, o rei tinha de receber o juramento de fidelidade dos Catalães e, apesar dos protestos da nobreza e das autoridades de Barcelona, Pedro, o Cerimonioso, decidiu fazê-lo na cidade de Lérida, onde em Junho de 1336, depois de jurar os Usatges e foros catalães, recebeu a homenagem.

Nesse segundo domingo de Julho de 1339, o rei Pedro visitava pela primeira vez Barcelona, a cidade que tinha humilhado. Eram três os acontecimentos que levavam o rei a Barcelona: o juramento que como vassalo da coroa de Aragão devia ser-lhe prestado pelo seu cunhado Jaime III, rei de Maiorca, conde do Rossilhão e da Sardenha e senhor de Montpellier; o concílio-geral dos prelados da província tarra-gonense — na qual, para efeitos eclesiásticos, se encontrava incluída Barcelona — e a trasladação dos restos da mártir Santa Eulália da igreja de Santa Maria para a catedral.

Os dois primeiros actos foram levados a cabo sem a presença do povo simples. Jaime III solicitou expressamente que o seu juramento de homenagem não se celebrasse diante do povo, mas

sim num local íntimo, na capela do palácio e diante da única presença de um escolhido grupo de nobres. O terceiro acontecimento, no entanto, tornou-se um espectáculo público. Nobres, eclesiásticos e todo o povo reuniram-se, uns para ver e outros, os mais privilegiados para acompanhar o seu rei e a comitiva real, que depois de ouvirem missa na catedral se dirigiram em procissão a Santa Maria, para, daí, regressarem à Sé com os restos da mártir.

Todo o percurso, da catedral até Santa Maria de la Mar, estava cheio de povo, que desejava aclamar o seu rei. Santa Maria já vira coberta a sua abside, trabalhava-se agora nas nervuras da segunda abóbada, e ainda restava uma pequena parte da igreja românica inicial.

Santa Eulália sofreu o martírio na época romana, no ano de 303. Os seus restos repousaram primeiro no cemitério romano, e depois na igreja de Santa Maria de las Arenas, que se construiu sobre a necrópole, assim que o édito do imperador Constantino permitiu o culto cristão. Com a invasão árabe, os responsáveis da pequena igreja decidiram esconder as relíquias da mártir. No ano de 801, quando o rei francês Luís, o Piedoso, libertou a cidade, o então bispo de Barcelona, Frodoí, decidiu procurar os restos da santa. Desde que tinham sido encontrados, descansavam numa pequena arca em Santa Maria.

Apesar de estar coberta de andaimes e materiais de construção, Santa Maria estava esplendorosa para a ocasião. O arcedíago de la Mar, Bernat Roseli, juntamente com os membros da junta de obras, nobres, beneficiados e outros membros do clero, todos ataviados nas suas melhores vestes de gala, esperava a comitiva real. O colorido das vestes era espectacular. O sol da manhã de Julho derramava-se em catadupa através das abóbadas e dos vitrais inacabados, fazendo refulgir os dourados e os metais que vestiam os privilegiados, que podiam esperar o rei no interior.

O sol também brilhava no trabalhado punhal rombo de Arnau, pois junto daquelas importantes personagens estavam os humildes bastaixos. Alguns, entre os quais se encontrava Arnau, diante da capela do sacramento, da sua capela; e outros, como guardiães do

portão-mor, junto à porta de acesso ao templo, que ainda era o da velha igreja românica.

Os bastaixos, aqueles antigos escravos, ou macips de ribera, gozavam de inúmeros privilégios devido ao que faziam por Santa Maria de la Mar, e Arnau desfrutara-os durante os últimos quatro anos. Além de lhes caber a capela mais importante do templo e de serem os guardiães do portão-mor, as missas das suas festividades celebravam-se no altar-mor, o prócer mais importante da confraria guardava a chave do sepulcro do Altíssimo, nas procissões do Corpus eram os bastaixos os encarregados de levar a Virgem e, a menor altura do que esta, Santa Tecla, Santa Catarina e Sant Macia. E quando um bastaix se encontrava às portas da morte, o Sagrado Viático saía de Santa Maria, fosse a que horas fosse, solenemente, pela porta principal, e debaixo de pálio.

Nessa manhã, Arnau superou, juntamente com os seus companheiros, as barreiras dos soldados do rei que controlavam o trajecto da comitiva; sabia-se invejado pelos numerosíssimos cidadãos que se amontoavam para ver o rei. Ele, um humilde trabalhador portuário, tinha tido acesso a Santa Maria juntamente com os nobres e os ricos mercadores, como um deles. Ao atravessar a igreja para chegar à capela do Santíssimo, deu de frente com Grau Puig, Isabel e os seus três primos, todos com vestes de seda, engalanados a ouro, altivos.

Arnau vacilou. Os cinco olhavam para ele. Baixou os olhos ao passar por eles.

— Arnau — ouviu chamarem-no precisamente quando deixava para trás de si Margarida. Não tinham já ficado satisfeitos por terem arruinado a vida do seu pai? Seriam capazes de humilhá-lo uma vez mais, agora, diante dos seus confrades, na sua igreja? — Arnau — tornou a ouvir.

Levantou os olhos e encontrou Berenguer de Montagut; os cinco Puig estavam a menos de um passo dele.

— Excelência — disse o mestre dirigindo-se ao arcedíago de la Mar — apresento-vos Arnau...

— “Estanyol”, balbuciou Arnau.

— Este é o bastaix de quem tanto vos falei. Era apenas uma criança e já carregava pedras para a Virgem.

O prelado aprovou com um gesto da cabeça e ofereceu o anel a Arnau, que se inclinou para o beijar. Berenguer de Montagut deu-lhe uma palmada nas costas. Arnau viu como Grau e a sua família se inclinavam diante do prelado e do mestre, mas estes nem se deram conta deles, e seguiram o seu caminho em direcção a outros nobres. Arnau ergueu-se e, com passos firmes e os olhos no deambulatório, afastou-se dos Puig e dirigiu-se à capela do Santíssimo, onde se postou junto dos restantes confrades.

A gritaria da multidão anunciou a chegada do rei e da sua comitiva. O rei Pedro III; o rei Jaime de Maiorca; a rainha Maria, mulher de Pedro; a rainha Elisenda, viúva do rei Jaime, avô de Pedro; os infantes Pedro, Ramón Berenguer e Jaime, os dois primeiros, tios, e o último, irmão do rei; a rainha de Maiorca, também irmã do rei Pedro; o cardeal Rodes, legado papal; o arcebispo de Tarragona; bispos, prelados, nobres e cavaleiros dirigiam-se em procissão para Santa Maria pela Rua de la Mar. Nunca se vira em Barcelona maior leque de personalidades, de luxo e de pompa.

Pedro III, o Cerimonioso, queria impressionar o povo que tinha mantido abandonado durante mais de três anos, e conseguiu. Os dois reis, o cardeal e o arcebispo seguiam debaixo do pálio, levado por diversos bispos e nobres. No provisório altar-mor de Santa Maria, receberam das mãos do arcedíago de la Mar a arca com os restos da mártir, sob o olhar atento dos presentes e o contido nervosismo de Arnau. O próprio rei transportou a pequena arca com os restos de Santa Maria até à catedral. Saiu sob o pálio e regressou à Sé, onde os restos se inumaram na capela especialmente construída para eles debaixo do altar-mor.

CAPÍTULO 22

Depois do enterro dos restos de Santa Eulália, o rei celebrou um banquete no seu palácio. Na mesa real, junto a Pedro, acomodaram-se o cardeal, os reis de Maiorca, a rainha de Aragão e a rainha-mãe, os infantes da casa real e vários prelados, até um total de vinte e cinco pessoas; noutras mesas, os nobres e, pela primeira vez na história dos banquetes reais, uma grande quantidade de cavaleiros. Mas não foi só o rei e os seus favoritos quem celebrou o acontecimento: em toda a Barcelona houve festa durante oito dias.

Às primeiras horas da manhã, Arnau e Joan iam à missa e às procissões solenes que percorriam a cidade ao som do repique dos sinos, Depois, como toda a gente, perdiam-se pelas ruas da cidade e assistiam às justas e torneios no Bom, onde os nobres e cavaleiros demonstravam as suas habilidades guerreiras, a pé, armados com as suas grandes espadas, ou a cavalo, lançando-se uns contra os outros a galope, com as lanças apontando aos oponentes. Os dois rapazes ficavam embasbacados a contemplar os simulacros de combates navais. “Fora do mar, parecem muito maiores”, comentou Arnau para Joan, apontando para as naus e galeras que, montadas em cima de carros, percorriam a cidade, e onde os marinheiros simulavam abordagens e combates. Joan censurava Arnau com o olhar quando este apostava alguma moeda nas cartas ou aos dados, mas não viu inconveniente em partilhar com ele, sorridente, os jogos de bolas, o bòlit ou a escampella, em que o jovem estudante demonstrou uma habilidade inusitada para acertar nos paus, no caso do primeiro, ou para acertar nas moedas, no caso do segundo.

Mas o que Joan mais apreciava era ouvir, da boca dos muitos trovadores que tinham acorrido à cidade, as grandes gestas guerreiras dos Catalães. “Estas são as crónicas de Jaime I”, comentou para Arnau numa ocasião, depois de escutar a história da conquista de Valência. “Esta, a crónica de Bernard Desclot”, explicou-lhe doutra vez, quando o trovador pôs fim às histórias guerreiras do rei Pedro, o Grande, na sua conquista da Sicília ou na cruzada francesa contra a Catalunha.

— Hoje temos de ir ao Pia d'en Llull — disselhe Joan ao terminar a procissão do dia.

— Porquê?

— Soube que lá vai um trovador valenciano que conhece a Crónica de Ramon Muntaner. — Arnau interrogou-o com o olhar. — Ramon Muntaner é um afamado cronista de Ampurdán que foi chefe dos almogávares na sua conquista dos ducados de Atenas e Neopatria. Há sete anos que escreveu a crónica dessas guerras, e é decerto interessante... Pelo menos, será certa.

O Pia d'en Llull, um espaço aberto entre Santa Maria e o convento de Santa Clara, estava cheio, transbordando de gente. As

pessoas tinham-se sentado no chão e conversavam sem tirar os olhos do sítio onde devia aparecer o trovador valenciano; a sua fama era tal, que até alguns nobres tinham acorrido a escutá-lo, acompanhados por escravos carregados com cadeiras para toda a família. “Não estão aqui”, disse Joan a Arnau, ao observar como o irmão procurava com receio por entre os nobres. Arnau contara-lhe o encontro com os Puig em Santa Maria. Conseguiram encontrar um bom sítio junto de um grupo de bastaixos que já estava havia algum tempo à espera de que o espectáculo começasse. Arnau sentou-se no chão, não sem antes voltar a olhar para as famílias de nobres, que se destacavam por cima do povo comum.

— Deverias aprender a perdoar — sussurrou-lhe Joan. Arnau limitou-se a contestá-lo com um olhar duro. — O bom cristão...

— Joan — interrompeu-o Arnau —, nunca. Nunca esquecerei o que aquela harpia fez ao meu pai.

Nesse momento, apareceu o trovador, e as pessoas aplaudiram entusiasticamente. Marti de Xàtiva, um homem alto e magro que se movimentava com agilidade e elegância, pediu silêncio com as mãos.

— Vou contar-vos a história de como e porquê seis mil catalães conquistaram o Oriente e venceram os Turcos, os Bizantinos, os Alanos e todos os outros povos que tentaram enfrentá-los.

Os aplausos voltaram a ouvir-se no Pia d'en Llull; Arnau e Joan juntaram-se-lhes.

— Vou contar-vos, ainda, como o imperador de Bizâncio assassinou o nosso almirante Roger de Flor e numerosos catalães que tinha convidado para uma festa... — Alguém gritou: “Traidor!”, conseguindo que o público correspondesse com insultos. — Vou contar-vos, por fim, como os catalães se vingaram da morte do seu caudilho e arrasaram o Oriente, semeando a morte e a destruição. Esta é a história da companhia dos almogávares catalães, que no ano de 1305 embarcou sob as ordens do almirante Roger de Flor...

O valenciano sabia como captar a atenção do seu público. Gesticulava, actuava e fazia-se acompanhar por dois ajudantes que, atrás dele, representavam as cenas que narrava. Também forçava o público a actuar.

— Agora, voltarei a falar do César — disse, ao começar o capítulo da morte de Roger de Flor —, que, acompanhado de trezentos homens a cavalo e mil a pé, acorreu a Andrinópolis, convidado por xor Miqueli, filho do imperador, para uma festa em sua honra — nesse momento, o trovador dirigiu-se a um dos nobres mais bem vestidos e pediu-lhe que subisse ao cenário, para representar o papel de Roger de Flor. “Se consegues puxar o público”, dissera-lhe o seu mestre, “sobretudo tratando-se de nobres, receberás mais dinheiro.” Perante toda a gente, Roger de Flor foi adulado pelos dois ajudantes durante os seis dias que durou a sua estada em Andrinópolis, e ao sétimo dia xor Miqueli mandou chamar Girgan, chefe dos alanos, e Melic, chefe dos turcópolos, com oito mil homens a cavalo.

O valenciano moveu-se com inquietação pelo cenário. As pessoas começaram a gritar de novo, algumas levantaram-se, e só os seus acompanhantes as impediram de acorrer em defesa de Roger de Flor. O próprio trovador assassinou Roger e o nobre deixou-se cair por terra. As pessoas começaram a clamar por vingança pela traição ao almirante catalão. Joan aproveitou para observar Arnau, que, muito quieto, mantinha o olhar fixo no nobre caído. Os oito mil alanos e turcópolos assassinaram os mil e trezentos catalães que tinham acompanhado Roger de Flor. Os ajudantes mataram-se repetidamente um ao outro.

— Só três escaparam — prosseguiu o trovador, levantando a voz.

— Ramon de Arquer, cavaleiro de Castelló d'Empúries, Ramon de Tous...

A história prosseguiu com a vingança dos Catalães e a destruição da Trácia, da Calcídia, da Macedónia e de Tessália. Os cidadãos de Barcelona exultavam de cada vez que o trovador citava algum destes lugares. “Que a vingança dos Catalães vos aflija!”, gritavam repetidamente. Todos tinham participado já nas conquistas dos almogávares quando estes chegaram ao ducado de Atenas. Também aí venceram depois de dar morte a mais de vinte mil homens e de nomearem capitão Roger des Laur, cantou o trovador, e deram-lhe por mulher aquela que fora do senhor de Sola, junto ao castelo de la Sola. O valenciano procurou outro nobre, convidou-o

para o cenário e concedeu-lhe uma mulher, a primeira que encontrou entre o público, a quem acompanhou até ao novo capitão.

— E assim — disse o trovador com o nobre e a mulher pela mão —, repartiram entre si a cidade de Tebas e todas as vilas e os castelos do ducado, e deram todas as mulheres como esposas aos da companhia de almogávares, a cada um de acordo com o quanto fosse bom homem.

Enquanto o trovador cantava a Crónica de Muntaner, os ajudantes escolhiam homens e mulheres do público e colocavam-nos em duas filas, frente a frente. Muitos queriam ser escolhidos: estavam no ducado de Atenas, eles eram os catalães que tinham vingado a morte de Roger de Flor. O grupo de bastaixos chamou a atenção dos ajudantes. O único solteiro era Arnau e os seus companheiros fizeram-no levantar-se e apontaram-no como candidato a desfrutar a festa. Os ajudantes escolheram-no para alegria dos seus companheiros, que começaram a aplaudir. Arnau subiu ao cenário.

Quando o jovem se colocou na fila dos almogávares, uma mulher levantou-se de entre o público, cravando os seus imensos olhos castanhos no jovem bastaix. Os ajudantes viram-na. Ninguém podia deixar de reparar nela, bela e jovem como era, e exigindo altivamente que a escolhessem. Quando os ajudantes se dirigiram para ela, um velho mal-humorado agarrou-a pelo braço e tentou fazê-la sentar-se de novo, despertando a troça de toda a gente. A rapariga aguentou os puxões do velho. Os ajudantes olharam para o trovador e este acicatou-os com um gesto; não te preocupes com humilhar alguém, tinham-lhe ensinado, se com isso conseguires ganhar a maioria; e a maioria ria-se do idoso que, já de pé, se debatia com a jovem.

— É a minha mulher — queixou-se a um dos ajudantes, enquanto se debatia com ele.

— Os vencidos não têm esposas — respondeu o trovador de longe. — Todas as mulheres do ducado de Atenas são para os catalães.

O idoso hesitou, momento em que os ajudantes aproveitaram para lhe arrebatar a rapariga e colocá-la na fila das mulheres, entre os vivas da multidão.

Enquanto o trovador prosseguia com a sua representação, entregava as atenienses aos almogávares e fazia levantar gritos de alegria a cada novo casamento, Arnau e Aledís olhavam-se. “Quanto tempo passou, Arnau?”, perguntaram-lhe aqueles olhos castanhos. “Quatro anos?” Arnau olhou para os bastaixos, que sorriam e o incitavam; evitou, no entanto, enfrentar Joan. “Olha para mim, Arnau.” Aledis não abrira a boca, mas a sua exigência chegou a Arnau estrondosamente. Arnau perdeu-se nos olhos dela. O valenciano tomou-a pelas mãos e fê-la atravessar o espaço que separava as filas. Pegou na mão de Arnau e apoiou a de Aledis sobre a do bastaix.

Levantou-se um novo clamor. Todos os pares estavam em fila, encabeçada por Arnau e Aledis, e voltados para o público. A jovem sentiu que todo o seu corpo tremia e apertou suavemente a mão de Arnau enquanto o bastaix observava de soslaio o velho que, de pé no meio de toda a gente, o trespassava com o olhar.

— Assim estabeleceram as suas vidas os almogávares — continuou a cantar o trovador, apontando para os casais. — Estabeleceram-se no ducado de Atenas e aí, no distante Oriente, continuam a viver para a grandeza da Catalunha.

O Pia d'en Llull ergueu-se em aplausos. Aledis chamou a atenção de Arnau apertando-lhe a mão. Ambos se entreolharam. “Toma-me, Arnau”, pediram-lhe os olhos castanhos. De repente, Arnau sentiu a mão vazia. Aledis tinha desaparecido; o velho tinha-a agarrado pelo cabelo e puxava-a, por entre o público, em direcção a Santa Maria.

— Uma moeda, senhor — pediu-lhe o trovador, aproximando-se dele. O velho cuspiu e seguiu o seu caminho, puxando por Aledis.

— Rameira! Porque fizeste isto?

O velho mestre curtidor ainda tinha força nos braços, mas Aledis não sentiu a bofetada.

— Não... Não sei. As pessoas aos gritos... De repente, senti-me como se estivesse no Oriente... Como ia deixar que o entregassem a outra?

— No Oriente? Puta!

O curtidor agarrou numa tira de couro e Aledis esqueceu Arnau.

— Por favor, Pau. Por favor. Não sei porque o fiz. Juro-te. Perdoa-me, peço-te — Aledis pôs-se de joelhos em frente ao marido e baixou a cabeça. A tira de couro tremeu na mão do idoso.

— Ficarás nesta casa, sem sair dela, até que eu te diga — cedeu o homem.

Aledis não disse mais nada, nem se mexeu até ouvir o ruído da porta que dava para a rua.

Havia quatro anos que o pai a entregara em casamento. Sem qualquer dote, aquele fora o melhor partido que Gasto conseguira para a filha: um velho mestre curtidor, viúvo e sem filhos. “Um dia herdarás”, foi a única explicação que lhe deu. Não acrescentou então que ele, Gasto, ocuparia o lugar do mestre e ficaria com o negócio, mas, na sua opinião, as filhas não precisavam de conhecer esses pormenores.

No dia da boda, o velho esperou que a festa terminasse para levar a sua bela mulher para o quarto. Aledis deixou-se despir por umas mãos trémulas e deixou os seios serem beijados por uma boca que se babava. A primeira vez que o idoso lhe tocou, encolheu-se ao sentir o contacto daquelas mãos calejadas e ásperas. Depois, Pau levou-a para a cama e caiu sobre ela, ainda vestido, babando-se, tremendo e agitando-se. O velho chupou-lhe e mordeu-lhe os seios. Beliscou-a nas coxas. Depois, em cima dela, ainda vestido, começou a abanar-se mais depressa e a mexer-se até que um suspiro o levou à quietude e ao sono.

Na manhã seguinte, Aledis perdeu a virgindade sob a torpeza de um corpo frágil e debilitado que a acometia com gana. Perguntou-se se chegaria a sentir algo que não fosse asco.

Aledis observava os jovens aprendizes do seu marido sempre que, por uma ou outra razão, tinha de descer à oficina. Porque não olhavam para ela? Ela via-os. Os seus olhos seguiam os músculos daqueles rapazes e deleitavam-se com as pérolas de suor que lhes nasciam na testa, lhes percorriam os rostos, lhes caíam pelo pescoço e se alojavam nos seus troncos, fortes e poderosos. O desejo de Aledis dançava ao ritmo do movimento constante dos braços deles enquanto curtiam as peles, uma vez e outra, uma vez e depois outra... Mas as ordens do seu marido tinham sido claras: “Dez açoites para quem olhar para a minha mulher pela primeira

vez, vinte açoites à segunda vez, a fome à terceira.” E Aledis continuava a perguntar-se, noite após noite, onde estava o prazer de que lhe tinham falado, aquele prazer que a sua juventude reclamava, aquele que jamais lhe poderia ser proporcionado pelo decrépito marido a que a tinham entregado.

Umas noites, o velho mestre arranhava-a com as suas mãos ásperas, outras obrigava-a a masturbá-lo, e outras, apressando-a a ficar disposta antes que a debilidade o impedisse, penetrava-a. Depois, adormecia sempre. Numa dessas noites, Aledis levantou-se em silêncio, tentando não o acordar, mas o velho nem sequer mudou de posição.

Desceu à oficina. As mesas de trabalho, recortadas na penumbra, atraíram-na e passeou entre elas, deslizando os dedos de uma mão sobre os tampos polidos. Não me desejam? Não vos agrado? Aledis sonhava com os aprendizes, passando entre as suas mesas, acariciando-se nos seios e nas nádegas, quando um leve rebrilhar de luz num canto da oficina chamou a sua atenção. Um pequeno nó de uma das tábuas que separavam a oficina do dormitório dos aprendizes tinha caído. Aledis espreitou pelo buraco. Depois afastou-se. Tremia. Voltou a chegar o olho ao buraco. Estavam nus! Por um momento receou que a sua respiração pudesse denunciá-la. Um deles estava a tocar-se, deitado no colchão!

— Em quem estás a pensar? — perguntou o que estava mais perto da parede contra a qual se encontrava Aledis. — Na mulher do mestre?

O outro não respondeu e continuou a friccionar o pénis uma e outra vez... Aledis transpirava. Sem se dar conta, deslizou uma mão para entre as pernas e, olhando para o rapaz que pensava nela, aprendeu a dar-se prazer. Atingiu o clímax antes mesmo do jovem aprendiz e deixou-se cair no chão, com as costas apoiadas na parede.

Na manhã seguinte, Aledis passou em frente à mesa do aprendiz, emanando desejo. Inconscientemente, ficou parada diante da mesa. Por fim, o jovem levantou os olhos por um instante. Ela sabia que o rapaz se tinha masturbado enquanto pensava nela, e sorriu.

A tarde, Aledis foi chamada à oficina. O mestre esperava-a, atrás do aprendiz.

— Querida — disselhe o velho quando ela chegou perto dele —, já sabes que não gosto que ninguém distraia os meus aprendizes.

Aledis olhou para as costas do rapaz. Dez finas linhas de sangue atravessavam-nas. Não respondeu. Nessa noite não desceu à oficina, nem na seguinte, nem na outra, mas depois fê-lo, noite após noite, para se acariciar o corpo com as mãos de Arnau. Ele estava só. Os seus olhos tinham-lhe dito isso. Tinha de ser seu!

CAPÍTULO 23

Barcelona ainda estava em festa.

Era uma casa humilde, como todas as casas dos bastaixos, ainda que aquela fosse a casa de Bartolomé, um dos próceres da confraria. Como a maioria das casas de bastaixos, ficava aninhada nas estreitas ruelas que iam de Santa Maria, do Born ou do Pia d'en Llull até à praia. O piso inferior, onde se encontrava a lareira, era de ladrilho de adobe, e o piso de cima, construído posteriormente, de madeira.

Arnau não parava de engolir em seco perante a comida que a mulher de Bartolomé preparava: pão branco de trigo candial; carne de vitela com verduras, frita com toucinho diante dos comensais numa grande sertã sobre o fogo e temperada com pimenta, canela e açafrão; vinho com mel; queijos e tortas doces.

— Que celebramos? — perguntou, sentado à mesa, com Joan à sua frente, Bartolomé à sua esquerda e o padre Albert à direita.

— Já vais saber — respondeu-lhe o padre.

Arnau virou-se para Joan, mas este limitou-se a ficar calado.

— Já saberás — insistiu Bartolomé. — Agora, come.

Arnau encolheu os ombros enquanto a filha mais velha de Bartolomé lhe trazia uma escudela cheia de carne e meio pão.

— A minha filha, Maria — apresentou-a Bartolomé. Arnau moveu a cabeça, com a atenção fixa na escudela.

Quando os quatro homens estavam servidos e o padre benzeu a mesa, começaram a comer, em silêncio. A mulher de Bartolomé, a filha e mais quatro rapazinhos comeram no chão, espalhados pela sala, mas apenas comiam a habitual sopa.

Arnau provou a carne com verduras. Que sabores tão estranhos! Pimenta, canela e açafrão; aquilo era o que comiam os nobres e os ricos mercadores. “Quando nós, barqueiros, descarregamos alguma destas especiarias”, tinham-lhe explicado um dia, na praia, “rezamos. Se nos caíssem à água ou se estragassem não teríamos dinheiro para pagar o seu valor; seria prisão certa.” Arrancou um pedaço de pão e levou-o à boca; depois, pegou no copo de vinho com mel... Mas porque olhavam para ele? Os outros três observavam-no, tinha a certeza disso, embora tentassem dissimular. Viu que Joan não levantava os olhos da comida. Arnau voltou a concentrar-se na carne; uma, duas, três colheradas e, de repente, levantou os olhos: Joan e o padre Albert trocavam gestos.

— Então? Que se passa? — Arnau pousou a colher na mesa.

Bartolomé franziu o sobrolho. “Que havemos de lhe fazer?”, parecia dizer para os restantes.

— O teu irmão decidiu tomar os hábitos e entrar na ordem dos Franciscanos — disselhe então o padre Albert.

— Então era isso — Arnau pegou no copo de vinho e, virando-se para Joan, ergueu-o com um sorriso na boca. — Felicidades!

Mas Joan não brindou com ele. Nem Bartolomé, nem o padre. Arnau ficou parado com o copo erguido. Que se passava? A excepção dos quatro pequenos, que continuavam a comer, alheios a tudo, os restantes estavam à espera dele. Arnau pousou o copo na mesa.

— E então? — perguntou directamente ao irmão.

— Não posso fazê-lo — Arnau fez uma careta... — Não te quero deixar só. Apenas tomarei os hábitos quando vir que estás junto de... uma boa mulher, futura mãe dos teus filhos.

Joan acompanhou as suas palavras com um olhar rápido para a filha de Bartolomé, que escondeu a cara. Arnau suspirou.

— Tens de casar e formar uma família — interveio então o padre Albert.

— Não podes ficar sozinho — repetiu-lhe Joan.

— Sentir-me-ia muito honrado se aceitasses a minha filha Maria como tua mulher — interveio Bartolomé olhando para a jovem, que procurava o amparo da mãe. — És um homem bom e trabalhador, são e devoto. Ofereço-te uma boa mulher, a quem daria um dote

suficiente para que pudessem optar por uma casa própria; além disso, sabes que a confraria paga mais dinheiro aos membros casados.

Arnau não se atreveu a seguir o olhar de Bartolomé.

— Procurámos muito e cremos que Maria é a pessoa indicada para ti — acrescentou o cura.

Arnau olhou para o sacerdote.

— Todo o bom cristão deve casar e trazer filhos ao mundo — indicou Joan.

Arnau voltou a cara para o irmão, mas ainda este não tinha acabado de falar quando uma voz à sua esquerda reclamou a sua atenção.

— Não penses mais, filho — aconselhou-o Bartolomé.

— Não tomarei os hábitos enquanto não casares — reiterou Joan.

— Ficaríamos todos muito felizes se te tornasses um homem casado — disse o padre.

— A confraria não veria com bons olhos que te negasses a casar e que, por causa disso, o teu irmão não seguisse o caminho da Igreja.

Ninguém disse mais nada. Arnau cerrou os lábios. A confraria! Já não tinha mais desculpas.

— E então, irmão? — perguntou-lhe Joan.

Arnau virou-se para Joan e encontrou pela primeira vez uma pessoa diferente daquela que conhecera: um homem que o interrogava com seriedade. Como pudera não se ter dado conta? Mantivera-se agarrado àquele sorriso, ao rapazinho que lhe tinha mostrado a cidade, aquele cujas pernas balouçavam de um caixote enquanto o braço da mãe lhe fazia festas na cabeça. Que pouco tinham falado durante os últimos quatro anos! Sempre a trabalhar, a descarregar barcos, a chegar a casa ao anoitecer, arrasado, sem vontade de falar, com o dever cumprido. Certamente, aquele já não era o pequeno Joanet.

— A sério que deixarias de tomar os hábitos por mim?

De repente, estavam os dois sós.

— Sim.

Arnau levou uma mão ao queixo e pensou por alguns instantes. A confraria. Bartolomé era um dos próceres; que diriam os seus companheiros? Não podia falhar a Joan, depois de tantos esforços. E além disso, se Joan se fosse embora, que faria ele? Virou-se para Maria.

Bartolomé chamou-a com um gesto e a rapariga aproximou-se timidamente.

Arnau viu uma jovem simples, com o cabelo crespo e uma expressão bondosa.

— Tem quinze anos — ouviu Bartolomé dizer-lhe, quando Maria parou junto da mesa. Observada pelos quatro, a rapariga juntou as mãos no regaço e baixou os olhos para o chão. — Maria — chamou-a o pai.

A rapariga ergueu o rosto para Arnau, corando e apertando as mãos.

Dessa vez, foi Arnau quem desviou os olhos. Bartolomé ficou preocupado ao ver como ele afastava o olhar. A jovem suspirou. Choraria? Ele não queria ofendê-la.

— De acordo — afirmou.

Joan ergueu o copo, a que rapidamente se juntaram os de Bartolomé e do padre. Arnau pegou no seu.

— Fico muito feliz — disselhe Joan.

— Pelos noivos! — exclamou Bartolomé.

Cento e sessenta dias por ano! Por prescrição da Igreja, os cristãos tinham de guardar abstinência cento e sessenta dias por ano, e em todos esses dias, Aledis, como todas as outras mulheres de Barcelona, descia à praia, junto a Santa Maria, para comprar peixe numa das duas peixarias da cidade condal: a nova ou a velha.

Onde estás? Assim que via algum barco, Aledis olhava para a orla do mar, onde os barqueiros recolhiam ou descarregavam as mercadorias. Onde estás, Arnau? Um dia ou outro já o vira, com os músculos em tensão, como se quisessem rasgar a pele que os cobria. Santo Deus! Então Aledis estremecia e começava a contar as horas que restavam para o anoitecer, quando o marido adormeceria e ela poderia descer à oficina para estar com ele, com a sua recordação ainda fresca. A força de abstinências, Aledis acabou por ficar a conhecer a rotina dos bastaixos: quando não

descarregavam algum barco, transportavam pedras para Santa Maria e, depois da primeira viagem, a fila de bastaixos desfazia-se e cada um fazia o seu caminho por sua conta, sem esperar pelos restantes. Nessa manhã, Arnau regressava para vir buscar outra pedra. Sozinho. Era Verão e Arnau seguia, gingando, com a capçana na mão. Com o tronco nu! Aledis viu-o passar em frente à peixaria. O sol reflectia-se no suor que cobria todo o corpo de Arnau, e sorria, sorria a quem quer que se cruzasse com ele. Aledis separou-se da fila. Arnau! O grito queria escapar-se dos seus lábios. Arnau! Não podia. As mulheres que estavam na fila estavam a olhar para ela. A velha que esperava vez atrás dela fez-lhe notar o espaço que a separava da mulher que estava à sua frente; Aledis fez-lhe sinal para que passasse à sua frente. Como distrair as atenções de todas aquelas curiosas? Simulou um vómito. Alguém se aproximou para a ajudar, mas Aledis recusou. Então, sorriram. Outro vómito, e Aledis saiu a correr enquanto algumas grávidas gesticulavam entre si.

Arnau ia para Montjuic, à pedreira, pela praia. Como poderia alcançá-lo? Aledis correu pela Rua de la Mar até à Praça do Blat, e daí, virando à esquerda sob o antigo portão da muralha romana, junto ao palácio do corregedor, seguiu sempre em frente até à Rua da Boquería e à porta do mesmo nome. Tinha de o alcançar. As pessoas olhavam-na; alguém a reconheceria? Não queria saber! Arnau ia sozinho. A rapariga atravessou a Porta da Boquería e voou pelo caminho que levava até Montjuic. Ele tinha de estar por ali... — Arnau! — Desta vez gritou mesmo. Arnau parou a meio da subida para a pedreira e virou-se para a mulher que corria para ele.

— Aledis! Que fazes aqui?

Aledis recuperou o fôlego. Que havia de lhe dizer agora?

— Passa-se alguma coisa, Aledis?

Que havia de lhe dizer?

Dobrou-se pela cintura, agarrando-se ao estômago, e simulou outro vómito. Porque não? Arnau aproximou-se dela e tomou-a pelos braços. Esse simples contacto fez a rapariga estremecer.

— Que tens tu?

Que mãos! Agarravam-na com força, e cada uma cobria-lhe quase todo o antebraço. Aledis ergueu o rosto, encontrou o peito de

Arnau, ainda suado, e aspirou o aroma.

— Que tens tu? — insistiu Arnau, tentando que ela se erguesse. Aledis aproveitou o momento e abraçou-se a ele.

— Santo Deus! — sussurrou.

Escondeu a cabeça no pescoço dele e começou a beijá-lo e a lamber-lhe o suor.

— Que fazes?

Arnau tentou afastá-la, mas a rapariga agarrava-se a ele.

Umas vozes que começavam a ouvir numa curva do caminho assustaram Arnau. Os bastaixos! Como poderia explicar? Talvez fosse o próprio Bartolomé. Se o encontrassem ali, com Aledis abraçada a ele, a beijá-lo... Expulsá-lo-iam da confraria! Arnau agarrou Aledis pela cintura e saiu do caminho, para se esconder nuns matagais; aí, tapou-lhe a boca com uma mão.

As vozes aproximaram-se e passaram de largo, mas Arnau não lhes prestou atenção. Estava sentado no chão, com Aledis em cima dele; agarrava-a pela cintura com uma mão e com a outra tapava-lhe a boca. A rapariga olhava-o. Aqueles olhos castanhos! De repente, Arnau deu-se conta de que a estava a abraçar. A sua mão apertava o estômago de Aledis, e os seios dela... Os seios dela balançavam-se contra ele, movendo-se convulsivamente. Quantas noites teria sonhado abraçá-la? Quantas noites teria fantasiado com o corpo dela? Aledis não se debatia; limitava-se a olhá-lo, trespassando-o com os seus enormes olhos castanhos.

Destapou-lhe a boca.

— Preciso de ti — ouviu os lábios dela a sussurrar.

Depois, esses lábios aproximaram-se dos dele e beijaram-no, doces, suaves, desejosos.

O sabor dela! Arnau estremeceu.

Aledis tremia.

O sabor dela, o corpo dela... o desejo dela.

Nenhum dos dois pronunciou mais palavras. Nessa noite, Aledis não desceu para espiar os aprendizes.

CAPÍTULO 24

Havia mais de dois meses que Maria e Arnau tinham casado em Santa Maria de la Mar, numa celebração oficiada pelo padre Albert e em presença de todos os membros da confraria, de Pere e de Mariona, e de Joan, já tonsurado e vestido com o hábito dos Franciscanos. Com a garantia de aumento de salário que correspondia aos confrades casados, escolheram uma casa em frente à praia e mobilaram-na com a ajuda da família de Maria e de todos quantos quiseram colaborar com o jovem casal, e que foram muitos. Arnau não teve de fazer nada. A casa, os móveis, as escudelas, a roupa, a comida, tudo apareceu pela mão de Maria e da sua mãe, que insistiam em que ele descansasse. Na primeira noite, Maria entregou-se ao marido, sem voluptuosidade, mas sem reparos. Na manhã seguinte, quando Arnau acordou, ao amanhecer, o pequeno-almoço estava pronto: ovos, leite, carne salgada, pão. Ao meio-dia, a cena repetiu-se, e à noite também, e no dia seguinte, e no outro. Maria tinha sempre a comida feita para Arnau. Descalçava-o. Lavava-o e curava-lhe as feridas com delicadeza. Maria estava sempre disposta na cama. Dia após dia, Arnau encontrava tudo o que um homem podia desejar: comida, limpeza, obediência, atenção e o corpo de uma mulher bonita e jovem. Sim, Arnau; não, Arnau. Maria nunca discutia com ele. Se ele queria uma vela, Maria deixava tudo o que estivesse a fazer para ir buscar-lha. Se Arnau praguejava, Maria corria a precipitar-se sobre ele. Quando Arnau respirava, Maria corria a trazer-lhe ar.

Chovia torrencialmente. Escureceu de repente e a tormenta provocava relâmpagos que atravessavam com violência as nuvens negras e iluminavam o mar. Arnau e Bartolomé, encharcados, encontraram-se na praia. Todos os barcos tinham abandonado o perigoso porto de Barcelona para procurarem refúgio em Salou. A pedreira real estava fechada. Nesse dia, os bastaixos não tinham trabalho.

— Como vão as coisas, filho? — perguntou Bartolomé ao genro.

— Bem. Muito bem, mas...

— Há algum problema?

— É só que... Não estou acostumado a que me tratem tão bem como o faz Maria.

— Foi para isso que a educámos — respondeu Bartolomé com satisfação.

— É demasiado...

— Bem te disse que não te arrependerias de casar com ela — Bartolomé olhou para Arnau. — Vais ver que te habituas. Aproveita a tua mulher.

Estavam nisto quando chegaram à Rua das Dames, uma pequena ruela que desembocava na própria praia. Aí, mais de uma vintena de mulheres, jovens e velhas, bonitas e feias, sãs e doentes, mas todas pobres, passeavam debaixo de chuva.

— Vê-las? — disse Bartolomé apontando para as mulheres.

— Sabes o que esperam? — Arnau negou com a cabeça. — Em dias de temporal como hoje, quando os pilotos solteiros dos pesqueiros já esgotaram todos os seus recursos de marinhagem, quando já se encomendaram a todos os santos e virgens e, no entanto, não conseguiram capear o temporal, só lhes resta um recurso. As tripulações sabem-no, e exigem-no. Chegado esse momento, o piloto jura perante Deus em voz alta e na presença da sua tripulação que, se conseguir fazê-los arribar todos sãos e salvos, o pesqueiro e os seus homens, ao seu porto, casará com a primeira mulher que vir assim que pisar terra. Percebes, Arnau? — Arnau olhou de novo para a vintena de mulheres que se moviam, inquietas, rua acima, rua abaixo, olhando para o horizonte. — As mulheres nasceram para isto, para o casamento, para servirem o homem. Foi assim que educámos Maria, e foi assim que ta entreguei.

Os dias decorriam e Maria continuava dedicada a Arnau, mas este só pensava em Aledis.

— Essas pedras vão desfazer-te as costas — comentou Maria enquanto lhe fazia uma massagem, ajudada por um unguento, na ferida que Arnau mostrava à altura da omoplata.

Ele não respondeu.

— Esta noite vou arranjar-te a capçana. Não posso deixar que as pedras te façam cortes como estes.

Arnau não respondeu. Tinha chegado a casa quando era já noite. Maria descalçou-o, serviu-lhe um copo de vinho e obrigou-o a sentar-se para lhe massajar as costas, como durante toda a sua infância vira a mãe fazer ao pai. Arnau deixou-a fazer o que queria, como sempre. Agora escutava-a em silêncio. Aquela ferida nada tinha que ver com as pedras da Virgem, nem com a capçana. Maria estava a limpar e a curar a ferida da vergonha, o arranhão de outra mulher a quem Arnau não era capaz de renunciar.

— Essas pedras dão-vos cabo das costas a todos — repetiu a sua esposa.

Arnau bebeu um trago de vinho enquanto notava como as mãos de Maria percorriam as suas costas com delicadeza.

Desde que o marido a chamara à oficina para lhe mostrar as feridas do aprendiz que tinha ousado olhar para ela, Aledis limitava-se a espiar os jovens da oficina. Descobriu que muitas vezes eles iam durante a noite para a horta, onde se encontravam com mulheres que saltavam o muro para se reunirem com eles. Os rapazes tinham acesso ao material, às ferramentas e aos conhecimentos necessários para fabricarem uma espécie de capuzes de couro muito fino que, devidamente oleados, se acoplavam ao pénis antes de fornicar com a mulher. A certeza de que não iam ficar grávidas, juntamente com a juventude dos amantes e a escuridão da noite, era uma tentação irreprimível para muitas mulheres que desejavam uma aventura anónima. Aledis não teve dificuldade em entrar no dormitório dos aprendizes e roubar alguns daqueles capuzes; a ausência de risco nas suas relações com Arnau deu rédea-solta à sua luxúria.

Aledis disselhe que com aqueles capuzes não teriam filhos e Arnau via como ela os fazia deslizar ao longo do seu pénis. Seria a gordura que depois lhe ficava no membro? Seria um castigo por se opor aos desígnios da divina natureza? Maria não engravidava. Era uma rapariga forte e saudável. Que outra razão senão os pecados de Arnau poderia impedir que engravidasse? Que outro motivo poderia levar o Senhor a não o premiar com o desejado filho? Bartolomé precisava de um neto. O padre Albert e Joan queriam ver Arnau tornar-se pai. A confraria inteira esperava ansiosa pelo momento em que os jovens cônjuges anunciassem a boa-nova; os

homens faziam gracejos com Arnau e as mulheres dos bastaixos visitavam Maria para a aconselharem e para lhe contarem as excelências da vida familiar.

Arnau também desejava ter um filho.

— Não quero que me ponhas isso — opôs-se numa das vezes em que Aledis o assediou no caminho para a pedreira.

Aledis não se demoveu.

— Não pretendo perder-te — disselhe. — Antes que isso aconteça, abandonarei o velho e reclamar-te-ei. Todo o mundo há-de saber o que houve entre nós, cairás em desgraça, serás expulso da confraria e provavelmente da cidade, e então só me terás a mim; só eu estarei disposta a seguir-te. Não consigo ver a minha vida sem ti, sentenciada como estou para toda a vida a ficar ao lado de um velho gordo e incapaz.

— Arruinarias a minha vida? Porque havias de fazer isso?

— Porque sei que no fundo me amas — respondeu Aledis com determinação. — Na realidade só te estaria a ajudar a dar um passo que tu não te atreves a dar.

Escondidos por entre o matagal da ladeira da montanha de Montjuic, Aledis fez deslizar o capuz sobre o membro do seu amante. Arnau observou-a. Seriam verdadeiras as palavras dela? Seria verdade que no fundo desejava viver com Aledis, abandonar a sua mulher e tudo o que tinha para fugir com ela? Se ao menos o seu membro não se mostrasse tão disposto... Que teria aquela mulher que era capaz de anular a sua vontade? Arnau esteve tentado a contar-lhe a história da mãe de Joan; a possibilidade de que, se revelasse as suas relações, fosse o velho a reclamar dela e a emparedá-la para o resto da vida; mas em vez disso, pôs-se em cima dela... mais uma vez. Aledis sacudiu-se ao ritmo dos empurrões de Arnau. O bastaix, no entanto, só podia ouvir os seus medos: Maria, o trabalho, a confraria, Joan, a desonra, Maria, a sua Virgem, Maria, a sua Virgem...

CAPÍTULO 25

Do seu trono, o rei Pedro levantou uma mão. Flanqueado pelo seu tio e pelo seu irmão, os infantes D. Pedro e D. Jaime, de pé à sua direita, e pelo conde de Terranova e pelo padre Ot de Monteada à esquerda, o rei esperou que os restantes membros do conselho

guardassem silêncio. Encontrava-se no palácio real de Valência, onde tinham recebido Pere Ramon de Codoler, mordomo e mensageiro do rei Jaime de Maiorca. Segundo o senhor de Codoler, o rei de Maiorca, conde de Rossilhão e da Sardenha e senhor de Montpellier, decidira declarar a guerra a França pelas constantes afrontas que os Franceses tinham desferido contra o seu senhorio e, como vassalo de Pedro, requeria que no dia 21 de Abril do ano seguinte de 1341 o seu senhor estivesse em Perpignan, ao comando dos exércitos catalães, para o ajudar e defender na guerra contra a França.

Durante toda aquela manhã, o rei Pedro e os seus conselheiros estudaram a solicitação do vassalo. Se não acorressem em ajuda do rei de Maiorca, este negaria a sua vassalagem e ficaria livre; mas se o fizessem — e todos estavam de acordo nisto — cairiam numa armadilha: assim que os exércitos catalães entrassem em Perpignan, Jaime aliar-se-ia ao rei de França contra eles.

Quando se fez silêncio, o rei falou:

— Todos haveis estado a pensar sobre este assunto, tentando encontrar a maneira de poder negar ao rei de Maiorca o requerimento que nos fez. Creio que já a encontrámos: vamos para Barcelona e convoquemos as Cortes; e uma vez convocadas estas, exigiremos ao rei de Maiorca que esteja no dia 25 de Março nessas Cortes, como é sua obrigação. E que poderá acontecer então? Que ele lá estará, ou não. Se estiver, terá feito o que lhe compete e, nesse caso, nós, seja como for, teremos de cumprir com o que nos peça... — Alguns conselheiros remexeram-se, inquietos; se o rei de Maiorca aparecesse nas Cortes, entrariam em guerra contra a França, ao mesmo tempo que contra Génova! Houve mesmo quem se atrevesse a contestar em voz alta, mas Pedro pediu tranquilidade com uma mão e sorriu antes de prosseguir, elevando a voz: — E procuraremos o conselho dos nossos vassalos, que decidirão o que será melhor fazermos. — Alguns conselheiros juntaram-se ao sorriso do rei, e outros assentiram com a cabeça. As Cortes eram competentes em matéria de política catalã e podiam decidir se se iniciava ou não uma guerra. Não seria, pois, o rei quem negaria ajuda ao seu vassalo, mas sim os nobres da Catalunha. — Se ele não vier — prosseguiu Pedro —, terá rompido a vassalagem e,

nesse caso, não estaremos obrigados a ajudá-lo, nem a meter-nos em guerra por ele contra o rei de França.

Barcelona, 1341

Nobres, eclesiásticos e representantes das cidades livres do principado, os três braços que compunham as Cortes, tinham-se reunido na cidade condal, enchendo as ruas de cores e adornando-a com as sedas de Almería, de Barbaria, de Alexandria ou de Damasco; de lãs de Inglaterra ou de Bruxelas, da Flandres ou de Malinas; de Orlanda ou da fantástica roupa de bisso negro, tudo adornado com brocados de fios de ouro ou prata formando belos desenhos.

No entanto, Jaime de Maiorca ainda não tinha chegado à capital do principado. Desde havia alguns dias, barqueiros, bastaixos e outros trabalhadores portuários preparavam-se, depois de terem sido avisados pelo corregedor, para a possibilidade de o rei de Maiorca decidir vir às Cortes. O porto de Barcelona não estava preparado para o desembarque de grandes personalidades, que não se deixariam ir em bolandas nas humildes barcas dos barqueiros, como faziam os mercadores para não molharem as suas vestes. Por isso, quando alguma personagem arribava a Barcelona, os barqueiros enfileiravam as suas barcas, umas contra as outras, da orla até bem entrado no mar, e sobre elas construíam uma ponte para que reis e príncipes acedessem à praia de Barcelona com a solenidade que lhes cabia.

Os bastaixos, com Arriau entre eles, transportaram para a praia as grandes pranchas de madeira necessárias para construir a ponte e, como muitos dos cidadãos que se aproximavam da praia, como muitos dos nobres das Cortes que também o faziam, perscrutavam o horizonte em busca das galeras do senhor de Maiorca. As Cortes de Barcelona tinham-se tornado o objecto de todas as conversas; o pedido de ajuda do rei de Maiorca e o estratagema do rei Pedro estavam na boca de todos os barceloneses.

— É de supor — comentou um dia Arnau ao padre Albert, enquanto acendia as velas da capela do Santíssimo — que se toda a cidade sabe o que o rei Pedro pensa fazer, também Jaime já o saberá. Para que havemos então de o esperar?

— Por isso mesmo ele não virá — respondeu o padre, sem parar de limpar a capela.

— Então?

Arnau olhou para o padre, que se deteve e fez um gesto de preocupação.

— Receio bem que a Catalunha entre em guerra com Maiorca.

— Outra guerra?

— Sim. É bem conhecida a obsessão do rei Pedro por reunificar os antigos reinos catalães que Jaime I, o Conquistador, dividiu entre os seus herdeiros. Desde então, os reis de Maiorca não têm feito outra coisa a não ser atraiçoar os Catalães; ainda nem há cinquenta anos Pedro, o Grande, teve de vencer Franceses e Maiorquinos no desfiladeiro de Panissars. Depois, conquistou Maiorca, o Rossilhão e a Sardenha, mas o Papa obrigou-o a devolver tudo a Jaime II. — O padre virou-se para Arnau. — Vai haver guerra, Arnau, não sei quando nem porquê, mas vai haver guerra.

Jaime de Maiorca não veio às Cortes. O rei concedeu-lhe um novo prazo de três dias, mas decorrido esse tempo, as galeras dele ainda não tinham chegado ao porto de Barcelona.

— Aí tens o porquê — comentou nesse dia o padre Albert para Arnau. — Continuo a não saber quando será, mas já temos o porquê.

Ao encerrar as Cortes, Pedro II mandou iniciar um processo legal contra o seu vassalo, por desobediência, a que, para além disso, acrescentou a acusação de que nos condados de Rossilhão e da Sardenha se cunhava moeda catalã, quando só em Barcelona se podia cunhar a moeda real.

Jaime de Maiorca continuou a não fazer caso, mas o processo, dirigido pelo corregedor de Barcelona, Arnau d'Erill, assistido por Felip de Montroig e Arnau Çamorera, vice-chanceler real, prosseguiu à revelia, sem a presença do senhor de Maiorca, que começou a mostrar-se nervoso quando os seus conselheiros lhe comunicaram quais poderiam ser os resultados: o apresamento dos seus reinos e condados. Então, Jaime procurou a ajuda do rei de França, a quem prestou homenagem, e do Papa, para que servisse de mediador com o seu cunhado rei Pedro.

O Sumo Pontífice, defensor da causa do senhor de Maiorca, solicitou a Pedro um salvo-conduto para Jaime, a fim de que este, sem perigo para si e para os seus, pudesse dirigir-se a Barcelona para se desculpar e defender-se das acusações que lhe eram imputadas. O rei não podia recusar os desejos do Papa e concedeu o salvo-conduto, mas não sem antes solicitar que, de Valência, lhe mandassem quatro galeras sob o comando de Mateu Mercer, para que vigiassem as galeras do senhor de Maiorca.

Toda a cidade de Barcelona acorreu ao porto quando as velas das galeras do rei de Maiorca apareceram no horizonte. A frota capitaneada por Mateu Mercer esperava-as, armada, tal como a de Jaime III. Arnau d'Erill, corregedor da cidade, ordenou aos trabalhadores do porto que iniciassem a construção da ponte; os barqueiros atravessaram as suas barcas e os homens começaram a unir as pranchas de madeira por cima delas.

Quando as galeras do rei de Maiorca fundearam, os restantes barqueiros acorreram à galera real.

— Que se passa? — perguntou um dos bastaixos, ao ver que o estandarte real continuava içado a bordo e que apenas um nobre descia para a barca.

Arnau estava encharcado, tal como todos os seus companheiros. Todos olharam para o corregedor, que mantinha o olhar fixo na barca que se aproximava da praia.

Pela ponte só desembarcou uma pessoa: o visconde de Evol, um nobre do Rossilhão ricamente vestido e desarmado, que se deteve antes de pisar a praia, ainda sobre as pranchas. O corregedor foi ao seu encontro e, da areia, escutou as explicações de Evol, que não parava de apontar para Framenors e depois para as galeras do senhor de Maiorca. Quando a conversa terminou, o visconde regressou à galera real e o corregedor desapareceu em direcção à cidade; daí a pouco, regressava com instruções do rei Pedro.

— O rei Jaime de Maiorca — gritou, para que todos pudessem ouvir — e sua mulher, Constança, rainha de Maiorca, irmã do nosso bem-amado rei Pedro, ficarão alojados no convento de Framenors. É preciso construir uma ponte de madeira, fixa, coberta dos lados e

com tecto, do local onde as galeras estão fundeadas até aos aposentos reais.

Um murmúrio elevou-se na praia, mas a severa expressão do corregedor calou-o. Depois, a maioria dos trabalhadores do porto virara-se para o convento de Framenors, que se elevava, imponente, sobre a linha da costa.

— É uma loucura — ouviu Arnau alguém dizer no grupo de bastaixos.

— Se se levantar um temporal, não se aguentará — vaticinou outro.

— Fechada e com tecto! Para que quererá o rei de Maiorca uma ponte assim?

Arnau virou-se para o corregedor precisamente quando Berenguer de Montagut chegava à praia. Arnau d'Erill apontou o convento de Framenors ao mestre-de-obras e, depois, com a mão direita, traçou a linha imaginária desse ponto até ao mar.

Arnau, bastaixos, barqueiros e carpinteiros de mar, calafates, remadores, ferreiros e cordoeiros permaneceram em silêncio quando o corregedor terminou as suas explicações e o mestre ficou pensativo.

Por ordem do rei, suspenderam-se as obras de Santa Maria e da catedral, e todos os operários foram destinados à construção da ponte. Sob a supervisão de Berenguer de Montagut, desmontou-se parte dos andaimes do templo, e nessa mesma manhã os bastaixos começaram a transportar materiais para Framenors.

— Que disparate — comentou Arnau para Ramon, enquanto ambos carregavam um pesado tronco. — Cansamo-nos a carregar pedras para Santa Maria, e agora desmontamos tudo, por causa do capricho...

— Cala-te! — instou-o Ramon. — Estamos a fazer isto por ordem do rei; ele lá saberá porquê.

A força de remos, as galeras do rei de Maiorca, sempre vigiadas de perto pelas valencianas, colocaram-se em frente a Framenors, fundeadas a considerável distância do convento. Carpinteiros e pedreiros começaram a montar um andaime encostado à fachada de mar do convento, uma imponente estrutura de madeira que descia até à orla, enquanto os bastaixos, ajudados por todos os que

não tivessem uma tarefa concreta, iam e vinham de Santa Maria, carregando troncos e tábuas.

Ao anoitecer suspenderam-se os trabalhos. Arnau chegou a casa praguejando.

— Nunca o nosso rei pediu semelhante loucura; ele próprio se conforma com a ponte tradicional, sobre as barcas. Porque há-de permitir semelhante capricho a um traidor?

Mas as suas palavras foram-se apagando, e os seus pensamentos mudaram, ao sentir a massagem que Maria lhe dava nos ombros.

— Tens as feridas melhores — comentou a rapariga. — Há quem use gerânios com framboesa, mas nós sempre confiámos na sempre-viva. A minha avó curava o meu avô com ela, e a minha mãe o meu pai...

Arnau fechou os olhos. Sempre-viva? Havia dias que não via Aledis. Era essa a única razão das suas melhoras!

— Porque tens os músculos tão tensos? — repreendeu-o Maria, interrompendo-lhe os pensamentos. — Descontrai-te, tens de te descontrair para que...

Arnau continuou a não a ouvir. Para quê? Descontrair-se para que pudesse curar as feridas causadas por outra mulher? Se ao menos ela se zangasse...

Mas em vez de lhe gritar, Maria voltou a entregar-se-lhe nessa noite: procurou-o com carinho e ofereceu-se com doçura. Aledis não sabia o que era a doçura. Fornicavam como animais! Arnau aceitou-a, de olhos fechados. Como poderia olhar para ela? A rapariga acariciou-lhe o corpo... e a alma. Transportou-o ao prazer, a um prazer tanto mais doloroso quanto maior era.

De madrugada, Arnau levantou-se, para ir para Framenors. Maria já estava lá em baixo, junto ao fogo, trabalhando para ele.

Durante os três dias que as obras de construção da ponte duraram, nenhum membro da corte do rei de Maiorca abandonou as galeras; os valencianos também não o fizeram. Quando a estrutura encostada a Framenors ultrapassou a praia e tocou na água, os barqueiros agruparam-se, para permitir o transporte dos materiais. Arnau trabalhou sem descanso; se parasse, as mãos de Maria voltavam a acariciar-lhe o corpo, esse mesmo corpo que dias antes

tinha sido mordido e arranhado por Aledis. Das barcas, os operários introduziam as estacas no fundo do porto de Barcelona, sempre dirigidos por Berenguer de Montagut, que, de pé na proa de uma barca, ia de um lado para outro comprovar a resistência dos pilares antes de permitir que se colocasse carga sobre eles.

Ao terceiro dia, a ponte de madeira, de mais de cinquenta metros de comprimento, coberta dos lados, rompeu a diáfana visão do porto da cidade condal. A galera real aproximou-se do extremo e, ao fim de uns instantes, Arnau e todos os que tinham estado na sua construção ouviram as pisadas do rei e do seu séquito sobre as pranchas de madeira; muitos levantaram as cabeças.

Já em Framenors, Jaime fez chegar um mensageiro ao rei Pedro, para lhe notificar que a rainha Constança e ele tinham adoecido devido às inclemências da travessia marítima, e que a sua irmã lhe rogava que fosse ao convento visitá-la. O rei estava disposto a fazer a vontade de Constança, quando o infante D. Pedro se lhe apresentou, acompanhado de um jovem frade franciscano.

— Fala, frade — ordenou o monarca, visivelmente irritado por ter de adiar a visita à irmã.

Joan encolheu-se, de tal forma que nem parecia ser mais alto uma cabeça que o próprio rei. “É muito baixinho”, tinham dito a Joan, “e nunca se apresenta aos seus cortesãos de pé.” No entanto, dessa vez estava de pé e olhava directamente nos olhos de Joan, trespassando-o. Joan balbuciou.

— Fala — instou-o o infante D. Jaime.

Joan começou a transpirar profusamente e notou como o hábito, embora áspero, se lhe colava ao corpo. E se a mensagem não fosse certa? Pela primeira vez pensou nisso. Ouvira-o da boca do velho frade que desembarcara com o rei de Maiorca e não esperou nem um momento. Saíra a correr em direcção ao palácio real, tivera de se debater com a guarda porque se negava a transmitir a mensagem a alguém a não ser o monarca, e depois cedera diante do infante D. Pedro. Mas agora... E se não fosse verdade? E se não fosse mais do que outro ardil do senhor de Maiorca?

— Por Deus! Fala! — gritou-lhe o rei. Joan falou de supetão, quase sem respirar.

— Majestade, não deveis ir visitar a vossa irmã, a rainha Constança. É uma armadilha do rei Jaime de Maiorca. Com a desculpa de a sua mulher estar tão débil e doente, o esbirro encarregado de guardar a porta dos aposentos da rainha tem ordens para não deixar passar mais ninguém, a não serdes vós e os infantes D. Pedro e D. Jaime. Mais ninguém poderá aceder aos aposentos da rainha; lá dentro, estarão à vossa espera uma dúzia de homens armados que vos farão prisioneiros, vos levarão pela ponte para as galeras, e partirão para Maiorca, para o castelo de Alaró, onde eles vos manterão cativos até que liberteis o rei Jaime de toda a vassalagem e lhe concedais novas terras na Catalunha.

Já estava!

Semicerrando os olhos, o rei perguntou-lhe:

— E como é que um jovem frade como tu sabe de tudo isto?

— Contou-mo Fra Berenguer, parente de vossa Majestade.

— Fra Berenguer?

D. Pedro assentiu em silêncio e o rei pareceu recordar-se subitamente do seu parente.

— Fra Berenguer — prosseguiu Joan — recebeu em confissão, da parte de um traidor arrependido, o encargo de vo-lo transmitir, mas como está já muito velho e não se consegue mover com agilidade, confiou em mim para esta missão.

— Para isso queria a ponte fechada — interveio D. Jaime. — Se nos prendessem em Framenors, ninguém se daria conta do sequestro.

— Seria fácil — acrescentou o infante D. Pedro, concordando com a cabeça.

— Bem sabeis — disse o rei, dirigindo-se aos infantes — que se a minha irmã, a rainha, está doente, não posso deixar de a ir ver quando está nos meus domínios. — Joan escutava, sem se atrever a olhar para eles. O rei calou-se por alguns instantes. — Marcarei a minha visita para esta noite, mas preciso... Ouves-me, frade? — Joan agitou-se. — Preciso de que esse penitente arrependido nos permita revelar publicamente a traição. Enquanto for segredo de confissão, terei de ir ver a rainha. Vai — ordenou-lhe.

Joan regressou, correndo, a Framenors e transmitiu o pedido real a Fra Berenguer. O rei não compareceu ao encontro e, para sua

tranquilidade, acontecimento que Pedro entendeu como uma protecção da divina providência, declarou-se-lhe uma infecção no rosto, perto do olho, que teve de ser sangrada e que o obrigou a permanecer de cama durante alguns dias, os suficientes para Fra Berenguer conseguir do seu confessante a autorização solicitada por D. Pedro.

Desta vez, Joan não duvidou nem por um momento da veracidade da mensagem.

— A penitente de Fra Berenguer é a vossa própria irmã — comunicou Joan ao rei, assim que foi levado à presença dele —, a rainha Constança, que vos solicita que a façais vir para o palácio, por sua vontade ou à força. Aqui, longe da autoridade do marido e sob a vossa protecção, revelar-vos-á a traição com todos os pormenores.

O infante D. Jaime, acompanhado de um batalhão de soldados, apresentou-se em Framenors para cumprir os desejos de Constança. Os frades deram-lhe passagem e o infante e os seus soldados apresentaram-se directamente diante do rei. De pouco serviram as queixas deste; Constança partiu para o palácio real.

De pouco serviu também ao rei de Maiorca a visita subsequente que fez ao seu cunhado, o Cerimonioso.

— Pela palavra dada ao Papa — disselhe o rei Pedro —, respeitarei o vosso salvo-conduto. A vossa mulher ficará aqui, sob a minha protecção. Abandonai o meu reino.

Assim que Jaime de Maiorca partiu com as suas quatro galeras, o rei ordenou a Arnau d'Erill que acelerasse o processo instaurado ao seu cunhado, e daí a pouco o corregedor de Barcelona ditava a sentença segundo a qual as terras do vassalo infiel, julgado à revelia, passavam a estar sob o poder do rei Pedro; o Cerimonioso já tinha a desculpa que legitimava que declarasse guerra ao rei de Maiorca.

Entretanto, o rei, exultante perante a possibilidade de voltar a unir os reinos que o seu antepassado Jaime, o Conquistador, dividira, mandou chamar o jovem frade que lhe tinha revelado a trama.

— Serviste-nos bem e fielmente — disselhe o rei, desta vez já sentado no seu trono. — Concedo-te uma graça.

Joan já sabia da intenção do rei; os seus mensageiros já lho tinham comunicado. E pensou sobre isso longamente. Vestia o hábito franciscano por indicação dos seus mestres, mas depois de estar em Framenors o jovem tivera uma desilusão: onde estavam os livros? Onde estava o saber? Onde estavam o trabalho e o estudo? Quando por fim se dirigiu ao prior de Framenors, este recordou-lhe com paciência os três princípios estabelecidos pelo fundador da ordem, São Francisco de Assis:

— Simplicidade radical, pobreza absoluta e humildade. Assim devemos viver, nós, Franciscanos.

Mas Joan desejava saber, estudar, ler, aprender. Não lhe tinham assegurado também os seus mestres que esse também era o caminho do Senhor? Por isso, quando se cruzava com algum frade dominicano, Joan olhava-o com inveja. A ordem dos Dominicanos dedicava-se principalmente ao estudo da filosofia e da teologia, e criara diversas universidades. Joan queria pertencer à ordem dos Dominicanos e prosseguir os seus estudos na prestigiosa Universidade de Bolonha.

— Assim seja — sentenciou o rei depois de ouvir os argumentos de Joan. Todos os pêlos do corpo do jovem frade se eriçaram. — Confiamos em que algum dia regressarás aos nossos reinos investido da autoridade moral proporcionada pelo conhecimento e pela sabedoria, e que a aplicarás para bem do teu rei e do seu povo.

CAPÍTULO 26

Maio de 1343
Igreja de Santa Mana de la Mar
Barcelona

Tinham decorrido quase dois anos desde que o corregedor de Barcelona condenara Jaime III. Os sinos de toda a cidade repicavam sem descanso e, no interior de Santa Maria, abertas as suas paredes, Arnau ouvia-os, encolhido. O rei chamara para a guerra contra Maiorca e a cidade enchera-se de soldados e de nobres. Arnau, de guarda em frente à capela do Santíssimo, observava-os, misturados por entre as pessoas que enchiam Santa Maria e transbordavam por toda a praça. Todas as igrejas de Barcelona oficiavam a missa pelo exército catalão.

Arnau estava cansado. O rei reunira a sua armada em Barcelona e já há dias que os bastaixos trabalhavam incansavelmente. Cento e dezassete navios! Nunca se vira tal quantidade de embarcações; vinte e duas grandes galeras aparelhadas para a guerra; sete cocas bojudas para o transporte de cavalos e oito grandes naus de duas e três cobertas, para transporte de soldados. O resto compunha-se de barcos médios ou pequenos. O mar estava coberto de mastros, e os navios entravam e saíam do porto.

Decerto fora numa daquelas galeras, agora armadas, que Joan embarcara, havia mais de um ano, vestido de negro, com o hábito dominicano e com destino a Bolonha. Arnau acompanhara-o até à orla. Joan saltara para uma barca e aco-modara-se, de costas para o mar; depois sorrira para Arnau. Vira-o subir para bordo da galera e, assim que os remadores tinham começado a impeli-la, sentira o estômago a contrair-se e as lágrimas a começarem a cair-lhe pela cara. Ficara sozinho. E assim continuava Arnau. Olhou à sua volta. Os sinos de todas as igrejas da cidade continuavam a repicar. Nobres, clérigos, soldados, mercadores, artesãos e povo simples apinhavam-se em Santa Maria; os seus companheiros de confraria, ao seu lado, mantinham-se firmes, mas ele sentia-se tão só! As suas ilusões, a sua vida inteira, tinham-se vindo a desmoronar como a velha igreja românica que dera vida ao novo templo. Já não

existia. Não restava nenhum vestígio da pequena igreja, e de onde se encontrava conseguia ver a imensa e larga nave central, delimitada pelas colunas oitavadas sobre as quais se apoiariam as abóbadas. Para lá das colunas, no exterior, as paredes da igreja continuavam a erguer-se e a subir em direcção ao céu, pedra a pedra, pacientemente.

Arnau olhou para cima. A chave da segunda abóbada da nave central já tinha sido colocada e trabalhava-se agora nas naves laterais. O nascimento de Nosso Senhor: esse fora o motivo escolhido para essa segunda pedra de chave. A abóbada do presbitério estava totalmente coberta. A seguinte, a primeira da imensa nave central rectangular, ainda não coberta, parecia uma teia de aranha: as quatro nervuras dos arcos estavam a céu aberto, com a pedra de chave no centro, como uma aranha pronta a deslocar-se pelos finos fios da teia em busca da sua presa. O olhar de Arnau perdeu-se naquelas magras nervuras. Bem sabia ele como era sentir-se apanhado numa teia de aranha! Aledis perseguia-o cada vez com maior afinco. “Contarei tudo aos próceres da tua confraria”, ameaçava-o quando Arnau hesitava; e ele voltava a pecar, uma e outra vez, e outra, e outra... Arnau virou-se para os outros bastaixos. Se eles soubessem... Ali estava Bartolomé, seu sogro, prócer, e Ramon, seu amigo e protector. Que diriam eles? E nem sequer tinha Joan consigo.

Até Santa Maria parecia ter-lhe virado as costas. Coberta já em parte e alçados os contrafortes que sustentavam os arcos das naves laterais da segunda abóbada, a nobreza e os ricos mercadores da cidade tinham começado a trabalhar nas capelas laterais, decididos a deixar a sua assinatura sob a forma de escudos heráldicos, imagens, sarcófagos e todo o tipo de relevos cinzelados na pedra.

Quando Arnau acorria em busca do auxílio da sua Virgem, havia sempre algum rico mercador, algum nobre percorrendo as obras. Era como se lhe tivessem roubado a sua igreja. Tinham aparecido de repente e detinham-se com orgulho nas onze capelas, das trinta e quatro previstas, que já se tinham construído ao longo do deambulatório. Ali estavam já os pássaros do escudo dos Busquets, na capela de Todos-os-Santos; a mão e o leão rampante dos Junyent, na de San Jaime; as três peras de Boronat de Pêra,

cinzeladas na pedra de chave da capela ogival de San Paulo; a ferradura e faixas de Pau Ferran, no mármore da própria capela: os escudos dos Dufort e dos Dusay, ou a fonte dos Font, na capela de Santa Margarita. Até na capela do Santíssimo! Nesta, na sua, na dos bastaixos, estava a ser instalado o sarcófago do arcedíago de Santa Maria de la Mar, que iniciara a construção do templo, Bernat Lull, junto aos escudos dos Ferrer.

Arnau passava cabisbaixo perto dos mercadores e dos nobres. Ele apenas carregava pedra, e ajoelhava-se diante da sua Virgem para o livrar daquela aranha que o perseguia.

Quando os ofícios religiosos terminaram, Barcelona inteira dirigiu-se para o porto. Ali estava D. Pedro III, ataviado para a guerra e rodeado pelos seus barões. Enquanto o infante D. Jaime, conde de Urgell, permanecia na Catalunha a fim de defender as fronteiras do Ampurdán, de Besalú e de Camprodón, que confinavam com os condados peninsulares do rei de Maiorca, os restantes partiam com o rei à conquista da ilha: o infante D. Pedro, senescal da Catalunha; mestre Pere de Monteada, almirante da frota; Pedro de Eixèrica e Blasoc de Alago; Gonzalo Díez de Arenós e Felipe de Castre; o padre Joan de Arbórea, Alfonso de Llòria; Galvany de Anglesola; Arcadic de Mur; Arnau d'Erill; o padre Gonzalo Garcia; Joan Ximénez de Urrea, e muitos outros nobres e cavaleiros, prontos para a guerra juntamente com as suas tropas e respectivos vassalos.

Maria, que se encontrou com Arnau fora da igreja, apontou para eles e, gritando, obrigou-o a seguir a direcção do seu dedo.

— O rei! O rei, Arnau. Olha para ele. Que porte! E a espada dele? Bela espada! E aquele nobre... Quem é ele, Arnau? Conhece-lo? E os escudos, as armaduras, os pendões...

Maria arrastou Arnau de um extremo ao outro da praia até que chegaram a Framenors. Aí, afastados de nobres e de soldados, um numeroso grupo de homens, sujos e esfarrapados, sem escudos nem armaduras, sem espadas, vestidos apenas com uma camisa longa e puída, de polainas e gorros de couro, estavam a embarcar nas barcas que os levariam aos navios.

Aqueles homens iam armados apenas de machetes e lanças!

— É a Companhia?

— Sim. Os almogávares.

Os dois somaram-se ao silencioso respeito com que os cidadãos de Barcelona observavam os mercenários contratados pelo rei Pedro. Os conquistadores de Bizâncio! Até as crianças e as mulheres, impressionadas pelas espadas e armaduras dos nobres, tal como acontecera a Maria, os olhavam com orgulho. Lutavam a pé e de peito descoberto, confiando unicamente na sua destreza e habilidade. Quem se atreveria a rir-se das suas indumentárias ou das suas armas?

Os Sicilianos tinham-no feito, segundo tinham contado a Arnau: tinham-se rido deles no campo de batalha. Que resistência poderiam oferecer aqueles esfarrapados contra nobres a cavalo? No entanto, os almogávares tinham-nos derrotado e conquistado a ilha. Também os Franceses o tinham feito; a história contava-se por toda a Catalunha, onde quer que alguém quisesse ouvi-la. Arnau já a ouvira em diversas ocasiões.

— Dizem — sussurrou Arnau a Maria — que uns cavaleiros franceses aprisionaram um almogávar e o levaram à presença do príncipe Carlos de Salerno, que o insultou, chamando-lhe miserável, pobre e selvagem, rindo-se das tropas catalãs. — Nem Arnau nem Maria desviavam o olhar dos mercenários, que continuavam a subir para as barcas. — Então, o almogávar, na presença do príncipe e dos cavaleiros, desafiou o melhor dos homens dele. Ele lutaria a pé, armado apenas com uma simples lança; o francês, a cavalo, com todo o seu armamento. — Arnau calou-se por um instante, mas Maria virou-se para ele, instando-o a continuar. — Os franceses riram-se do catalão, mas aceitaram o desafio. Partiram todos para um campo próximo do acampamento francês. Aí, o almogávar venceu o seu oponente, depois de lhe matar o cavalo, aproveitando-se de falta de agilidade do cavaleiro na luta a pé. Quando já se dispunha a degolá-lo, Carlos de Salerno concedeu-lhe a liberdade.

— É verdade — comentou alguém que estava por perto. — Lutam como verdadeiros demónios.

Arnau notou como Maria se encostava a ele e lhe agarrava o braço com força, sem desviar os olhos dos mercenários. “Que procuras, mulher? Protecção? Se soubesses! Nem sequer sou capaz de enfrentar as minhas debilidades. Julgas que algum deles

te faria mais mal do que aquele que te ando a fazer eu próprio? Lutam como demónios.” Arnau olhou para eles: homens que partiam para a guerra contentes, alegres, deixando para trás as famílias. Por que razão... Por que razão não poderia ele fazer o mesmo?

O embarque dos homens prolongou-se durante horas. Maria foi para casa e Arnau acabou a vaguear pela praia, por entre as pessoas; encontrou-se, aqui e ali, com alguns companheiros.

— Porquê tanta pressa? — perguntou a Ramon, apontando para as barcas que iam e vinham sem cessar, cheias a transbordar de soldados. — Está bom tempo. Não parece que se vá levantar temporal.

— Já vais ver — respondeu-lhe Ramon.

Nesse momento, ouviu-se o primeiro relincho; depressa se lhe somaram centenas de outros. Os cavalos tinham estado à espera fora das muralhas, e agora era a vez de eles embarcarem. Das sete cocas destinadas ao transporte dos animais, algumas já estavam cheias de cavalos; eram as que tinham chegado com os nobres de Valência ou que tinham embarcado nos portos de Salou, Tarragona ou do Norte de Barcelona.

— Vamo-nos daqui — incitou-o Ramon. — Isto vai tornar-se um verdadeiro campo de batalha.

Mesmo no momento em que estavam a abandonar a praia, chegaram os primeiros animais, pelas mãos dos seus palafreneiros. Eram enormes cavalos de guerra, que escoiceavam, resfolegavam e mordiam, enquanto os seus tratadores tentavam controlá-los.

— Sabem que vão para a guerra — comentou Ramon, depois de se encontrarem ambos resguardados entre as barcas.

— Sabem?

— Claro. Sempre que embarcam é para irem para a guerra. Olha. — Arnau desviou o olhar para o mar. Quatro cocas bojudas, com uma quilha de pouco calado, aproximaram-se o mais que puderam da praia e abriram as rampas da popa; estas caíram na água e mostraram as entranhas das embarcações. — E os que não sabem são contagiados pelos outros — continuou Ramon.

Depressa a praia se encheu de cavalos. Havia centenas deles, todos grandes, fortes e poderosos; cavalos de guerra treinados para o combate. Os palafreneiros e os escudeiros corriam de um lado

para o outro, tentando evitar os coices e as dentadas dos animais. Arnau viu mais de um sair disparado pelos ares ou acabar escoiceado ou pisado. A confusão era enorme e o ruído ensurdecedor.

— Que esperam? — gritou Arnau.

Então, Ramon voltou a apontar para as cocas. Vários escudeiros, com a água à altura do peito, levavam alguns cavalos para elas.

— Aqueles são os mais espertos. Quando estiverem lá dentro servirão de chamariz para os outros.

Assim foi. Quando os cavalos chegaram ao fim das rampas, os escudeiros trouxeram-nos até à praia. Então, começaram a relinchar freneticamente. Foi o sinal.

A manada meteu-se na água levantando tanta espuma que durante alguns instantes nada se conseguia ver. Por detrás da espuma e dos lados, encerrando-a e dirigindo-a para as cocas, alguns cavalariços experientes faziam estalar os chicotes. Os moços tinham perdido as rédeas dos seus cavalos e a maioria dos animais andava à solta pela água, empurrando-se uns aos outros. Durante um bom bocado, o caos foi total: gritos e estalar de chicotes, animais a relinchar e a esforçar-se por subirem para as cocas e as pessoas incentivando da praia. Depois, a tranquilidade voltou a reinar no porto. Quando os cavalos já estavam carregados nas cocas, içaram-se as rampas de popa e as bojudas embarcações ficaram prontas.

A galera do almirante Pere de Monteada deu a ordem para partir e os cento e dezassete navios começaram a navegar. Arnau e Ramon regressaram da praia.

— Lá se vão — comentou Ramon —, para conquistar Maiorca.

Arnau assentiu em silêncio. Sim, lá iam. Sós, deixando para trás os seus problemas e as suas misérias. Saudados como heróis, com a mente posta na guerra e apenas na guerra. Quanto daria ele por se encontrar numa daquelas galeras!

A 21 de Junho desse mesmo ano, Pedro III ouvia missa na catedral de Maiorca in sede majestatis, ataviado segundo o costume: com as vestes, as honras e a coroa correspondente ao rei de Maiorca. Jaime III fugira para os seus domínios do Rossilhão.

A notícia chegou a Barcelona e daí espalhou-se por toda a península: o rei Pedro acabara de dar o primeiro passo para cumprir a sua palavra de reunificar os domínios divididos por morte de Jaime I. Já só lhe faltava reconquistar o condado da Sardenha e as terras catalãs de além-Pirenéus: o Rossilhão. Durante o longo mês que a campanha de Maiorca durou, Arnau não conseguiu esquecer a imagem da armada real afastando-se do porto de Barcelona. Quando as embarcações se encontravam já a certa distância, as pessoas afastaram-se e regressaram às suas casas. E ele, para que ia voltar? Para receber um carinho e um afecto que não merecia? Sentou-se na areia e ali ficou até muito depois de a última vela desaparecer no horizonte. “Afortunados aqueles, que abandonam os seus problemas”, repetia para consigo, uma e outra vez. Durante todo o mês, quando Aledis o agarrava no caminho de Montjuic ou quando tinha de enfrentar os cuidados de Maria, Arnau ouvia de novo os gritos e os risos dos almogávares e via a armada a afastar-se. Mais dia, menos dia, acabariam por descobri-lo. Não havia muito tempo que, enquanto Aledis se contorcia em cima dele, alguém gritara do caminho. Tê-los-iam ouvido? Os dois ficaram em silêncio por um momento; depois, ela riu-se e voltou a lançar-se sobre ele. No dia em que o descobrissem... o escárnio, a expulsão da confraria. Que faria então? De que iria viver?

Quando, a 29 de Junho de 1343, toda a cidade de Barcelona acorreu a receber a armada real, reunida na foz do rio Llobregat, Arnau já tomara uma decisão. O rei teria de partir à conquista do Rossilhão e da Sardenha, pois só assim cumpriria a sua promessa; e ele, Arnau Estanyol, estaria nesse exército. Tinha de fugir de Aledis! Talvez ela o esquecesse e, quando regressasse... Sentiu um calafrio: aquilo era a guerra; os homens morriam. Mas talvez quando regressasse pudesse retomar a sua vida com Maria, sem Aledis a persegui-lo.

Pedro III ordenou às embarcações que entrassem no porto da cidade, separadas e por ordem hierárquica: primeiro a galera real, depois a do infante D. Pedro, depois a do padre Pere de Monteada, depois a do senhor de Eixèrica, e assim sucessivamente.

Enquanto a frota esperava, a galera real entrou no porto e deu uma volta por ele, a fim de que toda a gente que se juntara na praia

de Barcelona pudesse admirá-la e vitoriá-la.

Arnau ouviu os gritos esfuziantes do povo quando a embarcação passou à sua frente. Barqueiros e bastaixos estavam na praia, na orla, dispostos já para construir a ponte por onde deveria desembarcar o rei. Ao seu lado, esperando também, estavam Francesc Grony, Bernat Santcliment e Galcerà Carbó, próceres da cidade, ladeados pelos próceres das confrarias. Os barqueiros começaram a colocar as suas barcas, mas os próceres ordenaram-lhes que esperassem.

Que se passava? Arnau olhou para os outros bastaixos. Como iria o rei desembarcar, a não ser por uma ponte?

— Não deve desembarcar — ouviu Francesc Grony a dizer para o senhor de Santcliment. — O exército deve partir para o Rossilhão antes que o rei Jaime se reorganize ou pactue com os Franceses.

Todos os presentes apoiaram. Arnau desviou o olhar para a galera real, que continuava o seu percurso triunfal pelas águas da cidade. Se o rei não desembarcasse, se a armada real prosseguisse para o Rossilhão sem parar em Barcelona... As pernas fraquejaram-lhe. Tinha de desembarcar!

Até o conde de Terranova, conselheiro do rei, que permanecera ao cuidado da cidade, apoiava a ideia. Arnau olhou para ele com raiva.

Os três próceres de Barcelona, o conde de Terranova e algumas autoridades mais subiram para uma barca que os levou até à galera real. Arnau ouviu como os seus próprios companheiros apoiavam a ideia: “Não pode deixar que o de Maiorca se rearme”, diziam, assentindo.

As conversações prolongaram-se durante horas. As pessoas, instaladas na praia, aguardaram a decisão do rei.

No fim, não se construiu a ponte, mas não porque a armada partisse à conquista do Rossilhão e da Sardenha. O rei decidira que não podia continuar a campanha nas circunstâncias em que se encontrava: precisava de dinheiro para continuar a guerra; grande parte dos seus cavaleiros tinha perdido a sua montada durante a travessia marítima e tinha de desembarcar; e, por fim, precisava de se reequipar para a conquista daquelas novas terras. Apesar do pedido das autoridades de que lhes concedesse alguns dias para

prepararem os festejos pela conquista de Maiorca, o monarca recusou e alegou que nada se festejaria até que os seus reinos se voltassem a unir. Por isso, nesse dia 29 de Junho de 1343, Pedro III desembarcou em Barcelona como qualquer outro marinheiro, saltando da barca para a água.

Mas como iria Arnau dizer a Maria que pensava alistar-se no Exército? Aledis pouco importava, que ganharia ela em anunciar publicamente o seu adultério? Se ele ia para a guerra, para que haveria ela de o prejudicar e de se prejudicar a si mesma? Arnau lembrou-se de Joan e da mãe; era aquele o destino que Aledis poderia esperar se se chegasse a saber do seu adultério, e ela tinha consciência disso, mas Maria... Como ia dizer isso a Maria?

Arnau tentou. Tentou despedir-se da rapariga quando ela lhe dava massagens nas costas. “Vou para a guerra”, poderia dizer-lhe. Ela choraria. Que culpa tinha Maria? Tentou quando ela lhe servia a comida, mas os olhos doces dela impediam-no. “Passa-se alguma coisa contigo?”, perguntou-lhe ela. Tentou mesmo depois de fazer amor com ela, mas Maria acariciava-o.

Entretanto, Barcelona tornara-se um formigueiro. O povo desejava que o rei partisse à conquista da Sardenha e do Rossilhão, mas o rei não o fazia. Os cavaleiros exigiam ao monarca o pagamento dos seus soldados e as indemnizações pelas perdas dos cavalos e armamento que tinham sofrido, mas os cofres reais estavam vazios e o rei teve de permitir que muitos dos seus cavaleiros regressassem às suas terras. Fizeram-no Ramon de Anglesola, Joan de Arbórea, Alfonso de Llòria, Gonzalo Diéz de Arenós e muitos outros nobres.

Então, o rei convocou a host de toda a Catalunha; seriam os cidadãos que lutariam por ele. Os sinos tocaram a rebate por todo o principado e, por ordem do rei, dos púlpitos começaram a lançar-se arengas para que os homens livres se alistassem. Os nobres abandonavam o exército catalão! O padre Albert falava com fervor, alto e forte, gesticulando sem parar. Como ia o rei defender a Catalunha? E se o rei de Maiorca, sabendo que os nobres abandonavam o rei Pedro, se aliasse com os Franceses e atacasse a Catalunha? Já sucedera uma vez! O padre Albert gritou por toda a paróquia de Santa Maria. Quem não se lembrava? Quem nunca

ouvira falar da cruzada dos Franceses contra os Catalães? Dessa vez fora possível vencer o invasor. E agora? Conseguiriam o mesmo se deixassem que o rei Jaime se rearmasse?

Arnau olhou para a Virgem de pedra com o menino sobre o ombro. Se ao menos tivessem tido um filho. Certamente que, se tivessem tido um filho, nada daquilo teria acontecido. Aledis não teria sido tão cruel. Se tivessem tido um filho...

— Acabo de fazer uma promessa à Virgem — sussurrou Arnau a Maria, de repente, enquanto o sacerdote continuava a recrutar soldados do seu púlpito. — Vou alistar-me no exército real para que nos conceda a bênção de um filho.

Maria virou-se para ele e, antes de se voltar para a Virgem, agarrou-lhe a mão e apertou-lha com força.

— Não podes! — gritou Aledis quando Arnau lhe comunicou a sua decisão. Arnau fez-lhe sinal para que baixasse a voz, mas ela continuou a gritar: — Não podes deixar-me! Contarei a toda a gente...

— Que ganharás com isso, Aledis? — interrompeu-a ele. — Estarei com o exército. Só conseguirás arruinar a tua vida.

Os dois entreolharam-se, escondidos atrás do matagal, como sempre. O lábio inferior de Aledis começou a tremer. Que bonita que ela era! Arnau quis aproximar uma mão do rosto daquela mulher, por onde corriam as lágrimas, mas conteve-se.

— Adeus, Aledis.

— Não me podes deixar! — soluçou ela.

Arnau voltou-se para Aledis. Ela caíra de joelhos com a cabeça entre as mãos. O silêncio levou-a a erguer os olhos para Arnau.

— Porque me fazes isto? — chorou.

Arnau viu as lágrimas no rosto de Aledis; todo o seu corpo tremia. Arnau mordeu o lábio e dirigiu o olhar para o alto da montanha, onde ia à procura das pedras. Para quê fazer-lhe mais mal? Abriu os braços.

— Tenho de o fazer.

Ela começou a arrastar-se de joelhos até conseguir tocar-lhe nas pernas.

— Tenho de o fazer, Aledis! — repetiu Arnau, saltando para trás. E começou a descer de Montjuíc.

CAPÍTULO 27

Eram prostitutas; os seus vestidos de cores proclamavam-no.

Aledis hesitou em aproximar-se delas, mas o aroma da panela de carne com verduras impelia-a. Tinha fome. Estava magra. As raparigas, jovens como ela, andavam e conversavam alegremente em roda do fogo. Convidaram-na a aproximar-se quando a viram a poucos passos das tendas do acampamento, mas eram prostitutas. Aledis examinou-se a si própria: esfarrapada, mal-cheirosa, suja. As prostitutas voltaram a convidá-la; os reflexos dos seus trajos de seda movendo-se ao sol distraíram-na. Ninguém lhe tinha oferecido alguma coisa para comer. Não tinha já tentado em todas as tendas, barracas ou simples fogueiras até onde se tinha arrastado? Alguém se tinha apiedado dela? Tinham-na tratado como a uma simples mendiga; pedira esmola: um pouco de pão, algum bocado de carne, uma simples hortaliça. Tinham-lhe cuspido na mão estendida. Depois, tinham-se rido. Aquelas mulheres eram rameiras, mas tinham-na convidado para partilhar com elas a sua panela.

O rei ordenou que os exércitos se reunissem na cidade de Figueras, a norte do principado, e para lá se dirigiram tanto os nobres que não tinham abandonado o monarca como as hosts da Catalunha, entre as quais estavam os soldados de Barcelona e, com eles, Arnau Estanyol, liberado, optimista e armado com a balestra do pai e uma simples adaga romba. Mas se em Figueras o rei Pedro conseguiu reunir cerca de mil e duzentos homens a cavalo e quatro mil soldados a pé também conseguiu congregar outro exército: familiares dos soldados — principalmente dos almogávares, que, como nómadas que eram, levavam atrás de si a família e o lar —, comerciantes de todo o tipo de mercadorias — que esperavam comprar tudo o que os soldados conseguissem saquear —, mercadores de escravos, clérigos, batoteiros, ladrões, prostitutas, mendigos e todo o tipo de abutres sem mais nenhum objectivo na vida a não ser seguir os despojos. Todos eles formavam uma impressionante retaguarda que se movia ao ritmo dos exércitos e com as suas próprias leis, muitas vezes mais cruéis que as da contenda de que viviam como parasitas. Aledis era apenas mais

uma no meio daquele grupo heterogéneo. A despedida de Arnau ainda lhe ecoava nos ouvidos. Uma vez mais, Aledis sentiu as mãos rugosas e calejadas do marido a percorrerem-lhe os recantos secretos da sua intimidade. Os estertores do velho curtidor misturaram-se com as suas recordações. O ancião beliscara-lhe a vulva. Aledis não se movera. O idoso beliscara de novo, com mais força, reclamando a falsa generosidade com que, até então, a mulher o tinha premiado. Aledis fechara as pernas. Porque me deixaste, Arnau?, pensou, sentindo Pau em cima dela, ajudando-se com as mãos a penetrá-la. Cedeu e abriu as pernas, ao mesmo tempo que a amargura se lhe instalava na garganta. Dissimulou um vómito. O velho mexia-se em cima dela como um réptil. Ela vomitou para um lado da cama. Ele nem se deu conta. Continuou a empurrar-se languidamente, ajudando-se com as mãos, aguentando o pénis, e com a cabeça sobre os seios dela, mordiscando uns mamilos que o asco impedia que crescessem. Quando acabou, deixou-se cair para o seu lado da cama e adormeceu. Na manhã seguinte, Aledis fez uma pequena trouxa com os seus escassos haveres, um pouco de dinheiro que furtou ao marido e um pouco de comida, e, como em qualquer outro dia, saiu para a rua.

Caminhou até ao mosteiro de Sant Pere des Puelles e abandonou Barcelona para tomar a antiga via romana que a levaria até Figueras. Passou as portas da cidade cabisbaixa, reprimindo o impulso de desatar a correr e evitando cruzar o olhar com os soldados; ergueu os olhos para o céu, azul e brilhante, e encaminhou-se para o seu novo futuro, sorrindo aos muitos viajantes que se cruzavam com ela a caminho da grande cidade. Arnau também abandonara a mulher; Aledis certificara-se disso. Certamente que se tinha ido embora por causa daquela mulher! Não poderia gostar de Maria. Quando faziam amor... notava isso! Sentia isso quando ele estava nela. Não poderia enganá-la: era a ela que Arnau desejava, a ela, Aledis. E quando a visse... Aledis imaginou-o correndo para ela com os braços abertos. Fugiriam! Sim, fugiriam juntos... para sempre.

Durante as primeiras horas de viagem, Aledis tomou o mesmo passo de um grupo de camponeses que, depois de terem vendido os seus produtos, regressava às suas terras. Explicou-lhes que ia à

procura do marido, porque estava grávida e fizera a promessa de que ele havia de saber disso antes de entrar em combate. Soube pelos camponeses que Figueras ficava a cinco ou seis dias de caminhada a bom passo, seguindo por aquele mesmo caminho até Gerona. Mas também teve a oportunidade de ouvir os conselhos de duas idosas desdentadas que pareciam poder quebrar-se a qualquer momento sob o peso das cestas vazias que transportavam; no entanto, caminhavam e continuavam a caminhar, descalças, com uma energia inconcebível para aqueles corpos velhos e magros.

— Não é bom uma mulher andar sozinha por estes caminhos — disselhe uma delas, abanando a cabeça.

— Pois não, não é mesmo — confirmou a outra. Passaram alguns segundos, os necessários para que ambas tomassem o alento necessário.

— E muito menos se for jovem e bonita — acrescentou a segunda.

— Isso mesmo, isso mesmo — aprovou a outra.

— Que me pode acontecer? — perguntou ingenuamente Aledis.

— O caminho está cheio de gente, de gente boa como vós.

Teve de voltar a esperar enquanto as idosas davam alguns passos em silêncio, um pouco mais longos agora, para não se afastarem do grupo de camponeses.

— Sim, aqui encontrarás gente. Há muitas aldeias perto de Barcelona que, como nós, vivem da cidade. Mas um pouco mais para a frente — acrescentou sem levantar os olhos do chão —, quando as aldeias se começam a tornar mais distantes umas das outras e não há cidade a que se dirigir, os caminhos são solitários e perigosos.

Desta vez, a companheira absteve-se de fazer qualquer comentário. Contudo, e após a espera já habitual, foi ela quem voltou a dirigir-se a Aledis:

— Quando estiveres sozinha, procura não te deixar ver. Esconde-te ao menor ruído que ouças. Evita qualquer companhia.

— Mesmo que sejam cavaleiros? — perguntou.

— Sobretudo se o forem! — gritou uma das velhas. — Assim que ouvires os cascos de um cavalo, esconde-te e reza! — exclamou a

outra.

Desta vez, ambas responderam em uníssono, encolerizadas e sem necessidade de respirar; fizeram até uma pequena paragem, e por isso o grupo afastou-se um pouco. A expressão de incredulidade de Aledis deve ter sido suficientemente ostensiva para que as duas idosas, assim que recuperaram o ritmo, voltassem a insistir:

— Olha, rapariga — aconselhou-a uma delas, enquanto a outra concordava, sem sequer ainda saber o que a outra ia dizer —, eu no teu lugar voltava para a cidade e ficava lá à espera do meu homem. Os caminhos são muito perigosos e mais ainda quando todos os soldados e oficiais estão em campanha com o rei. Nestas alturas não há autoridade, ninguém vigia ninguém e ninguém teme o castigo de um rei que está ocupado noutros assuntos.

Aledis caminhou pensativa ao lado das duas velhas. Esconder-se dos cavaleiros? Porque havia de o fazer? Todos os cavaleiros que acorriam à oficina do marido se tinham mostrado corteses e respeitosos com ela. Nunca, da boca dos numerosos mercadores que forneciam matéria-prima ao seu marido, tinha ouvido relatos de roubos ou assaltos ocorridos nos caminhos do principado. Em contrapartida, recordava-se das espantosas histórias com que costumavam entretê-los, acerca das acidentadas travessias marítimas, das viagens por terras dos mouros ou pelas terras ainda mais distantes do sultão do Egipto. O marido tinha-lhe contado que há mais de duzentos anos que os caminhos catalães estavam protegidos pelas leis e pelo rei, e qualquer pessoa que ousasse delinquir num caminho real recebia um castigo muito superior ao que corresponderia ao mesmo delito cometido noutro lugar. “O comércio exige paz nos caminhos!”, acrescentara. “Como poderíamos vender os nossos produtos por toda a Catalunha se o rei não proporcionasse essa paz?” Então contava-lhe, como se ela fosse uma criança, que já há mais de duzentos anos que a Igreja começara a tomar medidas para defender os caminhos. Primeiro, tinha havido as Constituições de Paz e Trégua, que tinham sido ditadas em sínodos. Se alguém atentasse contra essas regras, era instantaneamente excomungado. Os bispos estabeleceram que os habitantes dos seus condados e bispados não podiam atacar os seus inimigos desde a nona hora do sábado até à primeira hora da

segunda-feira, nem nas festas oficiais; além disso, a trégua protegia os clérigos, as igrejas e todos aqueles que se dirigissem a elas ou regressassem delas. As constituições, explicou-lhe, foram-se alargando e protegendo cada vez mais bens e pessoas: mercadores e animais agrícolas e de transporte, alfaias agrícolas, e casas de camponeses, habitantes das vilas, mulheres, colheitas, olivais, o vinho... Por fim, o rei Afonso I concedera a Paz às vias públicas e aos caminhos e estabelecera que quem a transgredisse cometeria um delito de lesa-majestade.

Aledis olhou para as idosas, que continuavam a caminhar em silêncio, carregadas com os seus fardos, arrastando os pés descalços. Quem iria ousar cometer um delito de lesa-majestade? Que cristão iria arriscar-se a ser excomungado por atacar alguém num caminho catalão? Estava a pensar nisto quando o grupo de camponeses se desviou para San Andrés.

— Adeus, rapariga — despediram-se as velhas. — Toma atenção ao que te dizem estas duas idosas — acrescentou uma delas. — Se decidires continuar, sê prudente. Não entres em nenhuma aldeia nem em nenhuma cidade. Poderiam ver-te e seguir-te. Pára apenas nas quintas, e só naquelas onde vires crianças e mulheres.

Aledis observou como o grupo se afastava; as duas idosas arrastavam os seus pés descalços e esforçavam-se por não perder o grosso dos camponeses. Em poucos minutos, ficou sozinha. Até então, tinha avançado em companhia daqueles camponeses, conversando e deixando que os seus pensamentos voassem tanto como a sua imaginação, despreocupadamente, ansiando por chegar perto de Arnau, emocionada pela aventura a que a sua precipitada decisão a levara; no entanto, quando as vozes e os ruídos dos seus companheiros de viagem se perderam na distância, Aledis sentiu-se só. Tinha um longo caminho por diante, que tratou de perscrutar, pondo a mão sobre a testa em pala, para se proteger de um Sol que já estava alto no céu, um céu azul-celeste, sem uma única nuvem que turvasse a imensidade daquela magnífica cúpula que se unia no horizonte às vastas e ricas terras da Catalunha.

Talvez não fosse unicamente a sensação de solidão que assaltou a rapariga depois de se ver abandonada pelos

camponeses, ou a sensação de estranheza por se encontrar em paragens desconhecidas. Na realidade, Aledis jamais tinha enfrentado o céu e a terra quando nada se interpõe à visão do espectador, quando se pode vislumbrar o horizonte rodando sobre nós próprios... e vê-lo sempre! E olhou para ele. Aledis olhou para o horizonte, para onde lhe tinham dito que ficava Figueras. As pernas fraquejaram-lhe. Rodou sobre si própria e olhou para trás. Nada. Afastava-se de Barcelona e só via terras desconhecidas. Procurou os telhados dos edifícios que sempre se tinham interposto diante da maravilha de uma realidade desconhecida: o céu. Procurou os odores da cidade, o cheiro a couro, os gritos das pessoas, os rumores de uma cidade viva. Estava sozinha. De imediato, as palavras das duas idosas vieram-lhe à ideia. Tentou divisar Barcelona à distância. Cinco ou seis dias de caminhada! Onde iria dormir? O que iria comer? Sopesou a pequena trouxa. E se as palavras das idosas fossem acertadas? Que faria? Que poderia ela fazer contra um cavaleiro ou um delinquente? O Sol ia alto no céu. Aledis dirigiu o olhar para onde lhe tinham dito que ficava Figueras... e Arnau.

Redobrou os cuidados. Caminhou com os sentidos à flor da pele, atenta a qualquer ruído que perturbasse a solidão do caminho. Nas cercanias de Monteada, cujo castelo, erguido no cume do monte do mesmo nome, defendia a entrada para a planície de Barcelona, e já com o Sol no meio-dia, o caminho tornou a encher-se de camponeses e mercadores. Aledis juntou-se a eles como se fizesse parte de alguma das comitivas que se dirigiam para a cidade, mas quando chegou às portas desta, lembrou-se dos conselhos das idosas e afastou-se, cruzando a corta-mato até voltar a encontrar o caminho.

Aledis sentíu-se satisfeita ao sentir que quanto mais avançava mais se dissipavam os temores que a tinham tomado depois de se ver sozinha no caminho. Quando chegou a norte de Monteada, continuou a cruzar-se com camponeses e mercadores, a maioria a pé, e outros em carroças,mulas ou asnos. Todos se saudavam amavelmente e Aledis começou a desfrutar aquela generosidade no trato. Como já antes fizera, juntou-se a um grupo, desta vez de mercadores, que se dirigia para Ripollet. Ajudaram-na a vadear o rio

Besòs, mas assim que o atravessaram, os mercadores desviaram-se para a esquerda, para Ripollet. Quando Aledis, de novo só, passou de largo e deixou para trás Val Romanas, encontrou-se com o verdadeiro rio Besós: uma corrente de água que, naquela época do ano, ainda não era suficientemente caudalosa para impedir que fosse atravessada a pé.

Aledis olhou para o rio e para o barqueiro, que esperava indolentemente na margem. O homem sorriu com uma absurda expressão de condescendência e mostrou-lhe uns dentes horrivelmente negros. Não lhe restava outro remédio, se queria prosseguir a sua viagem, senão usar os serviços daquele barqueiro de dentes negros. Tentou fechar o decote puxando os cordéis que se cruzavam sobre o peito, mas tinha de segurar a trouxa e não conseguiu. Abrandou o passo. Sempre lhe tinham dito como eram bonitos os seus movimentos, sempre se orgulhara deles quando se sentia observada. Mas todo ele era negrura! Desprendia sujidade. E se soltasse a trouxa? Não. Ele dar-se-ia conta. Não tinha por que temê-lo. A camisa do barqueiro estava ressequida de sujidade. E os pés dele? Santo Deus! Quase não se lhe viam os dedos! Devagar. Devagar. Santo Deus!Que homem mais horroroso!, pensou.

— Quero atravessar o rio — disselhe.

O barqueiro ergueu os olhos do peito de Aledis até aos seus grandes olhos castanhos.

— Pois — limitou-se a responder. Depois, descaradamente, voltou a fixar o olhar no peito dela.

— Não me ouviste?

— Pois sim — repetiu, sem sequer levantar os olhos.

O rumor das águas do Besós rompeu o silêncio. Aledis julgou que podia sentir o roçagar dos olhos do barqueiro sobre os seus seios. A respiração da rapariga acelerou-se, o que ainda lhe realçou mais o peito, e aqueles olhos sanguinolentos esquadrinharam-na até ao último recanto do seu corpo.

Aledis estava sozinha, perdida no interior da Catalunha, na margem de um rio de que nem sequer tinha ouvido falar e que julgava já ter atravessado com os de Ripollet, e na companhia de um homem embrutecido que a olhava com luxúria. Olhou em volta. Não se via vivalma. Alguns metros à sua esquerda, um pouco

afastada da margem, estava uma cabana construída toscamente com troncos mal encaixados, tão arruinada e feia como o seu dono. Em frente à porta da cabana, entre despejos e desperdícios, uma fogueira aquecia uma panela pendurada de um tripé de ferro. Aledis nem quis imaginar o que estaria a cozinhar naquela panela, mas o odor que ela exalava pareceu-lhe repulsivo.

— Tenho de alcançar o exército do rei — começou a dizer-lhe, com voz vacilante.

— Pois — respondeu-lhe outra vez o barqueiro.

— O meu marido é oficial do rei — mentiu, elevando o tom de voz —, e tenho de lhe comunicar que estou grávida antes que ele entre em combate.

— Pois — respondeu ele, voltando a mostrar os dentes negros.

Um fio de baba apareceu na comissura dos lábios do homem. O barqueiro limpou-o com a manga da camisa.

— Por acaso não sabes dizer outra coisa?

— Sim — respondeu o homem semicerrando os olhos. — Os oficiais do rei costumam morrer muito em batalha.

Aledis nem se apercebeu do que lá vinha. O barqueiro desferiu-lhe uma tremenda bofetada na cara. Aledis rodou antes de cair aos pés imundos do seu agressor.

O homem inclinou-se, agarrou-a pelos cabelos e começou a arrastá-la para a cabana. Aledis cravou as unhas na mão dele até sentir que se lhe cravavam na carne, mas ele continuou a arrastá-la. Tentou levantar-se, mas tropeçou várias vezes e voltou a cair. Recuperou e lançou-se de gatas contra as pernas do seu agressor, tentando imobilizá-lo. O barqueiro desembaraçou-se dela e deu-lhe um pontapé na barriga.

Já dentro da cabana, enquanto tentava recuperar o fôlego, Aledis sentiu que o barro e a terra lhe arranhavam o corpo ao som da luxúria do barqueiro.

Enquanto esperava pelas diversas hostes e assembleias do principado, bem como pelos correspondentes víveres, o rei Pedro estabeleceu o seu quartel-general no albergue de Figueras, cidade com representação nas Cortes e próxima da fronteira com o condado do Rossilhão. O infante D. Pedro e os seus cavaleiros instalaram-se em Perelada, e o infante D.Jaime e os restantes

nobres — o senhor de Eixèrica, o conde de Luna, Blasco de Alago, mestre Juan Ximénez de Urrea, Felipe de Castro e mestre Juan Ferrández de Luna, entre outros — espalharam-se, com as suas tropas, pelos arredores de Figueras.

Arnau Estanyol encontrava-se entre as tropas reais. Nos seus vinte e dois anos, nunca vivera uma experiência como a daqueles dias. O acampamento real, onde se encontravam mais de dois mil homens exultantes com a vitória obtida em Maiorca, ávidos de guerra, combates e saques, sem nada para fazer a não ser esperar pela ordem real de marchar para o Rossilhão, eram o pólo oposto da ordem que reinava em Barcelona. A não ser nos momentos em que a tropa recebia instrução ou fazia exercícios de tiro, a vida nos acampamentos girava em torno das apostas, das tertúlias em que os novatos escutavam as terríveis histórias de guerra da boca dos orgulhosos veteranos e, claro, dos gritos e das brigas.

Junto com três jovens vindos de Barcelona e tão inexperientes quanto ele nas artes da guerra, Arnau costumava passear pelo acampamento. Encantavam-no os cavalos e as armaduras, que os serventes se ocupavam de manter brilhantes a todo o momento, e mostravam-nas ao sol, em frente às tendas, numa espécie de competição em que venciam as armas e apetrechos que mais brilhassem ao sol. Mas se as montadas e as armas o encantavam, sofria, em contrapartida, com o suplício da sujidade, do mau cheiro e das miríades de insectos atraídos pelos dejectos de milhares de homens e animais. Os oficiais reais ordenaram a construção de umas longas e fundas valas, para servirem de latrinas, o mais afastadas possível do acampamento, junto a um riacho onde pretendiam depois despejar os detritos dos soldados. No entanto, o riacho estava quase seco e os dejectos amontoavam-se e decompunham-se, originando um fedor pegajoso e insuportável.

Uma manhã em que Arnau e os seus três novos companheiros passeavam por entre as tendas, viram aproximar-se um cavaleiro que regressava depois de se exercitar. O cavalo, que se dirigia para a estrebaria em busca de uma merecida refeição, e de que o descarregassem do peso da armadura que cobria o seu peito e flancos, resfolegava, levantando as patas, enquanto o cavaleiro tentava chegar à sua tenda sem fazer estragos, evitando os

soldados e os haveres que se tinham amontoado nas ruas que tinham sido abertas entre as tendas. Mas o animal, grande e brioso, obrigado a submeter-se aos cruéis freios que tinha na boca, substituía os seus desejos de avançar por um espectacular baile a cujo som lançava o suor branco que empapava os seus costados para quem se cruzasse com ele.

Arnau e o seu grupo afastaram-se o mais que puderam à passagem do cavaleiro, mas com tanta má sorte que nesse preciso instante o animal deslocou a garupa lateralmente com violência e bateu em Jaume, o mais franzino dos quatro, que perdeu o equilíbrio e caiu ao chão. O embate não feriu o rapaz; o cavaleiro, por seu lado, nem sequer olhou para trás e seguiu o seu caminho para uma tenda próxima. No entanto, o pequeno Jaume caiu precisamente no local em que alguns veteranos jogavam aos dados. Um deles perdera já uma quantia equivalente aos benefícios que lhe poderiam caber em todas as futuras campanhas do rei Pedro, e a altercação não se fez esperar. O azarado jogador levantou-se, disposto a descarregar em Jaume a ira que não podia descarregar nos seus companheiros. Era um homem robusto, com cabelos e barbas compridos e sujos, e com uma expressão no rosto, fruto de horas de perdas constantes, que teria amedrontado o mais valoroso dos inimigos.

O soldado agarrou no intrometido e levantou-o pelo colarinho até à altura dos seus olhos. Jaume nem sequer teve tempo de se aperceber do que lhe acontecia. Numa questão de segundos, o cavalo tinha-lhe dado um encontrão, ele caíra e agora era atacado por um energúmeno que lhe gritava e o sacudia até que, sem o soltar, o esbofeteou na cara, conseguindo fazer aparecer um fino fio de sangue na comissura dos lábios do rapaz.

Arnau viu como Jaume esperneava com os pés no ar.

— Deixa-o! Porco! — As suas palavras surpreenderam-no até a si próprio.

Todos se começaram a afastar de Arnau e do veterano. Jaume, que, também surpreendido, deixara de espernear, caiu sentado quando o outro o largou para enfrentar aquele que tinha ousado insultá-lo. De repente, Arnau viu-se no centro de um círculo formado pelos muitos curiosos que se tinham aproximado para presenciar o

espectáculo... Ele e um soldado enfurecido. Se ao menos não o tivesse insultado... Porque tinha de lhe ter chamado porco?

— Ele não teve a culpa... — balbuciou Arnau apontando para Jaume, que ainda nem entendera o que se estava a passar.

Sem dizer uma palavra, o soldado arremeteu contra Arnau como um touro; bateu-lhe no peito e na cabeça e lançou-o vários metros mais para trás, pelo que o círculo se teve de afastar. Arnau sentiu uma dor como se lhe tivesse rebentado o peito. O ar hediondo que se tinha acostumado a respirar parecia ter desaparecido de repente. Respirou fundo. Tentou levantar-se, mas um pontapé na cara lançou-o de novo por terra. Uma dor intensa apoderou-se da sua cabeça enquanto tentava retomar o fôlego e, quando começava a recuperá-lo, um novo pontapé, desta vez nos rins, voltou a derrubá-lo. Depois, a sova foi terrível, ao ponto de Arnau fechar os olhos e se enrolar no chão.

Quando o veterano parou com os seus ataques, Arnau pensou que aquele louco o teria desfeito; contudo, e apesar da dor que sentia, pareceu-lhe ouvir qualquer coisa.

Do chão, onde ainda estava todo enrolado, aguçou o ouvido.

E então ouviu-os.

Ouviu outra vez.

E mais uma, e outra, e muitas outras. Abriu os olhos e olhou para os homens que formavam o círculo, que se fechava à sua volta, e que se riam dele. Apontavam para ele e riam-se. As palavras do pai ecoaram-lhe nos ouvidos maltratados: “Abandonei tudo o que tinha para que tu pudesses ser livre.” Na sua mente aturdida confundiram-se imagens e recordações. Viu o pai pendurado de uma corda na Praça do Blat... Levantou-se, com a cara ensanguentada. Lembrou-se da primeira pedra que tinha levado para a Virgem de la Mar... O veterano estava de costas para ele. O esforço que então tivera de fazer para transportar aquela pedra às costas... A dor, o sofrimento, o orgulho ao descarregá-la...

— Porco!

O barbudo girou nos calcanhares. O acampamento inteiro pôde ouvir o roçar das calças dele ao virar-se.

— Estúpido camponês! — gritou antes de se atirar de novo a Arnau com toda a força.

Nenhuma pedra podia pesar mais do que aquele porco. Nenhuma pedra... Arnau lançou-se ao veterano, agarrou-se a ele, para impedir que lhe batesse e ambos rolaram pelo chão. Arnau conseguiu levantar-se antes do soldado e, em vez de o agarrar, puxou-o pelo cabelo e pelo cinturão de couro que vestia, levantou-o por cima de si como se fosse uma marioneta e atirou-o pelo ar para cima do círculo de curiosos.

O barbudo caiu estrepitosamente sobre os espectadores.

No entanto, aquela demonstração de força não fez arredar o soldado. Acostumado a lutar, em poucos segundos estava de novo diante de Arnau, que se mantinha firmemente fincado no chão, à espera dele. Desta vez, em vez de se lançar sobre ele, o veterano tentou esmurrá-lo, mas Arnau tornou a ser o mais rápido: parou o golpe apanhando-o pelo antebraço e, depois de girar sobre si próprio, tornou a deitá-lo por terra, vários metros mais para trás. No entanto, a forma como Arnau se defendia não feria o soldado e os ataques repetiam-se uma e outra vez.

Por fim, quando o veterano esperava que o seu oponente o tornasse a lançar pelos ares, Arnau descarregou-lhe um soco em cheio na cara, num golpe em que o bastaix colocou toda a raiva que trazia dentro de si.

Os gritos que tinham acompanhado a briga pararam. O barbudo caiu inconsciente aos pés de Arnau, que só queria encolher a mão com que golpeara o outro e aliviar a dor que sentia nos nós dos dedos, mas aguentou os olhares dos outros com os punhos cerrados, como se estivesse pronto para esmurrar de novo. Não te levantes, pensou, olhando para o soldado. Por Deus, não te levantes.

Desajeitadamente, o soldado tentou levantar-se. Não faças isso! Arnau apoiou o pé direito na cara do veterano e empurrou-o para o chão. Não te levantes, filho-da-puta. O outro não se levantou, e os companheiros aproximaram-se para o levar.

— Rapaz! — A voz que o chamava era autoritária. Arnau virou-se e deu com o cavaleiro que causara a briga, ainda vestido com a sua armadura. — Aproxima-te.

Arnau obedeceu, massajando a mão disfarçadamente.

— Chamo-me Eiximèn d'Esparça, escudeiro de sua majestade o rei D. Pedro III, e quero que sirvas sob as minhas ordens. Apresenta-te aos meus oficiais.

CAPÍTULO 28

As três raparigas calaram-se e entreolharam-se quando Aledis se lançou sobre a panela como um animal esfaimado, sem respirar, de joelhos, metendo as duas mãos na sopa para recolher os bocados de carne e de verduras, e depois sem parar de olhar para elas por cima da escudela. Uma delas, a mais jovem, com uma cascata de cabelos louros encaracolados que lhe caíam sobre um vestido azul-celeste, cerrou os lábios para as outras duas: qual delas não tinha passado pelo mesmo, parecia perguntar-lhes. As companheiras assentiram com o olhar e afastaram-se as três alguns passos de Aledis.

Depois de se terem afastado, a rapariga do cabelo louro virou-se para o interior da tenda, onde, protegidas do sol de Julho que caía a pique sobre o acampamento, outras quatro raparigas, algo mais velhas que as de fora, e a patroa, sentada num tamborete, não tiravam os olhos de Aledis. A patroa tinha consentido com um aceno de cabeça quando Aledis aparecera, e permitira que lhe dessem comida; desde então, não parara de observá-la: esfarrapada e suja, mas bonita... e jovem. Que fazia ali aquela rapariga? Não era uma vagabunda, nem uma mendiga como elas. Também não era uma prostituta; recuara instintivamente quando se encontrara com aquelas que o eram. Estava suja, sim; tinha a camisa rasgada, também; o cabelo era um emaranhado de farrapos oleosos, claro. No entanto, os seus dentes eram brancos como a neve. Aquela jovem nunca conhecera a fome, nem as doenças que escureciam os dentes. Que faria ela ali? Tinha de estar a fugir de alguma coisa, mas de quê?

A patroa fez um gesto a uma das mulheres que a acompanhavam no interior da tenda.

— Quero-a limpa e arranjada — sussurrou quando a outra se inclinou para ela. A mulher olhou para Aledis, sorriu e assentiu.

Aledis não conseguiu resistir: “Precisas de tomar um banho”, disselhe, quando acabou de comer, outra das prostitutas, que saíra do interior da tenda. Um banho! Há quantos dias que não se lavava? Dentro da tenda prepararam-lhe uma selha de água fresca e Aledis sentou-se nela, com as pernas encolhidas. As mesmas três raparigas que a tinham acompanhado enquanto comia ocuparam-se dela e lavaram-na. Porque não havia de deixar? Não poderia apresentar-se diante de Arnau naquele estado. O exército estava acampado ali muito perto, e nele estaria Arnau. Conseguira! Porque não deixar-se lavar? Também deixou que a vestissem. Procuraram para ela um vestido menos vistoso, mas mesmo assim... “As mulheres públicas devem vestir-se com tecidos coloridos”, dissera-lhe a mãe quando, em pequena, confundira uma prostituta com uma mulher nobre e tentara dar-lhe passagem. “Então, como é que as distinguimos?”, perguntara Aledis. “O rei obriga-as a vestirem-se assim, mas proíbe-lhes o uso de capa ou agasalho, mesmo no Inverno. Assim poderás distinguir as prostitutas: nunca usam nada por cima dos ombros.”

Aledis voltou a olhar-se. As mulheres da sua classe, as esposas dos artesãos, nunca podiam vestir-se de cor — assim mandava o rei; e, no entanto, que bonitos eram aqueles tecidos! Mas como ia apresentar-se diante de Arnau, vestida daquela maneira? Os soldados tomá-la-iam por... Levantou um braço para ver as costas.

— Gostas?

Aledis virou-se e viu a patroa junto à entrada da tenda. Antónia, que assim se chamava a loura de cabelo encrespado que a tinha ajudado a vestir-se, desapareceu a um sinal da primeira.

— Sim... Não... — Aledis voltou a olhar-se. O vestido era verde-claro. Teriam aquelas mulheres alguma coisa que pudesse pôr por cima dos ombros? Se se tapasse, ninguém pensaria que ela fosse uma prostituta.

A patroa olhou-a de alto a baixo. Não se enganara. Um corpo voluptuoso que faria as delícias de qualquer oficial. E os olhos? As duas mulheres olharam-se. Eram enormes. Castanhos. E, no entanto, pareciam tristes.

— O que te trouxe aqui, rapariga?

— O meu marido. Está no exército e abalou sem saber que vai ser pai. Queria dizer-lhe isso, antes que entre em combate.

Disse isto a correr, tal como dissera aos mercadores que a tinham recolhido em Besós, quando o barqueiro, depois de consumar a violação e enquanto tentava desfazer-se dela afogando-a no rio, se vira surpreendido pela presença deles e desatara a fugir. Aledis acabara por se render àquele homem e soluçara deitada no barro enquanto ele a forçava ou enquanto a arrastava para o rio. O mundo não existia, o sol apagara-se e os empurrões do barqueiro perdiam-se no seu interior, misturando-se com as recordações e a impotência Quando os mercadores chegaram perto dela e a viram ultrajada, apiedaram-se dela.

— Temos de o denunciar ao corregedor — disseram-lhe.

Mas... Que haveria ela de dizer ao representante do rei? E se o marido a estivesse a perseguir? E se a descobrissem? Começaria um processo e ela não podia...

— Não. Tenho de chegar ao acampamento real antes que as tropas partam para o Rossilhão — dissera-lhes, depois de explicar que estava grávida e que o marido não sabia. — Então, contarei ao meu marido e ele decidirá.

Os mercadores tinham-na acompanhado até Gerona. Aledis separou-se deles na igreja de Sant Feliu, fora de muros da cidade; o mais velho de entre eles abanara a cabeça ao vê-la só e desorientada junto às paredes da igreja. Aledis recordou-se do conselho das velhas: “não entres em nenhuma vila ou cidade”, e ela não o fizera em Gerona, uma cidade de seis mil habitantes. De onde se encontrava conseguia ver o telhado da igreja de Santa Maria, a sé, em construção; ao lado, o palácio do bispo, e ao lado deste a torre Gironella, alta e forte, e a maior defesa da cidade. Olhou para tudo durante uns instantes e voltou a pôr-se a caminho para Figueras.

A patroa, que continuava a observar enquanto Aledis recordava a sua viagem, viu que a rapariga tremia.

A presença do exército em Figueras levara para ali centenas de pessoas. Aledis somou-se a elas, acossada pela fome. Não conseguia lembrar-se dos rostos. Deram-lhe pão e água fresca. Alguém lhe dera umas verduras. Passaram a noite a norte do rio

Fluviá, aos pés do castelo de Pontons, que protegia a passagem do rio pela cidade de Baseara, a meio caminho entre Gerona e Figueras. Aí, os viajantes cobraram-lhe a comida e dois deles montaram-na selvaticamente durante a noite. Já nem se importava! Aledis procurou na memória o rosto de Arnau e protegeu-se nele. No dia seguinte seguiu-os como um animal, uns passos mais atrás, mas não lhe deram comida, nem sequer lhe falaram e, por fim, deixaram-na no acampamento.

E agora... Que estava aquela mulher a olhar? Os olhos dela não se afastavam do seu ventre! Aledis notou como o vestido lhe estava justo na barriga, plana e rija. Mexeu-se, inquieta, e baixou os olhos.

A patroa deixou escapar um esgar de satisfação que Aledis não conseguiu ver. Quantas vezes assistira àquelas confissões silenciosas? Raparigas que inventavam histórias, incapazes de manter as suas mentiras perante a mais leve pressão. Punham-se nervosas e baixavam os olhos, como esta. Quantas gravidezes já vira? Dezenas, centenas? Nunca uma rapariga lhe dissera estar grávida tendo uma barriga tão plana e rija como aquela. Um atraso? Podia ser que sim. Mas era inimaginável que apenas por uma falta viesse a correr contar isso ao marido, a caminho da guerra.

— Assim vestida, não te podes apresentar no acampamento real. — Aledis levantou os olhos e voltou a mirar-se. — Estamos proibidas de lá ir. Se quiseres, eu posso encontrar o teu marido.

— A senhora? Seria capaz de me ajudar? Porque havia de o fazer?

— Por acaso não te ajudei já? Dei-te de comer, lavei-te e vesti-te. Mais ninguém o fez neste acampamento de loucos, pois não? — Aledis anuiu. Um calafrio percorreu-lhe o corpo ao lembrar-se de como a tinham tratado. — Então porque achas estranho? — prosseguiu a mulher. Aledis hesitou. — Somos mulheres públicas, é certo, mas isso não significa que não tenhamos coração. Se alguém me tivesse ajudado, há uns anos... — A patroa parou com o olhar perdido e as suas palavras flutuaram no interior da tenda. — Bem, não interessa. Se quiseres, posso fazê-lo. Conheço muita gente no acampamento e não me seria difícil fazer vir o teu marido.

Aledis avaliou a oferta. Porque não? A patroa pensou na sua futura aquisição. Não seria difícil fazer desaparecer o marido,

bastava uma simples corrida pelo acampamento... Devíam-lhe muitos favores, aqueles soldados. Depois, quem acudiria à rapariga? Estaria sozinha. Entregar-se-lhe-ia. A gravidez, a ser verdade, não seria problema: quantas não tinha já solucionado por apenas algumas moedas?

— Agradeço-lhe — consentiu Aledis. Já estava. Já era sua.

— Como se chama o teu marido e de onde vem?

— Vem com a host de Barcelona e chama-se Arnau, Arnau Estanyol — a patroa estremeceu. — Algum problema? — perguntou Aledis.

A mulher procurou o tamborete e sentou-se. Transpirava.

— Não — respondeu. — Deve ser este maldito calor. Chega-me esse leque.

— Não podia ser! — dizia a mulher para consigo enquanto Aledis atendia ao que lhe pedira.

Arfava e os seios elevavam-se. Arnau Estanyol! Não podia ser.

— Descreve-me o teu marido — disselhe, sentada e abanando-se com o leque.

— Oh, deve ser muito fácil dar com ele. É bastaix do porto. É jovem e forte, alto e elegante, e tem um sinal perto do olho direito.

A patroa continuou a abanar-se em silêncio. O seu olhar ia muito para lá de Aledis: ia até uma aldeia chamada Navarcles, até uma festa de casamento, a uma enxerga e a um castelo... Até Llorenç de Bellera, ao escárnio, à fome, à dor... Quantos anos tinham passado? Vinte? Sim, deviam ser vinte, talvez até mais. E agora...

Aledis interrompeu-lhe o silêncio:

— Conhece-o?

— Não... não.

Tinha chegado a conhecê-lo? Na verdade, pouco recordava dele. Ela própria era apenas uma criança, então!

— Ajuda-me a encontrá-lo? — voltou a interrompê-la Aledis.

“E quem me ajudará a mim se me encontrar com ele a sós?” Precisava de ficar sozinha.

— Assim farei — afirmou, apontando-lhe a saída da tenda.

Quando Aledis saiu, Francesca levou as mãos à cara. Arnau! Chegara a esquecê-lo. Obrigara-se a fazê-lo, e agora, vinte anos mais tarde... Se a rapariga estivesse a falar verdade, aquele filho

que trazia nas entranhas seria... seu neto! E ela que chegara a pensar em matá-lo. Vinte anos! Como seria ele? Aledis tinha-lhe dito que era alto, forte e elegante. Mas não o recordava, nem sequer como recém-nascido. Conseguira-lhe o calor da forja, mas depressa deixara de conseguir chegar perto do sítio onde se encontrava o filho.

"Malditos! Eu era ainda uma criança e todos faziam fila para me violar!" Uma lágrima começou a deslizar-lhe pelo rosto. Há quanto tempo não chorava? Vinte anos antes não o fizera. O menino ficará melhor com Bernat, pensara. Ao inteirar-se de tudo aquilo, Dona Catarina esbofeteara-a e ela acabara arrastando-se entre a soldadesca, primeiro, e entre os desperdícios e o lixo, depois, junto à muralha do castelo. Já ninguém a queria, e vagueava por entre imundícies e lixos, juntamente com uma chusma de desgraçados como ela, lutando por restos de comida apodrecida e cheia de vermes. Aí encontrara uma rapariguinha. Estava magra, mas era bonita. Ninguém a vigiava. Talvez se... Ofereceu-lhe restos de comida, dos que guardava para si. A garota sorriu e os seus olhos iluminaram-se: provavelmente, não conhecia outra vida a não ser aquela. Lavou-a num riacho e esfregou-lhe a pele com areia até que ela gritou de dor e de frio. Depois, só tivera de levá-la a um dos oficiais do castelo do senhor de Bellera. Aí começara tudo. "Endureci, filho, endureci ao ponto de o meu coração se ter empedernido. Que te contou de mim o teu pai? Que te abandonei à morte?"

Nessa mesma noite, quando os oficiais do rei e os soldados bafejados pela sorte aos dados ou às cartas vieram à tenda, Francesca perguntou por Arnau.

— O bastaix?— respondeu um deles. — Claro que o conheço; toda a gente o conhece. — Francesca inclinou a cabeça. — Dizem que venceu um veterano que toda a gente receava — explicou o oficial —, e que Eiximèn d'Esparça, o escudeiro do rei, o recrutou para a sua guarda pessoal. Tem um sinal junto do olho. Treinaram-no para usar o punhal, sabes? Desde aí, já competiu em várias lutas, e venceu em todas. Vale a pena apostar a favor dele — o oficial sorriu. — Porque te interessas por ele? — acrescentou, abrindo o sorriso.

Porque não haveria de dar asas a uma imaginação reconfortante, pensou Francesca. Era difícil oferecer outra explicação. E piscou um olho ao oficial.

— Estás muito velha para tanto homem — riu-se o soldado.

Francesca não se demoveu.

— Traz-mo, e não te arrependerás.

— Aonde? Aqui?

E se, no fim de contas, Aledis estivesse a mentir? Nunca as suas primeiras impressões lhe tinham falhado.

— Não. Aqui, não.

Aledis afastou-se alguns passos da tenda de Francesca. A noite estava bonita, com o céu estrelado, e quente, com uma Lua que tingia de amarelo a escuridão. A rapariga olhava para o céu e para os homens que entravam na tenda e saíam acompanhados por algumas das raparigas; depois, dirigiam-se para uns arbustos, de onde regressavam passado algum tempo, umas vezes a rir, outras vezes em silêncio. E faziam isso uma e outra vez. De cada vez que o faziam, as mulheres dirigiam-se à selha onde Aledis se banhara e lavavam as partes, olhando-a com descaramento, como fizera aquela mulher a quem, certa vez, a mãe não lhe permitira que cedesse a passagem.

— Porque não a prendem? — perguntara então Aledis à mãe.

Eulália olhara para a filha, avaliando se já era suficientemente adulta para receber uma explicação.

— Não podem fazê-lo; tanto o rei como a Igreja permitem-lhes exercer a sua profissão — Aledis olhava para a mãe, incrédula. — Sim, filha, sim. A Igreja diz que as mulheres públicas não podem ser castigadas pela lei terrena, que isso será feito pela lei divina — como poderia explicar a uma criança que a verdadeira razão pela qual a Igreja mantinha aquela regra era apenas para evitar o adultério ou as relações contranatura? Eulália olhara de novo para a filha. Não, ainda não podia saber o que eram relações contranatura.

Antónia, a jovem dos cabelos louros frisados, estava junto da selha e sorriu-lhe. Aledis cerrou os lábios num trejeito a fazer de sorriso e deixou-a tratar da sua vida.

Que mais lhe contara a mãe?, pensava, tentando distrair-se. Que não podiam viver em cidade, vila ou lugar algum em que vivessem

pessoas honestas, sob pena de serem expulsas mesmo das suas próprias casas se os vizinhos assim o pedissem. Que estavam obrigadas a escutar sermões religiosos para procurar a sua reabilitação. Que não podiam usar os banhos públicos a não ser às segundas e às quintas-feiras, dias reservados a judeus e sarracenos. E que com o seu dinheiro podiam fazer caridade, mas nunca uma oferenda diante do altar.

Antónia, de pé sobre a selha, com a saia repuxada numa mão, continuava a lavar-se com a outra, e continuava a sorrir-lhe! De cada vez que se erguia depois de apanhar água com a mão para a levar entre as pernas, olhava-a e sorria-lhe. E Aledis tratava de lhe devolver o sorriso, tentando não baixar o olhar para o púbis dela, exposto à luz da Lua.

Porque lhe sorria ela? Devia ser apenas uma criança ainda, e já estava condenada. Uns anos antes, logo depois de o pai ter negado o seu casamento com Arnau, a mãe levara-as, a ela e a Alesta, ao mosteiro de São Pedro de Barcelona. “Que o vejam!”, ordenara o curtidor à mulher. O átrio estava cheio de portas que tinham sido arrancadas dos gonzos, e estavam encostadas às arcadas ou atiradas para o pátio. O rei Pedro concedera à abadessa de São Pedro o privilégio de, com a sua autoridade e sem implorar auxílio de ninguém, poder ordenar às mulheres desonestas que saíssem das suas paróquias, e depois arrancar as portas das casas delas e levá-las para o átrio do mosteiro. A abadessa pusera de imediato mãos à obra e de que maneira!

— Tudo isto é de gente despejada? — perguntara Alesta enquanto agitava uma mão aberta e recordava como os tinham despejado a eles de sua casa, antes de irem para a de Pere e Mariona: tinham arrancado a porta por falta de pagamento.

— Não, filha — respondera a mãe. — Isto é o que acontece às mulheres que não cumprem com a castidade.

Aledis reviveu aquele momento. Enquanto falava, a mãe olhara para ela directamente, com os olhos semicerrados.

Afastou aquela má recordação da mente movendo a cabeça de um lado para o outro, até se encontrar de novo com Antónia e o seu púbis louro, coberto de pêlos encaracolados, como os cabelos da sua cabeça. Que faria com Antónia a abadessa de São Pedro?

Francesca saiu da tenda em busca da rapariga. “Menina!”, gritou-lhe. Aledis observou como Antónia saltava da selha, se calçava e entrava a correr na tenda. Depois, o seu olhar encontrou o de Francesca por alguns segundos, antes de a patroa regressar aos seus afazeres. Que escondia aquele olhar?

Eiximèn d'Esparça, escudeiro de sua majestade o rei Pedro III, era uma personagem importante, bastante mais importante pelo seu estatuto que pela sua compleição, porque no momento em que se apeou do imponente cavalo de guerra e tirou a armadura mostrou-se um homem baixo e magro. Débil, concluiu Arnau, temendo que o nobre adivinhasse os seus pensamentos.

Eiximèn d'Esparça estava no comando de uma companhia de almogávares que pagava do seu próprio pecúlio. Quando olhava para os seus homens, era assaltado por dúvidas. Onde estaria a lealdade daqueles mercenários? Na sua mesnada, apenas na sua mesnada. Por isso, gostava de se rodear de uma guarda pretoriana, e o combate de Arnau tinha-o impressionado.

— Que arma sabes utilizar? — perguntou a Arnau o oficial do escudeiro real. O bastaix mostrou a balestra do pai. — Isso já eu imaginava. Todos os catalães sabem usá-la; é sua obrigação. Alguma outra?

Arnau fez que não com a cabeça.

— E esse punhal? — O oficial apontou para a arma que Arnau trazia à cinta, e desatou a rir em gargalhadas sonoras, lançando a cabeça para trás, quando Arnau lhe mostrou o punhal rombo. — Com isso — acrescentou, ainda a rir — não conseguirias rasgar nem sequer o hímen de uma donzela. Treinarás com um punhal de verdade, no corpo-a-corpo.

Procurou numa arca e entregou-lhe um machete, muito maior e mais longo que o seu punhal de bastaix. Arnau passou um dedo pela lâmina. A partir daí, dia após dia, Arnau juntou-se à guarda de Eiximèn d'Esparça para treinar a luta corpo-a-corpo com o seu novo punhal. Também lhe forneceram um uniforme colorido que incluía uma cota de malha, um elmo — que procurava polir até ficar reluzente — e fortes sapatos de couro que se atavam às pernas por meio de tiras cruzadas. Os duros treinos alternavam com combates reais, corpo-a-corpo, sem armas, organizados pelos oficiais dos

nobres do acampamento. Arnau tornou-se o representante das tropas do escudeiro real e não passou um dia sem que participasse numa ou duas lutas diante de toda a gente, que se amontoava em seu redor, gritando e trocando apostas.

Foram suficientes umas quantas lutas para que Arnau alcançasse fama entre os soldados. Quando passeava entre eles, nos poucos momentos de folga que tinha, sentia-se observado e apontado. Que estranha sensação era aquela de sentir que provocava o silêncio à sua passagem!

O oficial de Eiximèn d'Esparça sorriu quando o seu companheiro lhe fez a pergunta:

— Também posso desfrutar de uma das mulheres dela? — quis saber.

— Claro. A velha está empenhada no teu soldado. Nem podes imaginar como lhe brilhavam os olhos.

Os dois riram-se.

— Aonde devo levá-lo?

Francesca escolheu para a ocasião uma pequena taberna nos arredores de Figueras.

— Não faças perguntas e obedece — disse o oficial a Arnau —, há alguém que te quer ver.

Os dois oficiais acompanharam-no até à taberna e, uma vez lá, até ao mísero quarto onde o esperava Francesca.

Quando Arnau entrou, fecharam a porta e trancaram-na por fora. Arnau virou-se e tentou abri-la; depois, bateu na porta.

— Que se passa? — gritou. — Que significa isto?

Teve por resposta as gargalhadas dos oficiais.

Arnau escutou-os durante uns segundos. Que significava aquilo?

De repente, notou que não estava sozinho e virou-se. Francesca, de pé, observava-o apoiada contra a janela, tenuemente iluminada pela luz de uma vela que estava pendurada numa das paredes; apesar da penumbra, o seu vestido verde brilhava. Uma prostituta! Quantas histórias de mulheres tinha ouvido ao calor das fogueiras do acampamento, quantos se gabavam de ter gasto o seu dinheiro com uma rapariga, sempre melhor, mais bela e mais voluptuosa que a do anterior. Então, Arnau calava-se e baixava os olhos: ele chegara ali fugindo de duas mulheres! Talvez... Talvez aquela

partida tivesse sido o resultado dos seus silêncios, da sua aparente falta de interesse pelas mulheres... Quantas vezes lhe tinham lançado provocações perante os seus silêncios?

— Que brincadeira é esta? — perguntou a Francesca. — Que queres de mim?

Ainda não o via. A vela não iluminava o suficiente, mas aquela voz... A voz era já a de um homem, e era grande e alto, como a rapariga lhe dissera. Notou que os joelhos lhe tremiam e as pernas lhe fraquejavam. O seu filho!

Francesca teve de pigarrear antes de falar.

— Tranquiliza-te. Não quero nada que possa comprometer a tua honra. Em qualquer caso — acrescentou —, estamos sós; que poderia fazer eu, uma fraca mulher, contra um homem jovem e forte como tu?

— Então, porque se riem aqueles lá fora? — perguntou Arnau, ainda junto da porta.

— Deixa que se riam o que quiserem. A mente dos homens é retorcida, e em geral agrada-lhes acreditar sempre no pior. Talvez, se lhes tivesse dito a verdade, se lhes tivesse contado as razões da minha insistência em ver-te, não se tivessem mostrado tão dispostos como estiveram quando a imaginação lhes avivou a luxúria.

— Que haviam eles de pensar de uma prostituta e de um homem fechados num quarto de uma taberna? Que se pode esperar de uma prostituta?

O tom dele foi duro, contundente. Francesca conseguiu recompor-se.

— Também somos pessoas — disse, levantando a voz. — Santo Agostinho escreveu que seria Deus quem havia de julgar as meretrizes.

— Não me terás feito vir até aqui para falar de Deus?

— Não — Francesca aproximou-se dele; tinha de lhe ver o rosto. — Dissete para vires para te falar da tua mulher.

Arnau hesitou. Era de facto muito elegante.

— Que se passa? Como é possível...

— Está grávida.

— Maria?

— Aledis... — corrigiu Francesca, sem pensar; mas ele tinha dito Maria?

— Aledis?

Francesca viu que o jovem estremecera. Que significava aquilo?

— Que fazem aí, falando tanto? — ouviu-se gritarem do outro lado da porta, entre fortes pancadas e gargalhadas. — Que se passa, patroa? É demasiado homem para ti?

Arnau e Francesca olharam-se. Ela fez-lhe sinal para que se afastasse da porta e Arnau obedeceu. Os dois baixaram a voz.

— Disseste Maria? — perguntou-lhe Francesca quando já estavam perto da janela, no extremo oposto do quarto.

— Sim. A minha mulher chama-se Maria.

— E quem é Aledis, então? Ela disseme...

Arnau disse que não com a cabeça. Seria tristeza o que aparecera nos seus olhos?, perguntou-se Francesca. Arnau perdera a compostura: os braços caíam-lhe dos ombros e o pescoço, antes tão direito, parecia incapaz de suportar o peso da cabeça. No entanto, não respondeu. Francesca sentiu uma dor no mais profundo do seu ser. Que se passa, filho?

— Quem é Aledis? — insistiu.

Arnau tornou a negar com a cabeça. Tinha deixado tudo; Maria, o seu trabalho, a Virgem... e agora, ali estava, grávida! Toda a gente ia saber. Como poderia regressar a Barcelona, ao seu trabalho, à sua casa?

Francesca desviou o olhar para a janela. Lá fora estava escuro. O que era aquela dor que a oprimia? Vira homens arrastando-se, mulheres escorraçadas; presenciara a morte e a miséria, a doença e a agonia, mas nunca, até então, se sentira assim.

— Não acredito que esteja a falar verdade — afirmou, com a garganta apertada, sem deixar de olhar pela janela. Notou como Arnau se aproximava dela.

— Que queres dizer?

— Que creio que não está grávida, que está a mentir.

— Que diferença faz? — ouviu-se Arnau dizer a si próprio.

Estava ali, era o suficiente. Seguia-o, voltando a acossá-lo. De nada servia tudo o que tinha feito.

— Eu podia ajudar-te.

— E porque havias de o fazer?

Francesca virou-se para ele. Quase se tocavam. Podia senti-lo. Conseguia sentir o cheiro dele. “Porque és meu filho!” poderia dizer-lhe; seria esse o momento certo, mas... que teria contado Bernat acerca dela? De que serviria que aquele rapaz soubesse que a sua mãe era uma mulher pública? Francesca estendeu uma mão, a tremer. Arnau não se mexeu. De que serviria? Deteve o gesto. Tinham-se passado mais de vinte anos e ela não passava de uma prostituta.

— Porque ela me enganou a mim — respondeu-lhe. — Dei-lhe de comer, vestia e acolhia. Não gosto que me enganem. Pareces-me boa pessoa e creio que também te está a tentar enganar a ti.

Arnau olhou-a directamente nos olhos. Que diferença lhe fazia isso agora? Livre do marido e longe de Barcelona, Aledis contaria tudo, e ainda por cima aquela mulher... Que havia nela que se tornava tranquilizador?

Arnau baixou a cabeça e começou a falar.

CAPÍTULO 29

O rei Pedro III, o Cerimonioso, estava já há seis dias em Figueras quando, a 28 de Julho de 1343, ordenou que levantassem o acampamento e iniciassem a marcha para o Rossilhão.

— Terás de esperar — disse Francesca a Aledis, enquanto as raparigas desmontavam a tenda para seguirem o exército. — Quando o rei dá ordem de marcha, os soldados não podem abandonar as fileiras. Talvez no próximo acampamento...

Aledis interrogou-a com o olhar.

— Já lhe mandei recado — acrescentou Francesca, sem dar importância. — Vens connosco?

Aledis assentiu.

— Pois então, ajuda — ordenou-lhe Francesca.

Mil e duzentos homens a cavalo e mais de quatro mil a pé, armados para a guerra e com provisões para oito dias, puseram-se em movimento em direcção a La Junquera, a pouco mais de meia jornada de Figueras. Atrás do exército, uma infinidade de carros, mulas e todo o tipo de gente. Uma vez em La Junquera, o rei

mandou acampar outra vez; um novo mensageiro do Papa, um frade agostinho, trazia outra carta de Jaime III. Quando Pedro III conquistara Maiorca, o rei Jaime acorrera ao Papa, em busca de ajuda; frades, bispos e cardeais tinham mediado sem êxito perante o Cerimonioso.

Como acontecera com os anteriores, o rei não fez caso do novo enviado papal. O exército passou a noite em La Junquera. Seria o momento?, pensava Francesca enquanto observava como Aledis ajudava as outras raparigas com a comida. Não, concluiu. Quanto mais longe estivessem de Barcelona, da antiga vida de Aledis, mais oportunidade teria Francesca. “Temos de esperar”, respondera, quando a rapariga perguntara por Arnau.

Na manhã seguinte, o rei levantou o acampamento de novo.

— Para Panissars! Em ordem de batalha! Em quatro grupos dispostos para combate.

A ordem correu pelas fileiras do exército. Arnau ouviu-a junto à guarda pessoal de Eiximèn d'Esparça, pronta para marchar. Para Panissars! Alguns gritavam-no, outros apenas o sussurravam, mas todos o faziam com orgulho e respeito. O desfiladeiro de Panissars! A passagem pelos Pirenéus, das terras catalãs para as do Rossilhão. A apenas meia légua de La Junquera, nessa noite, em redor de todas as fogueiras, podiam ouvir-se as façanhas de Panissars.

Tinham sido eles, os Catalães, seus pais, seus avós, que tinham vencido os Franceses. Só eles, os Catalães! Anos antes, o rei Pedro, o Grande, fora excomungado pelo Papa por ter conquistado a Sicília sem o seu consentimento. Os Franceses, sob o comando do rei Filipe, o Atrevido, declararam guerra ao herege, em nome da Cristandade, e com a ajuda de alguns traidores, atravessaram os Pirenéus pela passagem de la Maçana.

Pedro, o Grande, teve de bater em retirada. E os nobres e cavaleiros de Aragão abandonaram o rei e partiram com os seus exércitos para as suas terras.

— Só restávamos nós! — disse alguém no meio da noite, fazendo calar mesmo o sussurro da fogueira.

— E Roger de Llúria! — respondeu outro.

O rei, desbaratados os seus exércitos, teve de deixar que os Franceses invadissem a Catalunha, enquanto esperava que chegassem reforços da Sicília, por mão do almirante Roger de Llúria. Pedro, o Grande, ordenou ao visconde Ramon Folch de Cardona, defensor de Gerona, que resistisse ao assédio dos Franceses até que Roger de Llúria chegasse à Catalunha. O visconde de Cardona assim fez e defendeu epicamente a cidade até o seu monarca lhe permitir que rendesse a cidade ao invasor.

Roger de Llúria chegou e derrotou a armada francesa; entretanto, em terra, o exército francês viu-se assolado por uma epidemia.

— Profanaram o túmulo de São Narciso quando tomaram Gerona — interveio alguém.

Milhões de moscas saíram do sepulcro do santo, segundo diziam os velhos do lugar, quando os Franceses o profanaram. Esses insectos propagaram a epidemia entre as fileiras francesas. Derrotados no mar, doentes em terra, o rei Filipe, o Atrevido, solicitou uma trégua para retirar sem que houvesse uma matança.

Pedro, o Grande, permitiu-a, mas, avisou, apenas em seu nome, no dos nobres e dos seus cavaleiros.

Arnau ouviu os gritos dos almogávares que entravam em Panissars. Protegendo os olhos, olhou para cima, para as montanhas que rodeavam a passagem, e onde reverberavam os gritos dos mercenários. Ali, junto a Roger de Llúria, observados de cima por Pedro, o Grande, e os seus nobres, os mercenários acabaram com o exército francês, depois de matarem milhares de homens. No dia seguinte, em Perpignan, morreu Filipe, o Atrevido, e acabou a cruzada contra a Catalunha.

Os almogávares continuavam a gritar ao longo de todo o desfiladeiro, desafiando um inimigo que não apareceu; talvez se lembrassem do que lhes tinham contado os seus pais ou avós sobre o que se tinha passado ali mesmo, uns cinquenta anos antes.

Aqueles homens esfarrapados, que quando não guerreavam como mercenários viviam nos bosques e nas montanhas, dedicando-se a saquear e a devastar terras sarracenas, fazendo letra morta de qualquer tratado que os reis cristãos da península tivessem combinado com os chefes mouros, andavam ali à vontade.

Arnau comprovou isso no caminho de Figueras para La Junquera, e agora via-o de novo: dos quatro grupos em que o rei dividira o exército, os três restantes marchavam em formação, sob os seus pendões, mas o dos almogávares fazia-o em desordem, gritando, ameaçando, rindo e até troçando do inimigo que não aparecia e do que noutros tempos o tinha feito.

— Não têm chefes? — perguntou Arnau depois de ver como os almogávares, quando Eiximèn d'Esparça ordenara que fizessem alto, os ultrapassavam de forma desordenada e despreocupada, e prosseguiam o seu caminho.

— Não parece, pois não? — respondeu um veterano, firme ao seu lado, como todos os que compunham a guarda pessoal do escudeiro real.

— Não. Não parece.

— Mas sim, têm chefes, e que se atrevam a desobedecer-lhes... Não são chefes como os nossos. — O veterano apontou para Eiximèn d'Esparça; depois, tirou um insecto imaginário da sua escudela e agitou-o no ar. Vários soldados juntaram-se aos risos de Arnau. — Isso, sim, são chefes — continuou o veterano, pondo-se sério de repente. — Ali, não serve de nada ser filho de alguém, chamar-se fulano ou beltrano, ou ser o protegido do conde, ou o que seja. Os mais importantes são os adalils. — Arnau olhou para os almogávares, que continuavam a passar ao seu lado. — Não, não te esforces; não conseguirias distingui-los. Vestem-se todos de igual, mas eles sabem muito bem quem são. Para se chegar a ser adalil são precisas quatro virtudes: sabedoria para conduzir as hostes; ser esforçado e saber exigir o mesmo esforço aos homens que cada um comanda; ter dotes naturais para o comando e, sobretudo, ser leal.

— Isso é o mesmo que dizem que ele tem — interrompeu-o Arnau, apontando para o escudeiro real e fazendo o mesmo gesto com os dedos da mão direita.

— Sim, mas a esse ninguém lho discutiu, nem se discute. Para se chegar a ser adalil dos almogávares é necessário que doze outros adalils jurem, sob pena de morte, que o aspirante cumpre essas condições. Não restariam nobres no mundo se tivessem de jurar da mesma forma sobre os seus iguais... sobretudo quando se trata de lealdade.

Os soldados que ouviam a conversa anuíram, sorrindo. Arnau tornou a olhar para os almogávares. Como podiam matar um cavalo com uma simples lança e em plena carga?

— Abaixo dos adalils — continuou a explicar o veterano — estão os almogatens; têm de ser peritos na guerra, esforçados, ligeiros e leais, e a sua forma de escolha é a mesma; doze almogatens têm de jurar que o candidato reúne essas qualidades.

— Sob pena de morte? — perguntou Arnau.

— Sob pena de morte — confirmou o veterano. O que Arnau não podia imaginar era que a rebeldia daqueles guerreiros chegara ao ponto de desobedecerem ao rei. Pedro III ordenara que, depois de atravessado o desfiladeiro de Panissars, o exército se dirigisse para a capital do Rossilhão: Perpignan. No entanto, quando as tropas o tinham acabado de cruzar, os almogávares separaram-se delas em direcção ao castelo de Bellaguarda, erguido no cimo do pico do mesmo nome, situado sobre o desfiladeiro de Panissars.

Arnau e os soldados do escudeiro real viram como eles marchavam, subindo ao topo do Bellaguarda. Continuavam a gritar, como tinham feito ao longo de todo o desfiladeiro. Eiximèn d'Esparça voltou-se para onde se encontrava o rei, que também os observava.

Mas Pedro III não fez nada. Como deter aqueles mercenários? Virou costas e continuou o seu caminho para Perpignan. Esse foi o sinal para Eiximèn d'Esparça: o rei admitia o assalto ao castelo de Bellaguarda, mas era ele quem pagava aos almogávares; se havia algum saque, ele teria de estar lá. Assim, enquanto o grosso do exército continuava em formação, Eiximèn d'Esparça e os seus homens iniciaram a subida até Bellaguarda, atrás dos almogávares.

Os catalães sitiaram o castelo e, durante o resto do dia e durante toda a noite, os mercenários dedicaram-se a abater árvores para construírem máquinas de assédio: escadas de assalto e um grande aríete montado sobre rodas, que oscilava por meio de umas cordas que pendiam de um tronco superior, coberto de peles para proteger os homens que o iriam manejar.

Arnau estivera a fazer guarda em frente aos muros de Bellaguarda. Como se assaltava um castelo? Teriam de ir de peito descoberto, para cima, enquanto os defensores se limitariam a

disparar contra eles, resguardados pelas ameias. Ali estavam. Via como eles assomavam e os olhavam. A certa altura, pareceu-lhe que algum dos defensores estava a olhar directamente para ele. Pareciam tranquilos, enquanto ele tremia ao notar a atenção daqueles assediados.

— Parecem muito seguros de si — comentou para um dos veteranos que estava a seu lado.

— Não te deixes enganar — respondeu o outro. — Ali dentro, estão a passar por muito pior que nós. Além disso, já viram os almogávares.

Os almogávares; sempre os almogávares. Arnau voltou-se para eles. Trabalhavam sem descanso, agora perfeitamente organizados. Ninguém ria, nem discutia; trabalhavam.

— Como podem eles fazer tanto medo aos que estão por detrás destas muralhas? — perguntou.

O veterano riu-se.

— Nunca os viste a lutar, pois não? — Arnau fez que não com a cabeça. — Pois espera, e verás.

Esperou, dormitando no chão, ao longo de uma noite tensa em que os mercenários não pararam de construir as suas máquinas, à luz de tochas que iam e vinham sem descanso.

Ao romper do dia, quando a luz do Sol começava a surgir no horizonte, Eiximèn d'Esparça deu ordens às suas tropas para que se dispusessem em formação. A escuridão da noite mal se tinha desvanecido com aquela luz distante. Arnau procurou os almogávares. Tinham obedecido e estavam formados em frente às muralhas de Bellaguarda. Depois, olhou para o castelo, acima deles. Tinham desaparecido todas as luzes, mas eles estavam lá; durante toda a noite não tinham feito outra coisa senão preparar-se para o assalto. Arnau sentiu um calafrio. Que fazia ele ali? O amanhecer estava fresco e, no entanto, as suas mãos, agarradas à balestra, não paravam de suar. O silêncio era total. Poderia morrer. Durante o dia, os defensores tinham-no olhado por várias vezes, tinham olhado para ele, um simples bastaix; os rostos daqueles homens, então perdidos na distância, ganharam vida. Ali estavam, esperando-o! Tremeu. As pernas tremeram-lhe e teve de fazer um esforço para evitar que os dentes começassem a bater. Apertou a

balestra contra o peito para que ninguém se apercebesse do tremor das suas mãos. O oficial tinha-lhe indicado que quando desse a ordem de atacar se aproximasse das muralhas e se protegesse atrás de umas pedras, para disparar a sua balestra contra os defensores. O problema seria chegar até essas pedras. Chegaria lá? Arnau não descolava os olhos do sítio onde as pedras estavam; tinha de lá chegar, proteger-se, disparar, esconder-se e voltar a disparar... Um grito rasgou o silêncio.

A ordem! As pedras! Arnau ia correr para as pedras, mas a mão do oficial agarrou-o pelo ombro.

— Ainda não — disselhe.

— Mas...

— Ainda não — insistiu o oficial. — Olha. O soldado apontou para os almogávares.

Outro grito ecoou, vindo das fileiras:

— Acorda, ferro!

Arnau não conseguiu afastar o olhar dos mercenários. Em pouco tempo, todos eles estavam a gritar em uníssono.

— Acorda, ferro! Acorda, ferro!

Começaram a bater com as lanças e as facas até que o som do metal se tornou mais forte que as suas próprias vozes.

— Acorda, ferro!

E o aço começou a acordar: lançava chispas à medida que as armas batiam e voltavam a bater, entre si ou contra as pedras. O clamor arrebatou Arnau. Pouco a pouco, as chispas, centenas delas, milhares delas, rasgaram a escuridão e os almogávares apareceram, rodeados por um halo luminoso.

Arnau surpreendeu-se a si mesmo golpeando o ar com a sua balestra.

— Acorda, ferro! — gritava. Já não suava, já não tremia. — Acorda, ferro!

Olhou para as muralhas; parecia que iriam derrubar-se sob os gritos dos almogávares. O chão retumbava e o resplendor das chispas crescia à sua volta. De repente soou uma trombeta e a gritaria transformou-se num ulular estarrecedor:

— Sant Jordi! Sant Jordi!

— Desta vez, sim — gritou-lhe o oficial, empurrando-o para a frente, atrás das centenas de homens que se lançavam ferozmente ao assalto.

Arnau correu para se colocar atrás das pedras, junto ao oficial e a um corpo de balestreiros, ao pé das muralhas. Concentrou-se numa das escadas que os almogávares tinham apoiado contra a muralha e tentou fazer pontaria às figuras que, das ameias, lutavam para impedir o assalto dos mercenários, que continuavam a gritar como possessos. E assim fez. Por duas vezes, acertou nos corpos dos defensores, no local onde as suas cotas de malha não os defendiam, e viu-os desaparecer após o impacto das flechas.

Um grupo de assaltantes conseguiu superar os muros da fortaleza e Arnau notou como o oficial, batendo-lhe no ombro, lhe chamava a atenção para que não disparasse mais. O aríete não foi necessário. Quando os almogávares alcançaram as ameias, as portas do castelo abriram-se e vários cavaleiros fugiram a toda a brida para não serem tomados como reféns. Dois deles caíram sob os tiros das balestras catalãs; os restantes conseguiram escapar. Alguns ocupantes, órfãos de autoridade, renderam-se. Eiximèn d'Esparça e os seus cavaleiros acederam ao interior do castelo com os seus cavalos de guerra e mataram quantos continuavam a opor-se-lhes. Depois, entraram a correr os homens a pé.

Arnau ficou quieto depois de cruzadas as muralhas, com a balestra pendurada do ombro e o punhal na mão. Já não era necessário. O pátio do castelo estava cheio de cadáveres, e os que não tinham perecido estavam de joelhos, desarmados, suplicando aos cavaleiros que percorriam o pátio com as suas longas espadas desembainhadas. Os almogávares entregavam-se ao saque; uns na torre, outros revistando os cadáveres com uma avidez que obrigou Arnau a desviar o olhar. Um dos almogávares dirigiu-se a ele e ofereceu-lhe um punhado de flechas; algumas procedentes de disparos falhados, muitas manchadas de sangue, outras mesmo com pedaços de carne agarrados. Arnau hesitou. O almogávar, um homem já mais idoso, magro como as flechas que lhe oferecia, surpreendeu-se; depois, sorriu mostrando uma boca sem dentes e ofereceu as flechas a outro soldado.

— Que fazes? — perguntou este último a Arnau. — Por acaso esperas que Eiximèn te reponha as flechas que gastaste? Limpa-as — disselhe, atirando-lhas para os pés.

Em poucas horas, tudo estava acabado. Os homens vivos foram agrupados e manietados. Nessa noite, seriam vendidos como escravos no acampamento que seguia o exército. As tropas de Eiximèn d'Esparça puseram-se de novo em marcha, na esteira do rei; transportavam os seus feridos e deixavam atrás de si dezassete catalães mortos e uma fortaleza em chamas que não voltaria a ser útil aos seguidores do rei Jaime III.

CAPÍTULO 30

Eiximèn d'Esparça e os seus homens alcançaram o exército real nas proximidades da vila de Elna, a Orgulhosa, a apenas duas léguas de Perpignan, e em cujos arredores o rei decidiu passar a noite, e onde recebeu a visita de outro bispo, que, mais uma vez infrutiferamente, tentou mediar em nome de Jaime de Maiorca.

Embora o rei não tivesse posto objecções a que Eiximèn d'Esparça e os seus almogávares tomassem o castelo de Bellaguarda, desta vez tentou impedir que, no trajecto para Elna, outro grupo de cavaleiros tomasse pelas armas a torre de Nidoleres. No entanto, quando o rei lá chegou, os cavaleiros já a tinham assaltado, matado os ocupantes e incendiado o local.

Em contrapartida, ninguém ousou aproximar-se de Elna, nem molestar os seus habitantes.

O exército inteiro reuniu-se em redor das fogueiras de campo e olhou para as luzes da cidade. Elna mantinha as suas portas abertas, em claro desafio aos Catalães.

— Por que razão... — começou Arnau a perguntar, sentado junto da fogueira.

— A Orgulhosa? — interrompeu-o um dos mais veteranos.

— Sim. Por que razão é tão respeitada? Porque não fecham as suas portas?

O veterano olhou para a cidade antes de responder.

— A Orgulhosa pesa-nos nas nossas consciências... Na consciência catalã. Eles sabem que não nos aproximaremos

— O veterano calou-se. Arnau aprendera já a respeitar a maneira de ser dos soldados. Sabia que se o apressasse, o outro o olharia com desprezo e já não falaria mais. Todos os veteranos gostavam de se deleitar com as suas recordações ou com as suas histórias, verdadeiras ou falsas, exageradas ou não. Manter a intriga era uma das manias deles. Por fim, o outro recomeçou o discurso:

— Na guerra contra os Franceses, quando Elna nos pertencia, Pedro, o Grande, prometeu defendê-la e mandou um destacamento de cavaleiros catalães. Mas estes traíram-na: fugiram durante a noite e deixaram-na à mercê do inimigo — O veterano cuspiu para o fogo. — Os Franceses profanaram as igrejas, assassinaram as crianças atirando-as contra as paredes, violaram as mulheres e

executaram todos os homens... menos um. A matança de Elna pesa na nossa consciência. Nenhum catalão ousará aproximar-se de Elna.

Arnau voltou a olhar para as portas abertas da Orgulhosa. Depois, observou os diversos agrupamentos que formavam o acampamento; havia sempre alguém que olhava para Elna em silêncio.

— Quem foi esse a quem perdoaram? — perguntou, rompendo com as suas próprias regras.

O veterano escutou-o do outro lado da fogueira.

— Foi um homem chamado Bastard de Rosselló — Arnau tornou a esperar até que o homem se decidisse a progredir. — Anos mais tarde, esse soldado conduziu as tropas francesas através da passagem de la Maçana para invadir a Catalunha.

O exército dormiu à sombra da cidade de Elna.

Também assim fizeram, afastadas dele, centenas de pessoas que o seguiam. Francesca olhou para Aledis. Seria aquele o local adequado? A história de Elna percorrera tendas e barracas, e no acampamento reinava um silêncio pouco habitual. Ela própria olhou várias vezes para as portas abertas da Orgulhosa. Sim, encontravam-se em terras pouco hospitaleiras: nenhum catalão seria bem recebido em Elna ou nos seus arredores. Aledis estava longe de casa. Só faltava que, além disso, ficasse sozinha.

— O teu Arnau morreu — disselhe, quando Aledis acorreu, depois de a chamar.

A rapariga foi-se abaixo; Francesca viu-a empalidecer dentro do vestido verde. Aledis levou as mãos à cara e o seu choro rompeu aquele estranho silêncio.

— Como... Como foi? — perguntou ao fim de um pouco.

— Enganaste-me — limitou-se a responder-lhe Francesca, friamente.

Aledis olhou para ela, com os olhos cheios de lágrimas, soluçando, tremendo. Depois, baixou os olhos.

— Enganaste-me — repetiu Francesca. E Aledis não respondeu. — Queres saber como foi? Matou-o o teu marido, o verdadeiro, o mestre curtidor.

Pau? Impossível! Aledis levantou a cabeça. Era impossível que aquele velho...

— Apresentou-se no acampamento real, acusando esse tal Arnau de te ter sequestrado — prosseguiu Francesca, interrompendo os pensamentos da jovem. Queria observar as reacções dela. Arnau tinha-lhe contado que ela receava o marido. — O rapaz negou e o teu marido desafíou-o — Aledis tentou interromper: como poderia Pau desafiar alguém? — Pagou a um oficial para que lutasse por ele — continuou Francesca, obrigando-a a manter-se em silêncio. — Não sabias disso? Quando alguém é demasiado velho para lutar, pode pagar a outro para que o faça em seu lugar. O teu Arnau morreu a defender a sua honra.

Aledis ficou desesperada. Francesca viu-a tremer. Pouco a pouco, as pernas começaram a ceder e caiu ao chão, de joelhos diante de Francesca, mas esta não se apiedou.

— Dizem-me que o teu marido anda à tua procura.

Aledis voltou a levar as mãos à cara.

— Terás de abandonar-nos. Antónia vai dar-te as tuas roupas antigas.

Era aquele o olhar que queria ver. Medo! Pânico!

As perguntas voavam na cabeça de Aledis. Que ia fazer? Aonde havia de ir? Barcelona ficava do outro lado do mundo e, de qualquer forma, o que a esperava lá? Arnau, morto! A viagem desde Barcelona até Figueras passou-lhe pela mente como um raio e todo o seu corpo sentiu o horror, a humilhação, a vergonha... a dor. E Pau à procura dela!

— Não... — tentou dizer Aledis. — Não poderia...

— Não posso arranjar problemas — respondeu Francesca com seriedade.

— Protege-me — suplicou. — Não tenho para onde ir. Não tenho a quem acudir.

Soluçava. Ficou de joelhos diante de Francesca, sem se atrever a olhar para ela.

— Não poderia fazer isso. Estás grávida.

— Também isso era mentira — gritou a rapariga.

Já chegara até às pernas dela. Francesca não se mexeu.

— Que farás em troca?

— O que tu quiseres! — gritou Aledis. Francesca escondeu um sorriso. Era aquela a promessa que estava à espera de ouvir. Quantas vezes já tinha obtido o mesmo de outras raparigas como Aledis? — O que tu quiseres — repetiu a rapariga. — Protege-me, esconde-me do meu marido, e farei tudo o que desejares.

— Já sabes o que somos — insistiu a patroa.

E que lhe importava isso? Arnau estava morto. Não tinha nada. Não lhe restava nada... a não ser um marido que a mandaria lapidar se a encontrasse.

— Esconde-me, peço-te. Farei tudo o que queiras — repetiu Aledis.

Francesca mandou que Aledis não se misturasse com os soldados; Arnau era conhecido nas fileiras do exército.

— Trabalharás escondida — disselhe no dia seguinte, quando se preparavam para partir. — Não gostaria que o teu marido... — Aledis anuiu antes que ela terminasse a frase. — Não deves deixar-te ver antes que a guerra acabe — Aledis voltou a anuir.

Nessa mesma noite, Francesca mandou recado a Arnau: “Tudo tratado. Não voltará a incomodar-te.”

No dia seguinte, em vez de avançar para Perpignan, onde se encontrava o rei Jaime de Maiorca, Pedro III decidiu prosseguir caminho em direcção ao mar, para a vila de Canet, onde Ramon, visconde do lugar, deveria entregar-lhe o seu castelo, em virtude da vassalagem que lhe jurara após a conquista de Maiorca, quando o monarca catalão, depois da fuga do rei Jaime, o deixara em liberdade depois de lhe render o castelo de Bellver.

E assim foi. O visconde de Canet entregou o castelo ao rei Pedro e o exército pôde descansar e comer em abundância graças à generosidade dos habitantes locais, que confiavam em que os catalães levantariam dentro em breve o acampamento, para se dirigirem a Perpignan. Mesmo assim, o rei pôde estabelecer uma testa-de-ponte com a sua armada, que imediatamente reabasteceu.

Estabelecido em Canet, Pedro III recebeu um novo mediador; desta vez, tratava-se de um cardeal, e era o segundo que intercedia por Jaime de Maiorca. Também desta vez não fez caso, mandou-o embora e começou a estudar com os seus conselheiros a melhor forma de assediar a cidade de Perpignan. Enquanto o rei esperava

as provisões vindas por mar e as armazenava no castelo de Canet, o exército catalão esteve assentado seis dias na vila, durante os quais se dedicou a tomar os castelos e fortalezas que se encontravam entre Canet e Perpignan.

A host de Manresa tomou, em nome do rei Pedro, o castelo de Santa Maria de la Mar; outras companhias assaltaram o castelo de Castellarnau Sobirà, e Eiximèn d'Esparça, com os seus almogávares e outros cavaleiros, assediou e tomou Castell-Rosselló.

Castell-Rosselló não era um simples posto fronteiriço como Bellaguarda, mas constituía uma das defesas avançadas da capital do condado de Rossilhão. Aí se repetiram os gritos de guerra e o entrechocar de lanças dos almogávares, que desta vez foram acompanhados pelos rugidos de algumas centenas de soldados desejosos de entrarem em combate. A fortaleza não caiu com tanta facilidade como acontecera com Bellaguarda; a luta nas muralhas foi encarniçada e o uso de aríetes foi imprescindível para derrubar as defesas.

Os balestreiros foram os últimos a passar pelas defesas abertas do castelo. Aquilo nada tinha que ver com o assalto a Bellaguarda. Soldados e civis, incluindo as mulheres e as crianças, defendiam a praça com as suas vidas. No interior, Arnau teve um encarniçado combate corpo-a-corpo.

Deixando de lado a sua balestra, empunhou a faca. Centenas de homens lutavam à sua volta. O silvo de uma espada fê-lo mergulhar no combate. Instintivamente, desviou-se, e a espada passou roçando-lhe pelas costas. Com a mão livre, Arnau agarrou o punho que manejava a espada e cravou o punhal. Fê-lo mecanicamente, conforme lhe tinham ensinado nas intermináveis aulas com o oficial de Eiximèn d'Esparça. Tinham-lhe ensinado a lutar; tinham-lhe ensinado como se matava, mas ninguém lhe tinha ensinado como afundar um punhal no abdómen de um homem. A cota de malha do seu oponente resistiu à punhalada e, embora agarrado pelo punho, o defensor do castelo volteou a espada com violência e feriu Arnau no ombro.

Foram apenas uns segundos; os suficientes para se dar conta de que tinha de matar.

Arnau apertou o punhal com raiva. A lâmina trespassou a cota de malha e afundou-se no estômago do seu inimigo. A espada perdeu força mas continuou a voltear perigosamente. Arnau puxou o punhal para cima. A sua mão sentiu o calor das entranhas. O corpo do inimigo levantou-se do chão, o punhal raspou o abdómen, a espada caiu no chão e Arnau encontrou o rosto do seu rival sobre o seu. Aqueles lábios moveram-se a escassa distância do seu rosto. Queria dizer-lhe alguma coisa? Apesar do fragor do combate, Arnau escutou o estertor do oponente. Pensaria em alguma coisa? Veria a morte? Os olhos esbugalhados pareceram avisá-lo, e Arnau virou-se no mesmo instante em que outro defensor de Castell-Rosselló se lançava sobre ele.

Não hesitou. O punhal rasgou o ar e o pescoço do seu novo rival. Deixou de pensar. Foi ele quem mais mortes provocou. Lutou e gritou. Avançou o punhal e fundiu-o na carne do inimigo, uma e outra vez, sem reparar nos seus rostos nem na sua dor. Matou.

Quando tudo estava terminado e os defensores de Castell Rosselló se renderam, Arnau viu-se a si próprio ensanguentado e tremendo pelo esforço.

Olhou em volta e os cadáveres recordaram-lhe a batalha. Não teve oportunidade de se fixar em nenhum dos seus oponentes. Não pôde participar da sua dor ou de se compadecer das suas almas. A partir desse preciso instante, os rostos que não tinha visto, cego pelo sangue, começaram a aparecer-lhe, reclamando os seus direitos, a honra do vencido. Arnau recordaria muitas vezes as caras transfiguradas dos que tinham morrido sob o seu punhal.

Em meados de Agosto, o exército encontrava-se de novo acampado entre o castelo de Canet e o mar. Arnau assaltou Castell Rosselló a 4 de Agosto. Dois dias mais tarde, o rei Pedro III pôs em marcha as suas tropas, e durante uma semana, não tendo a cidade de Perpignan prestado homenagem ao rei Pedro, os exércitos catalães dedicaram-se a devastar os arredores da capital do Rossilhão: Basoles, Vernet, Soles, Sant Esteve... Arrasaram vinhas, olivais e todas as árvores que se interpusessem à passagem de um exército em marcha por ordem do seu rei, com excepção das figueiras: capricho do Cerimonioso? Queimaram moinhos e colheitas, destroçaram campos de cultivo e vilas, mas em momento

nenhum chegaram a assediar a capital e refúgio do rei Jaime: Perpignan.

15 de Agosto de 1343

Missa campal solene

O exército inteiro, concentrado na praia, prestava culto à Virgem de la Mar. Pedro III tinha cedido às pressões do Santo Padre e pactuado uma trégua com Jaime de Maiorca. O rumor correu por entre o exército. Arnau não escutava o sacerdote; poucos o faziam, e a maioria tinha o rosto contrito. A Virgem não consolava Arnau. Tinha matado. Tinha derrubado árvores. Tinha arrasado vinhas e campos de cultivo diante dos olhos assustados dos camponeses e dos seus filhos. Tinha destruído vilas inteiras e, com elas, casas de gente de bem. O rei Jaime tinha conseguido a sua trégua e o rei Pedro tinha cedido. Arnau recordou as arengas de Santa Maria de la Mar: “A Catalunha precisa de vós! O rei Pedro precisa de vós! Partam para a guerra!” Que guerra? Tinham sido apenas matanças. Escaramuças em que os únicos que perdiam eram as gentes humildes, os soldados leais... e as crianças, que passariam fome no próximo Inverno por falta de trigo. Que guerra? A que tinha sido feita por bispos e cardeais, paus-mandados de reis matreiros? O sacerdote prosseguia com a sua homilia, mas Arnau não ouvia as palavras dele. Para que tinha tido de matar? De que serviam os seus mortos?

— A missa terminou. Os soldados espalharam-se, formando pequenos grupos.

— E o saque prometido?

— Perpignan é rica, muito rica — ouviu Arnau.

— Como vai o rei pagar aos seus soldados, se já antes não podia fazê-lo?

Arnau deambulava entre os grupos de soldados. Que lhe importava a ele o saque? Era o olhar das crianças que lhe importava; o olhar daquele pequeno que, agarrado à mão da irmã, presenciara como Arnau e um grupo de soldados arrasavam a sua horta e espalhavam o cereal que deveria sustentá-los durante o Inverno. “Porquê?”, tinham perguntado aqueles olhos inocentes. “Que mal vos fizemos nós?” Provavelmente, aquelas crianças tinham a seu cargo tratar daquela horta, e ali ficaram, com as

lágrimas caindo-lhes pela cara, até que o grande exército catalão acabou de destruir as suas escassas posses. Quando terminaram, Arnau nem sequer foi capaz de voltar a olhar para eles.

O exército regressava a casa. As colunas de soldados espalhavam-se pelos caminhos da Catalunha, acompanhadas por prostitutas e comerciantes, desencantados pelos benefícios que não iriam ter.

Barcelona aproximava-se. As diferentes hosts do principado desviavam-se para os seus locais de origem; outras atravessariam a cidade condal. Arnau notou que os seus companheiros estugavam o passo, tal como ele próprio fizera. Apareceram alguns sorrisos nos rostos dos soldados. Regressavam a casa. O rosto de Maria veio-lhe à ideia pelo caminho. “Tudo tratado”, tinham-lhe dito, “Aledis não voltará a incomodar-te.” Era a única coisa que desejava, a única coisa de que tinha fugido.

O rosto de Maria começou a sorrir-lhe.

CAPITULO 31

Finais de Março de 1348
Barcelona

Despontava a madrugada e Arnau e os bastaixos esperavam na praia a descarga de uma galera maiorquina que tinha arribado ao porto durante a noite. Os próceres da confraria ordenavam as suas gentes. O mar estava calmo e as ondas lambiam a praia com delicadeza, chamando os cidadãos de Barcelona a iniciarem a jornada. O sol começava a desenhar faixas de cores no sítio onde as águas ondulavam, e os bastaixos, enquanto esperavam a chegada dos barqueiros com as mercadorias, deixavam-se levar pelo encanto do momento, com o olhar perdido no horizonte e o espírito dançando com o mar.

— Que estranho — disse alguém no grupo. — Não descarregam.

Todos fixaram a atenção na galera. Os barqueiros tinham-se aproximado da embarcação e alguns deles regressavam à praia vazios; outros falavam aos gritos com os marinheiros na coberta, alguns dos quais se lançavam à água e se empoleiravam nas barcas. Mas ninguém descarregava fardos da galera.

— A peste! — Os gritos dos primeiros barqueiros ouviram-se na praia muito antes de as barcas arribarem. — A peste chegou a Maiorca!

Arnau sentiu um calafrio. Era possível que aquele mar tão belo lhes trouxesse uma tal notícia? Um dia cinzento, de temporal, talvez... mas naquela manhã tudo parecia mágico. Durante meses, esse fora o tema de conversa dos barceloneses: a peste assolava o Oriente distante, estendera-se para ocidente e devastava comunidades inteiras.

— Talvez não chegue a Barcelona — diziam alguns. — Tem de atravessar todo o Mediterrâneo.

— O mar há-de proteger-nos — afirmavam outros. Durante meses, o povo quis acreditar nisto: a peste não chegaria a Barcelona.

Maiorca, pensou Arnau. Já tinha chegado a Maiorca; a praga cruzara léguas e léguas de Mediterrâneo.

— A peste! — repetiam os barqueiros ao arribar à praia. Os bastaixos rodearam-nos, para ouvirem que notícias traziam. Numa das barcas vinha o piloto da galera.

— Levem-me ao regedor e aos conselheiros da cidade — ordenou, depois de saltar para a rebentação. — Rápido!

Os próceres atenderam à solicitação do piloto; os restantes assediaram os recém-chegados. “Morrem às centenas”, contavam. “É horrível. Ninguém pode fazer nada. Crianças, mulheres e homens, ricos ou pobres, nobres ou humildes... Até os animais são pasto para a praga. Os cadáveres amontoam-se nas ruas e apodrecem, e as autoridades não sabem O que fazer. As pessoas morrem em menos de dois dias, entre espantosos gritos de dor.” Alguns bastaixos correram em direcção à cidade, dando vozes e criando espavento. Arnau escutava, encolhido. Diziam que aos doentes com peste apareciam grandes bolhas purulentas no pescoço, nas axilas e nas virilhas, e que estas cresciam até rebentar.

A notícia espalhou-se pela cidade e muitos foram os que se aproximaram do grupo da praia para ouvirem por algum tempo e regressarem a correr a suas casas.

Barcelona inteira tornou-se um ninho de rumores: “Quando as bolhas se abrem, saem demónios. Os doentes enlouquecem e mordem as pessoas; é assim que se transmite a doença. Os olhos e os órgãos genitais rebentam. Se alguém olha para as bolhas, fica contagiado. É preciso queimá-los antes de morrerem, porque, senão, a doença ataca outra pessoa. Eu vi a peste!” Qualquer pessoa que iniciasse a sua conversa com estas palavras era imediatamente objecto de atenção e as pessoas apinhavam-se à sua volta para ouvir a sua história; depois, o horror e a imaginação multiplicavam-se nas bocas dos cidadãos que ignoravam aquilo que os esperava. O município, como única precaução, ordenou a máxima higiene, e as pessoas acorreram aos banhos públicos... e às igrejas. Missas, ofertórios, procissões: tudo era pouco para afastar o perigo que se aproximava da cidade condal; e, ao fim de um mês de agonia, a peste chegou a Barcelona.

Primeiro, foi um calafete que trabalhava nos estaleiros. Os médicos correram a vê-lo, mas a única coisa que puderam fazer foi

confirmar aquilo que tinham lido em tratados e livros.

— São do tamanho de pequenas ameixas — disse um, apontando para as grandes bolhas que havia no pescoço do homem.

— Negras, duras e quentes — acrescentou outro, tocando-lhes.

— Panos de água fria para a febre.

— É preciso sangrá-lo. Se o sangrarmos, desaparecem as hemorragias em redor das bolhas.

— Temos de lancetar as bolhas — aconselhou um terceiro.

Os outros médicos deixaram o doente e olharam para o que tinha falado.

— Os livros dizem que não se devem lancetar — atalhou um deles.

— No fim de contas — disse outro —, é apenas um calafate. Vejamos as axilas e as virilhas.

Também aí havia grandes bolhas negras, duras e quentes. Entre gritos de dor, o doente foi sangrado e a pouca vida que lhe restava esvaiu-se pelos golpes que os galenos fizeram no seu corpo.

Nesse mesmo dia apareceram novos casos. No dia seguinte, mais; e depois, ainda mais. Os barceloneses fecharam-se nas suas casas, onde alguns morriam por entre sofrimentos terríveis; outros, por medo do contágio, eram deixados nas ruas, onde agonizavam até que a morte os levasse. As autoridades deram ordens para se marcar com uma cruz de cal as portas das casas onde tivesse havido algum caso de peste. Insistiram na higiene corporal, em que se evitasse o contacto com os contagiados, e ordenaram que os cadáveres fossem queimados em grandes piras. Os cidadãos esfregaram a pele até quase a arrancarem, e os que podiam mantiveram-se afastados dos doentes. No entanto, ninguém tentou fazer o mesmo com as pulgas e, para estranheza dos médicos e das autoridades, a doença continuou a propagar-se.

Passaram-se semanas e Arnau e Maria, como muitas outras pessoas, continuaram a ir diariamente a Santa Maria para insistirem em preces a que o céu não correspondia. À sua volta, morriam, devido à epidemia, amigos tão queridos como o bom padre Albert. A peste assanhou-se contra os idosos Pere e Mariona, que não tardaram a morrer às mãos da funesta praga. O próprio bispo

organizou uma procissão de prece que deveria percorrer todo o perímetro da cidade; sairia da catedral e desceria pela Rua de la Mar até Santa Maria, onde se lhe juntaria a Virgem de la Mar no seu andor, antes de seguir o trajecto previsto.

A Virgem esperava na Praça de Santa Maria, junto com os bastaixos que a haveriam de carregar. Os homens olhavam uns para os outros, enquanto se perguntavam em silêncio acerca dos bastaixos ausentes. Ninguém respondia. Fechavam os lábios e baixavam os olhos. Arnau recordou-se das grandes procissões em que tinham transportado a sua padroeira, em que lutavam por se aproximar do andor. Os próceres tinham de impor a ordem e estabelecer turnos para que todos pudessem carregar o andor da Virgem, e agora... não eram suficientes nem para... levantá-lo. Tinham morrido assim tantos? Quanto tempo duraria aquilo, Senhora? O rumor das preces do povo desceu pela Rua de la Mar. Arnau olhou para a frente da procissão: as pessoas andavam cabisbaixas e arrastando os pés. Onde estavam os nobres que, com tanto barulho, se juntavam sempre ao bispo? Quatro dos cinco conselheiros da cidade tinham morrido; três quartas partes dos membros do Conselho dos Cem tiveram igual sorte. Os restantes tinham fugido da cidade. Os bastaixos ergueram em silêncio a sua Virgem, carregaram-na aos ombros, deixaram passar o bispo e juntaram-se à procissão e às preces. De Santa Maria, continuaram até ao convento de Santa Clara, passando pela Praça do Born. Em Santa Clara, e apesar do incenso dos sacerdotes, foram assaltados pelo odor a carne queimada; muitos substituíram as orações pelo pranto. Por alturas da porta de San Daniel, viraram para a esquerda, em direcção à Porta Nou e ao mosteiro de Sant Pere de les Puelles; avistaram um ou outro cadáver e evitaram olhar para os doentes que esperavam a morte nas esquinas ou diante das portas marcadas com uma cruz branca, que nunca voltariam a abrir-se para eles. Senhora, pensou Arnau, com o andor sobre os ombros, porquê tanta desgraça? De Sant Pere, seguiram, rezando, até à Porta de Santa Anna, onde voltaram a virar à esquerda, em direcção ao mar, até ao bairro do Forn deis Ares, para se dirigirem de novo para a catedral.

Mas o povo começou a duvidar da eficácia da Igreja e das suas autoridades; rezavam até à exaustão e a peste continuava a fazer estragos.

— Dizem que é o fim do mundo — lamentou-se Arnau um dia, ao chegar a casa. — Barcelona inteira está enlouquecida. Andam uns aí que se dizem flagelantes — Maria estava de costas para ele. Arnau sentou-se, à espera que a mulher o descalçasse, e continuou a falar. — Andam pelas ruas às centenas, em tronco nu, gritando que se aproxima o dia do Juízo Final, confessam os seus pecados aos quatro ventos e flagelam as costas com látegos. Alguns têm as costas em carne viva e continuam... — Arnau acariciou a cabeça de Maria, ajoelhada diante dele. Ardia. — O que...

Procurou o queixo da sua mulher com a mão. Não podia ser. Ela não. Maria ergueu uns olhos vítreos para ele. Suava e tinha o rosto congestionado. Arnau tentou levantar-lhe mais a cabeça, para lhe ver o pescoço, mas ela fez um gesto de dor.

— Tu não! — exclamou Arnau.

Maria, ajoelhada, com as mãos nas sandálias do marido, olhou fixamente para Arnau, enquanto as lágrimas começavam a correr-lhe pelo rosto.

— Oh, meu Deus! Tu, não! Meu Deus! — Arnau ajoelhou-se junto dela.

— Vai-te embora, Arnau — balbuciou Maria. — Não fiques ao pé de mim.

Arnau tentou abraçá-la, mas ao agarrá-la pelos ombros, Maria tornou a fazer um esgar de dor.

— Vem — disselhe, abraçando-a o mais suavemente que pôde. Maria, soluçando, tornou a insistir que ele se fosse embora. — Como poderia eu deixar-te? És tudo o que eu tenho... tudo o que eu tenho! Que faria eu sem ti? Alguns curam-se, Maria. Tu também te hás-de curar. — Tentando consolá-la, levou-a para a alcova e deitou-a na cama. Aí, conseguiu ver-lhe o pescoço, um pescoço que recordava bonito, e que agora começava a enegrecer. — Um médico! — gritou, abrindo a janela e assomando para a rua.

Ninguém pareceu ouvi-lo. No entanto, nessa mesma noite, quando as bolhas começaram a apossar-se do pescoço de Maria, alguém marcou a sua porta com uma cruz de cal.

Arnau só pôde pôr panos molhados em água fria sobre a testa de Maria. Derreada na cama, a mulher tiritava. Incapaz de se mexer sem sofrer dores terríveis, os seus surdos queixumes faziam os pêlos de Arnau ficar em pé. Maria tinha o olhar perdido no tecto. Arnau via como lhe cresciam as bolhas no pescoço e como a pele se tornava mais negra. “Amo-te, Maria. Quantas vezes quis dizer-to?” Agarrou-lhe na mão e ajoelhou-se junto da cama. Assim passou a noite, agarrado à mão da mulher, tremendo e suando com ela, clamando aos céus a cada espasmo que Maria sofria.

Amortalhou-a com o melhor lençol que tinham e esperou que passasse a carreta dos mortos. Não a deixaria na rua. Ele mesmo a entregaria aos funcionários. E assim fez. Quando ouviu o lento bater dos cascos do cavalo, pegou no cadáver de Maria e desceu à rua.

— Adeus — disselhe, beijando-a na testa. Os dois funcionários, enluvados e com os rostos tapados por panos grossos, olharam surpreendidos enquanto Arnau destapava a cara de Maria e a beijava. Ninguém queria aproximar-se dos doentes, nem mesmo sendo os seus entes queridos, que abandonavam nas ruas, ou, no melhor dos casos, chamavam-nos a eles para recolherem os mortos dos leitos onde tinham encontrado a morte. Arnau entregou a sua mulher aos funcionários, que, impressionados, tentaram depositá-la com cuidado sobre a dezena de cadáveres que já transportavam.

Com lágrimas nos olhos, Arnau viu a carreta a afastar-se, até se perder nas ruas de Barcelona. Ele seria o próximo: entrou em casa e sentou-se à espera da morte, desejoso de se reunir a Maria. Três dias inteiros esteve Arnau a aguardar a chegada da peste, apalpando constantemente o pescoço em busca de algum inchaço que não chegava. As bolhas não apareceram e Arnau acabou por convencer-se de que, de momento, o Senhor não o chamava para seu lado, para perto da sua mulher.

Arnau caminhou pela praia, pisando as ondas que se aproximavam da cidade maldita; vagueou por Barcelona, alheio à miséria, aos doentes e aos soluços que saíam pelas janelas das casas. Qualquer coisa o fez regressar a Santa Maria. As obras tinham sido interrompidas, os andaimes estavam desertos, as pedras descansavam no chão, à espera de que alguém as cinzelasse, mas as pessoas continuavam a ir à igreja. Entrou. Os

fiéis congregavam-se em redor do inacabado altar-mor, de pé ou ajoelhados no chão, rezando. Apesar de a igreja ainda se encontrar aberta ao céu nas absides em construção, o ambiente estava carregado pelo incenso que se queimava para aplacar os odores de morte que acompanhavam as pessoas. Quando ia a aproximar-se da sua Virgem, um sacerdote dirigiu-se aos paroquianos do altar-mor.

— Sabei — disselhes — que o nosso Sumo Pontífice, o Papa Clemente VI, emitiu uma bula em que inocenta os judeus de serem os causadores da praga. A doença é apenas uma pestilência com que Deus aflige o povo cristão. — Um murmúrio de desaprovação elevou-se entre os congregados. — Rezai — continuou o sacerdote —, encomendai-vos ao Senhor...

Muitos deles abandonaram Santa Maria, discutindo em altos gritos.

Arnau não prestou atenção ao sermão e dirigiu-se para a capela do Altíssimo. Os judeus? Que tinham os judeus a ver com a peste? A sua pequena Virgem esperava-o no mesmo sítio de sempre. Os círios dos hastaixos continuavam a acompanhá-la. Quem os teria acendido? No entanto, Arnau mal conseguia vislumbrar a sua mãe; uma espessa nuvem de incenso fazia um remoinho à volta da figura. Não a viu sorrir. Quis rezar, mas não pôde. “Porque permitiste isto, mãe?” As lágrimas voltaram a correr-lhe pela cara ao recordar Maria, o sofrimento dela, o corpo dela abandonado à dor, as bolhas que a tinham assolado. Fora um castigo, mas era ele quem o merecia, fora ele quem pecara, sendo infiel com Aledis.

E ali, diante da Virgem, jurou que nunca voltaria a deixar-se levar pela luxúria. Devia isso a Maria. Acontecesse o que acontecesse. Nunca.

— Passa-se alguma coisa contigo, filho? — ouviu perguntarem-lhe. Arnau virou-se e encontrou o sacerdote que desde há pouco estava a dirigir a paróquia. — Olá, Arnau — saudou depois de ver que era um dos hastaixos que acorriam a Santa Maria. — Passa-se alguma coisa contigo? — repetiu.

— Maria.

O sacerdote anuiu com a cabeça.

— Rezemos por ela — instou-o.

— Não, padre — opôs-se Arnau. — Ainda não.

— Só em Deus podemos encontrar consolo, Arnau.

Consolo? Como ia ele encontrar consolo no que quer que fosse? Arnau tentou ver a sua Virgem, mas o fumo tornou a impedir-lho.

— Rezemos... — insistiu o sacerdote.

— Que significa isso dos judeus? — interrompeu-o Arnau, em busca de uma saída.

— Toda a Europa crê que a peste se deve aos judeus — Arnau interrogou-o com o olhar. — Dizem que em Genebra, no castelo de Chillon, alguns judeus confessaram que a peste foi espalhada por um judeu de Sabóia que envenenava os poços com uma poção preparada pelos rabinos.

— E isso é verdade? — perguntou-lhe Arnau.

— Não. O papa inocentou-os, mas as pessoas procuram culpados. Rezamos agora?

— Fazei-o vós por mim, padre.

Arnau abandonou Santa Maria. Na praça, viu-se rodeado por um grupo de cerca de vinte flagelantes. “Arrepende-te”, gritavam, sem parar de flagelar as costas com os látegos. “É o fim do mundo!”, gritavam outros, cuspindo-lhe as palavras na cara. Arnau viu o sangue que lhes escorria pelas costas em carne viva e lhes escorria pelas pernas, despidas abaixo da cintura e abraçadas por cilícios. Observou os olhos esbugalhados e os rostos que o olhavam. Fugiu a correr para a Rua de Monteada, até que os gritos se desvaneceram. Ali reinava o silêncio... mas havia algo. As portas! Poucos dos grandes portões de acesso aos palácios da Rua de Monteada mostravam a cruz branca que estigmatizava a maioria das portas da cidade. Arnau viu-se diante do palácio dos Puig. Também este não tinha a cruz branca; as janelas estavam fechadas e não se notava qualquer actividade dentro do edifício. Desejou que a peste os encontrasse onde quer que se tivessem refugiado, que sofressem como .a sua Maria tinha sofrido. Arnau fugiu dali com mais pressa ainda do que fugira dos flagelantes.

Quando chegou ao cruzamento da Rua de Monteada, Arnau voltou a encontrar-se com uma multidão exaltada, neste caso provida de paus, espadas e balestras. Estão todos loucos, pensou Arnau, afastando-se para dar passagem às pessoas. De pouco

tinham servido os sermões que se estavam a pronunciar por todas as igrejas da cidade. A bula de Clemente VI não conseguira apaziguar os ânimos de um povo que precisava de descarregar a sua ira. “A judiaria!”, ouviu gritarem. “Hereges! Assassinos! Arrependam-se!” Os flagelantes também ali estavam e continuavam a castigar-se nas costas, salpicando tudo de sangue e exaltando todos os que os rodeavam.

Arnau colocou-se na cauda da horda, junto daqueles que a seguiam em silêncio, e entre os quais conseguiu ver um ou outro doente. Toda a Barcelona confluiu na judiaria e rodeou por todos os lados o bairro semi-amuralhado. Uns colocaram-se a norte, junto ao palácio do bispo; outros, a poente, em frente às antigas muralhas romanas da cidade; outros colocaram-se na Rua de Bisbe, com a qual a judiaria confinava a oriente, e os restantes, entre os quais o grupo onde se encontrava Arnau, a sul, na Rua da Boquería e em frente ao Castell Nou, onde se encontrava a entrada do bairro. A gritaria era ensurdecedora. O povo clamava por vingança, embora por enquanto se limitasse a gritar diante das portas, mostrando os paus e as balestras.

Arnau conseguiu arranjar um local na apinhada escadaria da igreja de Sant Jaume, a mesma de onde os tinham escorraçado, a ele e a Joanet, num dia já longínquo, quando procurava aquela Virgem a quem chamaria mãe. Sant Jaume erguia-se mesmo em frente à muralha sul da judiaria e, daí, por cima de toda aquela gente, Arnau pôde ver o que se estava a passar. A guarnição de soldados reais, capitaneada pelo regedor, estava preparada para defender a judiaria. Antes de atacar, uma comitiva de cidadãos aproximou-se para parlamentar com o regedor, junto à porta entreaberta da judiaria, para que ele retirasse as tropas do interior; os flagelantes gritavam e dançavam em volta do grupo e a multidão continuava a ameaçar os judeus, que nem sequer conseguia ver.

— Não se retirarão — ouviu Arnau dizer a uma mulher.

— Os judeus são propriedade do rei, só dependem do rei — concordou outro. — Se os judeus morrerem, o rei perderá os impostos que lhes cobra...

— Isso e todos os créditos que pede a esses usurários.

— E não só isso — interveio um terceiro. — Se se assaltar a judiaria, o rei perderá até os móveis que os judeus lhe emprestam, a ele e à sua corte, quando vem a Barcelona.

— Os nobres terão de dormir no chão — ouviu-se gritar por entre gargalhadas. Arnau não conseguiu evitar um sorriso.

— O regedor defenderá os interesses do rei — disse a mulher.

E assim foi. O regedor não cedeu e, quando se deram por terminadas as conversações, fechou-se apressadamente no interior da judiaria. Aquele era o sinal que as pessoas esperavam, e antes que ele tivesse conseguido fechar a porta, os mais próximos das muralhas lançaram-se contra ela, ao mesmo tempo que uma chuva de paus, flechas e pedras começava a voar por cima das muralhas do bairro judaico. O assalto começara.

Arnau viu como uma turba de cidadãos, cegos pelo ódio, se lançava sem ordem nem coordenação contra as portas e muralhas da judiaria. Não havia nenhum comando; o mais parecido com uma ordem eram os gritos dos flagelantes que continuavam a torturar-se ao pé das muralhas e que incitavam os cidadãos a trepá-las e a assassinar os hereges. Muitos caíram sob as espadas dos soldados do rei assim que conseguiram chegar ao cimo das muralhas, mas a judiaria estava a ser alvo de um assalto maciço pelos seus quatro lados, e muitos outros conseguiram passar pelos soldados e enfrentar-se corpo-a-corpo com os judeus.

Arnau permaneceu nas escadarias de Sant Jaume por duas horas. Os gritos de guerra dos combatentes recordaram-lhe os seus dias de soldado: Bellaguarda e Castell-Rosselló. Os rostos dos que caíam confundiam-se com os dos homens a quem um dia dera a morte; o cheiro a sangue levava-o ao Rossilhão, à mentira que o levara àquela guerra absurda, a Aledis, a Maria... e abandonou o seu local de espectador, de onde seguira a matança.

Andou em direcção ao mar pensando em Maria e no que o levara a refugiar-se na guerra. Os seus pensamentos viram-se bruscamente interrompidos. Estava próximo do Castell de Regomir, bastião da antiga muralha romana, quando uns gritos muito perto o obrigaram a regressar à realidade.

— Hereges!

— Assassinos!

Arnau deu com uma vintena de pessoas armadas com paus e facas que ocupava toda a rua e que gritava para algumas pessoas que deviam estar encostadas à fachada de uma das casas. Porque não se limitavam a chorar os seus mortos? Não parou, e dispôs-se a atravessar o grupo de exaltados para continuar o seu caminho. Enquanto os afastava aos empurrões, desviou por instantes o olhar para o local que aquela gente cercava: na ombreira da porta de uma casa, um escravo mouro, ensanguentado, tentava proteger com o corpo três crianças vestidas de preto com a rodela amarela ao peito. Arnau viu-se de imediato entre o mouro e os agressores. Fez-se silêncio e as crianças espreitaram com as suas caritas assustadas. Arnau olhou para elas; lamentava não ter dado filhos a Maria. Uma pedra voou em direcção a uma daquelas cabecinhas e roçou por Arnau. O mouro pôs-se no seu caminho; a pedrada bateu-lhe no estômago e fê-lo dobrar-se de dor. O pequeno rosto olhou directamente para Arnau. A sua mulher adorava crianças; tanto se lhe dava que fossem cristãs, mouras ou judias. Seguia-as com o olhar, na praia, nas ruas... Os seus olhos perseguiam-nos e depois olhavam para ele...

— Afasta-te! Sai daí — ouviu Arnau atrás de si. Arnau olhou para aqueles pequenos olhos assustados.

— Que querem fazer a estas crianças? — perguntou. Vários homens, armados com facas, enfrentaram-no.

— São judeus — responderam-lhe em uníssono.

— E só por isso vão matá-las? Não estão já satisfeitos com os pais delas?

— Envenenaram os poços — respondeu um. — Mataram Jesus. Matam as crianças cristãs para os seus rituais hereges. Sim, arrancam-lhes o coração... Roubam as hóstias sagradas.

Arnau já nem ouvia. Continuava a sentir o cheiro do sangue da judiaria... e o cheiro de Castell-Rosselló. Agarrou pelo braço o homem que lhe estava mais próximo e bateu-lhe na cara ao mesmo tempo que lhe sacava a faca e o voltava para os restantes.

— Ninguém fará mal a estas crianças!

Os atacantes viram como Arnau empunhava a faca, como a movia em círculos na sua direcção, como os olhava.

— Ninguém fará mal a estas crianças — repetiu. — Vão lutar para a judiaria, contra os soldados, contra os homens.

— Matá-los-ão — ouviu o mouro dizer atrás de si.

— Herege! — gritaram-lhe os do grupo. — Judeu!

Tinham-lhe ensinado a atacar primeiro, a apanhar desprevenido o inimigo, a não permitir que o seu oponente ganhasse vantagem, a assustá-lo. Arnau lançou-se à facada contra os mais próximos, com um grito de “Sant Jordi!”. Cravou o punhal no ventre do primeiro e rodou sobre si próprio, o que obrigou os que se preparavam para se lançar sobre ele a retroceder. O punhal rasgou o peito de um outro. Caído no chão, um dos atacantes apunhalou-o na perna. Arnau olhou para ele, agarrou-o pelos cabelos, inclinou-lhe a cabeça para trás e degolou-o. O sangue jorrou em borbotões. Três homens jaziam no chão e os restantes começaram a afastar-se. “Foge quando estiveres em desvantagem”, tinham-lhe aconselhado. Arnau fez menção de se voltar a lançar sobre eles e aquela gente começou a tropeçar enquanto tentava afastar-se dele. Com a mão esquerda, sem olhar para trás, instou o mouro a aproximar-se e, quando notou o tremer das crianças agarradas às suas pernas, começou a andar em direcção ao mar, de costas, sem perder os agressores de vista.

— Estão à vossa espera na judiaria — gritou para os assaltantes enquanto continuava a empurrar as crianças.

Alcançaram a antiga Porta do Castell de Regomir e começaram a correr. Arnau, sem mais explicações, impediu que as crianças se dirigissem para a judiaria.

Onde poderia esconder as crianças? Arnau conduziu-os até Santa Maria e estacou em seco diante da entrada principal. De onde estavam, através da obra inacabada, conseguia-se ver o interior.

— Não... Não pretende meter as crianças numa igreja cristã? — perguntou-lhe, receoso, o escravo.

— Não — respondeu Arnau. — Mas muito perto dela.

— Porque não nos deixou regressar às nossas casas? — perguntou por sua vez uma rapariga, em todos os aspectos a mais velha dos três, e muito mais folgada que os outros depois da corrida.

Arnau apalpou a perna. O sangue jorrava abundantemente.

— Porque as vossas casas estão a ser atacadas pelo povo — respondeu-lhe. — Culpam-vos pela peste. Dizem que vocês envenenaram os poços. — Ninguém respondeu nada. — Lamento — acrescentou Arnau.

O escravo muçulmano foi o primeiro a reagir:

— Não podemos ficar aqui — disse, obrigando Arnau a parar de examinar o estado da sua perna. — Faça o que achar conveniente, mas esconda as crianças.

— E tu? — inquiriu Arnau.

— Tenho de me inteirar do que aconteceu com as famílias deles. Como poderei encontrar-vos?

— Não poderás — respondeu Arnau, pensando que naquele momento não podia mostrar-lhe o caminho para o cemitério romano.

— Eu encontrar-te-ei a ti. Vem à meia-noite à praia, em frente à peixaria nova. — O escravo anuiu; quando iam a separar-se, Arnau acrescentou: — Se ao fim de três noites não tiveres aparecido, tomar-te-ei por morto.

O muçulmano assentiu de novo e olhou para Arnau com os seus grandes olhos pretos.

— Obrigado — disselhe, antes de começar a correr na direcção da judiaria.

A mais pequena das crianças tentou seguir o mouro, mas Arnau segurou-a pelos ombros.

Nessa primeira noite, o muçulmano não compareceu ao encontro. Arnau ficou à espera dele por mais de uma hora depois da meia-noite; ouvia o rumor distante dos tumultos na judiaria e observava a noite, tingida de vermelho pelos incêndios. Durante a espera, teve tempo para pensar em tudo o que se passara durante aquele dia tresloucado. Tinha três crianças judias escondidas num antigo cemitério romano, debaixo do altar-mor de Santa Maria, debaixo da sua própria Virgem. A entrada para o cemitério, que nos seus tempos de juventude descobrira com Joanet, continuava igual desde a última vez que lá tinham estado. Ainda não tinha sido construída a escada da porta do Born, e os estrados de madeira tinham-lhes permitido o acesso fácil; no entanto, os guardas que vigiavam o templo, e que tinham estado a rondar durante quase uma hora pela rua, tinham-nos obrigado a esperar agachados e em

silêncio pela oportunidade para se esgueirarem por debaixo das tábuas.

As crianças seguiram-no sem reclamar, até que, depois de percorrerem o túnel, na escuridão, Arnau os avisou de que não deviam tocar em nada se não queriam ter uma surpresa desagradável. Então, as três crianças começaram a chorar desconsoladamente e Arnau não soube como responder àquele pranto. De certeza que Maria teria sabido acalmá-las.

— São apenas mortos — gritou-lhes —, e nem sequer de peste. Que preferem? Estar aqui, vivos junto dos mortos, ou lá fora, para que vos matem? — Os prantos pararam. — Agora vou voltar a sair para ir buscar uma vela, água e alguma comida. De acordo? De acordo? — repetiu perante o silêncio das crianças.

— De acordo — ouviu responder a rapariga.

— Vamos lá ver: arrisquei a minha vida por vocês, e ainda vou continuar a arriscá-la se alguém descobrir que tenho três crianças judias escondidas debaixo da igreja de Santa Maria. Não estou disposto a fazer isso se, quando regressar, descobrir que vocês desapareceram. Que dizem? Esperam-me aqui, ou preferem voltar para as ruas?

— Esperaremos aqui — respondeu, decidida, a rapariga.

Arnau foi recebido por uma casa vazia. Lavou-se e tratou da perna. Ligou a ferida. Encheu de água a sua velha bexiga, pegou numa lamparina e em óleo para a carregar, num pão duro e carne salgada, e regressou a correr para Santa Maria.

As crianças não se tinham mexido e continuavam no fim do túnel, onde as tinha deixado. Arnau acendeu a lamparina e viu três criaturinhas assustadas que não corresponderam ao sorriso com que tentou acalmá-las. A rapariga abraçava os outros dois. Eram todos morenos, com os cabelos longos e limpos, saudáveis, com os dentes brancos como a neve, sobretudo a rapariga.

— São irmãos? — lembrou-se de perguntar.

— Nós somos irmãos — respondeu de novo a rapariga, apontando para o mais pequeno. — Ele é nosso vizinho.

— Bom, creio que depois de tudo o que se passou e do que ainda temos pela frente, deveríamos apresentar-nos. Chamo-me Arnau.

A rapariga fez as honras: ela chamava-se Raquel, o irmão chamava-se Jucef, e o vizinho, Saúl. Arnau continuou a interrogá-los à luz da lamparina, enquanto as crianças lançavam olhares fugazes para o interior do cemitério. Tinham treze, seis e onze anos. Tinham nascido em Barcelona e viviam com os seus pais na judiaria, para onde regressavam quando tinham sido atacados pelos selvagens de quem Arnau os tinha defendido. O escravo, a quem sempre tinham tratado por Sahat, era propriedade dos pais de Raquel e Jucef, e se tinha dito que viria ao encontro na praia, tinham a certeza de que o faria; nunca lhes tinha faltado.

— Muito bem — disse Arnau, — depois das explicações julgo que valerá a pena darmos uma olhadela por este local.

Há muito tempo, desde que eu tinha mais ou menos a vossa idade, que não vinha aqui, embora me pareça que ninguém aqui se mexeu. — Só ele se riu. De joelhos, moveu-se até ao centro da gruta, iluminando o interior. As crianças permaneceram agachadas onde estavam, olhando com horror para as tumbas abertas e para os esqueletos. — Isto foi o melhor de que me consegui lembrar — justificou-se ao perceber as expressões de pânico das crianças. — Aqui, de certeza que ninguém vos encontrará enquanto esperamos que tudo se acalme...

— E que vai ser de nós se matarem os nossos pais? — interrompeu-o Raquel.

— Não penses nisso. Certamente que não lhes acontecerá nada. Olhem, venham cá. Há aqui um espaço sem túmulos, e é suficientemente grande para cabermos todos. Vamos! — teve de insistir, chamando-os com gestos.

Por fim, conseguiu que as crianças se lhe reunissem num espaço que lhes permitia sentarem-se no chão sem tocarem em nenhum túmulo. O antigo cemitério romano continuava igual desde a primeira vez que o vira, com as suas estranhas tumbas de telhas em forma de pirâmides alongadas e com as grandes ânforas com cadáveres no interior. Arnau colocou a lamparina em cima de uma delas e ofereceu-lhes de beber, o pão e a carne salgada. Todos beberam com avidez, mas para comer apenas aceitaram o pão.

— Não é kosher — desculpou-se Raquel, apontando para a carne salgada.

— Kosher?

Raquel explicou-lhe o que significava kosher e os ritos que se deviam seguir para que os membros da comunidade judaica pudessem comer carne, e continuaram a conversar até que os dois rapazinhos caíram rendidos ao sono sobre o colo da rapariga. Então, sussurrando para não os acordar, a rapariga perguntou-lhe:

— E tu, não acreditas no que dizem por aí?

— Em quê?

— Que envenenámos os poços.

Arnau demorou alguns instantes a responder.

— Algum judeu morreu com a peste? — perguntou.

— Muitos.

— Nesse caso, não — afirmou. — Não acredito.

Quando Raquel adormeceu, Arnau rastejou pelo túnel e dirigiu-se para a praia.

O ataque à judiaria prolongou-se por dois dias, durante os quais as escassas forças reais, juntamente com membros da comunidade judaica, tentaram defender o bairro dos constantes assaltos a que era submetido por um povo enlouquecido e fanatizado que, em nome da Cristandade, desfraldava a bandeira do saque e do linchamento. Por fim, o rei enviou tropas suficientes e a situação começou a regressar à normalidade.

Na terceira noite, Sahat, que tinha estado a lutar ao lado dos seus amos, conseguiu escapar-se para se encontrar com Arnau na praia da cidade, diante da peixaria, conforme tinham combinado.

— Sahat! — ouviu na noite.

— Que fazes tu aqui? — perguntou o escravo a Raquel, que correu para ele.

— O cristão está muito doente.

— Não será...

— Não — interrompeu-o a rapariga. — Não é peste. Não tem bolhas. É a perna dele. A ferida infectou e tem muita febre. Não consegue andar.

— E os outros? — perguntou o escravo.

— Estão bem. E...

— Estão à vossa espera.

Raquel conduziu o mouro até às tábuas da porta do Bom de Santa Maria.

— Aqui? — perguntou o escravo quando a rapariga se meteu por baixo das tábuas.

— Silêncio — respondeu ela. — Segue-me.

Deslizaram os dois pelo túnel até ao cemitério romano.

Todos tiveram de ajudar a levar Arnau dali; Sahat rastejando para trás, puxando-o pelas mãos, e as crianças empurrando-o pelos pés. Arnau desmaiara. Os cinco, com Arnau aos ombros do escravo e as crianças disfarçadas de cristãs com roupas que Sahat tinha trazido, tomaram o caminho para a judiaria, tentando, mesmo assim, caminhar pelas sombras. Quando chegaram diante das portas da judiaria, vigiadas por um forte contingente de soldados do rei, Sahat explicou ao oficial de guarda a verdadeira identidade das crianças e a razão por que não traziam a rodela amarela. Quanto a Arnau, sim, era um cristão com febre que precisava da atenção de um médico, tal como o oficial podia comprovar, e efectivamente fez, embora afastando-se imediatamente, não fora dar-se o caso de ser um doente com peste. No entanto, o que verdadeiramente lhes abriu as portas da judiaria foi a generosa bolsa que o escravo deixou cair nas mãos do oficial do rei enquanto falava com ele.

CAPÍTULO 32

“Ninguém fará mal a estas crianças... Pai, onde estás? Porquê, pai? Há cereais no palácio... Amo-te, Maria...” Quando Arnau começava a delirar, Sahat obrigava as crianças a saírem do quarto e mandava chamar Hasdai, o pai de Raquel e de Jucef, para que o ajudasse a imobilizá-lo, caso Arnau começasse a lutar com os soldados do Rossilhão e se lhe abrisse de novo a ferida na perna. Amo e escravo vigiavam-no ao lado da cama, enquanto outra escrava lhe punha compressas frias na testa. Assim estava havia uma semana, durante a qual recebeu os melhores cuidados dos médicos judeus e a atenção constante da família Crescas e dos seus escravos, e em especial de Sahat, que velava o doente dia e noite.

— A ferida não tem grande importância — diagnosticaram os médicos —, mas a infecção afecta todo o corpo.

— Sobreviverá? — perguntou Hasdai.

— É um homem forte — limitaram-se a responder os médicos, antes de saírem de casa.

— Há trigo no palácio! — tornou a gritar Arnau, transpirado pela febre, ao fim de alguns minutos.

— Se não fosse ele — disse Sahat —, estaríamos todos mortos.

— Bem sei — respondeu Hasdai, de pé ao lado dele.

— Porque o terá feito? É um cristão.

— É uma boa pessoa.

De noite, quando Arnau descansava e a casa ficava em silêncio, Sahat virava-se para a direcção sagrada e ajoelhava-se a rezar pelo cristão. Durante o dia, obrigava-o pacientemente a beber água e a engolir as poções que os médicos tinham preparado. Raquel e Jucef apareciam frequentemente e Sahat permitia-lhes que entrassem, se Arnau não estivesse a delirar.

— É um guerreiro — afirmou uma vez Jucef, com os olhos muito abertos.

— Certamente que o foi, sim — respondeu Sahat.

— Disseme que era bastaix — corrigiu Raquel.

— No cemitério disse-nos que era um guerreiro. Quando muito, será um bastaix guerreiro.

— Dissete isso para te calares.

— Eu apostaria que é um bastaix — interveio Hasdai. — Tendo em conta o que diz.

— É um guerreiro — insistiu a criança mais pequena.

— Não sei, Jucef. — O escravo passou-lhe os dedos pelos cabelos negros. — Porque não esperamos que se cure e depois ele mesmo nos conte?

— Será que se vai curar?

— Certamente. Já alguma vez viste um guerreiro morrer por causa de uma ferida numa perna?

Quando as crianças saíam, Sahat aproximava-se de Arnau e tocava-lhe na testa, que continuava a arder. “Não são só as crianças que continuam vivas graças a ti, cristão. Porque o fizeste? O que te levou a arriscar a tua vida por um escravo e três crianças judias? Vive. Tens de viver. Quero falar contigo, agradecer-te. Além disso, Hasdai é muito rico e há-de recompensar-te, certamente.”

Alguns dias mais tarde, Arnau começou a recuperar. Uma manhã, Sahat encontrou-o sensivelmente menos quente.

— Alá, louvado seja o seu nome, ouviu-me. — Hasdai sorriu quando verificou as melhoras pessoalmente.

— Viverá — atreveu-se a assegurar aos filhos.

— Vai contar-me as suas batalhas?

— Filho, não creio...

Mas Jucef começou a imitar Arnau, movendo o punhal freneticamente diante de um grupo imaginário de agressores. No momento em que ia para degolar um homem caído, a irmã agarrou-lhe o braço.

— Jucef! — gritou-lhe.

Quando se voltaram para o doente, deram com os olhos abertos de Arnau. Jucef recompôs-se.

— Como te sentes? — perguntou Hasdai.

Arnau tentou responder, mas tinha a boca seca. Sahat aproximou-se com um copo de água.

— Estou bem — conseguiu dizer, depois de beber. — E as crianças?

Jucef e Raquel aproximaram-se da cabeceira da cama, empurrados pelo pai. Arnau esboçou um sorriso.

— Olá — disse Arnau.

— Olá — responderam as crianças.

— E o Saul?

— Está bem — respondeu Hasdai —, mas agora tens de descansar. Vamos, meninos.

— Quando estiveres bem, contas-me as tuas batalhas? — perguntou-lhe Jucef antes que o pai e a irmã o levassem do quarto.

Arnau anuiu e tentou esboçar um sorriso.

Ao longo da semana seguinte a febre baixou por completo e a ferida começou a fechar. Arnau e Sahat conversaram sempre que o bastaix se sentiu com forças para o fazer.

— Obrigado — foi a primeira coisa que disse ao escravo.

— Já me agradeceste, lembras-te? Mas porquê... Porque fizeste isto?

— Os olhos daquelas crianças... a minha mulher nunca o teria permitido...

— Maria? — perguntou Sahat lembrando-se dos delírios de Arnau.

— Sim — respondeu Arnau.

— Queres que a avisemos de que estás aqui?

Arnau cerrou os lábios com firmeza e negou com a cabeça.

— Há alguém que queiras que avisemos?

O escravo não insistiu mais, ao ver a expressão que ensombrava o rosto de Arnau.

— Como terminou o cerco? — perguntou Arnau, noutra ocasião, a Sahat.

— Duzentos homens e mulheres assassinados. Muitas casas saqueadas ou incendiadas.

— Que desastre!

— Não tanto assim — corrigiu-o Sahat. Arnau olhou para ele, surpreendido. — A judiaria de Barcelona teve sorte. Do Oriente até Castela, os judeus foram assassinados sem piedade. Mais de trezentas comunidades ficaram totalmente destruídas. Na Alemanha, o próprio imperador Carlos IV prometeu conceder o perdão a qualquer delinquente que assassinasse um judeu ou destruísse uma judiaria. Imaginas o que se teria passado em Barcelona se o vosso rei, em vez de proteger a judiaria, tivesse perdoado a todos os que matassem algum judeu? — Arnau fechou os olhos e negou com a cabeça. — Em Mainz, queimaram na fogueira seis mil judeus, e em Estrasburgo imolaram em massa dois mil, numa imensa pira no cemitério judaico, incluindo mulheres e crianças. Dois mil de uma só vez...

As crianças só podiam entrar no quarto de Arnau quando Hasdai ia visitar o doente e podia assegurar-se de que as crianças não o incomodavam. Um dia, quando Arnau já começava a levantar-se da cama e a dar os primeiros passos, Hasdai apareceu sozinho. O judeu, alto e magro, com o cabelo negro, comprido e liso, o olhar penetrante e o nariz adunco, sentou-se à frente dele.

— Deves saber... — disse com voz grave — suponho que já sabes — corrigiu — que os teus sacerdotes proíbem a coabitação entre cristãos e judeus.

— Não te preocupes, Hasdai. Assim que eu possa andar...

— Não — interrompeu-o o judeu. — Não estou a dizer-te que tenhas de sair da minha casa. Salvaste os meus filhos de uma morte certa, arriscando a tua própria vida. Tudo o que tenho é teu, e ficarei agradecido para sempre. Podes ficar nesta casa o tempo que quiseres. A minha família e eu próprio sentir-nos-íamos muito honrados se assim o fizesses. A única coisa que queria fazer era avisar-te, sobretudo se decidires ficar, de que temos de manter a máxima discrição. Ninguém saberá pelos meus, e neles incluo toda a comunidade judaica, que vives em minha casa; por isso podes estar descansado. A decisão é tua e insisto em que nos sentiríamos muito honrados e felizes se decidisses ficar connosco. Que me respondes?

— Quem contaria ao teu filho as minhas batalhas?

Hasdai sorriu e deu-lhe uma mão, que Arnau apertou.

Castell-Rosselló era uma fortaleza impressionante... O pequeno Jucef sentava-se em frente a Arnau, no chão do jardim das traseiras dos Crescas, com as pernas cruzadas e os olhos muito abertos, e saboreava uma e outra vez as histórias de guerra do bastaix, atento ao cerco, inquieto nas contendas, sorridente na vitória.

— Os defensores lutaram com valor — contava-lhe —, mas os soldados do rei Pedro foram superiores...

Quando terminava, Jucef insistia para que repetisse outra das suas histórias. Arnau contava-lhe tanto relatos verdadeiros como inventados. “Eu só ataquei dois castelos”, esteve a ponto de lhe confessar. “Nos restantes dias de guerra, limitámo-nos a saquear e a destruir quintas e colheitas... excepto as figueiras.”

— Gostas de figos, Jucef? — perguntou-lhe certa vez, relembrando os troncos retorcidos que se erguiam no meio da destruição total.

— Já chega, Jucef — advertiu-o o pai, que acabava de chegar ao jardim, perante a insistência do pequeno em que lhe contasse outra batalha. — Vai dormir — Jucef, obediente, despediu-se do pai e de Arnau. — Porque lhe perguntaste se gosta de figos?

— É uma longa história.

Sem dizer uma palavra, Hasdai sentou-se em frente a ele numa cadeira. “Conta-me”, disselhe com o olhar.

— Arrasámos com tudo... — confessou Arnau depois de me relatar brevemente os antecedentes —, excepto com as figueiras. Absurdo, não é verdade? Deixávamos os campos arrasados e, no meio deles, por entre tanta destruição, uma solitária figueira olhava-nos, perguntando-nos o que estávamos a fazer.

Arnau perdeu-se nas suas recordações e Hasdai não se atreveu a interrompê-lo.

— Foi uma guerra sem sentido — acrescentou por fim o bastaix.

— No ano seguinte — disse Hasdai —, o rei recuperou o Rossilhão. Jaime de Maiorca ajoelhou-se de cabeça descoberta diante dele e rendeu os seus exércitos. Talvez essa primeira guerra em que estiveste tenha servido para...

— Para matar de fome os camponeses, as crianças e os mais humildes — interrompeu-o Arnau. — Talvez tenha servido para que o exército de Jaime ficasse sem provisões, mas para isso tiveram de morrer muitas pessoas humildes, garanto-te. Nada mais somos do que joguetes nas mãos dos nobres. Decidem sobre os seus assuntos sem se importar quantas mortes ou quanta miséria podem trazer aos restantes.

Hasdai suspirou.

— Se eu te contasse, Arnau... Nós somos propriedade real, somos do rei...

— Eu fui para a guerra para lutar e acabei a queimar as colheitas dos mais pobres.

Os dois homens ficaram pensativos durante alguns instantes.

— Bem! — exclamou Arnau, rompendo o silêncio. — Já sabes o porquê da história das figueiras.

Hasdai levantou-se e deu uma palmada a Arnau no ombro. Depois convidou-o a entrar em casa.

— Refrescou — disselhe, olhando para o céu.

Quando Jucef os deixava a sós, Arnau e Raquel costumavam conversar no pequeno jardim dos Crescas. Não falavam da guerra; Arnau contava-lhe coisas da sua vida de bastaix e de Santa Maria.

— Nós não acreditamos em Jesus Cristo como sendo o Messias; o Messias ainda não chegou e o povo judeu aguarda a sua chegada — contou-lhe, certa vez, Raquel.

— Dizem que vocês o mataram.

— Não é verdade! — respondeu a rapariga, afogueada. — A nós é que sempre nos mataram e nos expulsaram de onde quer que estejamos!

— Dizem — insistiu Arnau — que na Páscoa sacrificam uma criança cristã e que comem o coração e os membros para cumprir com os vossos rituais.

Raquel negou com a cabeça.

— Isso é uma tolice! Tu próprio já viste que nós não podemos comer carne que não seja kosher e que a nossa religião nos proíbe de ingerir sangue; que havíamos nós de fazer com um coração de uma criança, com os seus braços ou as suas pernas? Tu já conheces o meu pai e o pai de Saul. Acha-los capazes de comer o coração de uma criança?

— E a hóstia? — perguntou. — Dizem também que vocês as roubam para as torturar e fazer reviver o sofrimento de Jesus Cristo.

Raquel gesticulou com as mãos.

— Nós, judeus, não acreditamos na transub... — fez um gesto de contrariedade. Encalhava sempre naquela palavra quando falava com o pai! — Transubstanciação — repetiu de um jacto.

— Na quê?

— Na transubs... tanciação. Para vocês, isso significa que Jesus Cristo está na hóstia, que a hóstia é realmente o corpo de Cristo. Nós não acreditamos nisso. Para os judeus, a vossa hóstia não passa de um pedaço de pão. Seria bastante absurdo da nossa parte torturarmos um simples pedaço de pão.

— Então, nada daquilo de que são acusados é verdade?

— Nada.

Arnau queria acreditar em Raquel. A rapariga olhava-o com os olhos muito abertos, implorando-lhe que arredasse da mente os preconceitos com que os cristãos difamavam a sua comunidade e as suas crenças.

— Mas são usurários. Isso é que não podem negar.

Raquel ia para responder quando ouviram a voz do pai da rapariga.

— Não. Não somos usurários — interveio Hasdai Crescas, aproximando-se deles e sentando-se junto da filha. — Pelo menos, não o somos tanto assim como dizem. — Arnau ficou calado, à

espera de uma explicação. — Repara, até há pouco mais de um século, no ano de 1230, os cristãos também emprestavam dinheiro a juros. Tanto os judeus como os cristãos o faziam, mas um decreto do vosso Papa Gregório IX proibiu aos cristãos que emprestassem a juros e, a partir daí, só os judeus e algumas outras comunidades, como os lombardos, puderam continuar a praticar essa actividade. Durante mil e duzentos anos, os cristãos emprestaram dinheiro a juros. Há pouco mais de cem anos é que deixaram de o fazer, pelo menos oficialmente — Hasdai sublinhou a palavra —, e afinal, nós é que somos usurários.

— Oficialmente?

— Sim, oficialmente. Há muitos cristãos que emprestam dinheiro a juros por nosso intermédio. Mas, seja como for, deixa-me explicar-te por que razão o fazemos. Em todas as épocas e em todos os lugares, nós, judeus, sempre dependemos directamente do rei. Ao longo dos tempos, a nossa comunidade foi expulsa de muitos países; foi-o até da sua própria terra, depois do Egipto, mais tarde, em 1183, de França, e pouco depois, em 1290, de Inglaterra. As comunidades judaicas tiveram de emigrar de um país para outro, deixar para trás todos os seus haveres e suplicar aos reis dos países para onde se dirigiam que lhes dessem permissão para se estabelecerem. Em resposta, os reis, tal como acontece com os vossos, costumam assenhorear-se da comunidade judaica e exigem-lhe grandes contribuições para as suas guerras e as suas despesas. Se não obtivéssemos lucros através do nosso dinheiro não poderíamos cumprir as extravagantes exigências dos vossos reis, e tornaríamos a ser expulsos de onde nos encontrássemos.

— Mas vocês não emprestam dinheiro apenas aos reis — insistiu Arnau.

— Pois não. É verdade. E sabes porquê? — Arnau fez que não com a cabeça. — Porque os reis nunca reembolsam os seus empréstimos; muito pelo contrário, pedem-nos mais e mais empréstimos para as suas guerras e as suas despesas. A algum lado temos de ir buscar o dinheiro para lhes emprestar, ou mesmo para contribuir gratuitamente, sem que se trate sequer de um empréstimo.

— E não se podem negar a fazê-lo?

— Mandar-nos-iam embora ou... o que seria pior, não nos defenderiam dos cristãos, como fizeram há uns dias. Morreríamos todos. — Desta vez, Arnau anuiu com a cabeça em silêncio, diante do olhar satisfeito de Raquel, que via como o pai conseguia convencer o bastaix. Ele mesmo vira os encolerizados barceloneses clamando contra os judeus. — Seja como for, repara que também não emprestamos dinheiro aos cristãos que não sejam mercadores ou que não tenham por ofício comprar e vender. Há quase cem anos que o vosso rei Jaime, o Conquistador, promulgou um usatge segundo o qual qualquer escrito de levantamento ou de depósito efectuado por um cambista judeu a alguém que não seja mercador se considera falso e simulado pelos judeus, pelo que não podemos agir contra aqueles que não forem mercadores. Não podemos lançar escritas de levantamento ou depósito a alguém que não seja mercador, uma vez que nunca cobraríamos aos devedores.

— E que diferença há?

— Toda a diferença, Arnau, toda. Vocês, cristãos, orgulham-se de não emprestar dinheiro a juros, seguindo as ordens da vossa Igreja, e é certo que não o fazem, pelo menos às claras. No entanto, fazem o mesmo, mas dão-lhe outro nome. Repara: até que a Igreja impediu os empréstimos a juros entre cristãos, os negócios funcionaram da mesma forma como agora entre judeus e mercadores: havia cristãos com muito dinheiro que emprestavam a outros cristãos, mercadores, e a quem estes devolviam o capital com juros.

— E que aconteceu quando foi proibido o empréstimo a juros?

— Pois foi muito simples: como sempre, vocês, cristãos, deram a volta à norma da Igreja. Era evidente que nenhum cristão que tivesse dinheiro o iria emprestar a outro sem obter algum benefício de volta, como se pretendia. Para isso, ficava antes com o dinheiro e não corria risco nenhum. Então, os cristãos inventaram um negócio que se chama comanda. Já ouviste falar dele?

— Sim — reconheceu Arnau. — No porto fala-se muito das comandas sempre que chega um navio com mercadorias, mas a verdade é que nunca percebi o que era.

— É muito simples, na verdade. A comanda não é mais do que um empréstimo com juros... disfarçado. Há um comerciante, um

cambista, em geral, que entrega dinheiro a um mercador para que compre ou venda uma mercadoria. Quando o mercador fecha o negócio, tem de devolver ao cambista a mesma quantia que recebeu, mais uma parte dos ganhos. É o mesmo que um empréstimo a juros, mas chamado de outra maneira: comanda. O cristão que entrega esse dinheiro obtém um benefício pelo seu dinheiro, que é o que a Igreja proíbe: a obtenção de lucros por causa do dinheiro e não pelo trabalho do homem. Os cristãos continuam a fazer exactamente o mesmo que faziam há cem anos, antes de serem proibidos os juros, só que com outro nome. O resultado é que se nós emprestamos dinheiro para um negócio, somos usurários, mas se for um cristão a fazê-lo através de uma comanda, já não o é.

— Não há nenhuma diferença?

— Apenas uma: nas comandas, aquele que entregou o dinheiro corre o mesmo risco do negócio, isto é, se o mercador perde a mercadoria ou não regressa, por exemplo por ter sido assaltado por piratas durante uma travessia marítima, aquele que tiver entrado com dinheiro perde-o. Isso não aconteceria com um empréstimo, pois o mercador continuava a estar obrigado a devolver o dinheiro com juros, mas na prática acaba por ser o mesmo, porque o mercador que perdeu a sua mercadoria não nos paga, e no fim de tudo, nós, judeus, temos de nos acomodar às práticas comerciais habituais: os mercadores querem comandas em que não corram o risco e nós temos de as fazer porque, caso contrário, não conseguiríamos lucros para cumprirmos com os vossos reis, Percebeste?

— Nós, cristãos, não emprestamos a juros, mas o resultado é o mesmo, através das comandas — comentou Arnau para consigo.

— Exacto. O que a vossa Igreja tenta proibir não é o juro em si mesmo, mas a obtenção de um benefício pelo dinheiro, e não pelo trabalho, e isso desde que os empréstimos não sejam feitos a reis, nobres ou cavaleiros, naquilo a que se chama empréstimos baratos, porque um cristão pode emprestar dinheiro aos reis, nobres ou cavaleiros com juros; a Igreja pressupõe que esses empréstimos se destinam à guerra e considera válido o juro.

— Mas essa prática só é levada a cabo por cambistas cristãos — argumentou Arnau. — Não se pode julgar todos os cristãos por aquilo que esses fazem...

— Não te enganes, Arnau — avisou-o Hasdai, sorrindo e gesticulando com as mãos. — Os cambistas recebem em depósito o dinheiro dos cristãos e com esse dinheiro contratam comandas, cujos benefícios depois têm de pagar àqueles cristãos que lhes entregaram o seu dinheiro. Os cambistas dão a cara, mas o dinheiro é dos cristãos, de todos aqueles que o depositam nas mesas de câmbio. Arnau, há uma coisa que nunca mudará na História: aquele que tem dinheiro, quer ter mais ainda; nunca o oferece, nem nunca o fará. Se os vossos bispos não o fazem, porque o haviam de fazer os seus fiéis? Chame-se-lhe empréstimo, chame-se-lhe comanda, chame-se-lhe o que se quiser, o certo é que as pessoas nunca dão nada; no entanto, os únicos usurários somos nós.

Enquanto conversavam, chegou a noite, uma noite mediterrânica, estrelada e plácida. Durante uns momentos, os três ficaram em silêncio, desfrutando a paz e a tranquilidade que se respirava no pequeno jardim das traseiras da casa de Hasdai Crescas. Por fim, chamaram-nos para o jantar e, pela primeira vez desde que estava alojado com aqueles judeus, Arnau viu-os como pessoas iguais a ele, com outras crenças, mas boas, tão boas e tão caridosas como podiam ser os mais santos de entre os cristãos. Nessa noite, sem qualquer reserva, desfrutou dos sabores da cozinha judaica acompanhado por Hasdai à mesa e servido pelas mulheres da casa.

CAPÍTULO 33

O tempo ia passando e a situação começava a tornar-se incómoda para todos. As notícias que chegavam sobre a peste eram animadoras: cada vez apareciam menos casos. Arnau precisava de regressar a casa. Na noite anterior à partida, Arnau e Hasdai juntaram-se no jardim. Tentaram conversar amistosamente, de coisas simples, mas a noite sabia a despedida e, entre uma frase e outra, evitavam olhar-se.

— Sahat é teu — anunciou subitamente Hasdai, entregando-lhe a documentação que o corroborava.

— Para que quero um escravo? Nem sequer poderei alimentar-me a mim próprio até que o comércio marítimo recupere, como vou eu dar de comer a um escravo? A confraria não permite que os escravos trabalhem. Não preciso de Sahat.

— Sim, vais precisar dele — respondeu Hasdai, sorrindo. — Ele está em dívida contigo. Desde que nasceram Raquel e Jucef, Sahat encarregou-se de cuidar deles como se fossem seus próprios filhos, e asseguro-te que os adora como tal. Nem Sahat nem eu poderemos alguma vez pagar-te o que fizeste por eles. Pensámos que a melhor forma de te compensar por essa dívida seria facilitando-te a vida. Para isso, precisarás de Sahat, e ele está disposto a isso.

— Facilitar-me a vida?

— Ambos te ajudaremos a tornares-te rico.

Arnau devolveu o sorriso ao seu ainda anfitrião.

— Sou apenas um bastaix. As riquezas são para os nobres e os mercadores.

— Serão também para ti. Eu disponibilizarei os meios para que assim seja. Se agires com prudência e seguindo as instruções de Sahat, não tenho dúvidas de que chegarás a ser rico. — Arnau olhou para ele, à espera de explicações. — Como deves saber — prosseguiu Hasdai —, a peste está a recuar; os casos começam a ser isolados, mas as consequências da praga foram terríveis. Ninguém sabe exactamente quantas pessoas morreram em Barcelona, mas o que se sabe é que dos cinco conselheiros, quatro morreram. E isso pode ser terrível. Bem, vamos ao assunto: muitos dos mortos eram cambistas que exerciam a sua profissão em Barcelona. Sei-o, porque colaborava com eles e agora já cá não estão. Creio que, se estiveres interessado, poderás dedicar-te ao negócio do câmbio...

— Não sei nada de negócios, nem de câmbios — interrompeu-o Arnau. — Todos os mestres de ofícios precisam de passar por uma prova. Eu não sei nada de tudo isso.

— Os cambistas ainda não — respondeu Hasdai. — Sei que já foi pedida ao rei uma regulamentação, mas ele ainda não a criou. A profissão de cambista é livre, desde que assegures a tua mesa. Quanto à sabedoria, Sahat tem a bastante. Ele sabe absolutamente

tudo sobre as mesas de câmbio. Há muitos anos que colabora no meu negócio. Comprei-o porque era um especialista em transacções desse tipo. Se o deixares fazer tudo, aprenderás e prosperarás sem problemas. Apesar de ser escravo, é um homem de toda a confiança e deve-te lealdade por aquilo que fizeste pelos meus filhos, únicas pessoas que ele ama, pois para ele são a sua família. — Hasdai interrogou Arnau com os olhos semicerrados. — E então?

— Não sei... — hesitou Arnau.

— Contarás com a minha ajuda e a de todos os judeus que conhecem a tua história. Somos um povo agradecido, Arnau. Sahat conhece todos os meus correspondentes ao longo do Mediterrâneo, na Europa e mesmo para lá do Oriente, nas terras distantes do sultão do Egipto. Contarás com uma grande base para empreender o negócio, e nós mesmos te ajudaremos de início. É uma boa proposta, Arnau. Não terás nenhum problema.

O céptico consentimento de Arnau pôs em marcha toda a maquinaria que Hasdai já tinha preparada. Primeira regra: ninguém devia saber que Arnau contava com o apoio dos judeus; isso jogaria contra ele. Hasdai entregou-lhe documentos que provavam que todo o dinheiro que utilizasse provinha de uma viúva cristã de Perpingnan, e formalmente assim era.

— Se alguém te perguntar — disselhe —, não respondas, mas se te vires forçado a isso, diz que herdaste. Vais precisar de muito dinheiro — continuou. — Em primeiro lugar, terás de assegurar a tua mesa de câmbio perante os magistrados de Barcelona, constituindo uma fiança no valor de mil marcos de prata; depois, terás de comprar uma casa, ou os direitos de uma casa, no bairro dos cambistas, seja na Rua de Canvis Vells ou na de Canvis Nous, e acomodá-la para exerceres a tua profissão; por fim, terás de reunir mais dinheiro, para começares a trabalhar.

Cambista! E porque não? Que lhe restava da sua antiga vida? Todos os que lhe tinham sido queridos tinham morrido por causa da peste. Hasdai parecia convencido de que, com a ajuda de Sahat, a mesa funcionaria. Nem sequer conseguia imaginar como seria a vida de um cambista; ficaria rico, assegurara-lhe Hasdai. Que faziam os ricos? De repente, lembrou-se de Grau, o único rico que

tinha conhecido, e sentiu um vazio no estômago. Não. Ele nunca seria como Grau.

Assegurou a sua mesa de câmbio com os mil marcos de prata que Hasdai lhe entregou e jurou diante do magistrado que denunciaria a moeda falsa — interrogando-se sobre como ia ele reconhecê-la se algum dia lhe faltasse Sahat — e que a quebraria mediante umas cisalhas especiais que todo o cambista tinha de ter. Legalizou com a assinatura do magistrado os enormes livros de contas que dariam fé das suas operações e, num momento em que Barcelona se via mergulhada no caos que se seguira à praga da peste bubónica, recebeu a sua autorização para exercer como cambista e foram fixadas as horas em que obrigatoriamente teria de estar em frente ao seu estabelecimento.

A segunda regra que Hasdai o aconselhou a seguir foi relativa a Sahat:

— Ninguém deve saber que é uma oferta minha. Sahat é muito conhecido entre os cambistas, e se alguém descobre, tens problemas. Como cristão, podes fazer negócios com os judeus, mas evita que comecem a chamar-te amigo de judeus. Há outro problema relativamente a Sahat que tens de saber: poucos profissionais do câmbio perceberiam que eu o vendesse. Tive centenas de ofertas por ele, cada uma mais tentadora que a outra, e sempre me neguei, tanto por causa da competência dele como por causa do amor dele pelos meus filhos. Eles não perceberiam. Por isso, pensámos que se Sahat se convertesse ao cristianismo...

— Converter-se? — interrompeu Arnau.

— Sim. Nós, judeus, não podemos ter escravos cristãos. Se algum dos nossos escravos se converte, temos de libertá-lo ou vendê-lo a outro cristão.

— E os restantes cambistas acreditariam nessa conversão?

— Uma epidemia de peste é capaz de minar qualquer fé.

— E Sahat está disposto a esse sacrifício?

— Está.

Tinham falado disso, não como senhor e escravo, mas como os dois amigos em que tinham acabado por se vir a tornar, com o passar dos anos.

— Serias capaz? — perguntara-lhe Hasdai.

— Sim — respondera Sahat. — Alá, que o seu nome seja glorificado e louvado, saberá compreender. Bem sabes que a prática da nossa fé está proibida em terras cristãs. Cumprimos com as nossas obrigações em segredo, na intimidade dos nossos corações. Assim continuará a ser, por mais água-benta que me deitem por cima da cabeça.

— Arnau é um cristão devoto — insistiu Hasdai. — Se sabe disso...

— Nunca o saberá. Nós, escravos, mais do que ninguém sabemos a arte da hipocrisia. Não, não falo por ti, mas fui escravo onde quer que tenha estado. Frequentemente, as nossas vidas dependem disso.

A terceira regra ficou em segredo entre Sahat e Hasdai.

— Nem preciso de te dizer, Sahat — disselhe o seu antigo senhor, com a voz trémula —, a gratidão que sinto pela tua decisão. Os meus filhos e eu agradecer-te-emos para sempre.

— Eu é que devo agradecer-vos.

— Suponho que sabes para onde deves concentrar os teus esforços nesta altura...

— Creio que sim.

— Nada de especiarias. Nada de tecidos, óleos ou ceras — aconselhou-o Hasdai, enquanto Sahat anuía com a cabeça recebendo as instruções que já previra. — Até que a situação volte a estabilizar, a Catalunha não estará preparada para assumir de novo essas importações. Escravos, Sahat, escravos. Depois da peste, a Catalunha precisa de mão-de-obra. Até agora, nunca nos tínhamos dedicado muito ao negócio dos escravos. Encontrá-los-ás em Bizâncio, na Palestina, em Rodes e em Chipre. E evidentemente também no mercado da Sicília. Consta-me que na Sicília se vendem muitos turcos e tártaros. Mas eu seria partidário de utilizar os seus lugares de origem; em todos eles temos correspondentes a quem podes recorrer. Em muito pouco tempo, o teu novo senhor amontoará uma fortuna considerável.

— E se ele se negar ao comércio de escravos? Não parece ser pessoa para...

— Ele é boa pessoa — interrompeu-o Hasdai, confirmando as suas suspeitas —, escrupuloso, de origens humildes e muito

generoso. Poderia acontecer que se negasse a entrar no comércio de escravos. Não os tragas para Barcelona. Que Arnau não os veja. Leva-os directamente para Perpingnan, para Tarragona ou para Salou, ou limita-te a vendê-los em Maiorca. Maiorca tem um dos mercados de escravos mais importantes do Mediterrâneo. Deixa que outros os tragam para Barcelona ou que façam comércio com eles onde quiserem. Castela também está muito necessitada de escravos. Em todo o caso, até que Arnau se aperceba de como as coisas funcionam decorrerá tempo suficiente para ganhar bastante dinheiro. Eu propor-lhe-ia, e assim lhe vou dizer pessoalmente, que ao princípio se dedicasse a conhecer bem as moedas, os câmbios, os mercados, as rotas e os principais objectos de exportação ou importação. Entretanto, tu podes dedicar-te aos teus afazeres, Sahat. Lembra-te que não somos mais espertos que os outros e que todo aquele que tenha dinheiro vai importar escravos. Vai ser uma temporada muito lucrativa, mas curta. Até que o mercado se esgote, porque há-de esgotar-se, aproveita.

— Conto com a tua ajuda?

— Toda. Dar-te-ei cartas para todos os meus correspondentes, que já conheces. Dar-te-ão todo o crédito de que precises.

— E os livros? Terão de lá constar os escravos e Arnau poderá vê-los.

Hasdai dirigiu-lhe um sorriso de cumplicidade.

— Tenho a certeza de que também saberás resolver esse pequeno pormenor.

CAPÍTULO 34

— Esta! — Arnau apontou para uma pequena casa de dois andares, fechada e com uma cruz branca na porta. Sahat, já rebaptizado como Guillem, ao seu lado, assentiu. — Sim? — perguntou Arnau.

Guillem tornou a assentir, desta vez com um sorriso nos lábios.

Arnau olhou para a casita e abanou a cabeça. Limitara-se a apontar para ela e Guillem consentira. Era a primeira vez na sua vida que os seus desejos se cumpriam de forma tão simples. Seria sempre assim, a partir dali? Voltou a abanar a cabeça.

— Passa-se alguma coisa, meu senhor? — Arnau olhou para ele zangado. Quantas vezes lhe tinha já dito que não queria que o tratasse por senhor? Mas o mouro negara-se; respondia que deviam guardar as aparências. Guillem devolveu o olhar. — Por acaso não te agrada, meu senhor? — acrescentou.

— Sim... claro que me agrada. É adequada?

— Claro que sim. Não podia ser melhor. Olha — disselhe, apontando —, está mesmo na esquina entre as duas ruas dos cambistas: Canvis Nous e Canvis Vells. Que melhor casa que esta arranjarias?

Arnau olhou para onde Guillem apontava. Canvis Vells chegava até ao mar, à esquerda de onde se encontravam;Canvis Nous abria-se diante deles. Mas Arnau não a escolhera por causa disso; nem sequer se tinha dado conta de que aquelas ruas eram as dos cambistas, apesar de ter andado por elas centenas de vezes. A casinha erguia-se no limite da Praça de Santa Maria, em frente ao que iria ser o portão maior do templo.

— Bom presságio — murmurou para si próprio.

— Que dizes, senhor?

Arnau voltou-se bruscamente para Guillem. Não suportava que se lhe dirigisse usando aquela palavra.

— Que aparências temos de guardar agora? — disparou. — Ninguém nos está a ouvir. Ninguém está a olhar para nós.

— Lembra-te que desde que te tornaste cambista, muita gente te ouve e muita gente te observa, mesmo que não te apercebas. Tens de te acostumar a isso.

Nessa mesma manhã, enquanto Arnau se perdia na praia, por entre os barcos, olhando para o mar, Guillem investigou a propriedade da casinha que, como era de esperar, pertencia à Igreja. Os enfiteutas tinham morrido e quem melhor que um cambista para a ocupar de novo?

A tarde, entraram na casa. O andar superior tinha três pequenos quartos, e mobilaram dois, um para cada um. O andar de baixo era composto por uma cozinha, com saída para aquilo que devia ter sido uma pequena horta e, separada dela por um tabique, com vista para a rua, um quarto diáfano em que, durante os dias seguintes, Guillem instalou um armário, várias lamparinas de óleo e uma mesa de madeira nobre, comprida, com duas cadeiras atrás e quatro à frente.

— Falta qualquer coisa — disse Guillem um dia; depois saiu de casa.

Arnau ficou sozinho no que seria a sua mesa de câmbio. A longa mesa de madeira reluzia; Arnau tinha-a limpo uma e outra vez. Passou os dedos pelos espaldares das duas cadeiras.

— Escolhe o lugar que desejares — disselhe Guillem.

Arnau escolheu a da direita, à esquerda dos futuros clientes. Então, Guillem mudou as cadeiras: à direita colocou uma cadeira de braços, forrada a seda vermelha; a correspondente ao mouro era simples. Arnau sentou-se na sua cadeira e observou a sala vazia. Que estranho! Ainda havia poucos meses dedicava-se a descarregar barcos, e agora... Nunca se tinha sentado numa cadeira como aquela! Num extremo da mesa, em desordem, estavam os livros de pergaminhos que não rasgassem, dissera-lhe Guillem quando os tinham comprado. Também tinham comprado penas, tinteiros, uma balança, vários cofres para o dinheiro e uma grande cisalha para cortar a moeda falsa.

Guillem tirou dinheiro da sua bolsa, mais do que Arnau tinha alguma vez visto em toda a sua vida.

— Quem paga tudo isto? — perguntou a certa altura.

— Tu.

Arnau abriu os olhos e olhou para a bolsa que pendia do cinto de Guillem.

— Queres ficar com ela? — ofereceu-se Guillem.

— Não — respondeu.

Para além dos objectos que tinham adquirido, Guillem trouxera um seu: um belo ábaco com uma moldura de madeira e contas de marfim, que Hasdai lhe tinha oferecido. Arnau pegou no ábaco e moveu as contas de um lado para outro. Que lhe dissera Guillem? Primeiro mexera as contas com rapidez, calculando e calculando. Arnau pedira-lhe que o fizesse mais lentamente e o mouro, obediente, tentara explicar-lhe o funcionamento, mas... como era que lhe tinha explicado?

Deixou o ábaco e dedicou-se a pôr ordem na mesa. Os livros em frente à sua cadeira... não, em frente à de Guillem. Era melhor que fosse ele a fazer as anotações. Os cofres, esses sim, podia pô-los ao seu lado; a cisalha um pouco mais afastada e as penas e os tinteiros junto dos livros, bem como o ábaco. Quem havia de usá-lo, senão Sahat?

Estava nisto, quando Guillem entrou.

— Que te parece? — perguntou-lhe Arnau, sorridente, estendendo uma mão por cima da mesa.

— Muito bem — respondeu-lhe Guillem, devolvendo o sorriso —, mas assim não vamos conseguir ter nenhum cliente, e muito menos que alguém nos confie o seu dinheiro. — O sorriso de Arnau desfez-se no mesmo instante. — Não te preocupes, é só porque faltava isto. Foi o que fui comprar.

Guillem entregou-lhe um pano que Arnau desenrolou com cuidado. Tratava-se de uma toalha de caríssima seda vermelha, com franjas douradas nas pontas.

— Isto — disselhe o escravo — é o que está a faltar em cima da mesa. É o sinal público de que cumpriste com todos os requisitos que as autoridades exigem e de que tens a tua mesa convenientemente assegurada perante o magistrado municipal, no valor de mil marcos de prata. Ninguém, sob pesadas penas, pode colocar o tapete sobre uma mesa de câmbio se não possuir a autorização municipal. Por isso, se não a puseres na tua mesa, ninguém entrará aqui, nem virá depositar o seu dinheiro.

A partir desse dia, Arnau e Guillem dedicaram-se por completo ao seu novo negócio e, tal como aconselhara Hasdai Crescas, o

antigo bastaix mergulhou na aprendizagem dos rudimentos da sua profissão.

— A primeira função de um cambista — disselhe Guillem, enquanto estavam sentados ambos do mesmo lado da mesa, com o canto do olho colocado na porta, para verem se alguém se decidia a entrar — é a do câmbio manual da moeda.

Guillem levantou-se da mesa, rodeou-a, parou diante de Arnau e depositou uma bolsa de dinheiro à frente dele.

— Agora, repara bem — disselhe, pegando numa moeda da bolsa e pondo-a sobre a mesa. — Conheces esta? — Arnau assentiu. — É um croat de prata catalão. São cunhadas em Barcelona, a poucos passos daqui...

— Poucas tive na minha bolsa — interrompeu-o Arnau —, mas estou cansado de as carregar às costas. Pelos vistos, o rei só confia nos bastaixos para transportá-las.

Guillem anuiu, sorrindo, e meteu de novo a mão na bolsa.

— Esta — continuou, pegando noutra moeda e pondo-a ao lado do croat — é um florim aragonês de ouro.

— Dessas nunca tive nenhuma — disse Arnau, pegando no florim.

— Não te preocupes, terás muitas — Arnau olhou para Guillem nos olhos e o mouro confirmou com seriedade. — Este é um antigo dinheiro barcelonês de tern — Guillem pôs outra moeda sobre a mesa e, antes que Arnau voltasse a interrompê-lo, continuou a tirar moedas. — Mas no comércio movimentam-se muitas outras moedas — disse —, e deves conhecê-las a todas. As muçulmanas: besantes, masmudinas rexedis, besantes de ouro — Guillem foi colocando todas as moedas em fila, à frente de Arnau. — Os torneses franceses; as dobras de ouro castelhanas; os florins de ouro cunhados em Florença; os genoveses, cunhados em Génova; os ducados venezianos; a moeda marselhesa, e as restantes moedas catalãs: o real maiorquino ou valenciano, o gros de Montpellier, os melgurienses dos Pirenéus Orientais e a jaquesa, cunhada em Jaca e utilizada principalmente em Lérida.

— Virgem Santa! — exclamou Arnau, quando o mouro parou.

— Tens de as conhecer todas — insistiu Guillem.

Arnau percorreu a fila de moedas com o olhar, uma e outra vez. Depois, suspirou.

— Há mais? — perguntou, erguendo os olhos para Guillem.

— Sim, muitas mais, mas estas são as mais habituais.

— E como é que se cambiam?

Desta vez, foi o mouro quem suspirou.

— Isso é mais complicado — Arnau fez-lhe sinal que continuasse. — Bom, para se fazer o câmbio usam-se as unidades de conta; as libras e os marcos para as grandes transacções; os dinheiros e os soldos para o uso corrente. — Arnau assentiu; ele sempre falara de soldos ou dinheiros, independentemente da moeda que os representasse, embora em geral fosse sempre a mesma. — Quando tens uma moeda, é preciso calcular-lhe o valor segundo a unidade de conta e depois fazer o mesmo com aquela pela qual queres trocá-la.

Arnau tentava seguir as explicações do mouro.

— E esses valores...

— São fixados periodicamente na câmara de comércio de Barcelona, no Consulado de la Mar. É preciso ir lá para se ver qual é o câmbio oficial.

— Varia? — Arnau abanou a cabeça. Não conhecia aquelas moedas, ignorava como se faziam os câmbios, e ainda por cima o câmbio variava!

— Constantemente — respondeu-lhe Guillem. — E é preciso dominar os câmbios; é aí que está o maior benefício dos cambistas. Já verás. Um dos maiores negócios é a compra e venda de dinheiro...

— Comprar dinheiro?

— Sim. Comprar... ou vender dinheiro. Comprar prata com ouro ou ouro com prata, jogando com as muitas moedas que existem; aqui, em Barcelona, se o câmbio for bom, ou no estrangeiro, se por acaso o câmbio for melhor lá.

Arnau gesticulou com ambas as mãos, em sinal de impotência.

— Na realidade, é bastante simples — insistiu Guillem. — Verás. Na Catalunha é o rei quem fixa a paridade entre o florim de ouro e o croat de prata, e o rei disse que é de treze para um; um florim de ouro vale treze croats de prata. Mas em Florença, em Veneza ou em

Alexandria, o que o rei diz não lhes importa, e o ouro que um florim contém não vale treze vezes a prata contida num croat. Aqui, o rei fixa a paridade por motivos políticos; lá, pesam o ouro e a prata que as moedas contêm e fixam-lhe o valor. Ou seja, se uma pessoa juntar croats de prata e os vender lá fora, obterá mais ouro do que lhe dariam aqui na Catalunha pelos mesmos croats. E se depois regressar aqui com esse ouro, voltarão a dar-lhe treze croats de prata por cada florim de ouro.

— Mas isso... toda a gente o poderia fazer — objectou Arnau.

— E assim fazem... Todos os que podem. Quem tem dez ou cem croats não o faz. Fazem-no os que contam com muita gente disposta a entregar-lhes esses dez ou cem croats — Olharam um para o outro. — Esses somos nós — concluiu, abrindo as mãos.

Algum tempo depois, quando Arnau já dominava as moedas e controlava os câmbios, Guillem começou a falar-lhe das rotas e das mercadorias.

— Hoje em dia, a principal — disselhe — é a que vai por Cândia até Chipre, daí até Beirute e daí até Damasco ou Alexandria... Mas o papa proibiu o comércio com Alexandria.

— Então, como se faz? — perguntou Arnau, brincando com o ábaco.

— Com dinheiro, claro. Compra-se o perdão.

Arnau recordou-se então das explicações que lhe tinham dado nas obras reais sobre os dinheiros com que se pagava a construção dos estaleiros reais.

— E só fazemos comércio através do Mediterrâneo?

— Não. Fazemos comércio com todo o mundo. Com Castela, com França, com a Flandres, mas fazêmo-lo através do Mediterrâneo. A diferença reside no tipo de mercadorias; a Inglaterra, França e Flandres compramos tecidos, sobretudo de luxo: panos de Toulouse, de Bruxelas, de Malines, de Diestes ou de Vilages, embora também lhes vendamos o linho catalão. Também compramos produtos de cobre ou latão. No Oriente, na Síria e no Egipto, compramos especiarias...

— Pimenta — interrompeu-o Arnau.

— Sim, pimenta. Mas não te enganes. Quando alguém te falar em comércio de especiarias, incluirá nele a cera, o açúcar e até os

dentes de elefante. Se te falarem de especiarias miúdas, então sim, estarão a falar daquilo que comummente se entende por especiarias: canela, cravo, pimenta, noz-moscada...

— Falaste em cera... Importamos cera? Como é possível que importemos cera, se no outro dia me disseste que exportávamos mel?

— Pois é — interrompeu o mouro. — Exportamos mel, mas importamos cera. O mel sobra-nos, mas as igrejas consomem muita cera. — Arnau recordou-se da principal obrigação dos bastaixos: manter sempre acesos os círios à Virgem da la Mar. — A cera vem da Dácia, através de Bizâncio. Outros dos principais produtos em que se faz comércio — continuou Guillem — são os alimentos. Antes, há muitos anos, exportávamos trigo; agora temos de importar todo o tipo de cereais (trigo, arroz, milho e cevada) e exportamos azeite, vinho, frutos secos, açafrão, toucinho e mel. Também se faz comércio com a salmoura...

Nesse momento entrou um cliente, e Arnau e Guillem interromperam a conversa. O homem sentou-se em frente aos cambistas e, depois de uma troca de saudações, depositou uma soma considerável de dinheiro. Guillem ficou muito contente: não conhecia aquele cliente, o que era bom sinal. Começavam a não depender dos clientes antigos de Hasdai. Arnau atendeu-o com seriedade; contou as moedas, comprovou a sua autenticidade, mas, por precaução, foi-as passando a Guillem. Depois, anotou o depósito nos livros. Guillem observou-o enquanto escrevia. Tinha melhorado; tinha feito um esforço considerável nesse sentido. O preceptor dos Puig tinha-lhe ensinado as letras, mas passara anos sem usar a escrita.

Enquanto esperavam pelo início da época de navegação Arnau e Guillem limitavam-se a preparar os contratos de comanda. Compravam produtos para exportar, concorriam com outros mercadores para fretar navios, ou contratavam-nos e discutiam que produtos importariam no regresso de cada um dos navios.

— Que ganham os mercadores que contratamos? — perguntou um dia Arnau.

— Depende da comanda. Nas comandas normais, em geral, um quarto dos benefícios. Nas comandas de dinheiro, ouro ou prata,

não se usa o quarto. Nós marcamos o câmbio que queremos e o mercador obtém os seus benefícios da diferença de câmbio que puder conseguir.

— Que fazem esses homens em terras tão distantes? — voltou a perguntar Arnau, tentando imaginar como seriam aqueles lugares. — São terras estrangeiras, falam-se lá outras línguas... Deve ser tudo tão diferente.

— Sim, mas repara que nessas cidades — respondeu Guillem — existem consulados catalães. São como o Consulado de la Mar de Barcelona — esclareceu. — Em cada um desses portos existe um cônsul, nomeado pela cidade de Barcelona, que administra a justiça em matéria comercial e que medeia nos conflitos que possam surgir entre os mercadores catalães e as gentes ou autoridades do lugar. Todos os consulados têm um entreposto ou alfândega. São recintos amuralhados em que se hospedam os mercadores catalães e que estão dotados de armazéns para guardar as mercadorias até que sejam vendidas ou embarcadas de novo. Cada uma delas é como se fosse uma parte do território catalão em terras estrangeiras. São extraterritoriais; quem manda nelas é o cônsul, e não as autoridades do país em que se encontram.

— E não se importam?

— A todos os governos interessa o comércio. Cobram impostos e enchem os seus cofres. O comércio é um mundo à parte, Arnau. Podemos estar em guerra com os sarracenos, mas já desde o século passado, por exemplo, que temos consulados em Tunis ou em Bugia, e podes ter a certeza de que nenhum cabecilha mouro violará os entrepostos catalães.

A mesa de câmbio de Arnau Estanyol funcionava. A peste tinha dizimado os cambistas catalães, a presença de Guillem era uma garantia para os investidores e as pessoas, à medida que a epidemia desaparecia, iam trazendo à luz do dia o dinheiro que tinham guardado em suas casas. No entanto, Guillem não conseguia dormir. “Vende-os em Maiorca”, aconselhara-lhe Hasdai, referindo-se aos escravos, para que Arnau não se apercebesse da operação. E Guillem assim mandara. “Em maldita hora!”, praguejou pela enésima vez, revirando-se na cama. Recorrera a um dos últimos navios que partiam de Barcelona na época de navegação,

quase nos primeiros dias de Outubro. Bizâncio, Palestina, Rodes e Chipre: esses eram os destinos dos quatro mercadores que tinham embarcado em nome do cambista de Barcelona, Arnau Estanyol, mediante letras de câmbio que Guillem levara Arnau a assinar. Este nem sequer olhara para elas. Aqueles mercadores deveriam comprar escravos e levá-los para Maiorca. Guillem voltou a mudar de posição.

No entanto, as circunstâncias políticas conspiravam contra ele: apesar da mediação do Sumo Pontífice, o rei Pedro conquistou definitivamente a Sardenha e o Rossilhão um ano depois da sua primeira tentativa, ao terminar a prorrogação que então tinha concedido. A 15 de Julho de 1344, Jaime III, depois da rendição da maior parte das suas vilas e cidades, ajoelhou-se diante do seu cunhado, de cabeça descoberta, solicitando misericórdia e entregando os seus territórios ao conde de Barcelona. O rei Pedro concedeu-lhe o senhorio de Montpellier e os viscondados de Omelades e Carladés, mas recuperou as terras catalãs dos seus antepassados: Maiorca, o Rossilhão e a Sardenha.

Todavia, depois de se ter rendido, Jaime de Maiorca reuniu um pequeno exército de sessenta cavaleiros e trezentos homens a pé e tornou a entrar na Sardenha para guerrear contra o cunhado. O rei Pedro nem sequer acorreu para lhe dar batalha. Limitou-se a enviar os seus lugares-tenentes. Cansado, perseguido e derrotado, o rei Jaime procurou refúgio junto do Papa Clemente VI, que continuava a favorecer os seus interesses, e ali, nas mãos da Igreja, foi tramada a última estratégia: Jaime III vendeu ao rei Filipe VI de França o senhorio de Montpellier, por doze mil escudos de ouro; com essa quantia, mais os empréstimos da Igreja, armou uma frota que a rainha Joana de Nápoles lhe forneceu, e em 1349 voltou a desembarcar em Maiorca.

Estava previsto que os escravos chegassem nas primeiras viagens do ano de 1349. Havia uma grande quantidade de dinheiro em jogo, e se alguma coisa falhasse, o nome de Arnau — por muito que Hasdai respondesse por ele — ficaria manchado em frente aos correspondentes com quem teria de trabalhar no futuro. As letras de câmbio tinham sido assinadas por ele e, embora Hasdai pagasse como avalista, o mercado não permitia que uma letra ficasse por

pagar. As relações com os correspondentes em países distantes baseavam-se na confiança, na confiança cega. Como poderia triunfar um cambista que falhasse logo na sua primeira operação?

— Até ele me disse que evitássemos qualquer rota que passe por Maiorca — confessou um dia a Hasdai, única pessoa com quem podia desabafar, na horta da casa do judeu.

Evitavam olhar-se nos olhos e, no entanto, sabiam que ambos estavam a pensar no mesmo. Quatro barcos de escravos! Aquela operação poderia arruinar até mesmo Hasdai.

— Se o rei Jaime não foi capaz de manter a palavra dada no dia em que se rendeu — disse Guillem procurando o olhar de Hasdai —, que será do comércio e dos bens dos catalães?

Hasdai não respondeu. Que podia ele dizer-lhe?

— Talvez os teus mercadores escolham outro porto — sugeriu por fim.

— Barcelona? — perguntou Guillem, abanando a cabeça.

— Ninguém podia prever uma coisa assim — tentou tranquilizá-lo o judeu.

Arnau tinha salvo os seus filhos de uma morte certa. Como não consolar-se com isso?

Em Maio de 1349, o rei Pedro enviou a armada catalã a Maiorca, em plena época de navegação, em plena época de comércio.

— Ainda bem que não mandámos nenhum navio para Maiorca — comentou um dia Arnau.

Guillem viu-se obrigado a concordar.

— O que poderia acontecer — perguntou de novo Arnau — se o tivéssemos feito?

— Que queres dizer?

— Nós recebemos dinheiro das pessoas e investimo-lo em comandas. Se tivéssemos enviado algum navio para Maiorca e o rei Jaime o tivesse apresado, não teríamos nem o dinheiro, nem as mercadorias; não poderíamos devolver os depósitos. Nós corremos os riscos das comandas. Que aconteceria então?

— Abatut — respondeu Guillem com maus modos.

— Abatut?

— Quando um cambista não pode devolver os depósitos, o magistrado de câmbios concede-lhe um prazo de seis meses para

satisfazer as dívidas. Se ao fim do prazo não as tiver liquidado, declara-o abatut, prende-o, a pão e água, e vende os seus bens para pagar aos credores...

— Eu não tenho bens.

— Se os bens não chegam para cobrir as dívidas — continuou a recitar Guillem —, corta-se-lhe a cabeça em frente ao seu estabelecimento, para servir de exemplo aos restantes cambistas.

Arnau ficou calado. Guillem não se atreveu a olhar para ele. Que culpa tinha Arnau de tudo aquilo?

— Não te preocupes — tentou tranquilizá-lo. — Isso não acontecerá.

CAPÍTULO 35

A guerra com Maiorca continuava, mas Arnau era feliz. Quando não tinha trabalho na mesa, saía e punha-se à porta, apoiado à ombreira. Depois da peste, Santa Maria voltava a ganhar vida. A pequena igreja românica que ele e Joanet tinham conhecido já não existia e as obras avançavam para a porta maior. Era capaz de passar horas a ver como os pedreiros colocavam as pedras e a recordar as muitas dessas pedras que ele próprio tinha carregado. Santa Maria significava tudo para Arnau: a sua mãe, a entrada para a confraria... Mesmo o refúgio para as crianças judias. De vez em quando, para aumentar a sua alegria, recebia carta do irmão. As missivas de Joan eram breves, e nelas apenas informava Arnau de que se encontrava bem de saúde e plenamente dedicado ao estudo.

Apareceu um bastaix carregado com uma pedra. Poucos tinham sobrevivido à praga. O seu próprio sogro, Ramon, e muitos outros, tinham morrido. Arnau chorara na praia junto dos seus antigos companheiros.

— Sebastiá — murmurou ao reconhecer o bastaix.

— Que dizes? — ouviu Guillem perguntar atrás de si.

Arnau virou-se.

— Sebastiá — repetiu. — Esse homem, o que leva a pedra, chama-se Sebastiá.

Sebastiá saudou-o ao passar à frente dele, sem virar a cabeça, olhando em frente e com os lábios apertados sob o peso da pedra.

— Durante muitos anos, fiz o mesmo — continuou Arnau com a voz entrecortada. Guillem não fez nenhum comentário. — Tinha apenas catorze anos quando levei a minha primeira pedra para a Virgem. — Nesse momento, passou outro bastaix.

Arnau saudou-o.

— Julguei que me ia partir ao meio, que se me ia partir a espinha, mas a satisfação que senti quando cheguei... Meu Deus!

— Alguma coisa de bom deverá ter a vossa Virgem para que as pessoas se sacrifiquem por ela dessa maneira — ouviu o mouro a dizer.

Depois, ficaram ambos em silêncio enquanto a procissão de bastaixos passava diante deles.

Os bastaixos foram os primeiros a apelar a Arnau.

— Precisamos de dinheiro — disselhe sem rodeios Sebastiá, que se tornara prócer da confraria. — A caixa está vazia, as necessidades são muitas e o trabalho, de momento, muito escasso e mal pago. Os confrades não têm com que viver depois da peste e eu não posso obrigá-los a contribuir para a caixa até que recuperem do desastre.

Arnau olhou para Guillem, que, inexpressivo, estava sentado ao seu lado, atrás da mesa em que brilhava o tapete vermelho de seda.

— A situação está assim tão má? — perguntou Arnau.

— Nem imaginas. Com as subidas de preço dos alimentos, não ganhamos para dar de comer às nossas famílias.

Além disso, há as viúvas e os órfãos dos que morreram. Temos de ajudá-los. Precisamos de dinheiro, Arnau. Devolver-te-emos até à última moeda que nos emprestes.

— Eu sei.

Arnau voltou a olhar para Guillem em busca da aprovação deste. Que sabia ele de empréstimos? Até ali, só tinha recebido dinheiro, nunca o tinha emprestado.

Guillem levou as mãos à cara e suspirou.

— Se não for possível... — começou a dizer Sebastiá.

— Sim — interrompeu-o Guillem. Estavam havia dois meses em guerra e não tinha ainda notícias dos seus escravos. Que diferença faria mais algum dinheiro? Seria Hasdai a arruinar-se. Arnau podia permitir-se aquele empréstimo. — Se ao meu senhor lhe basta a vossa palavra...

— É quanto me basta — respondeu de imediato Arnau. Arnau contou o dinheiro que a confraria dos bastaixos lhe tinha pedido e entregou-o solenemente a Sebastiá. Guillem viu como se davam as mãos por cima da mesa, os dois de pé, em silêncio, procurando desajeitadamente esconder os seus sentimentos durante um aperto de mãos que se prolongou por uma eternidade.

Durante o terceiro mês de guerra, quando Guillem já começava a perder a esperança, chegaram os quatro mercadores, juntos. Quando o primeiro deles tinha feito escala na Sicília e se dera conta da guerra com Maiorca, esperara a chegada de mais navios catalães, entre os quais as três galeras restantes. Todos os pilotos e mercadores decidiram evitar a rota por Maiorca e os quatro

venderam a sua mercadoria em Perpignan, segunda capital do principado. Conforme O mouro lhes tinha ordenado, encontraram-se com Guillem fora da mesa de câmbio de Arnau, no entreposto da Rua Carders, e aí, uma vez deduzida a sua quarta parte dos benefícios, entregaram-lhe várias cartas de câmbio pelo capital da operação, mais os três quartos que correspondiam a Arnau.

Uma fortuna! A Catalunha precisava de mão-de-obra e escravos tinham sido vendidos a preços exorbitantes.

Quando os três mercadores já se tinham ido embora e ninguém no entreposto o olhava, Guillem beijou as letras de câmbio uma, duas, mil vezes.

Meteu-se a caminho, de regresso à mesa de câmbio, mas perto da Praça do Blat mudou de ideias e dirigiu-se à judiaria. Depois de dar a notícia a Hasdai, caminhou para Santa Maria, sorrindo para o céu e para toda a gente.

Quando entrou na mesa de câmbio, encontrou Arnau com Sebastiá e um sacerdote.

— Guillem — saudou-o Arnau —, apresento-te o padre Juli Andreu. É o substituto do padre Albert.

Guillem inclinou-se desajeitadamente diante do sacerdote. Mais empréstimos, pensou enquanto o saudava.

— Não é o que pensas — disselhe Arnau. Guillem apalpou as letras de câmbio que trazia e sorriu. Que interessava? Arnau era rico. Sorriu de novo e Arnau interpretou erradamente o sorriso. — É pior do que imaginas — afirmou com seriedade. “O que pode ser pior do que um empréstimo à Igreja?”, esteve tentado a perguntar o mouro. Depois saudou o prócer dos bastaixos. — Temos um problema — concluiu Arnau.

Os três homens ficaram por um instante a olhar para o mouro. “Só se Guillem aceitar”, exigira Arnau, passando por cima das referências que o padre fizera à sua condição de escravo.

— Alguma vez te falei de Ramon? — Guillem negou. — Ramon foi uma pessoa muito importante na minha vida. Ajudou-me... Ajudou-me muito. — Guillem continuava de pé, como correspondia a um escravo. — Ele e a mulher morreram da peste e a confraria não se pode encarregar da filha. Estivemos a falar e pediram-me... pediram-me...

— Porque me consultas, senhor?

O padre Juli Andreu, esperançado, virou-se para Arnau.

— A Pia Almoina e a Casa de la Caritat não conseguem dar conta do recado — prosseguiu Arnau. — Já nem conseguem distribuir pão, vinho e uma sopa entre os seus mendigos, como faziam diariamente. A peste fez estragos.

— O que desejas, senhor?

— Propuseram-me perfilhá-la.

Guillem voltou a sentir as letras de câmbio. Agora, até podias perfilhar vinte crianças!, pensou.

— Se é o que tu desejas — limitou-se a responder.

— Eu não sei nada de crianças — retorquiu Arnau.

— Basta dar-lhes carinho e um lar — interveio Sebastiá. — Lar, já tens... e dá-me a impressão de que carinho tens até de sobra.

— Ajudar-me-ás? — perguntou Arnau a Guillem, sem ouvir Sebastiá.

— Obedecer-te-ei em tudo o que queiras.

— Não quero obediência. Quero... peço ajuda.

— As tuas palavras honram-me. Tê-la-ás, de todo o meu coração — comprometeu-se Guillem. — Toda a que precises.

A menina, de seis anos, chamava-se Mar, como a Virgem. Em pouco mais de três meses começou a superar o golpe que para ela tinha sido a epidemia de peste e a morte dos pais. A partir daí, já não se conseguia ouvir o retinir das moedas ou o raspar das penas nos livros da mesa de câmbio: os risos e as correrias enchiam a casa. Arnau e Guillem, sentados atrás da mesa, sacudiam-na dali, quando ela se conseguia escapar da escrava que Guillem comprara para cuidar dela, e aparecia ali, mas depois, invariavelmente, olhavam sorridentes um para o outro.

Donaha, a escrava, fora mal aceite por Arnau.

— Não quero mais escravos! — gritara, interrompendo os argumentos de Guillem.

Mas então, a rapariga, esquálida, suja e com as roupas feitas em farrapos, desatou a chorar.

— Onde poderá ela estar melhor do que aqui? — perguntou então Guillem a Arnau. — Se tanto te desgosta, promete-lhe a liberdade, mas então será vendida a outra pessoa. Precisa de

comer... e nós precisamos de uma mulher que se ocupe da menina. — A rapariga ajoelhou-se diante de Arnau e este tentou afastá-la. — Sabes o quanto deve ter sofrido esta rapariga? — Guillem semicerrou os olhos. — Se a devolvesses...

Arnau, embora contrariado, acedeu. Para além da escrava, Guillem encontrara solução para o dinheiro obtido com a venda dos escravos e, depois de pagar a Hasdai como correspondente em Barcelona dos vendedores, entregou os vultuosos benefícios obtidos a um judeu da confiança de Hasdai, de passagem por Barcelona.

Abraham Levi apareceu uma manhã na casa de câmbio. Era um homem alto e enxuto, com uma barba branca rala e vestia uma levita preta onde sobressaía a rodela amarela. Abraham Levi saudou Guillem, e este apresentou-lhe Arnau.

Quando o judeu se sentou diante deles, entregou a Arnau uma letra de câmbio pelos lucros obtidos.

— Quero depositar esta quantia no seu estabelecimento, mestre Arnau — disselhe.

Arnau abriu muito os olhos ao ver a quantia. Depois, entregou o documento a Guillem, instando-o nervosamente a que lesse.

— Mas... — começou a dizer, enquanto Guillem fingia surpreender-se — Isto é muito dinheiro. Porque o depositas na minha mesa, e não na de um dos teus...

— Irmãos de fé? — ajudou-o o judeu. — Sempre confiei em Sahat. Não creio que a mudança de nome — disse olhando para o mouro — tenha modificado as suas capacidades. Vou de viagem, numa viagem muito longa, e quero que sejas tu e Sahat quem movimenta o meu dinheiro.

— Estas quantias remuneram-se com um quarto pelo simples facto de se depositarem na mesa, não é verdade, Guillem? — O mouro assentiu. — Como pagaremos os teus lucros se vais partir para essa viagem tão longa? Como poderemos pôr-nos em contacto com...

“Para quê tantas perguntas?”, perguntou-se Guillem. Não tinha dado instruções para tanta pergunta a Abraham, mas o judeu defendeu-se com elegância.

— Reinveste-os — respondeu. — Não se preocupem comigo. Não tenho filhos nem família, e para onde vou não preciso de dinheiro. Algum dia, talvez distante, disporei dele ou mandarei alguém para que o faça. Até então, não deves preocupar-te. Serei eu a entrar em contacto convosco. Não te importas?

— Porque havia de importar-me? — disse Arnau. Guillem respirou fundo. — Se é assim que desejas, assim será.

Fecharam a transacção e Abraham Levi levantou-se.

— Tenho de me despedir de alguns amigos na judiaria — acrescentou, depois de se despedir deles.

— Acompanho-te — disse Guillem, procurando a aprovação de Arnau, que consentiu com um gesto.

Dali, os dois dirigiram-se a um escrivão e, diante dele, Abraham Levi outorgou uma carta de pagamento do depósito que acabara de efectuar na mesa de Arnau Estanyol, renunciando a favor deste por quaisquer benefícios, fosse sob que forma fosse, que o dito depósito pudesse originar. Guillem regressou à mesa de câmbio com o documento escondido debaixo da roupa. Era apenas uma questão de tempo, pensou enquanto caminhava por Barcelona. Formalmente, aquele dinheiro era propriedade do judeu, e assim constava nos livros de Arnau, mas nunca ninguém poderia reclamá-lo, pois o judeu tinha outorgado uma carta de pagamento a seu favor. Entretanto, os três quartos dos benefícios que aquele capital originasse, que seriam propriedade de Arnau, seriam mais do que suficientes para que este multiplicasse a sua fortuna.

Nessa noite, quando Arnau dormia, Guillem desceu até à mesa. Tinha encontrado uma pedra solta na parede. Protegeu o documento, envolvendo-o num pano resistente, e escondeu-o atrás da pedra, que fixou o melhor que pôde. Um dia qualquer haveria de pedir a um dos pedreiros de Santa Maria que a fixasse melhor. A fortuna de Arnau descansaria ali até que pudesse confessar-lhe de onde vinha o dinheiro. Era apenas uma questão de tempo.

“De muito tempo...”, teve Guillem de se corrigir num dia em que passeavam pela praia depois de passarem pelo Consulado de la Mar para resolverem alguns assuntos. Barcelona continuava a receber escravos; mercadoria humana que os barqueiros transportavam até à praia, apinhada nos seus barcos. Homens e

rapazes aptos para o trabalho, mas também mulheres e crianças cujos prantos obrigaram os dois homens a desviar o olhar.

— Escuta-me bem, Guillem. Nunca, por muito mal que possamos estar — disselhe Arnau —, por mais que possamos necessitar disso, financiaremos uma comanda de escravos. Preferia perder a cabeça às mãos do magistrado municipal.

Depois viram como a galera, à força de remos, abandonava o porto de Barcelona.

— Porque se vai? — perguntou Arnau sem pensar. — Não aproveita o regresso para carregar mercadorias?

Guillem virou-se para ele, abanando imperceptivelmente a cabeça.

— Regressará — assegurou-lhe. — Vai só até ao mar alto... para continuar a descarregar — acrescentou com a voz entrecortada.

Arnau ficou em silêncio por alguns instantes, vendo como a galera se afastava.

— Quantos morrem? — perguntou por fim.

— Demasiados — respondeu-lhe o mouro com a recordação de um navio semelhante.

— Nunca, Guillem. Lembra-te: nunca.

CAPÍTULO 36

1 de janeiro de 1354
Praça de Santa Maria de la Mar
Barcelona

O que não iria ser ali diante de Santa Maria, pensou Arnau enquanto observava de uma das janelas da sua casa toda a população de Barcelona reunida e apinhada na praça, nas ruas adjacentes, em cima dos andaimes, mesmo dentro da igreja, com a atenção posta num estrado que o rei mandara erguer. Pedro III não tinha escolhido a Praça do Blat, nem a da catedral, nem a câmara de comércio ou os magníficos estaleiros que ele próprio estava a construir. Não. Escolhera Santa Maria, a igreja do povo, aquela que estava a ser erguida graças à união e ao sacrifício de todas as suas gentes.

— Não há outro lugar em toda a Catalunha que represente melhor que este o espírito dos habitantes de Barcelona — comentou Arnau para Guillem nessa manhã, enquanto viam como os operários levantavam o estrado. — E o rei sabe disso. Por isso o escolheu.

Arnau sacudiu os ombros por causa de um calafrio. Toda a sua vida tinha girado em volta daquela igreja!

— Vai custar-nos dinheiro — limitou-se a rezingar o mouro.

Arnau virou-se para ele, tentado a protestar, mas Guillem não desviou os olhos do estrado e Arnau optou por não acrescentar mais nada.

Tinham decorrido cinco anos desde que tinham aberto a mesa de câmbio. Arnau estava com trinta e três, e era feliz... E rico, muito rico. Levava uma vida austera, mas os seus livros registavam uma fortuna considerável.

— Vamos tomar o pequeno-almoço — incitou-o, pondo-lhe uma mão no ombro.

Em baixo, na cozinha, esperava-os Donaha com a menina, que a ajudava a pôr a mesa.

A escrava continuou a preparar o pequeno-almoço, mas Mar, ao vê-los, correu para eles.

— Toda a gente fala da visita do rei! — gritou. — Poderemos aproximar-nos dele? Virão também os seus cavaleiros?

Guillem sentou-se à mesa com um suspiro.

— Vêm pedir-nos mais dinheiro — explicou à rapariga.

— Guillem! — exclamou Arnau perante a expressão de perplexidade de Mar.

— É verdade — defendeu-se o mouro.

— Não. Não é, Mar — disselhe Arnau, obtendo o prémio de um sorriso. — O rei vem pedir-nos ajuda para conquistar a Sardenha.

— Dinheiro? — perguntou a menina, depois de piscar um olho a Guillem.

Arnau observou a rapariga primeiro, e depois Guillem; ambos lhe sorriram com ironia. Como aquela criança crescera! Já era quase uma rapariga, bela, inteligente, com um encanto capaz de arrebatar qualquer pessoa.

— Dinheiro? — repetiu a rapariga interrompendo os Seus pensamentos.

— Todas as guerras custam dinheiro! — viu-se Arnau obrigado a reconhecer.

— Ah! — disse Guillem, abrindo os braços. Donaha começou a encher-lhes as escudelas.

— Porque não lhe contas — prosseguiu Arnau quando Donaha acabou de servir — que na realidade não nos custa dinheiro, mas que na realidade ganhamos dinheiro?

Mar abriu os olhos para Guillem. Guillem hesitou.

— Há três anos que temos impostos especiais — comentou, negando-se a dar razão a Arnau —, três anos de guerra que financiámos aos barceloneses.

Mar apertou os lábios num sorriso e virou-se para Arnau.

— É verdade — comentou Arnau. — Há exactamente três anos, os Catalães assinaram um tratado com Veneza e Bizâncio para fazer guerra a Génova. O nosso objectivo era conquistar a Córsega e a Sardenha, que pelo tratado de Anagni deviam ser feudos catalães e que, no entanto, se encontravam em poder dos Genoveses. Sessenta e oito galeras armadas! — Arnau levantou a voz. — Sessenta e oito galeras armadas, vinte e três catalãs e o

resto venezianas e gregas, enfrentaram-se no Bósforo contra sessenta e cinco galeras genovesas.

— Que aconteceu? — perguntou Mar perante o repentino silêncio de Arnau.

— Ninguém ganhou. O nosso almirante, Ponç de Santa Pau, morreu na batalha e só regressaram dez das vinte e três galeras catalãs. Que se passou então, Guillem? — O escravo negou com a cabeça. — Conta-lhe, Guillem — insistiu Arnau.

Guillem suspirou.

— Os Bizantinos atraiçoaram-nos — recitou —, e em troca da paz pactuaram com Génova e concederam-lhe o monopólio do seu comércio.

— E que mais aconteceu? — insistiu Arnau.

— Perdemos uma das rotas mais importantes do Mediterrâneo.

— Perdemos dinheiro?

— Sim.

Mar seguia a conversa olhando para um e para outro. Até Donaha, junto do fogo, fazia o mesmo.

— Muito dinheiro?

— Sim.

— Mais do que aquele que depois demos ao rei?

— Sim.

— Só se o Mediterrâneo for nosso poderemos comerciar em paz — sentenciou Arnau.

— E os Bizantinos? — perguntou Mar.

— No ano seguinte, o rei armou uma frota de cinquenta galeras capitaneada por Bernat de Cabrera e venceu os Genoveses na Sardenha. O nosso almirante apresou trinta e três galeras e afundou outras cinco. Oito mil genoveses morreram e três mil e duzentos mais foram capturados, e apenas quarenta catalães perderam a vida! Os Bizantinos — continuou, com o olhar posto nos olhos de Mar, que rebrilhavam de curiosidade — recuaram e voltaram a abrir os seus portos ao nosso comércio.

— Três anos de impostos especiais que ainda estamos a pagar — acrescentou Guillem.

— Mas se o rei já tem a Sardenha e nós o comércio com Bizâncio, do que vem agora o rei à procura? — perguntou Mar.

— Os nobres da ilha, encabeçados por um tal juiz de Arbórea, levantaram-se em armas contra o rei Pedro, e ele tem de ir sufocar essa revolta.

— O rei — interveio Guillem — deveria conformar-se com manter as rotas comerciais abertas e cobrar os seus impostos. A Sardenha é uma terra tosca e dura. Nunca chegaremos a dominá-la.

O rei não se poupou a esforços para se apresentar perante o seu povo. Sobre o estrado, a sua curta estatura passou despercebida à multidão. Vestia as suas melhores vestes de gala, de um brilhante vermelho-carmesim que brilhava ao sol de Inverno tanto como as pedrarias que o adornavam. Para aquela ocasião não se esquecera de levar a coroa de ouro nem, evidentemente, o pequeno punhal que sempre trazia à cinta. O seu séquito de nobres e cortesãos não lhe ficava atrás e, tal como o seu senhor, vestia-se luxuosamente.

O rei falou ao povo e elogiou-o. Quando se dirigira um rei aos simples cidadãos para lhes explicar o que pensava fazer? Falou da Catalunha, das suas terras e dos seus interesses. Falou da traição de Arbórea na Sardenha e as pessoas levantaram os braços e clamaram por vingança. O rei continuou a enaltecer o povo, com Santa Maria à sua frente, até que lhe solicitou a ajuda de que precisava; o povo ter-lhe-ia entregue os seus filhos, se lhos tivesse pedido.

A contribuição saiu de todos os barceloneses; Arnau pagou a quantia que lhe correspondia como cambista da cidade e o rei partiu para a Sardenha, ao comando de uma frota de cem navios.

Quando o exército saiu de Barcelona, a cidade retomou a normalidade e Arnau voltou a dedicar-se à sua mesa de câmbio, a Mar, a Santa Maria e a ajudar aqueles que vinham ter com ele para pedir um empréstimo.

Guillem teve de se habituar a uma forma de agir muito diferente da dos cambistas e mercadores que até então conhecera, incluindo Hasdai Crescas. Ao princípio, opusera-se, e assim manifestara a Arnau a sua oposição, cada vez que este abria a bolsa para entregar dinheiro a algum dos muitos trabalhadores que dele precisavam.

— Por acaso não pagam? Por acaso não o devolvem? — perguntava-lhe Arnau.

— São empréstimos sem juros — comentava Guillem. — Esse dinheiro devia estar a dar lucro.

— Quantas vezes me disseste já que devíamos comprar um palácio, que deveríamos viver melhor? Quanto custaria tudo isso, Guillem? Sabes bem que custaria infinitamente mais do que todos os empréstimos que concedemos a estas pessoas.

E Guillem vira-se obrigado a calar-se. Porque ele estava certo. Arnau vivia modestamente na sua casa da esquina de Canvis Nous com Canvis Vells. A única coisa em que não olhava a despesas era com a educação de Mar. A menina recebia educação em casa de um mercador amigo onde iam os preceptores e, claro, em Santa Maria. Pouco demorou a junta das obras da Paróquia a recorrer a Arnau, solicitando uma ajuda económica.

— Já tenho capela — respondeu Arnau quando a junta lhe propôs beneficiar uma das capelas laterais de Santa Maria. — Sim — acrescentou perante a surpresa da comitiva. — A minha capela é a do Santíssimo, a dos bastaixos; e será sempre essa. De qualquer forma... — disse, abrindo o cofre —, "e quanto precisais?

De quanto precisais? Quanto queres? Com quanto te arejarias? Tens o suficiente, com este? Guillem teve de se acostumar àquelas perguntas até que começou a ceder quando as pessoas o saudavam, lhe sorriam e lhe davam graças de cada vez que passeava pela praia ou pelo bairro de la Ribera. Talvez Arnau tenha razão, começou a pensar. Entregava-se aos outros, mas acaso não fizera o mesmo com ele e com as três crianças judias que estavam a ser apedrejadas, e que não conhecia? Se não fosse esse seu carácter, o mais provável era que ele próprio, Raquel e Jucef estivessem mortos. Porque havia ele de mudar só por ser rico? E Guillem, tal como fazia Arnau, começou a sorrir às pessoas com quem se cruzava e a saudar os desconhecidos que lhe cediam a passagem.

No entanto, essa forma de agir nada tinha que ver com algumas decisões que Arnau tinha tomado ao longo dos anos. Que se negasse a participar em comandas ou fretes que tivessem relação com o comércio de escravos, parecia lógico, mas por que razão — interrogava-se Guillem — se negava por vezes a participar em certos negócios que nada tinham que ver com escravos?

Das primeiras vezes, Arnau justificara a sua decisão sem entrar em discussão.

— Não me convence.

— Não me agrada.

— Não vejo o negócio muito claro.

Por fim, o mouro impacientou-se.

— É uma boa operação, Arnau — disselhe quando os comerciantes abandonaram a mesa de câmbio. — Que se passa? Por vezes recusas negócios que nos proporcionariam bons lucros. Não te entendo. Já sei que não sou eu que...

— Sim, és — interrompera-o sem se virar para ele, os dois sentados nas suas cadeiras à mesa. — Desculpa. O que se passa é que... — Guillem aguardou pelas palavras dele. — Bom, nunca participarei num negócio em que entre Grau Puig. O meu nome nunca há-de estar ligado ao dele.

Arnau olhou para a frente, muito para lá da parede da casa.

— Contar-me-ás porquê, um dia?

— Porque não? — murmurou virando-se para ele.

E contou-lhe.

Guillem conhecia Grau Puig, pois este tinha trabalhado com Hasdai Crescas. O mouro interrogava-se por que razão, se Arnau não queria trabalhar com ele, se prestava o barão a fazê-lo com Arnau. Por acaso os sentimentos não seriam recíprocos, depois de tudo o que Arnau lhe tinha contado?

— Porque será? — perguntou um dia a Hasdai Crescas, depois de lhe resumir a história de Arnau, certo de que não sairia dali.

— Porque há muita gente que não quer trabalhar com Grau Puig. Há já bastante tempo que eu não o faço, e tal como eu, muitos outros. É um homem obcecado por estar num lugar para onde não foi chamado por nascimento. Enquanto era um simples artesão, era de confiança; agora... Agora, os objectivos dele são outros, e nunca percebeu no que se metia quando casou — para se ser nobre, é preciso nascer nobre, há que ter mamado nobreza. Não é que isso seja bom, ou que o defenda, mas só os nobres de berço podem continuar a selo e controlar, ao mesmo tempo, os seus riscos. Além disso, se se arruínam, quem se atreve a levar a sua contra um barão catalão? São orgulhosos, soberbos, nascidos para mandar e

para estar acima de todos os restantes, mesmo na ruína. Grau Puig só pôde continuar a ser nobre à força de dinheiro. Gastou uma fortuna no dote da sua filha Margarida, e isso quase o arruinou. Toda a Barcelona o sabe. Que faz um simples artesão a viver num palácio na Rua de Monteada? E quanto mais as pessoas querem enganar os outros, mais têm de demonstrar o seu poder à força de delapidar dinheiro. Que faria Grau Puig sem dinheiro?

— Que queres dizer?

— Não quero dizer nada, mas eu não faria negócios com ele. Nisso, embora por motivos diferentes, o teu patrão acertou.

A partir desse dia, Guillem aguçava o ouvido sempre que ouvia alguma conversa em que se mencionasse Grau Puig, e na câmara de comércio, no Consulado de la Mar, nas transacções, entre compras e vendas de mercadorias, nos comentários sobre a situação do comércio, falava-se muito do barão; falava-se demasiado.

— O filho, Genís Puig... — comentou um dia para Arnau, depois de saírem da câmara de comércio e enquanto ambos olhavam para o mar, para um mar calmo, plácido e manso como nunca. Arnau virou-se para ele ao ouvir aquele nome. — Genís Puig teve de pedir um empréstimo barato para poder seguir com o rei para Maiorca. — Teriam os olhos de Arnau brilhado? Guillem devolveu o olhar. Não lhe tinha respondido, mas não lhe tinham brilhado os olhos? — Queres que continue?

Arnau continuou calado, mas por fim fez que sim com a cabeça. Tinha os olhos semicerrados e os lábios levemente fechados. E continuou a assentir durante um momento.

— Autorizas-me a tomar as decisões que considere oportunas? — perguntou por fim Guillem.

— Não te autorizo. Peço-te, Guillem, peço-te.

Com discrição, Guillem começou a usar os seus conhecimentos e os muitos contactos que tinha feito ao longo de anos de negócios. Que o filho, o cavaleiro Dom Genís, tivesse tido de recorrer a um dos empréstimos especiais para nobres significava que o pai já não podia pagar os gastos para a guerra. Os empréstimos baratos, pensava Guillem, implicam um juro considerável; são os únicos em que se admite a cobrança de juros entre cristãos. Por que razão iria

um pai permitir que o filho pagasse juros, a não ser por ele próprio carecer desse capital? E a tal Isabel? Aquela harpia que tinha afundado Arnau e o pai, que obrigara Arnau a arrastar-se de joelhos, como permitia uma tal situação?

Guillem lançou as suas redes durante alguns meses; falou com os seus amigos, com aqueles que lhe deviam favores, e mandou mensagens a todos os seus correspondentes: qual era a situação de Grau Puig, barão catalão, comerciante? Que sabiam dele, dos seus negócios, das suas finanças, da sua solvência?

Quando a temporada de navegação estava quase a terminar e os navios regressavam já ao porto de Barcelona, Guillem começou a receber respostas às suas cartas. Preciosa informação! Uma noite, quando encerraram o estabelecimento, Guillem ficou sentado à mesa.

— Tenho coisas para fazer — disse a Arnau.

— Que coisas?

— Amanhã conto-te.

No dia seguinte, pela manhã, antes do pequeno-almoço, os dois sentaram-se à mesa e contou-lhe:

— Grau Puig está numa situação crítica. — Teriam voltado a brilhar os olhos de Arnau? — Todos os cambistas ou mercadores com quem falei estão de acordo: a fortuna dele evaporou-se...

— Talvez sejam apenas rumores mal-intencionados — interrompeu Arnau.

— Espera. Toma — Guillem entregou-lhe as respostas dos correspondentes. — Isto comprova-o. Grau Puig está nas mãos dos lombardos.

Arnau pensou nos lombardos: cambistas e mercadores, correspondentes das grandes casas florentinas ou pisanas, um grupo fechado que vigiava os seus próprios interesses, cujos membros negociavam entre si ou com as casas-matrizes. Monopolizavam o comércio de tecidos de luxo: panos de lã, sedas e brocados, tafetá de Florença, tecidos de Pisa e muitos outros produtos. Os lombardos não ajudavam ninguém e, quando cediam parte dos seus negócios ou do seu mercado, faziam-no apenas e exclusivamente para que não os expulsassem da Catalunha. Não

era nada bom depender deles. Folheou os documentos e colocou-os na mesa.

— Que propões?

— O que é que desejas?

— Bem sabes: a ruína dele!

— Segundo dizem, Grau já é um ancião e quem gere os negócios são os filhos e a mulher. Imagina! As finanças dele estão num equilíbrio precário; se lhes falhasse alguma operação, tudo se desmoronaria e não poderiam fazer frente aos seus compromissos. Perderiam tudo.

— Compra as dívidas dele — Arnau falou friamente, sem mexer um único músculo do corpo. — Fá-lo com discrição. Quero ser o credor deles, mas não quero que saibam — Faz que falhe uma das suas operações... Não, uma não — corrigiu-se —, todas! — gritou, batendo na mesa com tanta força que até os livros estremeceram. — Todas as que possas. — acrescentou em voz baixa. — Não quero que se me escapem.

20 de Setembro de 1355

Porto de Barcelona

O rei Pedro III, ao comando da sua frota, chegou vitorioso a Barcelona depois da conquista da Sardenha. Toda a Barcelona acorreu a recebê-lo. Desembarcou, por entre o fervor popular, por uma ponte de madeira erguida sobre o mar em frente ao convento de Framenors. Atrás dele, nobres e soldados desembarcaram numa Barcelona vestida de festa para celebrar a vitória sobre os Sardos.

Arnau e Guillem fecharam a mesa e correram a receber a armada. Depois, com Mar, juntaram-se aos festejos que a cidade tinha preparado em honra do rei; riram, cantaram e dançaram, ouviram histórias, comeram doces e quando o Sol começava a pôr-se e a noite de Setembro a refrescar, regressaram a casa.

— Donaha! — gritou Mar quando Arnau abriu a porta.

A jovem entrou em casa, contente pela festa, e continuou a chamar Donaha aos gritos, mas ao chegar à porta da cozinha estacou.

Arnau e Guillem olharam um para o outro. Que se passava? Teria acontecido algo à escrava?

Correram para a cozinha.

— O que... — começou Arnau a perguntar, espreitando por cima de Mar.

— Não creio que estes gritos sejam os mais adequados para receber um parente que há tanto tempo não vês, Arnau — disse uma voz masculina, não totalmente desconhecida.

Arnau tinha começado a afastar Mar, mas parou com a mão sobre o ombro dela.

— Joan! — conseguiu gritar ao fim de uns segundos. Mar viu como Arnau se aproximava, de braços abertos e balbuciando, daquela figura de preto que a tinha assustado. Guillem abraçou a rapariga junto à ombreira da porta.

— É o irmão dele — sussurrou-lhe.

Donaha estava escondida a um canto da cozinha.

— Meu Deus! — exclamou Arnau ao abraçar Joan. — Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! — continuava a dizer enquanto o levantava no ar, uma e outra vez.

Joan lá conseguiu separar-se de Arnau, sorridente.

— Vais partir-me em dois...

Mas Arnau nem o ouvia.

— Porque não me avisaste? — perguntou-lhe, agarrando-o agora pelos ombros. — Deixa-me ver-te. Mudaste! — "Treze anos", tentou dizer Joan, mas Arnau não o deixou. — Há quanto tempo estás em Barcelona?

— Vim...

— Porque não me avisaste?

Arnau corria em volta do irmão a cada pergunta.

— Vens para ficar? Diz que sim, por favor!

Guillem e Mar não puderam evitar um sorriso. O frade viu-os sorrir.

— Basta! — gritou, afastando-se um passo de Arnau. — Chega. Vais matar-me!

Arnau aproveitou a distância para o examinar. Só os olhos eram os mesmos do Joan que partira de Barcelona: vivos brilhantes; quanto ao resto, estava quase calvo, magro, curvado... e aquele hábito negro que lhe caía dos ombros tornava-o ainda mais tétrico. Tinha menos três anos que ele, mas parecia muito mais velho.

— Não comias? Se não tinhas que chegasse com o dinheiro que te mandava...

— Sim — interrompeu Joan —, mais do que suficiente. O teu dinheiro serviu para alimentar... o meu espírito. Os livros são muito caros, Arnau.

— Devias ter-me pedido mais.

Joan fez um gesto com a mão e sentou-se à mesa, de frente para Guillem e Mar.

— Bem, apresenta-me a tua afilhada. Vejo que cresceu desde a tua última carta.

Arnau fez sinal a Mar e esta aproximou-se de Joan. A rapariga baixou os olhos, perturbada pela severidade que se lia nos olhos do sacerdote. Quando o frade deu por terminado o seu exame, Arnau apresentou-lhe Guillem.

— Guillem — disse Arnau. — Já te falei muito dele nas minhas cartas.

— Sim — Joan não fez menção de estender a mão e Guillem retirou a sua, que tinha estendido para ele. — Cumpres com as tuas obrigações cristãs? — perguntou-lhe.

— Sim...

— Frei Joan — acrescentou Joan.

— Sim, frei Joan — repetiu Guillem.

— E aquela é Donaha — interveio rapidamente Arnau. Joan anuiu sem sequer olhar para ela.

— Bem — disse dirigindo-se a Mar e indicando-lhe com o olhar que podia sentar-se —, és então a filha de Ramon, não é verdade? O teu pai foi um grande homem, trabalhador e cristão temeroso de Deus, como todos os bastaixos. — Joan olhou para Arnau. — Rezei muito por ele desde que Arnau me disse que tinha morrido. Que idade tens, rapariga?

Arnau mandou Donaha servir a ceia e sentou-se à mesa. Então, deu-se conta de que Guillem continuava de pé, afastado da mesa, como se não se atrevesse a sentar-se diante do novo convidado.

— Senta-te, Guillem — pediu-lhe. — A minha mesa é tua.

Joan não se mexeu.

O jantar decorreu em silêncio. Mar estava invulgarmente calada, como se a presença daquele recém-chegado lhe tivesse tirado a

espontaneidade. Joan, por seu lado, comeu frugalmente.

— Conta-me, Joan — disselhe Arnau quando acabaram. — Que é feito de ti? Quando regressaste?

— Aproveitei o regresso do rei. Tomei um navio até à Sardenha quando soube da vitória e daí vim para Barcelona.

— Viste o rei?

— Não me recebeu.

Mar pediu licença para se retirar. Guillem imitou-a. Ambos se despediram de frei Joan. A conversa prolongou-se até de madrugada; em frente de uma garrafa de vinho doce, os dois irmãos recuperaram os treze anos de separação.

CAPÍTULO 37

Para tranquilidade da família de Arnau, Joan decidiu mudar-se para o convento de Santa Catarina.

— Lá é que é o meu lugar — disse ao irmão. — Mas virei visitar-vos todos os dias.

Arnau, a quem não tinha passado despercebido que tanto a sua afilhada como Guillem se tinham sentido pouco à vontade durante o jantar da noite anterior, não insistiu mais do que o estritamente necessário.

— Sabes o que me disse? — sussurrou a Guillem ao meio-dia, depois de almoçarem, quando todos se levantavam da mesa. Guillem aproximou o ouvido. — Perguntou-me o que temos feito para casar Mar.

Guillem, sem mudar de posição, olhou para a rapariga, que estava a ajudar Donaha a levantar a mesa. Casá-la? Mas se era apenas uma... Uma mulher! Guillem virou-se para Arnau. Nenhum deles a tinha olhado como agora faziam.

— Para onde foi a nossa menina? — sussurrou Arnau para o amigo.

Os dois voltaram a olhar para Mar: ágil, bonita, serena e segura.

Entre um prato e outro, Mar olhou também para eles durante um momento.

O seu corpo mostrava já a sensualidade de uma mulher, as curvas marcavam-se com clareza e o peito destacava-se por debaixo da camisa. Tinha catorze anos.

Mar tornou a olhar para eles e viu-os embasbacados. Desta vez, não sorriu; pareceu incomodar-se, mas foi apenas por um instante.

— Que estão vocês a olhar? — disparou. — Por acaso não têm nada que fazer? — acrescentou, de pé diante de ambos, muito séria.

Os dois anuíram ao mesmo tempo. Não havia dúvida: tornara-se uma mulher.

— Terá o dote de uma princesa — comentou Arnau para Guillem, já na mesa da câmbio. — Dinheiro, roupa e uma casa... Não, um palácio! — Bruscamente, virou-se para o amigo. — Que novidades há dos Puig?

— Vai deixar-nos... — murmurou Guillem, não fazendo caso da pergunta de Arnau.

Ficaram ambos em silêncio.

— Há-de dar-nos netos — disse por fim Arnau.

— Não te deixes enganar. Dará filhos ao marido. Além disso, se nós, escravos, não temos filhos, muito menos temos netos.

— Quantas vezes te ofereci já a liberdade?

— Que faria eu sendo livre? Estou bem como estou. Mas Mar... Casada! Não sei porquê, mas garanto-te que já começo a odiá-lo, seja ele quem for.

— Também eu — murmurou Arnau.

Viraram-se um para o outro, sorriram, e depois desataram a rir às gargalhadas.

— Não me respondeste — disse Arnau quando recuperaram a compostura. — Que novidades há dos Puig? Quero aquele palácio para Mar.

— Mandei instruções para Pisa, para Filippo Tescio. Se há alguém no mundo que possa fazer o que queremos, é Filippo.

— Que lhe disseste?

— Que contratasse corsários, se preciso fosse, mas que as comandas dos Puig não deviam chegar a Barcelona, nem as que saíssem de Barcelona deviam chegar ao seu destino. Que roubasse as mercadorias ou as incendiasse, o que quisesse, mas que não chegassem ao destino.

— Respondeu-te?

— Filippo? Nunca o faria. Não o faria por escrito nem confiaria esse encargo a ninguém. Se alguém se apercebesse... Há que esperar que acabe a época de navegação. Falta pouco menos de um mês. Se nessa altura não tiverem chegado as comandas de Puig, não poderão fazer face às suas obrigações; estarão arruinados.

— Comprámos os créditos deles?

— És o maior credor de Grau Puig.

— Devem estar a sofrer — murmurou Arnau para si próprio.

— Não os viste? — Arnau virou-se rapidamente para Guillem. — Desde há muito tempo que andam na praia. Antes estava lá sempre a baronesa e um dos filhos; agora juntou-se-lhes Genís, que

regressou da Sardenha. Passam as horas vasculhando o horizonte, à espera de um mastro... e quando aparece algum e chega ao porto algum navio que não é o que esperavam, a baronesa maldiz as ondas. Pensei que soubesses...

— Não, não sabia — Arnau deixou passar alguns instantes. — Avisa-me assim que chegar ao porto algum dos nossos barcos.

— Chegam vários navios juntos — disselhe Guillem certa manhã, de regresso do Consulado.

— Estão lá?

— Claro. A baronesa está tão perto da água que as ondas lhe molham os sapatos... — Guillem calou-se de repente. — Desculpa, não queria...

Arnau sorriu.

— Não te preocupes — tranquilizou-o.

Arnau subiu ao seu quarto e vestiu as melhores roupas que tinha, lentamente. Por fim, Guillem conseguira convencê-lo a comprá-las.

— Uma pessoa de prestígio como tu -— dissera-lhe — não pode apresentar-se mal vestida na Câmara ou no Consulado. O rei assim ordena, e até mesmo os vossos santos; São Vicente, por exemplo...

Arnau mandou-o calar-se, mas cedeu. Pôs uma camisa branca sem mangas, de tecido de Malinas, forrada a pele, uma cota até aos pés, de seda vermelha damasquinada, meias pretas e sapatos de seda pretos. Com um largo cinturão bordado a fio de ouro e pérolas, cingiu a cota à cintura. Completou tudo com um fantástico manto negro que Guillem lhe conseguira de uma expedição para lá da Dácia, forrado a arminho e bordado a ouro e pedras preciosas.

Guillem aprovou quando o viu passar diante da mesa. Mar ia para dizer qualquer coisa, mas acabou por se manter calada. Viu que Arnau saía porta fora; depois correu para lá e ficou a ver, da rua, como ele se dirigia para a praia, com o manto ondulando na brisa marinha que subia de Santa Maria e com as pedras preciosas envolvendo-o em fulgores.

— Aonde vai Arnau? — perguntou a Guillem depois de regressar à mesa e de se sentar numa das cadeiras de visita, em frente a ele.

— Vai cobrar uma dívida.

— Deve ser muito importante.

— Muito mesmo, Mar — Guillem cerrou os lábios. — No entanto, este vai ser apenas o primeiro pagamento.

Mar começou a brincar com o ábaco de marfim. Quantas vezes, escondida na cozinha, assomando apenas a cabeça, vira como Arnau trabalhava com ele? Sério, concentrado, movendo os dedos sobre as contas e fazendo anotações nos livros. Mar sacudiu o calafrio que lhe percorreu a espinha.

— Que tens? — inquiriu Guillem.

— Nada... nada.

E porque não havia de lhe contar? Guillem poderia compreendê-la, disse a rapariga para si própria. Com excepção de Donaha, que escondia um sorriso de cada vez que ela ia à cozinha para espiar Arnau, ninguém mais sabia. Todas as raparigas que se reuniam em casa do mercador Escales falavam do mesmo. Algumas até estavam já comprometidas, e não paravam de elogiar as virtudes dos seus futuros maridos. Mar ouvia-as e fugia das perguntas que lhe faziam. Como poderia falar de Arnau? E se ele se apercebesse? Arnau tinha trinta e cinco anos, e ela apenas catorze. Havia uma rapariga a quem tinham prometido um homem ainda mais velho que Arnau! Teria gostado de poder contar isso a alguém. As suas amigas podiam falar de dinheiro, de porte, de atractivos, de honestidade ou de generosidade, mas Arnau superava-os a todos! Por acaso não contavam os bastaixos que Mar via na praia, que Arnau tinha sido um dos soldados mais valentes do rei Pedro? Mar tinha descoberto as velhas armas de Arnau, a balestra e o punhal dele, no fundo de um baú, e quando estava sozinha pegava nelas e acariciava-as imaginando-o rodeado de inimigos, lutando como os bastaixos lhe tinham contado que tinha feito.

Guillem olhou para a rapariga. Mar passava a ponta de um dedo por uma das bolas de marfim do ábaco. Estava muito quieta, com o olhar perdido. Dinheiro? Tinha-o a rodos. Toda a Barcelona sabia disso. E quanto a bondade...

— De certeza que não se passa nada? — tornou a perguntar-lhe Guillem, sobressaltando-a.

Mar corou. Donaha dizia que qualquer um podia ler os seus pensamentos, que levava o nome de Arnau nos lábios, nos olhos, em todo o seu rosto. E se Guillem tivesse também lido isso?

— Não... — repetiu. — De certeza.

Guillem moveu as contas do ábaco e Mar sorriu-lhe... com tristeza? Que se passaria na cabeça da rapariga? Talvez frei Joan tivesse razão; já estava em idade núbil, era uma mulher fechada com dois homens...

Mar afastou o dedo do ábaco.

— Guillem...

— Diz.

Calou-se.

— Nada, nada — disse por fim, levantando-se. Guillem seguiu-a com o olhar enquanto ela abandonava a mesa; custava-lhe aceitar, mas provavelmente o frade tinha razão.

Aproximou-se deles. Tinha ido até à beira da água enquanto os barcos, três galeras e um baleeiro, entravam no porto. O baleeiro era propriedade sua. Isabel, de preto, segurando o chapéu com uma mão, e os seus enteados Josep e Genís, ao lado, todos de costas para ele, observavam a entrada dos navios. Não trazem o vosso consolo, pensou Arnau.

Bastaixos, barqueiros e mercadores calaram-se ao verem passar Arnau, vestido de gala.

“Olha para mim, harpia!” Arnau esperou a alguns passos da orla. “Olha para mim! Da última vez que o fizeste...” A baronesa voltou-se, lentamente; depois, os filhos fizeram o mesmo. Arnau respirou fundo. “Da última vez que o fizeste, o meu pai estava pendurado por cima da minha cabeça.”

Bastaixos e barqueiros murmuravam entre si.

— Precisas de alguma coisa, Arnau? — perguntou-lhe um dos próceres.

Arnau negou com a cabeça, com o olhar fixado nos olhos da mulher. As pessoas afastaram-se e ele ficou em frente à baronesa e aos primos.

Voltou a respirar fundo. Cravou os olhos nos de Isabel, apenas por uns instantes; depois, passeou o olhar pelos primos, olhou para os navios e sorriu.

Os lábios da mulher contraíram-se antes de se virar para o mar, seguindo a direcção marcada por Arnau. Quando olhou de novo

para ele, foi para o ver afastar-se; as pedrarias da sua capa refulgiam.

Joan continuava empenhado em casar Mar e propôs vários candidatos; não lhe foi difícil encontrá-los. Bastava falar da quantia do dote de Mar, que nobres e mercadores acorriam à chamada, mas... como dizer isso à rapariga? Joan ofereceu-se para o fazer, mas quando Arnau comentou isso com Guillem, o mouro opôs-se redondamente.

— Deves ser tu a fazê-lo — disse. — E não um frade que ela mal conhece.

Desde que Guillem lhe dissera isto, Arnau perseguia Mar com o olhar, onde quer que a rapariga estivesse. Conhecia-a? Havia anos que conviviam, mas na realidade era Guillem quem se tinha ocupado dela. Ele tinha-se simplesmente limitado a desfrutar da presença dela, dos seus risos e das suas brincadeiras. Nunca falara com ela de nenhum assunto sério. E agora, cada vez que pensava em aproximar-se da rapariga e em pedir-lhe que o acompanhasse a dar um passeio pela praia, ou, porque não, a Santa Maria, de cada vez que pensava em dizer-lhe que tinham de tratar de um assunto sério, encontrava-se perante uma mulher desconhecida... e hesitava, até que ela própria o surpreendia a olhá-la, e sorria-lhe. Onde estava a criança que se empoleirava nos seus ombros?

— Não quero casar com nenhum deles — respondeu-lhes.

Arnau e Guillem olharam-se. Por fim, pedira a ajuda de Guillem.

— Tens de me ajudar — pediu.

Os olhos de Mar iluminaram-se quando lhe falaram de casamento, eles os dois atrás da mesa de câmbios, ela em frente, como se de uma operação mercantil se tratasse. Mas depois negou com a cabeça perante cada um dos cinco candidatos que Joan lhes tinha proposto.

— Mas, minha menina — interveio Guillem —, algum terás de escolher. Qualquer rapariga ficaria orgulhosa dos nomes que te mencionámos.

Mar tornou a fazer que não com a cabeça.

— Não me agradam.

— Pois, mas alguma coisa será preciso fazer — disse de novo Guillem, dirigindo-se a Arnau.

Arnau olhou para a rapariga. Estava quase a chorar. Escondia a cara, mas o tremor do seu lábio inferior e a respiração agitada denunciavam-na. Porque reagiria assim uma rapariga a quem acabavam de propor tais homens? O silêncio prolongou-se. Por fim, Mar levantou o olhar para Arnau, apenas num imperceptível movimento das pálpebras. Porque a fazia sofrer?

— Continuaremos a procurar até encontrarmos algum que lhe agrade — respondeu Guillem. — Estás de acordo, Mar?

A rapariga assentiu com a cabeça, levantou-se e saiu, deixando os dois homens para trás. Arnau suspirou.

— E eu que julgava que o difícil ia ser dizer-lho!

Guillem não respondeu. Continuava com o olhar fixo na porta da cozinha, por onde Mar tinha desaparecido. Que se passava? Que escondia a sua menina? Sorrira ao ouvir a palavra “casamento”, olhara-o com os olhos faiscantes, e depois...

— Vais ver como o Joan vai ficar quando souber — acrescentou Arnau.

Guillem virou-se para Arnau, mas conteve-se a tempo. Que importava o que pensava o frade?

— Tens razão. O melhor é continuarmos à procura.

Arnau virou-se para Joan.

— Por favor — disselhe —, não é o momento.

Entrara em Santa Maria para se acalmar. As notícias não eram boas e ali, com a sua Virgem, com o constante martelar dos operários, com o sorriso de todos os que trabalhavam na obra, sentia-se à vontade. Mas Joan encontrara-o e colara-se a ele. Mar para aqui, Mar para ali. No fim de contas, não lhe dizia respeito.

— Que razões pode ter para se opor ao casamento? — insistia Joan.

— Não é agora o momento, Joan — repetiu Arnau.

— Porquê?

— Porque acabam de nos declarar outra guerra — o frade sobressaltou-se. — Não sabias? O rei Pedro, o Cruel, de Castela, acaba de nos declarar a guerra.

— Porquê?

Arnau abanou a cabeça.

— Porque há muito tempo que já tinha vontade de o fazer — clamou, agitando os braços. — A desculpa foi que o nosso almirante Francesc de Perellós apresou em frente às costas de Sanlúcar dois navios genoveses que transportavam azeite. O castelhano exigiu a sua libertação e, como o almirante fez ouvidos surdos, declarou-nos a guerra. Esse homem é perigoso — murmurou Arnau. — Tenho ouvido dizer que ganhou a pulso o seu cognome; é rancoroso e vingativo. Percebes o que isto é, Joan? Neste momento estamos em guerra contra Génova e Castela ao mesmo tempo. Parece-te o momento indicado para andar às voltas com a rapariga? — Joan hesitou. Encontravam-se debaixo da pedra de chave da terceira abóbada da nave central, rodeados pelos andaimes de onde sairiam as nervuras. — Lembras-te? — perguntou-lhe Arnau apontando para a pedra de chave. Joan ergueu os olhos e anuiu. Eram apenas umas crianças quando tinham visto como içavam a primeira daquelas pedras! Arnau esperou uns instantes e depois prosseguiu: — A Catalunha não vai poder suportar isto. Ainda estamos a pagar a campanha contra a Sardenha e já se nos abre outra frente.

— Julgava que os comerciantes eram partidários das conquistas.

— Castela não nos abrirá nenhuma rota comercial. A situação é grave, Joan. Guillem tinha razão — O frade fez uma careta ao ouvir o nome do mouro. — Ainda nem acabámos de conquistar a Sardenha e os Corsos sublevaram-se; fizeram-no assim que o rei abandonou a ilha. Estamos em guerra contra duas potências e o rei esgotou todos os seus recursos. Até os conselheiros da cidade parecem ter enlouquecido!

Começaram a andar para o altar-mor.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que o tesouro não aguentará. O rei continua com as suas grandes construções: os estaleiros reais e amnova muralha...

— Mas são necessárias — alegou Joan, interrompendo o irmão.

— Os estaleiros, talvez, mas a nova muralha não faz sentido depois da peste. Barcelona não precisa de ampliar esta muralha.

— E?

— E então, o rei continua a esgotar os seus recursos. Para a construção das muralhas obrigou todas as povoações dos arredores

a contribuírem, para o caso de algum dia terem de se refugiar atrás delas; depois, criou um novo imposto destinado à construção: uma quadragésima parte de todas as heranças deverá destinar-se à ampliação das muralhas.

E quanto aos estaleiros, todas as multas cobradas pelos consulados são dedicadas à sua construção. E agora, é uma nova guerra.

— Barcelona é rica.

— Já não é, Joan. Esse é que é o problema. O rei cedeu privilégios à medida que a cidade concedia recursos, e os conselheiros meteram-se em tais gastos que agora não podem financiá-los. Aumentaram os impostos sobre a carne e o vinho. Sabes que parte do orçamento municipal cobria esses impostos? — Joan fez que não. — Cinquenta por cento de todos os gastos municipais. E agora sobem-nos. As dívidas do município vão levar-nos à ruína, Joan, a todos nós.

Ficaram os dois pensativos diante do altar-mor.

— Que novidades há de Mar? — insistiu Joan quando se decidiram a abandonar Santa Maria.

— Fará o que quiser, Joan, o que quiser.

— Mas...

— Sem mas. É a minha decisão.

— Bate — pediu Arnau.

Guillem bateu com a aldraba sobre a madeira do portão. O som retumbou pela rua deserta. Ninguém veio abrir.

— Torna a bater.

Guillem começou a bater na porta, uma, duas... sete, oito vezes; à nona, abriu-se um postigo.

— Que se passa? — perguntaram os olhos que apareceram. — A que se deve esta barulheira? Quem sois?

Mar, agarrada ao braço de Arnau, sentiu que ele ficava tenso.

— Abre! — ordenou Guillem.

— Quem mo pede?

— Arnau Estanyol — respondeu com gravidade Guillem —, proprietário deste edifício e de tudo o que há dentro dele — incluída a tua pessoa, se fores escravo.

“Arnau Estanyol, proprietário deste edifício...” As palavras de Guillem ressoaram nos ouvidos de Arnau. Quanto tempo tinha passado? Vinte anos? Vinte e dois? Do outro lado do postigo, os olhos hesitaram.

— Abre! — insistiu Guillem, gritando.

Arnau ergueu os olhos para o céu, pensando no pai.

— Que... — começou a perguntar-lhe a rapariga.

— Nada, nada — respondeu sorrindo Arnau no momento em que a porta para acesso de pessoas recortada num dos portões começou a abrir-se.

Guillem ofereceu-lhe a passagem.

— Os portões, Guillem. Que abram os dois portões.

Guillem entrou e, de fora, Arnau e Mar ouviram-no a dar ordens. “Estás a ver-me, pai? Lembras-te? Foi aqui que te entregaram a bolsa de dinheiro que te perdeu. Que podias tu ter feito então?” A revolta da Praça do Blat regressou-lhe então à memória; os gritos das pessoas, os gritos do pai, todos pedindo cereal! Arnau sentiu que se lhe fazia um nó na garganta. Os portões abriram-se de par em par e Arnau entrou.

Vários escravos encontravam-se no pátio de entrada. A sua direita, a escadaria que levava aos andares nobres. Arnau não olhou para cima, mas Mar fê-lo, e conseguiu ver umas sombras que se moviam por detrás das janelas. A frente deles estavam duas cavalariças, com os palafreneiros parados à entrada. Santo Deus! Um tremor percorreu o corpo de Arnau, que se apoiou em Mar. A rapariga parou de olhar para cima.

— Toma — disse Guillem, oferecendo-lhe um pergaminho enrolado.

Arnau não lhe pegou. Sabia o que era. Aprendera de cor o seu conteúdo desde que Guillem lho mostrara no dia anterior. Era o inventário dos bens de Grau Puig, que o regedor lhe outorgava em pagamento dos seus créditos: o palácio, os escravos — Arnau procurou em vão por entre os nomes mas não estava lá o de Estranya —, algumas propriedades fora de Barcelona, entre as quais se encontrava uma insignificante casa em Navarcles que decidiu deixar-lhes, para que lá vivessem. Algumas jóias, duas parelhas de cavalos com os respectivos arreios, uma carruagem,

vestidos e trajes, panelas e pratos, tapetes e móveis, tudo o que se encontrava dentro do palácio aparecia arrolado naquele pergaminho enrolado que Arnau lera uma e outra vez na noite anterior.

Tornou a observar a entrada das cavalariças e depois passeou o olhar por todo o pátio empedrado... até ao pé das escadas.

— Subimos? — perguntou Guillem.

— Subimos. Leva-me perante os teus senho... perante Grau Puig — corrigiu-se, dirigindo-se a um escravo.

Percorreram o palácio; Mar e Guillem observavam tudo, Arnau olhava em frente. O escravo levou-os até ao salão principal.

— Anuncia-me — disse Arnau a Guillem antes de abrir as portas.

— Arnau Estanyol! — gritou o amigo, abrindo-as. Arnau não se lembrava de como era o salão principal do palácio. Nem sequer olhara quando, em jovem, o percorrera... de joelhos. Também agora não o fazia. Isabel estava sentada num cadeirão junto a uma das janelas; ao seu lado, de pé Josep e Genís. O primeiro, tal como a sua irmã Margarida tinha casado. Genís continuava solteiro. Arnau procurou a família de Josep. Não estava ninguém. Noutro cadeirão, viu Grau Puig, envelhecido e babando-se.

Isabel olhava-o com os olhos incendiados.

Arnau postou-se no meio do salão, junto a uma mesa de jantar, de madeira nobre, com o dobro do comprimento da sua mesa de cambista. Mar ficou junto de Guillem, atrás dele. Nas portas do salão juntaram-se os escravos.

Arnau falou suficientemente alto para que a sua voz ecoasse em toda a sala.

— Guillem, aqueles sapatos são meus — disse, apontando para os pés de Isabel. — Tirem-lhos.

— Sim, senhor.

Mar virou-se, sobressaltada, para o mouro. Senhor? Conhecia o estatuto de Guillem, mas nunca antes o tinha ouvido dirigir-se a Arnau em tais termos.

Com um sinal, Guillem chamou dois dos escravos que olhavam da ombreira da porta, e os três encaminharam-se para Isabel. A baronesa continuava altiva, enfrentando o olhar de Arnau.

Um dos escravos ajoelhou-se, mas antes que a tocasse, Isabel descalçou-se em silêncio e deixou cair os sapatos no chão, sem

deixar de olhar por um segundo para Arnau.

— Quero que recolhas todos os sapatos que haja nesta casa e lhes deites fogo no pátio — disse Arnau.

— Sim, meu senhor — tornou a responder Guillem. A baronesa continuava a olhá-lo com altivez.

— Esses cadeirões — Arnau apontou para os assentos dos Puig —, levem-nos daqui.

— Sim, senhor.

Grau foi pegado em braços pelos filhos. A baronesa levantou-se antes que os escravos pegassem no cadeirão e levassem, junto com os restantes, para um dos cantos do salão

Mas continuava a olhá-lo.

— Esse vestido é meu.

Teria ela tremido?

— Não pretenderás que... — começou a dizer Genís Puig, endireitando-se, ainda com o pai nos braços.

— Esse vestido é meu — repetiu Arnau, interrompendo-o, sem deixar de olhar para Isabel.

Tremia?

— Mãe — interveio Josep —, vai mudar de roupa. — Tremia.

— Guillem — gritou Arnau.

— Mãe, por favor!

Guillem aproximou-se da baronesa. Tremia!

— Mãe!

— E que queres que vista? — gritou Isabel dirigindo-se ao enteado.

Isabel virou-se de novo para Arnau, tremendo. Guillem também olhou para ele. “Queres mesmo que lhe tire o vestido?”, perguntava com os olhos.

Arnau franziu o sobrolho e, pouco a pouco, muito lentamente, Isabel baixou os olhos para o chão, chorando de raiva.

Arnau fez um sinal a Guillem e deixou passar alguns momentos enquanto os soluços de Isabel preenchiam o salão principal do palácio.

— Esta mesma noite — disse por fim, dirigindo-se a Guillem — quero este edifício vazio. Diz-lhes que podem regressar a Navarcles, de onde nunca deviam ter saído. — Josep e Genís

olharam para ele; Isabel continuava a soluçar. — Não me interessam essas terras. Dá-lhes roupas dos escravos mas não calçado; queima-o todo. Vende tudo e fecha esta casa.

Arnau virou-se e deu de caras com Mar. Esquecera-se dela. A rapariga estava transtornada. Pegou-lhe no braço e saiu com ela.

— Já podes fechar estas portas — disse ao velho que lhas tinha aberto.

Andaram em silêncio até à casa de câmbio, mas, antes de entrarem, Arnau deteve-se.

— Um passeio pela praia?

Mar anuiu.

— Já cobraste a tua dívida? — perguntou-lhe quando começavam já a ver o mar.

— Nunca poderei cobrá-la, Mar — a rapariga ouviu-o murmurar ao fim de um momento. — Nunca.

CAPÍTULO 38

9 de Junho de 1359

Barcelona

Arnau trabalhava na mesa de câmbios. Encontravam-se em plena época de navegação. Os negócios iam de vento em popa e Arnau tornara-se uma das primeiras fortunas da cidade. Continuavam a viver na pequena casa da esquina de Canvis Vells com Canvis Nous, com Mar e Donaha. Arnau não dera ouvidos aos conselhos de Guillem de que se mudassem para o palácio dos Puig, que permanecia fechado há quatro anos. Pelo seu lado, Mar era tão teimosa quanto Arnau, e não tinha ainda consentido em contrair matrimónio.

— Porque queres afastar-me de ti? — perguntou-lhe um dia, com os olhos marejados de lágrimas.

— Eu... — hesitou Arnau. — Eu não quero afastar-te de mim!

Ela continuou a chorar e procurou o ombro dele.

— Não te preocupes — disselhe Arnau, acariciando-lhe a cabeça —, nunca te obrigarei a fazer o que não queiras.

E Mar continuava a viver com eles.

Nesse dia, 9 de Junho, começou a repicar um sino. Arnau parou de trabalhar. No mesmo momento, somou-se-lhe mais um sino, depois outro, e depois muitos mais.

— Via fora — comentou Arnau.

Saiu para a rua. Os operários de Santa Maria desciam vertiginosamente dos andaimes; pedreiros e canteiros saíam pelo portão maior e as pessoas corriam pelas ruas com o Via fora! nos lábios.

Nesse momento, encontrou-se com Guillem, que caminhava apressado, alterado.

— Guerra! — gritou.

— Estão a convocar a host — disse Arnau.

— Não... Não — Guillem fez uma pausa para recobrar o fôlego. — Não é a host da cidade. É a de Barcelona e de todas as vilas e aldeias num raio de duas léguas. Não é só a de Barcelona.

Eram as de Sant Boi e Badalona. As de Sant Andreu e Sarrià; Provençana, Sant Feliu, Sant Genís, Cornélia, Sant Just Desvern, Sant Joan Despi, Sants, Santa Coloma, Esplugues, Vallvidrera, Sant Marti, Sant Adrià, Sant Gervasi, Sant Joan d'Horta... O repique dos sinos retumbava sobre Barcelona até duas léguas de distância.

— O rei invocou o usatge princeps namque — continuou Guillem. — Não é a cidade. É o rei! Estamos em guerra! Atacam-nos. O rei Pedro de Castela ataca-nos...

— Barcelona? — interrompeu-o Arnau.

— Sim. Barcelona.

Os dois entraram em casa a correr.

Quando saíram, Arnau equipado como quando servira Eiximèn d'Esparça, dirigiram-se à Rua de la Mar para chegarem à praça do Blat; no entanto, as pessoas desciam a rua, gritando o via fora, em vez de a subirem.

— Que... — tentou perguntar Arnau, segurando por um traço um dos homens armados que corriam rua abaixo.

— Para a praia! — gritou o homem, libertando-se da mão de Arnau. — Para a praia!

— Por mar? — perguntaram-se Arnau e Guillem um ao outro.

Os dois somaram-se à multidão que corria para a praia.

Quando chegaram, os barceloneses começavam a apinhar-se na praia, com os olhos postos no horizonte, armados com as suas balestras e com o repique dos sinos nos ouvidos. O via fora! foi perdendo força e os cidadãos acabaram por ficar em silêncio.

Guillem levou a mão à testa para se proteger do forte sol de Junho e começou a contar os navios: um, dois, três, quatro... O mar estava calmo.

— Vão aniquilar-nos — ouviu Arnau atrás de si.

— Vão arrasar a cidade!

— Que poderemos fazer contra um exército?

Vinte e sete, vinte e oito... Guillem continuava a contar.

“Vão arrasar-nos”, repetiu Arnau para si. Quantas vezes falara disso com mercadores e comerciantes? Barcelona estava indefesa por mar. Desde Santa Clara até Framenors, a cidade abria-se para o mar, sem qualquer defesa. Se uma armada chegasse a entrar no porto...

— Trinta e nove... e quarenta. Quarenta navios! — exclamou Guillem.

Trinta galeras e dez lenhos, todos armados. Era a armada de Pedro, o Cruel. Quarenta navios carregados de homens curtidos, guerreiros veteranos, contra cidadãos transformados de repente em soldados. Se conseguissem desembarcar, lutar-se-ia na própria praia, nas ruas da cidade. Arnau sentiu um calafrio ao pensar nas mulheres e crianças... Em Mar. Derrotá-los-iam! Saqueariam. Violariam as mulheres. Mar!

Apoiou-se em Guillem ao voltar a pensar nela. Era jovem e bela. Imaginou-a em poder dos castelhanos, gritando, pedindo ajuda... Onde estaria ele então?

A praia continuava a encher-se de gente. O próprio rei acorreu à praia e começou a dar ordens aos seus soldados.

— O rei! — gritou alguém.

E que podia fazer o rei?, esteve quase a replicar Arnau.

Desde há três meses que o rei se encontrava na cidade, preparando uma armada para ir em defesa de Maiorca, que Pedro, o Cruel, ameaçara atacar. No porto de Barcelona havia apenas dez galeras — o resto da frota ainda estava para chegar — e lutariam no próprio porto!

Arnau abanou a cabeça com o olhar fixo nas velas que pouco a pouco se aproximavam da costa. O de Castela tinha conseguido enganá-los. Desde que começara a guerra, as batalhas e as tréguas tinham-se ido alternando. Pedro, o Cruel, atacou primeiro o reino de Valência e depois o de Aragão, de onde tomou Tarazona, com o que ameaçou directamente Saragoça. A Igreja interveio e Tarazona entregou-se ao cardeal Pedro de la Jugie, que deveria arbitrar a qual dos reis correspondia a cidade. Também se assinara uma trégua de um ano, que não incluía, no entanto, as fronteiras dos reinos de Múrcia e de Valência.

Durante a trégua, o Cerimonioso conseguira convencer o seu meio-irmão Ferrán, aliado então do de Castela, a que o atraiçoasse, e, depois de o fazer, o infante atacara e saqueara o reino de Múrcia até chegar a Cartagena.

Da própria praia, o rei Pedro ordenou que aparelhassem as dez galeras e que os cidadãos de Barcelona e das vilas limítrofes, que já

começavam a chegar à praia, embarcassem juntamente com os poucos soldados que o acompanhavam. Todas as barcas, pequenas ou grandes, mercantes ou de pesca, deviam sair ao encontro da esquadra castelhana.

— É uma loucura — comentou Guillem, observando como as pessoas se lançavam para as barcas. — Qualquer uma daquelas galeras abordará os nossos barcos e os partirá em dois. Morrerá muita gente.

Ainda faltava bastante para que a frota castelhana chegasse ao porto.

— Não terá piedade — ouviu Arnau atrás de si. —Vai destroçar-nos.

Pedro, o Cruel, não teria piedade. A sua fama era bem conhecida: executara os seus irmãos bastardos, Frederico em Sevilha e Juan em Bilbau, e um ano depois, a sua tia Leonor, depois de a manter presa todo esse tempo. Que piedade poderia esperar-se de um rei que matava os seus próprios parentes? O Cerimonioso não matara Jaime de Maiorca, apesar das suas muitas traições e das guerras que os tinham colocado em confronto.

— Seria melhor organizar a defesa em terra — comentou Guillem, gritando e aproximando-se do seu ouvido. — Por mar, é impossível fazê-lo. Assim que os castelhanos passem as tasques, arrasam-nos.

Arnau concordou. Porque se empenhava o rei em defender a cidade por mar? Guillem tinha razão: assim que passassem as tasques...

— As tasques!— gritou Arnau. — Que navio temos no porto?

— Que pretendes?

— As tasques, Guillem! Não entendes? Que barco temos?

— Aquele baleeiro — respondeu-lhe, apontando para um imenso e pesado barco bojudo.

— Vamos, não há tempo a perder.

Arnau começou a correr de novo para o mar, misturando-se na multidão que fazia o mesmo. Olhou para trás, para dizer a Guillem que acelerasse o passo.

A orla tornara-se um formigueiro de soldados e barceloneses, metidos na água até à cintura; uns tentavam subir para as pequenas

barcas de pesca que já saíam para o mar, outros esperavam que chegasse algum barqueiro para que os levasse para qualquer um dos grandes navios de guerra ou mercantes fundeados no porto.

Arnau viu chegar um deles.

— Vamos! — gritou a Guillem, metendo-se na água, tentando adiantar-se a todos os que se dirigiam para a barca.

Quando lá chegaram, a barca estava a transbordar, mas o barqueiro reconheceu Arnau e arranjou-lhes lugar.

— Leva-me ao baleeiro — disselhe quando o homem ia a dar ordem para partirem.

— Primeiro, as galeras. É essa a ordem do rei...

— Leva-me ao baleeiro! — instou-o Arnau. O barqueiro inclinou a cabeça. Os homens da barca começaram a queixar-se. — Silêncio! — gritou Arnau. — Tu conheces-me. Tenho de chegar ao baleeiro. Barcelona... a tua família depende disso. Todas as vossas famílias podem depender disso!

O barqueiro olhou para o grande navio bojudo. Tinha apenas de desviar-se um pouco. Porque não? Porque havia de estar a enganá-lo Arnau Estanyol?

— Para o baleeiro! — ordenou aos remadores. Enquanto Arnau e Guillem se agarravam às escadas que O piloto do baleeiro lhes lançara, o barqueiro rumou à galera mais próxima.

— Todos os homens aos remos! — ordenou Arnau ao piloto, mal chegou à coberta.

O homem fez um gesto aos remadores, que se colocaram de imediato nos seus bancos.

— Que fazemos? — perguntou.

— Para as tasques — respondeu Arnau.

Guillem concordou

— Que Alá, o seu nome seja louvado, queira que te corra bem.

Mas se Guillem conseguira perceber a intenção de Arnau, tal não aconteceu com o exército e os cidadãos de Barcelona. Quando viram como o baleeiro se punha em movimento, sem soldados, sem homens armados, rumo ao alto-mar, alguém disse:

— Quer salvar o seu navio. — Judeu! — gritou outro.

— Traidor!

Muitos outros se juntaram aos insultos e, daí a pouco, a praia inteira clamava contra Arnau. Que se propunha fazer Arnau Estanyol? — interrogavam-se os bastaixos, todos com os olhos postos no barco bojudo que avançava lentamente, ao ritmo de mais de uma centena de remos que caíam na água para voltarem a subir, uma e outra vez, uma e outra vez.

Arnau e Guillem colocaram-se na proa, de pé, com a atenção posta na armada castelhana, que começava a aproximar-se perigosamente, mas, quando passaram junto às galeras catalãs, uma chuva de flechas obrigou-os a esconder-se. Voltaram a pôr-se de pé, depois de ficarem fora do seu alcance.

— Vai correr bem — disse Arnau para Guillem. — Barcelona não pode cair nas mãos desse canalha.

As tasques, uma cadeia de bancos de areia paralela à costa que impedia a entrada das correntes marítimas, eram a única defesa natural do porto de Barcelona, mas ao mesmo tempo representavam um perigo para os navios que tentavam arribar ao porto. Uma só entrada, na forma de um canal com calado suficiente, permitia a passagem dos navios; se não fosse através desse canal, os barcos encalhavam nos baixios. Arnau e Guillem aproximaram-se das tasques deixando atrás de si milhares de gargantas de onde saíam os mais obscenos insultos. Os gritos dos catalães conseguiam mesmo sobrepor-se ao repique dos sinos.

“Correrá bem”, repetiu Arnau para consigo. Depois, ordenou ao piloto que os remadores deixassem de remar. Quando a centena de remos se levantou acima da borda e o baleeiro deslizou em direcção às tasques, os gritos e insultos começaram a abrandar, até que o silêncio reinou na praia. A armada castelhana aproximava-se cada vez mais. Por cima dos sinos, Arnau ouviu como a quilha do barco deslizava para os baixios.

— Tem de sair bem! — gritou. Guillem agarrou-lhe um braço e apertou-o. Era a primeira vez que lhe tocava daquela maneira.

O baleeiro continuou a deslizar, lentamente, muito lentamente. Arnau olhou para o piloto. “Estamos no canal?”, perguntou-lhe com um simples sinal dos olhos. O piloto anuiu; desde que recebera ordens para pararem de remar que percebera o que Arnau queria fazer.

Toda a Barcelona já o sabia.

— Agora! — gritou Arnau. — Vira!

O piloto deu a ordem. Os remos de bombordo mergulharam no mar e o baleeiro começou a girar em círculo até que a popa e a proa encalharam nas paredes do canal.

O navio estacou.

Guillem apertou com mais força o braço de Arnau. Entreolharam-se os dois e Arnau puxou-o para si, para o abraçar, enquanto a praia e as galeras estalavam em vivas.

A entrada do porto de Barcelona tinha sido fechada.

Da orla da praia, armado para a batalha, o rei olhou para o baleeiro atravessado nas tasques. Nobres e cavaleiros permaneceram em seu redor, em silêncio, enquanto o rei contemplava a cena.

— Às galeras! — ordenou por fim.

Com o baleeiro de Arnau atravessado nas tasques, Pedro, o Cruel, organizou a sua armada para mar aberto. O Cerimonioso meteu-se pelas tasques adentro e, antes que anoitecesse, as duas frotas — uma de guerra, com quarenta navios armados e dispostos para o combate, e a outra mais pitoresca, com apenas dez galeras e dezenas de pequenos barcos mercantes ou de pesca carregados de cidadãos — encontraram-se frente a frente, ao longo de toda a linha da costa portuária, desde Santa Clara até Framenors. Ninguém podia entrar nem sair de Barcelona.

Nesse dia não houve batalha. Cinco das galeras de Pedro III dispuseram-se perto do baleeiro de Arnau e, à noite, os soldados reais, iluminados por uma Lua resplandecente, abordaram-no.

— Parece que a batalha decorrerá à nossa volta — comentou Guillem para Arnau, os dois sentados na coberta, protegidos das flechas dos balestreiros castelhanos.

— Tornámo-nos a muralha da cidade, e todas as batalhas começam nas muralhas. Nesse momento, aproximou-se um oficial real.

— Arnau Estanyol? — perguntou. Arnau fez-se mostrar, levantando uma mão. — O rei autoriza-o a abandonar o barco.

— E os meus homens?

— Os condenados às galeras? — Na semiescuridão, Arnau e Guillem conseguiram discernir a expressão de surpresa do oficial. Que lhe importaria uma centena de condenados? — Podem ser necessários aqui — respondeu de imediato o oficial.

— Nesse caso, fico — disse Arnau. — É o meu barco e são os meus homens. — O oficial encolheu os ombros e continuou a dispor as suas forças.

— Queres desembarcar tu? — perguntou Arnau a Guillem.

— Por acaso não sou mais um dos teus homens?

— Não, e sabes isso muito bem — ficaram os dois em silêncio durante alguns instantes, enquanto viam passar sombras e ouviam as correrias dos soldados que tomavam posições, e as ordens, dadas a meia-voz, quase sussurradas, dos oficiais. — Sabes que há muito tempo deixaste de ser escravo — prosseguiu Arnau. — Basta-te pedir a tua carta de liberdade e tê-la-ás.

Alguns soldados colocaram-se perto deles.

— Vão para os porões, como os outros — sussurrou-lhes um dos soldados, tentando ocupar o lugar deles.

— Neste barco, vamos onde quisermos — respondeu-lhe Arnau.

O soldado inclinou-se diante deles.

— Perdão — desculpou-se. — Todos vos agradecemos O que fizeram. — E procurou outro sítio junto à borda.

— Quando quererás ser livre? — tornou a perguntar Arnau.

— Não creio que soubesse ser livre.

Ficaram os dois em silêncio. Quando já todos os soldados tinham abordado o baleeiro e ocupado os seus postos a noite começou a passar lentamente. Arnau e Guillem dormitaram por entre as tosses e os sussurros dos homens.

Ao amanhecer, Pedro, o Cruel, deu ordens para o ataque. A armada castelhana aproximou-se das tasques e os soldados do rei começaram a disparar as suas balestras e a lançar pedras com uns pequenos trabucos montados nas bordas e também com brigolas. A frota catalã fez o mesmo do outro lado dos baixios. Lutava-se ao longo da linha de costa, mas acima de tudo junto ao baleeiro de Arnau. Pedro III não podia permitir que abordassem o baleeiro e várias galeras, incluindo a real, tomaram posições perto dele.

Muitos homens morreram ao serem atingidos pelas flechas disparadas de um lado e do outro. Arnau recordava-se do silvo das flechas quando saíam disparadas da sua balestra, colocado atrás de uma rocha em frente ao castelo de Bellaguarda.

Umas gargalhadas sacudiram-no do seu devaneio. Quem podia estar a rir-se numa batalha? Barcelona estava em perigo e havia homens a morrer. Como era possível que alguém risse? Arnau e Guillem entreolharam-se. Sim, eram risos. Gargalhadas cada vez mais sonoras. Procuraram um sítio resguardado para verem a batalha. Os tripulantes de muitos barcos catalães, em segunda ou terceira linha, a coberto das flechas, troçavam dos castelhanos, gritavam-lhes e riam-se deles.

Dos seus navios, os castelhanos tentavam acertar-lhes com as suas brigolas, mas com tão pouca pontaria que as pedras caíam, uma após outra, no mar. Algumas pedras levantavam uma coluna de espuma ao caírem na água. Arnau e Guillem olharam um para o outro e sorriram. Os homens dos barcos tornaram a rir-se dos castelhanos e a praia de Barcelona, repleta de cidadãos transformados em soldados, somava-se aos risos.

Durante todo o dia, os catalães estiveram a troçar dos artilheiros castelhanos, que falhavam uma e outra vez.

— Não gostaria de estar na galera de Pedro, o Cruel — comentou Guillem para Arnau.

— Pois não — comentou este, rindo. — Nem quero pensar no que fará a esses aprendizes.

Essa noite nada teve que ver com a anterior. Arnau e Guillem puseram-se a cuidar dos muitos feridos do baleeiro, a curá-los e a ajudá-los a descer até às barcas que deviam levá-los para terra. Até ao baleeiro, as flechas dos castelhanos chegavam. Um novo contingente de soldados abordou o navio e, quando já quase tinha passado a noite, tentaram descansar um pouco para a nova jornada.

A primeira luz tornou a acordar as gargantas dos catalães, e os gritos, os insultos e os risos ecoaram de novo no porto de Barcelona.

Arnau tinha esgotado as suas flechas e, junto com Guillem, resguardados, dedicou-se a contemplar a batalha.

— Olha — disselhe o amigo, apontando para as galeras castelhanas. — Estão a aproximar-se muito mais do que ontem.

Era verdade. O rei de Castela tinha decidido terminar quanto antes com a troça dos catalães, e dirigiu-se directamente para o baleeiro.

— Diz-lhes que parem de se rir — comentou Guillem com os olhos postos nas galeras castelhanas que se aproximavam.

Pedro III dispôs-se a defender o baleeiro e aproximou-Se dele tanto quanto as tasques lho permitiram. A nova batalha foi travada perto de Guillem e de Arnau; quase podiam tocar na galera real, e distinguiam claramente o rei e os seus cavaleiros.

As duas galeras, de lado, estavam cada uma de um lado das tasques. Os castelhanos dispararam uns trabucos que tinham montados à proa. Arnau e Guillem viraram-se para a galera real. Não havia danos. O rei e os seus homens continuavam na coberta e o navio não parecia afectado pelos disparos.

— Aquilo é uma bombarda? — perguntou Arnau, apontando para o canhão para onde o rei Pedro III se dirigia.

— Sim — respondeu Guillem.

Vira como a tinham carregado para a galera enquanto o rei preparava a sua frota, acreditando que os castelhanos iam atacar Maiorca.

— Uma bombarda num barco?

— Sim — tornou a responder Guillem.

— Deve ser a primeira vez que se arma uma galera com uma bombarda — disse Arnau, com a atenção concentrada nas ordens que o rei estava a dar aos seus artilheiros. — Nunca tinha visto...

— Nem eu...

A conversa viu-se interrompida pelo estrondo que a bombarda fez depois de disparar uma grande pedra. Voltaram-se ambos para a galera castelhana.

— Bravo! — gritaram em uníssono quando a pedra arrancou o mastro da galera.

Todos os barcos catalães vitoriaram o disparo. O rei mandou que carregassem de novo a bombarda — A surpresa e a queda do mastro impediram que os castelhanos respondessem ao fogo com

os seus trabucos. O disparo seguinte acertou em cheio no castelo de popa do navio e destroçou-o.

Os castelhanos começaram a afastar-se das tasques.

O escárnio constante e a bombarda da galera real fizeram reconsiderar o castelhano, e ao fim de um par de horas mandou a sua frota abandonar o assédio e dirigir-se para Ibiza.

Da coberta, Arnau e Guillem observaram, juntamente com vários oficiais do rei, a retirada da armada castelhana. Os sinos da cidade começaram a repicar.

— Agora, teremos de desencalhar este barco — comentou Arnau.

— Nós já trataremos disso — ouviu atrás de si. Arnau virou-se e deu com um oficial que acabara de abordar o baleeiro. — Sua Majestade espera-vos na galera real.

O rei tivera duas noites inteiras para se inteirar sobre quem era Arnau Estanyol. “Rico”, disseram-lhe os conselheiros de Barcelona, “imensamente rico, majestade.” O rei assentia com pouco interesse a cada comentário que os conselheiros lhe faziam sobre Arnau: a sua etapa como bastaix, a sua luta às ordens de Eiximèn d'Esparça, a sua devoção a Santa Maria. No entanto, os olhos abriram-se-lhe ao ouvir que era viúvo. “Viúvo e rico”, pensou o monarca. “Se nos safarmos desta...”

-— Arnau Estanyol — apresentou-o em voz alta um dos carnerlengos do rei. — Cidadão de Barcelona.

O rei, sentado numa cadeira na coberta, estava ladeado por uma multidão de nobres, de cavaleiros conselheiros e de próceres da cidade que se tinham aproximado da galera real depois da retirada dos castelhanos. Guillem ficou perto da amurada, atrás dos que rodeavam Arnau e o rei.

Arnau fez menção de pôr um joelho em terra, mas o rei mandou-o levantar-se.

— Estamos muito satisfeitos com a vossa acção — falou o rei. — A vossa ousadia e inteligência foram cruciais para ganharmos esta batalha.

O rei calou-se e Arnau hesitou. Deveria responder ou ficar calado? Todos os presentes tinham os olhos postos nele.

— Nós — continuou o rei —, em agradecimento pela vossa acção, desejamos favorecer-vos com a nossa graça.

E agora? Deveria falar? Que graça poderia conceder-lhe o rei? Tinha tudo o que podia desejar...

— Concedemo-vos em matrimónio a nossa pupila Elionor, a quem dotamos com as baronias de Granollers, Sant Vicenç deis Horts e Caldes de Montbui.

Todos os presentes murmuraram; alguns aplaudiram. Matrimónio! O rei dissera matrimónio? Arnau virou-se em busca de Guillem, mas não conseguiu encontrá-lo. Os nobres e os cavaleiros sorriam-lhe. Mas o rei dissera matrimónio?

— Não estais contente, senhor barão? — perguntou o rei, ao vê-lo com a cabeça voltada para trás.

Arnau virou-se de novo para o rei. Senhor barão? Matrimónio? Para que queria ele tudo aquilo? Nobres e cavaleiros calaram-se perante o silêncio de Arnau. O rei trespassava-o com o olhar. Elionor, fora o que dissera? A sua pupila? Não podia... Não devia contrariar o rei!

— Não... Quero dizer, sim, majestade — balbuciou. — Agradeço-vos a vossa graça.

— Seja então.

Pedro III levantou-se e a sua corte fechou-se à sua volta. Alguns deram palmadas nas costas de Arnau ao passarem perto dele, e felicitaram-no com frases que se tornavam ininteligíveis. Arnau ficou ali sozinho, no mesmo sítio onde antes estivera rodeado de gente. Virou-se para Guillem, que continuava encostado à amurada.

De onde estava, Arnau abriu as mãos, mas o mouro respondeu-lhe fazendo gestos na direcção do rei e da sua corte, e depois escondeu-as rapidamente.

A chegada de Arnau à praia foi tão celebrada como a do próprio rei. A cidade inteira lançou-se sobre ele e Arnau teve de ir de mão em mão, de um para outro, recebendo felicitações, palmadas e apertos de mão. Toda a gente queria aproximar-se do salvador da cidade, mas Arnau não conseguia reconhecer nem ouvir ninguém. Agora que tudo lhe corria bem, que era feliz, o rei decidira casá-lo. Os barceloneses acompanharam-no, muito encostados a ele, da praia para sua mesa de câmbios, e quando entrou, ficaram em frente à entrada, gritando o seu nome, gritando sem cessar.

Assim que entrou, Mar lançou-se-lhe nos braços. Guillem já tinha chegado e estava sentado na sua cadeira; não tinha contado nada. Joan, que também tinha corrido para a mesa, observava-o com o seu habitual aspecto taciturno.

Mar ficou surpreendida quando Arnau, talvez com mais força do que teria desejado, se desembaraçou do seu abraço. Joan foi felicitá-lo, mas Arnau também não lhe fez caso. Por fim, deixou-se cair numa cadeira, junto de Guillem. Os outros olhavam para ele, sem se atreverem a dizer nada.

— Que tens? — atreveu-se Joan a perguntar, por fim.

— Vão casar-me! — gritou Arnau, erguendo os braços acima da cabeça. — O rei decidiu fazer-me barão e casar-me com a sua pupila. Esse é o favor que me faz por o ter ajudado a salvar a capital do seu reino! Casar-me!

Joan pensou por uns momentos, inclinou a cabeça e sorriu.

— Porque te queixas? — perguntou-lhe.

Arnau olhou-o de soslaio. Ao seu lado, Mar começara a tremer. Só Donaha se apercebeu, da porta da cozinha e acudiu a ajudá-la a manter-se em pé.

— O que é que te desagrada? — insistiu Joan. Arnau nem sequer olhou para ele. Mar sentiu a primeira facada depois de ouvir as palavras do frade: — Que há de mal em que te cases? E logo com a pupila do rei. Tornar-te-ás barão da Catalunha.

Mar, receando vomitar, foi com Donaha para a cozinha.

— Que se passa com Mar? — perguntou Arnau.

O frade demorou um momento a responder.

— Eu te direi o que se passa — disse por fim. — Que também se devia casar! Deveriam casar-se ambos! Por sorte, o rei tem mais cabeça que tu.

— Deixa-me, Joan, peço-te — disse, cansado, Arnau.

O frade ergueu as mãos no ar e abandonou a mesa de câmbios.

— Vai ver o que se passa com Mar — pediu Arnau a Guillem.

— Não sei o que se passa com ela — disse este ao seu amo uns minutos mais tarde —, mas Donaha disseme que não me preocupe. Coisas de mulheres — acrescentou.

Arnau virou-se para ele.

— Nem me fales de mulheres.

— Pouco podemos fazer contra os desejos do rei, Arnau. Talvez, com algum tempo, encontremos uma solução.

Mas não tiveram tempo. Pedro III fixou para o dia 23 de Junho a sua partida para Maiorca, para perseguir o rei de Castela; mandou que a sua armada estivesse reunida no porto de Barcelona nessa data e manifestou que antes de partir queria ver resolvido o assunto do casamento da sua pupila Elionor com o aclamado Arnau. Assim o comunicou um oficial do rei ao bastaix, na sua mesa de câmbios.

— Só me restam nove dias! — queixou-se a Guillem quando o oficial desapareceu da porta. — Talvez menos!

Como seria essa tal Elionor? Arnau nem conseguia dormir só de pensar nisso. Velha? Bonita? Simpática, agradável, ou altiva e cínica como todos os nobres que já conhecera? Como ia casar com uma mulher que nem sequer conhecia?

Encarregou disso Joan:

— Tu podes fazer isso. Descobre-me como é essa mulher. Não consigo deixar de pensar no que me esperará.

— Diz-se — contou-lhe Joan na mesma tarde do dia em que o oficial se apresentara na sua mesa — que é bastarda de um dos infantes do principado, de algum dos tios do rei, embora ninguém se atreva a dizer qual deles. A mãe dela morreu do parto por isso, foi acolhida na corte...

— Mas... Como é ela, Joan? — interrompeu Arnau.

— Tem vinte e três anos e é atraente.

— E de carácter?

— É nobre — limitou-se Joan a responder. Para que havia de lhe contar tudo o que ouvira de Elionor? Era atraente, decerto, segundo lhe tinham dito, mas os

seus traços reflectiam sempre um constante enfado com o mundo inteiro. Era caprichosa e mimada, altiva e ambiciosa. O rei casara-a com um nobre que falecera ao fim de pouco tempo e ela, sem filhos, regressara à corte. Um favor a Arnau? Uma graça real? Os confidentes de Joan tinham-se rido. O rei não aguentava mais Elionor, e com quem casá-la melhor do que com um dos homens mais ricos de Barcelona, um cambista a quem poderia recorrer em busca de créditos? O rei Pedro ganhava em todos os sentidos:

tirava o peso de Elionor de cima dos ombros e assegurava o acesso a Arnau. Para que havia Joan de contar-lhe tudo isso?

— Que queres tu dizer com isso de que é nobre?

— Pois isso mesmo — disse Joan, tentando evitar o olhar de Arnau. — Que é nobre, uma mulher nobre, com o seu carácter, como todas elas.

Também Elionor tinha feito averiguações por sua conta, e a sua irritação aumentava à medida que lhe chegavam mais notícias: um antigo bastaix, uma confraria que derivava dos escravos da costa, dos macips de ribera, dos mancipados. Como pretendia o rei casá-la com um bastaix? Era rico, muito rico, sim, segundo lhe diziam todos, mas que lhe importava a ela o dinheiro dele? Vivia na corte e nada lhe faltava. Decidiu acorrer ao rei quando se deu conta de que Arnau era filho de um camponês fugitivo e que ele próprio, por nascimento, também tinha sido servo da terra. Como podia o rei pretender que ela, filha de um infante, casasse com semelhante personagem?

Mas Pedro III não a recebeu e mandou que a boda se celebrasse a 21 de Junho, dois dias antes da partida para Maiorca.

No dia seguinte, casar-se-ia. Na capela real de Santa Ágata.

— É uma capela pequena — explicou-lhe Joan. — Foi construída no início do século por Jaime II, por indicação da esposa, Branca de Anjou, sob o signo das relíquias da Paixão de Cristo, tal como a Sainte Chapelle de Paris, de onde era proveniente a rainha.

Seria uma festa íntima, e tanto assim que a única pessoa que o acompanharia seria Joan. Mar recusou-se a assistir. Desde que anunciara o seu casamento que a rapariga lhe fugia e se calava na presença dele, olhando-o de vez em quando, mas sem os sorrisos que até então sempre lhe dedicara.

Por isso, nessa tarde Arnau abordou a rapariga e pediu-lhe que o acompanhasse.

— Aonde? — perguntou Mar. — Aonde?

— Não sei... Que tal Santa Maria? O teu pai adorava aquela igreja. Foi lá que o conheci, sabes?

Mar acreditou; ambos saíram da mesa de câmbios e dirigiram-se para a fachada inacabada de Santa Maria. Os pedreiros começavam a trabalhar nas torres oitavadas que deveriam ladeá-la,

e os mestres do cinzel afanavam-se no ttmpano, nas ombreiras, nas janelas e nas arquivoltas, picando e repicando sobre a pedra. Arnau e Mar entraram no templo. As nervuras da terceira abóbada da nave central tinham começado já a estender-se para o céu, em busca da chave, como uma teia de aranha protegida pelo andaime de ladeira sobre o qual cresciam.

Arnau sentiu a presença da rapariga ao seu lado. Era tão como ele, e o cabelo caía-lhe com graça sobre os ombros.

Cheirava bem: a fresco, a ervas. A maioria dos operários admirara-a; viu-o nos olhos deles, mesmo quando os desviavam assim que se apercebiam do olhar de Arnau. O aroma dela ia e vinha ao ritmo dos seus movimentos.

— Porque não queres vir ao meu casamento? — perguntou-lhe de repente. Mar não respondeu. Passeava o olhar pelo templo.

— Nem sequer me permitiram casar nesta igreja — murmurou Arnau.

A rapariga voltou a não dizer nada.

— Mar... — Arnau esperou que ela se virasse para ele.

— Gostaria que estivesses comigo no dia do meu casamento. Sabes que não me agrada o casamento, que o faço contra a minha vontade, mas o rei... Não insistirei mais, de acordo? — Mar anuiu. — Se não o fizer, poderemos continuar a tratar-nos como sempre?

Mar baixou os olhos. Eram tantas as coisas que teria querido dizer-lhe... Mas não podia negar-lhe o que ele lhe pedia; não seria capaz de lhe negar nada.

— Obrigado — disse Arnau. — Se me faltasses tu... Não sei o que seria de mim se me faltassem aqueles que amo!

Mar sentiu um calafrio. Não era esse tipo de carinho que ela queria. Era amor. Porque consentira em acompanhá-lo? Dirigiu o olhar para a abside de Santa Maria.

— Joan e eu vimos como levantaram essa pedra de chave, sabes? — disselhe Arnau ao observar a direcção do olhar dela. — Éramos apenas umas crianças.

Nesse momento, os mestres vidreiros trabalhavam com denodo no claristório, o conjunto de janelas situado abaixo da abside, depois de terem finalizado as da parte superior, rujo arco ogival aparecia cerceado por uma pequena roseta. Depois, começariam a decorar

os grandes janelões ogivais que se abriam debaixo delas. Trabalhavam as cores compondo as figuras e desenhos, todos compostos por meio de finas e delicadas tiras de chumbo, que recebiam a luz exterior para a filtrarem para o templo.

— Quando eu era rapaz — continuou Arnau —, tive a sorte de falar com Berenguer de Montagut. Nós, lembro-me de ele dizer referindo-se aos Catalães, não precisamos de mais decoração: só do espaço e da luz. Então apontou para a abside, mesmo para onde estás agora tu a olhar, e deixou cair uma mão estendida até ao altar, simulando a luz de que tinha falado. Eu disselhe que entendia o que ele estava a dizer, mas na verdade era incapaz de imaginar ao que ele se referia. — Mar virou-se para ele. — Era muito novo — desculpou-se — e ele era o mestre, o grande Berenguer de Montagut. Mas hoje, sim, entendo-o — Arnau aproximou-se mais de Mar e estendeu uma mão em direcção à roseta da abside, lá em cima, lá muito em cima. Mar esforçou-se por disfarçar o ligeiro tremor que teve ao sentir o contacto com Arnau. — Vês como a luz entra no templo? — Então começou a baixar a mão em direcção ao altar-mor, como Berenguer fizera nos seus tempos, mas desta vez apontando para uns coloridos raios de luz que efectivamente entravam na igreja. Mar seguiu a mão de Arnau. — Repara bem: os vitrais orientados para o sol são de cores vivas, vermelhos, amarelos e verdes, para aproveitar a força da luz do Mediterrâneo; as que não estão lá são o branco ou o azul. E a cada hora, a medida que o Sol percorre o céu, o templo vai mudando de cor e as pedras reflectem umas ou outras tonalidades.

Quanta razão tinha o mestre! É como uma igreja nova todo os dias, a cada hora, como se continuamente nascesse um novo templo, porque ainda que as pedras estejam mortas o sol está vivo e é diferente em cada dia; nunca se verão os mesmos reflexos.

Ficaram os dois hipnotizados pela luz.

Por fim, Arnau agarrou Mar pelos ombros e virou-a para ele.

— Não me deixes, Mar, por favor.

No dia seguinte, ao amanhecer, na capela de Santa Ágata, escura e carregada, Mar tentou ocultar as suas lágrimas enquanto decorria a cerimónia.

Por seu lado, Arnau e Elionor permaneciam hieráticos diante do bispo. Elionor nem sequer se mexeu, muito direita, com o olhar em frente. Arnau virou-se para ela por um par de vezes, no início da cerimónia, mas Elionor continuou a olhar em frente. A partir de então, apenas se permitiu alguns olhares de soslaio.

CAPÍTULO 39

No próprio dia da boda, assim que terminou a cerimónia, os novos barões de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montbui partiram para o castelo de Montbui. Joan tinha transmitido a Arnau as perguntas do mordomo da baronesa. Onde pretendia Arnau que dormisse dona Elionor? Nos quartos superiores de uma vulgar casa de câmbios? E o seu serviço? E os seus escravos? Arnau mandou-o calar-se e acedeu a pôr-se em marcha nesse mesmo dia, na condição de que Joan os acompanhasse.

— Porquê? — perguntou este.

— Porque me dá a impressão de que precisarei dos teus ofícios.

Elionor e o seu mordomo partiram a cavalo, ela à amazona, com as duas pernas do mesmo lado da montada e com um palafreneiro a pé que segurava as rédeas da sua senhora. O escrivão e duas donzelas iam montados em mulas, e cerca de uma dúzia de escravos puxava outras tantas azémolas carregadas com os pertences da baronesa.

Arnau alugou um carro.

Quando a baronesa viu aparecer o carro, desengonçado, puxado por duas mulas e carregado com os haveres de Arnau, Joan e Mar — Guillem e Donaha ficavam em Barcelona ——, o fogo que saiu pelas suas pupilas poderia ter acendido uma fogueira. Essa foi a primeira vez que olhou para Arnau e para a sua nova família; tinham casado, tinham comparecido perante o bispo, na presença do rei e da mulher deste, e nem sequer tinha olhado para um ou para os outros.

Escoltados pela guarda que o rei pusera à sua disposição abandonaram Barcelona. Arnau e Mar montados no carro. Joan, caminhando ao seu lado. A baronesa estugou o passo para chegar quanto antes ao castelo. Avistaram-no antes do pôr de Sol.

Erguido no alto de uma elevação, o castelo era uma pequena fortaleza onde até então tinha residido um carlánx. Camponeses e servos tinham-se juntado ao séquito dos seus novos senhores, de forma que, quando estavam a escassos metros do castelo, mais de uma centena de pessoas caminhava com eles, perguntando-se

quem seria a personagem tão ricamente vestida, mas montada naquele carro desconjuntado.

— E agora, porque paramos? — perguntou Mar quando a baronesa deu ordem de parar.

Arnau fez um gesto de ignorância.

— Porque nos têm de entregar o castelo — respondeu Joan.

— E não deveríamos entrar para no-lo entregarem? — inquiriu Arnau.

— Não. Os Costumes Gerais da Catalunha estabelecem outro procedimento: o carlán deve abandonar o castelo, com a sua família e servos, antes de no-lo entregar.

As pesadas portas da fortaleza abriram-se lentamente e o carlán saiu por elas seguido pela sua família e servos. Quando chegou perto da baronesa, entregou-lhe algo.

— Devias ser tu a recolher aquelas chaves — disse Joan a Arnau.

— E para que quero eu um castelo?

Quando a nova comitiva passou junto do carro, o carlán dirigiu um sorriso trocista para Arnau e para os seus acompanhantes. Mar corou. Até os servos os olharam directamente nos olhos.

— Não devias tolerar isto — voltou a intervir Joan. — Agora, és tu o senhor. Devem-te respeito, fidelidade...

— Olha, Joan — interrompeu-o Arnau —, deixemos uma coisa clara: não quero nenhum castelo, não sou nem pretendo ser senhor de ninguém, e além disso só penso permanecer neste lugar o tempo estritamente necessário para pôr em ordem o que houver para pôr em ordem. Assim que tudo esteja em condições, regressarei a Barcelona, e se a senhora baronesa desejar viver no seu castelo, aqui o tem, todo para ela.

Essa foi a primeira vez em todo o dia em que Mar esboçou um sorriso.

— Não podes ir-te embora — negou Joan.

O sorriso de Mar desapareceu e Arnau virou-se para o frade.

— Mas não posso porquê? Posso fazer o que quiser. Não sou o barão? Por acaso não se vão embora os barões com o rei durante meses e meses?

— Mas esses vão para a guerra.

— Com o meu dinheiro, Joan, com o meu dinheiro. Parece-me que é mais importante que seja eu quem vai do que qualquer um desses barões que nada mais fazem senão pedir empréstimos baratos. Bem — acrescentou, voltando-se para o castelo — e agora, que esperamos? Já está vazio e eu estou cansado.

— Ainda falta... — começou a dizer Joan.

— Tu e as tuas leis — interrompeu-o. — Porque é que vocês dominicanos têm de aprender leis? Que falta ainda...

— Arnau e Elionor, barões de Granollers, Sant Vicenr e Caldes de Montbui! — Os gritos ecoaram ao longo do vale que se estendia pelo sopé do monte. Todos os presentes ergueram os olhos para o mais alto dos torreões da fortaleza de onde o mordomo de Elionor, com as mãos em concha em frente à boca, gritava: — Arnau e Elionor, barões de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montbui! Arnau e Elionor...

— Faltava o anúncio da tomada do castelo — concluiu Joan.

A comitiva pôs-se de novo em marcha.

— Pelo menos dizem o meu nome.

O mordomo continuava a gritar.

— Se não fosse assim, não seria legal — esclareceu o frade.

Arnau ia para dizer alguma coisa, mas em vez disso abanou a cabeça.

O interior da fortaleza, como era costume, crescera desordenadamente entre as muralhas e em redor da torre de menagem, a que tinha sido adicionado um corpo de edifício composto por um enorme salão, cozinha e despensa, para além dos quartos no andar de cima. Afastadas do conjunto erguiam-se diversas construções destinadas a albergar os servos e os escassos soldados que compunham a guarnição do castelo.

Foi o oficial da guarda, um homem baixo, pesado, desajeitado e sujo, quem teve de fazer as honras a Elionor e seu séquito. Entraram todos para o grande salão.

— Mostra-me os aposentos do carián — gritou-lhe Elionor.

O oficial indicou-lhe uma escada de pedra, adornada com uma simples balaustrada também de pedra, e a baronesa seguida pelo soldado, pelo mordomo, pelo escrivão e pelas donzelas, começou a subir. Em momento algum se dirigiu a Arnau.

Os três Estanyol ficaram no salão, enquanto os escravos depositavam nele os pertences de Elionor.

— Talvez devesses... — começou a dizer-lhe Joan.

— Não te metas, Joan — disparou-lhe Arnau. Durante um momento, dedicaram-se a inspeccionar o salão: os tectos altos, a imensa chaminé, os cadeirões, os candelabros e a mesa para doze pessoas. Pouco depois, o mordomo de Elionor apareceu na escada. No entanto, não chegou a pisar o salão; ficou três degraus acima.

— Diz a senhora baronesa — recitou daí, sem se dirigir a ninguém em concreto — que esta noite está muito cansada e não quer ser incomodada.

O mordomo começava a dar meia-volta quando Arnau o deteve:

— Eh, tu! — gritou. O mordomo voltou-se. — Diz a tua senhora que não se preocupe, que ninguém a incomodará... Nunca — sussurrou. Mar abriu os olhos e levou as mãos à boca. O mordomo tornou a dar meia-volta, mas Arnau deteve-o de novo. — Eh! — tornou a gritar — Quais São os nossos quartos? — O homem encolheu os ombros. — Onde está o oficial?

— Atendendo a senhora.

— Pois sobe, vai ter com a tua senhora e manda descer o oficial. E apressa-te, porque caso contrário corto-te os testículos e da próxima vez que voltes a anunciar a tomada dum castelo, hás-de fazê-lo trinando.

O mordomo, agarrado à balaustrada, hesitou. Era aquele o mesmo Arnau que aguentara todo o dia encarrapitado num carro? Arnau semicerrou os olhos, aproximou-se da escada e desembainhou a sua faca de bastaix, que quisera levar para a boda. O mordomo não chegou a ver o gume rombo; ao terceiro passo de Arnau, correu escada acima.

Arnau virou-se e viu Mar a rir-se, e o rosto displicente de frei Joan. Mas não eram eles os únicos a sorrir: alguns escravos de Elionor tinham presenciado a cena e também trocavam sorrisos.

— E vós! — gritou-lhes Arnau —, descarregai o carro e levai as coisas para os nossos quartos.

Estavam há mais de um mês instalados no castelo. Arnau tinha tentado pôr ordem nas suas novas propriedades: no entanto, de cada vez que se embrenhava nos livros de contas da sua baronia,

acabava por encerrá-los com um suspiro. Folhas rasgadas, números rasurados e emendados, dados contraditórios, quando não mesmo falsos. Eram ininteligíveis, totalmente indecifráveis.

Ao fim de uma semana de permanência em Montbui. Arnau começara a acarinhar a ideia de regressar a Barcelona e de deixar aquelas propriedades nas mãos de um administrador, mas enquanto tomava a decisão optou por conhecer as propriedades um pouco melhor; no entanto, em vez de visitar os nobres que lhe deviam vassalagem e que nas suas visitas ao castelo o desdenhavam por completo e se rendiam aos pés de Elionor, fê-lo aos comuns, aos camponeses, aos servos dos seus servos.

Acompanhado por Mar, saiu para os campos com curiosidade. Que haveria de verdade no que ouvia dizer em Barcelona? Eles, os comerciantes da grande cidade, baseavam frequentemente as suas decisões nas notícias que lhes chegavam. Arnau sabia que a epidemia de 1348 despovoara os campos, segundo se dizia, e que mesmo no ano anterior, em 1358, uma praga de gafanhotos piorara a situação, arruinando as colheitas. A falta de recursos próprios começara a fazer-se notar no comércio e os mercadores tinham modificado as suas estratégias.

— Meu Deus! — murmurou nas costas do primeiro camponês, quando este entrou a correr na sua casa rural para apresentar o novo barão à sua família.

Como ele, Mar não conseguia desviar os olhos da casa em ruínas e dos seus arredores, tão sujos e desleixados como o homem que os tinha recebido e que agora voltava a sair acompanhado por uma mulher e por duas crianças pequenas.

Os quatro puseram-se em fila diante deles e, desajeitadamente, tentaram fazer-lhes uma vénia. Havia medo nos seus olhos. As roupas estavam rasgadas e as crianças... As crianças nem se conseguiam manter em pé. As pernas eram magras como espigas.

— É esta a tua família? — perguntou Arnau.

O camponês começava a anuir quando de dentro da casa veio um choro fraco. Arnau semicerrou os olhos e o homem abanou a cabeça, lentamente; o medo que antes havia nos seus olhos deu lugar à tristeza.

— A minha mulher não tem leite, senhor.

Arnau olhou para a mulher. Como havia de ter leite aquele corpo? Para isso precisava de ter peito!

— E ninguém por aqui poderia...

O camponês adiantou-se ao fim da pergunta:

— Estão todos na mesma, senhor. As crianças morrem.

Arnau percebeu como Mar levava uma mão à boca.

— Mostra-me a tua quinta: o galinheiro, os estábulos, a tua casa, os teus campos.

— Não podemos pagar mais, senhor!

A mulher caíra de joelhos e começava a arrastar-se para Mar e Arnau.

Arnau aproximou-se dela e agarrou-a pelos braços. A mulher encolheu-se ao contacto com Arnau.

— Que...

As crianças começaram a chorar.

— Não a castigueis, senhor, peço-vos — interveio o marido aproximando-se dele. — É verdade, não podemos pagar mais. Castigai-me a mim.

Arnau soltou a mulher e recuou uns passos, até onde estava Mar, que observava a cena com os olhos muito abertos.

— Não lhe ia bater — disse, dirigindo-se ao homem. — Nem a ti, nem a ninguém da tua família. Não vos vou pedir mais dinheiro. Só quero ver a tua quinta. Diz à tua mulher que se levante.

Primeiro tinha sido o medo, depois a tristeza, e agora a estranheza; os dois cravaram em Arnau os olhos encovados, com uma expressão de surpresa. Por acaso brincamos aos deuses?, pensou Arnau. Que tinham feito àquela família para responderem daquela maneira? Estavam a deixar morrer um dos seus filhos e ainda pensavam que alguém se lhes dirigia para lhes pedir mais dinheiro.

O celeiro estava vazio. O estábulo também. Os campos não estavam trabalhados, os utensílios de lavoura estavam estragados, e a casa... Se a criança não morresse de fome, morreria de uma doença qualquer. Arnau nem se atreveu a tocar-lhe. Parecia... parecia que se partiria se lhe tocasse.

Pegou na bolsa que trazia à cinta e tirou algumas moedas. Foi oferecê-las ao homem, mas rectificou e tirou ainda mais algumas

moedas.

— Quero que esta criança viva — disselhe, deixando o dinheiro sobre o que em tempos devia ter sido uma mesa.

— Quero que tu, a tua mulher e os teus outros filhos comam. Este dinheiro é para vós, entendido? Ninguém tem direito a ele, e se tiverdes algum problema, vinde ter comigo ao castelo.

Nenhum deles se mexeu; tinham os olhos postos nas moedas. Nem sequer foram capazes de desviar os olhos para se despedirem de Arnau quando este saiu da casa.

Arnau regressou ao castelo sem dizer uma palavra, cabisbaixo, pensativo. Mar partilhou com ele esse silêncio.

— Estão todos na mesma, Joan — disse Arnau uma noite, enquanto ambos passeavam ao fresco pelos arredores do castelo. — Há alguns que tiveram a sorte de ocupar quintas desabitadas, de camponeses mortos ou que simplesmente fugiram. Como não haviam de o fazer? Essas terras, dedicam-nas agora a bosque e pastos, o que lhes dá alguma garantia de sobrevivência quando as terras não produzem. Mas a maioria... A maioria deles está numa situação desastrosa.Os campos não produzem, e morrem de fome.

— E isso não é tudo — acrescentou Joan. — Dei-me conta de que os nobres, os teus feudatários, estão a obrigar, os camponeses que restam a assinar capbreus...

— Capbreus?

— São documentos segundo os quais os camponeses reconhecem a vigência de todos os direitos feudais que tinham caído em desuso nos tempos de bonança. Como restam poucos homens, espremem-nos para conseguirem os mesmos benefícios de quando havia muitos e as coisas corriam bem.

Arnau andava há muitas noites a dormir mal. Acordava sobressaltado, vendo rostos magros. No entanto, desta vez, não conseguia sequer conciliar o sono. Percorrera as suas terras e fora generoso. Como podia admitir uma tal situação? Todas aquelas famílias dependiam dele; primeiro, dos seus senhores, mas estes, por sua vez, eram feudatários de Arnau. Se ele, como senhor destes, lhes exigia o pagamento das suas rendas e mercês, os nobres carregavam sobre aqueles desgraçados as novas obrigações que o regedor gerira com absoluta negligência.

Eram escravos. Escravos da terra. Escravos das suas terras. Arnau encolheu-se na cama. Os seus escravos! Um exército de homens, mulheres e crianças famintos a quem ninguém dava importância nenhuma... a não ser para os sangrar até à morte. Arnau lembrou-se dos nobres que tinham vindo visitar Elionor, sãos, fortes, luxuosamente vestidos, alegres. Como podiam viver de costas para a realidade dos seus servos? Que podia ele fazer?

Era generoso. Distribuía dinheiro onde precisavam dele, uma miséria para ele, mas que despertava alegria entre as crianças e fazia sorrir Mar, sempre ao seu lado. Mas aquilo não podia eternizar-se. Se continuasse a distribuir dinheiro, —seriam os nobres a aproveitar-se disso. Continuariam a não lhe pagar a ele e explorariam ainda mais os desgraçados. Que podia fazer?

E enquanto Arnau se levantava cada manhã mais pessimista, o estado de ânimo de Elionor era muito diferente.

— Convocou nobres, camponeses e aldeãos para a Virgem de Agosto — explicou Joan ao irmão, porque na sua qualidade de dominicano era o único que mantinha algum contacto com a baronesa.

— Para quê?

— Para que lhe prestem... que vos prestem... homenagem — rectificou. Arnau incitou-o a continuar. — Segundo a lei... — Joan abriu os braços; foste tu que me pediste, tentou dizer-lhe com o gesto. — Segundo a lei, qualquer nobre, em qualquer momento, pode exigir aos seus vassalos que renovem o juramento de fidelidade e reiterem a homenagem ao seu senhor. É lógico que, não o tendo ainda recebido, Elionor deseje que lho façam.

— Queres dizer que virão?

— Os nobres e cavaleiros não têm obrigação de comparecer a um chamamento público, desde que renovem a sua vassalagem em privado, apresentando-se perante o seu novo senhor no prazo de um ano, um mês e um dia, mas Elionor esteve a falar com eles e parece que virão. No fim de contas, é a pupila do rei. Ninguém quer fazer frente à pupila do rei.

— E ao marido da pupila do rei?

Joan não lhe respondeu. No entanto, algo nos seus olhos... Conhecia aquele olhar.

— Tens mais alguma coisa a dizer-me, Joan?

O frade negou com a cabeça.

Elionor mandou construir um estrado num sítio plano situado perto do castelo. Sonhava com o dia da Virgem de Agosto. Quantas vezes vira nobres e povos inteiros prestando vassalagem ao seu tutor, o rei. Agora, prestá-ia-iam a ela como a uma rainha, como a uma soberana nas suas terras. Que importância tinha que Arnau estivesse ao seu lado? Todos sabiam que era a ela, a pupila do rei, que se submetiam. Tal era a sua ansiedade que, próximo já o dia marcado, se permitiu mesmo sorrir para Arnau, de muito longe e fracamente, mas sorrindo.

Arnau hesitou e os seus lábios devolveram uma careta. Porque lhe sorri?, pensou Elionor. Cerrou os punhos. “Imbecil!”, insultou-se a si própria. Como foste humilhar-te perante um vulgar cambista, um servo fugitivo? Estava havia mais de um mês e meio em Montbui e Arnau não se aproximara dela. Mas não era um homem? Quando ninguém a estava a ver, observava o corpo de Arnau, forte, poderoso, e à noite, sozinha na sua alcova, permitia-se sonhar que aquele homem a montava selvaticamente. Há quanto tempo já não vivia tais sensações? E ele humilhava-a com o seu desdém. “Como se atrevia?” Elionor mordeu com força o lábio inferior. “Já vai ver”, disse para consigo.

No dia das festividades da Virgem de Agosto, Elionor levantou-se de madrugada. Da janela do seu solitário quarto observou a planície dominada pelo estrado que mandara construir. Os camponeses começavam a reunir-se no eirado, muitos deles nem sequer tinham dormido, para chegarem a tempo ao chamamento dos seus senhores. Todavia, ainda não tinha chegado nenhum nobre.

CAPÍTULO 40

O sol anunciou um dia esplêndido e quente. O céu, límpido e sem nuvens, era semelhante àquele que, quase quarenta anos antes, acolhera a celebração do casamento de um servo da terra chamado Bernat Estanyol, e parecia uma cúpula azul-celeste sobre os milhares de vassalos reunidos no eirado. Aproximava-se a hora, e Elionor, nos seus melhores trajes de gala, passeava nervosa pelo imenso salão do castelo de Montbui. Só faltavam os nobres e os cavaleiros! Joan, vestindo o seu hábito negro, descansava numa cadeira, e Arnau e Mar, como se nada daquilo fosse com eles, trocavam divertidos olhares de cumplicidade perante cada suspiro de desespero que saía da garganta de Elionor.

Por fim, os nobres chegaram. Sem olhar às formalidades, impaciente como a sua senhora, um servo de Elionor irrompeu pela sala a anunciar a chegada deles. A baronesa assomou à janela e, quando se voltou para os presentes, o seu rosto irradiava felicidade. Os nobres e cavaleiros das suas terras chegavam à planície com todo o alvoroço de que eram capazes. As suas luxuosas vestes, as espadas e as jóias misturavam-se com o povo, dando uma nota de cor e de brilho às restes cinzentas, tristes e gastas dos camponeses. Os cavalos, pela mão dos palafreneiros, começaram a reunir-se atrás do estrado, e os seus relinchos romperam o silêncio com que os humildes tinham acolhido a chegada dos seus senhores, os servos dos nobres instalaram luxuosas cadeiras, forradas a seda de cores vivas, ao pé do palanque, onde os nobres e os cavaleiros jurariam homenagem aos seus novos senhores. Instintivamente, as pessoas separaram-se da última fila de cadeiras, para deixarem um espaço visível entre elas e os privilegiados.

Elionor voltou a olhar pela janela e sorriu ao comprovar mais uma vez o alarde de luxo e nobreza com que os seus vassalos pensavam recebê-la. Quando, por fim, acompanhada pelo seu séquito familiar, se viu diante deles, sentada no estrado, olhando-os à distância, sentiu-se como uma verdadeira rainha.

O escrivão de Elionor, transformado em mestre-de-cerimónias, deu início ao acto, lendo o decreto de Pedro III segundo o qual se concedia como dote a Elionor, pupila real, a baronia das honras reais de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montbui, com todos os seus vassalos, terras, rendas... Enquanto o escrivão lia, Elionor deleitava-se com as palavras dele; sentia-se observada e invejada — mesmo odiada, porque não? — por todos aqueles vassalos que só o tinham sido, até ali, do próprio rei. Deveriam sempre fidelidade ao príncipe, mas a partir daquele momento, entre o rei e eles haveria um novo escalão: ela. Arnau, pelo contrário, não prestava atenção alguma às palavras do escrivão, e limitava-se a devolver os sorrisos que lhe eram dirigidos pelos camponeses que tinha visitado e ajudado.

Misturadas entre o povo e indiferentes ao que ali se passava, havia duas mulheres vistosamente vestidas, conforme obrigava a sua condição de mulheres públicas: uma, já idosa; a outra, madura, mas bonita, mostrando com altanaria os seus atributos.

— Nobres e cavaleiros — gritou o escrivão, chamando, desta vez a atenção de Arnau —, prestais hoje homenagem Arnau e Elionor, barões de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montbui?

— Não!

A negativa pareceu rasgar o céu. O despojado carlán do castelo de Montbui pusera-se de pé e contestava com voz atroadora o requerimento do escrivão. Um murmúrio surdo saiu da multidão colocada atrás dos nobres; Joan abanou a cabeça como se já tivesse previsto aquilo, e Mar hesitou, sentindo-se estranha perante toda aquela gente. Arnau ficou sem saber o que fazer e Elionor empalideceu até o seu rosto ficar branco como cera.

O escrivão voltou o olhar para o estrado, aguardando instruções da sua senhora, mas, ao não as receber, tomou a iniciativa:

— Negais-vos?

— Negamo-nos — bramou o carlán, seguro de si. — Nem mesmo o rei pode obrigar-nos a prestar homenagem a uma pessoa de condição inferior à nossa. É de lei! — Joan anuiu, com tristeza. Não tinha querido dizer isso a Arnau. Os nobres tinham enganado Elionor. — Arnau Estanyol — prosseguiu o carlán, dirigindo-se ao escrivão aos gritos — É cidadão de Barcelona, filho de um

camponês fugitivo. Não vamos prestar homenagem ao filho de um fugitivo da terra, por mais que o rei lhe tenha concedido as baronias que dizes!

A mais jovem das duas mulheres pôs-se em bicos de pés para ver o estrado. A vista dos nobres ali sentados tinha despertado a sua curiosidade, mas ao ouvir pela voz do carlán O nome de Arnau, cidadão de Barcelona e filho de um camponês, as suas pernas começaram a fraquejar.

Com o murmúrio do povo em fundo, o escrivão tornou a olhar para Elionor. Também Arnau o fez, mas a pupila real não fez nenhum gesto. Estava paralisada. Depois da primeira impressão, a sua surpresa transformara-se em ira. O branco do seu rosto transformara-se em vermelhidão: tremia de raiva e as suas mãos, apertando os braços da cadeira, pareciam querer atravessar a madeira.

— Porque me disseste que ele tinha morrido, Francesca? — perguntou Aledis, a mais jovem das duas prostitutas.

— Ele é meu filho, Aledis.

— Arnau é teu filho?

Ao mesmo tempo que assentia com a cabeça, Francesca fez sinal a Aledis para que baixasse a voz. Por nada do mundo desejava que alguém pudesse aperceber-se de que Arnau era filho de uma mulher pública. Por sorte, as pessoas que as rodeavam apenas estavam atentas à comoção entre os nobres.

A discussão parecia recrudescer por momentos. Perante a passividade dos restantes, Joan decidiu intervir.

— Podeis ter razão no que dizeis — afirmou, por detrás da ultrajada baronesa. — Podeis negar-vos à homenagem, mas isso não derroga a obrigação de prestar serviços aos vossos senhores e de reconhecer-lhes o direito. É a lei! Estais dispostos a isso?

Enquanto o carlán, consciente de que o dominicano tinha razão, olhava para os seus companheiros, Arnau fez um gesto a Joan para que se aproximasse.

— Que significa isso? — perguntou-lhe, em voz baixa.

— Significa que salvam a sua honra. Não prestam homenagem a...

— A uma pessoa de condição inferior — ajudou-o Arnau. — Bem sabes que isso não me importa.

— Não te prestam homenagem nem se submetem a ti como vassalos, mas a lei obriga-os a continuar a prestar-te serviços e a reconhecer-te o direito, a reconhecer as terras e as honras que por ti têm.

-— Algo de parecido com os capbreus que eles obrigam os camponeses a aceitar?

— Sim, algo parecido.

— Reconheceremos o direito — respondeu o carlán.

Arnau não prestou a menor atenção ao nobre. Nem sequer olhou para ele. Pensava; ali estava a solução para a miséria dos camponeses. Joan continuava inclinado para ele. Elionor já não contava para nada; os olhos dela olhavam para lá do espectáculo, para ilusões perdidas.

— Isso quer dizer — perguntou Arnau a Joan — que mesmo que não me reconheçam como seu barão, continuo a mandar e eles têm de me obedecer?

— Sim. Apenas salvam a sua honra.

— Está bem — disse Arnau, pondo-se de pé lentamente e chamando por gestos o escrivão. — Vês o espaço que há entre os senhores e o povo? — perguntou-lhe quando o teve a seu lado. — Quero que te coloques ali e vás repetindo tudo o que lhes vou dizer! — Enquanto o escrivão se encaminhava para o espaço aberto entre os nobres, Arnau dirigiu um sorriso cínico ao carlán, que esperava resposta para o seu compromisso de reconhecer o direito. — Eu, Arnau, barão de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montbui...

Arnau esperou que o escrivão repetisse as suas palavras:

— Eu, Arnau, barão de Granollers, Sant Vicenç e Caldes d” Montbui...

— Declaro proscritos das minhas terras todos aqueles costumes conhecidos como maus usos...

— Declaro proscritos...

— Não podes fazer isso! — gritou um dos nobres, interrompendo o escrivão.

Perante as palavras dos nobres, Arnau olhou para Joan procurando a confirmação das suas prerrogativas.

— Sim, posso fazê-lo — limitou-se a responder Arnau depois de Joan ter anuído.

— Iremos ao rei! — gritou outro.

Arnau encolheu os ombros. Joan aproximou-se dele.

— Já pensaste no que acontecerá a esta pobre gente se lhes dás esperança e depois o rei não te dá razão?

— Joan — respondeu Arnau com uma segurança em si próprio que até então não tinha tido —, é possível que eu não saiba nada da honra, da nobreza ou da cavalaria, mas conheço as entradas que há nos meus livros relativamente aos empréstimos a sua majestade; por certo — acrescentou sorrindo — consideravelmente aumentados pela campanha de Maiorca depois do meu casamento com a sua pupila. Disso, sim, sei bem. Asseguro-te que o rei não porá em causa a minha palavra.

Arnau olhou para o escrivão e instou-o a continuar:

— Declaro proscritos das minhas terras todos aqueles costumes conhecidos como maus usos... — gritou o escrivão.

— Declaro derrogado o direito de intestia, pelo qual o senhor tem direito a herdar parte dos bens dos seus vassalos — Arnau continuou a falar com clareza e lentamente, para que o escrivão pudesse repetir as suas palavras. O povo escutava em silêncio, incrédulo e esperançado ao mesmo tempo. — O direito de cugutia, segundo o qual os senhores se apropriam de metade ou da totalidade dos bens da mulher adúltera; o de exorquia, segundo o qual se lhes outorga uma parte dos bens dos camponeses casados que morram sem filhos — o de tus maletractandi, segundo o qual os senhores podem maltratar à sua discrição os camponeses e apropriar-se das suas coisas — o silêncio acompanhava as palavras de Arnau, a tal ponto que o próprio escrivão se calou, ao perceber que a multidão ali reunida conseguia ouvir sem problemas o discurso do seu senhor. Francesca agarrou-se ao braço de Aledis.
— O direito de arsia, pelo qual o camponês tem por obrigação indemnizar o senhor pelo incêndio das suas terras. O direito de espoli forçada, pelo qual o senhor pode deitar-se com a noiva na sua primeira noite...

O filho não pôde ver, mas entre aquela multidão que começava a agitar-se alegremente à medida que se dava conta da seriedade das

palavras dele, uma anciã, sua mãe, largou Aledis e levou as mãos ao rosto. Aledis compreendeu tudo no mesmo instante. As lágrimas vieram-lhe aos olhos e abraçou a sua patroa. Entretanto, nobres e cavaleiros, ao pé do palanque de onde Arnau libertava os seus vassalos, discutiam qual seria a melhor maneira de apresentar aquele problema ao rei

— Declaro proscritos quaisquer outros serviços a que até agora tenham estado obrigados os rústicos e que não sejam o pagamento do justo e legítimo cânone das suas terras. Declaro-os livres para cozerem o seu próprio pão, para ferrar os seus animais e reparar os seus instrumentos nas suas próprias forjas. As mulheres, as mães, declaro-as livres de se negarem a amamentar gratuitamente os filhos dos vossos senhores. — A anciã, perdida nas suas recordações, já não podia deixar de chorar. — Assim como se poderão negar a servir gratuitamente nas casas dos vossos senhores. Liberto-os da obrigação de darem prendas aos vossos senhores no Natal e de trabalhar nas terras deles gratuitamente.

Arnau guardou silêncio por alguns instantes, enquanto observava para lá dos preocupados nobres a multidão que esperava ouvir determinadas palavras. Faltava um! As pessoas sabiam disso e esperavam inquietas perante o repentino silêncio de Arnau. Faltava um!

— Declaro-vos livres! — gritou por fim.

O carlãn gritou e levantou um punho na direcção de Arnau. Os nobres que o acompanhavam gesticularam e gritaram por sua vez.

— Livres! — soluçou a idosa entre os vivas da multidão.

— No dia de hoje, em que os nobres que se recusaram a prestar homenagem à pupila do rei, os camponeses que trabalham as terras que compõem as baronias de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montbui serão iguais aos camponeses da Catalunha nova, iguais aos das baronias de Entença, da Conca dei Barberà, do campo de Tarragona, do condado de Prades, da Segarra ou da Garriga, do marquesado de Aytona, do território de Tortosa ou do campo de Urgelliguais aos camponeses de qualquer outra das dezanove comarcas desta Catalunha conquistada com o esforço e o sangue dos vossos pais. Sois livres! Sois camponeses, mas nunca mais,

nestas terras, voltareis a ser servos da terra, nem o serão os vossos filhos ou os vossos netos!

— Nem as vossas mães! — sussurrou Francesca para si. — Nem as vossas mães — repetiu antes de romper de novo em lágrimas e de se agarrar a Aledis, que tinha os sentimentos à flor da pele.

Arnau teve de abandonar o palanque para evitar que o povo se lançasse sobre ele. Joan ajudou Elionor, que estava incapaz de caminhar por si só. Atrás deles, Mar tentava controlar a emoção que parecia a ponto de estalar no seu peito. O eirado começou a esvaziar-se quando Arnau e o seu séquito o abandonaram, em direcção ao castelo. Os nobres, depois de chegarem a acordo sobre como apresentariam o assunto ao rei, fizeram o mesmo a galope, sem respeitarem as gentes que se apinhavam nos caminhos e que tinham de saltar para os campos para não serem atropeladas por cavaleiros irados. Os camponeses iniciaram a sua longa marcha de regresso aos seus lares com um sorriso nos rostos. Só duas mulheres permaneciam quietas no terreiro.

— Porque me enganaste? — perguntou Aledis. Desta vez, a idosa virou-se para ela.

— Porque não o merecias... e ele não devia viver junto de ti. Tu não foste chamada a ser mulher dele — Francesca não hesitou. Disse-o friamente, tão friamente quanto lhe permitia a sua voz rouca.

— Pensas mesmo que não o merecia? — perguntou Aledis.

Francesca enxugou as lágrimas e recuperou de novo a energia e a firmeza que lhe tinham permitido continuar o seu negócio durante anos.

— Por acaso não viste no que ele se tornou? Por acaso ouviste o que ele fez? Julgas que a vida dele teria sido a mesma junto a ti?

— E aquilo do meu marido e do duelo...

— Mentiras.

— Que me procuravam...

— Também — Aledis franziu o sobrolho e observou Francesca.

— Tu também me mentiste, lembras-te? — atirou-lhe à cara a idosa.

— Eu tinha os meus motivos.

— E eu os meus.

— Sim, agarrar-me para o teu negócio... Agora percebo.

— Não foi esse o único, mas reconheço que sim. Tens alguma queixa? Quantas raparigas ingénuas enganaste tu desde então?

— Nada disso teria sido necessário se tu...

— Lembro-te que a escolha foi tua — Aledis hesitou. — Outras, não pudemos escolher.

— Foi muito duro, Francesca. Chegar até Figueras, arrastar-me, submeter-me... E para quê?

— Vives bem, melhor que muitos dos nobres que hoje aqui estavam. Não te falta nada.

— Falta-me a minha honra.

Francesca ergueu-se tanto quanto o seu corpo martirizado lho permitiu. Então, enfrentou Aledis.

— Olha, Aledis, eu nada entendo de honras nem de honrarias. Tu vendeste-me a tua. A mim, roubaram-me a minha quando era apenas uma moça. Ninguém me permitiu escolher. Chorei aqui hoje aquilo que nunca em toda a minha vida me tinha permitido chorar, e já basta. Somos o que somos e de nada nos serviria, nem a ti nem a mim, pensar como poderíamos ter sido. Deixa que sejam os outros a lutar pela sua honra. Viste-os hoje. Quem, de entre os que estavam perto de nós, pode falar de honra?

— Talvez agora, sem os maus usos...

— Não te enganes; continuarão a ser uns desgraçados sem sítio onde caírem mortos. Lutámos muito para chegarmos onde estamos; não penses na honra: não foi feita para o povo.

Aledis olhou à sua volta e observou o povo. Tinham-nos libertado dos maus usos, sim, mas continuavam a ser os mesmos homens e as mesmas mulheres sem esperança, as mesmas crianças famélicas e seminuas. Anuiu com a cabeça e abraçou Francesca.

CAPÍTULO 41

— Não estás a pensar deixar-me aqui?!

Elionor desceu a escada cheia de fúria. Arnau estava no salão, sentado à mesa, assinando os documentos com que derrogava os maus usos das suas terras. “Assim que os assine, vou-me embora”,

dissera a Joan. O frade e Mar, por detrás de Arnau, observavam a cena.

Arnau acabou de assinar e depois enfrentou Elionor. Devia ser a primeira vez que falavam desde que tinham casado. Arnau não se levantou.

— Que interesse tens em que eu fique aqui?

— Como queres que fique num lugar onde me humilharam da maneira que fizeram?

— Então, digo de outra forma: que interesse podes ter em seguir-me?

— És o meu marido! — saiu-lhe com voz estridente. Dera mil e uma voltas, mas não podia ficar, nem tão-pouco podia regressar à corte do rei. Arnau fez uma careta de desagrado. — Se te fores embora, se me deixares aqui — acrescentou Elionor — faço queixa ao rei.

As palavras dela ecoaram nos ouvidos de Arnau: “Iremos ao rei!”, tinham ameaçado os nobres. Julgava poder solucionar o ataque dos nobres, mas... Olhou para os documentos que acabara de assinar. Se Elionor, a sua própria mulher, a pupila real, se juntasse às queixas dos nobres...

— Assina — incitou-a, estendendo-lhe os documentos.

— porque havia de o fazer? Se derrogas os maus usos, ficamos sem rendas.

— Assina e viverás num palácio na Rua de Monteada de Barcelona. Não precisarás destas rendas. Terás todo o dinheiro de que precises.

Elionor aproximou-se da mesa, pegou na pena e inclinou-se sobre os documentos.

— Que garantias tenho de que cumprirás a tua palavra? — perguntou de repente, virando-se para Arnau.

— A de que quanto maior for a casa, menos te verei. Essa é a garantia. A de que quanto melhor viveres, menos me incomodarás. Serve-te esta garantia? Não tenho intenção de te dar outras.

Elionor olhou para os que estavam atrás de Arnau. A rapariga estava a sorrir?

— E eles viverão connosco? — perguntou, apontando para eles com a pena.

— Sim.

— Ela também?

Mar e Elionor trocaram um olhar gélido.

— Será que não falei com suficiente clareza, Elionor? Assinas?

Assinou.

Arnau não esperou que Elionor fizesse os seus preparativos e, nesse mesmo dia, ao entardecer, para evitar o calor de Agosto, partiu para Barcelona, num carro alugado, tal como chegara ali.

Nenhum deles olhou para trás quando o carro cruzou as portas do castelo.

— Porque temos de ir viver com ela? — perguntou Mar a Arnau durante a viagem de regresso no carro.

— Não posso ofender o rei, Mar. Nunca se sabe qual poderá ser a resposta de um monarca.

Mar ficou calada durante alguns instantes, pensativa.

— Por isso lhe ofereceste tudo o que ofereceste?

— Não... Bem, também, mas a principal razão foram os camponeses. Não quero que ela se queixe ao rei. Supostamente, o rei concedeu-nos rendas para vivermos, embora na realidade não existam, ou sejam mínimas. Se ela fosse ter com o rei a dizer que, devido aos meus actos, tinha delapidado essas rendas, talvez o rei derrogasse as minhas ordens.

— O rei? Porque havia o rei de...

— Deves saber que há muitos anos o rei decretou uma pragmática contra os servos da terra, inclusivamente contra os privilégios que ele próprio e os seus antecessores tinham concedido às cidades. A Igreja e os nobres exigiram-lhe que tomasse medidas contra os camponeses que fugiam das suas terras e que as deixavam baldias... e ele assim fez.

— Não pensei que fosse capaz disso.

— É nobre como os outros, Mar; o primeiro deles. Passaram a noite numa casa rural nos arredores de Monteada. Arnau pagou generosamente aos camponeses. Levantaram-se ao amanhecer e, antes que o calor começasse a apertar, entraram em Barcelona.

— A situação é dramática, Guillem — disse Arnau. Puseram fim às saudações e explicações e ficaram por fim sós. — O principado está muito pior do que imaginávamos — Aqui, só nos chegam as

notícias, mas é preciso ver o estado dos campos e das terras. Não vamos aguentar.

— Há muito tempo que venho a tomar medidas — surpreendeu-o Guillem. Arnau incitou-o a continuar. — A crise é grave e já se estava a delinear; já tínhamos falado disso por mais de uma vez. A nossa moeda desvaloriza-se constantemente nos mercados estrangeiros, mas o rei não toma nenhuma medida aqui, na Catalunha, e por isso sustentamos paridades insustentáveis. O município está a endividar-se cada vez mais para financiar a estrutura que se criou em Barcelona. As pessoas já não obtêm benefícios com o comércio e procuram lugares mais seguros para o seu dinheiro.

— E o nosso?

— Lá fora. Em Pisa, em Florença, e até mesmo em Génova. Aí, ainda se pode negociar com câmbios lógicos — ficaram ambos em silêncio por uns instantes. — Castelló foi declarado abatut — acrescentou Guillem, interrompendo o silêncio. — Começou o desastre.

Arnau lembrou-se do cambista, gordo, sempre a transpirar e simpático.

— Não foi prudente. As pessoas começaram a reclamar a devolução dos seus depósitos e ele não pôde honrar o compromisso.

— Poderá pagar?

— Não acredito.

A 29 de Agosto, o rei desembarcou vitorioso da sua campanha em Maiorca contra Pedro, o Cruel, que fugira de ibiza, depois de a tomar e saquear, assim que a frota catalã chegara às ilhas.

Ao fim de um mês, quando Elionor chegou, os Estanyol, incluindo Guillem, apesar da sua inicial oposição, mudaram-se para o palácio da Rua de Monteada.

Ao fim de dois meses, o rei concedeu audiência ao carlán de Montbui. No dia anterior, enviados de Pedro III tinham solicitado um novo empréstimo à mesa de Arnau. Quand viram o empréstimo concedido, o rei mandou o carlán embora e manteve as ordens de Arnau.

Ao fim de outros dois meses, decorridos os seis que a lei concedia ao abatut para que pagasse as suas dívidas, o cambista Castelló foi decapitado em frente à sua mesa de câmbios, na Praça dos Canvis. Todos os cambistas de cidade foram obrigados a presenciar, na primeira fila, a execução. Arnau viu como a cabeça de Castelló se separava do corpo após o golpe certeiro do verdugo. Teria gostado de poder fechar os olhos, como muitos tinham feito, mas não conseguiu.Tinha de ver aquilo. Era um apelo à prudência que nunca deveria esquecer, disse para si, enquanto o sangue se derramava sobre o cadafalso.

CAPÍTULO 42

Via-a sorrir. Arnau continuava a ver sorrir a sua Virgem, e a vida sorria-lhe, tal como ela. Fizera quarenta anos e, apesar da crise, os negócios corriam-lhe bem e proporcionavam-lhe grandes lucros, dos quais destinava uma parte aos indigentes ou a Santa Maria. Com o tempo, Guillem deu-lhe razão: as pessoas do povo pagavam e devolviam os seus empréstimos, tostão a tostão. A sua igreja, o templo do mar, continuava a crescer através da terceira abóbada central e dos campanários octogonais que flanqueavam a entrada principal. Santa Maria estava cheia de artesãos: marmoristas e escultores, pintores, vidraceiros, carpinteiros e ferreiros. Havia até um organista, cujo trabalho Arnau seguia com atenção. — Como soaria a música no interior daquele templo majestoso? — interrogava-se frequentemente. Depois da morte do arcediago Bernat Llul e a morte de dois clérigos, quem agora ocupava o cargo era Pere Salvete de Montirac, com quem Arnau mantinha uma relação próxima. Também o grande mestre Berenguer de Montagut tinha morrido, bem como o seu sucessor, Ramon Despuig. O encarregado da direcção das obras do templo era agora Guillem Metge.

Mas Arnau não tratava apenas com os prebostes de Sana Maria. A sua situação económica e a sua nova condição levavam-no a confraternizar com os conselheiros da cidade, com próceres e com membros do Conselho dos Cem. A sua opinião era ouvida na

câmara de comércio e os seus conselhos seguidos por comerciantes e mercadores.

— Deves aceitar o cargo — aconselhou-lhe Guillem. Arnau pensou por alguns instantes. Tinham acabado de lhe oferecer o posto de cônsul de la Mar de Barcelona, representante máximo do comércio da cidade, juiz nas disputas mercantis, com jurisdição própria, independente de qualquer outra instituição de Barcelona, árbitro de qualquer problema que surgisse no porto ou que os seus trabalhadores tivessem, e vigilante do cumprimento das leis e costumes do comércio.

— Não sei se poderei...

— Ninguém o faria melhor que tu, Arnau, ouve o que te digo — interrompeu-o Guillem. — Podes, claro que podes.

Aceitou ser um dos novos cônsules quando terminasse o mandato de algum dos anteriores.

Santa Maria, os seus negócios, as suas futuras novas obrigações como cônsul de la Mar... Tudo isso criou em redor de Arnau uma muralha atrás da qual se sentia cómodo, e quando regressava ao seu novo lar, ao palácio da Rua de Monteada, não se dava conta do que se passava por detrás dos seus grandes portões.

Arnau cumprira as promessas feitas a Elionor, mas também cumpriu com as garantias sob as quais as propusera, e a relação entre ambos era fria e distante; reduzia-se ao imprescindível para a convivência. Entretanto, Mar cumprira vinte esplendorosos anos e continuava a recusar-se a casar. Para que havia de o fazer, se tenho Arnau para mim? Que faria ele sem mim? Quem o descalçaria? Quem o esperaria quando voltasse do trabalho? Quem conversaria com ele e escutaria os seus problemas?

Elionor?

Joan, cada vez mais embrenhado nos seus estudos? Os escravos? Ou Guillem, com quem já passa a maior parte do dia?, pensava a rapariga.

Todos os dias, Mar esperava com impaciência o regresso a casa de Arnau. A sua respiração acelerava quando o ouvia bater com força aos portões, e o sorriso regressava-lhe aos lábios enquanto ia, correndo, esperá-lo no alto das escadas que levavam aos andares

nobres. Porque durante o dia, enquanto Arnau não estava lá, a vida dela era um suplício monótono e constante.

— Nada de perdiz! — ouviu-se na cozinha. — Hoje jantaremos vitela.

Mar virou-se para a baronesa, de pé à entrada da cozinha. Arnau gostava de perdiz. Ela tinha ido com Donaha comprá-las. Escolhera-as ela própria, pendurara-as de uma trave na cozinha e verificara dia após dia o seu estado. Por fim, decidira que estavam no ponto e, de manhã, muito cedo, descera à cozinha para as preparar.

— Mas... — tentou opor-se Mar.

— Vitela — interrompeu-a Elionor, trespassando-a com o olhar.

Mar voltou-se para Donaha, mas a escrava respondeu-lhe encolhendo imperceptivelmente os ombros.

— O que se come nesta casa, quem decide sou eu — continuou a baronesa, dirigindo-se desta vez a todos os escravos presentes na cozinha. — Nesta casa mando eu!

Depois deste último grito, deu meia-volta e desapareceu.

Nesse dia, Elionor esperou para ver qual era o resultado a sua teima. Iria a rapariga fazer queixas a Arnau, ou manteria aquela disputa em segredo? Mar também pensou no assunto: deveria contar aquilo a Arnau? Que poderia ganhar com isso? Se Arnau se pusesse do seu lado, discutiria com Elionor, e na verdade ela era a dona da casa. E se não se pusesse do seu lado? Sentiu o estômago a encolher-se. E se não o fizesse? Arnau dissera uma vez que não podia ofender o rei. E se Elionor se queixasse ao rei por causa dela? Que diria então Arnau?

Elionor deixou escapar um sorriso de desprezo na direcção de Mar ao final do dia, quando viu que Arnau continuava a tratá-la como sempre, sem lhe dirigir a palavra. Com o tempo, esse sorriso foi-se transformando num assédio constante à rapariga. Elionor proibiu que Mar acompanhasse os escravos nas compras e que entrasse nas cozinhas. Colocou escravos às portas dos salões quando ela lá estava dentro. “A senhora baronesa não deseja ser incomodada”, diziam a Mar quando ela tentava entrar. Dia após dia, Elionor foi encontrando mais maneiras de molestar a rapariga.

O rei. Não podiam ofender o rei. Mar tinha aquelas palavras gravadas na mente e repetia-as vezes sem conta. Elionor

continuava a ser pupila do rei e podia chegar ao monarca a qualquer momento. Não ia ser ela a causa de que Elionor se ofendesse!

Como estava enganada! Pouco se satisfazia Elionor com as quezílias domésticas. As suas pequenas vitórias desvaneciam-se quando Arnau regressava a casa e Mar lhe saltava para os braços. Riam-se, conversavam... e tocavam-se. Arnau contava-lhe as coisas do dia, as disputas na câmara de comércio, os câmbios, os navios... sentado num cadeirão, com Mar aos seus pés, fascinada pelas histórias dele. Por acaso não devia ser aquele o legítimo lugar da sua esposa? Arnau acompanhado por Mar, ficava a uma das janelas, à noite, depois do jantar, com ela pelo braço, enquanto olhavam a noite estrelada. Por detrás deles, Elionor cerrava os punhos até cravar as unhas nas palmas das mãos; então, a dor fazia-a reagir e levantava-se bruscamente para se retirar para os seus aposentos.

E na sua solidão, pensava na situação em que se encontrava. Arnau não lhe tocara desde que tinham casado. Ela acariciava-se o corpo, o peito... ainda continuava firme! As nádegas, as coxas... e quando o prazer começava a chegar, chocava sempre com a realidade: aquela rapariga... Aquela rapariga tinha conseguido ocupar o seu lugar!

— Que acontecerá quando o meu marido falecer? Perguntou directamente, sem preâmbulos, depois de se sentar diante da mesa repleta de livros. Depois, tossiu; todo aquele escritório cheio de livros e pergaminhos, aquele pó...

Reginald d'Área examinou com tranquilidade a sua visitante. Era o melhor advogado da cidade, segundo tinham dito a Elionor, e um especialista em interpretação dos Usatges da Catalunha.

— Dou por entendido que não tendes filhos do vosso marido, não é verdade? — Elionor franziu o sobrolho. — Tenho de saber isso — insistiu com parcimónia. Todo ele, corpulento e com ar bonacheirão, com a sua cabeleira e a sua barba brancas, inspirava segurança.

— Não. Não tive filhos.

— Suponho que a vossa consulta se refere ao aspecto Patrimonial.

Elionor remexeu-se na cadeira, inquieta.

— Sim — respondeu finalmente.

— O vosso dote ser-vos-á devolvido. Quanto ao património do vosso marido, ele pode dispor dele por testamemto como bem entender.

— Poderá não me caber nada?

— O usufruto dos bens durante um ano, o ano de luto.

— Apenas isso?

O grito conseguiu descompor Reginald D Área. Que julgava aquela mulher?

— Isso devei-lo ao vosso tutor, o rei Pedro — respondeu com secura.

— Que quereis dizer?

— Até o vosso tutor aceder ao trono, a Catalunha regia-se por uma lei de Jaime I, segundo a qual a viúva, desde que o fizesse honestamente, desfrutava o usufruto de toda a herança do marido por toda a vida. Mas os mercadores de Barcelona e Perpignan são muito ciosos do seu património, mesmo quando se trata das suas mulheres, e conseguiram um privilégio real pelo qual as viúvas só disporiam de um ano de luto, e não do usufruto. O vosso tutor elevou esse privilégio ao estatuto de lei geral para todo o principado...

Elionor já não o ouvia, e levantou-se antes que o advogado terminasse a sua exposição. Voltou a tossir e passeou o olhar pelo escritório. Para que quereria ele tantos livros? Reginald levantou-se também.

— Se necessitais de mais alguma coisa...

Elionor, já de costas, limitou-se a levantar uma mão.

Estava bem claro: precisava de ter um filho do seu marido para assegurar o futuro. Arnau cumprira a sua palavra e Elionor conhecera outra forma de vida: o luxo, algo que também conhecera na corte, mas que, por estar submetida aos inúmeros controlos dos tesoureiros reais, sempre estivera fora do seu alcance. Agora gastava quanto queria, tinha tanto quanto desejava. Mas se Arnau morresse... E a única coisa que lho impedia, a única que o mantinha afastado dela, era aquela bruxa voluptuosa. Se a bruxa não estivesse ali... Se desaparecesse... Arnau render-se-ia perante ela! Não haveria de ser capaz de seduzir um servo fugitivo?

Uns dias mais tarde, chamou o frade ao seu quarto; era o único dos Estanyol com quem tinha algum trato.

— Não posso acreditar nisso! — respondeu Joan.

— Pois, mas assim é, frei Joan — disse Elionor, com as mãos ainda no rosto. — Desde que nos casámos, nunca me pôs uma mão em cima.

Joan sabia que não havia amor entre Arnau e Elionor, e que dormiam em quartos separados. E nada havia de especial nisso. Ninguém se casava por amor, e a maioria dos nobres dormiam separados. Mas se Arnau nem sequer tinha tocado em Elionor, então não estavam casados.

— Já falastes do assunto? — murmurou.

Elionor afastou as mãos do rosto para mostrar uns olhos vermelhos que exigiam a atenção imediata de Joan.

— Não me atrevo. Não saberia como fazer isso. Além disso, creio... — Elionor deixou uma suspeita no ar.

— Credes em quê?

— Creio que Arnau está mais interessado em Mar do que na sua própria esposa.

— Bem sabeis que Arnau adora aquela rapariga.

— Não me refiro a esse tipo de amor, frei Joan — insistiu baixando a voz. Joan levantou-se da cadeira. — Sim. Bem sei que vos custará acreditar nisto, mas estou convencida de que essa rapariga, como lhe chamais, pretende o meu marido. É como ter o Diabo dentro da minha própria casa, Frei Joan! — Elionor conseguiu que a voz lhe tremesse. —, minhas armas, frei Joan, são as de uma simples mulher que quer cumprir com o mandamento que a Igreja impõe às mulheres casadas, mas de cada vez que o tento fazer, esbarro num marido que se encontra mergulhado numa voluptuosidade que o impede de me dar atenção. Já não sei o que fazer!

Por isso Mar não se queria casar! Seria verdade? Joan começou a recordar: estavam sempre juntos, e ela lançava-se nos braços dele! E aqueles olhares, aqueles sorrisos... Que estúpido ele tinha sido! O mouro sabia daquilo, claro que sabia; por isso a defendia.

— Não sei que vos possa dizer — desculpou-se.

— Eu tenho um plano... mas preciso da vossa ajuda e, sobretudo, do vosso conselho.

CAPÍTULO 43

Joan escutou o plano de Elionor e, enquanto o fazia, um calafrio percorreu-lhe o corpo.

— Tenho de pensar nisso — respondeu quando ela insistiu na sua dramática situação matrimonial.

Nessa mesma tarde, Joan encerrou-se no seu quarto. Pediu desculpa pela sua ausência ao jantar. Evitou Arnau e Mar. Evitou o olhar inquisitivo de Elionor. Frei Joan olhou para os seus livros de teologia, cuidadosamente ordenados no armário. Neles deveria estar a resposta para o problema. Durante todos os anos que passara longe do irmão, Joan nunca deixara de pensar nele. Amava Arnau; ele e o pai tinham sido a única coisa que tinha tido na sua infância. Nesse carinho havia agora tantas dobras e rugas como no seu hábito. Entre elas, havia uma admiração que, nos piores momentos, roçava a inveja. Arnau, com o sorriso franco e o gesto certeiro, era um rapazinho que afirmava falar com a Virgem. Frei Joan fez um gesto displicente ao recordar o muito que tentara ouvir essa voz. Agora sabia que era quase impossível, que só uns poucos eleitos se viam abençoados com essa honra. Estudara e disciplinara-se com a esperança de vir a ser um deles; jejuara até quase perder a saúde, mas tudo fora em vão.

Frei Joan embrenhou-se nas doutrinas do bispo Hincmaro, nas de São Leão Magno, nas do mestre Graciano cartas de São Paulo e em muitas outras.

Só a comunhão carnal entre dois cônjuges, a coniunctio sexum, podia conseguir que o matrimónio entre os homens reflectisse a união de Cristo com a Igreja, objectivo principal do sacramento: sem a carnalis copula não existia o matrimónio, dizia o primeiro.

Só quando se produziu a consumação do matrimónio por meio da cópula carnal é que este é válido perante a Igreja, afirmava São Leão Magno.

Graciano, seu mestre na Universidade de Bolonha, abundava na mesma doutrina, aquela que unia o simbolismo nupcial, o

consentimento que os cônjuges prestavam perante o altar, com a copulação sexual do homem e da mulher: a una caro. Até São Paulo, na sua famosa carta aos Efésios, dizia: “Aquele que ama a sua mulher ama-se a si mesmo; porque ninguém odeia a sua própria carne; pelo contrário, alimenta-a e cuida dela, tal como Cristo da sua Igreja. Por este motivo, o homem deixará o seu pai e a sua mãe e aderirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande; mais o digo eu em relação a Cristo e à Igreja.”

Até já bem entrada a noite, frei Joan esteve embrenhado nos ensinamentos e doutrinas dos grandes. Que procurava: Abriu de novo um dos tratados. Até quando ia negar a verdade? Elionor tinha razão: sem cópula, sem união carnal, não havia matrimónio. “Porque não copulaste com ela? Estás a viver em pecado. A Igreja não reconhece o teu casamento.” A luz da candeia, releu Graciano, devagar, seguindo as letras com o dedo, tentando encontrar o que lhe constava que não existia. “A pupila real! O próprio rei te entregou a sua pupila e tu não copulaste com ela. Que diria o rei se soubesse? É uma ofensa ao rei. Ele entregou-te Elionor em casamento. Ele mesmo a levou ao altar e tu ofendeste a graça que ele te concedeu. E o bispo? O que diria o bispo?” Insistiu com Graciano. E tudo por uma jovenzinha soberba que não tinha querido cumprir o seu destino como mulher, Joan ficou a vasculhar os livros durante horas, mas a sua mente perdia-se no plano de Elionor e nas possíveis alternativas. Deveria dizer-lho directamente. Então, imaginava-se a si próprio, sentado diante de Arnau, talvez melhor até de pé... sim, ambos de pé... “Deverias dormir com Elionor. Estás a viver em pecado”, diria. E se ele se zangava? Era barão da Catalunha, cônsul de la Mar. Quem era ele para lhe dizer o que quer que fosse? Regressava então aos livros. Maldita a hora em que perfilhara a rapariga! Era ela a causa de todos os problemas. Se Elionor tinha razão, Arnau poderia inclinar-se mais por Mar do que pelo seu próprio irmão. Mar era a culpada, a única culpada daquela situação. Recusara todos os pretendentes para continuar a passear a sua voluptuosidade diante de Arnau. Que homem poderia resistir àquilo? Era o Diabo! O Diabo feito mulher, a tentação, o pecado. Porque tinha ele de pôr em risco o carinho do seu irmão se O Diabo era ela? O Diabo era ela. A culpa era ela que a tinha. Só Cristo

resistiu às tentações. Arnau não era Deus, era um homem. Porque tinham os homens de sofrer por causa do Diabo?

Joan voltou a mergulhar nos livros até que encontrou o que procurava:

Vê como está impressa esta má inclinação em nós, que a natureza humana por si mesma e pela sua original corrupção, sem outro motivo alheio ou instigação, se dedica a essa vileza, que se a bondade de nosso senhor não reprimisse essa natural inclinação, todo o mundo cairia natural e sucintamente nessa vilela, já lemos sobre como mandaram um menino pequeno e puro, criado por uns santos eremitas no deserto, que nunca tinha tido contacto com a fêmea, à cidade onde estavam o seu pai e a sua mãe. E assim que entrou no local onde estavam o seu pai e a sua mãe, perguntou àqueles que o tinham levado acerca das coisas novas que via, que coisas eram: e como tinha visto belas mulheres e bem adornadas, perguntou o que eram, e os santos ermitões disseram-lhe que aquelas coisas eram diabos que perturbavam todo o mundo, e como estavam em casa do pai e da mãe perguntaram os santos ermitões ao menino que levavam, e disseram-lhe assim: “Vê que quantidade de coisas belas e novas viste e que nunca tinhas visto; qual delas mais te agradou?” E o menino respondeu: “De todas as coisas belas que vi, as que mais me agradaram são esses diabos que perturbam o mundo.” E como aqueles lhe dissessem: “Oh, mesquinho! Não ouviste dizer tantas vezes, e lido, que maus são os diabos e o mal que fazem, e que o seu lugar é no Inferno? Como, então, te puderam agradar assim que os viste pela primeira vez?” Dizem que o menino respondeu: “Ainda que sejam coisas más os diabos e que tanto mal façam, e que estejam nos infernos, não me importariam nada esses males, desde que estivesse e morasse com diabos como estes. E agora sei que os diabos do Inferno não são tão más coisas como dizem, e agora sei que faria bem em estar no Inferno, posto que tais diabos lá há, e com eles devia estar. Assim fosse eu com eles, se Deus o quisesse.”

Frei Joan terminou a leitura e fechou os livros quando já o dia amanhecia. Não ia correr riscos. Não ia ser ele a, como aqueles santos ermitões, enfrentar o menino que preferia o Diabo. Não havia de ser ele a chamar mesquinho ao irmão. Quem o dizia eram os

seus livros, precisamente aqueles que Arnau lhe tinha comprado. A sua decisão não podia ser outra. Ajoelhou-se no genuflexório do seu quarto, sob a imagem de Jesus Cristo crucificado, e rezou.

Nessa noite, antes de conciliar o sono, julgou sentir um odor estranho, um odor a morte que lhe inundou o quarto quase até o sufocar.

No dia de São Marcos, o Conselho dos Cem reunido em plenário e os próceres de Barcelona tinham elegido Arnau Estanyol, barão de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montbui, cônsul de la Mar de Barcelona. Em procissão, conforme estabelecia o Llibre de Consolar de Mar, aclamado pelo povo, Arnau e o segundo cônsul, os conselheiros e os próceres da cidade percorreram Barcelona até chegarem à câmara de comércio, à sede do Consulado de la Mar, um edifício em reconstrução na própria praia, a poucos metros da igreja de Santa Maria e da mesa de câmbio de Arnau.

Os missatges, como se chamavam os soldados do consulado, prestaram-lhe honras; a comitiva entrou no palácio e os conselheiros de Barcelona entregaram a posse do edifício aos recém-eleitos. Assim que os conselheiros abandonaram o local, Arnau começou a exercer as suas novas funções: um mercador reclamava o valor de um carregamento de pimenta que caíra ao mar ao ser descarregado por um jovem barqueiro. A pimenta foi trazida à sala de juízos e Arnau comprovou pessoalmente que se tinha estragado.

Escutou as razões do mercador e do barqueiro e as testemunhas que cada um levou ao juízo. Conhecia pessoalmente o mercador. Conhecia pessoalmente o jovem barqueiro — Não muito tempo antes, pedira-lhe um crédito na sua mesa de câmbios. Acabara de casar. Arnau felicitara-o e desejara-lhe felicidades.

— Sentencio — a voz tremeu-lhe — que o barqueiro deve satisfazer o preço da pimenta. Assim o dispõe — Arnau leu o livro que o escrivão aproximou dele — o capítulo sessenta e dois dos Costumes do Mar. — Acabara de lhe pedir um crédito. Acabara de casar, em Santa Maria, como correspondia aos homens do mar. Estaria a moça já grávida? — Arnau recordou o fulgor dos olhos da jovem mulher do barqueiro no dia em que os felicitara. Pigarreou: — Tens… — voltou a pigarrear: — Tens dinheiro?

Arnau desviou os olhos do jovem. Acabara de lhe conceder um crédito. Teria sido para a casa? Para a roupa? Para os móveis? Ou talvez para aquela barca? A negativa do jovem encheu-lhe os ouvidos.

— Condeno-te, pois, a... — O nó que se lhe formou na garganta quase o impediu de continuar. — Condeno-te pois a prisão até que satisfaças o valor total da dívida.

Como poderia pagar se não poderia trabalhar? Estaria ela grávida? Arnau esqueceu-se de bater com o martelo na mesa. Os missatges incitaram-no a isso com o olhar. Bateu. O jovem foi levado para os calabouços do consulado. Arnau baixou os olhos.

— É necessário — disselhe o escrivão quando todos os intervenientes abandonaram a sala.

Arnau ficou imóvel, sentado à direita do escrivão, no centro da imensa mesa que presidia à sala.

— Olha — insistiu o escrivão pondo-lhe à frente um novo livro, que era o regulamento do consulado. — Aqui está dito em relação às ordens de prisão: “Que assim mostra o seu poder, do maior ao menor.” Tu és o cônsul de la Mar e tens de mostrar o teu poder. A nossa prosperidade, a prosperidade da nossa cidade, depende disso.

Nesse dia, não teve de mandar mais ninguém para a prisão, mas teve de o fazer em muitos outros dias. A jurisdição do cônsul de la Mar abrangia todos os assuntos relacionados com o comércio — preços, salários de marinheiros, segurança dos navios e das mercadorias... — e quaisquer outros que estivessem relacionados com o mar. Desde que tomara posse do cargo, Arnau tornara-se uma autoridade independente do bailio ou do regedor; ditava sentenças, embargava, executava bens dos devedores, encarcerava, e tudo isso com um exército às suas ordens.

E enquanto Arnau se via obrigado a encarcerar jovens barqueiros, Elionor mandava chamar Felip de Ponts, um cavaleiro que conhecera durante o seu primeiro casamento e que por várias vezes tinha recorrido a ela para que intercedesse junto de Arnau, a quem devia uma quantidade de dinheiro considerável e que não conseguia pagar.

— Tentei tudo o que estava ao meu alcance, D. Felip — mentiu Elionor quando ele se apresentou perante ela. — Mas foi de todo impossível. Em breve será reclamada a vossa dívida.

Felip de Ponts, um homem grande e forte, com uma hirsuta barba loura e olhos pequenos, empalideceu ao ouvir as palavras da sua anfitriã. Se lhe reclamassem a dívida, perderia as suas poucas terras... e até o seu cavalo de guerra. Um cavaleiro sem terras para se manter e sem cavalo para guerrear não podia considerar-se como tal.

Felip de Ponts pôs um joelho em terra.

— Rogo-vos, senhora — suplicou. — Tenho a certeza de que se o desejardes, o vosso marido adiará a sua decisão. Se me executa a dívida, a minha vida deixará de fazer sentido.— Fazei-o por mim! Pelos velhos tempos!

Elionor fez-se rogada durante alguns instantes, de pé em rente ao cavaleiro ajoelhado. Fingiu que pensava.

— Levantai-vos — mandou. — Poderia haver uma possibilidade...

— Rogo-vos! — repetiu Felip de Ponts antes de se levantar.

— É muito arriscado.

— Seja o que for! Não tenho medo de nada. Combati com o rei em...

— Tratar-se-ia de sequestrar uma rapariga — soltou Elionor.

— Não... Não vos entendo — balbuciou o cavaleiro ao fim de uns instantes de silêncio.

— Entendestes-me perfeitamente — replicou Elionor. — Tratar-se-ia de sequestrar uma rapariga e, além disso... desflorá-la.

— Isso é punido com a morte!

— Nem sempre.

Elionor tinha ouvido dizer isto. Nunca tinha querido perguntar, e agora ainda menos, com o seu plano em mente, pelo que esperara que o dominicano esclarecesse as suas dúvidas.

— Procuramos alguém que a rapte — disparara. Joan abrira os olhos desmesuradamente. — Que a viole — Joan levara as mãos ao rosto. — Julgo saber — prosseguira ela — que os Usatges dispõem que se a rapariga ou os pais consentirem no casamento, não há punição para o violador — Joan continuava com as mãos no

rosto, mudo. — É isto verdade, Frei Joan? É verdade? — insistiu, perante o silêncio do frade.

— Sim, mas...

— É ou não é?

— É — confirmara Joan. — O estupro é punido com o desterro perpétuo se não tiver havido violência, e com a morte, se tiver havido. Mas se o casamento for consentido, o violador propuser um marido que aceite, de igual valor que o da rapariga, não há castigo.

Elionor esboçara um sorriso que depois tentara esconder assim que Joan voltara a dirigir-se a ela, tentando dissuadi-la. Elionor assumira a postura de uma mulher desonrada.

— Não sei, mas asseguro-vos que não há barbaridade que não esteja disposta a cometer para recuperar o meu marido. Procuramos alguém que a rapte — repetira —, que a viole, e depois consentimos o casamento — Joan negava com a cabeça. — Que diferença faz? — insistia Elionor. — Poderíamos entregar Mar em casamento... mesmo contra a vontade dela, se Arnau não estivesse tão cego... tão obcecado por essa jovem. Vós mesmos a entregaríeis em casamento se Arnau vo-lo permitisse. A única coisa que faríamos seria contrariar a perniciosa influência dessa mulher sobre o meu marido. Seríamos nós a escolher o futuro marido de Mar; tal como aconteceria se a entregássemos em casamento, mas sem contar com a aquiescência de Arnau. Não se pode contar com ele; está louco, fora de si por causa desta jovem. Conheceis algum pai que proceda como Arnau e que permita a uma filha envelhecer solteira? Por mais dinheiro que tenha? Por mais nobre que seja? Conheceis algum? Até o rei me entregou contra minha vontade... sem contar com a minha opinião.

Joan fora cedendo perante as razões de Elionor, que aproveitou a debilidade do frade para insistir uma e outra vez na sua situação precária, no pecado que se estava a conter naquela casa... Joan prometera pensar no caso... e assim fizera. Felip de Ponts obtivera a sua aprovação, com condições, mas obtivera.

— Nem sempre... — repetiu Elionor.

Os cavaleiros eram obrigados a conhecer os Usatges.

— Dizeis então que a rapariga consentiria no casamento? Porque não casa então?

— Os seus tutores consentiriam.

— Porque não se limitam a entregá-la em casamento?

— Isso não é da vossa conta — cortou Elionor. Essa pensou, será tarefa minha... e do fradinho.

— Pedis-me que rapte e viole uma rapariga e dizeis-me que o motivo não é da minha conta. Senhora, haveis-vos enganado. Serei devedor, mas sou um cavaleiro...

— É minha pupila — Felip de Ponts ficou surpreendido. — Sim, estou a falar-vos da minha pupila, Mar Estanyol.

Felip de Ponts lembrou-se da rapariga que Arnau tinha perfilhado. Vira-a algumas vezes na mesa de câmbios do pai e até tinha tido com ela uma conversa agradável num dia em que fora visitar Elionor.

— Quereis que rapte e violente a vossa própria pupila?

— Parece-me, D. Felip, que me expressei com suficiente clareza. Posso assegurar-vos de que não haverá castigo para o vosso delito.

— Por que motivo...

— Os motivos são assunto meu! Bem, então? Que dizeis?

— Que ganharia eu?

— O dote seria suficientemente avultado para liquidar todas as vossas dívidas e, acreditai, o meu marido seria muito generoso com a sua pupila. Além disso, ganharíeis o meu favor, e bem sabeis como sou próxima do rei.

— E o barão?

— Eu me ocuparei do barão.

— Não compreendo...

— Não há mais nada para compreender: a ruína, o desato e a desonra, ou o meu favor. — Felip de Ponts sentou-se. — A ruína ou a riqueza, D. Felip. Se vos negais, amanhã mesmo o barão executará a vossa dívida e confiscará as vossas terras, as vossas armas e os vossos animais. Isso, sim, posso assegurar-vos.

CAPÍTULO 44

Decorreram dez dias de angustiada incerteza até que Arnau teve as primeiras notícias acerca de Mar. Dez dias durante os quais

paralisara toda a actividade que não fosse a de investigar o que acontecera à rapariga, desaparecida sem deixar rasto. Manteve reuniões com o regedor e com os conselheiros, para os instar a que pusessem todo o seu empenho em averiguar o que se passara. Ofereceu recompensas avultadas por qualquer informação sobre a sorte ou o paradeiro de Mar. Rezou como nunca tinha rezado na sua vida, e por fim Elionor, que disse ter recebido a informação de um mercador de passagem que procurava Arnau, confirmou-lhe as suas suspeitas. A rapariga tinha sido sequestrada por um cavaleiro chamado Felip de Ponts, seu devedor, que a mantinha à força numa casa rural fortificada perto de Mataro, a menos de um dia de viagem a pé a norte de Barcelona.

Arnau mandou a esse local os missatges do consulado. Entretanto, ele próprio foi para Santa Maria, para continuar a rezar à sua Virgem de la Mar.

Ninguém se atreveu a incomodá-lo, e até os operários abrandaram o seu ritmo de trabalho. Prostrado de joelhos diante daquela pequena figura de pedra que tanto tinha sempre significado ao longo da sua vida, Arnau tentou afastar as cenas de horror e de pânico que o tinham assaltado durante dez dias e que agora voltavam a rondar a sua mente, intercaladas com a figura do rosto de Felip de Ponts.

Felip de Ponts atacara Mar no interior da sua própria casa, amordaçara-a e espancara-a até que a rapariga, exausta, cedera na sua oposição. Metera-a num saco e sentara-se com ela na parte de trás de um carro com arneses conduzido por um seu criado. Desta forma, como se tivesse vindo comprar ou reparar as rédeas e selas, atravessaram as portas da cidade sem que ninguém desconfiasse do cavaleiro. Na sua casa, no interior da torre fortificada que se erguia num dos seus extremos, o cavaleiro desonrou a rapariga, uma e outra vez, com cada vez mais violência e lascívia à medida que se apercebia da beleza da sua refém e da obstinação dela em proteger o corpo, que já não a sua virgindade. Porque Felip de Ponts se comprometera com Joan de que roubaria a virgindade de Mar sem a despir sequer, sem lhe mostrar o seu próprio corpo, empregando a força exclusivamente necessária para isso; e assim

fizera da primeira vez, a única em que devia ter-se aproximado de Mar. Mas a luxúria mandara mais do que a sua palavra de cavaleiro.

Nada do que, entre lágrimas e com o coração apertado, Arnau chegou a imaginar no interior de Santa Maria podia comparar-se com o que a rapariga sentiu.

A entrada dos missatges no templo paralisou por completo as obras. As palavras do oficial ressoaram como faziam na corte de justiça do consulado:

— Mui honrado cônsul, é verdade. A vossa filha foi sequestrada e encontra-se em poder do cavaleiro Felip de Ponts.

— Falastes com ele?

— Não, mui honrado. Fez-se forte na torre e negou a nossa autoridade aduzindo que não se tratava de um assunto mercantil.

— Sabeis algo da rapariga?

O oficial baixou os olhos.

Arnau cravou as unhas no reclinatório.

— Não tenho autoridade? Se ele quer autoridade — rosnou entredentes —, vai tê-la.

A notícia do sequestro de Mar espalhou-se com rapidez. No dia seguinte, logo de manhã, todos os sinos das igrejas de Barcelona começaram a repicar com insistência e o Via fora! tornou-se um grito na boca de todos os cidadãos: era preciso resgatar a barcelonesa.

A Praça do Blat, como em tantas outras ocasiões, tornou-se o ponto de reunião do sometent, o exército de Barcelona, aonde foram chegando todas as confrarias da cidade. Nem uma única faltou e, sob os seus pendões, congregavam-se os confrades devidamente armados. Nessa manhã, Arnau despojou-se das suas roupas luxuosas e vestiu de novo aquelas com que lutara, sob as ordens de Eiximèn d'Esparça, primeiro, e contra Pedro, o Cruel, depois. Continuava a utilizar a maravilhosa balestra do pai, que nunca quisera substituir e que acariciou como nunca antes tinha feito; à cinta, o mesmo punhal com que anos antes dera a morte aos seus inimigos.

Quando Arnau se apresentou na praça, mais de três mil homens aclamaram-no. Os abanderados içaram os pendões. Espadas, lanças e balestras elevaram-se por sobre as cabeças da multidão ao

som de um Via fora! ensurdecedor. Arnau não se descompôs. Joan e Elionor, atrás dele, empalideceram. Arnau procurou por entre o mar de armas e pendões, por sobre as cabeças; os cambistas não tinham confraria.

— Isto também fazia parte dos vossos planos? — perguntou o dominicano a Elionor, por entre o clamor.

Elionor tinha o olhar perdido na multidão. Barcelona inteira apoiava Arnau. Brandiam as armas no ar e gritavam. Tudo por causa de uma simples moça.

Arnau distinguiu o pendão. A multidão foi abrindo alas para que passasse enquanto se dirigia ao lugar onde se encontravam os bastaixos.

— Isto também estava nos vossos planos? — perguntou de novo o frade. Ambos olhavam para as costas de Arnau. Elionor não respondeu. — Comerão vivo o vosso cavaleiro. Vão arrasar-lhe as terras, destruir-lhe a quinta e depois...

— O quê? Depois, o quê? — rosnou Elionor olhando em frente.

Perderei o meu irmão. Talvez ainda estejamos a tempo de consertar alguma coisa. Isto não vai acabar bem..., pensava Joan.

— Falai com ele... — insistiu.

— Estais louco, frade?

— E se ele não aceita o casamento? E se Felip de Ponts conta tudo? Falai com ele antes que a host se ponha em marcha. Fazei-o. Por Deus, Elionor!

— Por Deus? — Desta vez, Elionor virou a cara para Joan. — Falai vós com o vosso Deus. Fazei isso, frade.

Ambos chegaram ao pendão dos bastaixos. Aí encontraram Guillem, sem armas, como escravo que era.

Arnau olhou para Elionor com o cenho franzido quando se apercebeu da presença dela.

— Também é minha pupila — exclamou ela. Os conselheiros deram a ordem e o exército do povo de Barcelona pôs-se em marcha. Os pendões de Sant Jordi e da cidade iam à frente, depois os bastaixos e depois as demais confrarias; três mil homens para apenas um cavaleiro. E Elionor e Joan no meio deles.

A meio do caminho, a host de Barcelona aumentou com mais de uma centena de camponeses das terras de Arnau, que acudiam

com gosto, com as suas balestras, a defender quem tão generosamente os tinha tratado. Arnau viu que nenhum outro nobre ou cavaleiro se juntara a eles.

Arnau caminhava sério sob o pendão, misturado entre os bastaixos. Joan tentou rezar, mas o que antes lhe saía com fluidez parecia agora emperrar na sua mente. Nem ele nem Elionor tinham imaginado que Arnau chegaria ao ponto de convocar a host dos cidadãos. O estrondo que aqueles três mil homens faziam, em busca de justiça e de reparação para uma cidadã barcelonesa, ensurdecia Joan. Muitos deles tinham beijado as suas próprias filhas antes de partirem; mais do que um, já armado, enquanto se despedia da mulher, segurara o queixo dela e dissera: “Barcelona defende a sua gente... sobretudo as suas mulheres.”

Vão arrasar as terras do desgraçado Felip de Ponts como se a sequestrada tivesse sido a sua própria filha, pensou Joan. Julgá-lo-ão e executá-lo-ão, mas antes disso hão-de dar-lhe oportunidade para falar... Joan olhou para Arnau, que continuava a caminhar em silêncio, com o semblante sombrio.

Ao entardecer, a host dos cidadãos alcançou as terras de Felip de Ponts e deteve-se ao pé de uma pequena lomba em cujo cimo se encontrava a casa do cavaleiro. Esta não era mais do que uma casa de camponês, sem defesa alguma excepção da habitual torre de vigilância que se erguia de um dos lados. Joan olhou para a casa; depois, passeou a vista pelo exército que esperava as ordens dos conselheiros da cidade. Olhou para Elionor, que evitou enfrentá-lo. Três mil homens para tomar uma simples casa rural!

Joan acordou e correu para o local para onde se tinham deslocado Arnau e Guillem, junto dos conselheiros e demais próceres da cidade, sob o pendão de Sant Jordi. Encontrou-os discutindo o que fazer a partir daquele momento, e o estômago deu-lhe voltas ao perceber que a grande maioria era partidária de atacar a casa, sem nenhuma advertência, e sem dar a Ponts a oportunidade de se render à host.

Os conselheiros começaram a dar ordens aos próceres das confrarias. Joan olhou para Elionor, que se mantinha erecta, com o olhar perdido na casa. Aproximou-se de Arnau. Ia para lhe falar, mas não conseguiu. Guillem, ao seu lado, muito direito, olhou-o com

um toque de desprezo. Os próceres das confrarias começaram a transmitir as ordens aos seus soldados. O rumor dos preparativos para a guerra tornou-se presente. Acenderam-se tochas; ouviu-se o aço das espadas e as cordas das balestras a tensionar-se. Joan virou-se para olhar de novo para a casa, e depois outra vez para o exército. Punham-se em marcha. Não haveria concessões. Barcelona não teria clemência. Arnau, como outro soldado qualquer, deixou o frade para trás e seguiu em direcção à casa do senhor de Ponts; empunhava o seu punhal. Mais um olhar para Elionor: continuava impassível.

— Não! — gritou Joan quando o irmão lhe virou costas.

O grito do frade, no entanto, foi abafado pelo rumor do exército inteiro. Da casa, saiu uma figura a cavalo; Felip de Ponts, a passo, lentamente, dirigia-se para eles.

— Prendei-o! — ordenou um conselheiro.

— Não! — gritou Joan. Todos se viraram para ele. Arnau interrogou-o com o olhar. — Não é preciso prender um homem que se rende.

— Que se passa, frade? — inquiriu um dos conselheiros — Por acaso vais dar ordens à host de Barcelona?

Joan suplicou com o olhar para Arnau.

— Não é preciso prender um homem que se rende — repetiu para o irmão.

— Deixai que se renda — concedeu Arnau.

O primeiro olhar de Felip de Ponts foi para os seus cúmplices. Depois, enfrentou os que se encontravam sob o pendão de Sant Jordi, entre os quais se encontravam Arnau e os conselheiros da cidade.

— Cidadãos de Barcelona — gritou, suficientemente alto para que todo o exército pudesse ouvi-lo. — Sei a razão por que aqui estais hoje e sei que buscais justiça para uma concidadã vossa. Aqui me tendes. Confesso-me autor dos delitos que se me imputam, mas antes que me prendais e me arraseis as minhas propriedades, suplico-vos a oportunidade para falar.

— Fala — permitiu-lhe um dos conselheiros.

— É certo que, contra a sua vontade, sequestrei e deitei-me com Mar Estanyol... — Um murmúrio percorreu as fileiras da host

barcelonesa, interrompendo o discurso de Felip de Ponts. Arnau fechou as mãos sobre a balestra. — Fi-lo mesmo à custa da minha própria vida, consciente do castigo por tais delitos. Fi-lo e voltaria a fazê-lo se voltasse a nascer, tal é o amor que sinto por esta rapariga, tal a angústia de a ver definhar na sua juventude sem um marido a seu lado para desfrutar os dotes que Deus lhe concedeu, que os meus sentimentos superaram a razão e os meus actos foram mais de um animal enlouquecido de paixão que os de um cavaleiro do rei Pedro. — Joan sentiu a atenção do exército e, mentalmente, tentou ditar ao cavaleiro as suas palavras seguintes. — Como animal que fui, entrego-me a vós; como cavaleiro que gostaria de voltar a ser, comprometo-me a casar com Mar, para continuar a amá-la para toda a vida. Julgai-me! Não estou disposto, como prevêem as nossas leis, a proporcionar-lhe marido de igual valor. Antes de a ver com outro, matar-me-ia eu próprio.

Felip de Ponts terminou o seu discurso e esperou orgulhosamente, muito direito em cima do seu cavalo, desafiando um exército de três mil homens que se mantinha em silêncio, tentando assimilar as palavras que acabavam de escutar.

— Louvado seja o Senhor! — gritou Joan.

Arnau olhou para ele, intrigado. Todos se viraram para o frade, incluindo Elionor.

— A que propósito vem isso? — perguntou Arnau.

— Arnau — disselhe Joan, agarrando-lhe num braço e em voz suficientemente alta para que os presentes pudessem ouvi-lo —, este não é mais do que o resultado da nossa própria negligência. — Arnau respirou fundo. — Durante anos, consentimos nos caprichos de Mar, adiando os nossos deveres para com uma jovem sã e bela e que já deveria ter trazido filhos a este mundo, como é sua obrigação; assim o dispõem as leis de Deus e não somos nós quem podemos negar os desígnios de Nosso Senhor. — Arnau tentou responder, mas Joan obrigou-o a manter o silêncio com um movimento da mão. — Sinto-me culpado. Durante anos sentime culpado por ser demasiado complacente com uma mulher caprichosa cuja vida carecia de sentido conforme às normas da santa Igreja Católica. Este cavaleiro — acrescentou, apontando para Felip de Ponts — não é mais do que a mão de Deus, alguém

enviado por Nosso Senhor para realizar aquilo que nós próprios não soubemos fazer. Sim, durante anos sentime culpado por ver como murchava a beleza e a saúde que Deus deu a uma rapariga que teve a sorte de ser recolhida por um homem bondoso como tu. Não quero sentir-me culpado também da morte de um cavaleiro que, à custa da sua própria vida, que hoje aqui nos oferece, veio cumprir aquilo que nós não fomos capazes de cumprir. Consente neste casamento. Eu, se de alguma coisa te serve a minha opinião, aceitaria.

Arnau ficou em silêncio durante alguns instantes. O exército inteiro estava pendente das palavras dele. Joan aproveitou o momento para se virar para Elionor, e pareceu-lhe observar um sorriso de orgulho nos lábios dela.

— Queres dizer que tudo isto é culpa minha? — perguntou Arnau a Joan.

— Minha, Arnau, minha. Eu é que devia ter-te avisado de quais são as leis da Igreja, de qual é o desígnio de Deus, mas não o fiz... e lamento.

Guillem deitava fogo pelos olhos.

— Qual é o desejo da rapariga? — perguntou Arnau ao senhor de Ponts.

— Sou cavaleiro do rei Pedro — respondeu este — e as leis do rei, as mesmas que hoje vos trazem aqui, não dão valor aos desejos de uma mulher casadoira. — Um rumor de aprovação percorreu a host. — Estou a oferecer-me em casamento, eu, Felip de Ponts, cavaleiro catalão. Se tu, Arnau Estanyol, barão da Catalunha, cônsul de la Mar, não consentires no casamento, prendei-me e julgai-me; se consentires, de pouco importa o desejo da rapariga.

O exército voltou a aprovar as palavras do cavaleiro, aquela era a lei, e todos a cumpriam, entregando as suas filhas em casamento, independentemente da vontade delas.

— Não se trata do teu desejo, Arnau — aduziu Joan, baixando a voz. — Trata-se da tua obrigação. Assume-a. Ninguém pede a opinião das suas filhas ou pupilas. Decide-se sempre considerando o que é melhor para elas. Este homem deitou-se com Mar. Pouco importa já qual é o desejo da rapariga. Ou se casa com ele, ou a

vida dela será um inferno. Tens de ser tu a decidir, Arnau: mais uma morte, ou a solução divina para a nossa negligência.

Arnau procurou entre os seus aliados. Olhou para Guillem, que continuava com o olhar fixo no cavaleiro, disparando ódio. Encontrou Elionor, sua esposa por vontade real, e ambos aguentaram o olhar. Com um gesto, Arnau inquiriu a opinião dela. Elionor anuiu. Por último, virou-se para Joan.

— É a lei — respondeu este.

Arnau olhou para o cavaleiro. Depois para o exército. Tinham baixado as armas. Nenhum daqueles três mil homens parecia discutir as palavras do senhor de Ponts, nenhum pensava já em guerra. Esperavam a decisão de Arnau. Aquela era a lei catalã, a lei da mulher. Que conseguiria lutando, matando o cavaleiro e libertando Mar? Qual seria a vida da rapariga a partir de então, sequestrada e violada como tinha sido? Um convento?

— Consinto.

Houve um momento de silêncio. Depois, um murmúrio que se propagou por entre as filas de soldados, enquanto a decisão de Arnau se transmitia de uns para outros. Alguns aprovaram publicamente a posição de Arnau. Outros gritaram. Alguns outros se lhes foram juntando e a host estalou em vivas.

Joan e Elionor trocaram olhares.

A apenas uma centena de metros de onde se encontravam, encerrada na torre de vigilância da casa de Felip de Ponts, a mulher cujo futuro acabara de se decidir observava a multidão que se apinhava no sopé da pequena elevação Porque não subiam? Porque não atacavam? Que podiam estar a tratar com aquele miserável? Que gritavam?

— Arnau! Que gritam os teus homens?

CAPÍTULO 45

A gritaria da bost convenceu-o de que o que acabava de ouvir era verdade: “Consinto.” Guillem cerrou os lábios com força. Alguém lhe bateu nas costas e foi juntar-se à gritaria. “Consinto.” Guillem olhou para Arnau e depois para o cavaleiro. O seu rosto parecia descontraído. Que podia fazer um simples escravo como ele? Voltou a olhar para Felip de Ponts; agora sorria. “Deitei-me com Mar Estanyol”, fora o que ele dissera. “Deitei-me com Mar Estanyol.” Como podia Arnau...

Alguém lhe chegou uma bexiga de vinho à boca. Guillem afastou-o com maus modos.

— Não bebes, cristão? — ouviu dizerem-lhe.

O seu olhar cruzou-se com o de Arnau. Os próceres felicitavam Felip de Ponts, ainda em cima do cavalo. As pessoas riam e bebiam.

— Não bebes, cristão? — tornou a ouvir atrás de si. Guillem empurrou o homem que lhe oferecia a bebida e voltou a procurar Arnau com o olhar. Os próceres felicitavam-no também a ele. Rodeado, Arnau conseguiu esticar a cabeça para corresponder a Guillem.

Toda a gente, incluindo Joan, começou a empurrar Arnau em direcção à casa do cavaleiro, mas Arnau não parou de olhar para Guillem.

Entretanto, a host inteira festejava o acordo. Os homens tinham acendido fogueiras e cantavam em volta delas.

— Brindai ao nosso cônsul e à felicidade da pupila dele — disse outro homem, aproximando-lhe mais uma vez urna bexiga de vinho.

Arnau desaparecera no caminho para a casa. Guillem voltou a afastar a bebida.

— Não queres brindar?

Guillem olhou para o homem. Virou-lhe as costas e começou a caminhar de regresso a Barcelona. O bulício da host foi-se desvanecendo. Guillem viu-se sozinho no caminho para a cidade; arrastava os pés... arrastava os seus sentimentos e o pouco orgulho de homem que restava a um escravo; todo ele se arrastou até Barcelona.

Arnau recusou o queijo que lhe foi oferecido pela tremelicante idosa que cuidava da casa de Felip de Ponts. Próceres e conselheiros apinhavam-se no primeiro andar, sobre os estábulos, onde se encontrava a grande lareira de pedra da casa do cavaleiro. Procurou Guillem no meio da multidão. As pessoas conversavam, riam e chamavam a idosa para que servisse queijo e vinho. Joan e Elionor ficaram junto da lareira; ambos desviaram o olhar quando Arnau cravou a vista neles.

Um murmúrio obrigou-o a desviar a atenção para o outro extremo da sala.

Mar, agarrada pelo braço por Felip de Ponts, tinha entrado na sala. Arnau viu como ela se libertava com violência da mão do cavaleiro e corria para ele. Um sorriso apareceu-lhe nos lábios. Mar abriu os braços muito antes de chegar até ao sítio onde ele a esperava, mas quando ia a abraçá-lo, estacou e deixou cair os braços lentamente.

Arnau julgou ver uma equimose no rosto dela.

— Que se passa, Arnau?

Arnau virou-se e procurou a ajuda de Joan, mas o irmão permanecia cabisbaixo. Todos na sala esperavam as palavras dele.

— O cavaleiro Felip de Ponts invocou o usatge: Si quis vlrginem... — disselhe, por fim.

Mar não se mexeu. Uma lágrima começou a correr-lhe pela cara. Arnau fez um leve movimento com a mão direita, mas refreou-se imediatamente e deixou que aquela lágrima se perdesse no queixo de Mar.

— O teu pai... — tentou intervir Felip de Ponts, de lá de trás, antes de Arnau o mandar calar com um gesto imperativo. — O cônsul de la Mar deu a sua palavra em como aceitava o casamento diante da host de Barcelona. — Felip de Ponts soltou as palavras numa rajada, antes que Arnau pudesse fazê-lo calar-se... ou que se desdissesse.

— Isso é verdade? — perguntou Mar.

A única verdade é que gostaria de te abraçar, de te beijar, de te ter sempre comigo. Será isso que um pai deve sentir?, pensou Arnau.

— Sim, Mar.

Já não apareceram mais lágrimas no rosto de Mar. Felip de Ponts aproximou-se da rapariga e voltou a agarrá-la pelo braço. Ela não se opôs. Alguém rompeu o silêncio e todos os presentes se juntaram aos gritos. Arnau e Mar continuavam a olhar-se. Ouviu-se um viva pelos noivos que retumbou nos ouvidos de Arnau. Dessa vez, foi o rosto dele a encher-se de lágrimas. Talvez o irmão tivesse razão, talvez ele tivesse percebido algo que nem mesmo ele próprio sabia. Diante da Virgem jurara que não tornaria a ser infiel a uma esposa, mesmo que fosse uma esposa imposta, por amor a outra mulher.

— Pai? — perguntou Mar aproximando a sua mão livre para lhe enxugar as lágrimas.

Arnau tremeu ao sentir o toque de Mar no seu rosto.

Girou sobre si próprio e fugiu.

Nesse mesmo momento, num lugar qualquer do escuro e solitário caminho de regresso a Barcelona, um escravo ergueu os olhos para o céu e ouviu o grito de dor da criança que cuidara como se fosse sua filha. Nascera escravo e vivera como tal. Aprendera a amar em silêncio e a reprimir os seus sentimentos. Um escravo não era um homem, e por isso na sua solidão, único lugar onde ninguém podia cercear-lhe a sua liberdade, aprendera a ver muito mais para lá do que todos aqueles a quem a vida toldava o espírito. Vira o amor que sentiam um pelo outro e rezara, aos seus dois deuses, para que aqueles seres que tanto amava conseguissem finalmente libertar-se das suas grilhetas, umas correntes mais fortes que as de um simples escravo.

Guillem permitiu-se chorar — uma conduta que, como escravo, lhe era proibida.

Guillem não atravessou as portas de Barcelona. Chegou à cidade ainda de noite e parou diante da porta fechada de San Daniel. Tinham-lhe roubado a sua menina. Talvez sem sequer o saber, mas Arnau vendera-a como se de uma escrava se tratasse. Que ia ele fazer em Barcelona? Como poderia sentar-se onde antes se sentara Mar? Como poderia passear por onde antes o fizera com ela, conversando, rindo, partilhando os sentimentos secretos da sua menina? Que poderia fazer em Barcelona, a não ser recordar-se

dela dia e noite? Que futuro o esperaria junto do homem que tinha cerceado as ilusões de ambos?

Guillem continuou a percorrer o caminho da costa e, ao fim de dois dias, chegou ao porto de Salou, o segundo mais importante da Catalunha. Aí, olhou para o mar, para o horizonte, e a brisa marítima trouxe-lhe recordações da sua infância em Génova, de uma mãe e de irmãos de quem tinha sido cruelmente separado após ser vendido a um comerciante com quem começara a aprender o negócio. Depois, numa viagem comercial por mar, amo e escravo tinham sido capturados pelos Catalães, em guerra permanente com Génova. Guillem passara de mão em mão até que Hasdai Crescas vira nele qualidades muito superiores às de um simples operário manual. Tornou a olhar para o mar, para os navios e para os passageiros... Porque não Génova?

— Quando sai o próximo navio para a Lombardia, para Pisa? — O jovem revolveu nervosamente os papéis que se amontoavam em cima da mesa do armazém. Não conhecia Guillem e, inicialmente, tratou-o com desdém, como teria feito com qualquer outro escravo sujo e malcheiroso, mas quando o mouro se apresentou, as palavras que o seu pai costumava dizer acenderam-se na sua mente: “Guillem é a mão direita de Arnau Estanyol, cônsul de la Mar de Barcelona, de quem nós vivemos.” — Preciso de instrumentos para escrever uma carta e de um lugar tranquilo para o fazer — acrescentou Guillem.

“Aceito a tua oferta de liberdade”, escreveu. “Parto para Génova, via Pisa, para onde viajarei em teu nome, como escravo, e onde esperarei a tua carta de liberdade.” Que mais lhe poderia dizer? Que sem Mar não poderia viver? E o seu senhor e amigo Arnau, poderia? Para quê recordar-lhe “Vou à procura das minhas origens, da minha família”, acrescentou. “Juntamente com Hasdai, foste o melhor amigo que já tive; cuida bem dele. Ficar-te-ei para sempre agradecido. Que Alá e Santa Maria te protejam. Rezarei por ti.”

O jovem que o tinha atendido partiu para Barcelona assim que a galera em que Guillem embarcara manobrou para abandonar o porto de Salou.

Arnau assinou a carta de liberdade de Guillem lentamente, observando cada traço que aparecia no documento: a peste, a luta,

a mesa de câmbios, dias e dias de trabalho, de conversa, de amizade, de alegria... A mão tremeu-lhe ao riscar o último traço. A pena dobrou-se quando acabou de assinar. Ambos sabiam que eram outras as razões que o tinham levado a fugir.

Arnau regressou à câmara de comércio, de onde deu ordens para que remetessem a carta ao seu correspondente em Pisa. Junto com ela, incluiu uma ordem de pagamento de uma pequena fortuna.

— Não esperamos por Arnau? — perguntou Joan a Elionor depois de entrar na sala de jantar, onde a baronesa o esperava, já à mesa.

— Tendes apetite? — Joan fez que sim com a cabeça-— Pois, então, se quereis jantar, é melhor que o façais agora.

O frade sentou-se em frente a Elionor, de um dos lados da longa mesa de Arnau. Dois criados serviram-lhes pão branco andial, vinho, sopa e ganso assado condimentado com pimenta e cebolas.

— Não dissestes que tínheis apetite? — inquiriu Elionor a Joan, ao ver que o frade brincava com a comida. Joan limitou-se a erguer os olhos para a cunhada. Aquela foi a única frase que se ouviu em todo o serão.

Várias horas depois de se ter retirado para o seu quarto, Joan ouviu movimento no palácio. Alguns criados apressavam-se a receber Arnau. Oferecer-lhe-iam comida, que este recusaria, como fizera das três vezes em que Joan decidira esperar por ele: Arnau sentava-se num dos salões do palacete, onde Joan o esperava, e recusava o jantar tardio com um gesto cansado da mão.

Joan ouviu os passos dos criados, de regresso. Depois, ouviu os passos de Arnau em frente à sua porta, lentos, dirigindo-se para o seu quarto. Que poderia dizer-lhe se saísse agora? Tentara falar com ele das três vezes em que o esperara, mas Arnau fechava-se em si mesmo e respondia com monossílabos às perguntas do irmão: “Estás bem?” “Sim.” “Tiveste muito trabalho na câmara?” “Não.” “As coisas vão bem?” Silêncio. “E Santa Maria?” “Bem.” Na escuridão do seu quarto, Joan levou as mãos ao rosto. Os passos de Arnau tinham-se afastado. E de que queria ele que ele falasse? Dela? Como poderia escutar dos lábios dele que ainda a amava?

Joan vira como Mar recolhera a lágrima que corria pelo tosto de Arnau. “Pai?”, ouvia-a dizer. Vira Arnau estremecer.

Depois, virara-se e vira que Elionor sorria. Fora preciso vê-lo sofrer para compreender... Mas como poderia confessar-lhe a verdade? Como lhe ia dizer que tinha sido ele? Aquela lágrima tornou a aparecer na recordação de Joan. Amava-a assim tanto? Conseguiria esquecê-la? Ninguém foi consolar Joan quando, uma noite mais, se fincou de joelhos no chão e rezou até ao amanhecer.

— Gostava de sair de Barcelona.

O prior dos dominicanos observou o frade; estava magro, com os olhos afundados sobre umas enormes olheiras com o hábito negro em desalinho.

— Sentes-te capaz, frei Joan, de assumir o cargo de inquisidor?

— Sim — asseverou Joan. O prior olhou-o de alto a baixo. — Preciso apenas de sair de Barcelona, que logo recuperarei.

— Seja. Na semana que vem partirás para o Norte.

O destino de Joan era uma zona de pequenas aldeias dedicadas à agricultura e à criação de gado, perdidas no interior de vales e montanhas, cujas gentes viam com temor a chegada do inquisidor. A presença dele não era nada de novo para aquela gente. Há mais de cem anos, quando Ramon de Penyafort recebera do Papa Inocêncio IV o encargo de se ocupar da Inquisição no reino de Aragão e no principado de Narbona, aquelas aldeias tinham sofrido os interrogatórios dos frades de negro. A maioria das doutrinas consideradas heréticas pela Igreja tinha vindo de França para a Catalunha: os cátaros e os valdenses, primeiro, os begardos, depois, e por fim os templários, perseguidos pelo rei francês. As zonas fronteiriças tinham sido as primeiras a receber as influências heréticas; naquelas terras se tinha condenado e executado os nobres: o visconde Arnau e a esposa Ermessenda; Ramon, senhor do Cadí, ou Guillem de Niort, regedor do conde Nuno Sanç na Sardenha e em Coflent, terras onde Joan deveria exercer o seu ministério.

— Excelência — foi a forma como o recebeu em mais uma daquelas aldeias uma comitiva dos principais próceres, e se inclinavam diante dele.

— Não sou excelência — respondeu Joan, mandando-os levantarem-se com gestos. — Chamai-me simplesmente frei Joan.

A sua curta experiência demonstrava que aquela cena se repetia sempre. A notícia da chegada do inquisidor, do escrivão que o acompanhava e de meia dúzia de soldados do Santo Ofício precedera-os. Encontravam-se na pequena praça da aldeia. Joan observou os quatro homens, que se recusavam a endireitar-se completamente: mantinham a cabeça curvada, estavam descobertos e eram incapazes de ficar quietos. Não havia mais ninguém na praça, mas Joan sabia que muitos olhos escondidos estavam postos nele. Tanto tinham assim a esconder?

Depois da recepção, viria o mesmo de sempre: dar-lhe-iam o melhor alojamento da aldeia, onde o esperaria uma mesa bem servida, demasiado bem servida para as possibilidades daquela gente.

— Só quero um pedaço de queijo, pão e água. Retirai tudo o resto e ocupai-vos de que os meus homens sejam atendidos — repetiu mais uma vez ao sentar-se à mesa.

Mais uma casa igual. Humilde e simples, mas construída em pedra, ao contrário das barracas de barro ou de madeira podre que se amontoavam naquelas aldeias. Uma mesa e várias cadeiras constituíam todo o mobiliário de uma sala que Se espalhava em redor da lareira.

— Sua excelência deve estar cansada.

Joan olhou para o queijo que tinha à sua frente. Tinham viajado durante várias horas, caminhando por trilhos pedregosos, aguentando o frio do amanhecer, com os pés enlameados e empapados pela geada. Por debaixo da mesa, coçou a dorida perna e o pé direito, cruzados sobre a perna esquerda.

— Não sou excelência — repetiu monotonamente — e também não estou cansado. Deus não quer saber de cansaços quando se trata de defender o Seu nome. Começaremos em breve, assim que eu tenha comido qualquer coisa. Ide reunir as pessoas na praça.

Antes de partir de Barcelona, Joan pedira em Santa Catarina o tratado escrito pelo Papa Gregório IX em 1231, e estudara o procedimento dos inquisidores itinerantes.

“Pecadores! Arrependei-vos!” Primeiro, o sermão ao povo. As pouco mais de setenta pessoas que se tinham juntado na praça baixaram os olhos para o chão assim que ouviram as primeiras

palavras. Os olhares do frade de negro paralisavam-nas. “O fogo eterno espera-vos!” Da primeira vez, duvidara da sua capacidade para se dirigir às pessoas, mas as palavras surgiam-lhe umas atrás das outras, com facilidade, com tanta mais facilidade quanto mais se apercebia do poder que exercia sobre aqueles camponeses aterrorizados. “Nenhum de vós se salvará! Deus não permite ovelhas negras no seu rebanho.” Tinham de se denunciar; tinham de fazer sair à luz a heresia. Essa era a sua função: encontrar o pecado que se cometia na intimidade, aquele de que só sabiam o vizinho, o amigo, a mulher...

“Deus sabe. Conhece-vos. Vigia-vos. Aquele que contempla impassível o pecado arderá no fogo eterno, porque é pior quem admite o pecado do que aquele que peca; o que peca pode encontrar o perdão, mas o que esconde o pecado...” Joan voltou a ficar em silêncio, por um momento que prolongava até que via como as pessoas se dobravam perante a sua ameaça: “... não encontrará o perdão.”

Medo. Fogo, dor, pecado, castigo... O monge de negro gritava e prolongava as suas diatribes até se apoderar dos espíritos, numa comunhão que começara a sentir logo no seu primeiro sermão.

— Tendes um período de graça de três dias — disse, por fim. — Todo aquele que se apresente voluntariamente para confessar as suas culpas será tratado com benevolência. Decorridos esses três dias... o castigo será exemplar. — Virou-se para o oficial: — Investiga aquela mulher loura, o homem que está descalço, e também aquele do cinturão preto. A rapariga com a criança... — Discretamente, Joan apontou para eles. — Se não se apresentarem voluntariamente, devereis trazê-los, juntamente com uns quantos mais escolhidos à sorte.

Durante os três dias, Joan ficou sentado à mesa, hierático, juntamente com um escrivão e alguns soldados que não paravam de mudar de posição enquanto, lenta e silenciosamente, as horas passavam.

Apenas quatro pessoas apareceram para quebrar o tédio: dois homens que tinham falhado com a obrigação de assistir a missa, uma mulher que tinha desobedecido por várias vezes ao marido, e

um rapazinho que assomou a cabeça, com os olhos enormes, através da porta.

Alguém o empurrou pelas costas, mas o rapazinho recusou-se a entrar e ficou com metade do corpo fora e metade dentro.

— Entra, rapaz — disselhe joan.

O rapazinho retrocedeu, mas uma mão voltou a empurrá-lo para dentro e fechou a porta.

— Que idade tens? — perguntou Joan.

O rapazinho olhou para os soldados, para o escrivão que já estava embrenhado no seu labor, e para Joan.

— Nove anos — gaguejou.

— Como te chamas?

— Alfons.

— Aproxima-te, Alfons. Que queres dizer-nos?

— Que... Que há dois meses apanhei feijões da horta do meu vizinho.

— Apanhaste?

— Roubei — ouviu-se tenuemente.

Joan levantou-se da enxerga e acendeu a candeia. Havia várias horas que a aldeia já ficara em silêncio, as mesmas que ele próprio passara a tentar conciliar o sono. Fechava os olhos e adormecia, mas uma lágrima que caía pela cara de Arnau voltava a acordá-lo. Precisava de luz. Tentava de novo, uma e outra vez, mas acabava sempre por se levantar, as vezes violentamente, outras transpirando, e outra devagarinho, sopesando as recordações que o impediam de dormir.

Precisava de luz. Comprovou que ainda havia azeite na candeia.

O rosto triste de Arnau apareceu-lhe nas sombras.

Tornou a deixar-se cair na enxerga. Fazia frio. Fazia sempre frio. Observou por uns segundos o bruxulear da chama e as sombras que se moviam ao seu compasso. A única janela do quarto não tinha portadas e o ar passava por ela. “Todos dançamos alguma dança; a minha...”

Encolheu-se debaixo das mantas e obrigou-se a fechar os olhos.

Porque não amanhecia logo? Mais um dia que teria passado, dos três de graça.

Joan caiu num sono leve e, ao fim de pouco mais de meia hora, tornou a acordar, transpirado. A candeia continuava a arder. As sombras continuavam a dançar. A aldeia continuava em silêncio. Porque não amanhecia?

Enrolou-se nas mantas e aproximou-se da janela.

Mais uma aldeia. Mais uma noite à espera que amanhecesse.

Que chegasse o dia seguinte...

De manhã, um grupo de cidadãos escoltados pelos soldados fazia fila em frente à casa.

Disse chamar-se Peregrina. Joan fingiu não prestar a menor atenção à mulher loura que entrara em quarto lugar. Não obtivera nada dos três primeiros. Peregrina permaneceu de pé em frente à mesa a que estavam sentados Joan e o escrivão. O fogo crepitava na lareira. Mais ninguém os acompanhava. Os soldados permaneciam no exterior da casa. De repente, Joan levantou os olhos. A mulher tremeu.

— Tu sabes de alguma coisa, não é verdade, Peregrina?

Deus vigia-nos — afirmou Joan. Peregrina anuiu com os olhos fixos no chão de terra da casa. — Olha para mim.

Preciso que olhes para mim. Por acaso queres arder no fogo eterno? Olha para mim. Tens filhos?

A mulher levantou o olhar, lentamente.

— Sim, mas... — balbuciou.

— Mas não são eles os pecadores — interrompeu-a Joan. — Quem é, então, Peregrina? — a mulher hesitou. —. Quem é, Peregrina?

— Blasfema — afirmou.

— Quem blasfema, Peregrina?

O escrivão preparou-se para anotar.

— Ela... — Joan esperou em silêncio. Já não havia saída. — Ouço-a blasfemar quando se zanga... — Peregrina voltou a dirigir os olhos para o chão. — A irmã do meu marido, Marta. Diz coisas terríveis quando se zanga.

O raspar da pena do escrivão elevou-se acima de qualquer outro som.

— Mais alguma coisa, Peregrina?

Desta vez, a mulher ergueu a cabeça com tranquilidade.

— Nada mais.

— De certeza?

— Juro-vos. Tendes de acreditar em mim.

Apenas se enganara no caso do homem do cinturão preto. O homem descalço denunciara dois pastores que não guardavam a abstinência: afirmara tê-los visto a comer carne na Quaresma. A rapariga com a criança, viúva precoce, fez o mesmo com o seu vizinho, um homem casado que não parava de lhe fazer propostas desonestas... Que lhe tinha até acariciado um seio.

— E tu deixaste? — perguntara-lhe Joan. — Sentiste prazer?

A rapariga desatou a chorar.

— Aproveitaste-te? — insistiu Joan.

— Tínhamos fome — soluçou, mostrando a criança.

O escrivão tomou nota do nome da rapariga. Joan fixou o olhar nela. E que te deu ele?, pensou. Uma côdea de pão seca? É isso que vale a tua honra?

— Confessa! — sentenciou Joan, apontando para ela. Outras duas pessoas tinham denunciado outros tantos vizinhos. Hereges, tinham garantido.

— Certas noites, acordo a ouvir barulhos estranhos e vejo luzes lá em casa — disse um. — São adoradores do demónio.

Que te terá feito o teu vizinho para que o denuncies?, pensou Joan. Sabes bem que ele nunca saberá o nome do seu delator. Que ganharás tu se eu o condenar? Talvez um pedaço de terra?

— Como se chama o teu vizinho?

— É Anton, o padeiro.

O escrivão anotou o nome.

Quando Joan deu por terminado o interrogatório, já tinha anoitecido; fez entrar o oficial e o escrivão e ditou-lhes os nomes daqueles que deveriam comparecer perante a Inquisição no dia seguinte, ao amanhecer, assim que o Sol despontasse.

De novo o silêncio da noite, o frio, o bruxulear da chama... e as recordações. Joan tornou a levantar-se.

Uma blasfema, um libidinoso e um adorador do demónio. “Quando amanhecer sereis meus”, rosnou. Seria verdade, a história do adorador? Muitas tinham sido até aí as denúncias semelhantes a

essa, mas apenas uma tinha tido fundamento. Seria verdade desta vez? Como poderia demonstrar isso?

Sentiu-se cansado e voltou para a enxerga para fechar os olhos. Um adorador do demónio...

— Juras pelos quatro Evangelhos? — perguntou Joan quando a luz começava a entrar pela janela do piso térreo da casa. O homem fez que sim.

— Sei que pecaste — afirmou Joan.

Rodeado por dois soldados de pé, o homem que tinha comprado um segundo de prazer à viúva jovem empalideceu. Gotas de suor começaram a humedecer-lhe a fronte.

— Como te chamas? — "Gaspar", ouviu responder. — Sei que pecaste, Gaspar — repetiu Joan. O homem balbuciou:

— Eu... Eu...

— Confessa — Joan elevou o tom de voz.

— Eu...

— Açoitem-no até que confesse! — Joan levantou-se e bateu na mesa com ambas as mãos.

Um dos soldados levou a mão ao cinto, de onde pendia um chicote de couro. O homem caiu de joelhos diante da mesa de Joan e do escrivão.

— Não! Peço-vos! Não me açoiteis.

— Confessa.

O soldado, com o chicote ainda enrolado, bateu-lhe nas costas.

— Confessa! — gritou Joan.

— Eu... Eu não tenho culpa. É essa mulher. Enfeitiçou-me. — O homem falava atabalhoadamente. — O marido já não a possui. — Joan não se mexeu. — E procura-me, persegue-me. Só o fizemos umas quantas vezes, mas... Mas não voltarei a fazê-lo. Não voltarei a vê-la. Juro-vos.

— Fornicaste com ela?

— Sim... Sim.

— Quantas vezes?

— Não sei...

— Quatro, cinco... Dez?

— Quatro. Sim. É isso. Quatro vezes.

— Como se chama essa mulher?

O escrivão tomou nota outra vez.

— Que mais pecados cometeste?

— Não... Nenhum mais, juro-vos.

— Não jures em vão — Joan arrastou as palavras. — Açoitai-o.

Ao fim de dez chicotadas, o homem confessou que tinha fornicado com aquela mulher e com várias prostitutas quando ia ao mercado de Puigcerdà; além disso, tinha blasfemado, mentido e cometido uma infinidade de pequenos pecados. Outras cinco chicotadas foram o bastante para que se lembrasse da jovem viúva.

— Confesso — sentenciou Joan —, amanhã, na praça, deverás comparecer para o sermo generalis em que te será comunicado o teu castigo.

O homem nem sequer teve tempo para protestar. De joelhos, foi arrastado pelos soldados para o exterior da casa.

Marta, a cunhada de Peregrina, confessou sem necessidade de ameaças de maior, e, depois de a convocar para o dia seguinte, Joan fez um sinal ao escrivão com os olhos.

— Trazei Anton Sinom — ordenou este ao oficial depois de ler a lista.

Assim que viu entrar o adorador do demónio, Joan endireitou-se na dura cadeira de madeira. O nariz de águia daquele homem, a testa alta e os seus olhos escuros...

Queria ouvir a voz dele.

— Juras pelos quatro Evangelhos?

— Sim.

— Como te chamas? — perguntou-lhe, antes mesmo do homem se colocar diante dele.

— Anton Sinom

Aquele homem pequeno, um pouco encurvado, respondeu à pergunta abatido, entre os dois soldados que o acompanhavam, com um trejeito de resignação que não passou despercebido ao inquisidor.

— Sempre te chamaste assim?

Anton Sinom hesitou. Joan esperou pela resposta.

— Aqui, toda a gente me conheceu sempre por esse nome — disse por fim.

— E fora daqui?

— Fora daqui tinha outro nome.

Joan e Anton olharam-se. Em momento algum o homenzinho tinha baixado os olhos.

— Um nome cristão, talvez?

Anton negou com a cabeça. Joan reprimiu um sorriso. Como começar? Dizendo-lhe que sabia que ele tinha pecado? Aquele judeu convertido não entraria nesse jogo. Ninguém na aldeia o tinha descoberto; caso contrário mais do que um já o teria denunciado, como era costume acontecer aos convertidos. Devia ser inteligente, este Sinom. Joan observou durante alguns segundos enquanto se perguntava que esconderia aquele homem. Porque iluminava a sua casa durante a noite?

Joan levantou-se e saiu do edifício; nem o escrivão nem os soldados se mexeram. Quando fechou a porta atrás de si, os curiosos que se apinhavam em frente à casa ficaram paralisados. Joan ignorou-os a todos e dirigiu-se ao oficial.

— Estão por aqui os familiares daquele que está lá dentro?

O oficial apontou-lhe para uma mulher e dois rapazes que olhavam para ele. Havia qualquer coisa...

— A que se dedica esse homem? Como é a casa dele? Que fez quando o citastes para comparecer perante o tribunal?

— É padeiro — respondeu o oficial. — Tem a loja por debaixo da casa. A casa... É normal, limpa. Não falámos com ele para o citar; falámos com a mulher.

— Não estava na padaria?

— Não.

— Fostes logo ao amanhecer, como vos mandei?

— Sim, frei Joan.

“Certas noites acorda-me...” O vizinho dissera “acorda-me”. Um padeiro... Um padeiro levanta-se antes do amanhecer. “Não dormes, Sinom? Se tens de te levantar ao amanhecer...” Joan voltou a olhar para a família do convertido, um pouco afastada dos restantes curiosos. Passeou em círculos por alguns instantes. De repente, tornou a entrar na casa; o escrivão, os soldados e o convertido não se tinham mexido de onde os tinha deixado.

Joan aproximou-se do homem até que os rostos de ambos quase se tocaram; depois, sentou-se no seu lugar.

— Dispam-no — mandou aos soldados.

— Sou circuncidado. Já o reconheci...

— Dispam-no!

Os soldados viraram-se para Sinom e, antes de se lançarem sobre ele, o olhar que o convertido dirigiu a Joan convenceu-o de que tinha razão.

— E agora — disselhe quando o homem ficou totalmente nu —, que tens a dizer-me?

O Convertido tentou manter a compostura o melhor que pôde.

— Não sei a que te referes — respondeu-lhe ele.

— Refiro-me — Joan baixou a voz e rosnou cada uma das suas palavras — a que o teu rosto e o teu pescoço estão sujos, mas onde começa o teu peito a tua pele está imaculadamente limpa. Refiro-me a que as tuas mãos e os teus pulsos estão sujos, mas os teus braços estão impolutos. Refiro-me a que os teus pés e os teus tornozelos estão sujos, mas as tuas pernas estão limpas.

— Sujidade onde não há roupa, limpeza onde a há — alegou Sinom.

— Nem sequer farinha, padeiro? Pretendes dizer-me que a roupa de um padeiro o protege da farinha? Pretendes fazer-me acreditar que no forno trabalhas com a mesma roupa com que recebes o Inverno? Onde está a farinha dos teus braços? Hoje é segunda-feira, Sinom. Santificaste a festa de Deus?

— Sim.

Joan bateu na mesa com o punho ao mesmo tempo que se levantava.

— Mas também te purificaste de acordo com os teus ritos hereges — gritou, apontando para ele.

— Não — gemeu Sinom.

— Veremos, Sinom, veremos. Encarcerem-no e tragam-me a mulher e os filhos.

— Não! — suplicou Sinom quando os soldados já o arrastavam pelas axilas para o sótão. — Eles nada têm que ver com isto…

— Alto! — mandou Joan. Os soldados detiveram-se e viraram o convertido para o inquisidor. — Com que é que nada têm a ver, Sinom? Com quê?

Sinom confessou, tentando assim ilibar a sua família. Quando terminou, Joan ordenou a detenção dele e da família. Depois, fez que lhe trouxessem à sua presença os restantes acusados.

Ainda não tinha amanhecido quando Joan desceu à praça.

— Ele não dorme? — perguntou um dos soldados, entre dois bocejos.

— Não — respondeu outro. — Ouvem-no muitas vezes a andar de um lado para o outro durante a noite.

Os dois soldados observavam Joan, que ultimava os preparativos para o sermão final. Hábito preto, puído, sujo, enxovalhado, parecia negar-se a acompanhar os seus movimentos.

— Pois se não dorme e também não come… — comentou o primeiro.

— Vive do ódio — interveio o oficial, que escutara a conversa.

O povo começou a comparecer assim que despontou a primeira luz do dia. OS acusados na primeira linha, separados dos restantes e escoltados pelos soldados; entre eles, Alfons, o rapazinho de nove anos.

Joan deu início ao auto-de-fé e as autoridades da aldeia aproximaram-se para prestar o voto de obediência à Inquisição e jurar o cumprimento das penas impostas. O frade começou a ler as acusações e as penas. Os que tinham comparecido durante o período de graça receberam castigos mais leves: peregrinar até à catedral de Gerona. Alfons foi condenado a ajudar gratuitamente, um dia por semana durante um mês, o vizinho a quem tinha roubado. Quando leu a acusação de Gaspar, um grito interrompeu-lhe o discurso:

— Rameira! — Um homem lançou-se sobre a mulher que se tinha deitado com Gaspar. Os soldados acudiram a defendê-la.

— Era então esse o pecado que querias contar-me? — continuou o homem a gritar, por detrás dos soldados.

Quando o marido ofendido se calou, Joan ditou a sentença:

— Todos os domingos, durante três anos, vestindo um sambenito, permanecerás de joelhos em frente à igreja, desde o nascer do Sol até que se ponha. E quanto a ti... — começou a dirigir-se para a mulher.

— Reclamo o direito de a castigar! — gritou o marido.

Joan olhou para a mulher. “Tens filhos?”, esteve quase a perguntar-lhe. Que mal tinham feito os filhos para serem obrigados a falar com a mãe empoleirados numa caixa, através de uma pequena janela, com o único consolo de uma carícia de uma mão no cabelo? Mas aquele homem tinha o direito...

— Quanto a ti — repetiu —, entrego-te às autoridades seculares, que tratarão de que se cumpra a lei catalã, a expensas do teu marido.

Joan continuou a acusar e a impor penas.

— Anton Sinom. Tu e a tua família são colocados à disposição do inquisidor-mor.

— Em marcha — comandou Joan assim que teve todos os seus escassos pertences acomodados sobre uma mula.

O dominicano despediu-se daquela aldeia com o olhar, ouvindo as suas próprias palavras, que ainda ecoavam na pequena praça: nesse mesmo dia chegariam a outra aldeia, a depois a outra, e a outra ainda. “E as gentes de todas elas”, pensou “olharão para mim e ouvir-me-ão aterrorizadas. E depois denunciar-se-ão entre si e virão à luz os seus pecados. E eu terei de investigá-los, terei de interpretar os seus movimentos, as suas expressões, os seus silêncios, os seus sentimentos, para encontrar o pecado.”

— Apressai-vos, oficial. Quero chegar antes do meio-dia.

QUARTA PARTE

SERVOS DO DESTINO

CAPÍTULO 46

Páscoa de 1367
Barcelona

Arnau continuava ajoelhado diante da sua Virgem de la Mar enquanto os sacerdotes celebravam os ofícios da Páscoa. Com Elionor, entrara em Santa Maria; a igreja estava cheia, a transbordar, mas as pessoas afastaram-se para que ele pudesse chegar à primeira fila. Reconhecia os sorrisos de cada um: aquele tinha-lhe pedido um empréstimo para a sua nova barca; aquele outro tinha-lhe entregue as suas poupanças; outro tinha pedido um empréstimo para o dote da filha; aquele ainda não tinha devolvido o combinado. Este último tinha os olhos caídos no chão. Arnau parou junto dele e, para desespero de Elionor, ofereceu-lhe a mão.

— Que a paz esteja contigo — disselhe.

Os olhos do homem iluminaram-se e Arnau continuou o percurso até ao altar-mor. Aquilo era tudo o que tinha, dizia ele à Virgem: gente humilde que gostava dele em troca de ajuda. Joan andava a perseguir o pecado, e de Guillem nada sabia. Quanto a Mar, que dizer dela?

Elionor bateu-lhe no tornozelo e, quando Arnau olhou para ela, instou-o, por gestos, a que se levantasse. “Por acaso já alguma vez viste um nobre que permaneça ajoelhado tanto tempo como tu?”, recriminara-o Elionor por diversas vezes. Arnau não fez caso dela, mas Elionor tornou a bater-lhe no tornozelo.

“É isto o que tenho, mãe. Uma mulher que se preocupa mais com as aparências que qualquer outra coisa, excepto de que eu faça dela mãe. Deveria fazê-lo? Só quer um herdeiro, só quer um filho que lhe garanta o futuro.” Elionor bateu-lhe outra vez no tornozelo. Quando se virou de novo para ela, a esposa indicou-lhe com os olhos os outros nobres que se encontravam em Santa

Maria. Alguns estavam de pé, mas a maior parte estava sentada; só Arnau continuava de joelhos.

— Sacrilégio!

O grito ecoou por toda a igreja. Os sacerdotes calaram-se, Arnau levantou-se e todos se viraram para a entrada principal de Santa Maria.

— Sacrilégio! — voltou a ouvir-se.

Vários homens abriram caminho até ao altar-mor aos gritos de sacrilégio, heresia, demónios... e judeus! Iam para falar com os sacerdotes, mas um deles dirigiu-se a todos:

— Os judeus profanaram a hóstia sagrada! — gritou. Um rumor elevou-se por entre o povo.

— Não lhes bastou terem morto Jesus Cristo — voltou a exclamar o primeiro do altar —, também querem profanar o corpo Dele.

O rumor inicial transformou-se numa gritaria. Arnau virou-se para as pessoas, mas o seu olhar deu com o de Elionor.

— Os teus amigos judeus — disselhe esta.

Arnau sabia a que se referia a sua mulher. Desde o casamento de Mar, era-lhe insuportável estar em casa, e muitas tardes ia ver o seu amigo Hasdai Crescas, e por lá ficava, conversando com ele até muito tarde. Antes que Arnau pudesse responder a Elionor, os nobres e os próceres que os acompanhavam nos ofícios juntaram-se aos comentários e discutiam entre si:

— Querem continuar a fazer sofrer Cristo depois de morto — disse um deles.

— A lei obriga-os a manterem-se em suas casas durante a Páscoa, com as janelas e as portas fechadas; como teriam eles podido? — perguntou um ao lado de Arnau.

— Devem ter-se escapulido — afirmou outro.

— E as crianças? — interveio outro. — Por certo que também hão-de ter raptado alguma criança cristã para a crucificarem e lhe comerem o coração...

— E para lhe beberem o sangue — ouviu-se dizer a alguém.

Arnau não conseguia desviar os olhos daquele grupo de nobres enfurecidos. Como podiam... O olhar voltou a cruzar-se com o de Elionor. Sorria.

— Os teus amigos — repetiu a mulher com escárnio.

Naquele momento, toda a igreja de Santa Maria começou a clamar por vingança. “Para a judiaria!”, incitaram-se uns aos outros, aos gritos de hereges e sacrílegos. Arnau viu como se lançavam para a saída da igreja. Os nobres ficaram para trás.

— Se não te apressas — ouviu Elionor dizer-lhe —, ficarás fora da judiaria.

Arnau virou-se para a sua mulher; depois, virou-se para a Virgem. A gritaria começava a perder-se pela Rua de la Mar.

— Porquê tanto ódio, Elionor? Por acaso não tens tudo quanto desejas?

— Não, Arnau. Sabes bem que não tenho o que desejo e talvez seja isso o que entregas aos teus amigos judeus.

— A que te estás a referir, mulher?

— A ti, Arnau, a ti. Bem sabes que nunca cumpriste com as tuas obrigações conjugais.

Durante alguns instantes, Arnau recordou as numerosas ocasiões em que tinha rechaçado ao avanços dela; primeiro, com delicadeza, tentando não a ofender; depois, com brusquidão, sem contemplações.

— O rei obrigou-me a casar contigo, mas nada disse quanto a satisfazer as tuas necessidades — atirou-lhe.

— O rei, não — respondeu ela —, mas a Igreja, sim.

— Nem Deus me poderá obrigar a deitar-me contigo!

Elionor encaixou as palavras do marido com o olhar fixo nele; depois, muito lentamente, virou a cabeça para o altar-mor. Tinham ficado sós em Santa Maria... à excepção de três sacerdotes que permaneciam em silêncio, ouvindo a discussão sobre o casamento. Arnau também se virou para os sacerdotes. Quando os esposos voltaram a cruzar o olhar, Elionor fechou os olhos.

Nada mais disse. Arnau virou-lhe as costas e encaminhou-se para a saída de Santa Maria.

— Vai ter com a tua amante judia — ouviu Elionor gritar-lhe atrás de si.

Um calafrio percorreu a espinha de Arnau.

Nesse ano, voltara a ocupar o cargo de cônsul de la Mar. Vestido de gala, encaminhou-se para a judiaria; os gritos da multidão

cresciam à medida que percorria a Rua de la Mar, a Praça do Blat, a Calçada de la Preso, para chegar à igreja de Sant Jaume. O povo clamava por vingança e apinhava-se diante dos portões defendidos por soldados do rei. Apesar do tumulto, Arnau abriu caminho com relativa facilidade.

— Não se pode entrar na judiaria, mui honrado cônsul — disselhe o oficial da guarda. — Estamos à espera de ordens do lugar-tenente real, o infante D. Juan, filho de Pedro III.

E chegaram as ordens. Na manhã seguinte, o infante D. Juan ordenou a reclusão de todos os judeus de Barcelona na sinagoga maior, sem água nem comida, até que aparecessem os culpados da profanação da hóstia.

— Cinco mil pessoas — resmungou Arnau no seu escritório da câmara de comércio quando lhe comunicaram a notícia. — Cinco mil pessoas amontoadas na sinagoga sem água nem comida! Que será das crianças, dos recém-nascidos? Que espera o infante? Que imbecil pode esperar que um judeu se declare culpado de profanação da hóstia? Que estúpido pode esperar que alguém se condene a si próprio à morte?

Arnau bateu na mesa do seu escritório e levantou-se. O bedel que lhe tinha trazido a notícia sobressaltou-se.

— Avisa a guarda — mandou Arnau.

O mui honrado cônsul de la Mar percorreu a cidade apressadamente, acompanhado por meia dúzia de missatges armados. As portas da judiaria, ainda vigiadas por soldados do rei, estavam abertas de par em par; em frente a elas, a multidão desaparecera, mas havia ainda pouco mais de uma centena de curiosos que tentavam penetrar no interior, apesar dos empurrões que os soldados distribuíam.

— Quem está no comando? — perguntou Arnau ao oficial da porta.

— O regedor está lá dentro — apontou o oficial.

— Avisem-no.

O regedor não tardou a aparecer.

— Que desejas, Arnau? — perguntou-lhe, estendendo-lhe a mão.

— Desejo falar com os judeus.

— O infante mandou…

— Eu sei — interrompeu-o Arnau. — Por isso mesmo tenho de falar com eles. Tenho muitos procedimentos em curso que afectam judeus. Preciso de falar com eles.

— Mas o infante…— começou a dizer o regedor.

— infante vive das alfamas! Doze mil soldos anuais que têm de lhe pagar, por disposição do rei — o regedor anuiu. — O infante terá interesse em que apareçam os culpados da profanação, mas não tenhas dúvidas de que também terá interesse em que os assuntos comerciais dos judeus sigam o seu curso; caso contrário… Tens de ter em conta que a judiaria de Barcelona é a que mais contribui para esses doze mil soldos anuais.

O regedor não duvidava disso e cedeu passagem a Arnau e à sua comitiva.

— Estão na sinagoga maior — disselhe, enquanto se punha ao lado dele.

— Bem sei, bem sei.

Apesar de todos os judeus estarem aprisionados, o interior da alfama era um formigueiro. Sem parar de andar, Arnau viu como um enxame de frades negros se dedicava a inspeccionar todas e cada uma das casas dos judeus, em busca da hóstia sangrante.

Ás portas da sinagoga, Arnau deu com outra guarda real.

— Venho falar com Hasdai Crescas.

O oficial de comando tentou opor-se, mas o oficial que os acompanhava fez um gesto afirmativo. Enquanto esperava a saída de Hasdai, Arnau virou-se para a judiaria. As casas, todas com as portas abertas de par em par, ofereciam um espectáculo deplorável — os frades entravam e saíam, frequentemente com objectos, que mostravam a outros frades, os quais os examinavam e depois negavam com a cabeça, para depois os atirarem para o chão, já pejado de haveres dos judeus. Quem são os profanadores?, pensou Arnau.

— Honrado — ouviu dizerem-lhe atrás dele.

Arnau virou-se e deu com Hasdai. Durante uns segundos, observou aqueles olhos que choravam pelo saque a que a sua intimidade estava a ser submetida. Arnau ordenou a todos os

soldados que se afastassem de ambos. Os misstages obedeceram, mas os soldados do rei continuaram perto deles.

— Interessam-vos, por acaso, os assuntos do Consulado de la Mar? — perguntou-lhes Arnau. — Retirai-vos para juntos dos meus homens. Os assuntos do Consulado são secretos.

Os soldados obedeceram, de má vontade. Arnau e Hasdai olharam-se.

— Gostaria de poder dar-te um abraço — disse Arnau quando já ninguém podia ouvi-los.

— Não podemos.

— Como estão?

— Mal, Arnau. A nós, velhos, pouco nos importa, e os jovens aguentarão. Mas as crianças estão há horas sem comer nem beber. Há vários recém-nascidos; quando se acabar o leite das mães… Só estamos ali há algumas horas, mas as necessidades do corpo...

— Posso ajudar-vos?

— Tentamos negociar, mas o regedor não quer atender-nos. Bem sabes que só há uma maneira: compra a nossa liberdade.

— Quanto poderei ter de...

O olhar de Hasdai impediu-o de continuar. Quanto valia a vida de cinco mil judeus?

— Confio em ti, Arnau. A minha comunidade está em perigo.

Arnau estendeu-lhe a mão.

— Confiamos em ti — repetiu Hasdai, aceitando a despedida de Arnau.

Arnau voltou a circular por entre os frades negros. Teriam encontrado a hóstia que sangra? Os objectos, incluindo agora os móveis, continuavam a amontoar-se nas ruas da judiaria. Cumprimentou o regedor à saída. Nessa mesma tarde, iria pedir-lhe audiência, mas... Quanto deveria oferecer-se pela vida de um homem? E pelas de toda uma comunidade? Arnau já tinha negociado com todo o tipo de mercadorias — tecidos, especiarias, cereais, animais, navios, ouro e prata

— conhecia o preço dos escravos, mas... Quanto valia um amigo?

Arnau saiu da judiaria, virou à esquerda e meteu pela Rua de Banys Nous; atravessou a Praça do Bota e, quando se encontrava

na Rua Carders, perto da esquina com a Rua de Monteada, onde ficava a sua casa, parou de repente. Para quê? Para se encontrar com Elionor? Deu meia-volta para regressar à Rua de la Mar e ir para a sua mesa de câmbios. Desde o dia em que consentira no casamento de Mar... Desde esse dia que Elionor o tinha perseguido sem descanso. Primeiro, insinuando-se. Ela, que nunca até então o tinha tratado por “querido”! Nunca se preocupara com os negócios dele, ou com o que ele comia, ou simplesmente com saber como ele estava. Quando essa táctica falhara, Elionor decidira atacar de frente. “Sou uma mulher”, dissera-lhe, um dia. Não lhe agradara decerto o olhar com que Arnau lhe respondera, porque nada mais dissera... Até alguns dias depois: “Temos de consumar o nosso matrimónio; estamos a viver em pecado.”

— Desde quando te interessas tanto pela minha salvação? — respondera Arnau.

Elionor não cessara de insistir, apesar do desinteresse do marido, e por fim decidira falar com o padre Juli Andreu, um dos sacerdotes de Santa Maria, para lhe expor o assunto. Esse sim, tinha interesse na salvação dos fiéis, entre os quais Arnau se contava como um dos mais queridos. Perante o cura, Arnau não poderia recusar-se como fazia com Elionor.

— Não posso, padre — respondera Arnau, quando o sacerdote o abordara um dia em Santa Maria.

Era verdade. Logo após a entrega de Mar ao cavaleiro de Ponts, Arnau tentara esquecer a rapariga e, porque não?, criar a sua própria família. Ficara só. Todas as pessoas a quem amava tinham desaparecido da sua vida. Podia ter filhos, brincar com eles, dedicar-se e encontrar neles esse algo que lhe faltava, e tudo isso só poderia obter com Elionor. Mas quando a via aproximar-se dele, perseguindo-o pelas salas do palácio, ou quando ouvia a voz dela, falsa, forçada, tão diferente da voz com quem tinha convivido até então, todas as suas disposições se iam abaixo.

— Que queres dizer, meu filho? — perguntara o sacerdote.

— O rei obrigou-me a casar com Elionor, padre, mas nunca me perguntou se gostava da sua pupila.

— A baronesa...

— A baronesa não me atrai, padre. O meu corpo nega-se.

— Posso recomendar-te um bom médico...

Arnau sorriu.

— Não, padre, não. Não se trata disso. Fisicamente, estou bem; é simplesmente...

— Então, deveis esforçar-vos por cumprir com as vossas obrigações matrimoniais. Nosso Senhor espera...

Arnau aguentou o sermão do cura até que imaginou Elionor a contar-lhe mil e uma histórias. Que teria ele julgado?

— Olhai, padre — interrompera-o. — Eu não posso obrigar o meu corpo a desejar uma mulher que não desejo — O sacerdote fez um gesto, tentando interromper, mas Arnau impediu-o com outro gesto. — Jurei que seria fiel à minha mulher, e isso tenho feito: ninguém pode acusar-me do contrário. Venho rezar com muita frequência e dou muito dinheiro a Santa Maria. Dá-me a impressão de que, contribuindo para erguer este templo, expio as debilidades do meu corpo.

O cura parou de esfregar as mãos.

— Filho...

— Que vos parece, padre?

O sacerdote procurou então nos seus escassos fundamentos de teologia algo para rebater todos os argumentos que ele empregara. Não fora capaz, e por fim desapareceu com passos rápidos por entre os operários de Santa Maria. Quando Arnau ficou sozinho, foi em busca da sua Virgem e ajoelhou-se:

— Só penso nela, mãe. Porque me deixaste entregá-la ao senhor de Ponts?

Não voltara a ver Mar desde o casamento desta com Felip de Ponts. Quando este morreu, poucos meses depois da cerimónia, tentou aproximar-se da viúva, mas Mar não quis recebê-lo. “Talvez seja melhor assim”, disse Arnau para si mesmo. O juramento diante da Virgem acorrentava-o agora mais do que nunca: estava condenado a ser fiel a uma mulher que não amava e a quem não poderia amar. E a renunciar à única pessoa com quem poderia ser feliz...

— Encontraram a hóstia? — perguntou Arnau ao regedor, sentados diante um do outro no palácio que dava para a Praça do Blat.

— Não — respondeu o regedor.

— Estive a falar com os conselheiros da cidade — disselhe Arnau —, e concordam comigo. O encarceramento de toda a comunidade judaica pode afectar muito seriamente os interesses comerciais de Barcelona. Acabamos de começar a temporada de navegação. Se te aproximares do porto, verás alguns navios à espera para partirem. Levam comandas de judeus; ou as descarregam, ou deverão esperar os comerciantes que as acompanham. O problema é que nem toda a carga é dos judeus; também há mercadorias de cristãos.

— Porque não as descarregam?

— Isso subiria o preço do transporte das mercadorias dos cristãos.

O regedor abriu as mãos, num gesto de impotência.

— Juntem as dos judeus nuns navios, e as dos cristãos noutros — apontou por fim, como solução.

Arnau abanou a cabeça.

— Não pode ser. Nem todos os navios têm o mesmo destino. Sabes que a temporada de navegação é curta. Se os barcos não zarpam, atrasar-se-á o comércio e não poderão regressar a tempo; perderão uma viagem e isso encarecerá o preço das mercadorias. Todos perderemos dinheiro. — Incluindo tu, pensou Arnau. — Por outro lado, a espera dos barcos no porto de Barcelona é perigosa: se houver algum temporal...

— E que propões tu?

“Que os soltem a todos. Que mandem os frades parar de registar os lares deles. Que lhes devolvam os seus haveres.., que...”

— Multem a judiaria.

— O povo exige culpados e o infante comprometeu-se a encontrá-los. A profanação de uma hóstia...

— A profanação de uma hóstia — interrompeu-o Arnau — será mais cara do que qualquer outro delito. — Para quê discutir? Os judeus já tinham sido julgados e condenados, aparecesse ou não a hóstia que sangra. A dúvida levou o regedor a franzir o sobrolho. — Porque não tentas? Se o conseguirmos, serão os judeus a pagar, e apenas eles. Caso contrário, será um mau ano para o comércio, e pagaremos todos.

Rodeado de operários, de ruído e de pó, Arnau levantou os olhos para a pedra de chave que fechava a segunda das quatro abóbadas da nave central de Santa Maria, a última que se tinha construído. Na grande pedra de chave estava representada a Anunciação, com a Virgem ajoelhada, coberta por uma capa vermelha bordada a ouro, enquanto recebia a notícia da sua próxima maternidade da boca de um anjo. As cores vivas, vermelhos e azuis, mas sobretudo os dourados, captaram o olhar de Arnau. Bonita cena. O regedor sopesara os argumentos de Arnau e finalmente cedera.

Vinte e cinco mil libras e quinze culpados! Aquela foi a resposta que o regedor lhe deu no dia seguinte, depois de consultar a corte do infante D. Juan.

— Quinze culpados? Querem executar quinze pessoas por causa da insídia de quatro loucos?

O regedor bateu com o punho na mesa.

— Esses loucos são a Santa Igreja Católica.

— Sabes bem que não — insistiu Arnau. Os dois homens entreolharam-se.

— Sem culpados — disse Arnau.

— Não será possível. O infante...

— Sem culpados! Vinte e cinco mil libras é uma fortuna.

Arnau tornou a sair do palácio do regedor sem destino fixo. Que haveria de dizer a Hasdai? Que quinze deles teriam de morrer? No entanto, não conseguia afastar da cabeça a imagem de cinco mil pessoas apinhadas numa sinagoga, sem água, sem comida...

— Quando terei uma resposta? — perguntou ao regedor.

— O infante está a caçar.

A caçar! Cinco mil pessoas aprisionadas por ordem sua, e ele tinha ido caçar. De Barcelona a Gerona, as terras do infante, duque de Gerona e de Cervera, não deviam ser mais do que umas três horas a cavalo, mas Arnau teve de esperar pelo dia seguinte, já bem avançado na tarde, para ser chamado pelo regedor.

— Trinta e cinco mil libras e cinco culpados.

Eram mil libras por judeu de diferença. Talvez seja este o preço de um homem, pensou Arnau.

— Quarenta mil, sem culpados.

— Não.

— Irei ao rei.

— Sabes bem que o rei já tem problemas suficientes com a guerra contra Castela para se vir indispor com o próprio filho e lugar-tenente. Para alguma coisa o nomeou.

— Quarenta e cinco mil, mas sem culpados.

— Não, Arnau, não...

— Consulta-o! — rebentou Arnau. — Peço-te — rectificou.

O fedor que emanava da sinagoga atingiu Arnau quando ainda estava a vários metros dela. As ruas da judiaria estavam ainda piores e os móveis e objectos dos judeus amontoavam-se por toda a parte. No interior das casas ecoavam os batuques dos frades negros que arrasavam paredes e levantavam chãos em busca do corpo a sangrar de Cristo. Arnau teve de se esforçar para aparentar serenidade quando se encontrou com Hasdai, desta vez acompanhado por dois rabinos e outros dois chefes da comunidade. Tinha os olhos a arder. Seriam os eflúvios de urina que vinham do interior da sinagoga, ou simplesmente as notícias que tinha de lhes dar?

Durante alguns instantes, com um sem-número de gemidos em fundo por companhia, Arnau observou aqueles homens que tentavam renovar o ar dos seus pulmões; como seria lá dentro? Todos olharam de lado para o espectáculo que as ruas da judiaria proporcionavam, e a forte respiração de cada um deles viu-se momentaneamente entrecortada.

— Exigem culpados — disse Arnau quando os cinco homens recuperaram. — Começámos por quinze. Vamos em cinco e espero...

— Não podemos esperar, Arnau Estanyol — interrompeu-o um dos rabinos. — Hoje morreu um idoso; estava doente, mas os nossos médicos nada puderam fazer por ele, nem sequer molhar-lhe os lábios. Não nos deixam enterrá-lo. Percebes o que isso significa? — Arnau confirmou com um gesto. — Amanhã, o fedor do seu corpo em decomposição juntar-se-á aos...

— Na sinagoga — interrompeu-o Hasdai —, não nos podemos sequer mexer; as pessoas... as pessoas não se podem sequer levantar para fazerem as suas necessidades. As mães já não têm leite; deram de mamar aos seus recém-nascidos e às outras

crianças, para lhes matar a sede. Se esperamos muitos dias mais, cinco culpados serão um pequeno pormenor.

— Mais quarenta e cinco mil libras — acrescentou Arnau.

— Que nos importa o dinheiro, se podemos morrer aqui todos? — interveio o outro rabino.

— E? — perguntou Arnau.

— Insiste, Arnau — suplicou-lhe Hasdai.

Mais dez mil libras, e apressaram o correio do infante... Ou talvez nem tivesse chegado a partir. Arnau foi chamado na manhã seguinte. Três culpados.

— São homens! — recriminou Arnau ao regedor durante a discussão.

— São judeus, Arnau. São apenas judeus. Hereges que são propriedade da coroa. Sem o favor da coroa, já estariam todos mortos e o rei decidiu que três deles deverão pagar pela profanação da hóstia. O povo assim exige.

Desde quando o rei se importa com o que o povo exige?, pensou Arnau.

— Além disso — insistiu o regedor —, desta forma solucionam-se os problemas do consulado.

O cadáver do idoso, os seios secos das mães, as crianças a chorar, os gemidos e o fedor, tudo aquilo levou Arnau a fazer um gesto de acordo. O regedor recostou-se no seu cadeirão.

— Duas condições — acrescentou Arnau, obrigando-o a prestar de novo atenção. — Primeira, serão eles a escolher os culpados — o regedor anuiu —, e segunda, o acordo deve ser aprovado pelo bispo e deve comprometer-se a acalmar os seus fiéis.

— Isso já eu fiz, Arnau. Julgas que gostaria de ver uma nova matança na judiaria?

A procissão partiu da própria judiaria. No interior, as portas e janelas das casas estavam fechadas e as ruas viam-se desertas, pejadas de móveis. O silêncio da alfama parecia responder ao clamor que se ouvia fora dela, onde as pessoas se apinhavam em redor do bispo, refulgente de ouro ao sol mediterrânico, e da infinidade de sacerdotes e frades negros que esperavam ao longo da Rua da Boquería, separados do povo por duas filas de soldados do rei.

A vozearia rasgou o céu quando três figuras apareceram nas portas da judiaria. As pessoas levantaram os braços com os punhos fechados e os seus insultos confundiram-se com o ruído metálico do desembainhar das espadas quando os soldados se dispuseram a defender a comitiva. As três figuras, acorrentadas de pés e mãos, foram conduzidas até ao centro de duas fileiras de frades negros e, assim, encabeçada pelo bispo de Barcelona, a procissão iniciou a sua marcha. A presença dos soldados e dos dominicanos não impediu o povo de apedrejar e cuspir nos três culpados que se arrastavam no meio deles.

Arnau rezava em Santa Maria. Levara a notícia à judiaria, onde voltara a ser recebido por Hasdai, pelos rabinos e pelos chefes da comunidade às portas da sinagoga.

— Três culpados — dissera-lhes, tentando olhá-los de frente. — Podeis... podeis escolhê-los vós mesmos.

Nenhum deles pronunciou uma palavra; simplesmente se limitaram a observar as ruas da judiaria, deixando que os queixumes e os lamentos que vinham da sinagoga envolvessem os seus pensamentos. Arnau não tivera força para prolongar a sua intercessão e ilibara-se perante o regedor ao abandonar a judiaria. “Três inocentes... Porque tu e eu sabemos que isto da profanação do corpo de Cristo é falso.”

Arnau começou a ouvir a gritaria da multidão ao longo da Rua de la Mar. O rumor encheu Santa Maria; insinuou-se pelas frinchas das portas sem parar e subiu pelos andaimes de madeira que sustentavam as estruturas em construção, tal como qualquer pedreiro poderia ter feito, até alcançar as abóbadas. Três inocentes! Como os terão escolhido? Terão sido os rabinos a fazer a escolha, ou ter-se-iam apresentado voluntariamente? Então, Arnau recordou os olhos de Hasdai, observando as ruas da judiaria. Que havia naqueles olhos? Resignação? Por acaso seria aquele o olhar de alguém que está a... despedir-se? Arnau tremeu; os joelhos fraquejaram-lhe e teve de se agarrar ao genuflexório. A procissão aproximava-se de Santa Maria. A gritaria aumentou. Arnau levantou-se e olhou para a saída que dava para a Praça de Santa Maria. A procissão não tardaria a entrar. Permaneceu no templo, olhando para a praça, até que os insultos do povo se tornaram realidade.

Arnau correu para a porta. Ninguém ouviu o alarido que fazia. Ninguém o viu chorar. Ninguém o viu cair de joelhos ao ver Hasdai acorrentado, arrastando os pés por entre uma chuva de insultos, pedras e escarros. Hasdai passou diante de Santa Maria com os olhos postos no homem que, de joelhos, batia com os punhos no chão. Arnau não o viu e continuou a bater até que a procissão se afastou, até que a terra começou a tingir-se de vermelho. Então, alguém se ajoelhou à sua frente e lhe pegou nas mãos com suavidade.

— O meu pai não queria que te preocupasses por causa dele — disselhe Raquel quando Arnau ergueu os olhos.

— Vão... Vão matá-lo...

— Sim.

Arnau olhou para a cara daquela rapariga já feita mulher. Ali mesmo, debaixo daquela igreja, escondera-a muitos anos antes. Raquel não chorava e, apesar do perigo, trazia as suas vestes de judia e a rodela amarela que mostrava a sua condição.

— Temos de ser fortes — disselhe a rapariguinha de que se lembrava.

— Porquê, Raquel? Porquê ele?

— Por mim. Por Jucef. Pelos meus filhos e pelos de Jucef, seus netos; pelos seus amigos. Por todos os judeus de Barcelona. Disse que já estava velho, que já tinha vivido o bastante.

Arnau levantou-se com a ajuda de Raquel e, apoiado nela, seguiram a gritaria.

Queimaram-nos vivos. Ataram-nos a uns postes, sobre camadas de lenha e caruma, e deitaram-lhes fogo sem que em momento algum parasse o clamor de vingança dos cristãos. Quando as chamas lhe alcançaram o corpo, Hasdai ergueu os olhos para o céu. Então, foi Raquel quem desatou a chorar, abraçou-se a Arnau e escondeu as lágrimas no peito dele; estavam um pouco afastados da multidão.

Arnau, abraçado à filha de Hasdai, não pôde afastar os olhos do corpo em chamas do amigo. Pareceu-lhe que sangrava, mas as chamas pegaram-se com rapidez ao corpo.

De repente, deixou de ouvir os gritos das pessoas; já só as via sacudindo os punhos fechados, ameaçadores... De imediato algo

lhe chamou a atenção e o levou a virar a cara para a direita. A meia centena de metros encontravam-se o bispo e o inquisidor-mor, e junto deles, com o braço estendido, apontando para eles, Elionor falava com eles. Ao lado estava outra dama, elegantemente vestida, que Arnau não reconheceu logo. Esta cruzou o olhar com o do inquisidor enquanto Elionor gesticulava e gritava sem parar de apontar para ele.

— Aquela, aquela judia é a amante dele. Olhem para eles. Vejam como ele a abraça.

Nesse preciso instante, Arnau abraçou com força a mulher judia que chorava contra o seu peito, enquanto as chamas, fazendo coro com os gritos da multidão, se elevavam para o céu. Depois, ao desviar o olhar para fugir do horror, os olhos de Arnau deram com os de Elionor. Ao ver a expressão dela, aquele ódio profundo, a maldade da vingança-satisfeita, estremeceu. E então ouviu o riso da mulher que acompanhava a sua esposa, uma gargalhada inconfundível, irónica, que Arnau trazia gravada na memória desde pequeno: o riso de Margarida Puig.

CAPÍTULO 47

Uma vingança que andava há muito a tramar-se, em que Elionor não estava sozinha. Uma vingança em que a acusação contra Arnau e a judia Raquel era apenas o princípio.

As decisões de Arnau Estanyol enquanto barão de Granollers, Sant Vicenç dels Horts e Caldes de Montbui tinham provocado irritação nos outros nobres, que viam agora soprar ventos de rebeldia por entre os seus camponeses... Mais do que isso, tinham sido obrigados a sufocar, com mais contundência do que a que fora necessária até ali, uma revolta que pedia, aos gritos, a abolição de certos privilégios a que Arnau, aquele barão que nascera servo, tinha renunciado. Entre estes nobres ofendidos encontrava-se Jaume de Bellera, filho do senhor de Navarcles, que Francesca amamentara em menino. E, a seu lado, estava Genís Puig, que, depois do despejo, tivera de ocupar a velha casa de Navarcles que pertencera ao seu avô, o pai de Grau. Uma casa que muito pouco tinha a ver com o palácio da Rua de Monteada, onde passara a

maior parte da sua vida. Ambos tinham passado horas lamentando a sua má fortuna e traçando planos de vingança. Planos que agora, se as cartas da sua irmã Margarida não mentiam, estavam a ponto de dar os seus frutos...

Arnau pediu ao marinheiro que estava a testemunhar que guardasse silêncio e virou-se para o aguazil do tribunal do Consulado de la Mar, que irrompera pela sala do juízo.

— Um oficial e vários soldados da Inquisição querem ver-vos — sussurrou este, inclinando-se sobre ele.

— Que querem? — perguntou Arnau. O porteiro fez um gesto de ignorância. — Que esperem pelo fim da sessão — ordenou, antes de instar o marinheiro a continuar com as suas explicações.

Outro marinheiro morrera durante a travessia e o senhor do navio recusava-se a pagar aos herdeiros mais de dois meses de salário, quando a viúva sustentava que o pactuado não tinha sido o pagamento por meses, e que, por consequência, tendo o seu marido morrido no alto-mar, lhe correspondia metade da quantia acordada.

— Continua — incitou Arnau, com o olhar na viúva e nos três filhos do falecido.

— Nenhum marinheiro faz acordos por meses...

De repente, as portas do tribunal abriram-se violentamente. Um oficial e seis soldados da Inquisição, armados, empurrando sem contemplações o aguazil do tribunal, irromperam na sala.

— Arnau Estanyol? — perguntou o oficial, dirigindo-se directamente a ele.

— Que significa isto? — bradou Arnau. — Como se atrevem a interromper...

O oficial continuou a andar até se colocar diante de Arnau.

— És Arnau Estanyol, cônsul de la Mar, barão de Granollers...

— Bem o sabeis, oficial — interrompeu-o Arnau. — Mas...

— Por ordem do tribunal da Santa Inquisição, estais detido. Acompanhai-me.

Os missatges do tribunal fizeram menção de defender o seu cônsul, mas Arnau deteve-os com um gesto.

— Fazei o favor de vos afastardes — pediu Arnau ao oficial da Inquisição.

O homem hesitou por uns instantes. O cônsul, com um gesto calmo, insistiu com um gesto da mão, indicando-lhe que se colocasse mais perto da porta e, por fim, sem parar de vigiar o seu detido, o oficial deu alguns passos atrás, suficientes para que Arnau recuperasse a visão dos familiares do marinheiro morto.

— Sentencio a favor da viúva e dos filhos — expôs com tranquilidade. — Deverão receber a metade do salário total da travessia, e não dois meses, como pretende o senhor do navio. Assim ordena este tribunal.

Arnau bateu com a mão, pôs-se em pé e enfrentou o oficial da Inquisição.

— Vamos — disselhe.

A notícia da detenção de Arnau Estanyol espalhou-se por Barcelona e, daí, pela boca de nobres, mercadores ou simples camponeses, por grande parte da Catalunha.

Alguns dias mais tarde, numa pequena vila do Norte do principado, um inquisidor que nesse momento estava a atemorizar um grupo de cidadãos recebia a notícia da boca de um oficial da Inquisição.

Joan olhou para o oficial.

— Parece que é verdade — insistia.

O inquisidor virou-se para o povo. Que lhes estava a dizer? Arnau detido?

Voltou a olhar para o oficial, e este anuiu com a cabeça.

Arnau?

As pessoas começaram a remexer-se, inquietas. Joan tentou continuar, mas não conseguia pronunciar uma palavra. Mais uma vez, virou-se para o oficial e percebeu um sorriso nos lábios dele.

— Não continuais, frei Joan? — avançou este. — Os pecadores esperam-vos.

Joan virou-se de novo para o povo.

— Partimos para Barcelona — ordenou.

De regresso à cidade condal, Joan passou muito perto das terras do barão de Granollers. Mesmo desviando-se pouco do seu caminho, teria podido ver como o carlán de Montbui e outros cavaleiros submetidos a Arnau percorriam as terras amedrontando uns camponeses que voltavam a estar submetidos aos maus usos

que em tempos Arnau derrogara. “Dizem que foi a própria baronesa quem denunciou Arnau”, assegurou alguém.

Mas Joan não passou pelas terras de Arnau. Desde que iniciara o regresso, não trocara uma palavra com o oficial, nem com nenhum dos homens que faziam parte da comitiva, nem sequer com o escrivão. No entanto, não podia deixar de ouvir.

— Parece que o prenderam por heresia — disse um dos soldados, suficientemente alto para que Joan o pudesse ouvir.

— O irmão de um inquisidor? — acrescentou outro, aos gritos.

— Nicolau Eimeric conseguirá que confesse tudo o que tem no íntimo — interveio então o oficial.

Joan recordou Nicolau Eimeric. Quantas vezes o tinha felicitado pelo seu trabalho como inquisidor?

— Há que combater a heresia, frei Joan... Há que procurar o pecado por baixo da aparência de bondade das pessoas; nas suas alcovas, nos seus filhos, nos maridos e nas mulheres.

E ele assim tinha feito. “Não se pode hesitar em torturá-los para que confessem.” E também isso ele tinha feito, sem descanso. Que tortura teria ele aplicado a Arnau para que ele se confessasse herege?

Joan apressou o passo. O sujo e amarrotado hábito negro caía-lhe sobre as pernas como chumbo.

— Por sua culpa, vejo-me nesta situação — comentou Genís Puig, sem deixar de andar de um lado para o outro na sala. — Eu, que desfrutei...

— De dinheiro, de mulheres, de poder — interrompeu-o o barão.

Mas o caminhante não fez caso do barão.

— Os meus pais e o meu irmão morreram como simples camponeses, famintos, atacados por doenças que só medram entre os pobres, e eu...

— Um simples cavaleiro sem hostes para acudir ao rei — acrescentou cansadamente o barão, terminando a mil vezes repetida frase.

Genís Puig deteve-se diante de Jaume, o filho de Llorenç de Bellera.

— Parece-te isto engraçado?

O senhor de Bellera não se mexeu do cadeirão de onde seguira a ronda de Genís pela torre de menagem do castelo de Navarcles.

— Sim — respondeu-lhe ao fim de alguns instantes. — Mais do que engraçado. Os teus motivos para odiares Arnau Estanyol parecem-me grotescos, comparados com os meus.

Jaume de Bellera dirigiu o olhar para o alto da torre.

— Queres parar de uma vez por todas de andar às voltas?

— Quanto demorará ainda o teu oficial? — perguntou Genís, sem parar de andar às voltas pela torre.

Ambos esperavam a confirmação das notícias que Margarida Puig insinuara numa carta prévia. Genís Puig, de Navarcles, convencera a irmã a que, pouco a pouco, durante as muitas horas que Elionor passava sozinha naquela que fora a casa da família Puig, ganhasse a confiança da baronesa. Não lhe fora muito difícil: Elionor necessitava de uma confidente que odiasse tanto o seu marido como ela própria. Fora Margarida quem, de maneira insidiosa, informara Elionor para onde se dirigia o barão. Fora Margarida quem inventara o adultério de Arnau com Raquel. Agora, assim que Arnau fosse detido por se relacionar com uma judia, Jaume de Bellera e Genís Puig dariam o passo seguinte que já tinham previsto.

— A Inquisição deteve Arnau Estanyol — confirmou o oficial, assim que entrou na torre de menagem.

— Então, Margarida tinha razão — exclamou Genís.

— Cala-te — mandou o senhor de Bellera, do seu cadeirão. — Continua...

— Detiveram-no há três dias, enquanto administrava justiça no tribunal do consulado.

— De que o acusam? — perguntou o barão.

— Não é muito claro; há quem diga que é de heresia, outros sustentam que é de ser judaizante, e outros por manter relações com uma judia. Ainda não foi julgado; está encarcerado nas masmorras do palácio episcopal. Meia cidade está por ele, e meia contra. Mas todos fazem fila diante da mesa de câmbios dele, para reaverem os seus depósitos. Eu vi-os, as pessoas brigam para conseguirem recuperar o seu dinheiro.

— E pagam-lhes? — interveio Genís.

— Por enquanto, sim, mas toda a gente sabe que Arnau Estanyol emprestou muito dinheiro a gente sem recursos e se ele não conseguir recuperar esses empréstimos... Por isso é que toda a gente luta por chegar à mesa: duvidam de que o cambista possa manter-se. Há uma grande comoção.

Jaume de Bellera e Genís Puig trocaram um olhar.

— Começa a queda — comentou o cavaleiro.

— Procura a puta que me amamentou — mandou o barão ao oficial — e fecha-a nas masmorras do castelo!

Genís Puig juntou-se ao senhor de Bellera e incitou o oficial a que se apressasse.

— Esse leite endemoninhado não era para mim — ouvira-o dizer em muitas ocasiões. — Era para o filho dela, Arnau Estanyol, e enquanto ele desfruta do dinheiro e do favor do rei, eu tenho de sofrer as consequências do mal que a mãe dele me transmitiu.

Jaume de Bellera tivera de recorrer ao bispo, para que a epilepsia de que sofria não fosse considerada um mal do demónio. No entanto, a Inquisição não hesitaria em considerar Francesca possuída do demónio.

— Gostaria de ver o meu irmão — disse Joan a Nicolau Eimeric assim que se apresentou no palácio do bispo.

O inquisidor-mor franziu o sobrolho.

— Deves conseguir que se arrependa e confesse a sua culpa.

— De que é ele acusado?

Nicolau Eimeric estremeceu atrás da mesa a que o recebera.

— Pretendes que te diga de que é ele acusado? És um grande inquisidor, mas... Por acaso estás a tentar ajudar o teu irmão? — Joan baixou os olhos. — Só posso dizer-te que se trata de um assunto muito sério. Permitir-te-ei que o visites, desde que te comprometas a que o objectivo das tuas visitas seja apenas o de conseguires a confissão dele.

Dez chicotadas! Quinze... Vinte e cinco... Quantas vezes repetira aquelas ordens nos últimos anos? “Até que confesse!”, ordenava ao oficial que o acompanhava. E agora... Agora pediam-lhe que obtivesse a confissão do seu próprio irmão. Como havia de o conseguir? Joan quis responder, mas a sua intenção ficou-se por um simples movimento das mãos.

— É a tua obrigação — recordou-lhe Eimeric.

— É meu irmão. É a única pessoa que tenho...

— Tens a Igreja. Tens-nos a todos nós, teus irmãos na fé cristã — o inquisidor-mor deixou passar alguns segundos. — Frei Joan, esperei porque sabia que virias. Se não assumires este compromisso, terei de me encarregar disso pessoalmente.

Não conseguiu reprimir uma careta de repulsa quando o fedor das masmorras do palácio episcopal lhe atingiu os Sentidos. Enquanto percorria o passeio que o levaria até Arnau, Joan ouviu o gotejar da água que se infiltrava pelas paredes e a correria das ratazanas que fugiam à sua passagem. Notou como uma delas se escapava por entre os seus tornozelos. Estremeceu, tal como fizera perante a ameaça de Nicolau Eimeric: “Terei de me encarregar pessoalmente.” Que falta teria cometido Arnau? Como ia dizer-lhe que ele seu próprio irmão, se comprometera a...

O aguazil abriu a porta da masmorra e uma grande sala escura e malcheirosa abriu-se diante de Joan. Algumas sombras moveram-se e o retinir das correntes que as mantinham presas às paredes ressoou nos ouvidos do dominicano. Este sentiu que o seu estômago se revoltava contra aquela miséria, e a bílis subiu-lhe à boca. “Ali”, disselhe o aguazil, apontando para uma sombra encolhida a um canto; e sem esperar resposta, saiu da masmorra. O ruído da porta a fechar-se atrás de si sobressaltou-o. Joan permaneceu de pé, à entrada da cela, envolto na sombra; uma única janela, gradeada, no alto da parede, permitia a entrada de ténues raios de luz. As correntes começaram a ouvir-se de novo após a saída do aguazil; mais de uma dezena de sombras se mexeu. Estavam tranquilos por não terem vindo buscá-los, ou talvez desesperados por essa mesma razão? — pensou Joan ao mesmo tempo que se começava a ver rodeado de gemidos e lamentos. Aproximou-se de uma das sombras, da que julgava ter sido a apontada pelo aguazil, mas quando se dobrou diante dela, o rosto cheio de chagas e desdentado de uma idosa virou-se para ele.

Caiu para trás; a idosa olhou-o por uns segundos e tornou a esconder a sua desdita na escuridão.

— Arnau? — sussurrou Joan, ainda caído no chão. Depois, repetiu o nome em voz alta, rompendo o silêncio que obtivera por

resposta.

— Joan?

Apressou-se em direcção à voz que lhe indicava o caminho. Voltou a acocorar-se diante de outra sombra, agarrou a cabeça do irmão entre as mãos e puxou-a para o seu peito.

— Virgem Santa! Que... Que te fizeram? Como estás? — Joan começou a apalpar Arnau; o cabelo áspero, as maçãs do rosto que começavam a sobressair... — Não te dão de comer?

— Sim — respondeu Arnau. — Uma côdea de pão e água.

Quando Joan tocou nas argolas que lhe prendiam os tornozelos, afastou as mãos com rapidez.

— Poderás fazer alguma coisa por mim? — interrompeu-o Arnau. Joan ficou calado. — Tu és um deles. Sempre comentaste comigo o quanto o inquisidor te aprecia. Isto é insuportável, Joan. Já não sei há quantos dias aqui estou. Estava à tua espera...

— Vim assim que pude.

— Falaste com o inquisidor?

— Sim — apesar da escuridão, Joan tentou esconder o olhar.

Os dois irmãos ficaram em silêncio.

— E então? — perguntou por fim Arnau.

— Que fizeste tu, Arnau?

A mão de Arnau crispou-se no braço de Joan.

— Como podes tu pensar?!

— Preciso de o saber, Arnau. Preciso de saber de que te acusam para te poder ajudar. Sabes bem que a denúncia é secreta; Nicolau não ma quis dizer.

— Então, de que falaram?

— De nada — respondeu Joan. — Não quis falar de nada com ele até te poder ver. Preciso de saber por onde poderá ir a acusação para convencer Nicolau.

— Pergunta a Elionor — Arnau tornou a ver a sua mulher apontando-o entre as chamas que queimavam o corpo de um inocente. — Hasdai foi morto — disse.

— Elionor?

— Achas estranho?

Joan perdeu o equilíbrio e teve de se apoiar em Arnau.

— Que se passa contigo, Joan? — perguntou-lhe o irmão, fazendo um esforço para que ele não caísse.

— Este sítio...Ver-te aqui... Julgo que estou agoniado.

— Vai-te daqui — incitou-o Arnau. — Ser-me-ás mais útil lá fora do que aqui a tentar consolar-me.

Joan levantou-se. As pernas fraquejavam-lhe.

— Sim. Penso que sim.

Chamou o aguazil e abandonou a masmorra. Percorreu o corredor precedido pelo obeso vigilante. Tinha algumas moedas.

— Toma — disselhe. O homem limitou-se a guardar o dinheiro. — Amanhã terás mais, se tratares bem o meu irmão — A única resposta que teve foi o corrupio das ratazanas à sua passagem. — Ouviste-me? — insistiu. Apenas se ouviu um grunhido que reverberou pelo túnel das masmorras até abafar o ruído dos ratos.

Precisava de dinheiro. Assim que saiu do palácio do bispo, Joan dirigiu-se à mesa de câmbios de Arnau, onde deparou com uma multidão que se apinhava na esquina de Canvis Vells com Canvis Nous, frente ao pequeno edifício de onde Arnau dirigira os seus negócios. Joan recuou.

— Está ali o irmão dele! — gritou alguém.

Várias pessoas se lançaram sobre ele. Joan fez menção je se escapulir, mas mudou de atitude ao ver que as pessoas paravam a alguns passos dele. Como haviam de atacar um dominicano? Endireitou-se o mais que pôde e seguiu o seu caminho.

— Que se passa com o teu irmão, frade? — perguntou-lhe alguém quando Joan passou perto.

Joan enfrentou um homem que era bastante mais alto que ele.

— O meu nome é frei Joan, inquisidor do Santo Ofício — levantou a voz ao mencionar o seu cargo. — Podes tratar-me por senhor inquisidor.

Joan olhou para cima, directamente nos olhos do homem. “E quais são os teus pecados?”, perguntou-lhe em silêncio. O homem recuou um par de passos. Joan voltou a encaminhar-se para a mesa de câmbios e as pessoas foram abrindo caminho para que passasse.

— Sou frei Joan, inquisidor do Santo Ofício! — teve de voltar a gritar diante das portas fechadas do estabelecimento.

Três oficiais de Arnau receberam-no. O interior estava em desordem; os livros estavam abertos sobre a toalha vermelha, enrugada, que cobria a longa mesa do irmão. Se Arnau visse aquilo...

— Preciso de dinheiro — disselhes. Os três mostraram incredulidade.

— Também nós — respondeu o mais velho, chamado Remigi, que substituíra Guillem.

— Que dizes?

— Que não há um soldo, frei Joan — Remigi aproximou-se da mesa para mostrar vários cofres. — Nem um, frei Joan.

— O meu irmão não tem dinheiro?

— Em moeda, não. Que julgais que faz essa gente toda aí fora? Querem o seu dinheiro. Já estamos a ser acossados há vários dias. Arnau continua a ser muito rico — tentou tranquilizá-lo o oficial —, mas está tudo investido, em empréstimos, em comandas, em negócios em curso...

— E não podeis exigir a devolução dos empréstimos?

— O maior devedor é o rei, e já sabeis que os cofres de sua majestade...

— Não há mais ninguém que deva dinheiro a Arnau?

— Sim. Há muita gente, mas são empréstimos que não venceram ainda, e dos que já venceram... Bem sabeis que Arnau emprestava muito dinheiro a gente humilde. Não podem pagar. Mesmo assim, quando souberam da situação de Arnau, muitos deles vieram e pagaram parte do que deviam, o pouco que têm, mas o gesto não passa disso. Não podemos cobrir a devolução dos depósitos.

Joan virou-se para a porta e apontou:

— E eles, porque podem eles exigir o seu dinheiro?

— De facto, não podem. Todos depositaram dinheiro para que Arnau negociasse com ele, mas o dinheiro é cobarde, e a Inquisição...

Joan fez um gesto para que Remigi esquecesse o seu hábito negro. O grunhido do aguazil voltou a ecoar nos seus ouvidos.

— Preciso de dinheiro — pensou em voz alta.

— Já vos disse que não há — ouviu da boca de Remigi-

— Pois eu preciso dele — reiterou Joan. — Arnau precisa dele.

Arnau precisa dele e, sobretudo, pensou Joan virando-se de novo para a porta, precisa de tranquilidade. Este escândalo só pode prejudicá-lo. As pessoas pensarão que está arruinado, e então ninguém quererá saber dele... Precisamos de apoios.

— Não se pode fazer nada para acalmar essa gente? Não podemos vender nada?

— Poderíamos ceder algumas comandas. Agrupar os depositários por comandas em que não esteja Arnau — respondeu Remigi.

— Mas sem a autorização dele...

— Serve-te a minha?

O oficial olhou para Joan.

— É preciso, Remigi.

— Suponho que sim — cedeu o empregado ao fim de uns instantes. — Na verdade, nem perderíamos dinheiro. Unicamente trocaríamos negócios: eles ficariam com uns, e nós com outros. Sem Arnau no meio, eles tranquilizar-se-ão... Mas tereis de me dar autorização por escrito.

Joan assinou o documento que Remigi lhe preparou.

— Trata de conseguir dinheiro vivo para amanhã à primeira hora — disselhe, enquanto assinava. — Precisamos de dinheiro vivo — insistiu perante o olhar do oficial. — Vende alguma coisa a baixo preço, se for preciso, mas precisamos desse dinheiro.

Assim que Joan saiu da mesa de câmbios e calou de novo os credores, Remigi começou a agrupar as comandas. Nesse mesmo dia, o último navio que partiu do porto de Barcelona levava instruções para os correspondentes de Arnau, ao longo do Mediterrâneo. Remigi agiu com rapidez; no dia seguinte, seriam satisfeitos os credores que começariam de imediato a propagar a notícia da nova situação de Arnau.

Pela primeira vez em quase uma semana, Arnau bebeu água fresca e comeu alguma coisa que não fosse pão duro. O aguazil obrigou-o a levantar-se, empurrando-o com o pé, e despejou um balde de água no lugar dele. Melhor a água que os excrementos, pensou Arnau. Durante alguns segundos, só se ouviu o barulho da água a cair no chão e a respiração do obeso aguazil; até a idosa que se rendera à morte e tinha o rosto permanentemente escondido por entre farrapos levantou os olhos para a figura de Arnau.

— Deixa ficar o balde — ordenou o bastaix ao aguazil quando este se preparava para sair.

Arnau já vira como ele maltratava os presos só pelo simples facto de o olharem nos olhos. O aguazil virou-se com o braço estendido, mas deteve-se mesmo antes de embater no corpo de Arnau, que permanecia imóvel à espera do embate; então, cuspiu e deixou cair o balde no chão. Antes de sair, ainda pontapeou uma das sombras que os observavam. Quando a terra absorveu a água, Arnau tornou a sentar-se. Lá fora, ouvia-se o repicar de um sino. Os ténues raios de sol que conseguiam passar pela janela, que no exterior ficava rente ao chão, e o ruído dos sinos, eram a sua única ligação ao mundo. Arnau ergueu os olhos para a pequena janela e aguçou o ouvido. Santa Maria estava inundada de luz, mas ainda não tinha sinos; no entanto, o ruído dos cinzéis contra as pedras, o martelar nas madeiras e os gritos dos operários conseguiam ouvir-se a grande distância da igreja. Quando o eco de algum daqueles ruídos entrava na masmorra... Santo Deus! A luz e o som envolviam-no e transportavam-no num voo até junto do espírito daqueles que trabalhavam entregues à Virgem de la Mar. Arnau voltava a sentir nas suas costas o peso da primeira pedra que tinha levado para Santa Maria. Quanto tempo se passara desde então? Como as coisas tinham mudado! Era apenas uma criança, uma criança que encontrara na Virgem a mãe que nunca conhecera...

Pelo menos, disse Arnau para si, pudera salvar Raquel do terrível destino a que parecia estar condenada. Assim que vira Margarida Puig e Elionor apontando para eles, Arnau ocupara-se de Raquel, e fizera que ela e a família fugissem da judiaria. Nem ele mesmo sabia para onde tinham ido...

— Quero que vás procurar Mar — disse a Joan quando este voltou a visitá-lo.

O frade ficou quieto, ainda a dois passos do irmão.

— Ouviste-me, Joan? — Arnau levantou-se para se aproximar, mas as correntes puxavam-lhe as pernas. Joan ficou parado no mesmo sítio. — Joan! Ouviste-me?

— Sim... Sim... Ouvi-te — Joan aproximou-se do irmão para o abraçar. — Mas... — começou a dizer-lhe.

— Preciso de a ver, Joan — Arnau agarrou os ombros do frade, impedindo-lhe o abraço, e sacudiu-o com suavidade. — Não quero morrer sem voltar a falar com ela...

— Por Deus! Não digas...

— Sim, Joan. Poderia morrer aqui mesmo, sozinho, com uma dúzia de indigentes como testemunhas. Mas não gostava de morrer sem ter tido uma oportunidade de ver Mar. É uma coisa...

— Mas... Que queres tu dizer-lhe? Que pode ser assim tão importante?

— Preciso do perdão dela, Joan, preciso do perdão... E de lhe dizer que a amo — Joan tentou libertar-se das mãos do irmão, mas Arnau impediu-lho. — Tu conheces-me, tu és um homem de Deus. Sabes bem que nunca fiz mal a ninguém, a não ser a essa... criança.

Joan conseguiu libertar os ombros... e caiu de joelhos diante do irmão.

— Não foste... — começou a dizer.

— Só te tenho a ti, Joan — interrompeu-o Arnau, ajoelhando-se também. — Tens de me ajudar. Nunca me falhaste. Não podes fazê-lo agora. És a única pessoa que tenho, Joan!

Joan continuou calado.

— E o marido dela — lembrou-se de perguntar. — Talvez ele não permita...

— Morreu — respondeu-lhe Arnau. — Averiguei isso quando ele deixou de pagar os juros de um empréstimo barato. Morreu às ordens do rei, na defesa de Catalayud.

— Mas... — tentou de novo Joan.

— Joan... Estou preso à minha mulher, atado por um juramento que fiz e que me impedirá de me unir a Mar enquanto ela for viva... Mas preciso de a ver. Preciso de lhe contar os meus sentimentos, mesmo que não possamos estar juntos... — Arnau recuperou pouco a pouco a serenidade. Havia outro favor que queria pedir ao irmão. — Passa pela mesa de câmbios. Quero saber como estão as coisas.

Joan suspirou. Nessa mesma manhã, quando acorrera à mesa de câmbios, Remigi entregara-lhe uma bolsa de dinheiro.

— Não foi um bom negócio — ouviu da boca do oficial.

Nada era um bom negócio. Depois de deixar Arnau, tendo-lhe prometido que iria em busca da rapariga, Joan pagou ao aguazil mesmo à porta da masmorra.

— Pediu-me um balde.

Quanto custava um balde para que Arnau... Joan depositou outra moeda.

— Quero esse balde sempre limpo — O aguazil guardou o dinheiro e virou-se para percorrer o corredor. — Há um preso morto ali dentro — acrescentou Joan.

O aguazil limitou-se a encolher os ombros.

Nem sequer saiu do palácio episcopal. Depois de deixar as masmorras, foi em busca de Nicolau Eimeric. Conhecia aqueles corredores. Quantas vezes os tinha percorrido na sua juventude, orgulhoso das suas responsabilidades? Agora eram outros jovens que se moviam por ali, uns sacerdotes muito limpos que não escondiam que o observavam com uma certa estranheza.

— Confessou?

Prometera-lhe ir à procura de Mar.

— Confessou? — insistiu o inquisidor-mor.

Joan passou a noite acordado, a preparar aquela conversa, mas nada do que tinha pensado acorreu em sua ajuda.

— Se o fizesse, que pena teria...

— Já te disse que é muito grave.

— O meu irmão é muito rico.

Joan aguentou o olhar de Nicolau Eimeric.

— Estás a pretender comprar o Santo Ofício, tu, um inquisidor?

— As multas são admitidas habitualmente como pena. Estou certo de que se propusesse uma multa a Arnau...

— Sabes bem que depende da gravidade do delito. A denúncia que foi feita contra ele...

— Elionor não pode denunciá-lo por nada — interrompeu Joan.

O inquisidor-mor levantou-se da cadeira e encarou Joan, com as mãos apoiadas na mesa.

— Então — disse, levantando a voz —, vocês dois sabem que foi a pupila do rei quem fez a denúncia. A própria mulher dele, a pupila do rei! Como havias tu de imaginar que tinha sido ela, se o teu irmão não tivesse nada a esconder? Que homem desconfia da sua própria

esposa? Porque não de um rival comercial, de um empregado, ou de um simples vizinho? Quantas pessoas condenou Arnau enquanto cônsul de la Mar? Porque não poderia ter sido uma dessas pessoas? Responde-me, frei Joan. Porquê a baronesa? Que pecado esconde o teu irmão para saber que foi ela?

Joan encolheu-se na cadeira. Quantas vezes tinha utilizado o mesmo procedimento? Quantas vezes tinha ele próprio agarrado nas palavras ainda no ar para... Como sabia Arnau que tinha sido Elionor? Poderia realmente ser que...

— Não foi Arnau quem mencionou a esposa — mentiu. — Sou eu que sei.

Nicolau Eimeric ergueu as mãos para o céu.

— Tu sabes, frei Joan? E como é que sabes?

— Porque ela o odeia... Não! — tentou rectificar, mas Nicolau já lhe estava a cair em cima.

— E porquê? — gritou o inquisidor. — Por que razão a pupila do rei odeia o seu próprio marido? Por que razão uma boa mulher, cristã, temente a Deus, consegue chegar ao ponto de odiar o marido? Que tipo de mal lhe fez esse marido para despertar o ódio dela? As mulheres nasceram para servir os homens; é essa a lei, terreal e divina. Os homens batem nas suas mulheres e elas não os odeiam por isso; os homens fecham as mulheres e nem mesmo assim elas os odeiam; as mulheres trabalham para os homens, fornicam com eles quando eles querem, têm de cuidar deles e submeter-se a eles, mas nada disso cria ódio. Que sabes tu, frei Joan?

Joan cerrou os dentes. Não devia falar mais. Sentia-se vencido.

— És inquisidor. Exijo-te que me digas o que sabes! — gritou Nicolau.

Joan continuou em silêncio.

— Não podes apoiar o pecado. Peca mais quem cala do que quem o comete.

Uma infinidade de praças de pequenas aldeias, com as suas gentes amesquinhadas pelas suas diatribes, começou a desfilar pela mente de Joan.

— Frei Joan — Nicolau cuspiu as palavras lentamente, apontando para ele por cima da mesa —, quero essa confissão amanhã

mesmo. E reza por que eu não decida julgar-te a ti também. Ah, frei Joan! — acrescentou quando Joan já se estava a retirar —, procura mudar de hábito, que já recebi algumas queixas e certamente...

Nicolau fez um gesto com a mão, apontando o hábito de Joan. Quando este saiu do escritório, olhando para os rasgões e os fios repuxados do seu hábito negro, tropeçou num dos cavaleiros que esperavam na antessala do inquisidor-mor. Junto deles, três homens armados guardavam duas mulheres acorrentadas, uma já idosa e outra mais jovem, cujo rosto...

— Ainda aqui estás, frei Joan? — Nicolau Eimeric tinha saído a porta para receber os cavaleiros.

Joan não se deixou distrair mais e estugou o passo.

Jaume de Bellera e Genís Puig entraram na sala de Nicolau Eimeric; Francesca e Aledis, depois de receberem um rápido olhar do inquisidor, permaneceram na antecâmara.

— Recebemos notícia — começou a dizer o senhor de Bellera depois de se apresentar, uma vez sentados nas cadeiras de cortesia — que detivestes Arnau Estanyol.

Genís Puig não parava de mexer as mãos pousadas no colo.

— Sim — respondeu secamente Nicolau. — É público.

— De que é ele acusado? — saltou Genís Puig, recebendo um imediato olhar de reprovação por parte do nobre. “Não fales. Tu não fales até que o inquisidor te pergunte alguma coisa”, tinha-lhe aconselhado em repetidas ocasiões.

Nicolau virou-se para Genís.

— Por acaso não sabeis que isso é segredo?

— Rogo-vos que desculpeis o cavaleiro de Puig — interveio Jaume de Bellera —, mas como vereis, o nosso interesse é fundado. Consta-nos que existe uma denúncia contra Arnau Estanyol e queremos apoiá-la.

O inquisidor-mor ergueu-se na sua cadeira. Uma pupila do rei, três padres de Santa Maria que tinham ouvido Arnau blasfemar na própria igreja, aos gritos, enquanto discutia com a esposa, e agora um nobre e um cavaleiro. Poucos testemunhos poderiam gozar de maior credibilidade. Instou-os a continuarem com o olhar.

Jaume de Bellera semicerrou os olhos na direcção de Genís Puig; depois iniciou a exposição que tanto tinha preparado.

— Acreditamos que Arnau Estanyol é a encarnação do Diabo — Nicolau nem se mexeu. — Esse homem é filho de assassino e de uma bruxa. O pai, Bernat Estanyol, assas-inou um rapaz no castelo de Bellera e fugiu com o filho, Arnau que meu pai, sabendo quem era, mantinha preso para que não fizesse mal a ninguém. Foi Bernat Estanyol quem provocou a revolta da Praça do Blat durante o primeiro mau ano, lembrais-vos? Ali mesmo o executaram...

— E o filho queimou o cadáver do pai — acrescentou então Genís Puig.

Nicolau fez uma careta. Jaume de Bellera tornou a trespassar o intrometido com o olhar.

— Queimou o cadáver? — perguntou Nicolau.

— Sim. Eu mesmo o vi — mentiu Genís Puig, recordando as palavras da sua mãe.

— Denunciaste-lo?

— Eu... — O senhor de Bellera fez menção de intervir, mas Nicolau impediu-o com um gesto. — Eu... Era apenas uma criança. Tive medo de que fizesse o mesmo comigo.

Nicolau levou as mãos ao queixo para tapar com os dedos um imperceptível sorriso. Depois, incitou o senhor de Bellera a continuar.

— A mãe, aquela velha que ali está fora, é uma bruxa. Agora trabalha como meretriz, mas deu-me de mamar e transmitiu-me o mal, endemoninhou-me com o leite que estava destinado ao filho — Nicolau abriu os olhos ao ouvir a confissão do nobre. O senhor de Navarcles deu-se conta disso. — Não vos preocupeis — acrescentou rapidamente —, assim que o mal se manifestou, o meu pai trouxe-me à presença do bispo. Sou descendente de Llorenç e Catarina de Bellera — continuou o nobre —, senhores de Navarcles. Podeis comprovar que ninguém na minha família teve alguma vez o mal do Diabo. Só pode ter sido do leite endemoninhado

— Dizeis que é uma meretriz?

— Sim, e podeis comprová-lo; diz chamar-se Francesca.

— E a outra mulher?

— Quis vir com ela.

— Outra bruxa?

— Isso fica ao vosso critério.

Nicolau pensou por uns instantes.

— Mais alguma coisa? — perguntou.

— Sim — interveio de novo Genís Puig. — Arnau assassinou o meu irmão Guiamon quando este não quis participar nos seus ritos demoníacos. Tentou afogá-lo certa noite na praia... Depois, ele morreu.

Nicolau voltou a fixar a atenção no cavaleiro.

— A minha irmã Margarida pode testemunhar. Ela estava lá. Assustou-se e tentou fugir quando Arnau começou a invocar o Diabo. Ela mesmo vos poderá confirmar.

— Também dessa vez não o denunciastes?

— Só soube agora, quando disse à minha irmã o que pensava fazer. Continua aterrorizada pela possibilidade de Arnau lhe fazer mal; durante anos viveu com esse medo.

— São acusações muito graves.

— São as que Arnau Estanyol merece — alegou o senhor de Bellera. — Sabeis que esse homem se dedicou a minar a autoridade. Nas suas terras, contra a opinião da esposa, derrogou os maus usos; aqui em Barcelona, dedica-se a emprestar dinheiro aos humildes, e como cônsul de la Mar é bem conhecida a sua tendência para proferir sentenças a favor do povo — Nicolau Eimeric ouvia atentamente.

— Durante toda a vida se dedicou a minar os princípios que devem reger a nossa convivência. Deus criou os camponeses para que trabalhassem na terra submetidos aos seus senhores feudais. Até a própria Igreja proibiu que os seus camponeses tomem os hábitos, para não os perder...

— Na Catalunha Nova não existem os maus usos — interrompeu-o Nicolau. O olhar de Genís Puig ia de um para outro.

— É precisamente isso que quero dizer — o senhor de Bellera moveu as mãos com violência. — Na Catalunha Nova não há maus usos... por interesse do príncipe, por interesse de Deus. Havia que povoar essas terras conquistadas aos infiéis, e a única forma era atrair as pessoas. O príncipe assim decidiu. Mas Arnau não é mais do que o príncipe... do Diabo.

Genís Puig sorriu ao aperceber-se de que o inquisidor-mor anuía levemente com a cabeça.

— Empresta dinheiro aos pobres — prosseguiu o nobre —, dinheiro que sabe que nunca recuperará. Deus criou os ricos... e os pobres. Não se pode aceitar que os pobres tenham dinheiro e casem as suas filhas como se fossem ricos; isso contraria o desígnio de Nosso Senhor. Que vão pensar esses pobres acerca de vós, eclesiásticos, ou de nós, nobres?

Por acaso não cumprimos os preceitos da Igreja tratando os pobres como aquilo que são? Arnau é um diabo filho de diabos e não faz mais do que preparar a vinda do Diabo através do descontentamento do povo. Pensai nisso.

Nicolau Eimeric pensou. Chamou o escrivão para que pusesse por escrito as denúncias do nobre de Bellera e de Genís Puig, mandou chamar Margarida Puig e ordenou o encarceramento de Francesca.

— E a outra? — perguntou o inquisidor ao senhor de Bellera. — É acusada de alguma coisa? — Os dois homens hesitaram.— Nesse caso, ficará em liberdade.

Francesca foi acorrentada longe de Arnau, no extremo oposto da imensa masmorra, e Aledis foi lançada à rua.

Depois de organizar tudo, Nicolau deixou-se cair no cadeirão da sua mesa. Blasfemar no templo do Senhor, manter relações carnais com uma judia, ser amigo de judeus, assassino, manter práticas diabólicas, agir contra os preceitos da igreja…E tudo isso sustentado por sacerdotes, nobres, cavaleiros…e pela pupila do rei. O inquisidor-mor recostou-se no cadeirão e sorriu.

“O teu irmão é assim tão rico, frei Joan? Que estúpido! Para que me falas em multas, se todo o dinheiro passará para as mãos da inquisição no momento em que eu condenar o teu irmão?”

Aledis tropeçou várias vezes quando os soldados a empurraram para fora do palácio do bispo. Depois de recuperar o equilíbrio, percebeu que várias pessoas a olhavam. Que tinham gritado os soldados? Bruxa? Estava quase no meio da rua e as pessoas olhavam-na atentamente. Lhou para as suas roupas sujas. Apalpou os cabelos, ásperos e despenteados. Um homem bem vestido passou a seu lado, olhando-a com descaramento. Aledis deu uma patada no chão e lançou-se sobre o homem, grunhindo, mostrando os dentes como os cães quando atacam.

O homem deu um salto e afastou-se a correr, até que percebeu que Aledis não se tinha mexido do lugar. Então, foi a mulher quem olhou para os circunstantes; um após outro, baixaram os olhos e seguiram o seu caminho, embora não faltasse quem, de soslaio, se tivesse virado para trás e visse como a bruxa olhava para os curiosos. Que se passara? Os homens do nobre de Bellera tinham irrompido pela sua casa e detido Francesca enquanto a idosa descansava numa cadeira. Ninguém lhes dera a mais pequena satisfação. Tinham afastado as raparigas com violência, quando estas de tinham virado contra os soldados; todas tinham procurado o apoio de Aledis, que estava paralisada pela surpresa. Alguns clientes tinham saído dali a correr seminus. Aledis enfrentara aquele que parecia ser o oficial:

— Que significa isto? Porque prendeis esta mulher?

— Por ordem do senhor de Bellera — respondera o oficial.

O senhor de Bellera! Aledis desviou o olhar para Francesca, encolhida entre dois soldados que a seguravam por debaixo dos braços. A idosa começara a tremer. Bellera!

Desde que Arnau derrogara os maus usos no castelo de Montebui e Francesca revelara os seus segredos a Aledis, as duas mulheres tinham superado a única barreira que até então havia entre elas. Quantas vezes ouvira dos lábios de Francesca a história de Llorenç de Bellera? Quantas vezes a vira chorar ao recordar aqueles momentos? E agora…outra vez Bellera; levavam-na outra vez para o castelo, como quando...

Francesca continuava a tremer entre os dois soldados.

— Deixem-na — gritou Aledis para os soldados.— Não vêem que estão a magoá-la? — Os soldados viraram-se para o oficial.— Iremos voluntariamente — acrescentara Aledis olhando para o oficial.

O oficial encolhera os ombros e os soldados tinham entregado a idosa a Aledis.

Tinham-nas levado para o castelo de Navarcles, onde as tinham encerrado nas masmorras. No entanto, não tinham sido maltratadas. Pelo contrário, tinha-lhes sido dada água e comida, e até alguns feixes de palha para dormirem. Agora percebia a razão disso: o senhor de Bellera queria que Francesca chegasse em condições a

Barcelona, para onde as tinham transferido dois dias depois, num carro, no mais absoluto silêncio. Porquê? Para quê? Qual era o significado de tudo aquilo?

A gritaria devolveu-a à realidade. Absorta nos seus pensamentos, descera a Rua do Bisbe e virara para a Rua Sederes para chegar à Praça do Blat. O dia limpo e soalheiro de Primavera congregara na praça mais gente que o habitual, e junto com os compradores de cereais havia dezenas de curiosos. Encontrava-se debaixo da antiga porta da cidade e virou-se quando sentiu o odor do pão da banca que estava à sua esquerda. O padeiro olhou-a com receio e Aledis recordou-se do seu aspecto. Não trazia um soldo consigo. Engoliu a saliva que se lhe tinha formado na boca e afastou-se, evitando cruzar o olhar com o do padeiro.

CAPÍTULO 48

Vinte e cinco anos; vinte e cinco anos desde a última vez que pisara aquelas ruas, que não via aquela gente e que não respirava os odores da grande cidade condal. Estaria ainda aberta a Pia Almoina? Nessa manhã não lhes tinham dado de comer no castelo e o estômago lembrava-lho. Voltou pelo caminho que tinha feito, de novo em direcção à catedral, junto ao palácio do bispo. A boca começou-lhe de novo a segregar saliva quando se aproximou da fila de mendigos que se apinhavam à porta da Pia Almoina. Quantas vezes na sua juventude passara por aquele sítio sentindo pena daqueles famintos que se viam obrigados a expor-se a toda a cidade em busca da caridade pública?

Juntou-se a eles. Baixou a cabeça, para que o cabelo lhe escondesse o rosto, e arrastou os pés seguindo a fila que avançava para a comida; escondeu a cara ainda mais quando chegou perto do noviço e estendeu as mãos. Porque tinha de pedir esmola? Tinha uma boa casa e poupara dinheiro para viver comodamente o resto da vida. Os homens continuavam a desejá-la e... pão duro de farinha de fava, vinho e um prato de sopa. Comeu. Fê-lo com a mesma fruição com que o faziam todos os miseráveis que a rodeavam.

Quando terminou, levantou os olhos pela primeira vez. Estava rodeada de pedintes, estropiados e idosos que comiam sem perder de vista os seus companheiros de desgraça, agarrando com força o pedaço de pão duro e a escudela. Que razão tinha conseguido levá-la até ali? Porque tinham detido Francesca no palácio do bispo? Aledis levantou-se. Uma mulher loura, vestida de vermelho brilhante, que caminhava para a catedral, chamou-lhe a atenção. Uma nobre... Sozinha? Mas se não fosse uma nobre com aquele vestido podia ser uma.... Teresa! Aledis correu para a rapariga.

— Fizemos turnos diante do castelo para sabermos o que se passava convosco — disselhe Teresa depois de se terem abraçado. — Não nos foi difícil convencer os soldados da porta a porem-nos a par de tudo — a rapariga piscou um dos seus bonitos olhos azuis. — Quando vos levaram e os soldados nos disseram que vos tinham trazido para Barcelona, tivemos de encontrar uma forma de vir também; por isso demoramos tanto... E Francesca?

— Está detida no palácio do bispo.

— Porquê?

Aledis encolheu os ombros. Quando as tinham separado e lhe tinham dado ordens para que se fosse embora, tentara que os soldados ou os sacerdotes lhe dessem um motivo “Para as masmorras com a velha”, conseguira ouvir. Mas ninguém lhe respondera e tinham-na afastado do caminho aos empurrões. A insistência em saber as razões da detenção de Francesca custara-lhe que um jovem frade, a cujo hábito se agarrara, chamasse a guarda. Tinham-na lançado à rua aos gritos de “bruxa”.

— Quantas vieram?

— Eulália e eu.

Um vestido verde brilhante corria para elas.

— Trouxeram dinheiro?

— Sim, claro...

— E Francesca? — perguntou Eulália ao chegar perto de Aledis.

— Detida — respondeu esta. Eulália ia para continuar a perguntar, mas Aledis fê-la calar-se com um gesto. — Não sei porquê — olhou para as jovens... Haveria algo que elas não conseguissem saber? — Não sei por que razão a prenderam — repetiu —, mas havemos de saber; não é verdade, meninas?

Ambas lhe sorriram com um ar travesso.

Joan arrastou a lama que sujava a bainha do seu hábito negro por toda a Barcelona. O irmão pedira-lhe que fosse à procura de Mar. Como se iria ele apresentar diante dela. Depois, tentara chegar a um pacto com Eimeric e, em vez disso, como um daqueles vulgares aldeões a quem ele condenava, caíra na sua própria armadilha e proporcionara ao inquisidor-mor ainda maiores indícios de culpabilidade. Que poderia Elionor ter denunciado? Por um momento, pensou em visitar a cunhada, mas a simples recordação do sorriso que ela lhe dirigira em casa de Felip de Ponts fê-lo desistir. Se tinha denunciado o seu próprio marido, que havia de lhe dizer a ele?

Desceu pela Rua de la Mar até Santa Maria. O templo de Arnau. Joan deteve-se e contemplou-o. Ainda rodeada de andaimes de madeira, por onde os pedreiros se deslocavam sem descanso, Santa Maria já mostrava o que haveria de ser a sua orgulhosa construção. Todas as paredes exteriores, com os seus contrafortes, estavam acabadas, tal como a abside e duas das quatro abóbadas da nave central; as nervuras da terceira abóbada, cuja pedra de chave tinha sido paga pelo rei para que se cinzelasse nela a figura equestre do seu pai, o rei Afonso, começavam a elevar-se num arco perfeito, suportadas por complicados andaimes, à espera de que a pedra de chave equilibrasse os esforços e o arco se mantivesse por si só. Apenas faltavam as duas últimas abóbadas principais, e Santa Maria ficaria completamente coberta.

Como seria possível não se apaixonar por aquela igreja? Joan recordou o padre Albert e a primeira vez que ele e Arnau tinham pisado Santa Maria. Nem sequer sabia rezar! Anos mais tarde, enquanto ele aprendia a rezar, a ler e a escrever, o irmão carregava pedras até ali mesmo. Joan recordou as chagas a sangrarem com que Arnau aparecera nos primeiros dias; e, no entanto... sorria. Observou os mestres-de-obras de diferentes ofícios que se afadigavam nas portadas e arquivoltas da fachada principal, na sua estatuária, nas suas portas reforçadas, na filigrana diferente em cada uma das portas, nas grades de ferro forjado e nas gárgulas com todo o tipo de figuras alegóricas, nos capitéis das colunas e nos vitrais, sobretudo nos vitrais, essas obras de arte chamadas a filtrar

a mágica luz do Mediterrâneo para brincarem, hora a hora, quase minuto a minuto, com as formas e as cores do interior do templo.

Na imponente rosácea da fachada principal já podia vislumbrar-se a futura composição: no seu centro, uma pequena rosácea polibulada, de cujo centro partiam, como flechas caprichosas, como um sol de pedra minuciosamente lavrado os mainéis destinados a dividir a rosácea principal; depois destes, os traços de filigrana cediam passagem a uma fila de trilóbulos em forma ogival e, depois disso, outra fila de quadrilóbulos, estes arredondados, que encerravam definitivamente a grande rosácea. Por entre toda aquela filigrana de pedra, igual à que decorava as estreitas janelas da fachada, ir-se-iam depois incrustando os vitrais chumbados; de momento, no entanto, a rosácea aparecia como uma imensa teia de aranha, de pedra finamente lavrada, à espera de que os mestres vidraceiros viessem preencher os buracos.

Ainda têm muito que fazer, pensou Joan perante a visão da centena de homens que trabalhavam entregues à ilusão de todo um povo. Nesse momento, chegou um bastaix carregado com uma enorme pedra. O suor corria-lhe pela cara e chegava-lhe aos tornozelos; todos os seus músculos se desenhavam, tensos, vibrando ao ritmo dos passos que o aproximavam da igreja. Mas sorria; sorria como o seu irmão sorrira. Joan não conseguiu desviar os olhos do bastaix. Dos andaimes, os pedreiros deixaram o que estavam a fazer e penduraram-se para ver a chegada das pedras que mais tarde teriam de trabalhar. Depois do primeiro bastaix, apareceu outro, e outro, outro ainda, todos encurvados. O barulho do cinzel contra as pedras rendeu-se perante os humildes trabalhadores da ribeira de Barcelona e, durante alguns instantes, Santa María inteira ficou enfeitiçada. Um pedreiro rompeu o silêncio do alto do templo. O seu grito de ânimo rasgou os ares,reverberou nas pedras e penetrou no interior de quantos observavam a cena.

“Ânimo”, sussurrou Joan, somando-se ao clamor que se tinha iniciado. Os bastaixos sorriam e, cada vez que um descarregava uma pedra, a gritaria aumentava. Depois, alguém lhes oferecia água, e os bastaixos levantavam as botijas sobre a cabeça, deixando que a água lhes escorresse pela cara antes de beberem. Joan via-se a si próprio na praia, perseguindo os bastaixos com a

bexiga de água de Bernat. Depois, levantou os olhos para o céu. Devia ir à procura dela: se essa era a penitência que o Senhor lhe impunha, iria em busca da rapariga e confessar-lhe-ia a verdade. Rodeou Santa Maria até à Praça do Born, o Pia d'en Llul e o convento de Santa Clara, para sair de Barcelona pela Porta de São Daniel.

Não foi difícil a Aledis encontrar o senhor de Bellera e Genís Puig. Exceptuando a alfândega, destinada aos comerciantes que chegavam a Barcelona, a cidade condal contava então com apenas cinco hospedarias. Deu ordens a Teresa e Eulália para que se escondessem no caminho que levava a Montjuíc até que ela lá fosse buscá-las. Aledis permaneceu em silêncio enquanto via como elas se afastavam, com as recordações a exacerbarem os seus sentimentos...

Quando perdeu de vista o refulgir dos vestidos das suas raparigas, iniciou a busca. Primeiro, a hospedaria do Bou, muito perto do palácio do bispo, junto à Praça Nova. O cozinheiro mandou-a embora com maus modos quando se apresentou na porta das traseiras e perguntou pelo senhor de Bellera. Na hospedaria de la Massa, em Portaferrissa, também perto do palácio do bispo, uma mulher que amassava farinha nas traseiras disselhe que não estavam ali hospedados esses senhores; então, Aledis dirigiu-se à hospedaria do Estanyer, junto à Praça da Liana. Ali, outro rapaz, muito descarado, olhou a mulher de alto a baixo.

— Quem se interessa pelo senhor de Bellera? — perguntou.

— A minha senhora — respondeu Aledis. — Tem vindo a segui-lo desde Navarcles.

O rapaz, alto e magro como um pau, fitou o olhar nos seios da meretriz. Depois, estendeu a mão direita e sopesou um deles.

— Que interesse tem a tua senhora nesse nobre?

Aledis aguentou sem se mexer, esforçando-se por conter um sorriso.

— Não me compete a mim saber isso — o rapaz começou a apalpar-lhe o seio com força.

Aledis aproximou-se e roçou-lhe uma mão perto da virilha. O rapaz encolheu-se ao seu contacto.

— No entanto — disse ela, arrastando as palavras —, se estão aqui, talvez eu tenha de dormir esta noite na horta, enquanto a minha senhora...

Aledis acariciou as virilhas do rapaz.

— Esta manhã mesmo — balbuciou o jovem —, vieram dois cavaleiros em busca de alojamento.

Desta vez, sim, sorriu. Por um momento pensou em separar-se do rapaz, mas... Porque não? Havia tanto tempo que não tinha sobre si um corpo jovem, inexperiente, movido apenas pela paixão...

Aledis empurrou-o para um pequeno telheiro. Da primeira vez, o rapaz nem sequer teve tempo de baixar os calções, mas a partir daí, a mulher acalmou todo o ímpeto do caprichoso objecto do seu desejo.

Quando Aledis se levantou para se vestir, o rapaz ficou deitado no chão, remexendo-se e com o olhar perdido num ponto qualquer do telheiro.

— Se me voltares a ver, seja onde for — disselhe ela —, não me conheces, percebes?

Aledis teve de insistir duas vezes até o rapaz lho prometer.

— Vocês serão minhas filhas — disse a Teresa e Eulália, depois de lhes entregar as roupas que acabara de comprar. — Enviuvei há pouco tempo e estamos de passagem para Gerona, onde esperamos que um irmão meu nos acolha. Não temos recursos. O vosso pai era um simples oficial... curtidor de Tarragona.

— Pois olha que para quem acabou de enviuvar e ficou sem recursos, estás muito sorridente — atirou-lhe Eulália enquanto se despia do vestido verde e fazia uma careta simpática para Teresa.

— É verdade — confirmou esta —, devias evitar essa expressão de satisfação. Mais parece que acabas de conhecer...

— Não se preocupem — interrompeu-as Aledis —, quando for preciso aparentarei a dor que corresponde a uma viúva recente.

— E até que seja preciso — insistiu Teresa —, não poderias esquecer a viúva e contar-nos a que se deve essa alegria toda?

As duas raparigas riram-se. Escondidas entre a vegetação do sopé da montanha de Montjuíc, Aledis não pôde deixar de observar os corpos nus delas, perfeitos, sensuais... Juventude. Por um momento, lembrou-se de si mesma, ali mesmo, muitos anos antes...

— Ah! — exclamou Eulália. — Isto arranha.

Aledis regressou à realidade e viu Eulália vestida com uma camisa longa e descolorida que lhe chegava até aos tornozelos.

— As órfãs de um curtidor não podem vestir-se de seda.

— Mas isto... — queixou-se Eulália, puxando a camisa com dois dedos.

— Isso é o normal — insistiu Aledis. — Seja como for, vocês duas esqueceram-se disto.

Aledis mostrou-lhes duas tiras de roupa descolorida e tão ásperas como as camisas. Aproximaram-se para as recolher.

— Que é isto? — perguntou Teresa.

— São mantos e servem para...

— Não. Não vais pretender que...

— As mulheres decentes tapam o peito. — Ambas tentaram protestar. — Primeiro o peito — ordenou Aledis —, depois as camisas e, por cima, os vestidos, e dêem graças — acrescentou perante o olhar das raparigas — por vos ter comprado camisas e não cilícios. Talvez vos ficasse melhor fazer alguma penitência.

As três tiveram de se ajudar umas às outras para colocarem as tiras de pano sobre os seios.

— Julgava que o que querias era que seduzíssemos os nobres — disselhe Eulália enquanto Aledis puxava a sua tira de pano sobre os seus abundantes seios. — Não vejo como é que com isto...

— Deixa-me fazer como quero — respondeu Aledis. — Os vestidos são... quase brancos, símbolo de virgindade. Esses dois canalhas não deixarão passar a oportunidade de dormir com duas virgens. Vocês não sabem nada de homens — insistiu Aledis enquanto acabavam de se vestir —, por isso não se mostrem coquetes nem ousadas. Neguem-se sempre. Recusem os avanços deles as vezes que forem necessárias.

— E se os recusarmos tanto que desistam?

Aledis levantou os olhos para observar Teresa.

— Ingénua — disselhe, sorrindo. — A única coisa que têm de conseguir é que eles bebam. O vinho fará o resto. Enquanto ficarem com eles, eles não desistirão. Asseguro-vos isso. Por outro lado, tenham em conta que Francesca foi detida pela Igreja, não por

ordem do regedor, ou do bailio. Dirijam a vossa conversa para temas religiosos...

As duas raparigas olharam-na com surpresa.

— Religiosos? — exclamaram em uníssono.

— Compreendo que não saibam muito disso — assumiu Aledis. — Usem a imaginação. Creio que alguma coisa terá que ver com bruxaria... Quando me expulsaram do palácio, fizeram-no aos gritos de “bruxa”.

Ao fim de algumas horas, os soldados que vigiavam a Porta de Trentaclaus franquearam o acesso à cidade de uma mulher vestida de preto, com o cabelo apanhado num carrapito, e as suas duas filhas de branco, com o cabelo recatadamente apanhado, calçando vulgares sandálias, sem enfeites nem perfumes, e que seguiam cabisbaixas atrás da mulher de preto, com os olhos fixos nos calcanhares da primeira, como Aledis lhes tinha ordenado.

CAPÍTULO 49

A porta da masmorra abriu-se de repente. Não era a hora habitual; o Sol ainda não baixara o suficiente e a luz insistia em filtrar-se através da pequena janela gradeada, mas a miséria que enchia o ambiente parecia disposta a impedi-la, e a luz misturava-se com o pó e com os eflúvios dos presos. Não era a hora habitual, e todas as sombras se moveram. Arnau ouviu o ruído das correntes, que parou assim que o aguazil entrou com um novo preso; não vinham buscar nenhum deles. Mais outro... Outra, corrigiu-se Arnau, ao ver o perfil de uma idosa no umbral da porta. Que pecado teria cometido aquela pobre mulher?

— Levanta-te, bruxa! — ecoou na masmorra. Mas a bruxa não se mexeu. O aguazil deu dois pontapés no vulto que jazia aos seus pés. O eco daqueles golpes surdos vibrou durante uns segundos que pareceram eternos. — Dissete que te levantes!

Arnau notou como as sombras tentavam colar-se às paredes que as retinham. Eram os mesmos gritos, o mesmo tom imperativo, a mesma voz. Nos dias que já levava de encarcerado, ouvira várias vezes aquela voz, troando do outro lado da porta da masmorra, depois de um preso ter sido desacorrentado. Também então vira como as sombras se encolhiam e vomitavam com medo da tortura. Primeiro era a voz, o grito, e depois de alguns instantes, o arrepiante uivo de um corpo a ser mutilado.

— Levanta-te, puta velha!

O aguazil tornou a pontapeá-la, mas a idosa continuava a não se mexer. Por fim, agachou-se, bufando, agarrou-a por um braço e arrastou-a para onde lhe tinham dado ordens que a acorrentasse: longe do cambista. O som das chaves e das grilhetas sentenciou a idosa. Antes de sair, o aguazil atravessou a masmorra, para ir onde Arnau se encontrava.

— Porquê? — perguntara depois de receber a ordem de acorrentar a bruxa longe de Arnau.

— Esta bruxa é a mãe do cambista — respondera-lhe o oficial da Inquisição; assim lho dissera o oficial do senhor de Bellera.

— Não julgues — disse o aguazil assim que chegou perto de Arnau — que pelo mesmo preço conseguirás que a tua mãe coma

melhor. Por muito que seja tua mãe, uma bruxa custa dinheiro, Arnau Estanyol.

Não mudara nada: a casa rural, com a sua torre de vigilância encostada, continuava a dominar a pequena elevação. Joan olhou para cima e o ruído da host regressou-lhe aos ouvidos, o ruído dos homens nervosos, das espadas e dos gritos de alegria quando ele próprio, exactamente ali, conseguira convencer Arnau a entregar Mar em casamento. Nunca se portara bem com a rapariga; que havia de lhe dizer agora?

Joan ergueu os olhos para o céu e depois, encurvado, cabisbaixo, arrastando o hábito, iniciou a subida da suave ladeira.

Os arredores da casa pareciam desertos. Apenas o barulho dos animais presos no estábulo do piso térreo rompia o silêncio.

— Está alguém? — gritou Joan.

Ia para gritar de novo quando um movimento chamou a sua atenção. Espreitando de uma das esquinas da casa, um rapazinho olhava para ele, com os olhos muito abertos.

— Chega aqui, rapaz — ordenou Joan. O rapazinho hesitou.

— Vem cá...

— Que se passa?

Joan virou-se para a escada exterior que levava ao andar superior. No alto dessa escada estava Mar, que o interrogava com o olhar. Ficaram ambos um longo momento sem se mexerem nem dizerem nada. Joan tentou encontrar naquela mulher a imagem da rapariga cuja vida oferecera ao cavaleiro de Ponts, mas aquela figura exalava uma severidade que pouco tinha que ver com a explosão de sentimentos que cinco anos antes tinham vivido no interior daquela mesma casa. O tempo passava e Joan sentia-se cada vez mais coibido. Mar atravessava-o com o olhar, parada, sem sequer pestanejar.

— Que procuras, frade? — perguntou-lhe por fim.

— Vim falar contigo. — Joan teve de levantar a voz.

— Não me interessa nada do que tenhas a dizer-me. Mar fez menção de dar meia-volta, mas Joan apressou-se a intervir.

— Prometi a Arnau que falaria contigo. — Ao contrário do que esperava, Mar não pareceu mudar de atitude ao ouvir a menção a Arnau; no entanto, também não virou costas. — Escuta-me, não sou

eu que quero falar contigo — Joan deixou passar alguns segundos. — Posso subir?

Mar virou-lhe as costas e entrou em casa. Joan dirigiu-se a a escada e, antes de subir, olhou de novo para o céu. Era esta, verdadeiramente, a penitência que merecia?

Pigarreou para chamar a atenção dela. Mar continuou virada para a lareira, ocupada com uma panela que pendia de uma corrente que, por sua vez, pendia do tecto.

— Fala — limitou-se a dizer.

Joan observou-a de costas, inclinada sobre o fogo. O cabelo caía-lhe pelas costas quase até chegar a umas nádegas que apareciam firmes, perfeitamente delineadas debaixo da camisa. Tornara-se uma mulher... atraente.

— Não vais dizer nada? — perguntou-lhe Mar, voltando a cabeça por um instante.

Como havia de...

— Arnau foi encarcerado pela Inquisição — soltou o dominicano de supetão.

Mar parou de mexer o conteúdo da panela. Joan ficou em silêncio.

A voz dela pareceu sair das próprias chamas, tremendo, comovida:

— Há quem esteja encarcerada há muito tempo.

Mar continuou de costas para Joan, direita, com os braços caídos ao longo do corpo e o olhar perdido na chaminé.

— Não foi Arnau quem te encarcerou.

Mar virou-se bruscamente.

— Por acaso não foi ele quem me entregou ao senhor de Ponts? — gritou. — Não foi ele quem consentiu no meu casamento? Não foi ele quem decidiu não vingar a minha desonra? Ele violou-me! Sequestrou-me e violou-me.

Cuspira cada palavra. Tremia. Toda ela tremia; desde o lábio superior até às mãos, que agora tentava agarrar diante do peito. Joan não conseguiu suportar aqueles olhos injectados de sangue.

— Não foi Arnau — repetiu o frade com a voz trémula — Fui... Fui eu! — gritou. — Entendes, mulher? Fui eu quem o convenceu de que devia entregar-te em casamento Que teria sido de uma rapariga

violada? Que teria sido de ti quando toda a Barcelona soubesse da tua desgraça? Fui eu quem, convencido por Elionor, preparou o sequestro e consentiu na tua desonra para poder convencer Arnau a que te entregasse em casamento. Fui eu o culpado de tudo. Arnau nunca te teria entregado.

Olharam um para o outro. Joan sentiu que o peso do hábito se aligeirava. Mar parou de tremer e as lágrimas chegaram-lhe aos olhos.

— Ele amava-te — acrescentou Joan. — Amava-te então, e ama-te agora. Precisa de ti...

Mar levou as mãos ao rosto. Dobrou os joelhos para um lado e o seu corpo foi-se encolhendo até ficar prostrada diante do frade.

Já estava. Já o fizera. Agora, Mar chegaria a Barcelona, contaria tudo a Arnau e... Com estes pensamentos, Joan baixou-se para ajudar Mar a levantar-se...

— Não me toques!

Joan saltou para trás.

— Passa-se alguma coisa, senhora?

O frade virou-se para a porta. No umbral, um homem hercúleo, armado com uma gadanha, olhava-o, ameaçadora; por detrás das pernas dele, espreitava a cabeça do rapazinho. Joan estava a menos de dois palmos do recém-chegado, que era muito mais alto do que ele.

— Não se passa nada — respondeu Joan; mas o homem passou por ele em direcção a Mar, empurrando-o como se ele não existisse.

— Já te disse que não se passa nada — insistiu Joan. — Vai ocupar-te dos teus trabalhos.

O rapazinho procurou refúgio atrás da porta e voltou a espreitar por ela. Joan parou de observá-lo e, quando se voltou para o interior, viu que o homem da gadanha estava ajoelhado junto de Mar, sem lhe tocar.

— Não me ouviste? — perguntou Joan. O homem não lhe respondeu. — Obedece e vai cuidar dos teus afazeres.

Desta vez, o homem virou-se para Joan.

— Só obedeço à minha senhora.

Quantos como aquele, grandes, fortes e orgulhosos, se tinham prostrado diante dele? Quantos vira chorar e suplicar antes de lhes

ditar a sentença? Joan semicerrou os olhos, apertou os punhos e deu dois passos em direcção ao criado.

— Atreveste a desobedecer à Inquisição? — gritou.

Ainda não tinha terminado a frase quando Mar se levantou. Tremia de novo. O homem da gadanha também se levantou, mais lentamente.

— Como te atreves tu, frade, a vir a minha casa e ameaçar o meu criado? Inquisidor? Ah! Não passas de um diabo disfarçado de frade. Foste tu quem me violou! — Joan viu como o criado apertava as mãos no cabo da gadanha. — Tu próprio o reconheceste!

— Eu... — vacilou Joan.

O criado aproximou-se dele e colocou-lhe o gume rombo da gadanha contra o estômago.

— Ninguém saberia, senhora. Veio sozinho.

Joan olhou para Mar. Não havia temor nos seus olhos, nem sequer compaixão, apenas... Virou-se tão depressa quanto pôde para alcançar a porta, mas o rapazinho fechou-a violentamente e encarou-o.

Por trás dele, o criado estendeu a gadanha e rodeou com ela o pescoço do frade. Desta vez, o gume afiado da alfaia pressionou o nó da garganta de Joan, que ficou muito quieto. O rapazinho já não o olhava com temor. O seu rosto reflectia os sentimentos dos que estavam atrás dele.

— Que... Que vais fazer, Mar? — Quando falou, a gadanha produziu-lhe um corte no pescoço.

Mar ficou por uns momentos em silêncio. Joan conseguia ouvir-lhe a respiração.

— Fecha-o na torre — mandou.

Mar não tinha voltado a entrar na torre desde o dia em que vira como a host de Barcelona se preparava para o assalto, primeiro, e depois como estalava em vivas. Quando o marido caíra em Catalayud, encerrara-a.

CAPÍTULO 50

A viúva e as suas duas filhas atravessaram a Praça da Liana até à hospedaria do Estanyer, um edifício de pedra, de dois andares, que no piso de baixo tinha a cozinha e a sala de jantar dos hóspedes, e em cima tinha os quartos. Foram recebidas pelo dono da hospedaria, com o moço. Aledis deu uma piscadela de olho ao rapaz, ao ver que ele a olhava, aparvalhado. “Para onde estás a olhar?”, gritou o estalajadeiro antes de lhe dar uma palmada no pescoço. O jovem saiu a correr para as traseiras da casa. Teresa e Eulália aperceberam-se da piscadela de olho e sorriram em conluio.

— Eu é que vou ter de vos dar uma palmada a vocês duas — sussurrou-lhes Aledis, aproveitando o facto de o estalajadeiro se ter virado por um momento. — Querem portar-se como deve ser e pararem de se coçar? A próxima que se torne a coçar...

— Não se consegue andar com estas tiras de esparto...

-— Silêncio — mandou Aledis quando o estalajadeiro voltou a prestar-lhes atenção.

Dispunha de um quarto em que poderiam dormir as três, embora só houvesse duas enxergas.

— Não se preocupe, bom homem — disselhe Aledis. — As minhas filhas estão acostumadas a partilhar o leito.

— Repararam como o dono olhou para nós quando lhe disseste que dormíamos juntas? — perguntou Teresa quando já estavam no quarto.

Duas enxergas de palha e uma pequena arca sobre a qual descansava uma lamparina de azeite faziam, com esforço o papel de mobiliário.

— Já se estava a ver metido entre nós duas — concordou Eulália, rindo.

— E isso sem vocês mostrarem os vossos encantos, já vos disse — interveio Aledis.

— Poderíamos trabalhar assim. Tendo em conta o resultado...

— Só funciona uma vez — afirmou Aledis. — Umas quantas vezes, no máximo. Eles gostam da inocência, da virgindade. A partir do momento em que a conseguem... Teríamos de andar de lugar em lugar, enganando as pessoas, e não poderíamos cobrar...

— Não haveria dinheiro suficiente em toda a Catalunha que me fizesse andar com estas faixas no peito e com estas... — Teresa começou a coçar-se desde as coxas até ao peito.

— Não te coces!

— Agora ninguém nos vê — defendeu-se a rapariga.

— Mas quanto mais te coçares mais te fará comichão.

— E a piscadela de olho ao moço? — perguntou Eulália. Aledis olhou para elas.

— Isso não é assunto vosso.

— E cobras-lhe? — interveio Teresa.

Aledis recordou a expressão do rapaz quando nem sequer tivera tempo de baixar os calções, e depois a torpe violência com que montara sobre ela. Gostava da inocência, da virgindade...

— Alguma coisa consegui... — respondeu sorrindo.

Esperaram no quarto até à hora de jantar. Então, desceram e sentaram-se em redor de uma mesa tosca de madeira sem polimento. Daí a pouco, apareceram Jaume de Bellera e Genís Puig. Assim que se sentaram à sua mesa, do outro lado da sala, não pararam de olhar para as raparigas. Não havia mais ninguém na sala de jantar da hospedaria. Aledis chamou a atenção das duas raparigas, e ambas se benzeram antes de começarem a comer as malgas de sopa que o estalajadeiro serviu.

— Vinho? Só para mim — disselhe Aledis. — As minhas filhas não bebem.

— Uma jarra de vinho atrás de outra... Desde que o nosso pai morreu... — desculpou-a Teresa, dirigindo-se ao estalajadeiro.

— Para se refazer da dor... — rematou Eulália.

— Escutem, raparigas — sussurrou-lhes Aledis —, já são três jarros de vinho, e a verdade é que me começa a fazer efeito. Pois bem, daqui a nada, deixarei cair a cabeça sobre a mesa e começarei a ressonar. A partir daí, já sabem o que têm a fazer. Temos de saber por que razão detiveram Francesca e o que pretendem fazer com ela.

Depois de se deixar cair sobre a mesa, com a cabeça entre as mãos, Aledis dispôs-se a escutar.

— Vinde aqui — ecoou na sala. Silêncio. — Se está bêbeda... — ouviu-se ao fim de algum tempo.

—— Não vos faremos nada — disse um deles. — Como é que vos íamos fazer alguma coisa se estamos numa hospedaria? Está ali o dono da casa.

Aledis pensou no estalajadeiro: desde que lhe deixassem tocar em alguma coisa...

— Não se preocupem; somos cavaleiros...

Por fim, as jovens cederam e Aledis ouvíu-as levantarem-se da mesa.

— Não se te ouve a ressonar — sussurrou-lhe Teresa. Aledis permitiu-se um sorriso.

— Um castelo!

Aledis imaginou Teresa, com os seus impressionantes olhos verdes muito abertos, olhando directamente para o senhor de Bellera e permitindo que este desfrutasse da beleza dela.

— Ouviste, Eulália? Um castelo. É um nobre a sério, Nunca tínhamos falado com um nobre...

—Contai-nos as vossas batalhas — ouviu Eulália a incitá-los. — Conheceis o rei Pedro? Já falastes com ele?

— Quem mais conheceis? — juntou-se Teresa.

As duas concentraram-se no senhor de Bellera. Aledis esteve tentada a abrir um pouco os olhos, apenas o suficiente para poder observar... Mas não podia. As suas raparigas saberiam fazer tudo bem.

O castelo, o rei, as Cortes... Tinham participado nas Cortes? A guerra... Uns gritinhos de terror quando Genís Puig, sem castelo, nem rei, nem Cortes, reclamou protagonismo exagerando as suas batalhas... E vinho, muito vinho.

— Que faz um nobre como vós nesta cidade, nesta hospedaria?

— Será que esperais alguém importante? — ouviu Aledis que perguntava Teresa.

— Trouxemos uma bruxa — saltou Genís Puig.

As raparigas só faziam perguntas ao senhor de Bellera. Teresa viu como o nobre reprovava com o olhar o seu companheiro. Aquele era o momento certo.

— Uma bruxa! — exclamou Teresa, lançando-se sobre Jaume de Bellera e agarrando-lhe as mãos. — Em Tarragona vimos

queimarem uma. Morreu a gritar enquanto o fogo lhe subia pelas pernas e lhe queimava o peito e...

Teresa olhou para o tecto como se estivesse a seguir o rumo das chamas; de seguida, levou as mãos ao peito, mas após alguns segundos regressou à realidade e mostrou-se perturbada diante de um nobre cujo rosto já só demonstrava desejo.

Sem soltar as mãos da jovem, Jaume de Bellera levantou-se.

— Vem comigo — foi mais uma ordem que um pedido, e Teresa deixou-se arrastar.

Genís Puig viu-os irem-se embora.

— E nós? — disse a Eulália, pondo bruscamente uma das mãos na perna da rapariga. Eulália não fez nenhum gesto para a afastar.

— Primeiro, quero saber tudo acerca da bruxa. Isso excita-me...

O cavaleiro deslizou a mão até à coxa da rapariga enquanto iniciava a sua exposição. Aledis esteve quase a levantar a cabeça e estragar tudo, quando ouviu o nome de Arnau. “A bruxa é mãe dele”, ouviu Genís Puig a dizer. Vingança, vingança, vingança...

— Vamos agora? — perguntou Genís Puig quando terminou as suas explicações.

Aledis ouviu o silêncio de Eulália.

— Não sei... — respondeu a rapariga.

Genís Puig levantou-se violentamente e esbofeteou Eulália.

— Deixa-te de hesitações e vem!

— Vamos — cedeu ela.

Quando se viu só na sala, Aledis teve dificuldade em se endireitar. Levou as mãos à nuca e esfregou-a. Iam confrontar Arnau e Francesca, o demónio e a bruxa, como lhes tinha chamado Puig.

— Mais depressa me mataria do que deixaria que Arnau soubesse que sou sua mãe — dissera-lhe Francesca nas poucas conversas que tinham tido depois do discurso de Arnau na planície de Montbui.

— Ele é um homem respeitável — acrescentara antes que Aledis pudesse contestar — e eu uma vulgar meretriz; além disso... nunca conseguiria explicar-lhe os motivos de muitas coisas; por que razão não fui atrás do pai dele, por que razão o abandonei à morte...

Aledis baixara os olhos.

— Não sei o que o pai lhe contou sobre mim — continuara Francesca —, mas fosse o que fosse, já não tem remédio. O tempo traz o esquecimento, até do amor de uma mãe. Quando penso nele, agrada-me recordá-lo em cima daquela plataforma, desafiando os nobres; não quero que tenha de descer dali por minha causa. É melhor deixar as coisas assim, Aledis, e tu és a única pessoa no mundo que sabe isto; confio em que nem sequer quando eu morrer revelarás o meu segredo. Promete-me isso, Aledis. Mas agora, de que ia servir essa promessa?

Quando Esteve voltou a subir à torre, já não levava a gadanha.

— A senhora diz que ponhas isto nos olhos — disse Joan, estendendo-lhe um trapo. — Mas que julgas tu? — exclamou Joan, dando um pontapé no pedaço de tecido.

O interior da torre era pequeno, com não mais de três passos em qualquer direcção; com um só passo, Esteve colocou-se à frente dele e esbofeteou-o duas vezes, uma em cada face.

— A senhora mandou que tapes os olhos.

— Sou um inquisidor!

Desta vez, a bofetada de Esteve lançou-o contra a parede da torre. Joan ficou caído aos pés dele.

— Põe isso — Esteve levantou-o, agarrando-o com uma só mão. — Põe isso — repetiu quando Joan já estava de pé.

— Pensas que usando a violência consegues vergar um inquisidor? Nem imaginas...

Esteve não o deixou terminar. Primeiro, bateu-lhe na cara, com o punho fechado. Joan foi disparado de novo para trás e o criado começou a assestar-lhe pontapés, no ventre, no estômago, no peito, na cara...

Joan enrolou-se como um novelo por causa da dor. Esteve voltou a pô-lo de pé com uma mão.

— A senhora diz que ponhas isso.

Sangrava da boca. As pernas fraquejavam-lhe. Quando o criado o soltou, Joan tentou manter-se de pé, mas uma dor intensa num joelho fê-lo dobrar-se e cair para cima de Esteve, agarrando-se aos braços dele. O criado empurrou-o para o chão.

— Põe isso.

O trapo estava perto dele. Joan notou que se tinha urinado e que o hábito se lhe colava às pernas.

Pegou no trapo e atou-o sobre os olhos.

Ouviu o criado a fechar a porta e a descer a escada em silêncio. Uma eternidade. Depois, várias pessoas subiram. Joan ergueu-se, tacteando a parede. A porta abriu-se. Traziam móveis... talvez cadeiras?

Joan manteve-se em silêncio.

— A Inquisição nunca venda os olhos aos seus... detidos — disse por fim. Talvez se a pudesse enfrentar...

— Certo — ouviu Mar dizer-lhe. — Só lhes tapam a alma, a dignidade, a honra. Sei que pecaste — repetiu.

— Não aceito essa argúcia.

Mar fez um sinal a Esteve. O criado aproximou-se de Joan e deu-lhe um murro no estômago. O frade dobrou-se ao meio, de boca aberta. Quando se conseguiu erguer, o silêncio voltou a reinar. O seu próprio arquejar impedia-o de ouvir a respiração dos presentes. Doíam-lhe as pernas e o peito, o rosto ardia-lhe. Ninguém disse nada. Uma joelhada na parte exterior da coxa atirou-o ao chão.

A dor regressou e Joan ficou encolhido em posição fetal.

De novo se fez silêncio.

Um soco nos rins obrigou-o a encurvar-se em sentido contrário.

— Que queres tu? — gritou Joan por entre as pontadas de dor.

Ninguém respondeu até que deixou de lhe doer. Então o criado levantou-o e tornou a pô-lo diante de Mar. Joan teve de fazer um esforço para se manter de pé.

— Que queres...

— Sei que pecaste.

Até onde seria ela capaz de ir? Até matá-lo à paulada. Seria capaz de o matar? Pecara e, no entanto... que autoridade tinha Mar para o julgar? Um tremor percorreu-lhe o corpo todo e esteve a ponto de o deitar de novo ao chão.

— Já me condenaste — conseguiu dizer Joan. — Para que queres julgar-me?

Silêncio. Escuridão.

— Diz-me, mulher! Para que queres tu julgar-me?

— Tens razão — ouviu por fim. — Já te condenei, mas lembra-te que que foste tu quem confessou a tua culpa. Mesmo aí, no sítio onde estás, ele roubou-me a minha virgindade aí mesmo, violou-me uma e outra vez... Enforca-o e desfaz-te do cadáver — acrescentou Mar, dirigindo-se a Esteve. Os passos de Mar começaram a afastar-se escada abaixo, Joan notou como Esteve lhe atava as mãos atrás das costas. Nem sequer conseguia mexer-se, nenhum músculo do seu corpo respondia. O criado levantou-o para o colocar em pé sobre um tamborete, em que Mar tinha estado sentada. Depois, ouviu-se o ruído de uma corda que era lançada contra as vigas de madeira da torre. Esteve não acertou, e a corda caiu com estrondo. Joan voltou a urinar-se e defecou. Tinha acorda em volta do pescoço.

— Pequei! — gritou com as forças que lhe restavam.

Mar ouviu o grito, ao fundo das escadas.

Por fim.

Mar subiu à torre, seguida pelo rapazinho.

— Agora, escuto-te — disse a Joan.

Ao raiar do dia, Mar aprontou-se para partir para Barcelona. Vestida nas suas melhores roupas, adornada com as poucas jóias que possuía, com o cabelo limpo e solto, deixou que Esteve a ajudasse a subir para uma mula e açoitou o animal.

— Cuida da casa — disse ao criado antes que a azémola começasse a andar. — E tu, ajuda o teu pai.

Esteve empurrou Joan, atrás da mula. — Cumpre, frade — disselhe. Cabisbaixo, Joan começou a arrastar os pés atrás de Mar agora, que se passaria? Nessa mesma noite, quando lhe tinham retirado o trapo que lhe tapava os olhos, Joan vira-se diante de Mar, iluminada pela luz tremeluzente das tochas que ardiam atrás dela na parede circular da torre. Então, cuspira-lhe na cara.

— Não mereces o perdão... Mas Arnau pode precisar de ti — dissera-lhe Mar, depois. — Só isso te salva de te matar com as minhas próprias mãos aqui mesmo.

Os pequenos cascos pontiagudos da mula soavam suaves no terreno. Joan seguia aquele trote compassado, com os olhos fixos nos seus próprios pés. Confessara tudo: desde as suas conversas

com Elionor até ao ódio com que se dedicara à Inquisição. Fora então que Mar lhe retirara a venda e lhe cuspira na cara.

A mula continuava a andar, dócil, em direcção a Barcelona. Joan sentiu o cheiro do mar, que, à sua esquerda, se viera juntar à sua viagem.

CAPÍTULO 51

O sol já aquecia quando Aledis saiu da hospedaria do Estanyer e se misturou com as pessoas que percorriam a Praça da Liana. Barcelona já acordara. Algumas mulheres, apetrechadas com baldes, panelas e botijas, faziam fila em frente ao bocal do poço de la Cadena, perto da hospedaria, enquanto outras se amontoavam diante do talho da praça, no extremo oposto. Todas falavam aos gritos e riam. Aledis queria ter saído antes, mas disfarçar-se de viúva com a duvidosa ajuda de duas raparigas que não paravam de lhe perguntar o que iria acontecer a partir dali, o que ia ser de Francesca, e se a queimariam na fogueira, como pretendiam os cavaleiros, atrasara-a. Pelo menos, ninguém reparava nela enquanto andava pela Praça do Blat. Aledis sentiu-se estranha; sempre chamara a atenção dos homens e o desprezo das mulheres, mas agora, com o calor colado à sua roupa preta, olhava para um lado e para o outro e ninguém lhe dava sequer um olhar furtivo.

O rumor da Praça do Blat, ali próxima, anunciou-lhe mais gente, sol e calor. Transpirava, e os seios começavam a lutar contra as faixas de pano que os cingiam. Aledis virou a direita logo antes de chegar ao grande mercado de Barcelona, procurando a sombra da Rua dos Semolers, e subiu por esta até à Praça do Oli, onde as pessoas se amontoavam em busca do melhor azeite, ou compravam pão na loja que abria para a praça. Depois de a atravessar, chegou à frente Sant Joan, onde as mulheres que faziam fila também não repararam na viúva transpirada que passava por elas.

De Sant Joan, virando à esquerda, Aledis chegou à catedral e ao palácio do bispo. No dia anterior tinham-na expulsado dali, chamando-lhe bruxa. Reconhecê-la-iam agora? — O rapaz da hospedaria... Aledis sorriu enquanto procurava um acesso lateral; o rapaz tinha tido a oportunidade de se fixar nela melhor do que os soldados da Inquisição.

— Procuro o aguazil das masmorras. Tenho um recado para ele — disse, respondendo às perguntas do soldado que guardava a porta. Este deu-lhe passagem e indicou-lhe o caminho das masmorras. A medida que descia as escadas, a luz e as cores desapareceram.

Ao fim das escadas, viu-se numa antecâmara rectangular vazia, com o chão de terra e iluminada por tochas; num dos lados, o aguazil descansava as suas abundantes carnes sobre um tamborete, com as costas contra a parede; do outro lado, abria-se um corredor escuro.

O homem examinou-a em silêncio enquanto ela se aproximava.

Aledis respirou fundo.

— Queria ver a idosa que encarceraram ontem — e fez tilintar uma bolsa de moedas.

Sem sequer se mexer, sem lhe responder, o aguazil cuspiu para muito perto dos pés dela e fez um gesto com a mão. Aledis deu um passo atrás.

— Não — respondeu o homem.

Aledis abriu a bolsa. Os olhos do aguazil seguiram o brilho das moedas que caíam na mão de Aledis. As ordens eram estritas: ninguém podia entrar nas masmorras sem autorização expressa de Eimeric, e ele não queria ter de enfrentar o inquisidor-mor. Conhecia bem os arrebatamentos de ira dele... e os procedimentos que usava contra quem lhe desobedecesse. Mas o dinheiro que aquela mulher lhe oferecia… Além do mais, o oficial não lhe dissera que o que o inquisidor-mor não queria era que alguém tivesse acesso ao cambista? Aquela mulher não queria ver o cambista, mas falar com a bruxa.

— De acordo — consentiu.

Nicolau bateu com força na mesa.

— Quem pensa que é esse desavergonhado?

O jovem frade que lhe tinha levado a notícia deu um passo atrás. O seu irmão, mercador de vinhos, comentara nessa mesma noite, enquanto jantavam em sua casa, rindo, por entre o alvoroço que os cinco filhos faziam:

— O melhor negócio que faço em muitos anos — dissera-lhe.

— Pelos vistos, o irmão de Arnau, o frade, deu ordem para vender abaixo de custo as comandas, para conseguir dinheiro vivo, e por minha fé que vai consegui-lo. O oficial de Arnau está a vender a metade do preço — depois, levantara o jarro de vinho e, sem parar de rir, brindara por Arnau.

Ao conhecer essa notícia, Nicolau emudecera, depois ruborizara-se e por fim rebentara. O jovem frade ouviu as ordens que Nicolau deu, aos gritos, ao seu oficial:

— Vai e, assim que dêem com frei Joan, façam-no vir aqui! Dá ordens à guarda!

Enquanto o irmão do mercador de vinhos saía do escritório, Nicolau abanou a cabeça. Que julgava aquele fradinho?

Por acaso pensava que podia enganar a Inquisição, esvaziando as arcas do irmão? Essa fortuna seria para o Santo Ofício... Toda! Eimeric cerrou os punhos até que o sangue deixou de lhe correr pelos nós dos dedos.

— Nem que tenha de o levar para a fogueira — rosnou para consigo.

— Francesca... — Aledis ajoelhou-se perto da idosa, que fez uma careta parecida com um sorriso. — Que te fizeram? Como estás? — A idosa não respondeu. Os lamentos dos restantes presos acompanharam o silêncio. — Francesca, eles têm Arnau preso. Por isso te trouxeram para aqui.

— Já sei — Aledis sacudiu a cabeça, mas antes que pudesse perguntar, a idosa continuou: — Está ali.

Aledis virou a cabeça para o lado contrário da cela e vislumbrou uma figura de pé, atenta às duas.

— Como...

— Ouve-me — ecoou na masmorra —, tu, visitante da idosa. — Aledis olhou de novo para aquela figura. — Quero falar contigo. Sou Arnau Estanyol.

— Que se passa, Francesca?

— Desde que me prenderam aqui, tem estado a perguntar por que razão o aguazil lhe disse que sou a mãe dele, que ele se chama Arnau Estanyol e que foi detido pela Inquisição... Isso, sim, tem sido uma verdadeira tortura.

— E que lhe disseste tu?

— Nada.

— Ouve-me!

Desta vez, Aledis não se virou.

— A Inquisição quer demonstrar que Arnau é filho de uma bruxa — disse Aledis a Francesca.

— Escuta-me, por favor.

Aledis notou como as mãos de Francesca se apertavam nos seus braços. A pressão da idosa juntou-se aos ecos da súplica de Arnau.

— Não vais... — Aledis pigarreou. — Não vais dizer-lhe nada?

— Ninguém tem de saber que Arnau é meu filho. Ouves-me, Aledis? Se nunca o admiti até agora, muito menos o vou fazer quando a Inquisição... Só tu sabes isto, rapariga — a voz da idosa tornou-se mais clara.

— Jaume de Bellera...

— Por favor! — ouviu-se de novo. Aledis virou-se para Arnau; as lágrimas impediam-na de o ver, mas esforçou-se por não as limpar.

— Só tu, Aledis — insistiu Francesca. — Jura-me que nunca o dirás a ninguém.

— Mas o senhor de Bellera...

— Ninguém pode provar isso. Jura-me, Aledis.

— Vão torturar-te.

— Mais do que a vida já me torturou? Mais do que me está a torturar o silêncio que vejo obrigada a guardar perante os rogos de Arnau? Jura-me.

Os olhos de Francesca brilharam na penumbra.

— Juro.

Aledis lançou-lhe os braços ao pescoço. Pela primeira vez em muitos anos, notou a fragilidade da anciã.

— Não... Não quero deixar-te aqui — disselhe, chorando — Que vai ser de ti?

— Não te preocupes por mim — sussurrou-lhe a idosa ao ouvido. — Aguentarei até os convencer de que Arnau não é meu filho. — Francesca teve de tomar ar antes de prosseguir: — Um Bellera arruinou a minha vida; um filho dele jamais fará o mesmo com a de Arnau.

Aledis beijou Francesca e ficou por um instante com os lábios colados à cara dela. Depois, levantou-se.

— Ouve-me!

Aledis olhou para a figura.

— Não vás lá — pediu-lhe Francesca, do chão.

— Aproxima-te! Peço-te!

— Não suportarias, Aledis. Juraste-me.

Arnau e Aledis olharam-se no escuro. Apenas duas silhuetas. As lágrimas de Aledis brilharam enquanto lhe deslizavam pela cara.

Arnau deixou-se cair quando viu que a desconhecida se dirigia para a porta da masmorra.

Nessa mesma manhã, uma mulher montada numa mula entrou em Barcelona pela Porta de San Daniel. Atrás dela, um dominicano que nem sequer olhou para os soldados seguia arrastando os pés. Percorreram a cidade até ao palácio do bispo, sem falarem, o frade sempre atrás da mula.

— Frei Joan? — perguntou-lhe um dos soldados que montavam guarda à porta. O dominicano levantou o rosto esmurrado para o soldado.

— Frei Joan? — perguntou de novo o soldado. Joan anuiu.

— O inquisidor-mor deu-nos ordens para vos levarmos à sua presença.

O soldado chamou a guarda e vários companheiros seus vieram buscar Joan.

A mulher não se apeou da mula.

CAPÍTULO 52

Sahat irrompeu no armazém que o velho negociante tinha em Pisa, perto do porto, nas margens do Arno. Alguns oficiais e aprendizes tentaram saudá-lo, mas o mouro não ligou a ninguém. “Onde está o vosso amo?”, perguntava a todos, sem parar de andar por entre as mercadorias que se empilhavam no grande edifício. Por fim, encontrou-o no outro extremo do armazém, inclinado sobre umas peças de tecido.

— Que se passa, Filippo?

O velho comerciante endireitou-se com dificuldade e virou-se para Sahat.

— Ontem chegou um navio com destino a Marselha.

— Bem sei. Passa-se alguma coisa?

Filippo observou Sahat. Quantos anos teria? O certo era que já não era jovem. Como sempre, estava bem vestido, mas sem cair na ostentação de muitos que não eram tão ricos como ele. Que se teria passado entre Arnau e ele? Nunca lho tinha querido contar. Filippo recordou o escravo recém-chegado da Catalunha, a carta de liberdade, a ordem de Pagamento por parte de Arnau...

— Filippo!

O grito de Sahat fê-lo regressar ao presente por uns instantes; no entanto, voltou a perder-se nos seus pensamentos, e continuava a mostrar o ímpeto de um jovem cheio de ilusões. Empreendia sempre tudo com aquela decisão...

— Filippo, peço-te!

— Certo, certo, tens razão. Desculpa — o ancião aproximou-se dele e apoiou-se-lhe no braço. — Tens razão, tens razão. Ajuda-me. Vamos para o meu escritório.

No mundo dos negócios de Pisa, eram poucas as pessoas em que Filippo Tescio se apoiava. Aquela amostra pública de confiança por parte do ancião podia abrir mais portas do que faria um milhar de florins de ouro. Desta vez, no entanto, Sahat deteve o lento avançar do rico comerciante.

— Filippo, por favor.

O ancião puxou-o suavemente, para que continuassem a caminhar.

— Notícias... Más notícias. Arnau — disselhe, dando-lhe tempo para se preparar. — foi detido pela Inquisição.

Sahat ficou em silêncio.

— Os motivos são bastante confusos — continuou Filippo.

— Os oficiais dele começaram a vender comandas e, pelos vistos, a situação dele... Mas isso é apenas um rumor, e suponho que mal-intencionado. Senta-te — incitou-o quando chegaram ao que o ancião chamava o seu escritório, e que era uma simples mesa armada sobre uns cavaletes, de onde controlava os três oficiais que em mesas semelhantes anotavam as operações em enormes livros de comércio, ao mesmo tempo que vigiava o constante tráfego do armazém.

Filippo suspirou ao sentar-se.

— Não é tudo — acrescentou. Sentado diante dele, Sahat não fez nenhum gesto. — Esta Páscoa, os barceloneses levantaram-se contra a judiaria. Acusaram-nos de terem profanado uma hóstia. Uma multa importante e três executados... — Filippo observou como o lábio inferior de Sahat começava a tremer. — Hasdai...

O ancião desviou o olhar de Sahat e permitiu-lhe alguns instantes de intimidade. Quando se voltou de novo para ele, viu que tinha os lábios fortemente apertados. Sahat inspirou fundo pelo nariz e levou as mãos à cara, para esfregar os olhos.

— Toma — disselhe Filippo, entregando-lhe uma carta. — É de Jucef. Um navio que zarpou de Barcelona com destino a Alexandria deixou-a ao meu representante em Nápoles; o piloto do que vinha para Marselha entregou-ma. Jucef encarregou-se do negócio e conta aqui tudo o que se passou, embora pouco fale de Arnau.

Sahat pegou na carta, mas não a abriu.

— Hasdai executado e Arnau preso — disse. — E eu aqui...

— Reservei-te passagem para Marselha — disselhe Filippo. — Partirá amanhã ao amanhecer. Dali, não te será difícil chegares a Barcelona.

— Obrigado — ouviu-se Sahat dizer a si mesmo. Filippo ficou em silêncio.

— Vim aqui em busca das minhas origens — começou a contar-lhe Sahat —, em busca da família que julgava ter perdido. Sabes o que encontrei? — Filippo limitou-se a olhar para ele. — Quando me venderam, ainda menino, a minha mãe e mais cinco irmãos eram vivos. Só consegui dar com um deles... e também não posso garantir que o fosse. Era escravo de um descarregador do porto de Génova. Quando mo indicaram, não consegui reconhecer nele um irmão meu... Nem sequer me lembrava do nome dele. Arrastava uma perna e faltava-lhe o dedo mindinho da mão direita e as duas orelhas. Então, pensei que o amo dele devia ser uma pessoa muito cruel para o tratar assim, mas depois… — Sahat, fez uma pausa e olhou para o ancião. Não obteve resposta. — Comprei a liberdade dele e fiz que lhe entregassem uma boa quantia de dinheiro, sem lhe revelarem que era eu quem estava por detrás de tudo aquilo. Só lhe durou seis dias; seis dias em que esteve permanentemente bêbedo, delapidando no jogo e nas mulheres aquilo que para ele

deveria ser uma fortuna. Voltou a vender-se como escravo ao seu antigo dono, a troco de cama e comida — Sahat fez um gesto de desprezo com a mão. — Isso foi a única coisa que encontrei aqui, um irmão bêbedo e esbanjador...

— Também encontraste alguns amigos — queixou-se Filippo.

— É verdade. Desculpa. Referia-me a...

— Eu sei a que te referias.

Os dois homens ficaram a olhar para os documentos que estavam sobre a mesa. O movimento do armazém despertou-lhes os sentidos.

— Sahat — disse por fim Filippo —, durante muitos anos fui correspondente de Hasdai, e agora, enquanto Deus me der vida, sê-lo-ei do seu filho. Depois, por vontade de Hasdai e instruções tuas, tornei-me também correspondente de Arnau. Durante todo esse tempo, fosse de comerciantes, de marinheiros ou de pilotos, sempre ouvi aqui elogios a Arnau; até aqui se comentou o que ele fez com os servos das suas terras! Que se passou entre vós? Se se tivessem zangado, ele não te teria premiado com a liberdade, e muito menos me teria mandado dar-te aquela quantia de dinheiro. Que foi que aconteceu para tu o abandonares e ele te beneficiar daquela maneira?

Sahat deixou que as suas recordações viajassem até perto de uma ladeira, próximo de Mataró, ao som de espadas e balestras...

— Uma rapariga... Uma rapariga extraordinária...

— Ah!

— Não — exclamou o mouro. — Não é aquilo que pensas.

E, pela primeira vez em cinco anos, Sahat contou em voz alta aquilo que durante todo aquele tempo tinha guardado para si.

— Como te atreveste?! — O grito de Nicolau Eimeric ecoou pelos corredores do palácio. Nem sequer esperou que os soldados abandonassem o gabinete. O inquisidor-mor passeava pela sala gesticulando com os braços. — Como te atreves a pôr em perigo o património do Santo Ofício? — Nicolau virou-se bruscamente para Joan, que permanecia em pé no centro da sala. — Como ousaste mandar vender as comandas a baixo preço?

Joan não respondeu. Passara a noite acordado, maltratado e humilhado. Acabara de percorrer várias milhas atrás dos quartos

traseiros de uma mula, e doía-lhe o corpo todo. Cheirava mal e o hábito, sujo e ressequido, arranhava-lhe a pele. Não comera nada desde o dia anterior e tinha sede. Não. Não pensava responder.

Nicolau aproximou-se dele por detrás.

— Que pretendes tu, frei Joan? — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Talvez vender o património do teu irmão, para o esconder da Inquisição?

Nicolau permaneceu alguns instantes ao lado de Joan.

— Cheiras mal! — gritou afastando-se dele e voltando a gesticular com os braços. — Cheiras como um vulgar camponês — continuou a rosnar pela sala até que por fim se sentou. — A Inquisição apreendeu os livros de comércio do teu irmão; já não haverá mais vendas. — Joan não se mexeu — Proibi as visitas à masmorra; ou seja, nem sequer tentes vê-lo. Dentro de alguns dias, daremos início ao julgamento.

Joan continuou sem se mexer.

— Não me ouviste, frade? Daqui a poucos dias começarei a julgar o teu irmão.

Nicolau bateu com o punho na mesa.

— Está bem. Vai-te daqui!

Joan arrastou as bainhas do hábito sujo pelo brilhante soalho do gabinete do inquisidor-mor.

Joan parou sob o lintel da porta para deixar que os seus olhos se acostumassem ao sol. Mar esperava-o, de pé em terra, com a rédea da mula na mão. Obrigara-a a vir da sua casa rural e agora... Como lhe iria dizer que o inquisidor tinha proibido as visitas a Arnau? Como poderia carregar também com a culpa dessa proibição?

— Pensas sair, frade? — ouviu atrás de si. Joan virou-se e deu com uma viúva lavada em lágrimas.

Olharam-se.

— Joan? — perguntou a mulher.

Aqueles olhos castanhos, aquela cara...

— Joan? — voltou ela a insistir.— Joan, sou eu, Aledis. Lembras-te de mim?

— A filha do curtidor... — começou Joan a dizer.

— Que se passa, frade?

Mar aproximara-se da porta. Aledis viu que Joan se voltava para a recém-chegada. Depois, o frade olhou de novo para ela e depois de novo para a mulher da mula.

— Uma amiga de infância — disse. — Aledis, apresento-te Mar. Mar, esta é Aledis.

As duas mulheres saudaram-se com um aceno de cabeça.

— Isto não é sítio para estar à conversa — a ordem do soldado obrigou os três a virarem-se. — Saiam da entrada.

— Viemos ver Arnau Estanyol — disparou Mar, elevando a voz, com a mula agarrada pela rédea.

O soldado olhou-a de alto a baixo antes de uma careta trocista aparecer na sua cara.

— O cambista? — perguntou.

— Sim — insistiu Mar.

— O inquisidor-mor proibiu as visitas ao cambista. — O soldado fez menção de empurrar Aledis e Joan.

— Porque proibiu ele as visitas? — perguntou Mar enquanto os outros dois começavam a afastar-se do palácio.

— Isso pergunta ao frade — respondeu o soldado, apontando para Joan.

Os três começaram a afastar-se.

— Devia ter-te matado ontem, frade.

Aledis viu como Joan baixava os olhos para o chão. Nem sequer respondera. Depois, observou a mulher da mula; seguia muito direita, segurando o animal com autoridade. Que se teria passado no dia anterior? Joan não escondia o rosto amassado e a sua acompanhante queria ver Arnau. Quem era aquela mulher? Arnau estava casado com a baronesa, a mulher que o acompanhara no palanque do castelo de Montbui, quando derrogara os maus usos...

— Daqui a poucos dias começará o julgamento de Arnau. Mar e Aledis pararam imediatamente. Joan avançou mais alguns passos, até que se deu conta de que as mulheres não o acompanhavam. Quando se virou para elas, viu que ambas se olhavam em silêncio. “Quem és tu?”, pareciam perguntar uma à outra com o olhar.

— Duvido que este frade tenha tido infância. E muito menos amigas — disse Mar.

Aledis não a viu hesitar. Mar permanecia de pé, orgulhosa; os seus olhos jovens pareciam querer trespassá-la. Até a mula, atrás dela, estava muito quieta, com as orelhas espetadas e atentas.

— És muito directa — disselhe Aledis.

— A vida ensinou-me a sê-lo.

— Se há vinte e cinco anos o meu pai tivesse consentido, teria casado com Arnau.

— Se há cinco anos me tivessem tratado como uma pessoa e não como um animal — virou-se para Joan —, continuaria ao lado de Arnau — disse Mar.

O silêncio acompanhou uma nova ronda de olhares entre as duas mulheres. Ambas se divertiram com isso, avaliando-se uma à outra.

— Há vinte e cinco anos que não vejo Arnau — confessou por fim Aledis. “Não pretendo competir contigo”, tentou dizer-lhe numa linguagem que só duas mulheres podem compreender.

Mar mudou o peso de um pé para o outro e afrouxou a pressão sobre a rédea da mula. Baixou os olhos e o seu olhar deixou de trespassar Aledis.

— Vivo fora de Barcelona; tens onde me acolher? — perguntou Mar, depois de alguns instantes.

— Eu também vivo fora. Estou alojada... com as minhas filhas, na hospedaria do Estanyer. Mas poderíamos acomodar-nos — acrescentou quando a viu hesitar. — E este? — Aledis apontou para Joan com um gesto da cabeça.

As duas observaram-no, parado ainda no mesmo sítio, com a cara amassada e o hábito, sujo e roto, pendendo dos seus ombros caídos.

— Tem muito que explicar — disse Mar — e poderemos necessitar dele. Que durma com a mula.

Joan esperou que as mulheres se voltassem a pôr a caminho e seguiu-as.

“E tu, porque estás aqui?”, vai perguntar-me. “Que fazias no palácio do bispo?” Aledis olhou de novo para a sua nova acompanhante; voltava a caminhar direita, puxando a mula, sem se afastar quando alguém se punha no seu caminho. Que se teria passado entre Mar e Joan? O frade parecia completamente

submisso... Como podia um dominicano admitir que uma mulher o mandasse dormir com uma mula? Atravessaram a Praça do Blat. Já tinha reconhecido que conhecia Arnau, mas não tinha dito que o vira nas masmorras, suplicando-lhe que se aproximasse. “E Francesca? Que hei-de dizer-lhes de Francesca? Que é minha mãe? Não. Joan conheceu-a e sabe que não se chamava Francesca. A mãe do meu defunto marido? Mas que dirão quando a virem implicada no processo contra Arnau? Eu teria de saber. E quando se souber que é uma mulher pública? Como é que uma mulher pública vai ser minha sogra?” É melhor não saber nada. Mas então, que estava ela a fazer no palácio do bispo?

— Oh — respondeu Aledis à pergunta de Mar-fui levar uma encomenda do mestre curtidor, do meu falecido marido. Como sabia que íamos passar por Barcelona...

Eulália e Teresa olharam-na, sem pararem de comer das suas escudelas. Tinham chegado à hospedaria e tinham conseguido que o estalajadeiro colocasse um terceiro colchão no quarto de Aledis e suas filhas. Joan anuiu quando Mar disse que ele dormiria no estábulo, com a mula.

— Ouçam o que ouvirem — dissera Aledis às raparigas —, não digam nada. Procurem não responder a nenhuma pergunta e, acima de tudo, não conhecemos nenhuma Francesca.

Os cinco sentaram-se a comer.

— Bem, frade — voltou a intervir Mar. — Porque proibiu o inquisidor-mor as visitas a Arnau?

Joan não tocara na comida.

Os sorrisos desapareceram quando reconheceram o hábito negro de Joan. O frade continuou a olhar para eles e os cavaleiros sentaram-se em silêncio à mesa, com os olhos nos pratos que o estalajadeiro acabara de lhes servir.

— Porque vão julgar Arnau? — perguntou Aledis quando Joan voltou a atenção de novo para elas.

— Precisava de dinheiro para pagar ao aguazil — respondeu com uma voz cansada —, e como na mesa de Arnau não havia dinheiro vivo, dei ordens para venderem algumas comandas. Eimeric julgou que eu estava a tentar esvaziar cofres de Arnau e que então a Inquisição...

Nesse momento entraram na hospedaria o senhor de Bellera e Genís Puig. Nas suas caras desenhou-se um enorme sorriso ao verem as duas raparigas.

— Joan — disselhe Aledis —, esses dois nobres estiveram ontem a molestar as minhas filhas e dá-me a impressão de que as intenções deles... Poderias ajudar-me a que não voltem a molestá-las?

Joan virou-se para os dois homens, enquanto estes, de pé, se deleitavam a olhar para Teresa e Eulália e a recordar a noite anterior. Os sorrisos desapareceram quando reconheceram o hábito negro de Joan. O frade continuou a olhar para eles e os cavaleiros sentaram-se em silêncio à mesa, com os olhos nos pratos que o estalajadeiro acabara de lhes servir.

— Porque vão julgar Arnau? — perguntou Aledis quando Joan voltou a atenção de novo para elas.

Sahat observou o barco marselhês enquanto a tripulação fazia os últimos preparativos para zarpar: uma sólida galera de um só mastro, com um leme de popa e dois laterais, cento e vinte remadores a bordo e uma capacidade de cerca de trezentos botes.

— É rápida e muito segura — comentou Filippo. — Já teve vários encontros com piratas e conseguiu sempre escapar. Em três ou quatro dias estarás em Marselha — Sahat anuiu. — Daí, não te será difícil embarcar num navio de cabotagem e chegar a Barcelona.

Filippo agarrava-se ao braço de Sahat com uma mão enquanto com a bengala apontava para a galera. Funcionários, comerciantes e trabalhadores do porto saudavam-no com respeito ao passar perto dele; depois, faziam o mesmo para com Sahat, o mouro em quem o comerciante se apoiava.

— Está bom tempo — acrescentou Filippo apontando a bengala para o céu. — Não terás problemas.

O piloto da galera aproximou-se da borda e fez um sinal na direcção de Filippo. Sahat notou como o ancião lhe apertava o braço.

— Dá-me a impressão de que não voltarei a ver-te — disse o ancião. Sahat virou a cara para ele, mas Filippo agarrou-o ainda com mais força. — Já sou muito velho, Sahat.

Os dois homens abraçaram-se junto da galera.

— Trata dos meus assuntos — disselhe Sahat, separando-se dele.

— Assim farei, e quando não puder — acrescentou com a voz trémula —, assim farão os meus filhos. Depois, estejas onde estiveres, terás de ajudá-los tu.

— Assim farei — prometeu por sua vez Sahat. Filippo puxou Sahat para si e beijou-o nos lábios diante da multidão que esperava a partida da galera, atenta ao último passageiro; um murmúrio elevou-se perante aquela demonstração de carinho por parte de Filippo Tescio. — Vai — disselhe o ancião.

Sahat deu ordens aos escravos que traziam a sua bagagem para que subissem antes dele, e depois subiu. Quando chegou à amurada, Filippo já tinha desaparecido.

O mar estava calmo. O vento não soprava e a galera avançava ao ritmo do esforço dos seus cento e vinte remadores.

“Não tive a valentia suficiente”, dizia Jucef na sua carta, depois de explicar a situação provocada pelo roubo da hóstia, “para fugir da judiaria e acompanhar o meu pai nos seus últimos momentos. Confio em que ele compreenderá, esteja onde estiver agora.”

Sahat, na proa da galera, levantou o olhar para o horizonte. “Bastante valentia tens tu e os teus para viverem numa cidade de cristãos”, disse para consigo. Tinha já lido e relido a carta:

Raquel não queria fugir, mas convencemo-la.

Sahat saltou o resto da carta, até ao fim:

Ontem, a Inquisição deteve Arnau e hoje consegui saber, por intermédio de um judeu que está no palácio do bispo, que foi a mulher dele, Elionor, quem o denunciou como judaizante. E como a Inquisição precisa de duas testemunhas para dar crédito à denúncia, Elionor mandou chamar ao Santo Ofício vários sacerdotes de Santa Maria à la Mar que, pelos vistos, presenciaram uma discussão entre o casal; ao que parece, as palavras que Arnau disse poderiam ser consideradas sacrílegas e dão suficiente aval à denúncia de Elionor.

O assunto, continuava Jucef, era bastante complexo. Por um lado, Arnau era muito rico e esse património interessava à Inquisição, e por outro, encontrava-se nas mãos de um homem

como Nicolau Eimeric. Sahat recordava-se do soberbo inquisidor-mor, que assumira o cargo seis anos antes de ele ter abandonado o principado e que tivera a oportunidade de ver em algumas celebrações religiosas às quais tivera de acompanhar Arnau.

Desde que te foste embora, Eimeric acumulou cada vez mais poder, sem medo sequer de enfrentar publicamente o próprio soberano. Há anos que o rei não paga as rendas ao Papa, pelo que Urbano IV ofereceu a Sardenha como feudo ao senhor de Arbórea, o cabecilha da sublevação contra os Catalães. Depois da longa guerra contra Castela, voltam a sublevar-se os nobres corsos. Tudo isto foi aproveitado por Eimeric, que depende directamente do Papa, para enfrentar sem rebuços o próprio rei. Por um lado, sustenta que a Inquisição deveria ampliar a suas competências aos judeus e às outras confissões não cristãs. Deus nos livre disso! Ao que o rei, como proprietário das judiarias da Catalunha, se opõe radicalmente. No entanto, Eimeric continua insistindo junto do Papa, que não está muito disposto a defender os interesses do nosso monarca.

Mas, para além de querer intervir nas judiarias, contra os interesses do rei, Eimeric atreveu-se a acusar de heréticas as obras do teólogo catalão Ramon Elul. Desde há mais de meio século, as doutrinas de Elul têm sido respeitadas pela Igreja catalã, e o rei pôs a trabalhar juristas e pensadares na sua defesa, porque tomou o assunto como uma ofensa pessoal por parte do inquisidor-mor.

Estando assim as coisas, consta-me que Eimeric tentará transformar o processo contra Arnau, barão catalão e cônsul de la Mar, num novo confronto com o rei, para consolidar mais a sua posição e obter uma fortuna importante para a Inquisição. Parece que Eimeric já escreveu ao Papa Urbano a dizer-lhe que reterá a parte do rei dos bens de Arnau, para fazer face às rendas que Pedro tem em dívida; desta forma, o inquisidor-mor vinga-se do rei num nobre catalão e consolida a sua posição perante o Papa.

Creio, por outro lado, que a situação de Arnau é muito delicada, senão mesmo desesperada; o irmão dele, Joan, é inquisidor, e bastante cruel na verdade; a mulher dele foi quem o denunciou; o meu pai morreu, e nós, dada a acusação de judaizante e para seu próprio bem, não podemos demonstrar o nosso apreço para com ele. Só lhe restas tu.

Assim terminava Jucef: “Só lhe restas tu.” Sahat guardou a carta no cofrezinho em que guardava a correspondência que durante cinco anos mantivera com Hasdai. “Só lhe restas tu.” Com o pequeno cofre nas mãos, de pé na proa, voltou a perscrutar o horizonte. “Remem, marselheses... Só lhe resto eu.”

Eulália e Teresa retiraram-se a um sinal de Aledis. Joan fizera-o pouco antes ; a sua despedida não tivera resposta por parte de Mar.

— Porque o tratas assim? — perguntou Aledis quando ficaram a sós na sala da hospedaria. Só se ouvia o crepitar da lenha quase consumida. Mar guardou silêncio. — No fim de contas, é o irmão dele…

— Esse frade não merece nada melhor.

Mar não levantou os olhos, fixos na mesa, de onde tentava arrancar uma farpa que sobressaía. É bonita, pensou Aledis, O cabelo, brilhante e ondulado, caía-lhe pelos ombros, tinha as feições bem definidas: lábios bem delineados, maçãs do rosto altas, queixo marcado e nariz direito. Aledis surpreendeu-se quando viu os dentes, brancos e perfeitos, e durante o trajecto para a hospedaria não pudera deixar de notar o corpo dela, firme e bem constituída. No entanto, as mãos eram as de uma pessoa que tinha trabalhado no campo: ásperas e calejadas.

Mar deixou a farpa e dirigiu a atenção para Aledis, que aguentou o olhar dela em silêncio.

— É uma longa história — confessou.

— Se desejares, tenho tempo — disse Aledis.

Mar respondeu com uma careta e deixou passar alguns segundos. Porque não? Havia anos que não falava com uma mulher; havia anos que vivia fechada em si mesma, dedicada a trabalhar numas terras ingratas, tentando que as espigas e o sol compreendessem a sua desgraça e se apiedassem dela. Porque não? Parecia uma boa mulher.

— Os meus pais morreram na grande peste, quando eu era ainda criança...

Não regateou pormenores. Aledis tremeu quando Mar lhe falou do amor que sentira no terreiro do castelo de Montbui. “Como eu te compreendo”, esteve quase a dizer-lhe. “Também eu...” Arnau, Arnau, Arnau; de cada cinco palavras, uma era Arnau. Aledis

recordou a brisa do mar acariciando o seu corpo jovem, traindo a sua inocência, aumentando o seu desejo. Mar relatou-lhe a história do seu sequestro e do seu casamento; a confissão fê-la começar a chorar.

— Obrigada — disse Mar quando a sua garganta lhe permitiu. Aledis agarrou-lhe na mão.

— Tens filhos? — perguntou-lhe quando se refez.

— Tive um — Aledis apertou-lhe a mão. — Morreu há quatro anos, recém-nascido, na epidemia de peste que ceifou as crianças. O pai não chegou a conhecê-lo; nem sequer chegou a saber que estava grávida. Morreu em Catalayud defendendo um rei que, em vez de capitanear os seus exércitos zarpava de Valência com destino ao Rossilhão para afastar a família de um novo surto de peste — Mar acompanhou as palavras com um sorriso de desdém.

— E que tem tudo isso a ver com Joan? — perguntou Aledis.

— Ele sabia que eu amava Arnau... e que ele me correspondia.

Aledis bateu na mesa quando acabou de ouvir a história. A noite já ia avançada, e a pancada ecoou na hospedaria.

— Pensas denunciá-los?

— Arnau sempre protegeu esse frade. É irmão dele, e ama-o — Aledis recordou os dois rapazes que dormiam no piso inferior da casa de Pere e Mariona: Arnau a carregar pedras, Joan a estudar. — Não queria fazer mal a Arnau e, no entanto, agora... agora não posso vê-lo, nem sei se ele sabe que estou aqui e que continuo a amá-lo... Vão julgá-lo. Talvez... Talvez o condenem a...

Mar voltou a chorar desconsoladamente.

— Não penses que vou romper o juramento que te fiz, mas tenho de falar com ele — disselhe quando já se estava a despedir. Francesca tentou examinar-lhe o rosto na penumbra. — Confia em mim — acrescentou Aledis.

Arnau tinha-se levantado no momento em que Aledis voltou a entrar nas masmorras, mas não a chamara. Limitara-se a observar em silêncio como as duas mulheres cochichavam. Onde estava Joan? Havia dois dias que não vinha visitá-lo, e tinha muitas coisas para lhe perguntar. Queria que ele averiguasse quem era aquela idosa. Que fazia ela ali? Porque lhe dissera o aguazil que era a sua mãe? Que se passava com o processo? E com os negócios? E

Mar? Onde estava Mar? Alguma coisa estava errada. Desde a última vez que Joan o visitara, o aguazil voltara a tratá-lo como a outro qualquer; a comida era de novo apenas uma côdea de pão duro e água podre, e o balde tinha desaparecido.

Arnau viu a mulher separar-se da idosa. Com as costas apoiadas na parede, começou a deixar-se cair, mas... mas ela dirigia-se para ele.

No escuro, Arnau viu que ela se aproximava, e levantou-se de novo. A mulher parou a alguns passos dele, afastada dos ténues raios de luz que iluminavam a masmorra.

Arnau semicerrou as pálpebras para tentar vê-la com mais clareza.

— Proibiram-te as visitas — ouviu a mulher dizer-lhe.

— Quem és tu? — perguntou Arnau. — Como sabes isso?

— Não temos tempo, Ar... Arnau — Chamara-lhe Arnau! Se o aguazil se apercebesse...

— Quem és tu?

Porque não dizer-lho? Porque não abraçá-lo e consolá-lo? Não seria capaz. As palavras de Francesca ecoavam nos Seus ouvidos. Aledis virou-se para ela e olhou de novo para Arnau. A brisa do mar, a praia, a juventude, a longa viagem até Figueras...

— Quem és? — ouviu de novo.

— Isso não interessa. Só quero dizer-te que Mar está em Barcelona, à tua espera. Ama-te. Continua a amar-te.

Aledis observou como Arnau se apoiava na parede. Esperou uns segundos. Havia ruído nos corredores. O aguazil só lhe concedera alguns momentos. Mais ruídos. A chave na fechadura. Arnau também ouviu e virou-se para a porta.

— Queres que lhe dê algum recado?

A porta abriu-se e a luz das tochas do corredor iluminou Aledis.

— Diz-lhe que eu também... — O aguazil entrou na masmorra. — Que a amo. Ainda que não possa...

Aledis rodou sobre si mesma e encaminhou-se para a porta.

— Que fazias tu, a falar com o cambista? — perguntou-lhe o obeso aguazil, depois de fechar a porta.

— Chamou-me quando eu vinha a sair.

— É proibido falar com ele.

— Não sabia.Também nem sabia que aquele era o cambista. Não lhe respondi nada. Nem sequer me aproximei dele.

— O inquisidor-mor proibiu...

Aledis pegou na bolsa e fez tilintar as moedas.

— Mas não te quero voltar a ver por aqui — disse o aguazil, pegando no dinheiro. — Se voltares, não sais da masmorra.

Entretanto, no tenebroso interior da masmorra, Arnau continuava a tentar apreender as palavras daquela mulher: “Ama-te. Continua a amar-te.” No entanto, a recordação de Mar estava turvada pelo fugitivo reflexo das tochas nuns enormes olhos castanhos. Conhecia aqueles olhos. Onde os vira antes?

Dissera-lhe que lhe daria o recado.

— Não te preocupes — insistira —, Arnau saberá que estás aqui à espera dele.

— Diz-lhe também que o amo — gritara Mar quando Aledis já entrava na Praça da Liana.

Desde a porta da hospedaria, Mar vira como a viúva virava a cara para ela e sorria. Quando Aledis desaparecera da vista, Mar saíra da hospedaria. Pensara nisso no trajecto desde Mataró; pensara nisso quando a tinham impedido de ver Arnau; pensara nisso nessa mesma noite. Da Praça da Liana, andou alguns passos pela Rua de Bòria, passou diante da Capela d'en Marcus e virou à direita. Deteve-se no início da Rua de Monteada, e durante alguns instantes ficou a observar os nobres palácios que a flanqueavam.

— Senhora! — exclamou Pere, o velho criado de Elionor, quando lhe deu passagem por um dos grandes portões do palácio de Arnau. — Que alegria ver-vos. Há quanto tempo que... — Pere calou-se, e com gestos nervosos convidou-a a passar para o pátio empedrado da entrada. — Que vos traz por aqui?

— Vim ver D. Elionor.

Pere assentiu e desapareceu.

Entretanto, Mar perdeu-se nas recordações. Tudo continuava igual; o pátio, fresco e limpo, com as suas pedras polidas e reluzentes; os estábulos, em frente, e à direita a impressionante escada que dava acesso à zona nobre, por onde Pere acabara de subir.

Pere regressou compungido.

— A senhora não deseja receber-vos.

Mar levantou os olhos para o andar nobre. Uma sombra desapareceu atrás de uma das janelas. Quando vivera ela aquela mesma situação? Quando? Voltou a olhar para as janelas.

— Certa vez — murmurou para as janelas, diante de Pere, que não se atrevia a consolá-la pela afronta —, vivi esta mesma cena. Arnau saiu vitorioso, Elionor. Aviso-te: cobrou a sua dívida... por inteiro.

CAPÍTULO 53

As armas e equipagem dos soldados que o acompanhavam ecoavam ao longo dos intermináveis e altos corredores do palácio episcopal. A comitiva marchava marcialmente; o oficial abria caminho, dois soldados iam à frente dele e outros dois atrás dele. Ao chegar ao fim da escadaria que subia das masmorras, Arnau deteve-se para se acostumar à luz que inundava o palácio; um forte golpe nas costas obrigou-o a seguir o ritmo dos soldados.

Arnau desfilou perante frades, sacerdotes e escrivães, colados às paredes para permitirem a passagem. Ninguém lhe tinha querido responder. O aguazil entrara nas masmorras e libertara-o das correntes. “Onde me levas?” Um dominicano de preto benzeu-se à passagem dele, outro ergueu um crucifixo. Os soldados continuavam a marchar, impassíveis, afastando toda a gente só pela sua presença. Havia dias que não tinha notícias de Joan, nem da mulher dos olhos castanhos; onde vira antes aqueles olhos? Perguntara à idosa, mas não obtivera resposta. “Quem era aquela mulher?”, gritara, por quatro vezes. Algumas das sombras amarradas às paredes tinham murmurado, outras tinham permanecido impassíveis, tal como a idosa, que nem sequer se mexera; e, no entanto, quando o aguazil o retirara aos empurrões da masmorra, parecera-lhe vê-la remexer-se, inquieta.

Arnau tropeçou contra um dos soldados que o precediam. Tinham parado frente a umas portas de madeira imponentes, de duplo batente. O soldado empurrou-o, fazendo-o retroceder. O oficial bateu às portas, abriu-as, e a comitiva entrou numa sala imensa, com ricas tapeçarias nas paredes. Os soldados acompanharam Arnau até ao centro da sala e depois foram fazer guarda para perto das portas.

Atrás de uma longa mesa de madeira, profusamente trabalhada, sete homens olhavam-no. Nicolau Eimeric, o inquisidor-mor, e Berenguer d'Erill, bispo de Barcelona, ocupavam o centro da mesa, ricamente vestidos com trajes bordados a ouro. Arnau conhecia-os a ambos. A esquerda do inquisidor, o notário do Santo Ofício; Arnau já se cruzara com ele em algumas ocasiões, mas nunca tinham chegado a falar. A esquerda do notário, e à direita do bispo, dois dominicanos de negro desconhecidos completavam o tribunal.

Arnau devolveu-lhes o olhar em silêncio, até que um dos frades fez uma careta de desprezo. Arnau levou uma mão ao rosto e apalpou a barba suja que lhe crescera nas masmorras; nas suas vestes, não havia rasto das cores originais, e estavam rotas; os seus pés, descalços, pretos, e as unhas das mãos compridas e tão sujas como estas. Cheirava mal. Ele próprio se enojou com o seu cheiro.

Eimeric sorriu perante o esgar de aversão de Arnau.

— Primeiro, fá-lo-ão jurar sobre os quatro evangelhos — explicou Joan a Mar e a Aledis, sentados em redor de uma mesa da hospedaria. — O julgamento pode durar dias, ou mesmo meses — disselhes quando elas o incitaram a ir à porta do palácio do bispo. — É melhor esperar aqui na hospedaria.

— Alguém o vai defender? — perguntou Mar. Joan negou cansadamente com a cabeça.

— Atribuir-lhe-ão um advogado... que está proibido de o defender.

— Como?! — exclamaram as duas mulheres em uníssono.

— Proibimos os advogados e os notários — recitou Joan — de que ajudem os hereges, que os aconselhem ou os apoiem, bem como que acreditem neles ou os defendam — Mar e Aledis interrogaram Joan com o olhar. — Assim reza uma bula do Papa Inocêncio III.

— Então? — perguntou Mar.

— O trabalho do advogado consiste em conseguir a confissão voluntária do herege; se defendesse o herege, estaria a defender a heresia.

— Nada tenho a confessar — respondeu Arnau ao jovem sacerdote que lhe tinham atribuído como advogado.

— É especialista em direito civil e canónico — disse Nicolau Eimeric —, e um entusiasta da fé — acrescentou sorrindo.

O sacerdote abriu os braços, em sinal de impotência, tal como antes fizera o aguazil da masmorra, quando instara Arnau a confessar a sua heresia. “Deverias fazê-lo”, limitou-se a aconselhá-lo. “Deves confiar na benevolência do tribunal.” Repetiu exactamente o mesmo gesto — quantas vezes o teria já feito como advogado dos hereges? — e, depois de um sinal de Eimeric, retirou-se da sala.

— Depois — continuou Joan, acedendo à insistência de Aledis —, pedir-lhe-ão que nomeie os seus inimigos.

— Para quê?

— Se nomeasse alguma das testemunhas que o denunciaram, o tribunal poderia considerar que a denúncia está viciada por essa inimizade.

— Mas Arnau não sabe quem o denunciou — interveio Mar.

— Não. Neste momento, não. Depois, sim, podia saber... Se Eimeric lhe concedesse esse direito. Na realidade, deveria saber — acrescentou, perante a expressão das suas interlocutoras —, porque assim dispôs Bonifácio VIII, mas o Papa está muito longe, e cada inquisidor conduz o processo como mais lhe convém.

— Creio que a minha mulher me odeia — respondeu Arnau à pergunta de Eimeric.

— Por que razão há-de odiar-te D. Elionor? — perguntou de novo o inquisidor.

— Porque não tivemos filhos.

— E tentaste? Deitaste-te com ela?

Jurara sobre os quatro evangelhos.

— Não.

O notário deixou escorregar a pena sobre os papéis que descansavam à sua frente. Nicolau Eimeric virou-se para o bispo.

— Mais algum inimigo? — interveio desta vez Berenguer d'Erill.

— Os nobres das minhas baronias, e em especial o carlán de Montbui — o notário continuou a escrever. — Também ditei muitas sentenças como cônsul de la Mar, mas creio ter trabalhado com justiça.

— Tens algum inimigo entre os membros do clero?

Porquê aquela pergunta? Sempre se dera bem com a Igreja.

— A não ser alguns dos presentes...

— Os membros deste tribunal são imparciais — interrompeu-o Eimeric.

— Confio nisso — Arnau enfrentou o olhar do inquisidor.

— Alguém mais?

— Como bem sabeis, exerço a profissão de cambista há muito tempo; talvez...

— Não se trata aqui — voltou a interrompê-lo Eimeric — de que especules sobre quem ou quais poderiam ser os teus inimigos, e por que razões. Se os tens, tens de dizer os seus nomes; caso contrário, negar. Tens ou não? — rugiu Eimeric.

— Não julgo tê-los.

— E depois? — perguntou Aledis.

— Depois, começará o verdadeiro processo inquisitorial — Joan recuou nas suas memórias até às praças das aldeias, às casas dos regedores, às noites de vela... Mas uma forte pancada na mesa devolveu-o à realidade.

— Que significa isso, frade? — gritou-lhe Mar. Joan suspirou e olhou-a nos olhos.

— "Inquisição" significa procura. O inquisidor tem de procurar a heresia, o pecado. Mesmo quando existem denúncias, o processo não se fundamenta nelas, nem se cinge a elas. Se o acusado não confessa, é preciso procurar essa verdade escondida.

— De que forma? — perguntou Mar. Joan fechou os olhos antes de responder.

— Se te referes à tortura, sim, é um dos procedimentos.

— Que lhe fazem?

— Pode ser que não cheguem a torturá-lo.

— Que lhe fazem? — insistiu Mar.

— Para que queres saber? — perguntou-lhe Aledis, agarrando-lhe na mão. — Isso só servirá para te atormentar mais ainda.

— A lei proíbe que a tortura provoque a morte ou a amputação de algum membro — esclareceu Joan —, e só se pode torturar uma vez.

Joan observou como as duas mulheres, com lágrimas nos olhos, tentavam consolar-se. No entanto, o próprio Nicolau Eimeric

encontrara maneira de contornar essa disposição legal. Non ad modum iterationis sed continuationis, costumava dizer, com um estranho brilho nos olhos; não como repetição, mas como continuação, traduzia então aos noviços que ainda não dominavam o latim.

— Que acontece se o torturarem e continuar a não confessar? — inquiriu Mar, fungando.

— A sua atitude será tida em conta na hora de ditar a sentença — respondeu Joan, sem adiantar mais.

— E a sentença? Será Eimeric a ditá-la? — perguntou Aledis.

— Sim, a não ser que a condenação seja a prisão perpétua ou à execução na fogueira; nesse caso, precisa da aprovação do bispo. No entanto — continuou o frade, interrompendo a pergunta seguinte das mulheres —, se o tribunal considerar que o assunto é complexo, há ocasiões em que consulta os boni viri, umas trinta a oitenta pessoas, entre laicos e seculares, a fim de que lhe dêem a sua opinião sobre a culpabilidade do acusado e sobre a pena que lhe deve ser dada. Quando assim é, o processo prolonga-se por meses e meses.

— Durante os quais Arnau continuará na prisão... — acrescentou Aledis.

Joan assentiu com a cabeça e ficaram os três em silêncio; as mulheres tentavam assimilar o que tinham ouvido, e Joan recordava outra das máximas de Eimeric: “O cárcere há-de ser lôbrego, um subterrâneo onde não possa entrar nenhuma claridade, especialmente do sol ou da lua; há-de ser duro e áspero, para que abrevie o mais possível a vida do réu, até o fazer perecer.”

Com Arnau no meio da sala, em pé, sujo e esfarrapado, inquisidor e bispo aproximaram as cabeças e começaram a cochichar. O notário aproveitou para pôr em ordem as folhas, e os quatro dominicanos cravaram os olhos em Arnau.

— Como conduzirás o interrogatório? — perguntou-lhe Berenguer d'Erill.

— Começaremos como sempre, e à medida que obtenhamos algum resultado, iremos comunicando-lhe as acusações.

— Vais dizer-lhas?

— Sim. Creio que com este homem será mais eficaz a pressão dialéctica do que a física; no entanto, se não houver outro remédio...

Arnau tentou sustentar os olhares dos frades negros. Um, dois, três, quatro... Mudou o peso do corpo para o outro pé e voltou a olhar para o inquisidor e para o bispo. Continuavam a cochichar. Os dominicanos continuavam com a atenção posta nele. A sala estava no mais absoluto silêncio, à excepção do cochichar dos prebostes.

— Está a começar a ficar nervoso — disse o bispo depois de levantar os olhos para Arnau e de voltar a chegar-se ao inquisidor.

— É uma pessoa habituada a mandar e a ser obedecida — respondeu Eimeric. — Tem de entender a sua verdadeira situação, aceitar o tribunal e a sua autoridade, submeter-se a ele. Só então estará em condições para ser interrogado. A humilhação é o primeiro passo.

Bispo e inquisidor prolongaram as suas consultas durante um longo momento, durante o qual Arnau se viu constantemente examinado pelos dominicanos. Arnau tentou distrair-se pensando em Mar, em Joan, mas cada vez que pensava num deles, o olhar de um frade negro cravava-se nele como se soubesse o que estava a pensar. Mudou de posição uma infinidade de vezes; levou a mão à barba e ao cabelo, e observou o seu estado de sujidade. Berenguer d'Erill e Nicolau Eimeric, refulgentes de ouro, comodamente sentados atrás da mesa do tribunal, olhavam-no de soslaio, para depois recomeçarem a cochichar.

Finalmente, Nicolau Eimeric dirigiu-se a ele com voz forte:

— Arnau Estanyol, sei que pecaste.

Começava o julgamento. Arnau inspirou com força.

— Ignoro a que vos referis. Creio ter sido sempre um bom cristão. Procurei...

— Tu próprio reconheceste perante este tribunal que não mantiveste relações com a tua esposa. Será essa a atitude de um bom cristão?

— Não posso ter relações carnais. Não sei se sabereis que já fui casado antes e também... não pude ter nenhum filho.

— Queres dizer que tens um problema físico? — interveio o bispo.

— Sim.

Eimeric observou Arnau por uns instantes; apoiou os cotovelos na mesa e, cruzando as mãos, tapou a boca com elas. Depois virou-se para o notário e deu-lhe uma ordem em voz baixa.

— Declaração de Juli Andreu, sacerdote de Santa Maria de la Mar — leu o notário, embrenhando-se nos papéis. — “Eu, Juli Andreu, sacerdote de Santa Maria de la Mar, requerido pelo inquisidor-mor da Catalunha, declaro que aproximadamente em Março do ano de 1364 de Nosso Senhor, mantive uma conversa com Arnau Estanyol, barão da Catalunha, acerca da sua esposa, D. Elionor, baronesa, pupila do rei Pedro, a qual me manifestara a sua preocupação pelo incumprimento que o seu marido fazia dos seus deveres conjugais. Declaro que Arnau Estanyol me confiou que a sua esposa não o atraía e que o seu corpo se negava a manter relações com D. Elionor; que se encontrava bem fisicamente e que não podia obrigar o seu corpo a desejar uma mulher que ele não desejava; que sabia que estava em pecado” — Eimeric cerrou os olhos em direcção a Arnau —, “e que era por essa razão que rezava tanto em Santa Maria e fazia donativos vultuosos para a construção da igreja.”

O silêncio voltou a cair na sala. Nicolau continuava com os olhos postos em Arnau.

— Manténs que tens um problema físico? — perguntou finalmente o inquisidor.

Arnau recordava-se daquela conversa, mas não se recordava exactamente...

— Não me lembro do que terei dito.

— Reconheces então ter falado com o padre Juli Andreu?

— Sim.

Arnau ouviu o raspar da pena do notário.

— No entanto, estás a pôr em dúvida a declaração de um homem de Deus. Que interesse poderia ter o clérigo em mentir contra ti?

— Poderá estar enganado. Não se lembrar bem do que eu lhe disse...

— Pretendes dizer que um sacerdote que duvidasse do que foi dito declararia como o fez o padre Juli Andreu?

— Só digo que pode estar enganado.

— O padre Juli Andreu não é teu inimigo, pois não? — interveio o bispo.

— Não o tinha como tal.

Nicolau voltou a dirigir-se ao notário.

— Declaração de Pere Salvete, clérigo de Santa Maria de la Mar. "Eu, Pere Salvete, clérigo de Santa Maria de la Mar, requerido pelo inquisidor-mor da Catalunha, declaro que na Páscoa do ano de 1367 de Nosso Senhor, enquanto oficiávamos a Santa Missa, irromperam na igreja uns cidadãos alertando para o roubo de uma hóstia por parte dos hereges. A missa foi suspensa e todos os paroquianos abandonaram a igreja, à excepção de Arnau Estanyol, cônsul de la Mar, e sua esposa, D. Elionor" — "Vai com a tua amante judia!": as palavras de Elionor soaram de novo nos ouvidos de Arnau. Sentiu o mesmo calafrio que sentira naquele dia. Levantou os olhos. Nicolau estava atento ao que ele fazia... e sorria. Tê-lo-ia notado? O escrivão continuava a ler: — "...e o cônsul respondeu-lhe que nem Deus poderia obrigá-lo a deitar-se com ela..."

Nicolau mandou o notário parar e deixou de sorrir.

— Também mente, o clérigo?

"Vai com a tua amante judia!" Porque não o tinha deixado terminar a leitura. Que pretendia Nicolau? A tua amante judia, a tua amante judia... As chamas lambendo o corpo de Hasdai, o silêncio, o povo embriagado reclamando justiça em silêncio, gritando palavras que não lhe chegavam a sair da boca, Elionor apontando para ele e o bispo e Nicolau olhando para ele... E Raquel abraçada a ele...

— Também mente o clérigo? — repetiu Nicolau.

— Não acusei ninguém de mentir — defendeu-se Arnau. Precisava de pensar.

— Negas os preceitos de Deus? Por acaso opões-te às obrigações que, como marido cristão, te competem?

— Não... Não... — hesitou Arnau.

— Então?

— Então o quê?

— Negas os preceitos de Deus? — repetiu Nicolau, elevando a voz.

As palavras reverberaram nas paredes de pedra da ampla sala. Sentia as pernas intumescidas, depois de tantos dias naquela masmorra.

— O tribunal pode considerar o teu silêncio como uma confissão — acrescentou o bispo.

— Não. Não os nego — começavam a doer-lhe as pernas. — Importam assim tanto ao Santo Ofício as minhas relações com D. Elionor? Por acaso é pecado...

— Não te iludas, Arnau — interrompeu-o o inquisidor —, quem faz as perguntas é o tribunal.

— Fazei-as, então.

Nicolau observou como Arnau se mexia, inquieto, e mudava de posição repetidamente.

— Está a começar a sentir dor — sussurrou ao ouvido de Berenguer d'Erill.

— Deixemo-lo pensar nisso — respondeu o bispo.

Começaram a cochichar de novo e Arnau voltou a sentir pousados em si os olhares dos quatro dominicanos. Doíam-lhe as pernas, mas tinha de resistir. Não podia prostrar-se diante de Nicolau Eimeric. Que aconteceria se caísse ao chão? Precisava... De uma pedra. De uma pedra às costas, de um longo caminho a percorrer carregado com uma pedra para a sua Virgem. “Onde estás tu agora? De verdade que são estes os teus representantes?” Era apenas um rapazinho, e, no entanto... Porque não havia de aguentar agora? Percorrera Barcelona inteira com uma rocha que pesava mais do que ele, suando, sangrando, ouvindo os gritos de ânimo das pessoas. Não lhe restaria nada daquela força? Ia deixar-se vencer por um frade fanático? Ele, o rapazinho bastaixque todos os rapazes da cidade tinham admirado? Passo a passo, arrastando os pés pelo caminho até Santa Maria, para depois regressar a casa e descansar para o dia seguinte. A casa... Os olhos castanhos, os grandes olhos castanhos. E então, nesse momento, com um estremecimento que quase o fez cair ao chão, reconheceu Aledis na visitante da masmorra escura.

Nicolau Eimeric e Berenguer d'Erill trocaram um olhar quando viram como Arnau se endireitava. Pela primeira vez, um dos dominicanos desviou o olhar para o centro da mesa.

— Não cai — cochichou nervosamente o bispo.

— Onde satisfazes os teus instintos? — perguntou Nicolau, elevando a voz.

Por isso o tinha tratado por Arnau. Aquela voz... Sim. Aquela voz era a voz que tantas vezes tinha ouvido no sopé da montanha de Montjuic.

— Arnau Estanyol! — O grito do inquisidor devolveu os seus pensamentos ao tribunal. — Perguntei-te onde satisfazes os teus instintos.

— Não entendo a vossa pergunta.

— És um homem. Não tiveste relações com a tua esposa durante anos. É muito simples: onde satisfazes as tuas necessidades como homem?

— Desde há esses mesmos anos que dizeis que não tenho contacto com mulher nenhuma.

Respondera sem pensar. O aguazil dissera-lhe que era sua mãe.

— Mentes! — Arnau estremeceu. — Este mesmo tribunal te viu abraçado a uma herege. Isso não é ter contacto com uma mulher?

— Não sei a que vos referis.

— Que pode levar um homem e uma mulher a abraçarem-se em público, senão — Nicolau gesticulou com os braços — a lascívia?

— A dor.

— Que dor? — lançou o bispo.

— Que dor? — insistiu Nicolau perante o silêncio. Arnáu calou-se. As chamas da pira iluminaram a sala. — Pela execução de um herege que tinha profanado uma hóstia sagrada? — perguntou de novo o inquisidor, apontando-lhe um dedo cheio de anéis. — É essa a dor que sentes enquanto bom cristão? O do peso da justiça sobre um desalmado, um profanador, um miserável, um ladrão?

— Não foi ele! — gritou Arnau.

Todos os membros do tribunal, incluindo o notário, se remexeram nos seus assentos.

— Os três confessaram as suas culpas. Porque defendes os hereges? Os judeus...

— Judeus! Judeus! — revoltou-se. — Que tem o mundo contra os judeus?

— Acaso ignoras? — perguntou o inquisidor levantando a voz. — Crucificaram Jesus Cristo!

— Não pagaram o suficiente com as suas próprias vidas?

Arnau deu com os olhares dos membros do tribunal. Todos se tinham erguido nas cadeiras.

— Advogas o perdão? — perguntou Berenguer d'Erill.

— Não são esses os ensinamentos de Nosso Senhor?

— O único caminho é a conversão! Não se pode perdoar a quem não se arrepende — gritou Nicolau.

— Estais a falar de algo que aconteceu há mais de mil e trezentos anos. De que tem de se arrepender o judeu que nasceu nos nossos dias? Ele não tem culpa alguma do que se passou então.

— Todo aquele que abraça a doutrina judaica está a responsabilizar-se pelo que fizeram os seus antepassados; está a assumir a sua culpa.

— Apenas abraçam ideias, crenças, tal como nós... — Nicolau e Berenguer estremeceram; porque não? Por acaso não era verdade? Não merecia isto aquele homem vilipendiado que entregara a sua vida pela comunidade? — Como nós — afirmou Arnau com contundência.

— Equiparas a fé católica à heresia? — saltou o bispo.

— Não me corresponde a mim comparar nada; esse é um trabalho que deixo para vós, homens de Deus. Apenas disse...

— Sabemos perfeitamente o que disseste! — interrompeu-o Nicolau Eimeric, levantando a voz. — Comparaste a autêntica fé cristã, a única, a verdadeira, com as doutrinas heréticas dos judeus.

Arnau enfrentou o tribunal. O notário continuava a escrever nos seus papéis. Até os soldados, atrás dele, hieráticos, junto das portas, pareciam escutar o raspar da pena no papel. Nicolau sorriu, e o som do escrivão colou-se a Arnau até lhe alcançar cada nervo. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. O inquisidor-mor apercebeu-se disso e sorriu abertamente. Sim, disselhe com o olhar, são as tuas declarações.

— São como nós — insistiu Arnau.

Nicolau mandou-o calar-se com um gesto da mão.

O notário continuou a escrever por mais uns instantes. Ali ficam as tuas palavras, voltou a dizer-lhe com o olhar o inquisidor-mor.

Quando o escrivão levantou a pena, Nicolau sorriu de novo.

— Está suspensa a sessão até amanhã — declarou, levantando-se do cadeirão.

Mar estava cansada de ouvir Joan.

— Aonde vais? — perguntou-lhe Aledis. Mar limitou-se a olhar para ela. — Outra vez? Tens ido todos os dias e nunca conseguiste...

— Consegui que saiba que estou aqui e que não vou esquecer aquilo que me fez — Joan escondeu o rosto. — Consegui vê-la através da janela e fazer-lhe saber que Arnau é meu; vi-o nos olhos dela e pretendo recordar-lhe isso todos os dias da sua vida. Estou disposta a conseguir que em cada momento pense que fui eu quem ganhou.

Aledis observou-a enquanto ela abandonava a hospedaria. Mar fez o mesmo caminho que vinha fazendo desde a sua chegada a Barcelona, até se posicionar à porta do palácio da Rua de Monteada. Bateu com toda a sua força a aldraba da porta. Elionor recusar-se-ia a recebê-la, mas havia de saber que ela estava ali em baixo.

Mais uma vez, o velho criado abriu o postigo.

— Senhora — disselhe, através do postigo —, já sabeis que D. Elionor...

— Abre a porta. Só quero vê-la, mesmo que seja através da janela atrás da qual se esconde.

— Mas ela não quer, senhora.

— Ela sabe quem eu sou?

Mar viu como Pere se voltava para as janelas do palácio.

— Sim.

Mar tornou a bater a aldraba com força.

— Não insistais, senhora, ou D. Elionor mandará chamar os soldados — aconselhou-lhe o ancião.

— Abre, Pere.

— Ela não quer ver-vos, senhora.

Mar sentiu uma mão a pousar-se no seu ombro e a afastá-la da porta.

— Mas quem sabe se não quererá ver-me a mim — ouviu, antes de ver um homem aproximar-se do postigo.

— Guillem! — gritou Mar, lançando-se para ele.

— Lembras-te de mim, Pere? — perguntou o mouro, com Mar pendurada ao pescoço.

— Então não havia de me lembrar?

— Pois então, diz à tua senhora que quero vê-la.

Quando o ancião fechou o postigo, Guillem agarrou Mar pela cintura e ergueu-a. Rindo-se, Mar deixou-se levantar. Depois, Guillem pô-la no chão e afastou-se um passo para trás, agarrando-lhe as mãos e abrindo-lhe os braços, para poder observá-la.

— A minha menina — disse, com a voz embargada. — Quantas vezes sonhei com poder voltar a pegar em ti! Mas agora pesas muito mais. Tornaste-te uma verdadeira...

Mar largou-lhe as mãos e abraçou-se a ele.

— Porque me abandonaste? — perguntou-lhe, chorando.

— Era apenas um escravo, minha querida. Que poderia fazer um simples escravo?

— Era como se fosses meu pai.

— E já não o sou?

— Sê-lo-ás sempre.

Mar abraçou Guillem com força. “Sê-lo-ás sempre”, pensou o mouro. “Quanto tempo perdi, longe daqui?” Virou-se para o postigo:

— D. Elionor também não quer ver-vos — ouviu-se do outro lado.

— Diz-lhe que terá notícias minhas.

Os soldados acompanharam-no de regresso às masmorras. Assim que o aguazil voltou a acorrentá-lo, Arnau não mais separou os olhos da sombra que se aninhava à sua frente, do outro lado da sala. Continuou de pé quando o aguazil saiu da masmorra.

— Que tens tu a ver com Aledis? — gritou para a idosa, quando já não se ouviam passos no corredor.

Arnau julgou vislumbrar um sobressalto na sombra, mas no mesmo momento a figura voltou a ficar imóvel.

— Que tens a ver com Aledis — insistiu. — Que fazia ela aqui? Porque te vem visitar?

O silêncio que obteve como resposta trouxe-lhe a recordação do reflexo daqueles grandes olhos castanhos.

— Que têm a ver Aledis e Mar? — suplicou à sombra.

Tentou ouvir pelo menos a respiração da idosa, mas uma infinidade de estertores e gemidos misturaram-se no silêncio com que Francesca lhe respondia. Arnau passeou o olhar pelas paredes da masmorra. Ninguém lhe prestava a menor atenção.

O estalajadeiro parou de mexer a grande panela sobre o fogo assim que viu aparecer Mar acompanhada por um mouro luxuosamente ataviado. O seu nervosismo aumentou quando, atrás deles, entraram dois escravos carregados com os haveres de Guillem. “Porque não terá ficado na alfândega, como todos os mercadores?”, perguntou-se enquanto corria para o receber.

— É uma honra para esta casa — disselhe, inclinando-se numa reverência exagerada.

Guillem esperou que o estalajadeiro parasse com os salamaleques.

— Tens alojamento?

— Sim. Os escravos podem dormir no...

— Alojamento para três — interrompeu-o Guillem. — Dois quartos; um para mim, e outro para eles.

O estalajadeiro desviou os olhos para os dois rapazes de grandes olhos escuros e cabelo encrespado, que esperavam em silêncio, atrás do seu senhor.

— Sim — respondeu. — Se é isso que desejais. Acompanhai-me.

— Eles tratarão de tudo. Traz-nos um pouco de água.

Guillem acompanhou Mar até uma das mesas. Estavam sós na sala de jantar.

— Dizes então que o julgamento começou hoje?

— Sim, embora também não te possa garantir. Nem sequer pude vê-lo.

Guillem notou como a voz de Mar se alquebrava. Estendeu a mão para a consolar, mas não chegou a tocar-lhe. Ela já não era uma menina, e ele... No fim de contas não passava de um mouro. Ninguém deveria pensar... Já fizera muito diante do palácio de Elionor. A mão de Mar percorreu o trajecto que faltara à de Guillem.

— Continuo a ser a mesma. Para ti, serei sempre.

Guillem sorriu.

— E o teu marido?

— Morreu.

O rosto de Mar não mostrou desgosto. Guillem mudou de assunto:

— Já alguém fez alguma coisa por Arnau?

Mar semicerrou os olhos e fechou os lábios.

— Que queres tu dizer? Não podemos fazer...

— E Joan? Joan é inquisidor. Sabes alguma coisa dele? Não intercedeu por Arnau?

— Esse frade? — Mar sorriu com desdém e ficou calada; para quê contar-lhe? Já bastava o problema de Arnau, e Guillem viera por causa disso. — Não. Não fez nada. Pior ainda, tem o inquisidor-mor contra ele. Está aqui connosco.

— Connosco?

— Sim. Conheci uma viúva chamada Aledis e que está aqui alojada com as duas filhas. Era amiga de Arnau quando eram crianças. Parece que calhou estar de passagem quando soube da detenção dele. Estou a dormir com elas. É uma boa mulher. Verás toda a gente quando forem horas de almoçar.

Guillem apertou a mão de Mar.

— Que foi feito de ti? — perguntou-lhe ela.

Mar e Guillem estiveram a contar um ao outro os seus cinco anos de separação, até que o Sol subiu a direito sobre Barcelona; Mar evitou contar-lhe alguma coisa referente a Joan. As primeiras a aparecer foram Teresa e Eulália. Chegavam acaloradas, mas sorridentes, se bem que o sorriso tenha desaparecido dos seus bonitos rostos assim que viram Mar e se lembraram da prisão de Francesca.

Tinham passeado por meia cidade, desfrutando a nova identidade que as suas vestes de órfãs, e de virgens, lhes proporcionavam... Nunca antes tinham gozado de tal liberdade, porque a lei as obrigava a vestir-se de seda e com cores, para que qualquer pessoa pudesse reconhecê-las. “Entramos?”, propusera Teresa, apontando disfarçadamente para as portas da igreja de Sant Jaume. Disse-o num sussurro, como se tivesse medo de que apenas a ideia pudesse desencadear a ira de toda a Barcelona. Mas nada aconteceu. Os paroquianos que se encontravam no interior da igreja não lhes deram a menor atenção, e o sacerdote, perante cuja

passagem as raparigas baixaram de imediato o olhar e se aproximaram uma da outra, também não.

Da Rua da Boquería, desceram, conversando e rindo, em direcção ao mar; se tivessem subido pela Rua do Bisbe, até à Praça Nova, ter-se-iam encontrado com Aledis, frente ao palácio do bispo, com o olhar fixado nas janelas, tentando reconhecer Arnau ou Francesca em cada silhueta que se desenhava por detrás dos vidros. Nem sequer sabia por detrás de que janela estariam a julgar Arnau! Francesca teria já deposto? Joan nada sabia acerca dela. Aledis passeava os olhos de janela em janela.

— Que fazes aí parada, mulher? — Aledis deu com um dos soldados da Inquisição ao seu lado. Não o vira chegar. — Que olhas tu com tanto interesse?

Aledis encolheu-se e desatou a correr, sem lhe responder. “Não conhecem Francesca”, pensou, enquanto fugia. “Nenhuma das vossas torturas poderá obrigá-la a confessar o segredo que calou durante toda a sua vida.”

Antes que Aledis chegasse à hospedaria, chegou Joan, com um hábito limpo que conseguira no mosteiro de Sant Pere de les Puelles. Quando viu Guillem, sentado com Mar e as duas filhas de Aledis, ficou parado no meio da sala.

Guillem olhou para ele. Aquilo fora um sorriso ou uma careta de desagrado?

O próprio Joan não lhe teria sabido responder. Ter-lhe-ia Mar contado acerca do sequestro?

Num relâmpago, Guillem recordou-se do tratamento que o frade lhe prestara quando estava com Arnau, mas não era altura para ajustes de contas, e levantou-se. Precisavam de estar unidos, pelo bem de Arnau.

— Como estás, Joan? — disselhe, agarrando-o pelos ombros. — Que te aconteceu à cara? — acrescentou, vendo as equimoses.

Joan olhou para Mar, mas apenas encontrou o mesmo rosto duro e inexpressivo com que o brindara desde que fora buscá-la. Mas não, Guillem não poderia ser tão cínico que fosse perguntar...

— Um mau encontro — respondeu. — Nós, frades, também os temos.

— Suponho que já os terás excomungado — sorriu Guillem, acompanhando o frade até à mesa. — Não é isso que dizem as Constituições de Paz e Trégua? — Joan e Mar entreolharam-se. — Não é assim? Será excomungado aquele que rompa a paz contra os clérigos desarmados... Não ias armado, pois não, Joan?

Guillem não teve oportunidade de se aperceber da tensão entre o frade e Mar, porque nesse instante apareceu Aledis. As apresentações foram breves, porque Guillem queria falar com Joan.

— Tu és inquisidor — disselhe. — Qual é a tua opinião sobre a situação de Arnau?

— Creio que Nicolau pretende condená-lo, mas não pode ter grande coisa contra ele. Suponho que se safará com um sambenito e uma multa importante, que é o que interessa a Eimeric. Conheço Arnau; nunca fez mal a ninguém. Por mais que Elionor o tenha denunciado, nunca poderão encontrar...

— E se a denúncia de Elionor fosse acompanhada pela de uns sacerdotes? — Joan sobressaltou-se. — Denunciariam insignificâncias alguns sacerdotes?

— A que te referes?

— Isso agora não interessa — disse Guillem, recordando a carta de Jucef. — Responde-me. Que acontecerá se a denúncia for avalizada por sacerdotes?

Aledis não ouviu as palavras de Joan. Deveria contar o que sabia? Poderia aquele mouro fazer alguma coisa? Era rico... E parecia... Eulália e Teresa olharam para ela. Tinham-se mantido em silêncio, como ela lhes mandara, mas agora pareciam ansiosas por que ela falasse. Não foi necessário perguntar-lhes; ambas anuíram. Mas isso significava... E depois? Alguém tinha de fazer alguma coisa, e aquele mouro...

— Há muito mais do que isso — interveio, interrompendo as hipóteses que Joan ainda estava a elaborar.

Os dois homens e Mar fixaram nela os seus olhares.

— Não penso dizer-vos como soube, nem quero voltar a falar deste assunto, depois de vos ter contado. De acordo?

— Que queres dizer com isso? — perguntou Joan.

— É muito claro, frade — retorquiu Mar.

Guillem olhou surpreendido para Mar; a que se devia aquela maneira de tratar Joan? Virou-se para Joan, mas este baixara os olhos.

— Continua, Aledis. Estamos de acordo — aceitou Guillem.

— Lembram-se dos nobres que estão aqui hospedados?

Guillem interrompeu o discurso de Aledis assim que ouviu o nome de Genís Puig.

— Tem uma irmã que se chama Margarida — disselhe Aledis. Guillem levou as mãos à cara.

— Continuam alojados aqui? — perguntou.

Aledis continuou a contar o que as suas raparigas tinham descoberto; o consentimento de Eulália para com Genís Puig não fora em vão. Depois de descarregar nela uma paixão embebida em vinho, o cavaleiro explanara as acusações que tinham formulado contra Arnau perante o inquisidor.

— Dizem que Arnau queimou o cadáver do pai — contou Aledis. — Eu não posso acreditar...

Joan reprimiu um vómito. Todos se viraram para ele. O frade, com a mão na boca, estava congestionado. A escuridão, o corpo de Bernat pendurado daquele cadafalso improvisado, as chamas...

— Que tens a dizer agora, Joan? — ouviu Guillem a perguntar-lhe.

— Vão executá-lo — conseguiu ainda dizer, antes de sair a correr da hospedaria, com a mão a tapar a boca.

A sentença de Joan ficou a pairar sobre os restantes. Ninguém olhou para ninguém.

— Que se passa entre Joan e tu? — perguntou, discretamente, Guillem a Mar, passado um bom bocado, sem que o frade tornasse a aparecer.

Era apenas um escravo... Que poderia fazer um simples escravo? As palavras de Guillem ecoavam na cabeça de Mar. Se lhe contasse... Precisavam de estar unidos! Arnau precisava de que todos lutassem por ele, incluindo Joan.

— Nada — respondeu-lhe. — Bem sabes que nunca nos demos bem.

Mar evitou o olhar de Guillem.

— Contar-me-ás, um dia? — insistiu Guillem. Mar baixou ainda mais os olhos.

CAPÍTULO 54

O tribunal já estava constituído: os quatro dominicanos e o notário sentados atrás da mesa, os soldados fazendo guarda junto à porta, e Arnau, tão sujo como no dia anterior, em pé, no meio da sala, vigiado por todos eles.

Daí a pouco entravam Nicolau Eimeric e Berenguer d'Erill, arrastando luxo e soberba. Os soldados saudaram-nos e os restantes elementos do tribunal levantaram-se até que ambos tomaram os seus lugares.

— Inicia-se a sessão — disse Nicolau. — Recordo-te — acrescentou, dirigindo-se a Arnau — que continuas a estar sob juramento.

"Esse homem", comentara-lhe o bispo a caminho da sala, "falará mais devido ao juramento prestado que por medo à tortura."

— Passe a ler as palavras do réu — continuou Nicolau, dirigindo-se ao notário.

"Só abraçam ideias, crenças, como nós." A sua própria declaração chocou-o. Com a constante presença de Mar e de Aledis na mente, estivera toda a noite a pensar no que tinha dito. Nicolau não lhe tinha permitido explicar-se, mas, por outro lado, como poderia fazê-lo? Como poderia contar àqueles caçadores de hereges sobre as suas relações com Raquel e com a família dela? O notário continuava a ler. Não podia dirigir as averiguações para Raquel; bastante tinham já sofrido com a morte de Hasdai, para ainda lhes lançar a Inquisição no encalço...

— Consideras que a fé cristã se reduz a ideias ou crenças que podem ser abraçadas voluntariamente pelos homens? — perguntou Berenguer d'Erill. — Pode um simples mortal julgar os preceitos divinos?

Porque não? Arnau olhou directamente para Nicolau. Não são vocês simples mortais? Queimá-lo-iam. Queimá-lo-iam como tinham feito a Hasdai e a tantos outros. Um calafrio percorreu-lhe o corpo.

— Expressei-me incorrectamente — respondeu por fim.

— Como te expressarias, então? — interveio Nicolau.

— Não sei. Não possuo os vossos conhecimentos. Só posso dizer que creio em Deus, que sou um bom cristão e que sempre agi de acordo com os preceitos cristãos.

— Consideras que queimar o corpo do teu pai é agir conforme os preceitos de Deus? — gritou o inquisidor-mor, pondo-se de pé e batendo na mesa com as duas mãos.

Raquel, escondendo-se nas sombras, dirigiu-se a casa do irmão, como tinha combinado com ele.

— Sahat — disse como única saudação, ficando parada à entrada da casa.

Guillem levantou-se da mesa que partilhava com Jucef.

— Sinto muito, Raquel.

A mulher respondeu com uma careta. Guillem estava a alguns passos, mas um leve movimento dos seus braços foi o bastante para que se aproximasse dela e a abraçasse. Guillem apertou-a contra si e tentou consolá-la, mas a voz não correspondia. “Deixa que as lágrimas corram, Raquel”, pensou. “Deixa que comece a apagar-se esse fogo que ficou nos teus olhos.”

Ao fim de alguns instantes, Raquel separou-se de Guillem e enxugou as lágrimas.

— Vieste por causa de Arnau, não é verdade? — perguntou-lhe quando se recompôs. — Tens de ajudá-lo — acrescentou, perante a anuência de Guillem. — Nós pouco podemos fazer sem complicarmos ainda mais as coisas.

— Estava a dizer ao teu irmão que preciso de uma carta de apresentação para a corte.

Raquel interrogou com o olhar o irmão, ainda sentado à mesa.

— Havemos de a conseguir — anuiu este. — O infante D. Juan, com a sua corte, membros da corte do rei e próceres do reino estão reunidos em parlamento em Barcelona para tratarem do assunto da Sardenha. É um momento excelente.

— Que pensas fazer, Sahat? — perguntou Raquel.

— Ainda não sei. Escreveste-me — acrescentou, dirigindo-se a Jucef — que o rei está a enfrentar o inquisidor. — Jucef anuiu. — E o filho?

— Muito mais — disse Jucef. — O infante é um mecenas das artes e da cultura. Gosta de música e de poesia, e na sua corte de

Gerona costuma reunir escritores e filósofos. Nenhum deles aceita os ataques de Eimeric a Ramon Llull. A Inquisição está mal vista entre os pensadores catalães; no início do século foram condenadas, por heréticas, catorze obras do médico Arnau de Vilanova; a obra de Nicolás de Calábria também foi declarada herética pelo próprio Eimeric, e agora perseguem outro dos grandes, como o é Ramon Llull. Parece que lhes repugna tudo o que é catalão. Poucos são os que se atrevem a escrever, por medo da interpretação que dos seus textos possa fazer Eimeric; Nicolás de Calábria acabou na fogueira. Por outro lado, se alguém poderá afectar o projecto do inquisidor de exercer a sua jurisdição sobre as judiarias catalãs, é o infante. Tem em conta que o infante vive dos impostos que nós lhe pagamos. Há-de prestar-te atenção — afirmou Jucef —, mas não te iludas: é difícil que ele enfrente directamente a Inquisição.

Guillem anuiu para consigo.

Queimar o cadáver...

Nicolau ficou de pé, com as mãos apoiadas sobre a mesa, olhando para Arnau; estava congestionado.

— O teu pai — rosnou — era um diabo que sublevou o povo. Por isso o executaram e por isso tu o queimaste, para que morresse como tal.

Nicolau calou-se, apontando para Arnau.

Como sabia ele? Só havia uma pessoa que sabia... O escrivão arranhava o papel com a sua pena. Não podia ser. Joan não... Arnau sentiu as pernas a fraquejarem.

— Negas ter queimado o cadáver do teu pai? — perguntou Berenguer d'Erill.

Joan não podia tê-lo denunciado!

— Negas? — repetiu Nicolau, elevando a voz.

Os rostos dos membros do tribunal desfiguraram-se e Arnau reprimiu um vómito.

— Tínhamos fome! — gritou. — Alguma vez tivestes fome? — O rosto inchado do pai, com a língua de fora, confundiu-se com os rostos dos que o rodeavam. Joan? Porque não tinha ido vê-lo?

— Tínhamos fome! — gritou. Arnau ouviu o pai a falar: “Eu, no teu lugar, não me submeteria.” — Por acaso alguma vez tivestes

fome?

Arnau tentou lançar-se sobre Nicolau, que continuava a interrogá-lo com o olhar, de pé, soberbo, mas antes que chegasse a ele, os soldados imobilizaram-no e arrastaram-no de novo para o centro da sala.

— Queimaste o teu pai, como a um demónio? — voltou a perguntar Nicolau, num grito.

— O meu pai não era nenhum demónio! — respondeu-lhe Arnau, gritando também, esbracejando com os soldados que o mantinham agarrado.

— Mas queimaste o cadáver dele.

"Porquê, Joan? És meu irmão, e Bernat... Bernat sempre te amou como a um filho." Arnau baixou a cabeça e ficou pendurado nos braços dos soldados. Porquê?

— Foi a tua mãe que te mandou?

Arnau só conseguiu levantar a cabeça.

— A tua mãe é uma bruxa que transmite o mal do Diabo — acrescentou o bispo.

Que estavam eles a dizer?

— O teu pai assassinou um rapaz para te libertar a ti. Confessas? — gritou Nicolau.

— O que... — tentou dizer Arnau.

— Tu — Nicolau apontou para ele — também assassinaste um rapaz cristão. Que pensavas fazer com ele?

— Foram os teus pais que te mandaram? — perguntou o bispo.

— Querias o coração dele? — perguntou Nicolau.

— Quantos mais rapazes assassinaste?

— Que relações manténs com os hereges?

Inquisidor e bispo lançaram-lhe uma rajada de perguntas. O teu pai, a tua mãe, rapazes, assassínios, corações, hereges, judeus... Joan! Arnau deixou cair de novo a cabeça. Tremia.

— Confessas? — terminou Nicolau.

Arnau não se mexeu. O tribunal deixou passar o tempo. Entretanto, Arnau continuava pendurado dos braços dos soldados. Por fim, Nicolau fez-lhes sinal para abandonarem a sala. Arnau sentiu que o arrastavam.

— Esperai! — ordenou o inquisidor quando já iam abrir as portas. Os soldados viraram-se para ele. — Arnau Estanyol! — gritou.

— Arnau Estanyol! — gritou de novo.

Arnau levantou a cabeça lentamente e olhou para Nicolau.

— Podeis levá-lo — disse o inquisidor aos soldados, quando notou o olhar de Arnau sobre si. — Anotai, notário — ouviu Arnau o inquisidor a dizer enquanto fechava as portas —, que o réu não negou nenhuma das acusações formuladas por este tribunal e se negou a confessar, simulando um desfalecimento cuja falsidade se descobriu quando, já livre do processo inquisitorial, e antes de abandonar a sala, se virou para responder ao chamamento do mesmo.

O som da pena perseguiu Arnau até às masmorras.

Guillem deu ordens aos seus escravos para que organizassem a mudança para a alfândega, muito próxima da hospedaria do Estanyer, e cujo proprietário recebeu com muito desagrado a notícia; deixava Mar, mas não podia arriscar-se a que Genís Puig o reconhecesse. Os dois escravos responderam abanando a cabeça a todas as tentativas que o estalajadeiro fez para impedir que o rico mercador abandonasse o seu estabelecimento. “Para que quero eu nobres que não pagam?”, resmungou ao contar o dinheiro que os escravos de Guillem lhe entregaram.

Da judiaria, Guillem dirigiu-se imediatamente para a alfândega; nenhum dos mercadores de passagem pela cidade e que ali se alojavam conhecia a sua antiga relação com Arnau.

— Tenho estabelecimento aberto em Pisa — respondeu a um mercador siciliano que se sentou para comer na sua mesa e que se interessou por ele.

— Que te trouxe a Barcelona? — perguntou o siciliano.

Um amigo com problemas, esteve quase a responder-lhe. O siciliano era um homem baixo, calvo, e de feições excessivamente marcadas; disselhe que se chamava Jacopo Lercardo. Falara longa e francamente com Jucef, mas ter outra opinião seria sempre bom.

— Há alguns anos mantive bons contactos com a Catalunha, e aproveitei uma viagem a Valência para explorar um pouco o mercado.

— Pouco há que explorar — disselhe o siciliano, sem parar de levar a colher à boca.

Guillem esperou que ele continuasse, mas Jacopo continuou embrenhado na sua sopa de carne. Aquele homem não falaria a não ser com alguém que conhecesse o negócio tão bem como ele.

— Notei que a situação mudou muito desde a última vez que aqui estive. Nos mercados nota-se a falta dos camponeses; as bancas deles estão vazias. Lembro-me de que antes o almotacé tinha de impor a ordem entre mercadores e camponeses.

— Já não tem trabalho — disse o siciliano, sorrindo. — Os camponeses já não produzem e não vêm vender aos mercados. As epidemias dizimaram a população, a terra não rende, e os próprios senhores abandonam-nas e deixam-nas baldias. O povo emigra para a terra de onde vens: Valência.

— Visitei alguns velhos conhecidos. — O siciliano voltou a olhá-lo por cima da colher. — Já não arriscam o dinheiro em operações comerciais; limitam-se a comprar a dívida da cidade. Tornaram-se financeiros. Segundo me disseram, há nove anos, a dívida municipal era de umas cento e sessenta e nove mil libras; hoje deve estar numas duzentas mil libras, e continua a subir. O município não pode continuar a obrigar-se ao pagamento dos censales ou violarios que estabelece como garantia da dívida; vai arruinar-se.

Por alguns instantes, Guillem permitiu-se pensar na eterna discussão do pagamento dos juros do dinheiro que os cristãos tinham proibido. Retraída a actividade comercial, e com ela as comandas que retribuíam o dinheiro, tinham conseguido outra vez iludir a proibição legal com a criação dos censales ou dos violarios, pelos quais os ricos entregavam dinheiro ao município e este se comprometia ao pagamento de uma quantia anual em que, evidentemente, se incluíam os juros proibidos. Nos violarios, se se quisesse devolver o capital inicial emprestado, havia que pagar um terço mais do que o emprestado. No entanto, ao comprar dívida municipal, não se corriam os riscos das expedições comerciais... enquanto Barcelona pudesse pagar.

— Mas enquanto essa ruína não chega — disselhe o siciliano, fazendo-o regressar à realidade —, a situação é excepcional para ganhar dinheiro no principado...

— Vendendo — interrompeu-o Guillem.

— Principalmente — Guillem notou que o siciliano começava a confiar nele. — Mas também se pode comprar, desde que se faça isso com a moeda adequada. A paridade entre o florim de ouro e o croat de prata é totalmente fictícia, e muito distante das paridades estabelecidas nos mercados estrangeiros. A prata está a sair da Catalunha de forma maciça, e o rei continua empenhado em manter o valor do seu florim de ouro, contra o mercado; essa atitude vai sair-lhe muito cara.

— Porque julgas que ele mantém essa posição? — perguntou Guillem, interessado. — O rei Pedro sempre se comportou como uma pessoa sensata...

— Por simples interesse político — interrompeu-o Jacopo. — O florim é a moeda real; a cunhagem na casa da moeda de Montpellier depende directamente do rei. O croat, pelo contrário, é cunhado em cidades como Barcelona e Valência, por concessão real.

O monarca quer sustentar o valor da sua moeda, mesmo que esteja enganado; no entanto, para nós, é o melhor erro que poderia cometer. O rei fixou a paridade do ouro relativamente à prata em treze vezes mais do que na realidade custa noutros mercados!

— E os cofres reais?

Aquele era o ponto a que Guillem queria chegar.

— Treze vezes sobrevalorizados! — riu-se o siciliano. — O rei continua a sua guerra contra Castela, embora pareça que está quase a terminar. Pedro, o Cruel, tem problemas com os seus nobres, que se inclinaram para o Trastâmara. A Pedro, o Cerimonioso, só já lhe são fiéis as cidades, e, ao que parece, os judeus. A guerra contra Castela arruinou o rei. Há quatro anos, as cortes de Monzón concederam-lhe um subsídio no valor de duzentas e setenta mil libras, à custa de novas concessões aos nobres e às cidades. O rei investe esse dinheiro na guerra, mas perde privilégios para o futuro, e agora, uma nova revolta na Córsega... Se tens algum interesse investido na casa real, esquece-o.

Guillem deixou de ouvir o siciliano e limitou-se a anuir com a cabeça e a sorrir quando lhe parecia que isso era devido. O rei estava arruinado, e Arnau era um dos seus maiores credores.

Quando Guillem abandonara Barcelona, os empréstimos à casa real ultrapassavam as dez mil libras; a quanto ascenderiam agora? Nem sequer devia ter pago os juros dos empréstimos baratos. “Executá-lo-ão.” A sentença de Joan veio-lhe de novo à memória. “Nicolau utilizará Arnau para reforçar o seu poder”, dissera-lhe Jucef. “O rei não paga ao Papa, e Eimeric prometeu-lhe parte da fortuna de Arnau.” Estaria o rei Pedro disposto a tornar-se devedor de um Papa que acabava de promover uma revolta na Córsega ao negar o direito da coroa de Aragão? Mas como conseguir que o rei se opusesse à Inquisição?

— A vossa proposta interessa-nos.

A voz do infante perdeu-se na imensidade do salão do Tinell. Tinha apenas dezasseis anos, mas acabava de presidir, em nome do seu pai, ao Parlamento que deveria tratar da revolução sarda. Guillem observou dissimuladamente o herdeiro, sentado no trono e ladeado pelos seus dois conselheiros, Juan Fernandez de Heredia e Francesc de Perellós, ambos de pé. Dizia-se dele que era débil, mas aquele rapaz, dois anos antes, tivera de julgar, sentenciar e executar quem fora o seu tutor desde que nascera: Bernat de Cabrera. Depois de ordenar a sua execução na praça do mercado de Saragoça, o infante tivera de mandar a cabeça do visconde ao seu pai, o rei Pedro.

Nessa mesma tarde, Guillem conseguira falar com Francesc de Perellós. O conselheiro escutara-o com atenção; depois, mandara-o esperar atrás de uma pequena porta. Quando, depois de uma longa espera, o deixaram passar, Guillem encontrou-se no mais imponente salão que jamais pisara: uma sala diáfana de mais de trinta metros de largura, coberta por seis longos arcos em diafragma que chegavam quase até ao chão, com as paredes nuas e iluminada por tochas. O infante e os seus conselheiros esperavam-no ao fundo do salão do Tinell.

Ainda a vários passos do trono, fincou um joelho em terra.

— No entanto — dizia o infante —, recordai-vos de que não podemos enfrentar a Inquisição.

Guillem esperou até que Francesc de Perellós, com um olhar cúmplice, lhe indicasse que podia falar.

— Não tereis de fazê-lo, meu senhor.

— Seja — sentenciou o infante, depois do que se levantou e abandonou o salão acompanhado por Juan Fernandez de Heredia.

— Levantai-vos — indicou-lhe Francesc de Perellós. — Quando será? — Amanhã, se puder. Se não, depois de amanhã.

— Avisarei o regedor.

Guillem abandonou o palácio maior quando já começava a anoitecer. Olhou o límpido céu mediterrânico e respirou fundo. Tinha ainda muito que fazer.

Nessa mesma tarde, quando ainda não tinha acabado de falar com Jacopo, o siciliano, recebera uma mensagem de Jucef: “O conselheiro Francesc de Perellós receber-te-á esta tarde no palácio maior, assim que acabe o Parlamento.” Sabia como interessar o infante; era fácil: remitir os importantes empréstimos à coroa que constavam nos livros de Arnau, para que não acabassem nas mãos do Papa. Mas... Como libertar Arnau sem que o duque de Gerona tivesse de enfrentar a Inquisição?

Guillem saiu para passear antes de se dirigir ao palácio. Os seus passos levaram-no à mesa de Arnau. Estava fechada; os livros, devia tê-los Nicolau Eimeric, para evitar vendas fraudulentas e os oficiais de Arnau tinham desaparecido. Olhou para Santa Maria, rodeada de andaimes. Como era possível que um homem que tudo tinha dado por aquela igreja... O passeio prosseguiu até ao consulado de la Mar e até à praia.

— Como está o teu senhor? — ouviu atrás de si.

Guillem virou-se e viu um bastaix carregado com um enorme saco às costas. Arnau emprestara-lhe dinheiro havia muitos anos, e ele pagara de volta, moeda a moeda. Guillem encolheu os ombros e fez uma careta. Depois, a fila de bastaixos que estava a descarregar um barco e que seguia o primeiro rodeou-o. “Que se passa com Arnau?”, ouviu perguntar. “Como podem acusá-lo de ser herege?” Também àquele tinha emprestado dinheiro... para o dote de uma filha? Quantos deles tinham recorrido a Arnau? “Se o vires”, dizia outro, “diz-lhe que há uma vela acesa por ele aos pés de Santa Maria. Nós garantimos que esteja sempre acesa.” Guillem tentou desculpar-se com a sua ignorância, mas não deixaram: os bastaixos soltaram imprecações contra a Inquisição e depois seguiram o seu caminho.

Com a visão dos bastaixos desalentados, Guillem encaminhou-se com passo decidido para o palácio maior.

Agora, com a silhueta de Santa Maria recortada contra a noite atrás de si, o mouro voltava a encontrar-se diante da mesa de câmbios de Arnau. Precisava da carta de pagamento que, em tempos, o judeu Abraham Levi assinara, e que ele mesmo tinha escondido atrás de uma pedra na parede. A porta estava fechada à chave, mas havia uma janela no piso térreo que nunca tinha fechado bem. Guillem perscrutou a noite; parecia que não havia ninguém. Arnau nunca conhecera a existência daquele documento. Guillem e Hasdai tinham decidido esconder os lucros que lhe tinham sido proporcionados pela venda de escravos sob a aparência de um depósito efectuado por um judeu de passagem por Barcelona: Abraham Levi. Arnau nunca teria aceitado aquele dinheiro. A janela guinchou, rompendo o silêncio nocturno, e Guillem ficou paralisado. Era apenas um mouro, um infiel que estava a entrar, de noite, na casa de um réu da Inquisição. De pouco lhe serviria o baptismo, se fosse apanhado. No entanto, os ruídos nocturnos demonstraram-lhe que o Universo não o vigiava: o mar, o ranger dos andaimes de Santa Maria, crianças a chorar, homens a gritar com as mulheres...

Abriu a janela e esgueirou-se por ela. O depósito fictício que Abraham Levi efectuara servira para que Arnau negociasse com aquele dinheiro e obtivesse bons lucros, mas cada vez que fazia uma operação, Arnau anotava uma quarta parte a favor de Abraham Levi, titular do depósito. Guillem deixou que os seus olhos se habituassem à escuridão, até que a Lua começou a mostrar-se. Antes de Abraham Levi abandonar Barcelona, Hasdai acompanhara-o a um escrivão, para que assinasse a carta de pagamento do dinheiro que tinha depositado; o dinheiro era, pois, propriedade de Arnau, mas nos livros do cambista ainda constava como em nome do judeu, e multiplicara-se ano após ano.

Guillem ajoelhou-se junto da parede. Era a segunda pedra da esquina. Começou a forçá-la. Nunca encontrara um momento certo para confessar a Arnau aquele primeiro negócio que fizera nas suas costas, mas em seu nome, e o depósito de Abraham Levi fora crescendo e crescendo. A pedra resistia-lhe. “Não te preocupes”, recordava-se de Hasdai lhe ter dito certa vez em que, na sua

presença, Arnau lhe tinha falado do judeu, “tenho instruções para que continues assim. Não te preocupes”, repetira. Quando Arnau se voltara, Hasdai olhara para Guillem, que só pudera responder-lhe encolhendo os ombros e suspirando. A pedra começou a ceder. Não. Arnau nunca teria admitido trabalhar com dinheiro proveniente da venda de escravos. A pedra cedeu e, debaixo dela, Guillem encontrou o papel, cuidadosamente envolto num pano. Não se preocupou com lê-lo; sabia o que dizia. Colocou de novo a pedra no buraco e colocou-se perto da janela. Não ouviu nada de anormal, e por isso abandonou a mesa de Arnau, depois de voltar a fechá-la.

CAPÍTULO 55

Os soldados da Inquisição tiveram de entrar para o irem buscar à masmorra; dois deles agarraram-no por baixo dos braços e arrastaram-no, enquanto Arnau tropeçava e caía. As escadas de acesso ao andar de cima bateram-lhe nos tornozelos, e Arnau deixou-se arrastar pelos corredores do palácio. Não tinha dormido. Nem sequer prestou atenção aos monges e sacerdotes que olhavam para ver como ele era levado à presença de Nicolau. Como fora Joan capaz de o denunciar?

Desde que o tinham devolvido às masmorras, Arnau chorara, gritara e batera com violência contra a parede. Porquê Joan? E se Joan o tinha denunciado, que tinha Aledis que ver com tudo aquilo? E a mulher presa? Aledis, sim, tinha motivos para o odiar; abandonara-a e depois fugira dela. Estaria conluiada com Joan? Teria mesmo ido buscar Mar? E, se assim era, porque não tinha ela vindo visitá-lo? Era assim tão difícil comprar um vulgar carcereiro?

Francesca ouvira-o a soluçar e a bradar. Quando ouvira os gritos do filho, o seu corpo encolhera-se ainda mais. Teria gostado de olhar para ele e de lhe responder, até mentir-lhe, mas consolá-lo. “Não conseguirás resistir”, avisara ela a Aledis. Mas... E ela? Seria capaz de resistir muito mais tempo àquela situação? Arnau continuara a queixar-se ao Universo, e Francesca encolhera-se contra as frias pedras da parede.

As portas da sala abriram-se e Arnau foi introduzido nela. O tribunal já estava reunido. Os soldados arrastaram Arnau até ao

centro da sala e soltaram-no; Arnau caiu de joelhos, com as pernas abertas, cabisbaixo. Ouviu que Nicolau rompia o silêncio, mas foi incapaz de compreender as suas palavras. Que lhe importava já o que aquele frade lhe poderia fazer, se o seu próprio irmão já o tinha condenado? Não tinha ninguém. Não tinha nada.

"Não te iludas", respondera-lhe o aguazil, quando tentara comprá-lo oferecendo-lhe uma pequena fortuna, "já não tens dinheiro." Dinheiro! O dinheiro fora a causa que levara o rei a casá-lo com Elionor; o dinheiro estava por detrás da atitude da sua esposa, que provocara a detenção. Seria o dinheiro que tinha movido Joan?

— Trazei a mãe!

Os sentidos de Arnau não puderam continuar impassíveis perante aquela ordem.

Mar e Aledis, com Joan um pouco afastado delas, permaneciam na Praça Nova, frente ao palácio do bispo. "A corte do infante D. Juan receberá o meu senhor esta tarde", limitara-se a dizer-lhes um dos escravos de Guillem no dia anterior. Nessa manhã, ao raiar do dia, o mesmo escravo voltara a apresentar-se diante delas para lhes dizer que o seu senhor queria que esperassem na Praça Nova.

E ali estavam os três, especulando acerca das razões pelas quais Guillem lhes teria enviado aquele recado.

Arnau ouviu abrirem-se as portas da sala atrás de si, e os soldados que voltavam a entrar e percorriam a distância até onde ele se encontrava. Depois, voltaram a ocupar os seus postos junto à porta.

Sentiu a presença dela. Viu os seus pés descalços, enrugados, sujos e chagados ambos, sangrando. Nicolau e o bispo sorriram quando viram Arnau atento aos pés da sua mãe. Virou a cabeça para ela. Ainda com ele de joelhos, a idosa não era mais alta do que ele um palmo; toda ela estava encolhida. Os dias de prisão não tinham passado sem marcas para Francesca: o seu escasso cabelo grisalho estava eriçado e emaranhado; o seu perfil, com o olhar fixo no tribunal, era como um saco de pele vazia, sem um indício de carne. Arnau não lhe conseguiu ver os olhos, afundados em órbitas que pareciam inchadas.

— Francesca Esteve — disse Nicolau —, juras pelos quatro evangelhos?

A voz da idosa, dura e firme, surpreendeu todos os presentes.

— Juro por eles — respondeu —, mas cometeis um erro; não me chamo Francesca Esteve. — O meu nome é Francesca, mas não Esteve, e sim Ribes. Francesca Ribes — acrescentou, elevando a voz.

— Devemos recordar-te o teu juramento? — interveio o bispo.

— Não. Por esse juramento estou a dizer a verdade. O meu nome é Francesca Ribes.

— Não és então filha de Pere e Francesca Esteve? — perguntou Nicolau.

— Nunca cheguei a conhecer os meus pais.

— Casaste com Bernat Estanyol no senhorio de Navarcles?

Arnau endireitou-se. Bernat Estanyol?

— Não. Nunca estive nesse lugar, nem nunca casei com ninguém.

— Então não tiveste um filho chamado Arnau Estanyol?

— Não. Não conheço nenhum Arnau Estanyol.

Arnau virou-se para Francesca.

Nicolau Eimeric e Berenguer d'Erill cochicharam entre si. Depois, o inquisidor dirigiu-se ao notário.

— Escuta — ordenou a Francesca.

— Declaração de Jaume de Bellera, senhor de Navarcles — começou a ler o notário.

Arnau cerrou os olhos ao ouvir o nome de Bellera. O pai falara-lhe dele. Escutou com curiosidade a suposta história da sua vida, aquela que o pai resolvera com a morte. A chamada da mãe ao castelo para amamentar o filho recém-nascido de Llorenç de Bellera. Bruxa? Ouviu pela boca do notário a versão de Jaume de Bellera sobre a fuga da sua mãe quando, recém-nascido, sofrera os primeiros ataques do mal do Diabo.

— Depois — prosseguiu o notário —, o pai de Arnau Estanyol, Bernat Estanyol, libertou-o aproveitando um descuido da guarda, depois de assassinar um rapaz inocente, e ambos fugiram para Barcelona, abandonando as suas terras. Já na cidade condal, foram acolhidos pela família do comerciante Grau Puig. O denunciante tem

por adquirido que a bruxa se tornou uma mulher pública. Arnau Estanyol é filho de uma bruxa e de um assassino — terminou.

— Que tens a dizer? — perguntou Nicolau a Francesca.

— Que vos enganastes na meretriz — respondeu com simplicidade a idosa.

— Tu! — gritou o bispo, apontando para ela — Mulher pública! Ousas pôr em dúvida o acerto da Inquisição?

— Não estou aqui como meretriz — respondeu de novo Francesca —, nem para ser julgada por isso. Santo Agostinho escreveu que seria Deus a julgar as meretrizes.

O bispo enrubesceu.

— Como te atreves a citar Santo Agostinho? Como?

Berenguer d'Erill continuou a gritar, mas Arnau já não o ouvia.

Santo Agostinho escreveu que seria Deus a julgar as meretrizes. Santo Agostinho escreveu... Havia anos... numa taberna de Figueras, ouvira essas mesmas palavras de uma mulher pública... Não se chamava Francesca? Santo Agostinho escreveu... Como era possível? Arnau virou o rosto para Francesca: vira-a duas vezes na sua vida, em dois encontros cruciais. Todos os membros do tribunal viram a atitude dele para com a mulher.

— Observa o teu filho! — gritou Eimeric. — Negas que é a tua mãe?

Arnau e Francesca ouviram como aqueles gritos ressoavam nas paredes da sala; ele, prostrado, virado para a idosa; ela com o olhar em frente, fixo no inquisidor.

— Olha para ele! — tornou a gritar Nicolau, apontando para Arnau.

Uma leve tremura percorreu o corpo de Francesca, perante o ódio daquele dedo acusador. Só Arnau, ao seu lado, percebeu como a pele flácida que pendia do pescoço dela se retraía quase imperceptivel-mente. Francesca não deixou de olhar para o inquisidor.

— Confessarás — assegurou-lhe Nicolau, mastigando a palavra. — Garanto-te que confessarás.

— Via fora!

O grito perturbou a tranquilidade da Praça Nova. Um rapaz atravessou-a a correr e a repetir a chamada às armas. Via fora! Via

fora! Aledis e Mar olharam uma para a outra e depois ambas olharam para Joan.

— Não estão a tocar os sinos — respondeu este, encolhendo os ombros.

Santa Maria não tinha sinos.

No entanto, o Via fora percorrera toda a cidade condal e as pessoas, intrigadas, reuniam-se na Praça do Blat esperando encontrar o pendão de Sant Jordi junto à pedra que marcava o centro da praça. Em vez disso, dois bastaixos armados com balestras dirigiam os homens para Santa Maria.

Na Praça de Santa Maria, no andor com dossel, aos ombros dos bastaixos, a Virgem de la Mar esperava que o povo se reunisse à sua volta. Frente à Virgem, os próceres da confraria, sob o seu pendão, recebiam a multidão que descia pela Rua de la Mar, um deles com a chave da Sagrada Urna pendurada ao pescoço. As pessoas apinhavam-se em volta da Virgem, cada vez em maior número. Afastado, junto à porta da mesa de Arnau, Guillem observava e escutava com atenção.

— A Inquisição raptou um cidadão, o cônsul de la Mar de Barcelona — explicavam os próceres da confraria.

— Mas a Inquisição... — disse alguém. — A Inquisição não depende da nossa cidade — respondeu um dos próceres —, nem sequer do rei. Não obedece às ordens do Conselho dos Cem, nem do regedor, nem do bailio. Nenhum destes nomeia os seus membros; quem o faz é o Papa, um Papa estrangeiro que só quer o dinheiro dos nossos cidadãos. Como podem acusar de herege um homem que se dedicou sempre à Virgem de la Mar?

— Só querem o dinheiro do nosso cônsul! — gritou um dos reunidos.

— Mentem para ficarem com o nosso dinheiro!

— Odeiam o povo catalão — alegou outro dos próceres.

As pessoas iam transmitindo a conversa de umas para as outras. Os gritos começavam a ecoar na Rua de la Mar.

Guillem viu os próceres da confraria dos bastaixos a darem explicações aos das demais confrarias da cidade. Quem não receava pelo seu dinheiro? Se bem que também a Inquisição fosse temível. A denúncia mais absurda...

— Temos de defender os nossos privilégios — ouviu-se alguém dizer, depois de falar com os bastaixos.

O povo começava a agitar-se. As espadas, os punhais e as balestras sobressaíam por cima das cabeças, agitando-se ao som da chamada do Via fora.

A gritaria tornou-se ensurdecedora. Guillem viu chegarem alguns dos conselheiros da cidade, e aproximou-se imediatamente do grupo que discutia frente à passagem da Virgem.

— E os soldados do rei? — conseguiu ouvir um dos conselheiros a perguntar.

O prócer repetiu exactamente as palavras que Guillem lhe tinha dito:

— Vamos à Praça do Blat e vejamos o que faz o regedor.

Guillem afastou-se deles. Durante um instante, fixou o olhar na pequena imagem de pedra que repousava sobre os ombros dos bastaixos. “Ajuda-o”, rogou-lhe, em silêncio.

A comitiva pôs-se em marcha. “Para a Praça do Blat”, dizia o povo.

Guillem uniu-se à multidão que subia pela Rua de la Mar até à praça, onde se erguia o palácio do regedor. Poucos sabiam que o objectivo da host de Barcelona era verificar que posição tomaria o regedor, pelo que, enquanto, por entre os gritos do povo, a Virgem era instalada no local onde deveriam encontrar-se os pendões de Sant Jordi e da cidade, não teve problema em aproximar-se do próprio palácio.

Do centro da praça, junto da Virgem e do pendão dos bastaixos, próceres e conselheiros olharam para o palácio. As pessoas começaram a perceber. Fez-se silêncio, e todos se voltaram para o palácio. Guillem sentiu a tensão. O infante cumpriria o acordo? Os soldados tinham-se colocado em fila, entre o povo e o palácio, com as espadas desembainhadas. O regedor apareceu a uma das janelas, olhou para a massa humana que se apinhava lá em baixo e desapareceu. Ao fim de uns instantes, um oficial do rei apresentou-se na praça; milhares de olhos, incluindo os de Guillem, concentraram-se nele.

— O rei não pode intervir nos assuntos da cidade de Barcelona — exclamou. — Convocar a host é competência da cidade.

De imediato deu ordem aos soldados para se retirarem.

O povo viu os soldados a desfilarem frente ao palácio e a virarem pela antiga porta da cidade. Antes de o último deles ter desaparecido, um Via fora rompeu o silêncio e fez tremer Guillem.

Nicolau ia ordenar que levassem Francesca de regresso às masmorras para a torturar, quando o repique dos sinos interrompeu o seu discurso. Primeiro foi o de Sant Jaume, na chamada a convocar a host, e a ele se foram somando todos os sinos da cidade. A maioria dos sacerdotes de Barcelona eram fiéis seguidores das doutrinas de Ramon Llull, objecto da ira de Eimeric, e poucos viram com maus olhos a lição que a cidade pretendia dar à Inquisição.

— A host?— perguntou o inquisidor a Berenguer d'Erill.

O bispo fez um gesto de ignorância.

A Virgem de la Mar continuava no centro da Praça do Blat, à espera dos pendões das diferentes confrarias, que se iam somando ao dos bastaixos. No entanto, as pessoas dirigiam-se já para o palácio do bispo.

Aledis, Mar e Joan ouviram como se aproximavam, até que o Via fora começou a ecoar na Praça Nova.

Nicolau Eimeric e Berenguer d'Erill aproximaram-se de uma das janelas envidraçadas e viram, depois de a abrir, mais de uma centena de pessoas a gritar e a erguer as armas contra o palácio. A gritaria aumentou quando alguém reconheceu os dois prebostes.

— Que se passa? — gritou Nicolau ao oficial, depois de dar um salto para trás.

— Barcelona veio libertar o cônsul de la Mar — respondeu aos gritos um rapaz à mesma pergunta feita por Joan.

Aledis e Mar fecharam os olhos e apertaram os lábios. Depois, deram-se as mãos e fixaram um olhar cheio de lágrimas para aquela janela que tinha ficado meio aberta.

— Corre a chamar o regedor! — ordenou Nicolau ao oficial. Entretanto, sem ninguém a prestar-lhe atenção, Arnau levantou-se e agarrou um braço de Francesca.

— Porque tremeste tu, mulher? — perguntou-lhe. Francesca reprimiu uma lágrima que queria cair-lhe pela cara, mas não pôde evitar que os seus lábios se contraíssem numa máscara de dor.

— Esquece-te de mim — respondeu-lhe, com a voz entrecortada. O clamor exterior interrompeu conversas e pensamentos. A host, já completa, aproximava-se da Praça Nova. Passou a antiga porta da cidade, passou junto do palácio do regedor, que observava o espectáculo de uma das janelas, percorreu a Rua dos Seders até à Rua da Boquería e, daí, frente à igreja de Sant Jaume, cujo sino continuava a repicar, subiu pela Rua do Bisbe, até ao palácio.

Mar e Aledis, ainda de mão dada, assomaram à boca da rua. Ambas apertaram as mãos com tanta força que os nós dos dedos lhes empalideceram. As pessoas encostavam-se às paredes para deixarem passar a host; primeiro, o pendão dos bastaixos, com os seus próceres, depois a Virgem no andor, e atrás dela, numa amálgama de cores, os pendões de todas as confrarias da cidade.

O regedor recusou-se a receber o oficial da Inquisição.

— O rei não pode intrometer-se nos assuntos da host de Barcelona — respondeu-lhe o oficial real.

— Assaltaram o palácio do bispo — queixou-se o enviado da Inquisição, ainda arquejando.

O outro encolheu os ombros. “Usas essa espada para torturar?”, esteve quase a perguntar-lhe. O oficial da Inquisição viu o olhar do outro, e os dois homens encararam-se em silêncio.

— Gostava de ver como se bateria contra uma espada castelhana ou contra um alfange mouro — disse o homem do regedor, apontando para a espada do outro, antes de cuspir para os pés do oficial da Inquisição.

Entretanto, a Virgem já estava frente ao palácio do bispo, dançando ao som dos gritos da host, sobre os ombros dos bastaixos, que pouco mais podiam fazer do que apressar o passo para se juntarem à explosão de paixões do povo de Barcelona.

Alguém lançou uma pedra contra as janelas envidraçadas.

A primeira não acertou, mas a segunda, sim, e muitas mais das que se lhes seguiram.

Nicolau Eimeric e Berenguer d'Erill afastaram-se das janelas. Arnau continuava à espera de uma resposta de Francesca. Nenhum

dos dois se mexeu.

Várias pessoas batiam às portas do palácio. Um rapaz começou a trepar pelas paredes, com a balestra pendurada às costas. O povo aclamou-o. Outros lhe seguiram os passos.

— Basta! — gritou um dos conselheiros da cidade, tentando afastar aqueles que tentavam arrombar as portas. — Basta! — repetiu, empurrando-os. — Ninguém ataca sem o consentimento da cidade.

Os homens das portas pararam.

— Ninguém ataca sem o consentimento dos conselheiros e dos próceres da cidade — repetiu.

Os que estavam mais perto das portas calaram-se e a mensagem foi-se transmitindo por toda a praça. A Virgem parou de abanar, o silêncio instalou-se na hoste a praça assentou os olhos nos seis homens que estavam pendurados na fachada; o primeiro já tinha alcançado a janela partida da sala do tribunal.

— Descei! — ouviu-se.

Os cinco conselheiros da cidade e o prócer dos bastaixos, com a chave da Sagrada Urna pendurada ao pescoço, bateram à porta do palácio.

— Abri à host de Barcelona!

— Abri! — O oficial da Inquisição batia às portas da judiaria, fechadas perante a passagem da host. — Abri à Inquisição!

Tentara chegar ao palácio do bispo, mas todas as ruas que para lá iam estavam cheias de cidadãos. Só havia uma maneira de se aproximar do palácio: através da judiaria, com que confinava. Dali, pelo menos, poderia transmitir a mensagem: o regedor não interviria.

Nicolau e Berenguer receberam a notícia ainda na sala do tribunal: as tropas do rei não viriam em sua defesa, e os conselheiros ameaçavam assaltar o palácio, se não lhes fosse permitida a entrada.

— Que querem?

O oficial olhou para Arnau.

— Libertar o cônsul de la Mar.

Nicolau aproximou-se de Arnau até os seus rostos quase se tocarem.

— Como se atrevem — cuspiu. Depois deu meia-volta e tornou a sentar-se atrás da mesa do tribunal. Berenguer acompanhou-o. — Deixem-nos entrar — mandou Nicolau.

Libertar o cônsul de la Mar... Arnau endireitou-se o mais que as suas poucas forças lhe permitiram. Desde a pergunta que o filho lhe tinha feito, Francesca tinha o olhar perdido. “O cônsul de la Mar.” O cônsul de la Mar sou eu, disse a Nicolau com o olhar.

Os cinco conselheiros e o prócer dos bastaixos irromperam pelo tribunal. Atrás deles, tentando passar despercebido, ia Guillem, que tinha obtido permissão do bastaix para os acompanhar.

Guillem ficou à porta, enquanto os outros seis, armados, se punham em frente a Nicolau. Um dos conselheiros adiantou-se ao grupo.

— Que... — começou a dizer Nicolau.

— A host de Barcelona — interrompeu-o o que se tinha adiantado, levantando a voz acima da do inquisidor — ordena-vos que lhe entregueis Arnau Estanyol, cônsul de la Mar.

— Ousais dar ordens à Inquisição? — perguntou Nicolau. O conselheiro não desviou o olhar de Nicolau Eimeric.

— Pela segunda vez — avisou. — A host ordena-vos que lhe entregueis o cônsul de la Mar de Barcelona.

Nicolau balbuciou e procurou a ajuda do bispo.

— Assaltarão o palácio — disse este.

— Não se atreverão — sussurrou Nicolau.

— É um herege! — gritou o inquisidor.

— Não deveríeis julgá-lo primeiro? — ouviu-se do grupo de conselheiros.

Nicolau olhou-os com os olhos semicerrados.

— É um herege — insistiu.

— Pela terceira e última vez, entregai-nos o cônsul de la Mar.

— Que quereis dizer com última vez? — interveio Berenguer d'Erill.

— Olhai lá para fora, se quereis saber.

— Prendam-nos! — saltou o inquisidor, esbracejando para os soldados postados à porta.

Guillem afastou-se de onde estava, perto dos soldados. Nenhum dos conselheiros se mexeu. Alguns soldados deitaram a mão às

suas armas, mas o oficial de comando indicou-lhes com um gesto que desistissem.

— Prendam-nos! — insistiu Nicolau.

— Vieram negociar — opôs-se o oficial.

— Como te atreves?! — começou a gritar Nicolau, já de pé. O oficial interrompeu-o:

— Dizei-me vós como quereis que defenda este palácio, que depois os prenderei; o rei não acorrerá em nossa ajuda. — O oficial fez um gesto para o exterior, de onde começavam a chegar os gritos do povo. Depois, olhou para o bispo, à procura de ajuda.

— Podeis levar o vosso cônsul de la Mar — respondeu o bispo.

— Está livre.

Nicolau corou.

— Que dizeis? — exclamou, agarrando o bispo pelo braço. Berenguer d'Erill safou-se dele com um violento movimento do braço.

— Vós não tendes autoridade para nos entregar Arnau Estanyol — disse o conselheiro, dirigindo-se ao bispo. — Nicolau Eimeric, a hostde Barcelona deu-vos três oportunidades; entregai-nos o cônsul de la Mar ou sofrereis as consequências.

Acompanhando as palavras do conselheiro, uma pedra atravessou a sala e foi cair frente à longa mesa onde estavam sentados os membros do tribunal; até os dominicanos deram um salto nas suas cadeiras. A gritaria voltava a tomar conta da Praça Nova. Entrou outra pedra; o notário levantou-se, pegou nas suas resmas de papel e refugiou-se no canto oposto da sala. O mesmo tentaram fazer os frades negros mais próximos da janela, mas um gesto do inquisidor obrigou-os a interromper a fuga.

— Estais louco? — sussurrou-lhe o bispo.

Nicolau começou a passear os olhos pelos presentes, até encontrar os olhos de Arnau; sorria.

— Herege! — bradou.

— Já basta — disse o conselheiro, dando meia-volta. — Levai-o! — insistiu o bispo.

— Apenas viemos negociar — alegou o conselheiro, parando e levantando a voz acima do rumor que chegava da praça. — Se a

Inquisição não se verga às exigências da cidade e não liberta o preso, terá de ser a host a fazê-lo. É a lei.

Nicolau, de pé frente a todos eles, tremia, com os olhos injectados de sangue e saindo das órbitas. Mais duas pedras embateram contra as paredes do tribunal.

— Vão assaltar o palácio — disselhe o bispo, sem se preocupar que o ouvissem. — Que diferença vos faz? Tendes as declarações dele e os seus bens. Declarai-o herege também; estará condenado a fugir para o resto da vida.

Os conselheiros e o prócer dos bastaixos tinham chegado às portas do tribunal. Os soldados puseram-se de lado, com o medo estampado no rosto. Guillem só prestava atenção à conversa entre o bispo e o inquisidor. Entretanto, Arnau continuava no centro da sala, junto de Francesca, desafiando Nicolau, que se negava a olhá-lo.

— Levai-o! — cedeu, por fim, o inquisidor.

Primeiro foi o povo da praça, e depois o das ruas apinhadas em volta dela; todos estalaram em vivas quando os conselheiros apareceram à porta do palácio com Arnau. Francesca arrastava os pés atrás deles; ninguém se preocupara com ela, quando Arnau a agarrou pelo braço e a puxou para fora do tribunal. No entanto, depois da porta da sala, tinha-a soltado e parara. Os conselheiros tinham-no incitado a prosseguir o seu caminho. Nicolau, de pé atrás da mesa, observava-o, alheio à chuva de pedras que entrava pela janela; uma delas bateu-lhe no braço esquerdo, mas o inquisidor nem se mexeu. Todos os restantes membros do tribunal se tinham refugiado longe da parede da fachada, por onde entrava a ira da host.

Arnau parara junto dos soldados, apesar dos protestos dos conselheiros, que o apressavam.

— Guillem...

O mouro aproximou-se, agarrou-o pelos ombros e beijou-o na boca.

— Vai com eles, Arnau — incitou-o. — Lá fora esperam-te Mar e o teu irmão. Eu ainda tenho coisas a fazer aqui. Depois irei ver-te.

Apesar dos esforços dos conselheiros para o protegerem, as pessoas lançaram-se sobre Arnau assim que pôs um pé na praça;

abraçaram-no, tocaram-lhe e felicitaram-no. Os rostos sorridentes do povo apareceram-lhe à frente numa roda interminável. Ninguém se queria afastar para dar passagem aos conselheiros, e todos aqueles rostos lhe falavam aos gritos.

Os empurrões das pessoas faziam com que o grupo dos cinco conselheiros da cidade e o prócer dos bastaixos, com Arnau no meio, andasse de um lado para o outro. Aquele clamor penetrava no mais fundo de Arnau. A sucessão de caras era interminável. As pernas começaram a fraquejar-lhe. Arnau ergueu os olhos por cima das cabeças, mas apenas conseguiu ver uma infinidade de balestras, espadas e punhais erguidos para o céu, subindo e descendo ao som dos gritos da host, uma e outra vez, uma e outra vez... Quis apoiar-se nos conselheiros e, quando começava a cair, uma pequena figura de pedra apareceu entre o mar de balestras, ondulando ao mesmo ritmo delas.

Guillem regressara e a sua Virgem sorria-lhe. Arnau fechou os olhos e deixou-se levar em bolandas pelos conselheiros.

Nem Mar nem Aledis nem Joan conseguiram aproximar-se de Arnau, por mais empurrões e cotoveladas que dessem. Entreviram-no nos braços dos conselheiros quando a Virgem de la Mar e os pendões iniciaram o seu regresso à Praça do Blat. Quem também o viu foram Jaume de Bellera e Genís Puig, misturados entre o povo. Até aí, tinham unido as suas espadas aos milhares de armas que se erguiam contra o palácio do bispo, e tinham-se visto obrigados a juntar-se aos gritos contra o inquisidor-mor, embora no seu íntimo rezassem para que Nicolau resistisse e o rei mudasse de posição e viesse em socorro do Santo Ofício. Como era possível que aquele rei, por quem tantas vezes tinham arriscado as suas vidas...

Ao ver Arnau, Genís Puig começou a voltear a sua espada no ar e a gritar como um possesso. O senhor de Navarcles conhecia aquele grito, o mesmo grito que ouvira noutras ocasiões quando o cavaleiro se lançava ao ataque, a todo o galope e com a espada estendida por cima da cabeça. A arma de Genís chocou contra as balestras e as espadas dos que os rodeavam. As pessoas começaram a afastar-se dele e Genís Puig avançou para a comitiva, que estava prestes a abandonar a Praça Nova pela Rua do Bisbe.

Como pretendia ele enfrentar toda a hostde Barcelona? Matá-lo-iam; primeiro a ele, e depois...

Jaume de Bellera lançou-se sobre o amigo e obrigou-o a baixar a espada. Os mais próximos deles olharam-nos, intrigados, mas a multidão continuava a empurrar para a Rua do Bisbe. A clareira voltou a fechar-se assim que Genís parou de gritar e voltear a espada. O senhor de Bellera afastou-o dos que o tinham visto empreender o ataque.

— Ficaste louco? — disselhe.

— Libertaram-no! Livre! — Genís respondeu com o olhar posto nos pendões que já começavam a descer pela Rua do Bisbe. Jaume de Bellera obrigou-o a virar a cara para ele.

— Que pretendes tu?

Genís Puig voltou a olhar para os pendões e tentou libertar-se de Jaume de Bellera.

— Vingança! — respondeu.

— Não é esse o caminho certo — avisou-o o senhor de Bellera. — Não é esse o caminho — depois abanou-o com toda a força, até que Genís Puig se acalmou. — Havemos de encontrar maneira...

Genís olhou-o fixamente; os lábios tremiam-lhe.

— Juras?

— Pela minha honra.

A sala do tribunal foi ficando em silêncio, à medida que a host abandonava a Praça Nova. Quando os gritos de vitória do último cidadão ecoaram na Rua do Bisbe, a agitada respiração do inquisidor recobrou o ritmo. Ninguém se mexera. Os soldados tinham aguentado, firmes, atentos a que as suas armas e equipamentos não batessem. Nicolau passeou o olhar pelos presentes; não foi necessária nenhuma palavra: “Traidor”, recriminou a Berenguer d'Erill; “cobardes”, insultou os restantes. Quando voltou a atenção para os soldados, descobriu a presença de Guillem.

— Que faz aqui este infiel? — gritou. — Ainda é preciso mais este escárnio?

O oficial não soube o que responder; Guillem entrara com os conselheiros e ele não dera pela sua presença, atento como estava às ordens do inquisidor-mor. Por seu lado, Guillem esteve quase a

negar a sua condição de infiel e de proclamar o seu baptismo, mas não chegou a fazê-lo: apesar dos esforços do inquisidor-mor nesse sentido, o Santo Ofício não tinha jurisdição sobre judeus e mouros. Nicolau não podia prendê-lo.

— Chamo-me Sahat de Pisa — disse Guillem, elevando a voz. — Desejava falar convosco.

— Nada tenho que falar com um infiel. Expulsem este...

— Creio que vos interessará aquilo que tenho para vos dizer.

— Pouco me importa o que julgues crer.

Nicolau fez um gesto ao oficial, que desembainhou a espada.

— Talvez vos importe saber que Arnau Estanyol está abatut — insistiu Guillem, começando a recuar perante a ameaça do oficial. — Não podereis dispor de um único soldo da fortuna dele.

Nicolau suspirou e olhou para o tecto da sala. Sem precisar de ordens expressas, o oficial parou de ameaçar Guillem.

— Explica-te, infiel — instou-o o inquisidor.

— Tendes os livros de Arnau Estanyol; consultai-os.

— Julgas que não o fizemos?

— Sabei então que as dívidas do rei foram saldadas.

O próprio Guillem assinara a carta de pagamento e a entregara a Francesc de Perellós. Arnau nunca chegara a revogar os seus poderes, conforme o mouro comprovara nos livros do magistrado judicial dos cambistas.

Nicolau não mexeu um único músculo. Todos na sala coincidiram no mesmo pensamento: fora essa a razão por que o regedor não interviera.

Decorreram alguns momentos, durante os quais Guillem e Nicolau se olharam firmemente. Guillem sabia o que naquele preciso momento pairava na cabeça do inquisidor: “Que vais tu dizer ao Papa? Como é que lhe vais pagar a quantia que lhe prometeste? E já mandaste a carta; não há possibilidade alguma de que não seja entregue ao Papa. Que lhe vais dizer? Precisarás do apoio dele contra um rei que não tem feito outra coisa a não ser enfrentar-te.”

— E que tens tu que ver com tudo isto? — perguntou por fim Nicolau.

— Posso explicar-vos... em privado — exigiu Guillem, perante o gesto que Nicolau fizera.

— A cidade levanta-se contra a Inquisição, e agora um simples infiel exige-me uma audiência privada! — lamentou-se aos gritos Nicolau. — Alguém pode acreditar nisto?

"Que dirás ao teu Papa?", perguntou-lhe Guillem com o olhar. "Estarás interessado em que toda a Barcelona fique a par das tuas manobras?"

— Registem-no — ordenou o inquisidor-mor ao oficial —, comprovem que não tem armas e acompanhem-no à antecâmara do meu escritório. Esperem lá até que eu chegue.

Vigiado pelo oficial e por dois soldados, Guillem permaneceu de pé na antecâmara do inquisidor-mor. Nunca se atrevera a contar a Arnau a origem da sua fortuna: a importação de escravos. Saldadas as dívidas do rei, se a Inquisição apreendesse a fortuna de Arnau também apreenderia as suas dívidas, e só ele, Guillem, sabia que as entradas a favor de Abraham Levi eram falsas; se ele não mostrasse a carta de pagamento que o judeu assinara um dia, o património de Arnau era inexistente.

CAPÍTULO 56

Assim que pusera os pés na Praça Nova, Francesca afastara-se da porta e colara-se às paredes do palácio. Dali vira como as pessoas se lançavam sobre Arnau e como os conselheiros tentavam sem êxito que o cordão que tinham formado à sua volta não se rompesse. "Olha para o teu filho!" As palavras de Nicolau sobrepuseram-se aos gritos da host. "Não querias que eu olhasse para ele, inquisidor? Pois aqui está, e venceu-te." Francesca endireitou-se contra a parede quando viu que Arnau desmaiava, mas depressa o povo fez que desaparecesse da sua vista, e tudo se reduziu a um mar de cabeças, armas, pendões e, no meio, a pequena Virgem violentamente sacudida.

Pouco a pouco, sem parar de gritar e de exibir as suas armas, a host foi avançando pela Rua do Bisbe. Francesca não se mexeu de onde estava. Precisava do apoio da parede; as pernas já não a sustinham. Quando a praça começou a esvaziar-se, viram-se uma à outra. Aledis não quisera seguir Mar e Joan: era impossível que Francesca se encontrasse entre os conselheiros. Uma idosa como

ela... E ali estava! Fez-se-lhe um nó na garganta ao ver Francesca agarrada ao único apoio que conseguira encontrar, pequena, encolhida, indefesa...

Começou a correr para ela no mesmo instante em que os soldados da Inquisição, longe já os gritos da host, se atreviam a assomar à porta do palácio do bispo. Francesca tinha ficado parada a um passo da porta.

— Bruxa! — cuspiu-lhe o primeiro soldado.

Aledis parou de repente a pouca distância de Francesca e dos soldados.

— Deixai-a — gritou Aledis. Vários soldados já se encontravam no exterior do palácio. — Deixai-a, ou eu vou chamá-los — ameaçou-os, apontando para as últimas espadas que ainda se agitavam na Rua do Bisbe.

Alguns soldados olharam para lá; no entanto, outro soldado desembainhou a espada.

— O inquisidor aprovará a morte de uma bruxa — disse.

Francesca nem sequer olhou para os soldados. Os seus olhos continuavam fixos na mulher que correra para ela. Quantos anos tinham passado juntas? Quantos sofrimentos?

— Deixem-na, cães! — gritou Aledis, dando alguns passos para trás e apontando para a host; queria correr para eles, mas o soldado já tinha erguido a espada sobre Francesca. A lâmina da arma parecia maior do que ela. — Deixem-na! — gemeu.

Francesca viu como Aledis levava as mãos ao rosto e caía de joelhos. Francesca recolhera-a em Figueras e desde então... Morreria sem a abraçar?

O soldado já tinha todos os músculos em tensão quando os olhos de Francesca o atravessaram.

— As bruxas não morrem sob a espada — avisou-o com voz serena. A arma tremeu nas mãos do soldado. Que dizia aquela mulher? — Apenas o fogo purifica a morte de uma bruxa — seria verdade, aquilo? O soldado procurou o apoio dos seus companheiros, mas estes começaram a recuar. — Se me matares com a espada, perseguir-te-ei para toda a vida, a ti e a todos! — Ninguém poderia imaginar que daquele corpo brotasse o grito que acabavam de ouvir. Aledis ergueu os olhos. — Perseguir-vos-ei a

vós — sussurrou Francesca —, às vossas esposas e filhos, e aos filhos dos vossos filhos e às mulheres deles. Eu vos amaldiçoo! — pela primeira vez desde que saíra do palácio, Francesca prescindiu do apoio das pedras. Os restantes soldados já tinham regressado ao interior; só restava o que mantinha a espada ao alto. — Amaldiçoo-te — disselhe, apontando para ele. — Mata-me, e o teu cadáver não terá repouso. Transformar-me-ei em mil vermes e devorarei os teus órgãos. Farei meus os teus olhos para toda a eternidade.

Enquanto Francesca continuava a ameaçar o soldado, Aledis levantou-se e aproximou-se dela. Pôs-lhe um braço por cima dos ombros e começou a andar.

— Os teus filhos sofrerão a lepra... — passaram as duas por baixo da espada do soldado. — A tua mulher tornar-se-á meretriz do Diabo...

Não olharam para trás. O soldado permaneceu ainda um momento com a espada ao alto, mas depois baixou-a e virou-se para as duas figuras que cruzavam lentamente a praça.

— Vamo-nos daqui, minha filha — disse Francesca assim que chegaram à Rua do Bisbe, já deserta.

Aledís estremeceu.

— Tenho de passar pela hospedaria...

— Não, não. Vamo-nos daqui, já. Sem perder um momento.

— E Teresa e Eulália?

— Já lhes mandaremos recado — respondeu Francesca apertando contra si a rapariga de Figueras. Ao chegar à Praça de Sant Jaume, contornaram a judiaria em direcção à Porta da Boquería, que era a mais próxima. Caminhavam abraçadas, em silêncio.

— E Arnau? — perguntou Aledis. Francesca não respondeu.

A primeira parte correra conforme tinha planeado. Naquele momento, Arnau devia estar com os bastaixos, no pequeno barco de cabotagem que Guillem tinha fretado. O pacto com o infante D. Juan tinha sido muito preciso; Guillem recordou as palavras: “A única coisa a que o lugar-tenente se compromete”, dissera-lhe Francesc de Perellós depois de o ouvir, “é a não ir contra a host de Barcelona; em caso algum desafiará a Inquisição, tentará forçá-la a

fazer alguma coisa ou porá em dúvida as suas resoluções. Se o teu plano tiver êxito e Estanyol for libertado, o infante não o defenderá se a Inquisição voltar a prendê-lo ou o condenar; está claro?" Guillem anuíra e entregara-lhe a carta de pagamento dos empréstimos baratos concedidos ao rei. Agora, restava a segunda parte: convencer Nicolau de que Arnau estava arruinado e de que pouco poderia conseguir perseguindo-o ou condenando-o. Poderiam ter fugido todos para Pisa e deixar os bens de Arnau em poder da Inquisição; de facto, já os tinha, e a condenação de Arnau, mesmo sem a sua presença, obrigaria à apreensão dos bens. Por isso, Guillem tentava enganar Eimeric; não tinha nada a perder e havia muito a ganhar: a tranquilidade de Arnau, e que a Inquisição não o perseguisse para o resto da vida.

Nicolau fê-lo esperar por várias horas, ao fim das quais apareceu acompanhado por um pequeno judeu vestido com a obrigatória levita negra, em que se destacava a rodela amarela. O judeu trazia vários livros debaixo do braço e seguia o inquisidor com passos curtos e rápidos. Evitou olhar para Guillem quando Nicolau ordenou a ambos, com um gesto, que entrassem no escritório.

Não os convidou a sentarem-se. Só ele o fez, atrás da sua mesa.

— Se é certo o que dizes — começou a dizer, dirigindo-se a Guillem —, Estanyol está abatut.

— Bem sabeis que é verdade — disse Guillem. — O rei nada deve a Arnau Estanyol.

— Nesse caso, poderia mandar vir aqui o magistrado municipal dos câmbios — disse o inquisidor. — Seria irónico que a mesma cidade que o libertou do Santo Ofício o matasse agora por abatut.

"Isso nunca acontecerá", esteve tentado a dizer-lhe Guillem; "eu tenho a liberdade de Arnau. Basta-me apresentar a carta de pagamento de Abraham Levi..." Não. Nicolau não o recebera para agora o ameaçar de denunciar Arnau ao magistrado municipal. Queria o seu dinheiro, o dinheiro que prometera ao seu Papa, o mesmo dinheiro que aquele judeu, decerto o amigo de Jucef, lhe dissera de que poderia dispor.

Guillem calou-se.

— Podia fazer isso — insistiu Nicolau.

Guillem abriu as mãos e o inquisidor perscrutou-o.

— Quem és tu? — perguntou-lhe por fim.

— Chamo-me...

— Pois, pois — interrompeu-o Eimeric com a mão. — Chamas-te Sahat de Pisa. O que eu queria saber é o que faz um pisano em Barcelona, a defender um herege.

— Arnau Estanyol tem muitos amigos, mesmo em Pisa.

— Infiéis e hereges! — gritou Nicolau.

Guillem voltou a abrir as mãos. Quanto tempo demoraria até sucumbir ao dinheiro? Nicolau pareceu entendê-lo. Ficou em silêncio alguns instantes.

— Que têm a propor à Inquisição esses amigos de Arnau Estanyol? — cedeu por fim.

— Nestes livros — disse Guillem, apontando para o pequeno judeu, que não tirara os olhos da mesa de Nicolau — constam entradas a favor de um credor de Arnau Estanyol; uma fortuna.

Pela primeira vez, o inquisidor dirigiu-se ao judeu.

— É verdade?

— Sim — respondeu o judeu. — Desde o início da actividade, há entradas a favor de Abraham Levi...

— Outro herege! — interrompeu-o Nicolau. Os três ficaram em silêncio.

— Continua — ordenou-lhe o inquisidor.

— Essas entradas multiplicaram-se ao longo dos anos. No dia de hoje, poderão ser mais de quinze mil libras.

Uma luz brilhou nos olhos do inquisidor. Nem Guillem nem o judeu deixaram de o notar.

— E então? — perguntou, dirigindo-se a Guillem.

— Os amigos de Arnau Estanyol poderiam conseguir que o judeu renunciasse ao seu crédito.

Nicolau recostou-se na cadeira de madeira.

— O vosso amigo — disse — está em liberdade. Ninguém oferece dinheiro. Porque iria alguém, por mais amigo que fosse, ceder quinze mil libras? — Arnau Estanyol foi apenas libertado pela host.

Guillem sublinhou o “apenas” — Arnau podia continuar a considerar-se submetido ao Santo Ofício. Chegara o momento. Estivera a avaliá-lo durante a espera na antecâmara, enquanto

observava as espadas dos oficiais da Inquisição. Não poderia menosprezar a inteligência de Nicolau. A Inquisição não tinha jurisdição sobre um mouro... a não ser que Nicolau demonstrasse que ele o tinha atacado deliberadamente. Nunca podia propor um pacto com um inquisidor. Teria de ser Eimeric a oferecer-se. Um infiel não podia tentar comprar o Santo Ofício.

Nicolau incitou-o, com o olhar, a continuar. “Não me apanhas”, pensou Guillem.

— Talvez tenhais razão — disse. — A verdade é que não há uma razão lógica, uma vez libertado Arnau, para que alguém avance com essa quantia. — Os olhos do inquisidor tornaram-se fendas estreitas. — Não compreendo por que razão me mandaram aqui; disseram-me que entenderíeis, mas partilho da vossa acertada opinião. Lamento ter-vos feito perder tempo.

Guillem esperou que Nicolau se decidisse. Quando o inquisidor se endireitou na cadeira e abriu os olhos, Guillem soube que tinha ganho.

— Ide-vos — disse ao judeu. Assim que o homenzinho fechou a porta, Nicolau prosseguiu, mas continuou a não lhe dizer para se sentar. — O vosso amigo está livre, é verdade, mas o processo contra ele não está encerrado. Tenho a confissão dele. Mesmo livre, posso sentenciá-lo como herege relapso. A Inquisição — continuou, como se falasse apenas para si próprio — não pode executar as sentenças de morte; tem de ser o braço secular, o rei. Os vossos amigos — acrescentou, dirigindo-se a Guillem — devem saber que a vontade do rei é volúvel. Talvez um dia...

— Estou certo de que tanto vós como sua majestade farão o que têm de fazer — respondeu Guillem.

— O rei tem muito claro o que deve fazer: lutar contra o infiel e levar a Cristandade a todos os recantos do reino, mas a Igreja... Muitas vezes é difícil saber qual é a melhor opção para os interesses de um povo sem fronteiras. O vosso amigo, Arnau Estanyol, confessou a sua culpa e essa confissão não pode ficar sem castigo — Nicolau parou e voltou a examinar Guillem. “Tens de ser tu”, disselhe Guillem com o olhar. — Contudo — prosseguiu o inquisidor, perante o silêncio do seu interlocutor —, a Igreja e a Inquisição devem ser benevolentes se com essa atitude conseguem

fazer face a outras necessidades que, posteriormente, revertam para o bem comum. Os teus amigos, esses que te mandaram cá, aceitariam uma condenação menor?

"Não vou negociar contigo, Eimeric", pensou Guillem. "Só Alá, louvado seja o seu nome, sabe o que poderias conseguir se me prendesses; só Ele sabe se atrás destas paredes não haverá olhos espiando-nos e ouvidos escutando-nos. Tens de ser tu a propor a solução."

— Nunca ninguém porá em dúvida as decisões da Inquisição — respondeu-lhe.

Nicolau ajeitou-se na cadeira.

— Solicitaste uma audiência privada alegando que poderias ter algo que me interessaria. Disseste que uns amigos de Arnau Estanyol poderiam conseguir que o maior credor dele renunciasse a um crédito no valor de quinze mil libras. Que queres tu, afinal, infiel?

— Sei o que não quero — limitou-se a responder Guillem.

— Está bem — disse Nicolau, levantando-se. — Uma condenação mínima: sambenito durante todos os domingos de um ano na catedral, e os teus amigos conseguem a renúncia do crédito.

— Em Santa Maria — Guillem surpreendeu-se ao ouvir-se a si próprio, mas as palavras tinham surgido do mais profundo do seu ser. Onde, senão em Santa Maria, poderia Arnau cumprir a pena do sambenito?

CAPÍTULO 57

Mar tentou seguir o grupo que levava Arnau, mas a multidão de pessoas reunidas não lho permitia. Recordou-se das últimas palavras de Aledis:

— Cuida dele — gritara-lhe por cima do clamor da host. Sorria. Mar avançou a toda a pressa, tropeçando de costas para a enxurrada humana que a arrastava.

— Cuida muito bem dele — repetira Aledis enquanto Mar continuava a olhar para ela, tentando esquivar-se de todos os que vinham de frente para ela. — Eu quis fazer isso há muitos anos...

De repente, desaparecera.

Mar esteve a ponto de cair no chão e ser espezinhada. “A host não é sítio para mulheres”, ralhou-lhe um homem que não tivera nenhum pejo em empurrá-la. Conseguiu dar a volta. Procurou os pendões que estavam já a chegar à Praça de Sant Jaume, no final da Rua do Bisbe. Pela primeira vez nessa manhã, Mar deixou de lado as lágrimas, e da sua garganta saiu um grito que calou os daqueles que a rodeavam. Nem sequer pensou em Joan. Gritou, empurrou, pisou os que a precediam, e foi abrindo passagem à cotovelada.

A host concentrou-se na Praça do Blat. Mar estava bastante perto da Virgem, a qual, aos ombros dos bastaixos, dançava sobre a pedra do centro da praça, mas Arnau... Mar julgou distinguir uma discussão entre alguns homens e os conselheiros da cidade. No meio deles... Sim, ali estava. Só lhe faltavam alguns passos, mas na praça o povo estava muito compacto. Arranhou o braço a um homem que se negou a afastar-se. O homem desembainhou um punhal e, por instantes... No entanto, acabou por começar a rir às gargalhadas, deixando-a passar. Atrás dele teria de estar Arnau, mas quando virou costas, só encontrou os conselheiros e o prócer dos bastaixos.

— Onde está Arnau? — perguntou-lhe, arquejando e suando. O bastaix, imponente, com a chave da Sagrada Urna pendurada ao pescoço, olhou para baixo, para a observar. Era segredo. A Inquisição...

— Sou Mar Estanyol — disselhe, atropelando as palavras. — Sou a filha órfã de Ramon, o bastaix. Deves tê-lo conhecido.

Não, não o conhecera, mas ouvira falar dele, da sua filha, e de que Arnau a tinha perfilhado.

— Corre para a praia — limitou-se a dizer-lhe.

Mar atravessou a praça e voou pela Rua de la Mar, vazia de gente da host. Alcançou-os perto do consulado; um grupo de seis bastaixos levava Arnau aos tropeções, ainda aturdido.

Mar quis lançar-se sobre eles, mas antes que pudesse fazê-lo, um dos bastaixos interpôs-se; as instruções do pisano tinham sido muito precisas: ninguém podia saber o paradeiro de Arnau.

— Deixa-me! — gritou Mar, esbracejando e pontapeando no ar. O bastaix tinha-a agarrado pela cintura, tentando não a magoar.

Não pesava nem metade do que pesava qualquer pedra ou qualquer dos fardos que carregava todos os dias.

— Arnau! Arnau!

Quantas vezes sonhara ouvir aquele grito? Quando abria os olhos via-se levado em bolandas por homens cujos rostos nem sequer conseguia distinguir. Levavam-no para qualquer lugar, apressados, em silêncio. Que se estava a passar? Onde estava? Arnau! Sim, era o mesmo grito que um dia lhe tinham lançado em silêncio os olhos de uma rapariga que ele atraiçoara, na casa de Felip de Ponts.

Arnau! A praia. As recordações confundiram-se com o rumor das ondas e com a brisa de odor salobro. Que fazia na praia?

— Arnau!

A voz chegou-lhe de longe.

Os bastaixos meteram-se na água, em direcção à barca que deveria levar Arnau até ao laude fretado por Guillem, que esperava a meio do porto. A água do mar salpicou Arnau.

— Arnau.

— Esperem — balbuciou, tentando levantar-se. — Esta voz... Quem...

— É uma mulher — respondeu um dos bastaixos. — Não causará problemas. Temos de...

Arnau aguentava de pé, ao lado da barca, agarrado pelas axilas pelos bastaixos. Olhou para a praia. “Mar espera-te.” As palavras de Guillem calaram tudo o que o rodeava. Guillem, Nicolau, a Inquisição, as masmorras... Tudo veio em turbilhão à sua mente.

— Meu Deus! — exclamou. — Tragam-na. Peço-vos.

Um dos bastaixos apressou-se a ir até onde Mar continuava a ser retida.

Arnau viu-a correr para ele.

Os bastaixos, que também olhavam para ela, deixaram de o fazer quando Arnau se libertou deles; parecia que a mais suave das ondas poderia derrubá-lo só de lhe chegar aos tornozelos.

Mar parou diante de Arnau, que tinha os braços caídos; então, viu uma lágrima que lhe caía pela cara. Aproximou-se e recolheu-a com os lábios.

Não trocaram uma palavra. Ela própria ajudou os bastaixos a fazê-lo subir para a barca.

De nada lhe serviria enfrentar o rei de forma tão directa.

Desde que Guillem se fora embora, Nicolau andava de um lado para o outro no seu escritório. Se Arnau não tinha dinheiro, também de nada lhe servia sentenciá-lo. O Papa nunca lhe perdoaria a promessa que lhe tinha feito. O pisano tinha-o apanhado. Se queria cumprir com o Papa...

Umas batidas à porta distraíram a sua atenção, mas depois de desviar o olhar para ela, Nicolau continuou no seu caminhar para trás e para diante.

Sim. Uma condenação menor salvaria a sua reputação como inquisidor, evitaria que tivesse de enfrentar o rei e proporcionar-lhe-ia o dinheiro suficiente para...

As batidas na porta repetiram-se.

Nicolau voltou a olhar para a porta.

Teria gostado de levar aquele Estanyol à fogueira. E a mãe dele? Que seria feito da velha? Decerto se aproveitara da confusão...

As batidas voltaram a ressoar no interior da sala. Nicolau, perto da porta, abriu-a com violência.

— Que é?

Jaume de Bellera, com o punho cerrado, ia para bater de novo.

— Que quereis? — perguntou o inquisidor-mor, olhando para o oficial que deveria estar de guarda na antecâmara e que agora se encontrava encurralado, perante a espada de Genís Puig. — Como vos atreveis a ameaçar a vida de um soldado do Santo Ofício? — bradou.

Genís afastou a espada e olhou para o seu companheiro.

— Estamos à espera há muito tempo — respondeu o senhor de Navarcles.

— Não quero receber ninguém — disse Nicolau ao oficial, já livre da ameaça de Genís. — Já te tinha dito.

O inquisidor fez menção de fechar a porta, mas Jaume de Bellera impediu-o.

— Sou barão da Catalunha — disse, arrastando as palavras — e mereço o respeito devido à minha condição.

Genís concordou com as palavras do amigo e voltou a interpor-se, de espada na mão, no caminho do oficial, que tentava acorrer em auxílio do inquisidor.

Nicolau olhou para os olhos do senhor de Bellera. Podia pedir ajuda; o resto da guarda não tardaria em acorrer, mas aqueles olhos raiados de sangue... Quem sabia o que poderiam fazer dois homens acostumados a impor a sua vontade? Suspirou. Na verdade, aquele não parecia ser o melhor dia da sua vida.

— Muito bem, barão — cedeu. — Que quereis?

— Prometestes condenar Arnau Estanyol e, em vez disso, deixaste-o escapar.

— Não me lembro de ter prometido nada, e quanto a tê-lo deixado escapar... Foi o vosso rei, esse rei cuja nobreza reclamais para vós, quem não acorreu em socorro da Igreja. Pedi-lhe a ele as explicações.

Jaume de Bellera balbuciou algumas palavras indecifráveis e agitou as mãos.

— Podeis condená-lo ainda — disse, por fim.

— Fugiu — alegou Nicolau.

— Nós o traremos! — gritou Genís Puig, ameaçando ainda o oficial, mas com a atenção posta neles.

Nicolau virou o olhar para o cavaleiro. Porque teria de lhes dar explicações?

— Dar-vos-emos provas suficientes do pecado dele — interveio Jaume de Bellera. — A Inquisição não pode...

— Que provas? — ladrou Eimeric. Aqueles dois pedantes estavam a dar-lhe a oportunidade de salvar a cara. Se desmentisse essas provas... — Que provas? — repetiu. — A denúncia de um endemoninhado como vós, barão? — Jaume de Bellera tentou intervir, mas Nicolau impediu-o, com um movimento violento da mão. — Estive a procurar esses documentos que dissestes que o bispo vos entregou quando nascestes — olharam-se nos olhos. — Não os encontrei, sabeis?

Genís Puig deixou cair a mão que segurava a espada.

— Devem estar nos arquivos do bispado — defendeu-se Jaume de Bellera.

Nicolau limitou-se a negar com a cabeça.

— E vós, cavaleiro? — gritou Nicolau, dirigindo-se a Genís.

— Que tendes vós contra Arnau Estanyol? — O inquisidor reconheceu em Genís o medo de quem esconde a verdade; aquele era o seu trabalho. — Sabeis que mentir à Inquisição é um delito? — Genís procurou apoio em Jaume de Bellera, mas o nobre tinha o olhar perdido num ponto qualquer do escritório do inquisidor. Estava por sua conta. — Que me dizeis, cavaleiro? — Genís mexeu-se, procurando onde esconder o olhar. — Que vos fez o cambista? — assanhou-se Nicolau. — Talvez vos tenha arruinado?

Genís respondeu. Foi apenas um segundo, um segundo em que olhou de soslaio para o inquisidor. Era isso. Que mais poderia fazer um cambista a um cavaleiro, senão arruiná-lo?

— A mim, não — respondeu ingenuamente.

— A vós, não? Então, ao vosso pai? Genís baixou os olhos.

— Tentastes utilizar o Santo Ofício através da mentira! Denunciastes em falso para vossa vingança pessoal!

Jaume de Bellera regressou à realidade, sacudido pelos gritos do inquisidor.

— Ele queimou o pai — insistiu Genís, com a voz já quase inaudível.

Nicolau sacudiu o ar com uma mão aberta. Que seria melhor fazer agora? Prendê-los e levá-los a julgamento não faria mais do que manter vivo um assunto que era preferível enterrar o mais depressa possível.

— Comparecereis perante o notário e retirareis as vossas denúncias; caso contrário... Entendido? — gritou, perante a passividade de ambos. Os dois homens anuíram. — A Inquisição não pode julgar um homem baseada em falsas denúncias. Ide — terminou, acompanhando a sua ordem com um gesto dirigido ao oficial.

— Juraste vingança por tua honra — recordou Genís Puig a Jaume de Bellera, quando se voltavam para a porta.

Nicolau ouviu a exigência do cavaleiro. Também ouviu a resposta:

— Nunca um senhor de Bellera deixou uma promessa por cumprir — afirmou Jaume de Bellera.

O inquisidor-mor semicerrou os olhos. Já tinha o suficiente. Deixara em liberdade um acusado. Acabara de mandar duas testemunhas retirar as suas acusações. Estava a manter pactos comerciais com um... um pisano? Nem sabia com quem! E se Jaume de Bellera cumprisse a sua promessa antes de ele aceder à fortuna que restava a Arnau? Manteria o pisano o acordo? Aquele assunto tinha de ser silenciado definitivamente.

— Pois desta vez — bradou, nas costas dos dois homens —, o senhor de Navarcles deixará a promessa por cumprir.

Os dois homens viraram-se.

— Que dizeis? — exclamou Jaume de Bellera.

— Que o Santo Ofício não pode permitir que dois... — fez um gesto de desprezo com a mão — dois seculares ponham em causa a sentença que ditei. Esta é a justiça divina. Não existe outra vingança! Entendeis, Bellera? — O nobre hesitou. — Se cumprirdes a vossa promessa, julgar-vos-ei como endemoninhado. Entendeis-me, agora?

— Mas uma promessa...

— Em nome da Santa Inquisição, liberto-vos dela — Jaume de Bellera anuiu. — E vós — acrescentou, dirigindo-se a Genís Puig — tende muito cuidado de não vingar aquilo que a Inquisição já julgou. Expliquei-me com clareza?

Genís Puig assentiu.

O laude, uma pequena embarcação de dez metros com vela latina, procurara refúgio numa enseada recôndita das costas de Garraf, escondida da passagem de outras embarcações, e a que apenas se podia aceder por mar.

Uma barraca precariamente construída pelos pescadores com os destroços que o Mediterrâneo arrojava à baía rompia a monotonia das pedras e dos seixos cinzentos que lutavam com o sol por devolver a luz e o calor com que as acariciava.

O piloto do laude tinha recebido, juntamente com uma boa bolsa de moedas, ordens concretas de Guillem. “Deixa-o lá com um marinheiro de confiança, com água e comida suficiente, e depois dedica-te à cabotagem, mas escolhe portos próximos e regressa a Barcelona pelo menos uma vez em cada dois dias para receberes instruções minhas; receberás mais dinheiro quando tudo terminar”,

prometera-lhe, para ganhar a lealdade dele. Não teria sido necessário fazê-lo: Arnau era querido pela gente do mar, que o considerava um cônsul justo, mas o homem aceitou o bom dinheiro. No entanto, não contava com Mar e a rapariga recusou-se a partilhar os cuidados a dispensar a Arnau com um marinheiro.

— Eu tratarei dele — asseverou-lhe, assim que desembarcaram na baía, e acomodaram Arnau na pequena cabana.

— Mas o pisano... — tentou intervir o piloto.

— Diz ao pisano que Mar está com ele, e se ele vir algum inconveniente, regressa com o teu marinheiro.

Exprimiu-se com uma autoridade invulgar numa mulher. O piloto olhou para ela e tentou opor-se de novo.

— Vai — limitou-se ela a ordenar-lhe.

Quando o laude se perdeu atrás das rochas que protegiam a enseada, Mar respirou fundo e levantou o rosto para o céu. Quantas vezes se negara a si própria aquela fantasia? Quantas vezes, com a recordação de Arnau presente, tentara convencer-se de que o seu destino era outro? E agora... Mar olhou para a cabana. Continuava a dormir. Durante a travessia, Mar comprovara que ele não tinha febre nem estava ferido. Sentara-se junto à borda do barco e, com as pernas cruzadas, apoiara a cabeça de Arnau sobre elas.

Arnau abrira os olhos por várias vezes, sorrira, e voltara a fechá-los com um sorriso nos lábios. Ela, com as duas mãos, agarrava uma das dele e, cada vez que Arnau olhava para ela, apertava até que ele se entregava de novo ao sono, comprazido. Assim fora uma e outra vez, como se Arnau quisesse comprovar que a presença dela era real. E agora... Mar regressou à cabana e sentou-se aos pés dele.

Esteve dois dias a percorrer Barcelona, recordando os lugares que tinham feito parte da sua vida durante tanto tempo. Pouco tinham mudado as coisas durante os cinco anos em que Guillem estivera em Pisa. Apesar da crise, a cidade era um formigueiro. Continuava aberta para o mar, defendida apenas pelas tasques onde Arnau varara o baleeiro quando Pedro, o Cruel, ameaçara com a sua frota as costas da cidade condal; entretanto, continuava a erigir-se a muralha ocidental que Pedro III mandara erguer. Continuava também a construção dos estaleiros reais. Até essa

construção acabar, os barcos eram varados e reparados ou construídos nos velhos estaleiros, junto à praia, frente à torre de Regomir. Aí, Guillem deixou-se levar pelo forte odor do alcatrão com que os calafates, depois de o misturarem com estopa, impermeabilizavam os navios. Observou o trabalho dos carpinteiros de mar, dos construtores de remos, dos ferreiros e dos cordoeiros. Noutros tempos, acompanhara Arnau na inspecção do trabalho destes últimos, para comprovar que nas cordas destinadas a cabos ou enxárcias não se misturava cânhamo velho com cânhamo novo. Passeavam então por entre os barcos, solenemente acompanhados pelos carpinteiros marítimos. Depois de avaliar as cordas, Arnau dirigia-se, indefectivelmente, para os calafates. Mandava embora os que o acompanhavam e, com Guillem, observado de longe pelos restantes, falava em privado com eles.

"O trabalho deles é essencial; a lei impede que trabalhem à tarefa", explicara-lhe Arnau da primeira vez. Por isso, o cônsul falava com eles, para saber se algum deles, movido pela necessidade, não cumpria aquela norma, destinada a garantir a segurança dos barcos.

Guillem observou como um deles, de joelhos, repassava minuciosamente a junta que acabara de calafetar. A imagem fê-lo fechar os olhos. Apertou os lábios e abanou a cabeça. Tinham lutado muito lado a lado, e agora Arnau estava escondido numa enseada, à espera de que o inquisidor-mor o sentenciasse numa condenação menor. Cristãos! Pelo menos, tinha com ele Mar, a sua menina... Guillem não estranhou quando o piloto do laude, depois de deixar Mar e Arnau, apareceu na alfândega e lhe explicou o sucedido. Aquela era a sua menina!

— Boa sorte, minha querida — murmurou.

— Como dizeis?

— Nada, nada. Fizeste bem. Afasta-te do porto e regressa daqui a dois dias.

No primeiro dia, não recebeu notícias de Eimeric. No segundo, voltou a embrenhar-se em Barcelona. Não podia continuar à espera na alfândega; deixou lá os seus criados, com ordens de que o procurassem por toda a cidade se alguém perguntasse por ele.

Os bairros dos mercadores continuavam exactamente iguais. Barcelona podia percorrer-se de olhos fechados, bastando ter como guia o característico odor de cada um desses bairros. A catedral, tal como Santa Maria ou a igreja do Pi, continuava em construção, se bem que o templo de la Mar estivesse muito mais avançado que os outros dois. Santa Clara estava em obras, e também Santa Ana. Guillem parou diante de cada uma das igrejas para observar o trabalho de carpinteiros e pedreiros. E a muralha do mar? E o porto? Curiosos, aqueles cristãos.

— Perguntam por vós na alfândega — disselhe, arfando, um dos criados, ao terceiro dia.

“Já cedeste, Nicolau?”, interrogou-se Guillem, apressando-se para a alfândega.

Nicolau Eimeric assinou a sentença na presença de Guillem, em pé diante da mesa. Depois, selou-a e entregou-lha em silêncio.

Guillem pegou no documento e começou a lê-lo ali mesmo.

— No fim, no fim — apressou-o o inquisidor.

Obrigara o escrivão a trabalhar toda a noite, e não ia agora ficar ali todo o dia à espera que o infiel a lesse.

Guillem olhou para Nicolau por cima do documento e continuou a ler as razões do inquisidor. Jaume de Bellera e Genís Puig tinham retirado as suas denúncias; como o teria conseguido Nicolau? O testemunho de Margarida Puig era questionado por Nicolau, depois de o tribunal ter tido conhecimento de que a sua família tinha sido arruinada devido a negócios mantidos com Arnau; e a de Elionor... não dava crédito da entrega e submissão obrigatórias de toda a mulher ao seu marido!

Além disso, Elionor sustentava que o denunciado tinha abraçado publicamente uma judia com quem supunha ele ter relações carnais, e citava como testemunhas desse acto público o próprio Nicolau e o bispo Berenguer d'Erill. Guillem voltou a observar Nicolau por cima do documento da sentença; o inquisidor devolveu-lhe o olhar. “Não é certo”, dizia Nicolau, “que o denunciado tenha abraçado qualquer judia no momento referido por D. Elionor. Nem ele nem Berenguer d'Erill, que também assinava a sentença” e Guillem passou então para a última página para comprovar o selo e a assinatura do bispo, “podiam corroborar tal denúncia. O fumo, o fogo, o bulício, a paixão,

qualquer dessas circunstâncias", prosseguia Nicolau, "pode ter levado uma mulher, débil por natureza, a julgar ter presenciado tal situação. Sendo, pois, notoriamente falsa a acusação vertida por D. Elionor quanto à relação de Arnau Estanyol com uma judia, pouca credibilidade pode outorgar-se ao resto da sua denúncia."

Guillem sorriu.

Os únicos factos que certamente poderiam considerar-se puníveis eram os presenciados pelos sacerdotes de Santa Maria de la Mar. As palavras blasfemas tinham sido reconhecidas pelo réu, embora se tivesse arrependido delas perante o tribunal, objectivo último de todo o processo inquisitorial. Por isso se condenava Arnau Estanyol a uma multa consistente na apreensão de todos os seus bens, bem como a cumprir penitência durante todos os domingos de um ano, frente a Santa Maria de la Mar, coberto com o sambenito próprio dos condenados.

Guillem acabou de ler os formalismos legais e concentrou-se nas assinaturas e selos do inquisidor e do bispo. Conseguira!

Enrolou o documento e procurou no interior das suas roupas a carta de pagamento assinada por Abraham Levi, para a entregar a Nicolau. Guillem viu em silêncio como o inquisidor lia o documento que significava a ruína de Arnau, mas também a sua liberdade e a sua vida; de qualquer forma, também nunca lhe teria sabido explicar donde provinha aquele dinheiro, e a razão por que aquela carta de pagamento tinha estado escondida todos aqueles anos.

CAPÍTULO 58

Arnau dormiu o resto do dia. Ao anoitecer, Mar acendeu uma pequena fogueira com as folhas secas e a lenha que os pescadores tinham acumulado na barraca. O mar estava calmo. A mulher ergueu os olhos para o céu estrelado. Depois, olhou para o desfiladeiro que rodeava a enseada; a Lua brincava com as arestas das rochas, iluminando-as caprichosamente aqui e ali.

Respirou o silêncio e saboreou a calma. O mundo não existia. Barcelona não existia, a Inquisição também não, e nem sequer Elionor ou Joan: apenas ela e Arnau.

A meia-noite, ouviu ruídos no interior da barraca. Levantou-se para se dirigir para lá, quando Arnau saiu à luz da Lua. Ficaram ambos muito quietos, a uns passos de distância.

Mar estava entre Arnau e o fogo da fogueira. O resplendor das chamas definia a silhueta dela e escondia nas sombras os seus traços. “Será que já estou no céu?”, pensou Arnau. A medida que os seus olhos se acostumavam à penumbra, as feições do rosto que tinha perseguido nos seus sonhos foram tomando forma; primeiro, os olhos, brilhantes; quantas noites tinha chorado por eles? Depois, o nariz, as maçãs do rosto, o queixo... e a boca; aqueles lábios... A figura abriu os braços para ele e o resplendor das chamas espreitou por detrás dela, acariciando um corpo delineado através de vestes etéreas, cúmplices da luz e da escuridão. Chamava-o.

Arnau acorreu à chamada. Que se passava? Onde estava? Era Mar, de verdade? Encontrou a resposta ao agarrar nas mãos dela, no sorriso que lhe dirigia, no cálido beijo que recebeu nos lábios.

Depois, Mar abraçou-se a ele, e o mundo regressou à realidade. “Abraça-me”, ouviu-a apenas pedir-lhe, Arnau rodeou as costas da rapariga e apertou o seu corpo contra o corpo da jovem. Ouviu-a chorar. Sentiu os espasmos do peito dela contra o seu, e acariciou-lhe a cabeça com suavidade. Quantos anos tinham tido de passar para desfrutar finalmente aquele momento? Quantos erros cometera?

Arnau separou a cabeça de Mar do seu ombro e obrigou-a a olhá-lo nos olhos.

— Desculpa — começou a dizer-lhe —, desculpa ter-te entregado...

— Cala-te — interrompeu ela. — O passado não existe. Não há nada para perdoar. Comecemos a viver a partir de hoje. Olha — disselhe, pegando-lhe na mão —, o mar. O mar não sabe nada do passado. Aí está. Nunca nos pedirá explicações. As estrelas, a Lua, aí estão também, e continuarão a iluminar-nos, brilham para nós. Que lhes importa a elas o que possa ter acontecido? Acompanham-nos e ficam felizes por isso; vês como brilham? Cintilam no céu; fariam isso se se importassem? Não se levantaria uma tempestade se Deus quisesse castigar-nos? Estamos sós, tu e eu, sem

passado, sem recordações, sem culpas, sem nada que possa intrometer-se no nosso... amor.

Arnau manteve os olhos postos no céu, depois olhou para o mar, para as pequenas ondas que lambiam suavemente a enseada, sem sequer chegarem a rebentar. Olhou para a parede de rocha que os protegia e deixou-se embalar pelo silêncio.

Virou-se para Mar, sem lhe largar a mão. Tinha algo para lhe contar, algo de doloroso, algo que tinha jurado perante a Virgem, depois da morte da sua primeira mulher, e a que não podia renunciar. Olhando-a nos olhos, num sussurro, explicou-lhe.

Quando acabou o seu relato, Mar suspirou.

— Só sei que não penso voltar a abandonar-te, Arnau. Quero estar contigo, perto de ti... Nas condições que tu propuseres.

Ao amanhecer do quinto dia, chegou um laude, de onde apenas Guillem desembarcou. Encontraram-se os três na orla do mar. Mar afastou-se dos dois homens, para permitir que se abraçassem.

— Meu Deus! — soluçou Arnau.

— Qual Deus? — perguntou Guillem com um nó na garganta, afastando Arnau e mostrando num sorriso os seus dentes brancos.

— O de todos — respondeu Arnau, somando-se à alegria do mouro.

— Chega aqui, minha menina — disse Guillem, estendendo um braço.

Mar aproximou-se dos dois e abraçou-os pela cintura.

— Já não sou a tua menina — disselhe ela, com um sorriso travesso.

— Serás sempre a minha menina — corrigiu-a Guillem.

— Sempre — confirmou Arnau.

Desta forma, os três abraçados, foram sentar-se em volta dos restos da fogueira da noite anterior.

— Estás livre, Arnau — comunicou-lhe Guillem, assim que se acomodou no chão; estendeu-lhe a sentença.

— Diz-me o que diz — pediu-lhe Arnau, recusando-se a pegar no rolo. — Nunca li um documento que viesse das tuas mãos.

— Diz que são apreendidos os teus bens... — Guillem olhou para Arnau, mas não observou nenhuma reacção. — E que és condenado a pena de sambenito durante todos os domingos de um

ano, diante das portas de Santa Maria. Quanto ao resto, a Inquisição deixa-te em liberdade.

Arnau imaginou-se descalço, vestido com uma túnica de penitente até aos pés, com duas cruzes pintadas, diante das portas da sua igreja.

— Devia ter percebido que havias de conseguir, quando te vi no tribunal, mas não estava em condições...

— Arnau — interrompeu-o Guillem —, ouviste bem o que te disse? A Inquisição apreendeu todos os teus bens.

Arnau ficou em silêncio por uns instantes.

— Estava morto, Guillem — respondeu. — Eimeric estava disposto a matar-me. E por outro lado, eu teria dado tudo o que tenho... tinha — corrigiu-se, agarrando a mão de Mar — por estes últimos dias — Guillem desviou o olhar para Mar e encontrou um sorriso amplo e uns olhos brilhantes. A sua menina... Sorriu, por sua vez.

— Estive a pensar...

— Traidor! — ralhou-lhe Mar, com um leve encontrão.

Arnau bateu suavemente na mão da rapariga.

— Se bem me lembro, há-de ter custado muito dinheiro que o rei não enfrentasse a host.

Guillem anuiu.

— Obrigado — disse Arnau.

Os dois homens olharam-se.

— Bem — acrescentou Arnau, decidindo romper o sortilégio — e a ti, como te correram as coisas estes anos todos?

Com o Sol já alto, os três dirigiram-se para o laude, depois de fazerem sinais ao marinheiro para se aproximar da enseada. Arnau e Guillem embarcaram.

— Só um momento — pediu-lhes Mar.

A rapariga virou-se para a enseada e olhou para a pequena cabana tosca. Que a esperava agora? A pena do sambenito, Elionor... Mar baixou os olhos.

— Não te preocupes com ela — consolou-a Arnau, acariciando-lhe os cabelos. — Sem dinheiro, não nos incomodará. O palácio da Rua de Monteada faz parte do meu património, e por isso agora pertence à Inquisição. Só lhe resta Montbui. Terá de ir pára lá.

— O castelo — murmurou Mar. — A Inquisição não ficará com ele?

— Não. O castelo e as terras foram-nos entregues em dote pelo rei. A Inquisição não pode apreendê-lo como património meu.

— Lamento pelos camponeses — murmurou Mar, lembrando-se do dia em que Arnau derrogara os maus usos.

Ninguém falou de Mataró, da casa de Felip de Ponts.

— Seguiremos em frente... — começou a dizer Arnau.

— De que falam? — interrompeu Guillem. — Terão todo o dinheiro de que precisarem. Se quiserem, poderemos voltar a comprar o palácio da Rua de Monteada.

— Esse dinheiro é teu — recusou Arnau.

— Esse dinheiro é nosso. Olhem — disse para ambos —, não tenho ninguém a não serem vocês. Que vou eu fazer com o dinheiro que consegui graças à tua generosidade? É vosso.

— Não, não — insistiu Arnau.

— Vocês são a minha família. A minha menina... e o homem que me deu a liberdade e a riqueza. Isso significa que não me querem na vossa família?

Mar estendeu um braço para tocar em Guillem. Arnau balbuciou:

— Não... Não queria dizer isso... Claro que...

— Pois o dinheiro vem comigo — voltou a interrompê-lo Guillem. — Ou queres que o ceda à Inquisição?

A pergunta fez sorrir Arnau.

— E tenho grandes projectos — acrescentou Guillem.

Mar continuou a olhar para a enseada. Uma lágrima caiu-lhe pela cara. Não se mexeu. A lágrima chegou-lhe aos lábios e perdeu-se na comissura. Regressavam a Barcelona. Para cumprir uma pena injusta, com a Inquisição, com Joan, o irmão que o traíra... E com uma esposa que ele desprezava e de quem não podia libertar-se.

CAPÍTULO 59

Guillem arrendara uma casa no bairro de Ia Ribera. Evitou o luxo, mas a casa era suficientemente ampla para acolher os três; com um quarto para Joan, pensou Guillem quando dera as

instruções devidas. Arnau foi recebido com carinho pelas gentes da praia quando desembarcou do laude no porto de Barcelona. Alguns mercadores que vigiavam o transporte das suas mercadorias ou caminhavam por perto da câmara de comércio saudaram-no com um movimento da cabeça.

— Já não sou rico — comentou para Guillem, sem parar de andar e correspondendo às saudações.

— As notícias correm depressa — respondeu-lhe Guillem.

Arnau dissera que a primeira coisa que queria fazer ao desembarcar era visitar Santa Maria, para agradecer à sua Virgem a libertação; os seus sonhos tinham passado da confusão à nitidez da pequena figura saltando por cima das cabeças do povo, enquanto ele era levado aos empurrões pelos conselheiros da cidade. No entanto, o seu trajecto foi interrompido ao passar à esquina da Rua de Canvis Vells com Canvis Nous. A porta e as janelas da sua casa, da sua mesa de câmbios, estavam abertas de par em par. À frente da casa estava um grupo de curiosos que se afastaram para um lado quando viram Arnau chegar. Não entraram. Os três reconheceram alguns dos móveis e objectos que os soldados da Inquisição amontoavam num carro junto à porta: a longa mesa, que sobressaía do carro e tinha sido atada com cordas, o tapete vermelho, a cisalha para cortar a moeda falsa, o ábaco, os cofres...

O aparecimento de uma figura de negro que anotava os haveres desviou a atenção de Arnau. O dominicano parou de escrever e cravou nele o olhar. As pessoas ficaram em silêncio enquanto Arnau reconhecia aqueles olhos: eram olhos que o tinham perscrutado atrás da mesa, junto do bispo.

— Abutres — murmurou.

Eram os seus haveres, o seu passado, as suas alegrias e os seus dissabores. Nunca pensara que presenciar a forma como o espoliavam... Nunca dera importância aos seus bens e, no entanto... levavam ali toda uma vida.

Mar notou o suor na mão de Arnau.

Alguém, de trás, assobiou ao frade; imediatamente os soldados deixaram os objectos e desembainharam as armas. Três outros soldados surgiram do interior, de espada na mão.

— Não permitirão outra humilhação às mãos do povo — avisou Guillem, puxando por Arnau e Mar.

Os soldados arremeteram contra o grupo de curiosos, que saiu a correr em todas as direcções. Arnau deixou-se levar por Guillem, olhando para trás, com os olhos fixos no carro.

Esqueceram Santa Maria, até cujos portões chegaram alguns dos soldados que perseguiam o povo. Contornaram-na apressadamente para chegarem à Praça do Born e, daí, à sua nova casa.

A notícia do regresso de Arnau correu pela cidade. Os primeiros a apresentar-se foram alguns missatges do consulado. O oficial não se atreveu a olhar Arnau na cara. Quando se dirigiu a ele, fê-lo utilizando o título habitual, “mui honrado”, mas tinha para lhe entregar a carta através da qual o Conselho dos Cem da cidade o destituía do seu cargo. Depois de a ler, Arnau estendeu a mão ao oficial, que então levantou os olhos.

— Foi uma honra trabalhar convosco — disselhe.

— A honra foi minha — respondeu Arnau. — Não querem pobres — comentou para Guillem e Mar quando o oficial e os soldados saíram.

— Temos de falar disso — interveio Guillem.

Mas Arnau fez que não com a cabeça. Ainda não, acrescentou.

Muitas outras pessoas passaram pela casa de Arnau. Algumas, como o prócer da confraria dos bastaixos, foram recebidas por Arnau; outras, de condição humilde, limitaram-se a expressar os seus melhores desejos aos criados que as recebiam.

Ao segundo dia, apresentou-se Joan. Desde que tivera notícia da chegada de Arnau a Barcelona, Joan não cessara de se interrogar sobre o que lhe teria contado Mar. Quando a incerteza se lhe tornou insuportável, decidiu enfrentar os seus medos e ir ver o irmão.

Arnau e Guillem levantaram-se quando Joan entrou na sala. Mar continuou sentada perto da mesa.

“Queimaste o cadáver do teu próprio pai!” A acusação de Nicolau Eimeric ecoou nos ouvidos de Arnau assim que viu aparecer Joan. Tinha tentado não pensar nisso.

Da porta da sala, Joan balbuciou algumas palavras; depois, percorreu os passos que o separavam de Arnau, de cabeça baixa.

Arnau semicerrou os olhos. Vinha pedir desculpas. Como pudera o seu irmão...

— Como pudeste fazê-lo? — atirou-lhe quando Joan chegou junto dele.

Joan desviou os olhos dos pés de Arnau para Mar. Não o tinha ela já castigado o suficiente? Tinha tido de contar a Arnau? A rapariga, no entanto, parecia surpreendida.

— Que vieste aqui fazer? — perguntou Arnau, com a voz fria. Joan procurou desesperadamente uma desculpa...

— É preciso pagar os gastos da hospedaria — ouviu-se a si próprio a dizer.

Arnau sacudiu o ar com a mão e deu meia-volta, virando-lhe as costas.

Guillem chamou um dos seus criados e deu-lhe uma bolsa de dinheiro.

— Acompanha o frade a liquidar a conta da hospedaria — ordenou.

Joan procurou a ajuda do mouro, mas este nem sequer olhou para ele. Refez os seus passos em direcção à porta e desapareceu por ela.

— Que se passou entre vós? — perguntou Mar, assim que Joan abandonou a sala.

Arnau ficou calado. Deveriam sabê-lo? Como explicar-lhe que tinha queimado o cadáver do seu próprio pai, e que o irmão o tinha denunciado à Inquisição? Ele era a única pessoa que sabia.

— Esqueçamos o passado — respondeu por fim. — Pelo menos a parte que pudermos.

Mar ficou em silêncio por uns instantes; depois, anuiu.

Joan saiu da casa atrás do escravo de Guillem. Durante o trajecto até à hospedaria, o jovem teve de se virar por diversas vezes para o dominicano, porque este ficava parado na rua, com o olhar perdido. Tinham tomado o caminho que levava à alfândega, que era o que o rapaz conhecia.

Na Rua de Monteada, no entanto, o escravo não conseguiu que Joan o seguisse. O frade permaneceu imóvel diante dos portões do

palácio de Arnau.

— Vai tu pagar — disselhe Joan, libertando-se dos puxões do rapaz. — Eu tenho outras contas para saldar-murmurou para si.

Pere, o velho escravo, conduziu-o à presença de Elionor. Repetia algumas palavras, num sussurro, desde que passara pela porta; o tom de voz foi subindo enquanto subia as escadas de pedra, com Pere, que se virava, intrigado, para ele, e acabou por soltar essas palavras com voz atroadora quando ficou perante Elionor, antes que esta pudesse dizer alguma coisa: — Sei que pecaste!

A baronesa, de pé no meio do salão, olhou para ele, altaneira.

— Que parvoíces dizes para aí, frade? — respondeu-lhe.

— Sei que pecaste — repetiu Joan.

Elionor soltou uma gargalhada, antes de lhe virar costas.

Joan observou o traje de rico brocado que a mulher vestia. Mar tinha sofrido. Ele tinha sofrido. Arnau... Arnau tinha de ter sofrido tanto como eles.

Elionor continuava a rir-se, de costas.

— Quem julgas tu que és, frade?

— Sou um inquisidor do Santo Ofício — respondeu Joan. — E no teu caso, não preciso de confissão nenhuma.

Elionor virou-se, em silêncio, perante a frieza das palavras de Joan. Viu que ele tinha uma candeia acesa na mão.

— Que...

Não lhe deu tempo para acabar a frase. Joan lançou a candeia contra o corpo dela. O óleo impregnou-lhe as luxuosas vestimentas e ateou-se imediatamente.

Elionor gritou.

Toda ela se tornara uma tocha quando o idoso Pere acorreu para ajudar a sua senhora, chamando aos gritos pelos restantes escravos. Joan viu-o a puxar de um dos tapetes pendurados nas paredes para o deitar sobre Elionor. Afastou o escravo com um empurrão, mas à porta do salão já se encontravam outros criados, com os olhos muito abertos.

Alguém pediu água.

Joan observou Elionor, que caíra de joelhos, envolta em chamas.

— Perdoa-me, Senhor — balbuciou.

Então, procurou outra candeia. Pegou nela e, com ela na mão, aproximou-se de Elionor. As saias do seu hábito pegaram fogo.

— Arrepende-te! — gritou antes de o fogo o envolver. Deixou cair a candeia sobre Elionor e ajoelhou-se ao lado dela. O tapete sobre o qual se encontravam começou a arder com intensidade. Alguns dos móveis também já ardiam.

Quando os escravos apareceram com a água, limitaram-se a atirá-la das portas do salão. Depois, tapando a cara, fugiram da densa fumarada.

CAPÍTULO 60

15 de Agosto de 1384
Festividade da Assunção
Igreja de Santa Maria de la Mar
Barcelona

Tinham passado dezasseis anos.

Da Praça de Santa Maria, Arnau levantou o olhar para o céu. O repicar dos sinos da igreja enchia Barcelona inteira. Os pêlos dos seus braços responderam àquela música e eriçaram-se; um calafrio percorreu-lhe o corpo ao ouvir o som dos quatro sinos. Vira como os quatro sinos balançavam, enquanto desejava aproximar-se para puxar as cordas juntamente com os jovens: o Assumpta, o maior, de oitocentos e sessenta e cinco quilos; o Conventual, mediano, de seiscentos e cinquenta quilos; o Andrea, de duzentos quilos; e o Vedada, o mais pequeno, de cem quilos, no alto da torre.

Nesse dia inaugurava-se Santa Maria, a sua igreja, e os sinos pareciam soar de forma diferente do que tinham feito desde que tinham sido instalados... Ou seria ele que os ouvia de outra forma? Olhou para as torres oitavadas que encerravam a fachada principal por um dos seus lados: altas, esbeltas e ligeiras, de três corpos, cada um deles mais estreito à medida que se erguiam para o céu; abertas aos quatro ventos mediante janelas ogivais, rodeadas de varandas em cada um dos seus níveis e acabadas por terraços em cada nível. Durante a construção, tinham dito a Arnau que seriam simples, naturais, sem agulhas nem capitéis, naturais como o mar, a cuja padroeira protegiam, mas imponentes e fantásticas, pensou Arnau ao contemplá-las, como o mar também era.

O povo, nos seus melhores trajes, reunia-se em Santa Maria; alguns entravam na igreja; outros, como Arnau, permaneciam cá fora, contemplando a sua beleza e ouvindo a música que os seus sinos tocavam. Arnau apertou Mar, que tinha contra si à sua direita; à sua esquerda, esticando-se, partilhando do prazer do pai, estava um rapaz de treze anos com um sinal por cima do olho direito.

Acompanhado pela sua família, enquanto os sinos continuavam a repicar, Arnau entrou em Santa Maria da la Mar. O povo, que

naquele momento estava a entrar, deteve-se e deu-lhe passagem. Aquela era a igreja de Arnâu Estanyol; como bastaix, tinha carregado às costas as primeiras pedras; como cambista e cônsul de la Mar, agraciara-a com importantes donativos; .e depois, como comerciante de seguros marítimos, continuara a fazê-lo. No entanto, Santa-Maria não se livrara das catástrofes.: a 28 de Fevereiro de 1373, um terramoto que abalara Barcelona derrubara o campanário da igreja. Arnau foi o primeiro a contribuir para a sua reconstrução.

— Preciso de dinheiro — dissera então a Guillem.

— É teu — respondera o mouro; consciente do desastre e de que nessa mesma manhã Arnau tinha recebido a visita de um membro da Junta da Obra de Santa Maria.

Porque a fortuna voltara a sorrir-lhes. Aconselhado por Guillem, Arnau optara por se dedicar aos seguros marítimos. A Catalunha, órfã de regulação, ao contrário do que acontecia em Génova, Veneza ou Pisa, era um paraíso para os primeiros a empreenderem este negócio, mas apenas os comerciantes, prudentes como Arnau e Guillem tinham conseguido sobreviver. O sistema financeiro do principado estava a afundar-se, e com ele as pessoas que queriam obter lucros rápidos, como aquelas que seguravam a carga acima dos seus valores reais, com o que dificilmente se voltava a ter notícias dela, ou como aqueles que seguravam navio e mercadoria mesmo depois de se saber já que os corsários tinham apresado o navio, e apostavam em que a notícia pudesse ser falsa. Arnau e Guillem escolheram bem os navios e melhor ainda os riscos, e depressa recuperaram para aquele novo negócio uma vasta rede de representantes, a mesma com que tinham trabalhado como cambistas.

A 26 de Dezembro de 1379, Arnau não pôde perguntar a Guillem se podia destinar aquele dinheiro a Santa Maria. O mouro falecera um ano antes, de repente. Arnau encontrara-o sentado na horta, na sua cadeira, sempre virada para Meca, para onde dirigia as suas orações, num segredo de todos conhecido. Arnau falara com os membros da comunidade moura e, pela noite, estes tomaram a seu cargo o cadáver de Guillem.

Nessa noite, a de 26 de Dezembro de 1379, um terrível incêndio devastara Santa Maria. O fogo reduzira a cinzas a sacristia, o coro,

os órgãos, os altares, e tudo o que até então fora construído no seu interior e que não fosse de pedra. Mas também a pedra sofrera os efeitos do incêndio, ainda que apenas nos cinzelados, e a pedra de chave em que estava representado o rei Afonso, o Benigno, pai do Cerimonioso, que pagara aquela parte da obra, ficara totalmente destruída.

O rei encolerizou-se com a destruição da homenagem ao seu régio progenitor e exigiu que a obra fosse reconstruída, mas muito tinham já os habitantes do bairro de la Ribera nas mãos, para terem de custear ainda uma nova pedra de chave apenas para satisfazer os desejos do monarca. Todo o esforço e dinheiro do povo se destinaram à sacristia, ao coro, aos órgãos e aos altares; a figura equestre do rei Afonso foi engenhosamente reconstruída em gesso, colada à pedra de chave e pintada a vermelho e ouro.

A 3 de Novembro de 1383 foi colocada a última chave da nave central, a mais próxima da porta principal, e que ostentava o escudo da Junta da Obra, em honra de todos aqueles cidadãos anónimos que tinham permitido a construção da igreja.

Arnau levantou os olhos para ela. Mar e Bernat acompanharam-no, e os três sorriram quando empreenderam o caminho para o altar-mor.

Desde que a chave fora montada no andaime, esperando que as nervuras dos arcos chegassem até ela, Arnau repetira uma e outra vez os mesmos argumentos:

— É o nosso brasão — disse um dia ao seu filho, Bernat. O rapaz olhou para cima.

— Pai — respondeu-lhe —, esse é o escudo do povo. As pessoas como tu têm os seus próprios escudos gravados nos arcos e nas pedras, nas capelas e nos... — Arnau levantou uma mão, tentando interromper as palavras do filho, mas o rapaz continuou: — Nem sequer tens uma cadeira no coro!

— Esta é a igreja do povo, filho. Muitos homens deram a sua vida por ela, e o nome deles não está em lugar nenhum.

Então, as recordações de Arnau viajavam até ao rapazinho que carregava pedras desde a pedreira real até Santa Maria.

— O teu pai — interveio então Mar — gravou com o seu sangue muitas destas pedras. Não há melhor homenagem que essa.

Bernat virou-se para o pai com os olhos arregalados.

— Como tantos outros, filho — disselhe. — Como tantos outros...

Agosto no Mediterrâneo, Agosto em Barcelona.

O sol brilhava com uma magnificência difícil de encontrar em qualquer outro lugar do mundo; porque antes de se filtrar através dos vitrais de Santa Maria para brincar com a cor e com a pedra, o mar devolvia ao sol o reflexo da sua própria luz e os raios chegavam à cidade embebidos numa espécie de esplendor inigualável. No interior do templo, o reflexo colorido dos raios solares, ao passar pelos vitrais, confundia-se com o cintilar de milhares de círios acesos e espalhados pelo altar-mor e pelas capelas laterais de Santa Maria. O odor a incenso impregnava o ambiente e a música do órgão ressoava numa construção acusticamente perfeita.

Arnau, Mar e Bernat dirigiram-se para o altar-mor. Debaixo da magnífica abside e rodeada por oito esbeltas colunas, diante de um retábulo, descansava a pequena figura da Virgem de la Mar. Atrás do altar, adornado com preciosas telas francesas que o rei Pedro emprestara para a ocasião, não sem antes avisar, por meio de uma carta enviada de Vilafranca dei Penedès, que deviam ser devolvidas imediatamente depois da celebração, o bispo Pere de Planella preparava-se para oficiar a missa de consagração do templo.

O povo abarrotava em Santa Maria, e os três tiveram de parar. Alguns dos presentes reconheceram Arnau e cederam-lhe a passagem para o altar-mor, mas Arnau agradeceu-lhes e ficou ali, de pé, entre eles: a sua gente e a sua família. Só lhe faltava Guillem... e Joan. Arnau preferia recordá-lo como o rapazinho com quem descobrira o mundo, mais do que como o amargurado monge que se sacrificara entre as chamas.

O bispo Pere de Planella iniciou o ofício.

Arnau notou que a ansiedade o assaltava. Guillem, Joan, Maria, o seu pai... e a idosa. Por que razão, sempre que pensava nos que lhe faziam falta, acabava sempre por se lembrar daquela idosa? Pedira a Guillem que a procurasse, a ela e a Aledis.

— Desapareceram — disselhe um dia o mouro.

— Disseram-me que era a minha mãe — recordou Arnau em voz alta. — Insiste.

— Não as consegui encontrar — voltou a dizer-lhe ao fim de algum tempo Guillem.

— Mas...

— Esquece-as — aconselhou-lhe o amigo, não sem uma certa autoridade no tom de voz.

Pere de Planella continuava com a celebração.

Arnau tinha sessenta e três anos, estava cansado, e procurou apoio no filho.

Bernat apertou com carinho o braço do pai, e este obrigou-o a aproximar o ouvido dos seus lábios, ao mesmo tempo que apontava para o altar-mor:

— Consegues vê-la a sorrir, filho? — perguntou-lhe.

FIM

Nota do Autor

No desenvolvimento deste romance, pretendi seguir a Crónica de Pedro III, com as necessárias adaptações exigidas por uma obra de ficção como a proposta.

A escolha de Navarcles como enclave do castelo e terras do senhor do mesmo nome foi totalmente fictícia, mas não assim com as baronias de Granollers, Sant Vicenç deis Horts e Caldes de Montbui, que o rei Pedro concede a Arnau em dote pelo seu casamento com a sua pupila Elionor — esta última, criação do autor. As baronias em questão foram cedidas em 1380 pelo infante Martin, filho de Pedro, o Cerimonioso, a Guillem Ramon de Monteada, do ramo siciliano dos Monteada, pelos seus bons ofícios em prol do casamento entre a rainha Maria e um dos filhos de Martin, que depois reinaria sob o cognome de o Humano. Esses domínios, não obstante, duraram menos no poder de Guillem Ramon de Monteada do que perduram ao protagonista do romance. Assim que os recebeu, o senhor de Monteada vendeu-os ao conde de Urgell para, com o dinheiro obtido, armar uma frota e dedicar-se à pirataria.

O direito de deitar-se na primeira noite com a noiva era efectivamente um dos que os Usatges concediam aos senhores sobre os seus servos. A existência dos maus usos na Catalunha Velha, mas não na Nova, levou os servos da terra a revoltarem-se contra os seus senhores, com contínuos conflitos, até serem derrogados por completo pela sentença arbitral de Guadalupe de 1486, embora mediante o pagamento de uma importante indemnização aos senhores desapossados dos seus direitos.

A sentença real contra a mãe de Joan, pela qual se vê obrigada a viver numa cela até à sua morte a pão e água, foi efectivamente ditada em 1330 por Afonso III contra uma mulher chamada Eulália, consorte de Juan Dosca.

O autor não partilha das considerações que, ao longo do romance, se fazem sobre as mulheres ou sobre os camponeses; todas elas, ou a grande maioria, foram textualmente copiadas do livro escrito pelo monge Francesc Eiximenis, aproximadamente no ano de 1381, Lo Crestià.

Na Catalunha medieval, ao contrário do que acontecia no resto de Espanha, submetida à tradição legal goda plasmada no Fuerojuzgo que o proibia, os estupradores podiam efectivamente casar com a estuprada, mesmo que tivesse existido violência no sequestro, por aplicação do usatge Si quis virginem, tal como acontece no casamento de Mar com o senhor de Ponts.

A obrigação do estuprador era dotar a mulher, a fim de que encontrasse marido, ou então casar com ela. Se a mulher já fosse casada, aplicavam-se as penas por adultério.

Não se sabe ao certo se o episódio em que o rei Jaime de Maiorca tenta sequestrar o seu cunhado, Pedro III, e que fracassa porque um monge familiar deste último se apercebe do plano ao escutá-lo em confissão — no romance, ajudado por Joan —, sucedeu na realidade, ou se foi uma invenção de Pedro III para servir de desculpa para o processo aberto contra o rei de Maiorca, e que acabaria com a apreensão dos seus reinos. O que, de facto, parece verdade é a exigência do rei Jaime de construir uma ponte coberta desde as suas galeras, fundeadas no porto de Barcelona, até ao convento de Frame-nors, gesto que talvez tenha exacerbado a imaginação do rei Pedro acerca da trama relatada nas suas crónicas.

A tentativa de invasão de Barcelona por parte de Pedro, o Cruel, de Castela aparece minuciosamente relatada na Crónica de Pedro III. Efectivamente, o porto da cidade condal, depois do avanço da terra e da desactivação dos portos anteriores, encontrava-se indefeso dos fenómenos naturais e dos ataques inimigos; foi apenas em 1340 que, sob o reinado de Afonso, o Magnânimo, se iniciou a construção de um novo porto mais de acordo com as necessidades de Barcelona.

Contudo, a batalha deu-se tal qual como é relatada por Pedro III e a armada castelhana não conseguiu aproximar-se da cidade porque um navio — um baleeiro, segundo Capmany — se atravessou nas tasques (baixios) de acesso à praia, impedindo o avanço do rei de Castela. É nesta batalha que se pode encontrar uma das primeiras referências ao uso de artilharia — uma brigola montada na proa da galera real — nas batalhas navais. Pouco depois, aquilo que não tinha sido até então mais do que um meio de

transporte de tropas passou a tornar-se grandes e pesadas naus armadas com canhões, o que fez mudar completamente o conceito da batalha naval. Na sua Crónica, o rei Pedro III delicia-se com a troça e o escárnio que a host catalã, da praia ou das numerosas barcas que saíram em defesa da capital, dirigiram às tropas de Pedro, o Cruel, e considera-a, juntamente com a eficácia do uso da brigola, uma das razões por que o rei de Castela desistiu do seu empenho em invadir Barcelona.

Na revolta da Praça do Blat, do chamado primeiro mau ano, em que os barceloneses reclamavam trigo, foram efectivamente submetidos a julgamento sumaríssimo os promotores da mesma, que foram executados por enforcamento, execução essa que, por razões de argumento, se situou na própria Praça do Blat. O certo é que as autoridades municipais confiaram em que um simples juramento poderia vencer a fome do povo.

Quem também foi executado no ano de 1360, por decapitação, neste caso, frente à sua mesa de câmbios, como estabelecia a lei, perto da actual Praça Palácio, foi o cambista F. Castelló, declarado abatut, ou em falência.

Também no ano de 1367, tendo por base a acusação de profanação de uma hóstia, e depois de terem sido encerrados na sinagoga sem água nem comida, três judeus foram executados por ordem do infante D. Juan, lugar-tenente do rei Pedro.

Durante a Páscoa cristã, era terminantemente proibido aos judeus saírem de suas casas; mas, ao longo desses dias tinham de ter permanentemente fechadas as janelas e portas dos seus lares, para que nem sequer pudessem ver ou interferir nas numerosas procissões dos cristãos. Mas ainda assim, a Páscoa desencadeava, mais ainda que habitualmente, os rancores dos fanáticos e as acusações de celebração de rituais heréticos aumentavam durante esta época, que os judeus temiam, com razão.

Eram duas as principais acusações que se efectuavam contra a comunidade judaica, relacionadas com a Páscoa cristã: o assassínio ritual de cristãos, essencialmente crianças, para as crucificar, torturar, beber o seu sangue ou comer o seu coração, e a profanação da hóstia, ambos, segundo o povo, destinados a fazer reviver a dor e o sofrimento da paixão de Cristo dos católicos.

A primeira acusação conhecida de crucificação de uma criança cristã deu-se na Alemanha do Sacro Império, em Wurtzburg, no ano de 1147, se bem que, como sempre, o mórbido delírio do povo depressa tenha conseguido que tais acontecimentos se espalhassem por toda a Europa. Apenas um ano depois, em 1148, foram acusados judeus ingleses de Norwich de crucificarem outra criança cristã. A partir daí, as acusações de assassínios rituais, principalmente durante a Páscoa e por meio de crucificação, generalizaram-se: Gloucester, 1168; Fulda, 1235; Lincoln, 1255; Munique, 1286... A tal ponto chegava o ódio aos judeus e a credibilidade do povo, que no século XV um franciscano italiano, Bernardino da Feltre, anunciou antecipadamente a crucificação de uma criança, primeiro em Trento, onde a profecia acabou, evidentemente, por se cumprir e o pequeno Simon apareceu morto na cruz. A Igreja beatificou Simon, mas o frade continuou a "anunciar" crucificações: Reggio, Bassano, Mântua... Só em meados do século XX a Igreja rectificou e anulou a beatificação de Simon, mártir do fanatismo, e não da fé.

Uma das saídas que a host de Barcelona efectivamente fez, se bem que posteriormente à data relacionada com o romance, uma vez que se deu em 1369, foi contra a aldeia de Creixell, por esta impedir o livre trânsito e a pastorícia do gado com destino à cidade condal, gado que só vivo podia entrar em Barcelona; esta causa, a da detenção de gado, foi uma das principais pelas quais a host de cidadãos saía a defender os seus privilégios frente a outras povoações e senhores feudais.

Santa Maria de la Mar é sem dúvida alguma um dos mais belos templos que existem; carece da monumentalidade de outras igrejas, coetâneas ou posteriores, mas no seu interior pode respirar-se o espírito que Berenguer de Montagut procurou incutir-lhe: a igreja do povo, edificada pelo povo e para o povo, como uma grande casa rural catalã, austera, protegida e protectora, com a luz mediterrânica como supremo elemento diferenciador.

A grande virtude de Santa Maria, no dizer dos entendidos, é que se construiu num período ininterrupto de tempo de cinquenta e cinco anos, sob uma única influência arquitectónica, com escassos elementos acrescentados, o que a torna o expoente máximo do

chamado gótico catalão, ou gótico largo. Como era costume naquela época, e a fim de não interromper os serviços religiosos, Santa Maria foi sendo construída sobre a antiga igreja. Inicialmente, o arquitecto Bassegoda Amigo situava o templo primitivo na esquina da Rua Espaseria, apontando que a actual foi construída diante da velha, mais a norte, e deixando entre elas uma rua, hoje de Santa Maria. No entanto, a descoberta em 1966, durante as obras de construção de um novo presbitério e cripta no templo, de uma necrópole romana sob Santa Maria modificou a ideia original de Bassegoda, e o seu neto, arquitecto e estudioso do templo, sustenta actualmente que as sucessivas igrejas de Santa Maria se encontraram sempre no mesmo local; umas construções sobrepunham-se às outras. É nesse cemitério que se supõe que tenha sido enterrado o corpo de Santa Eulália, padroeira de Barcelona, cujos restos mortais foram trasladados pelo rei Pedro de Santa Maria para a catedral.

A imagem da Virgem de la Mar que se usa no romance é a que actualmente se encontra no altar-mor, e antes estava situada no tímpano da porta da Rua do Bom.

Dos sinos de Santa Maria não se tem notícia até ao ano de 1714, quando Filipe V venceu os Catalães. O rei castelhano agravou com um imposto especial os sinos da Catalunha, como castigo pelo seu constante repicar chamando os patriotas catalães ao sometent, a pegar em armas para defenderem a sua terra. Contudo, não foi património exclusivo dos castelhanos assanharem-se contra os sinos que chamavam os cidadãos para a guerra. O próprio rei Pedro, o Cerimonioso, quando conseguiu vencer a oposição valenciana que se erguera em armas contra ele, mandou executar alguns dos sublevados obrigando-os a beber o metal fundido do sino da Unión, que chamara os valencianos ao sometent.

Tal era a representatividade de Santa Maria que o rei Pedro escolheu a sua praça para arengar aos cidadãos na guerra contra a Sardenha e desdenhou outros locais da cidade, como a Praça do Blat, junto ao palácio do regedor, para reunir a cidadania.

Os humildes bastaixos, com o seu trabalho de transportarem gratuitamente as pedras até Santa Maria, são o mais claro exemplo do fervor popular que ergueu a igreja. A paróquia concedeu-lhes

privilégios e, hoje, a sua devoção mariana permanece reflectida nas figuras de bronze da porta maior, em relevos no presbitério ou nos capitéis de mármore, em todos os quais se representam as figuras dos carregadores portuários.

O judeu Hasdai Cresças existiu — e também existiu um tal Bernat Estanyol, capitão dos almogávares —, mas da mesma forma que o primeiro foi escolhido pelo autor, o segundo não se deve a mais do que uma simples coincidência. O ofício de cambista e a vida que se lhe atribui, não obstante, são invenção do autor. Sete anos depois de Santa Maria ter sido oficialmente inaugurada, no ano de 1391 — mais de cem anos antes de os Reis Católicos terem expulsado os judeus dos seus reinos —, a judiaria de Barcelona foi arrasada pelo povo, os seus moradores executados, e aqueles que tiveram melhor sorte, como, por exemplo, aqueles que conseguiram refugiar-se num convento, foram obrigados a converter-se. Totalmente destruída a judiaria barcelonesa, derrubados os seus edifícios e construídas igrejas no seu interior, o rei Juan, preocupado pelos prejuízos económicos que implicava para as arcas reais o desaparecimento dos judeus, tentou fazer que voltassem a Barcelona; prometeu isenções fiscais até que a sua comunidade atingisse o número de duzentas pessoas e derrogou obrigações como a de emprestarem as suas camas e móveis quando a corte estava em Barcelona, ou a de alimentar os leões e demais feras reais. Mas os judeus não regressaram e no ano de 1397 o rei concedeu a Barcelona o privilégio de não ter judiaria.

Nicolau Eimeric, o inquisidor-mor, acabou por se refugiar em Avinhão com o Papa, mas com a morte do rei Pedro regressou à Catalunha e continuou a atacar as obras de Ramon Llull. O rei Juan desterrou-o da Catalunha em 1393 e o inquisidor refugiou-se de novo junto do Papa; no entanto, nesse mesmo ano, regressou a Seu d'Urgell e o rei Juan teve de exigir ao bispo da cidade a sua expulsão imediata. Nicolau fugiu uma vez mais para Avinhão e, quando o rei Juan morreu, conseguiu permissão do rei Martin, o Humano, para poder passar os últimos anos da sua vida em Gerona, sua cidade natal, onde morreu aos oitenta anos. As referências acerca das máximas de Eimeric sobre a possibilidade de torturar mais de uma vez, como continuação de uma mesma tortura

anterior, tal como as condições de que um cárcere se deve revestir, até o réu acabar por perecer, são verdadeiras.

Desde 1249, ao contrário de Castela, onde a Inquisição não foi instituída até ao ano de 1487, por mais que a recordação dos seus terríveis processos perdurasse durante séculos, a Catalunha dispôs de tribunais da Inquisição totalmente diferenciados e independentes da tradicional jurisdição eclesiástica exercida através dos tribunais episcopais. A opção pela instituição oficial dos tribunais da Inquisição na Catalunha encontrou a sua razão de ser no objectivo original dos mesmos: a luta contra a heresia, nesses tempos identificada com os cátaros do Sul de França e com os valdenses de Pedro Valde em Lião. Ambas as doutrinas, consideradas heréticas pela Igreja, ganharam adeptos na população da Catalunha Velha, devido à proximidade geográfica; chegaram a contar-se entre eles, como seguidores dos cátaros, nobres catalães pirenaicos como o visconde Arnau e a sua esposa Ermessenda; Ramon, senhor do Cadí, e Guillem de Niort, regedor do conde Nuno Sanç, na Sardenha e Conflent.

Por esta razão, a Inquisição começou precisamente na Catalunha a sua triste caminhada pelas terras ibéricas. Em 1268, no entanto, foi posto fim ao movimento cátaro, e a Inquisição catalã, entrado o século XIV, recebeu ordens do Papa Clemente V para dirigir os seus esforços contra a proscrita ordem dos cavaleiros do Templo, tal como se estava a fazer no vizinho reino francês. Mas na Catalunha os templários não sofreriam a mesma perseguição que a sustentada pelo monarca francês — se bem que esta fosse principalmente baseada em motivos económicos —, e num conselho provincial convocado pelos metropolitanos de Tarragona para tratar do assunto dos templários, todos os bispos presentes adoptaram unanimemente uma resolução pela qual se declaravam livres de culpa e não se encontrava razão alguma para a heresia de que eram acusados.

Depois dos templários, a Inquisição catalã dirigiu a sua atenção para os begardos, que também tinham conseguido introduzir-se na Catalunha, e ditou algumas sentenças de morte, executadas, como era norma, pelo braço secular, após a entrega do condenado. Contudo, em meados do século XIV, em 1348, com o assalto

popular às judiarias por toda a Europa, com base na epidemia da peste e das acusações generalizadas contra os judeus, a Inquisição catalã, carente de hereges e de outras seitas ou movimentos espirituais, começou a dirigir a sua actuação para os judaizantes.

Os meus agradecimentos à minha mulher, Cármen, sem a qual não poderia ter sido possível este romance, a Pau Pérez, por tê-lo vivido com a mesma paixão que eu, à Escola de Escrita do Ateneu Barcelonês, pelo seu magnífico labor didáctico no mundo das letras, bem como a Sandra Bruna, minha agente, e a Ana Liarás, a minha editora.

Barcelona, Novembro de 2005